



## REDE INTERUNIVERSITÁRIA CIDIR

# APORTES DO V SIMPÓSIO IBEROAMERICANO EM COMÉRCIO INTERNACIONAL, DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL.



2012

Santa Rosa,  
Rio Grande do Sul,  
Brasil.



[www.fema.com.br](http://www.fema.com.br)

Antonio Roberto Lausmann Ternes  
Márcia Adriana Dias Kraemer  
(Organizadores)



**REDE INTERUNIVERSITÁRIA CIDIR**

**APORTES DO V SIMPÓSIO IBEROAMERICANO EM  
COMÉRCIO INTERNACIONAL, DESENVOLVIMENTO E  
INTEGRAÇÃO REGIONAL.**

***APORTES DEL V SIMPOSIO IBEROAMERICANO EN  
COMERCIO INTERNACIONAL, DESARROLLO E  
INTEGRACIÓN REGIONAL***

**1ª EDIÇÃO**

**SANTA ROSA  
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MACHADO DE ASSIS  
FACULDADES INTEGRADAS MACHADO DE ASSIS  
2013**

**APORTES DO V SIMPÓSIO IBEROAMERICANO EM COMÉRCIO  
INTERNACIONAL, DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO  
REGIONAL.**

***APORTES DEL V SIMPOSIO IBEROAMERICANO EN COMERCIO  
INTERNACIONAL, DESARROLLO E INTEGRACIÓN REGIONAL***

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Guilherme Bonnes – Setor de Imprensa FEMA

**REVISÃO EDITORIAL**

Márcia Adriana Dias Kraemer

A435 Aportes do V Simpósio Iberoamericano em Comércio Internacional, Desenvolvimento e Integração Regional./ Antonio Roberto Lausmann Ternes (Org.), Márcia Adriana Dias Kraemer (Org.). – Santa Rosa: FEMA, 2013.

289 p.

ISBN: 978-85-63621-03-0

1. Comércio Exterior. 2. Desenvolvimento Regional. 3. Integração Regional. I. TERNES, Antonio Roberto Lausmann (Org.). II. KRAEMER, Márcia Adriana Dias (Org.). III. Faculdades Integradas Machado de Assis. IV. Fundação Educacional Machado de Assis.

CDU: 339.5

Catálogo na Fonte: Kelly M. Bernini – CRB 10/1541

Todos os direitos reservados. A produção ou tradução de qualquer parte desta publicação somente será permitida após prévia autorização escrita dos organizadores. Os conceitos em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. As matérias desta obra podem ser livremente transcritas, desde que citada a fonte.

IMPRESSO NO BRASIL  
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MACHADO DE ASSIS  
FACULDADES INTEGRADAS MACHADO DE ASSIS

Rua Santa Rosa, 536.  
CEP 98.900-000, Santa Rosa - RS  
Tel.: (55) 3511-3800  
www.fema.com.br

# V SIMPÓSIO IBEROAMERICANO EM COMÉRCIO INTERNACIONAL, DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL.

## I UNIVERSIDADES INTEGRANTES

### ARGENTINA

*Universidad Gastón Dachary (UGD)*  
*Universidad Nacional de Misiones (UNaM)*  
*Universidad del Aconcagua (UDA)*

### BRASIL

*Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA)*  
*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)*  
*Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)*  
*Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões (URI)*

### PARAGUAI

*Universidad Católica Nstra. Sr.ª de la Asunción, Campus Itapúa (UCI)*  
*Universidad Nacional de Itapúa (UNI)*

### URUGUAI

*Universidad de la República (UdelaR)*

### MÉXICO

*Universidad de Guadalajara (UG)*

### VENEZUELA

*Universidad Simón Bolívar (USB)*

### ESPAÑA

*Universidad de Vigo (UVigo)*

## II COMITÊ AVALIADOR

*Dr.ª Antonia Godoy (UNaM - Argentina)*  
*Dr.ª Liliana Dieckow (UGD - Argentina)*  
*Dr.ª Márcia A. Dias Kraemer (FEMA - Brasil)*  
*Dr. Alberto Riella (UdelaR - Uruguai)*  
*Dr. Alfredo Dachary (UdG - México)*  
*Dr. Ariosto Sparemberger (UNIJUI - Brasil)*  
*Dr. Carlos Jardón (UVigo - Espanha)*  
*Dr. Edegar Rotta (UFFS - Brasil)*  
*Dr. Herton Castiglioni Lopes (UFFS - Brasil)*  
*Esp. Cátia Guadagnin Rossa (FEMA - Brasil)*  
*Esp. Gerson Miguel Lauermann (FEMA - Brasil)*  
*Ma. Andréa Maria Cacenote (FEMA - Brasil)*  
*Ma. Bianca Tams Diehl (FEMA - Brasil)*  
*Ma. Claudia Martínez (UGD - Argentina)*  
*Ma. Daniele Regina Terribile (FEMA - Brasil)*  
*Ma. Louise de Lima R. Botelho (UFFS - Brasil)*  
*Ma. Marina Laveran (UNaM - Argentina)*  
*Ma. Rosa Encina Fretes (UCI - Paraguai)*  
*Ma. Sinara Camera (FEMA - Brasil)*  
*Ms. Aldo Montini (UNaM - Argentina)*  
*Ms. Antonio R. Lausmann Ternes (FEMA - Brasil)*  
*Ms. Carlos Eduardo Ruschel Anes (UFFS - Brasil)*  
*Ms. Jorge Ferrari (UGD - Argentina)*  
*Ms. Leandro Steiger (FEMA - Brasil)*  
*Ms. Luciano Zamberlan (UNIJUI - Brasil)*  
*Ms. Marcos Rogério Rodrigues (FEMA - Brasil)*  
*Ms. Marcos Volnei dos Santos (FEMA - Brasil)*  
*Ms. Miguel Angel Servin (UCI - Paraguai)*  
*Ms. Nedisson Luis Gessi (FEMA - Brasil)*  
*Ms. Pedro Büntenbender (UNIJUI - Brasil)*  
*Ms. Rodrigo Prante Dill (UFFS - Brasil)*  
*PhD. Carlos E. Schvezov (UGD - Argentina)*

## III COORDENAÇÃO GERAL

*Prof. Ms. Antonio Roberto Lausmann Ternes*  
*Diretor Geral das Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA*

*Prof.ª Dr.ª Márcia Adriana Dias Kraemer*  
*Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão - NPPGE/FEMA*

*Prof. Esp. Gerson Miguel Lauermann*  
*Coordenador do Núcleo de Relações Exteriores - NRE*

## IV ORGANIZAÇÃO

*Prof. Ms. Antonio Roberto Lausmann Ternes*  
*Prof.ª Dr.ª Márcia Adriana Dias Kraemer*

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
---------------------------	----------

### **CAPÍTULO I DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL: GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES.**

<b>CONTRIBUIÇÃO DO COOPERATIVISMO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: O CASO DA COOPERVINO.....</b>	<b>10</b>
--	-----------

*Ariosto Sparemberger  
Pedro Luís Büttendender  
Luciano Zamberlan  
Dejalma Luiz Turra*

<b>LOGÍSTICA REVERSA: UM DIFERENCIAL COMPETITIVO PARA AS ORGANIZAÇÕES.....</b>	<b>19</b>
--	-----------

*Dione Ferreira de Ávila  
Marcos Gilberto Leipnitz Griebeler*

<b>MANUAL DE GESTION PARA LA MICROEMPRESA: UN APORTE PARA SU SUSTENTABILIDAD.....</b>	<b>34</b>
---	-----------

*Susana Caceres  
Marcos Daniel Benitez  
Zulma Lidia Gerula  
Gabriela Victoria López*

<b>O SETOR MOVELEIRO E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL: INOVAÇÃO E MUDANÇAS NO SISTEMA PRODUTIVO EM BUSCA DA SOBREVIVÊNCIA ORGANIZACIONAL.....</b>	<b>44</b>
---	-----------

*Claudio Edilberto Höfler  
Enise Barth Teixeira*

<b>PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: UM ESTUDO EMPÍRICO EM UMA ORGANIZAÇÃO DO TERCEIRO SETOR.....</b>	<b>53</b>
---	-----------

*Paulo André Mombach  
Marilei de Conti  
Marcos Rogério Rodrigues*

<b>VIABILIDADE ECONÔMICA DE INVESTIMENTO DE FREE STALL EM COOPERATIVA DE PRODUÇÃO .....</b>	<b>62</b>
---	-----------

*Lais Patrícia Faccin  
Nedisson Luis Gessi  
Gerson Miguel Lauermann  
Antonio Roberto Lausmann Ternes*

**CAPÍTULO II**  
**DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL:**  
**ESPAÇO SOCIAL E JURÍDICO.**

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CAPACIDADE HUMANA E SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO: OS CASOS DOS MUNICÍPIOS DE CAXIAS DO SUL, FELIZ E SÃO NICOLAU NO RIO GRANDE DO SUL.....** 74

*José Roberto de Oliveira*

**AS SALAS DE CINEMA NA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE: UM ESTUDO PARA POTENCIALIZÁ-LAS.....** 85

*Lia Micaela Bergmann*

*Martin Ledermann*

**A VALORIZAÇÃO DA GASTRONOMIA COM ATRATIVO TURÍSTICO SUSTENTANDO E DESENVOLVENDO A FENADI-IJUÍ.....** 94

*Greice Walter Pieper*

*Lurdes Marlene Seide Fremming*

**¿DESARROLLO LOCAL, ENCLAVE TURÍSTICO O INVERSIÓN SIN RECUPERO?. ANÁLISIS DEL CASO PARADIGMÁTICO DEL PARQUE TEMÁTICO LA CRUZ DE SANTA ANA, MISIONES, ARGENTINA.....** 104

*Nancy Anahi Brondani*

*Liliana Marcela Dieckow*

**MONITORAMENTO AUDIOVISUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO: PRERROGATIVAS DO EMPREGADOR X VIOLAÇÃO DA INTIMIDADE, IMAGEM E DIGNIDADE DO TRABALHADOR .....** 114

*Daniele Regina Terribile*

*Cristina Käfer*

**OS PRINCÍPIOS AMBIENTAIS E AS PERSPECTIVAS ATUAIS .....** 123

*Liane Marli Schäfer Lucca*

*Luiz Lorimar Lucca*

**CAPÍTULO III**  
**DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL:**  
**EDUCAÇÃO E MULTICULTURALISMO.**

**A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO-PARTE NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....** 133

*Márcia Adriana Dias Kraemer*

*Sinara Camera*

**AS OFICINAS DE TALHA NAS MISSÕES JESUÍTICAS GUARANI: CIRCUITO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL E TESTEMUNHO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO.....** 142

*Gabriela Paniz*

**CONTRIBUIÇÕES DO CURSO JOVEM APRENDIZ NA INSERÇÃO DO ADOLESCENTE NO MERCADO DE TRABALHO .....** 152

*Tânia Neu*

*Andréa Maria Cacenote*

**EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL: O CASO DA  
UTN/ARGENTINA E UNIJUÍ/BRASIL..... 161**  
*Dieter Rugard Siedenberg*

**LOS EFECTOS DE LA ESTRUCTURA PRODUCTIVA DE COMODORO RIVADAVIA  
SOBRE EL SISTEMA EDUCATIVO Y LA SITUACIÓN SOCIAL DE LA CIUDAD..... 170**  
*Gladys Bogoni*  
*Walter Carrizo*  
*Mirta Mas*

**POLÍTICA E MULTICULTURALISMO: UM ESTUDO DA ACESSIBILIDADE NOS  
ÓRGÃOS PÚBLICOS DOS MUNICÍPIOS DA MICRO-REGIÃO FRONTEIRA  
NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL ..... 180**  
*Eliziane Raquel Rauch*  
*Paula Cristina Hollweg*  
*Alcindo Dalcin*

**CAPÍTULO IV  
DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL:  
DIREITO E POLÍTICAS PÚBLICAS.**

**ANÁLISIS DEL IVA RÉGIMEN TURÍSTICO DE LOS COMERCIOS DEL CIRCUITO  
COMERCIAL DE ENCARNACIÓN..... 189**  
*Eduardo Ramón Benítez Villalba*

**GLOBALIZAÇÃO, REGIONALIZAÇÃO E ESTADO: AS DIFICULDADES PARA O  
“ACONTECER” DA INTEGRAÇÃO NA AMÉRICA LATINA ..... 200**  
*José Luis Bolzan de Morais*  
*Sinara Camera*

**MATAS CILIARES DO RIO URUGUAI: ALGUNS ELEMENTOS COMPARATIVOS  
ENTRE O DIREITO BRASILEIRO E ARGENTINO ..... 207**  
*Daniel Rubens Cenci*  
*Lurdes Aparecida Grossmann*  
*Roseli Piekala*

**MEDIOS, POLITICA Y GOBERNANZA EN VENEZUELA Y EL MERCOSUR..... 215**  
*Friedrich Welsch*

**MISIONES EN EL CONTEXTO DEL MERCOSUR..... 223**  
*José Andrés Yablonski*

**MODELO DE ESTIMACIÓN DEL VAB DE LAS CADENAS PRODUCTIVAS EN  
REGIONES TRANSFRONTERIZAS DE PAISES EN VÍAS DE DESARROLLO..... 228**  
*Carlos María Fernández-Jardón*  
*Sergio Oscar Tarnoski*  
*María Susana Martos*  
*Miguel Ángel Servín*  
*Ana Alicia Pokolenko*

**CAPÍTULO V**  
**COMÉRCIO INTERNACIONAL:**  
**ECONOMIA DE MERCADO E INTEGRAÇÃO REGIONAL.**

<b>DINAMICAS COMERCIALES TRANSFRONTERIZAS POSADAS ENCARNACION .....</b>	<b>239</b>
<i>Diana Arellano</i>	
<b>FORMAÇÃO DE PREÇO EM UMA EXPORTAÇÃO DIRETA: ÁGUA MINERAL CHARRUA - UM ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>248</b>
<i>Marise Schadeck</i>	
<i>Andréa Bujnicki Vieira</i>	
<i>Betina Beltrame</i>	
<i>Elvis Mognhon</i>	
<i>Robson Weiss Machado</i>	
<b>GESTÃO POR COMPETÊNCIA: UMA ESTRATÉGIA DE CAPACITAÇÃO DE EXPORTADORES PERTENCENTES AO COREDE MISSÕES-RS .....</b>	<b>258</b>
<i>Rosani de Mattos Fernandes</i>	
<i>Antonio Roberto Lasmann Ternes</i>	
<i>Sirnei César Kach</i>	
<b>IMPACTOS DE LA RELOCALIZACIÓN DE COMERCIANTES EN UNA ZONA TRANSFRONTERIZA.....</b>	<b>267</b>
<i>Carla Antonella Cossi</i>	
<b>INSTITUTO DA ARBITRAGEM: UM CAMINHO PARA SOLUÇÃO DE CONFLITOS NA ÁREA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL REGIONAL.....</b>	<b>275</b>
<i>Domingos Benedetti Rodrigues</i>	
<b>REIMPLEMENTACIÓN DEL AGRAVAMEN A LA EXPORTACIÓN.....</b>	<b>282</b>
<i>Claudia Carolina Falcón Santander</i>	
<i>Mariela Noemí Miranda Alegre</i>	



## APRESENTAÇÃO

As Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA, por meio do Núcleo de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão – NPPGE, do Núcleo de Relações Exteriores – NRE, em conjunto com a Rede Interuniversitária de Conhecimento orientada ao Comércio Internacional, ao Desenvolvimento e à Integração Regional – REDCIDIR, tem o prazer de apresentar a produção de pesquisas científicas desenvolvidas por diferentes Instituições de Ensino Superior do Mercosul e divulgadas no V Simpósio Iberoamericano. O Evento tem como objetivos precípuos:

- I. Ser um espaço de exposição e de difusão do conhecimento e das experiências acadêmicas em áreas e em atividades científicas relacionadas ao Comércio Internacional, ao Desenvolvimento e à Integração Regional.
- II. Estimular a consciência da realidade do comércio internacional, do desenvolvimento e da integração regional.
- III. Criar laços mais fortes entre as Instituições de Ensino Superior, os governos e as empresas em âmbito regional.
- IV. Desenvolver atividades culturais que visem à integração regional.
- V. Divulgar a produção científica dos acadêmicos de graduação, de pós-graduação e de docentes das Instituições de Ensino Superior – IES integrantes, bem como de outras que se mostrem interessadas.
- VI. Fortalecer a articulação ensino-pesquisa-extensão.
- VII. Proporcionar oportunidades de formação e de atualização continuada aos egressos.
- VIII. Organizar situações propícias para a reflexão, para o desenvolvimento de habilidades de socialização, de partilha de experiências e de publicação de estudos, bem como de investigações relativas ao Comércio Internacional, ao Desenvolvimento e à Integração iberoamericana.
- IX. Encorajar a expansão da ciência, da partilha de conhecimentos e de experiências para aprofundar a integração entre os países latino-americanos.
- X. Promover o relacionamento e a articulação entre as Instituições de Ensino Superior iberoamericanas e seus ambientes.

Nessa perspectiva, a materialização discursiva das pesquisas científicas resultantes do V Simpósio Iberoamericano em Comércio Internacional, Desenvolvimento e Integração Regional estão fundamentadas nos três pilares constitutivos da cientificidade universitária - ensino, pesquisa e extensão – cuja organização responde aos eixos temáticos convencionados pela RedCidir, explícitos na denominação do Evento.

Por meio de seus desdobramentos, os textos focalizam a gestão das organizações, o desenvolvimento sustentável e as estruturas sociais refletidas nas políticas públicas, subsidiadas pela experiência jurídica contemporânea, pela educação e pelo multiculturalismo.

Prof. Ms. Antonio Roberto Lausmann Ternes  
Diretor Geral das Faculdades Integradas Machado de Assis  
Mantida pela Fundação Educacional Machado de Assis – FEMA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Adriana Dias Kraemer  
Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão – NPPGE

Prof. Esp. Gerson M. Lauermann  
Coordenador do Núcleo de Relações Exteriores – NRE

## **CAPÍTULO I**

### **DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL: GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES.**

# CONTRIBUIÇÃO DO COOPERATIVISMO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: O CASO DA COOPERVINO.

Ariosto Sparemberger<sup>1</sup>  
Pedro Luís Büttenbender<sup>2</sup>  
Luciano Zamberlan<sup>3</sup>  
Dejalma Luiz Turra<sup>4</sup>

## RESUMO

O setor primário da região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul vem enfrentando atualmente dificuldades relacionadas principalmente ao endividamento do pequeno produtor, reduzindo sensivelmente sua capacidade de realizar novos investimentos no setor produtivo de maneira isolada. Sendo urgente a necessidade da realização de ações que possam reverter este cenário. Neste sentido, esse estudo aborda o sistema cooperativo e sua importância como alternativa para o desenvolvimento regional. O artigo apresenta a caracterização da COOPERVINO - Cooperativa dos Produtores de Vinho da Fronteira Noroeste e a partir da análise dos fatores internos e externos da Cooperativa, apresenta ações que possam qualificar as atividades da organização. Para o levantamento de dados o instrumento utilizado foi um questionário com perguntas abertas, aplicado, pelo método de contato direto, aos dirigentes, colaboradores e associados. Para tanto se utilizou a técnica de entrevista estruturada, usualmente, de acordo com Richardson (1999), chamada de questionário. Já para a análise e interpretação dos dados utilizou-se o método análise de conteúdo. Pode-se concluir que o cooperativismo está contribuindo para a consolidação da cadeia produtiva da uva na região e para a melhoria de vida dos associados, surgindo uma nova visão do cooperativismo por segmentação.

Palavras-Chave: Cooperativismo – Desenvolvimento – Coopervino.

## INTRODUÇÃO

O cooperativismo se constitui, perpassando os tempos, como uma das formas mais avançadas de organização da sociedade. Decorridos 150 anos desde a criação da primeira cooperativa, já se contabiliza mais de 700 mil delas em todo o mundo e representam a possibilidade de superar dificuldades em torno de necessidades e objetivos comuns à classe trabalhadora e de diferentes categorias profissionais e segmentos produtivos.

Segundo Machado (2006), para serem bem sucedidas, as cooperativas, como quaisquer organizações, não podem deixar de acompanhar a tendência de mercado e, no mínimo, avaliar sua gestão e suas condições de sustentabilidade. Para tanto, as cooperativas, devem estimular o senso crítico dos associados e promover meios para que tenham a consciência de que o sucesso ou insucesso de um é o de todos; que cada parte é importante para o conjunto; que se sentir responsável pela sociedade é primordial para seu crescimento; e que respeitar e cumprir os princípios cooperativistas proporcionará o bem dos próprios cooperados.

O êxito de uma cooperativa envolve o sucesso econômico e social e também a definição de sua Missão, princípios, valores e visão de futuro, sem ferir as diretrizes da Lei que define o cooperativismo. Como em qualquer empresa, o trabalho em uma cooperativa gera resultado e este pode ser econômico ou não. Cabe destacar que o resultado econômico de uma cooperativa é obtido através do esforço comum.

---

<sup>1</sup> Administrador. Professor e Pesquisador do Curso de Administração da UNIJUI. ariosto@unijui.edu.br

<sup>2</sup> Administrador. Professor e Pesquisador do Curso de Administração da UNIJUI. pedrolb@unijui.edu.br

<sup>3</sup> Administrador. Professor e Pesquisador do Curso de Administração da UNIJUI. lucianoz@unijui.edu.br

<sup>4</sup> Pós-Graduado em Cooperativismo pela UNIJUI. Diretor da Coopervino.

As contribuições e impactos das cooperativas sobre o desenvolvimento de comunidades, municípios, regiões e estados tem sido crescente. Estes impactos estendem-se para o desenvolvimento sócio-econômico de nível nacional, regional e local.

Visando a sustentabilidade, agregação de valor, qualidade de vida e o desenvolvimento, priorizando o produtivo ao invés da especulação de mercado e, sim a vida, o trabalho e o ser humano (o indivíduo no contexto coletivo), nasce no município de Tucunduva- RS, o projeto do PRODEMIRS - Programa de Desenvolvimento Micro Regional Sustentável, em torno de um objetivo comum: viabilizar a sobrevivência econômica de suas pequenas propriedades, buscando novas formas de relação através da intercooperação e intercooperativismo. Um sistema de integração socioeconômico, cultura, ambiental e tecnológico agregando valores aos pequenos e médios produtores passando pela produção, transformação e comercialização do produto final.

A COOPERVINO - Cooperativa dos Produtores de Vinho da Fronteira Noroeste, é uma das cooperativas conduzidas dentro da filosofia do PRODEMIRS. Portanto, a proposta deste trabalho é caracterizar e descrever a COOPERVINO e propor ações competitivas para a Cooperativa.

Para a realização do estudo, foram entrevistados 12 (doze) pessoas, entre dirigentes, conselheiros, colaboradores e produtores pertencentes às instituições, sendo que cada entrevista durou uma hora e meia, no período de abril a junho de dois mil e onze (2011).

Pode-se apontar que as propostas e ações apresentadas, podem contribuir de maneira significativa para a melhoria da instituição e das pessoas envolvidas. Portanto, o estudo conclui que o cooperativismo está contribuindo para a consolidação da cadeia produtiva da uva na região e para a melhoria de vida dos associados, surgindo uma nova visão do cooperativismo por segmentação.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, de natureza documental, exploratória (YIN, 2005), que fundamenta-se em uma abordagem qualitativa.

Para Minayo (1994), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, portanto, ela ocupa um lugar central no interior das teorias e sempre refere-se a elas.

O enfoque metodológico utilizado nesse trabalho se classifica como exploratório (Vergara, 2001), no contexto da abordagem qualitativa de pesquisa, na medida em que apresentou proposições para a cooperativa, a qual envolve a cadeia da “Vitivinicultura”, localizada na Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, de forma indutiva e interpretativa.

Para a construção desse estudo e coleta de dados, utilizou-se um instrumento em questionário, com perguntas abertas e fechadas, aplicado aos dirigentes, conselheiros, colaboradores e alguns produtores da cooperativa por meio de contato direto - entrevistas.

A amostra dos sujeitos da pesquisa é caracterizada pelo tipo não probabilística, uma vez que os entrevistados foram escolhidos pelo critério da intencionalidade, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Desse modo, foram selecionados o Presidente, Secretário, Tesoureiro da COOPERVINO e dois (02) membro do conselho administrativo, dois (02) do conselho fiscal da cooperativa.

Além disso, foram realizados contatos diretos com quatro (04) produtores associados da COOPERVINO, para possibilitar um maior aprofundamento de questões pertinentes ao tema de estudo e, em especial, sobre os elementos do ambiente que interferem na definição das estratégias da empresa. Sendo que cada entrevista durou uma hora e meia, no período de abril a junho de 2011.

O método da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), foi utilizado para interpretar as ações estratégicas desenvolvidas pela empresa e estabelecer relação com os postulados teóricos trabalhados. Nessa fase, procurou-se, inicialmente, agrupar os dados e informações de modo a possibilitar a análise dos elementos do ambiente e sua interpretação desses, percebido pela empresa. Posteriormente, procedeu-se a descrição e a interpretação das estratégias utilizadas pela empresa, objeto de pesquisa.

### 3 EMBASAMENTO TEÓRICO

#### 3.1 A COOPERATIVA

A cooperativa é uma organização de caráter permanente, criada por um agrupamento de indivíduos com interesse comum, visando a realização de atividades econômicas relacionadas com o progresso econômico e o bem-estar dos associados, que são os proprietários e usuários da organização (Bialoskorski Neto, 1997). A Lei 5.764 de 16 de dezembro de 1971, legitima os princípios doutrinários defendidos pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI) e estabelece, até os dias atuais, a estrutura organizacional básica das cooperativas brasileiras, onde os Órgãos Sociais são divididos em Assembléia Geral (Ordinária ou Extraordinária), Órgãos de Administração e Conselho Fiscal, conforme descrito na Legislação Cooperativista e Resoluções do Conselho Nacional de Cooperativismo (1996), contemplado também em Oliveira (1984:p.223-78) e Schulze (1987:p.57).

Segundo Schimidt e Perius (2002) as cooperativas são associações autônomas de pessoas que se unem voluntariamente e constituem uma empresa, de propriedade comum, par satisfazer aspirações econômicas, sociais e culturais. Baseiam-se em valores de ajuda mútua, solidariedade, democracia, participação e autonomia. Os valores definem as motivações mais profundas do agir cooperativo, sendo a instância inspiradora dos princípios do movimento cooperativo mundial.

As cooperativas agropecuárias enfrentam o problema da dupla complexidade, porque no seu relacionamento com o associado devem seguir os princípios de solidariedade cooperativa, onde o associado tem papel central, enquanto que na gestão devem ser organizadas como empresa privada, seguindo uma lógica de mercado (Pedrozo, 1993).

Segundo Bialoskorski Neto (2002), apesar da maioria das cooperativas afirmar que foca seu trabalho na dimensão social, é a eficiência econômica que determina o bom desempenho social da cooperativa, o qual pode ser avaliado por variáveis econômico financeiras, como nível de renda dos produtores associados, igualdade na posse da terra, entre outras variáveis, sendo que o desempenho econômico e de mercado é condição fundamental para o bom desempenho social das cooperativas. Conforme pode ser observado a partir dessas considerações teóricas, as cooperativas são empresas diferenciadas das empresas de capital, contudo devem implementar estratégias individuais que possibilitem a essas organizações atuarem com sucesso no mercado competitivo, preservando suas particularidades.

#### 3.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E ORGANIZAÇÃO COOPERATIVISTA

Segundo (Relatório Brundtland, 1987) define desenvolvimento sustentável como sendo a satisfação das necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades.

A sustentabilidade mexe com as estruturas de poder. Além de exigir o equilíbrio de objetivos econômicos, ambientais e sociais, operar na sustentabilidade implica atuar num mundo tripolar. Isto implica repartir o poder de maneira cada vez mais equilibrada, entre o primeiro setor ao qual faz parte o político, poder público, enfim, os governos, o segundo setor, tendo como participantes o empresário e financeiro e o terceiro setor, o das organizações da sociedade civil.

Segundo Almeida (2007, p.129), a melhoria do entendimento entre os três setores ajudar a remover impasses prejudiciais à sociedade, como os que, no Brasil, cercam as concessões das licenças ambientais, instrumentos fundamentais para consolidar o desenvolvimento sustentável, mas que continuam excessivamente atreladas ao modelo ultrapassado de comando e controle.

Para Dallabrida e Büttendender (2007, p. 11), um território depende cada vez menos de suas condições físico-naturais (clima, solo, relevo, recursos) ou de sua posição geográfica para se desenvolver. Outros fatores como a vontade, a capacidade, a habilidade, os valores e a organização humana estão se tornando fatores-chave. Porém, é necessário reconhecer que cada região possui uma história, uma cultura, um patrimônio, uma estrutura econômica e política diferente. Sendo assim, não é possível supor que uma região possa determinar suas estratégias, utilizar seus recursos, definir seus produtos ou instituir seus planos da mesma forma que outra o faz, ou utilizando-se de uma

determinada receita ou fórmula, pois estratégias e planos de desenvolvimento regional não são simplesmente transferíveis e adaptáveis de uma região para outra.

Segundo Dallabrida e Büttenbender (2007, p. 72), os principais objetivos das iniciativas de desenvolvimento local são:

- a) Maior valorização dos recursos endógenos de cada âmbito territorial, com atividades relacionadas à diversificação produtiva e promoção de novas empresas locais;
- b) Organização de redes locais entre atores públicos e privados, para promover a inovação produtiva e empresarial no território;
- c) Estabelecimento de consórcios intermunicipais a fim de incrementar a eficácia e eficiência das atividades de desenvolvimento local;
- d) Busca de novas fontes de emprego e investimento para o local;
- e) Promoção de novas atividades de desenvolvimento científico e tecnológico no âmbito territorial;
- f) Criação de novos instrumentos de financiamento para atender às micro e pequenas empresas locais;
- g) Superação das limitações do enfoque assistencialista implícito nos fundos de inversão social e nos programas de luta contra a pobreza;
- h) Incorporação de políticas de promoção comercial de cidades para promover a competitividade sistemática territorial;
- i) Busca de acordos estratégicos em relação aos bens ambientais e ao desenvolvimento regional.

### 3.3 ANÁLISE EXTERNA DA EMPRESA

Considerando a empresa como um sistema aberto, ela recebe influências do ambiente, mas ao mesmo tempo ela é capaz de influenciar este meio. Para que a empresa possa sobreviver e se desenvolver é preciso que monitore o ambiente permanentemente e se antecipe aos acontecimentos, visto que o ambiente está sempre mudando e em um ritmo alucinante. O ambiente empresarial é dinâmico, e nele atua constantemente grande quantidade de forças de diferentes dimensões e naturezas, e em direções diversas, que mudam a cada momento, pelo fato de cada uma delas interferir, influenciar e interagir com as demais forças do ambiente.

Segundo Oliveira (1992), a análise externa tem por finalidade estudar a relação existente entre a empresa e seu ambiente em termos de oportunidades e ameaças, bem como a sua atual posição produto-mercado e, prospectiva, quanto à sua posição desejada no futuro.

Para Sparemberger e Zamberlan (2008), as empresas precisam estar atentas às influências do ambiente externo para que possam aproveitar as oportunidades que aparecem, além de procurar transformar ameaças em oportunidades. Para identificar esses fatores é necessário que ela faça uma análise considerando o seguinte: (a) INVESTIGAÇÃO – identificação precoce de sinais de mudanças e tendências; (b) MONITORAMENTO – observação contínua dessas mudanças e tendências; (c) PREVISÃO – desenvolvimento de projeções e de resultados antecipados com base nas mudanças; (d) AVALIAÇÃO – determinação da ocasião e da importância das mudanças e tendências do setor para as estratégias da empresa.

De acordo com Chiavenato & Sapiro (2004), o diagnóstico externo, também denominado análise ambiental ou auditoria de posição, é a maneira como a organização faz o mapeamento ambiental e a análise das forças competitivas que existem no ambiente. A finalidade do diagnóstico estratégico externo é identificar os indicadores de tendências, avaliarem o ambiente de negócios, a evolução setorial, analisarem a concorrência e entender os grupos estratégicos.

Portanto, a análise externa é a análise das oportunidades de produto e mercado disponíveis à empresa fora do seu conjunto corrente produto-mercado, decorrendo daí a decisão final de diversificar ou não a empresa. Esta análise corresponde ao estudo dos diversos fatores e forças do ambiente, considerando as relações e seus efeitos sobre a empresa.

### 3.4 ANÁLISE INTERNA DA EMPRESA

A análise interna tem por finalidade colocar em evidência as deficiências e qualidades da empresa que está sendo analisada. Para Oliveira (1992) essa análise deve tomar como perspectiva para comparação as outras empresas do seu setor de atuação.

De acordo com Chiavenato (1993), a análise interna trata-se de uma análise organizacional, ou seja, de uma análise das condições internas para permitir uma avaliação dos principais pontos fortes e fracos que a empresa possui.

Segundo Sparenberger e Zamberlan (2008), a análise interna de uma empresa tem por finalidade pôr em evidência as suas deficiências e qualidades. Os pontos fortes e fracos da empresa deverão ser determinados diante da atual posição produto-mercado. Assim, correspondem aos recursos e capacidades da empresa, que podem ser combinados para gerar vantagens competitivas com relação a seus competidores. Também, é por meio da análise interna que o gestor irá avaliar as competências e as falhas da empresa, o que servirá como referência e complemento na realização do diagnóstico.

Segundo KOTLER (2000), a análise interna, visa identificar os principais pontos fortes e fracos da empresa para nortear o processo de planejamento, pois é a partir dessa análise que se saberá quais os recursos com que se pode contar e também quais são os pontos vulneráveis no momento de se estabelecerem as estratégias da empresa.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA COOPERVINO

A COOPERVINO - Cooperativa dos Produtores de Vinho da Fronteira Noroeste é uma entidade que visa, acima de tudo, o benefício dos seus associados, que hoje, são trinta e cinco (35). A qual passa a ofertar os produtos derivados da uva, como vinhos, sucos, geleias, graspa e a própria fruta in natura.

Localizada no município de Tucunduva (RS) na RS 305 km15, em curto prazo, praticamente usar-se-á só a produção de uva de outras partes do estado, em virtude de que a produção local ainda é simbólica, não suprimindo a necessidade da matéria-prima do sistema produtivo. Dentro de um prazo transitório máximo de 10 anos, a cooperativa visa capacitar seus cooperados, ficando esses no compromisso de constituírem em suas propriedades áreas de cultivo de parreiras. Dessa forma, a Coopervino pretende condicionar sua própria cadeia produtiva, tornar-se auto-suficiente, com matéria-prima de alta qualidade evitando a evasão de capitais para outras regiões do estado e garantir uma alternativa viável ao pequeno produtor rural. Fornecerá inicialmente os produtos na própria sede, nas opções de venda a varejo, atacado, tanto embalados quanto à granel; e nas Casas de Produtos Artesanais dos Municípios da região. A médio prazo, almeja-se suprir também os mercados a nível estadual, interestadual e, em longo prazo, entrar no mercado internacional.

A missão da Cooperativa é “Plantar, colher, processar e vender os produtos da terra através da cooperação, provar que a vida em parceria no campo ainda é o melhor negócio.” Já sua visão é definida como “Ser um ponto de referência técnica e profissional no cenário da vitivinicultura nacional até 2020.”

### 4.2 DIAGNÓSTICO ATUAL DA COOPERVINO

#### 4.2.1 Análise do Ambiente Externo

A análise externa tem por finalidade estudar a relação existente entre a empresa e seu ambiente em termos de oportunidades e ameaças, bem como a sua atual posição produto-mercado e, prospectiva, quanto à sua posição desejada no futuro (OLIVEIRA, 1992). Esta técnica, possibilita aos gestores, desenvolver ações estratégicas a partir da caracterização dos elementos que afetam de

maneira direta e ou indiretamente o negócio, contribuindo de maneira positiva com vistas a melhorar a performance da gestão da organização.

Na análise do ambiente externo, foi considerado as variáveis: economia, tecnologia disponível e aplicada, demografia, comportamento da imprensa, existência de sindicatos, associações, fornecedores, política, cultura, órgãos governamentais, comunidade local, meio ambiente e concorrência, as quais afetam todo e qualquer tipo de organização:

<b>Resumo da análise dos elementos do Ambiente Externo</b>	
<b>Elementos</b>	<b>Características</b>
Economia	Dependência do setor agrícola, pequenas propriedades, endividamento, busca dos associados por uma alternativa coletiva para agregar valor.
Tecnologia aplicada e disponível	Busca de conhecimentos, novas técnicas de produção e transformação, pessoas qualificadas no quadro social.
Demografia	População de origem européia, clima e relevo favorável.
Imprensa	Divulgação local através de rádio, jornais e da RBS.
Sindicatos e associações	Coopervino, filha do Prodemirs, apoio do STR de Tucunduva, SR de Tuparendi, Ocergs e SESCOOP, Universidades e outras Cooperativas.
Fornecedores	A princípio será seus próprios associados e quando necessários outros.
Política	Políticas governamentais como mais alimento e Pronaf, Conab e outros incentivos favorecem a vitivinicultura.
Cultura	Origem Italiana é passada de pai pra filho.
Comunidade	A cooperativa é uma grande incentivadora de atividades culturais como filós, danças folclóricas e outras formas de organização da cultura italiana e defensora ambiental.
Concorrência	Existem produtores na informalidade, competição desleal, MAPA intensificando a fiscalização.

Ilustração 1: Análise dos elementos do Ambiente Externo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2011).

#### 4.2.2 Análise do Ambiente Interno

Este processo oferece elementos para o entendimento da real situação da organização em termos de recursos internos. Portanto, é por meio da análise interna que o gestor irá avaliar as competências e as falhas da empresa, o que servirá como referência e complemento na realização do diagnóstico.

Para a análise ambiental interna foi considerado um conjunto de elementos, os quais se constituem basicamente nos recursos da empresa:

<b>Resumo da análise dos elementos do Ambiente Interno</b>	
<b>Elementos</b>	<b>Características</b>
Capacitação do Pessoal	Quadro em constante aperfeiçoamento e alto grau de experiência.
Localização Geográfica	Localizada às margens da rodovia com boa logística.



Tecnologia Aplicada	Tecnologia de produção e transformação dentro das normas vigentes com assessoramento técnico.
Política de Preços	Baseado em estudos na região.
Modelo de Gestão	Nos moldes pregados pela doutrina cooperativista.
Plano de Cargos e Remunerações	Cargos preenchidos baseados na capacitação necessária e remunerações de acordo com a região. Os produtores receberão de acordo com a produção.
Definição da Marca	Além da identificação própria, haverá a marca Brasil Davero.
Equilíbrio Financeiro	Seguem as normas do cooperativismo.
Acesso à Matéria-Prima	A médio e longo prazo a coopervino deverá ser auto suficiente.
Comunicação Interna	Com auxílio da internet e telefonia.
Rede de Distribuição	Logística facilitada, às margens da rodovia e distribuição local e regional, no início.
Clima Organizacional	Cooperação e onde um cresce, todos gozam do mesmo crescimento. A união faz a força.

Ilustração 02: Análise dos elementos do Ambiente Interno.

Fonte: Elaborado pelo autor (2011).

## 5 PROPOSIÇÕES PARA A COOPERVINO

Da análise da ambiência externa e interna, resultaram proposições de estratégias competitivas para que a Cooperativa busque uma melhor performance competitiva no mercado. Nesse sentido, aparecem três proposições para alavancar e sustentar um melhor desempenho competitivo do negócio estudado expostas nas seções a seguir.

### 5.1 EXPANDIR E QUALIFICAR O SISTEMA PRODUTIVO

Com vista a tornar a cooperativa autossuficiente em matéria-prima, no máximo em dez (10) anos, observando as variedades específicas para a produção de vinhos, sucos, geleias e outros produtos, incentivando o aumento da área produtiva nas propriedades e a busca de novos sócios e parceiros. Isto possibilitará a existência da matéria-prima próxima do centro de processamento e o cliente terá a certeza de estar consumindo um produto com qualidade. Cabendo a Coopervino e instituições parceiras capacitar, treinar e orientar os produtores na implantação de novas tecnologias. Evitando assim a evasão de recursos econômicos e aplicando-os localmente, aumentando a capacidade de investimentos e tornando-se menos dependentes das commodities.

Ações:

- a) Aumento de onze sócios e outros interessados;
- b) implantação de dois novos parreirais um de um hectare e outro de dois hectares;
- c) melhorias e expansão nos parreirais existentes, em suas estruturas, novas variedades, plantas renovadas;
- d) cursos e treinamentos sobre manejo, melhorias das variedades, gestão agrícola e viagens técnicas;
- e) parcerias com SENAR e Universidades para desenvolvimento de extensão rural e palestras com especialistas na área de fruticultura;
- f) busca de novas tecnologias e inovações com recursos junto a programas governamentais, como mais alimento e outros no PRONAF – Programa Nacional da Agricultura Familiar.

## 5.2 BUSCAR NOVOS MERCADOS

Ampliar a participação nos mercados a nível regional, estadual e futuramente a nível nacional, consolidando sua marca e tornar-se referência. Também desenvolver novos produtos derivados da vitivinicultura com qualidade e segurança alimentar e saúde. Para tanto, se faz necessário a participação em feiras locais, que são espaços especiais para disseminação da marca. Além disso, incentivar o consumo de sucos, uma vez que a produção de espumantes e pró-secos requer maiores investimentos tanto na produção da uva quanto na manufatura. A alternativa para escapar da baixa da venda do vinho no verão é o suco, bem como a graspa, produto pouco difundido na região, a qual é de grande lucratividade para a indústria. Esta atividade possibilita o reaproveitamento do bagaço, gerando menor quantidade de resíduos no fim do processo.

Ações:

- a) participação em feiras, seminários sobre marketing e mercados;
- b) realizar cursos e treinamentos em elaboração de derivados da uva, como vinho, suco, vinagre, geléia e graspa, associando dois enólogos e uma nutricionista com conhecimento na área;
- c) buscar apoio nas áreas de mercado e marketing.

## 5.3 GESTÃO HUMANA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Por mais que a tecnologia e a inovação aparecem como elementos fundamentais nesse processo de transformação, não se pode desprezar a presença humana no processo. Portanto, toda e qualquer mudança passa pelas pessoas, provem delas e retornam a elas. Nesse sentido, a gestão das relações de pessoas no mundo globalizado e de mercado é determinante. Logo, a educação e formação no intuito da conscientização e sensibilização das pessoas para a gestão cooperativista e rural para atingir as metas de desenvolvimento microrregional sustentável, seja por parte da Coopervino, bem como de seus associados, colaboradores e parceiros, agregando valor e melhorando a qualidade de vida.

Ações:

- a) realizar estudos e pesquisas referentes ao ambiente interno e externo da Coopervino;
- b) desenvolver curso sobre empreendedorismo e gestão rural para associados e parceiros potenciais;
- c) obter palestras e seminários motivacionais e técnicas direcionadas a extensão rural e a vitivinicultura.

## CONCLUSÃO

Pode-se concluir que o empreendimento está proporcionando uma nova alternativa à pequena propriedade e, sendo essa rentável, possibilitando o consórcio com outras práticas, facilidade de acesso e obtenção de conhecimento técnico, tanto para a produção, como a gestão da atividade, parcerias entre a Coopervino, pequenas cooperativas e outras entidades afins. Além disso, o fornecimento mínimo de matéria prima, praticamente garantida e com potencialidade de expansão a médio e longo prazo, com alta qualidade, tradição cultural da comunidade e a adequação da Coopervino nas políticas agrícolas governamentais, facilitando o acesso ao crédito, compromisso com as questões ambientais, legais e fiscais.

A análise feita junto à Cooperativa permitiu apresentar um conjunto de proposições que, se implementadas corretamente, podem proporcionar a ela um nível de performance competitiva de forma mais qualificada. Tais proposições partem da premissa de que a Coopervino deverá, de um lado, ter mais atenção à sua estruturação interna, principalmente no que tange à redução de custos e, de outra parte, à sua inserção no mercado, em termos de posicionamento estratégico, na linha da expansão dos negócios que trata do lançamento de novos produtos e da busca de novos mercados. O direcionamento de suas estratégias na direção proposta certamente lhe dará outro desempenho competitivo.

Portanto, muitas ações já foram realizadas com base nos ideais, princípios e ideologia do cooperativismo. Porém, é necessário que o trabalho e o espírito da cooperação continuem e que o fortalecimento das relações entre as cooperativas e entidades públicas e da sociedade civil possam contribuir para uma nova consciência e sensibilização da necessidade de se organizar através do cooperativismo (intercooperação - intercooperativismo). E, por último, a importância da pessoa humana na gestão da cooperativa, vista sempre como investimento e a diversidade das pessoas, bem como o espaço organizacional com suas delimitações, o que exige o envolvimento e o comprometimento na organização da qual fazem parte.

## REFERÊNCIAS

- [1] ALMEIDA, Fernando. **Os desafios da sustentabilidade- Uma ruptura urgente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- [2] BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- [3] BIALOSKORSKI NETO, S. **Gestão do Agribusiness Cooperativo**. In: BATALHA, M. O.(coord.).Gestão agroindustrial. Ed. São Paulo: Atlas, 1997. Cap. 10, p.515 a 543.
- [4]BIALOSKORSKI, S. **Estratégias e cooperativas agropecuárias: um ensaio analítico**. In: Agronegócio cooperativo – reestruturação e estratégias. Marcelo José Braga, Brício dos Santos Reis (org). Viçosa, 2002;
- [5] CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da Administração**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1993.
- [6]CHIAVENATO, ILDALBERTO & SAPIRO, ARÃO. **Planejamento Estratégico**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.
- [7] DALLABRIDA, Valdir Roque; BÜTTENBENDER, Pedro Luis. (Orgs.). **Planejamento estratégico do desenvolvimento na região fronteira noroeste – RS**. Ed.Unijui, 2007.
- [8] **Legislação Cooperativista e resoluções do Conselho Nacional de Cooperativismo**. 6.ed. Brasília: CNC/OCB/MAA/SDR/DENACOOB, 1996. 104p.
- [9] MACHADO, Sandra Mary Cohim Farias . **Gestão de Cooperativa: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social) – Faculdade de Ciências Contábeis. Fundação Visconde de Cairu.Salvador , 2006.
- [10] MINAYO, Maria. Cecília de Souza.(org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- [11] OLIVEIRA, N.B. **Cooperativismo: guia prático**. Porto Alegre: OCERGS, 1984. 303p.
- [12] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 6.ed. atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 1992.
- [13] PEDROZO, E. de A. **Análise de Cooperativas Agrícolas através da Utilização de Estratégias Industriais**. Salvador, Bahia, p.122-136, Anais do 17º ENAPAD, 27 a 29 de setembro de 1993, vol.5, Administração Rural, 1993.
- [14] **Relatório Brundtland**.Disponíveem:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio\\_Brundtland](http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland)>. Acesso em: 17 mai.2011.
- [15]KOTLER, Philip. **Administração de Marketing: a edição do novo milênio**. São Paulo: Prentice Hall, 2000.
- [16] SCHMIDT, Derli e PERIUS, Virgilio. **Cooperativismo e Cooperativa**. Porto Alegre: SESCOOP, 2002.
- [17] SCHULZE, E. Estrutura do poder em cooperativas. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v.22, n.59, p.49-76, jun./dez. 1987. (Série Cooperativismo,22).
- [18] SPAREMBERGER, Ariosto.; ZAMBERLAN, Luciano. **Marketing estratégico**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.
- [19] VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2001.
- [20] YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

# **LOGÍSTICA REVERSA: UM DIFERENCIAL COMPETITIVO PARA AS ORGANIZAÇÕES.**

Dione Ferreira De Ávila<sup>1</sup>  
Marcos P. D. Griebeler<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A Logística Reversa vem ganhando espaço nas organizações tornando-se um diferencial competitivo para as empresas, proporcionando Responsabilidade Socioambiental e redução dos custos dos insumos de produção, gerando retorno financeiro e competitividade. Neste sentido, o estudo teve por finalidade analisar a política de logística reversa dos bens de pós-consumo de uma empresa do agronegócio da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com o intuito de propor sugestões que visem tanto o reaproveitamento de bens pós-consumo como o fortalecimento da empresa frente ao atual contexto econômico e social em que está inserida. Em primeiro plano, foi realizada uma entrevista com o gerente industrial e de suprimento, e observação participante. Os resultados obtidos possibilitaram melhor análise da logística reversa na empresa e auxiliaram na proposição das sugestões. Conclui-se que a logística reversa, alinhada às estratégias da empresa, proporciona competitividade para as empresas, ao mesmo tempo auxilia no cumprimento da responsabilidade ambiental.

Palavras-chave: Logística reversa – Competitividade – Responsabilidade Ambiental.

## **INTRODUÇÃO**

Pode-se definir logística como a função sistêmica de otimização do fluxo de materiais, informações e recursos de uma organização que integra duas ou mais atividades gerenciais e operacionais, planejando, implementando e controlando o fluxo eficiente de materiais, informações e recursos, do ponto de origem ao ponto de destino, com o princípio de adequá-los às necessidades dos fornecedores e clientes.

Nos últimos anos, entretanto, aumentou expressivamente as atividades de reciclagem e reaproveitamento de produtos e embalagens. Fabricantes de bebidas tem que gerenciar o retorno das garrafas, siderúrgicas que utilizam como insumo de produção a sucata gerada por clientes, indústrias de latas de alumínio que fazem uso de matéria-prima reciclada.

Mais recentemente, indústrias de eletrônicos, varejo e automobilística que passaram a lidar com o fluxo de retorno de embalagens, de devolução de clientes ou reaproveitamento de materiais para produção, são exemplos de empresas que passaram a ter necessidade de gerenciar o fluxo do ponto de consumo até o ponto de origem.

A importância da Logística Reversa (LR) pode ser dimensionada pelos custos logísticos totais, questões ambientais, comerciais e econômicas, da concorrência fazendo com que as empresas invistam na diferenciação dos serviços. Esses são fatores que têm pressionado as empresas a cada vez mais adotarem a LR.

A Logística é uma das áreas na organização que pode servir de diferencial para manutenção ou ampliação da participação da organização no mercado competidor. Entretanto, faz-se necessário que os projetos desenvolvidos pelo departamento da logística estejam de acordo com o alinhamento estratégico da empresa.

---

<sup>1</sup> Administrador. Aluno do curso MBA em Gestão Empresarial da UNIJUI-Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Graduado em Administração em Comércio Exterior pelo IESA – Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo. E-mail: johnnyavila.iesa@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor orientador. Professor do Curso de Administração da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUI. Doutorando em Desenvolvimento Regional – UNISC. E-mail: marcos.dhein@unijui.edu.br

De acordo com Ballou (2006), a Logística aborda a criação de valor para clientes, fornecedores da empresa e valores para todos os que nela têm interesses diretos. E dentro da logística existem inúmeras formas de trazer um diferencial e competitividade para a organização agregando esses valores e a LR serve como ferramenta para esse diferencial. Por esta razão, o presente estudo tem como tema central a Análise da Logística Reversa dos bens de pós-consumo em uma empresa do Agronegócio, na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Frente ao aumento das exigências dos consumidores, a necessidade de estabilidade da empresa e o aumento da fatia de mercado, as empresas precisam tornar-se competitivas em um sistema em que os recursos são limitados e os desejos ilimitados. Precisam aumentar a margem de lucro em um setor que se investe muito e pela óptica dos sócios não traz retorno financeiro, ter Responsabilidade Socioambiental sem gastos e competitividade ao mesmo tempo.

Entretanto, propôs-se o estudo responder a seguinte questão: De que forma os produtos de pós-consumo utilizados pela empresa Soja podem retornar a origem e ainda proporcionar lucratividade e competitividade? Com o objetivo de preservar a identidade da empresa, esta será denominada empresa Soja.

Para tanto, definiu-se como objetivo geral analisar a Política da Logística Reversa dos bens de pós-consumo em uma empresa do Agronegócio da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e como objetivos específicos verificar a existência de política de LR dos bens de pós-consumo da empresa, identificar se há retorno financeiro e a competitividade gerada por esta política, observar o papel da LR enquanto fator de Responsabilidade Socioambiental e propor sugestões que visem tanto o reaproveitamento de bens pós-consumo como fortalecer a empresa frente ao atual contexto econômico e social em que está inserida.

As empresas buscam profissionais que possam atender às suas necessidades e trazer novos conhecimentos. Sendo que a LR é um assunto em desenvolvimento, o estudo visa satisfazer à necessidade do educando associando a prática com a teoria, proporcionando maior conhecimento nessa área de atuação, entendendo os diversos fluxos da LR, contribuindo assim para a formação acadêmica e profissional, pois trará novas ferramentas de gestão e especialização no tema.

O estudo traz grande contribuição para a comunidade acadêmica, sendo um estudo inovador e inédito, pois não existem projetos elaborados nesta empresa. Trará novos conhecimentos que estão em fase de construção e entrará em áreas pouco exploradas pelos pesquisadores e que pode fornecer subsídios para futuros projetos, visto que há pouca literatura existente, e no Brasil, Leite (2003) é um dos escritores que mais discute sobre o assunto.

Em um mercado em que a competição é acirrada e complexa ao mesmo tempo e a sociedade chamando a atenção para a Responsabilidade Socioambiental ou a cobrança do chamado “Desenvolvimento Sustentável”, as empresas buscam soluções para redução de custos aliada a esses fenômenos sem que haja a perda da competitividade da empresa e o contrário, aumentando a participação no mercado. Portanto, faz-se necessário um estudo aprofundado sobre a LR, como ela pode contribuir para o crescimento da empresa trazendo benefícios tanto para a empresa como para a sociedade.

Diante dessas variáveis, e que não existe uma receita pronta para ser aplicado em todas as empresas, o estudo busca, também, atender às necessidades da LR na empresa X apontando soluções para os problemas encontrados e mostrando e a importância da mesma em seu crescimento. De igual forma às necessidades dos profissionais e dos empresários afins, o Estado e a sociedade em geral.

O estudo possui a seguinte estrutura: em primeiro plano o referencial teórico-conceitual focando os principais conceitos, posteriormente a metodologia, seguida da apresentação e discussão dos resultados e por fim as considerações finais.

## **1 METODOLOGIA**

A metodologia tem por objetivo apresentar o planejamento de como será realizado a coleta, o tratamento, a análise e a interpretação dos dados que orientaram o estudo. Para tanto, foi realizado o uso de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e de campo, conforme detalhado abaixo.

A pesquisa é classificada quanto aos fins e quanto aos meios, conforme Vergara (1998). Quanto aos fins o estudo realizado foi uma pesquisa descritiva, pois foi descrito a Política de LR da empresa, as características do processo da LR na organização, bem como a influência da LR como

Fator de Responsabilidade Socioambiental. Quanto aos meios o estudo realizado foi uma pesquisa bibliográfica, que tem por finalidade identificar os estudos sobre o tema apresentado no escopo conceitual deste projeto, tendo como base os livros, periódicos e anais científicos além das redes eletrônicas.

No que concerne à pesquisa de campo, foram coletados os dados primários em uma investigação empírica realizada e uma entrevista, com os gestores de LR da empresa X.

A Ilustração 1 apresenta a proposta metodológica que foi adotada neste trabalho para alcançar os objetivos específicos.

Objetivos específicos	Metodologia
- Verificar a existência de política de Logística Reversa dos bens de pós-consumo da empresa a ser pesquisada;	- Pesquisa documental, de campo, entrevista com o gerente industrial e o gerente de suprimentos da empresa, observação participante;
- Analisar em quanto pode ser verificada tanto o retorno financeiro como a competitividade gerada pelo reuso desses bens;	
- Verificar o papel da Logística Reversa enquanto fator de Responsabilidade Socioambiental;	
- Propor sugestões que visem tanto o reaproveitamento de bens pós-consumo como o fortalecimento da empresa frente ao atual contexto econômico e social em que está inserida.	- Após coletados e confrontados os dados com o referencial teórico propor-se-á estratégias para o reaproveitamento de bens de pós-consumo na empresa X.

Ilustração 1: Objetivos específicos e metodologia.

Fonte: Próprio autor, 2011.

A coleta de dados nesta pesquisa envolveu a pesquisa bibliográfica em livros, revistas especializadas, artigos publicados com dados relativos ao assunto. Para a pesquisa de campo, as técnicas empregadas foram a observação e entrevista. A entrevista foi realizada com base em oito questões com o gerente de suprimentos e com gerente de industrial, tendo uma duração média de uma hora cada entrevista.

Para Vergara (1998, p. 50), “sujeito da pesquisa são as pessoas que fornecerão os dados que você necessita”. Os dados obtidos com os sujeitos da pesquisa darão sustentação para o desenvolvimento desta. Os sujeitos da pesquisa são constituídos pelos gestores da empresa X.

De acordo com os objetivos estabelecidos para este estudo, inicialmente foi analisado os aspectos documentais referentes à instituição e seu contexto de estudo, visando investigar na organização a gestão da logística reversa, para então verificar a percepção dos atores acerca do ambiente investigado.

Fundamentada a abordagem teórica, analisados os dados documentais e verificadas as percepções do entrevistado, e da empresa questionada foi proposto ações estratégicas para um processo eficaz de LR na empresa X.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

### 2.1 LOGÍSTICA

A logística empresarial é uma área relativamente nova do estudo da gestão de marketing, finanças e produção. Embora ela já exista há muito tempo, a prática da logística fora desenvolvida somente na questão movimentação-armazenagem. Porém, já surgiu nos idos dos anos de 1844 a ideia do conceito da gestão coordenada de atividades inter-relacionadas e do conceito de que a logística agrega valor a produtos e serviços essenciais para a satisfação do consumidor e o aumento das vendas. A ideia surgiu com o engenheiro francês Jules Dupuit, de acordo com Ballou (2006).

Uma organização de gestores logísticos, educadores e profissionais da área da logística chamada *Council of Logistics Management* (CLM) criada em 1962, segundo Ballou (2006), define a logística como:

O processo de planejamento, implantação e controle do fluxo eficiente e eficaz de mercadorias, serviços e das informações relativas desde o ponto de origem até o ponto de consumo com o propósito de atender as exigências dos clientes. (BALLOU, 2006, p. 27).

Conforme Ballou (2006), a CLM define que o fluxo de mercadorias deve ser acompanhado desde o ponto em que existem como matérias-primas até aquele em que são descartadas, mostrando que a logística trabalha, não somente com o fluxo de mercadorias, também com o fluxo de serviços sendo uma área crescente de oportunidades e aperfeiçoamento.

Na concepção de Christopher (2002, p. 10), a principal missão da administração da logística “é planejar e coordenar todas as atividades necessárias para alcançar níveis desejáveis dos serviços e qualidade ao custo mais baixo possível”. Para ele a logística deve ser vista como a ligação entre o mercado e a atividade operacional da empresa, isto vai desde o gerenciamento de matérias-primas até a entrega do produto final.

Para Ballou (2006) a logística e cadeia de suprimentos é:

Um conjunto de atividades funcionais (transportes, controle de estoques, etc.) que se repetem inúmeras vezes ao longo do canal pelo qual matérias-primas vão sendo convertidas em produtos acabados, aos quais se agrega valor ao consumidor. Uma vez que as fontes de matérias-primas, fábricas e pontos de venda em geral não tem a mesma localização e o canal representa uma sequência de etapas de produção, as atividades logísticas podem ser repetidas várias vezes até um produto chegar ao mercado. Então, as atividades logísticas se repetem à medida que os produtos usados são transformados a montante no canal logístico. (BALLOU, 2006, p. 27).

De acordo com Bowersox e Closs (2010) a responsabilidade da logística está relacionada com a:

Disponibilidade de matérias-primas, produtos semi-acabados e estoques de produtos acabados, no local onde são requisitados, ao *menor custo possível*. É por meio do processo logístico que os materiais fluem pelos sistemas de produção de uma nação industrial e os produtos são distribuídos para os consumidores pelos canais de marketing. (BOWERSOX; CLOSS, 2010, p. 20).

No entendimento de Ballou (2006) a logística aborda a criação de valor para clientes, fornecedores da empresa e valores para todos os que nela têm interesses diretos. Esses valores são manifestos nos termos de tempo e lugar. Os produtos e os serviços prestados pela empresa somente possuem valor para o cliente se eles estiverem em poder dos clientes quando e onde eles desejam consumi-los.

Portanto, a finalidade central da logística é o de atingir um nível desejado de serviço ao cliente pelo menor custo possível, isto é, a logística existe para satisfazer às necessidades do cliente, facilitando as operações relevantes de produção e marketing. Entretanto, o grande desafio está em equilibrar as expectativas de serviços e os gastos de modo a alcançar os objetivos do negócio. Quando pouco valor pode ser agregado, torna-se questionável a existência dessa atividade.

Em agregar valor às operações logísticas surge a LR, como diferencial competitivo e apta a suprir esta necessidade, não em curto prazo, mas a médio e a longo prazo, sendo que a mesma pode utilizar, em partes, o mesmo fluxo da logística direta.

## 2.2 LOGÍSTICA REVERSA

Para a definição de LR, é importante citar o conceito de Chaves e Batalha (2006):

Nos anos 80, o conceito de logística reversa ainda estava limitado a um movimento contrário ao fluxo direto de produtos na cadeia de suprimentos. Foi na década de 90 que novas abordagens foram introduzidas e o conceito evoluiu impulsionado pelo aumento da preocupação com questões de preservação do meio ambiente. Esta pressão, induzida pelos consumidores, implicou em ações legais dos órgãos fiscalizadores. Além disso, a partir deste período, as empresas de processamento e distribuição passaram a ver a logística reversa como uma fonte importante de redução de perdas. Desta forma, as atividades de logística reversa passaram a ser utilizadas em maior intensidade nos Estados Unidos e Europa, países onde os conceitos e ferramentas clássicas de logística já eram mais disseminados. (CHAVES E BATALHA, 2006, p.2-3).

A LR é uma área da Logística Empresarial e que está em expansão. Surgiu como diferencial competitivo das empresas. Veio para agregar valor à cadeia de suprimentos, melhor aproveitando os materiais que são descartados fazendo com que os mesmos voltem à utilização.

Portanto, de acordo com Sousa (2011, p.108) o que era um diferencial, atualmente, é uma necessidade das empresas. Cada vez mais as empresas devem estar atentas para este novo fenômeno, e implantar em sua cadeia logística o processo reverso, não somente para satisfazer a questão ecológica, mas por sobrevivência.

César e Neto (2007, p. 2) em seu artigo sobre a LR Integrada, afirmam que o sucesso individual da organização está “relacionado à sua habilidade de desempenhar diferentes papéis nas cadeias de suprimentos em contrapartida de sua atuação como organização isolada e estática”. Há a necessidade de articulação entre a Logística Direta e a Reversa, sabendo que, em partes, os seus fluxos são diferentes, ampliando assim a eficiência da LR e a melhora dos níveis de serviços, contribuindo assim para a agregação de valor, e desta forma colaborando com a melhoria da competitividade das empresas.

Conforme a CLM (CLM, 1993 p. 323, *apud* LEITE, 2003, p. 15) a “Logística reversa é um amplo termo relacionado às habilidades e atividades envolvidas no gerenciamento de redução, movimentação e disposição de resíduos de produtos e embalagens...”.

A definição de LR, para Stock (1998), é:

[...] uma perspectiva de logística de negócios, o termo refere-se ao papel da logística no retorno de produtos, redução na fonte, reciclagem, substituição de materiais, reuso de materiais, disposição de resíduos, reforma, reparação e remanufatura [...]  
(STOCK, 1998, p.20 *apud* LEITE, 2003, p. 15).

LR é o “planejamento, implantação e controle da eficiência e custo efetivo do fluxo de matérias-primas, estoques em processo, produtos acabados e as informações correspondentes do ponto de consumo para o ponto de origem”, segundo Rogers e Tibben-Lembke (ROGERS, TIBBEN-LEMBKE, 1999, p. 2, *apud* LEITE, 2003 p. 15).

Entretanto, além dos fluxos diretos tradicionalmente considerados, Leite (2003, p.16) afirma que “a logística moderna engloba também os fluxos de retorno de peças a serem reparadas, de embalagens e os seus acessórios, dos produtos vendidos devolvidos e dos usados/consumidos a serem reciclados”, conforme o a Ilustração 2 a seguir.

<b>Logística</b>	
Fluxos diretos	Com fornecedores (fornecimento de materiais e de componentes)
	Com clientes (produtos, peças de reposição, materiais promocionais e de propaganda)
Fluxos reversos	Com fornecedores (embalagem, reparo)
	Com fabricantes (eliminação, reciclagem)
	Com clientes (excesso de estoque, reparos)

Ilustração 2: Fluxos diretos e reversos.  
Fonte: Dornier et al. (2000 *apud* LEITE, 2003).



Diversas definições indicam que o conceito de LR ainda está em construção, em face das novas possibilidades de negócios relacionados com o crescente interesse empresarial e o interesse por pesquisas do assunto na última década.

Portanto, na visão apresentada por Leite (2003) a LR é a:

[...] área da logística empresarial que planeja, opera e controla o fluxo e as informações logísticas correspondentes, do retorno dos bens de pós-venda e de pós-consumo ao ciclo de negócios ou ao ciclo produtivo, por meio dos canais de distribuição reversos, agregando-lhes valor de diversas naturezas: econômico, legal, logístico, de imagem corporativa, entre outros. (LEITE, 2003, p. 16-17).

A LR agrega valor econômico, ecológico, legal e de localização ao planejar as redes reversas e as respectivas informações e ao operacionalizar o fluxo desde a coleta dos bens de pós-consumo ou de pós-venda. Isto se dá por meio dos processos logísticos de consolidação, separação e seleção, até a reintegração ao ciclo.

Portanto, as empresas devem estar atentas para este novo nicho de negócio, sendo que a responsabilidade ambiental está em pauta em todas as discussões, tanto nas academias como em assuntos do governo federal, trazidas por organizações não governamentais. Embora o assunto está mais avançado em países desenvolvidos do que em países em desenvolvimento, faz-se necessário abordá-lo neste estudo.

### 2.3 SENSIBILIDADE ECOLÓGICA – FATOR DE INCENTIVO À LOGÍSTICA REVERSA

Há uma preocupação por parte da sociedade com aspectos do equilíbrio ecológico. Está aumentando a sensibilidade ecológica na sociedade atual, mais significativamente em países de maior desenvolvimento econômico e social.

Um dos grandes problemas urbanos enfrentados é a dificuldade de disposição do lixo urbano. Este fator é importante para a estruturação e à organização dos canais de distribuição reversos de pós-consumo:

O aumento da velocidade de descarte dos produtos de utilidade após seu primeiro uso, motivado pelo nítido aumento da descartabilidade dos produtos em geral, não encontrando canais de distribuição reversos de pós-consumo devidamente estruturados e organizados, provoca desequilíbrio entre as quantidades descartadas e as reaproveitadas, gerando um enorme crescimento de produtos de pós-consumo. Essas quantidades excedentes tornam-se “visíveis” para a sociedade em aterros sanitários, em “lixões”, em locais abandonados, em rios ou córregos que circundam as cidades etc.; ficam pouco visíveis quando são depositados em mares e rios e não sobrenadam ou quando são simplesmente enterrados para posterior solução. (LEITE, 2003, p.20).

De acordo com o Grupo Ambitec (2011, p. 107), no Brasil, os lixões e os aterros sanitários não são mais o único destino para os resíduos sólidos. Desde dezembro de 2010 o país possui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que faz a distinção entre o resíduo (material que pode ser reaproveitado ou reciclado) e o rejeito (o que não é passível de reaproveitamento).

Segundo Leite (2003), as empresas podem obter resultados econômicos com a LR, no reaproveitamento, na reutilização, nos reprocessamentos, nas reciclagens etc., mas quando realizam este tipo de investimento em preservação ecológica dirigirá esforços para defesa se sua imagem corporativa e seus negócios. Utilizam essas preocupações como forma de diferenciação estratégica para seus produtos, posicionando no mercado com vantagens competitivas ligadas ao aspecto ecológico.

As empresas estão cada vez mais se preocupando com sua imagem corporativa em relação à sociedade, no que diz respeito à questão da preservação ambiental:

Uma visão moderna de marketing social, ambiental e principalmente de responsabilidade ética empresarial, se adotada por empresas dos diversos elos da cadeia produtiva de bens em geral, por entidades governamentais e pelos demais envolvidos, de alguma maneira, na geração de problemas ecológicos, mesmo que involuntária, permitirá observar que suas imagens corporativas estarão cada vez mais comprometidas com questão de preservação ambiental. Consequentemente, ações convenientemente dirigidas à preservação ambiental, dentro dessa visão contributiva de marketing social e ambiental, certamente serão recompensadas com salutares retornos de imagem diferenciada como vantagem competitiva. (LEITE 2003, p. 27).

Para Leite (2003), essas preocupações tem se traduzido por modificações de projetos visando melhorar as condições de reaproveitamento, como utilização de identificação nas diversas embalagens plásticas, adaptabilidade a desmontagens dos bens duráveis e redução de misturas de constituintes diferentes na mesma embalagem, entre outros. Algumas empresas tem investido em associações incentivadoras de sistemas de reciclagem e reuso e em programas educacionais de conscientização junto à sociedade para os problemas ambientais, a fim de confortar legislações locais ou garantir a tranquilidade dos negócios.

Também é propício o posicionamento de César e Neto (2007) sobre a questão da proteção do meio ambiente:

[...] importante lembrar que uma boa estrutura de LR vem proteger o ambiente de possíveis contaminações e propicia à empresa uma melhor eficiência na administração de seus recursos de produção. Desta forma, muitas empresas acabam tendo uma visão da Logística Reversa como um centro de custo, quando na verdade uma LR bem planejada é um centro de minimização de custo para a empresa, além de garantir perante os seus *stakholder* a sua boa imagem. (CÉSAR; NETO, 2007, p. 19).

Com a revalorização logística garantida pela rede reversa dos equipamentos usados até as consolidações em centros de distribuição reversos especializados, a revalorização econômica e tecnológica por meio do reuso de seus equipamentos e componentes e a revalorização ecológica reduzem o impacto de seus produtos no meio ambiente.

Dentro desta perspectiva, a rede reversa possui canais de distribuições que auxiliam no fluxo dos materiais, tanto na questão do reaproveitamento, quanto na reutilização e na reciclagem, para que estes produtos não sejam descartados de forma que venham a contribuir para impacto ambiental, mas sim para uma redução do mesmo fornecendo subsídios para a competitividade da empresa.

## 2.4 CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO REVERSOS

A LR, conforme César e Neto (2007, p. 9), conhecida como logística de retorno, tem seu “início no cliente usuário final e termina no fornecedor (origem da matéria-prima); ou seu início pode se dar em qualquer instante da Cadeia Produtiva e terminar também em qualquer nível desta mesma cadeia”.

Desta forma, a LR tem seus canais de distribuição reversos e podem ser classificados como de pós-consumo e de pós-venda. Conforme Leite (2003), os canais de distribuição reversos apresentam características e objetivos distintos, envolvendo relações entre entidades diferentes, embora guardando forte interação e peculiaridade logísticas em alguns casos.

Um conceito mais amplo da LR distingue em cinco canais de distribuição: disposição final, retornos comerciais, retornos de garantia, sucatas de produção e/ou rejeitados e embalagens, (FLEISCHMANN, 2001 apud CESAR, NETO, 2007).

Conforme a Ilustração 3, “o fluxo dos produtos nos canais de distribuição diretos, desde as matérias-primas virgens, também denominadas primárias, até o mercado”, (LEITE, 2003, p.5). Este fluxo direto é caracterizado por meio de diversas possibilidades conhecidas como etapas de atacadistas ou distribuidores, chegando ao varejo e ao consumidor final.

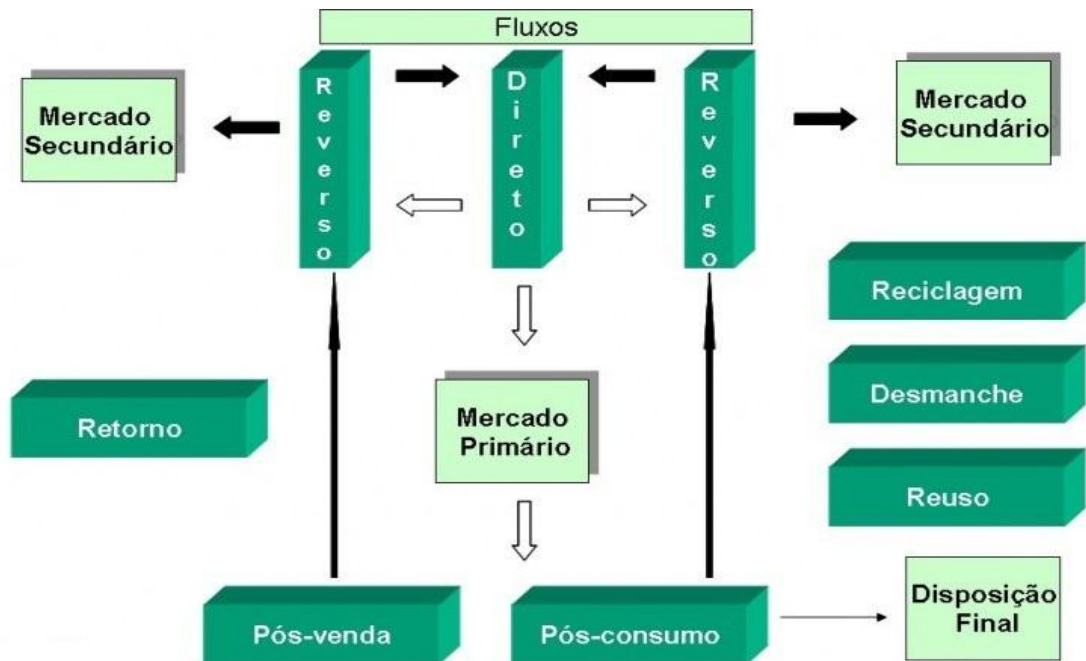


Ilustração 3: Canais de distribuição diretos e reversos.

Fonte: Leite (2003, p. 5).

De acordo com Leite (2003, p. 5-6) “Os canais de distribuição reversos de pós-consumo são constituídos pelo fluxo reverso de uma parcela de produtos e materiais constituintes originados no descarte de produtos após finalizada sua utilidade original e que retornam ao ciclo produtivo de alguma maneira.” Deste canal de distribuição, sobressaem-se dois subsistemas reversos: os canais reversos de reciclagem e os canais reversos de reuso.

O canal de distribuição reverso de pós-consumo se caracteriza por produtos oriundos de descarte após uso e que podem ser reaproveitados de alguma forma e, somente em último caso, descartados. Já o canal de distribuição reverso de pós-venda se caracteriza pelo retorno de produtos com pouco ou nenhum uso que apresentaram problemas de responsabilidade do fabricante ou distribuidor ou, ainda, por insatisfação do consumidor com os produtos (ROGERS; TIBBEN-LEMBKE apud CHAVES; BATALHA, 2006).

No reuso, caso haja condições e interesse de uso integral dos bens descartados, o mesmo será coletado nas fontes e encaminhado ao mercado de segunda mão, como forma de revalorização. De acordo com Leite (2003, p. 57) “A fase de aquisição do bem de pós-consumo durável é realizada normalmente por comerciantes estabelecidos, empresários de remanufatura, especializados por tipo de bem, ou seja, automóveis, computadores, máquinas operatrizes etc., ou por intermediários negociadores de lotes que arrematam a totalidade dos bens em empresas para posterior negociação”.

Segundo Leite (2003), o mercado secundário de bens usados ou remanufaturados representam uma quantia importante no valor total da economia reversa nas sociedades atuais, contudo, na maior parte das vezes seus valores sejam estimados e ainda pouco documentados.

Entretanto, há a necessidade de integração com a cadeia de suprimentos, e que o fluxo reverso de produtos deverá ser considerado na coordenação logística das empresas, sendo que uma boa administração da LR acarretará em grandes economias para a empresa. A implantação deste sistema irá refletir em vantagens competitivas para as empresas, ao nível de menores custos e melhoria de serviço ao consumidor.

Apresentou-se uma revisão da literatura a respeito da logística tradicional, LR, origem, conceito, responsabilidade ambiental e os canais reversos de distribuição da mesma que permeiam o discurso da presente investigação com foco na análise da LR. Na sequência, será exposta a linha metodológica de como se alcançou tanto o objetivo geral como os específicos, com base no referencial teórico exposto.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das noções e práticas de LR na empresa X, bem como sua organização, gestão e contribuição para o desenvolvimento organizacional é o que se propõe. A realidade organizacional é interpretada à luz dos pressupostos teóricos desta pesquisa.

#### 3.1 POLÍTICA DE LOGÍSTICA REVERSA

A LR, como depreendida na presente pesquisa, possibilita às organizações uma nova visão sobre os processos produtivos, otimizando a utilização dos insumos e criando condições para que materiais sejam reintegrados ao ciclo produtivo, por meio de sistemas de reciclagem, reuso ou reaproveitamento, agregando valor econômico aos bens de pós-consumo que substituem matérias-primas novas (LEITE, 2003).

Na empresa pesquisada, foi realizada entrevista com o gerente da Indústria, e quando perguntado se a mesma possui uma política de LR para seus bens de pós-consumo, o responsável respondeu que: *"Não há uma política formal para isso, temos em algumas situações uma Logística Reversa sim muito em função de cumprimento a legislação"*.

O gerente de Suprimentos quando perguntado menciona que: *"... a empresa não possui políticas de logística reversa definidas, posso citar que atualmente na área de suprimentos aplicamos essa logística em alguns insumos de produção..."*.

Pode-se observar que a empresa não possui em suas diretrizes a política de LR, mas diga se de passagem que os gestores já possuem um conhecimento, mesmo que não seja amplo, sobre o assunto e que na cadeia de suprimentos já é aplicado em determinados produtos.

No tocante à importância que tem a LR junto à cadeia de suprimentos em sua empresa, o gerente de suprimentos declara que: *"A busca por opções que possam trazer redução de custo nos insumos de produção com a devolução de embalagens ou com a reutilização de materiais"*.

Para o gerente da indústria: *"A importância maior é para o ganho financeiro que poderia trazer utilizando esse processo, mas também tem ganhos de cunho intangível como para o meio ambiente, redução de veículos nas estradas"*.

Conforme as respostas dos gerentes pode-se observar que a empresa Soja está trabalhando no sentido de utilização da LR como redutor de custos para os insumos de produção, o que geraria um ganho financeiro no sentido tangível, e no sentido intangível contribuiria para o meio ambiente.

Entretanto, a LR, uma área da Logística Empresarial, que está em expansão, é de suma importância que as empresas busquem o aperfeiçoamento neste sentido, sendo que é um diferencial competitivo, pois agrega valor à cadeia de suprimentos (LEITE, 2003).

As empresas precisam ter dinâmica na cadeia de suprimentos, desempenhando outras atividades além da logística direta (CÉSAR, NETO, 2007), fazendo isto, a empresa não estará trabalhando de forma isolada e estática.

Além disso, os produtos inservíveis à produção, que forem direcionados para incineração, acabam por se transformar em energia, agregada ao ciclo da produção, gerando considerável redução dos custos operacionais. Favorece, portanto, o meio ambiente e a própria empresa, pois reforça sua imagem, tanto interna como externa, a partir do momento que começa a ser reconhecida pela sua produção "limpa".

Perguntado se a integralização da LR for uma diretriz da empresa o gerente da indústria responde que: *"Ainda não"*.

Atualmente, a LR passa a ser uma necessidade para a empresa Soja, sendo que a mesma possui uma rede de filiais muito expressiva. É arriscado deixar de valorizar esta ferramenta (SOUZA, 2011), pois cada detalhe que é deixado passar despercebido neste setor pode ser crucial no desenvolvimento de novos produtos, novos nichos de mercado e no fechamento de contratos em negociações.

Esta necessidade de adaptação da empresa Soja está ligada diretamente à questão do cumprimento da legislação, do diferencial competitivo em relação às outras empresas do mesmo ramo de negócio e da Responsabilidade Socioambiental.

No que diz respeito ao tratamento das informações de mercado referente à LR, o gerente de suprimentos menciona: *“Eu respondo como área de suprimentos, que é de fundamental importância ter uma logística reversa bem estruturada e em todos os itens possíveis já que nesse caso teremos redução de custos e pontos positivos em relação ao meio ambiente”*.

A mesma pergunta foi realizada ao gerente industrial, respondendo que: *“Ainda não há um tratamento pra isso, e não há uma política formal pra isso, portanto não tem um tratamento adequado ainda”*.

Embora com a prática da LR na empresa, conforme os gestores a empresa Soja não direciona esforços para as informações de mercado. As empresas devem estar atentas a este fenômeno, buscando o aperfeiçoamento nesta área, sendo que também a legislação está em constante mudança e novas ferramentas sendo incorporadas à LR, fazendo-se assim, necessário atentar com mais diligência a esta questão.

As constantes mudanças no cenário mundial despertam nas empresas a necessidade, em certos momentos, de readaptação no mercado ou simplesmente um aperfeiçoamento nos seus processos, sendo que as informações do mercado precisam de atenção necessária. Com a LR não é diferente, as informações pertinentes a este assunto auxiliam as empresas a ter eficiência e maximizar os seus esforços para o aperfeiçoamento neste setor.

Perguntado sobre como a empresa Soja entende o “peso” da LR, o gerente industrial declara que: *“É um processo com ganhos significativos para determinados tipos de indústrias/empresas, mas que ainda não foi mais profundamente estudado pela empresa Soja e conseqüentemente melhor mensurado ainda, mas acreditamos que há um grande potencial de melhorias e ganhos em ajustando essas situações”*.

Há uma grande necessidade da mensuração dos resultados que podem ser obtidos pela prática da LR na empresa Soja. Os processos que estão sendo executados não podem continuar sem um planejamento e sem a integralização da LR na empresa, colocando em risco a sua vantagem competitiva em relação aos demais, embora o pensamento de que pode ter resultado positivo já esteja colocado dentro da empresa.

O quadro a seguir mostra a visão dos gestores sobre a LR bem como da importância da mesma para a empresa:

Visão dos Gerentes		Análise
Gerente da Indústria	<p><i>“... temos em algumas situações uma Logística Reversa sim muito em função de cumprimento a legislação”</i>.</p> <p><i>“... não traz resultados hoje”</i>.</p> <p><i>“... deveria ser uma prática incorporada pelos diversos setores da empresa”</i>.</p> <p><i>“... ainda não foi mais profundamente estudado pela empresa e conseqüentemente melhor mensurado ainda, mas acreditamos que há um grande potencial de melhorias e ganhos em ajustando essas situações”</i>.</p>	<p>Pode-se observar que já existe a prática de logística reversa difundida dentro da empresa, bem como o seu conceito e sua importância, tanto para a empresa (redução de custos) como para o meio ambiente. A ideia de incorporação pelos outros setores da empresa e da logística reversa proporcionando retorno financeiro e competitividade está conquistando espaço na empresa. Nota-se que existe a preocupação de estudar o assunto profundamente para a mensuração de seus resultados. A percepção sobre a logística reversa de ambos os gestores são bem parecidas, embora o gestor de suprimentos estar mais familiarizado com o processo.</p>
Gerente de Suprimentos	<p><i>“... atualmente na área de suprimentos aplicamos essa logística em alguns insumos de produção...”</i>.</p> <p><i>“... traz economia a empresa...”</i>.</p> <p><i>“... a empresa torna-se mais competitiva reduzindo o custo de insumos de produção”</i>.</p> <p><i>“A busca por opções que possam trazer redução de custo nos insumos de produção com a devolução de embalagens ou com a reutilização de materiais”</i>.</p>	

Ilustração 4: Análise da visão dos gerentes sobre a LR.

Fonte: Próprio autor.

Com esta nova tendência em gestão estratégica, a LR tornou-se uma questão de sobrevivência em um mercado globalizado, onde os consumidores estão cada vez mais exigentes, não só quanto à qualidade e preço dos produtos e serviços, mas a todo seu processo produtivo e os impactos que causam ao meio ambiente.

### 3.2 RETORNO FINANCEIRO E COMPETITIVIDADE

Dentro da entrevista realizada, está incluso uma pergunta sobre retorno financeiro e competitividade e da forma que é proporcionado. O gerente da indústria menciona que: *“Na verdade por ser pouco utilizado e em função de obrigatoriedade, não traz resultados hoje”*.

O gerente de suprimentos, quando entrevistado, declara que: *“Sim. Como exemplo posso citar que essa logística traz economia a empresa através de retorno de embalagens a fornecedores de insumos onde as mesmas são descontadas nas próximas compras, os pallets de madeira são reutilizados por no mínimo 5 vezes até serem descartados. Com isso a empresa torna-se mais competitiva reduzindo o custo de insumos de produção.”*

Pode-se notar a discrepância existente nas respostas dos dois gerentes. Desta forma, a empresa pode perder a sua eficiência em seus processos, trabalhando de forma isolada e estática, podendo ocasionar a perda da competitividade, pois não haverá o alinhamento de seus objetivos. Este é um fato pelo qual a LR deve ser uma política na empresa Soja, bem estudada e desenvolvida, e que esta informação chegue aos demais departamentos para que os gestores da empresa possam saber da importância e como trabalhar e desenvolver da melhor forma possível os fluxos reversos.

Para que a LR possa contribuir para o retorno financeiro e competitividade para a empresa Soja, faz-se necessário aquela estar no planejamento estratégico desta. Sendo assim, os processos terão eficiência e eficácia, pois serão bem definidos para que possam atingir um objetivo comum em todos os departamentos (CÉSAR, NETO, 2007).

A LR não está restrita somente à cadeia de suprimentos, mas em todos os departamentos da empresa. Entretanto, a pesquisa foi focada somente na cadeia de suprimentos. Mas com o planejamento estratégico, pode ser estendida aos demais setores.

É importante salientar que mesmo não havendo uma política regulamentadora na empresa Soja, o setor de suprimentos já está trabalhando com alguns produtos que podem ser reutilizados. O gestor cita os pallets de madeira que trazem certo retorno financeiro.

A empresa Soja está utilizando um dos canais de distribuição reversos, no caso dos pallets, o canal de reuso, pois há condições e interesse de uso integral do bem, não somente uma vez, mas diversas, fazendo com que o produto volte ao processo produtivo, contribuindo para a otimização de seus recursos (LEITE, 2003), sendo que posteriormente a reutilização, este mesmo produto pode ser encaminhado a outro canal reverso, o da reciclagem.

Um bom planejamento desses canais reversos de distribuição (CÉSAR, NETO, 2007) pode contribuir para que mais produtos venham a ser reutilizados. Como por exemplo, os resíduos das sementes podem ser reutilizados como matéria-prima de outros produtos, o trigoilho, subproduto do trigo, ou o quebradinho de milho, subproduto do milho, são utilizados para fabricação de ração animal. Há produtos que podem ser utilizados como energia orgânica para as caldeiras, recuperação de solo, reutilizados em equipamentos das máquinas de produção, reciclados e vendidos para empresas licenciadas junto à FEPAM (Fundação Estadual de Proteção Ambiental).

Sabendo dos inúmeros produtos que podem retornar à produção, surge a necessidade de planejar todo o ciclo de vida desses produtos, sendo que fica evidente que além dos custos de compra de matéria-prima, de produção, de armazenagem e estocagem, o ciclo de vida de um produto inclui também outros custos que estão relacionados a todo o gerenciamento do seu fluxo reverso.

Sobre as vantagens e desvantagens em trabalhar com a LR, o gerente industrial declara que: *“A desvantagem é não ter equipe e parceiros, principalmente, preparados para esse tipo de trabalho, e assim isso ainda traz resultado financeiro negativo em algumas operações, porém em outras é um grande negócio”*.

Por sua vez, o gerente de suprimentos menciona que as vantagens seriam: *“redução de utilização de novas matérias-primas, reduz impacto ao meio ambiente, redução de custos de produção na reutilização de embalagens usadas e pallet usados, competitividade para a empresa nos preços*

*finais de seus produtos”*. Já no tocante às desvantagens, ele afirma que seriam:  *“despesa com pessoal para manter um bom controle da logística reversa, custo de transporte”*.

Nota-se uma contradição entre as respostas do gerente industrial. Primeiramente ele afirma que a empresa utiliza pouco a LR, não trazendo nenhum resultado. Mas a seguir, ele declara que a empresa Soja tem em algumas operações prejuízos e em outras é um grande negócio ao praticar. Esta contradição se dá pelo fato que não há planejamento, implantação e controle da LR.

A declaração do gerente de suprimentos contribui ainda mais para afirmar que a empresa Soja obtém retorno financeiro e competitividade com a prática de LR, embora que alguns processos na empresa já estejam sendo executados sem um projeto ideal e específico que a empresa necessita. Entretanto, deve-se trabalhar para o aperfeiçoamento neste setor, se quiser continuar sendo mais competitivo.

### 3.3 LOGÍSTICA REVERSA E RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

No tocante ao papel enquanto fator de Responsabilidade Socioambiental gerado pela prática da LR, o gerente industrial respondeu que:  *“É uma forma de evolução nos processos, que mesmo hoje sendo feito para cumprir legislação vigente, deveria ser uma pratica incorporada pelos diversos setores da empresa, pois com certeza além de resultado financeiro, tem outros resultados intangíveis que seriam atingidos”*.

Há a necessidade da incorporação da LR, não somente ao setor de suprimentos, mas também aos demais setores da empresa, com o pensamento de buscar resultados financeiros como colaborar para o desenvolvimento social proporcionando ao mesmo tempo um equilíbrio com o meio ambiente.

Como mencionado no estudo, é crescente a descartabilidade dos produtos de utilidade após o primeiro uso, o que ocasiona grandes quantidades de excedentes, sendo que os mesmos são descartados em aterros sanitários, rios, locais abandonados, tornando-os visíveis à sociedade (GRUPO AMBITEC, 2011). Entretanto, a empresa Soja tem contribuído para dirimir este problema, com a reutilização não somente dos produtos que servem como matéria-prima, mas como adubo orgânico ou energia, entre outros produtos.

O gerente de suprimentos expõe exemplos importantíssimos de como a prática de LR proporciona a Responsabilidade Socioambiental, afirmando que:  *“... a exemplo dos pallets reutilizados evitamos derrubadas de novas árvores, com a devolução de embalagens a fornecedores não a descartamos no meio ambiente, com a venda de sucata de ferro para reciclagem e também o descarte correto de argilas e cinzas feito por empresas licenciadas junto a FEPAM não causamos impactos negativos no meio ambiente”*.

A empresa Soja, embora com um nível aquém da prática da LR, já está proporcionando Responsabilidade Ambiental. Essa preocupação da sociedade com a sensibilidade ecológica está sendo suprida. Sendo assim, a imagem corporativa da empresa e de seus negócios – principalmente no desenvolvimento de novos produtos ligados ao aspecto ecológico – está cada vez mais protegidos por este investimento (CÉSAR, NETO, 2007).

Esta preocupação ecológica pode proporcionar modificações de projetos, buscando para a empresa Soja o melhor reaproveitamento de seus produtos, gerando assim, uma melhor eficiência na administração dos seus recursos de produção. A partir desta perspectiva, a empresa terá a minimização de seus custos, garantindo certa competitividade (LEITE, 2003).

### 3.4 SUGESTÕES PROPOSTAS PARA A EMPRESA

A empresa investigada permitiu delinear sugestões tanto para a reutilização dos bens de pós-consumo como para a consolidação da empresa Soja frente ao contexto atual, as quais tem como proposição a (a) criação de um projeto de viabilidade econômico financeiro sobre a LR, assim como (b) o planejamento e estruturação da LR já existente na empresa (CÉSAR, NETO, 2007), a (c) inclusão da LR no planejamento estratégico da empresa, a (d) LR como política e diretriz da empresa, o (e) aproveitamento dos canais de distribuição da Logística Direta. É de fundamental importância realizar (f) um levantamento de todos os produtos que retornam ao processo produtivo; o (g) estudo sobre outros produtos que não estão sendo reaproveitados ou reciclados que podem retornar ao

processo produtivo, a (h) disseminação da ideia dentro da empresa, fazendo com que todos os níveis hierárquicos estejam cientes da importância do novo projeto e que saibam do processo de LR. A realização de (i) Palestras para os colaboradores sobre a importância da LR na empresa Soja, observar (j) a legislação ambiental vigente sobre o assunto, para não ocorrer em infração e (l) mostrar à sociedade que a empresa está praticando a Responsabilidade Ambiental, divulgando seus projetos no site da empresa, televisão, rádio, no próprio rótulo do produto vendido, para assim obter vantagem competitiva neste setor. É importante que sociedade saiba o que a empresa está realizando neste aspecto. Em curto prazo (6 meses), para (m) a proposição do programa de LR para a empresa, para dar início a um estudo elaborado, a fim de levantar os produtos que se enquadrariam no programa bem como a comprovação da viabilidade do projeto, se para integralização pela empresa ou terceirização do processo.

Conforme visto, sugere-se que a empresa Soja busca a implantação da LR e sua especialização, para que haja uma articulação com a Logística Direta – sabendo que em partes os seus fluxos são diferentes – utilizando os processos que são recíprocos para ambas (CÉSAR, NETO, 2007), dirimindo assim, os custos dos investimentos neste setor, ampliando a eficiência da LR bem como a melhora de seus serviços.

Analisar a política da LR dos bens de pós-consumo na empresa Soja, objetivo geral deste estudo, realizou-se com o alcance dos objetivos específicos, apresentados na Ilustração 5, com os principais resultados encontrados:

Objetivos	Principais Resultados
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar a existência de política de Logística Reversa dos bens de pós-consumo da empresa a ser pesquisada;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A política de LR não é encontrada na empresa, não obstante os produtos que estão sendo reaproveitados e reciclados;</li> <li>- Sem o planejamento da LR com os demais setores da empresa, o retorno financeiro e a competitividade da empresa ficam comprometidos, assim como a responsabilidade ambiental.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar em quanto pode ser verificada tanto o retorno financeiro como a competitividade gerada pelo reuso desses bens;</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar o papel da Logística Reversa enquanto fator de Responsabilidade Socioambiental;</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propor sugestões que visem tanto o reaproveitamento de bens pós-consumo como a consolidação da empresa frente ao atual contexto econômico e social em que está inserida.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Um planejamento da LR alinhado ao planejamento estratégico e à estrutura organizacional da empresa, bem como dos projetos que ela realiza, aumentaria sua competitividade, forneceria a responsabilidade ambiental e melhoraria a qualidade dos produtos oferecidos pela empresa.</li> </ul>

Ilustração 5: Objetivos e principais resultados da pesquisa.

Fonte: Próprio autor.

Com o planejamento dos fluxos reversos, a empresa Soja ampliará a eficiência da LR, agregando valor a seus produtos e serviços, contribuindo para aumentar a competitividade da empresa, sempre observando que este retorno sempre se dá a médio e longo prazo.

A LR contribuiria com a redução dos custos dos insumos de produção (CHAVES; BATALHA, 2006). Sendo bem executada, os canais de distribuição reversos trariam os produtos que são descartados pela empresa Soja novamente ao processo produtivo.



Na condição da empresa Soja realizar uma estruturação específica de LR, entende-se que a mesma irá melhorar a eficiência na administração dos recursos de produção, terminando com a visão da LR como um centro de custo, sendo que na verdade, a LR bem planejada, trabalha como redutor de custos para a organização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo tem como finalidade responder à questão de pesquisa, bem como formular algumas conclusões e recomendações para a prática gerencial da LR na empresa Soja, e a partir desta estender suas proposições para as suas filiais, bem como aos estudos que venham a ser realizados em relação a este tema.

A logística empresarial surgiu nos idos dos anos de 1844, com a ideia movimentação-armazenagem. Entretanto, recentemente o conceito é mais amplo, sendo gestão coordenada de atividades inter-relacionadas e da agregação de valor a produtos e serviços essenciais para a satisfação do consumidor e o aumento das vendas.

A LR vem se destacando como a área da logística empresarial responsável por gerenciar os aspectos de retorno à organização das embalagens, bens de pós-venda e de pós-consumo, agregando-lhes valor de natureza econômica, ecológica, legal, logística, de imagem corporativa, entre outras.

Conhecida como logística de retorno, a LR inicia no cliente usuário final e termina no fornecedor – origem da matéria-prima – ou seu início pode se dar em qualquer instante da cadeia produtiva e terminar também em qualquer nível desta mesma cadeia. Desta forma, a LR tem seus canais de distribuição reversos e podem ser classificados como de pós-consumo e de pós-venda. Esses canais de distribuição são responsáveis pelos produtos que se tornam obsoletos, danificados, ou que não funcionam e devem retornar ao seu ponto de origem para serem adequadamente descartados, reparados ou reaproveitados.

No ciclo de vida de um produto existem os custos de compra de matéria-prima, de produção, de armazenagem e estocagem, incluindo outros custos que estão relacionados a todo o gerenciamento do seu fluxo reverso. Esta abordagem sistêmica é fundamental para planejar a utilização dos recursos logísticos de forma a contemplar todas as etapas do ciclo de vida dos produtos.

Os resultados encontrados neste estudo confirmam a necessidade de um planejamento de LR para que ocorra uma gestão eficiente desta, alinhado com as estratégias e a estrutura organizacional da empresa Soja e dos projetos que ela realiza. Para além da organização, um serviço de LR necessita de um modelo de gestão que possa auxiliar os clientes internos e externos, proporcionando assim uma dinâmica das ações organizacionais.

Existem possibilidades de implantar um programa eficaz de LR na empresa Soja, pois a prática da mesma já acontece, embora existam dificuldades e limites enfrentados. Deve, sobretudo, haver cooperação dos colaboradores e da instituição no que concerne às potencialidades do trabalho desenvolvido por estes. Esse entendimento entre ambos proporcionará o alcance dos objetivos organizacionais.

## REFERÊNCIAS

- [1] BALLOU, Ronald H. **Gerenciamento da cadeia de suprimentos/logística empresarial**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- [2] LEITE, Paulo Roberto. **Logística reversa: meio ambiente e competitividade**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- [3] VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- [4] CHRISTOPHER, Martin. **Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos**. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.
- [5] BOWERSOX, Donald J, CLOSS, David J. **Logística Empresarial**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- [6] CHAVES, Gisele de Lorena Diniz; BATALHA, Mário Otávio. **Os consumidores valorizam a coleta de embalagens recicláveis? Um estudo de caso da Logística reversa em uma rede de**

- hipermercados.** São Carlos, SP, 2006. Engenharia de Produção – Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Carlos.
- [7] SOUZA, Marcelo José de. Eletroeletrônicos bem destinados. **Revista Exame**, Ed. 991, p.108, Maio 2011.
- [8] CÉSAR, Francisco Ignácio Giocondo; NETO, Mário Sacomano. Logística Reversa Integrada. In. **XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção – XI International Conference on Ind. Engineering and Operations Management.** – ABPRO – Abr/2007.
- [9] CLM (Council of Logistics Management). *Reuse and recycling reverse logistics opportunities.* Illinois, Council of Logistics Management, 1993, *apud*: Leite, Paulo Roberto. **Logística reversa: meio ambiente e competitividade.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- [10] STOCK, James R. Reverse Logistics Programs. Council of Logistics Management, Illinois, 1998. In: LEITE, Paulo Roberto. **Logística Reversa: meio ambiente e competitividade.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- [11] ROGERS, Dale S., TIBBEN-LEMBKE, Ronald S. Going backwards: reverse logistics trends and practices. Reno, Universidade de Nevada, 1999. In: LEITE, Paulo Roberto. **Logística reversa: meio ambiente e competitividade.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- [12] DORNIER, Philippe-Pierre, ERNST, Ricardo, FENDER, Michel, KOUVELIS, Panos. Logística e operações globais. São Paulo, Atlas, 2000. In: LEITE, Paulo Roberto. **Logística reversa: meio ambiente e competitividade.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- [13] Grupo AMBITEC. Sem Problemas com o Lixo. **Revista Exame**. Ed. 991, p. 107, Maio 2011.
- [14] FLEISCHMANN, M. Quantitative models for reverse logistics. Berlin: Springer, 2001. In: CÉSAR, Francisco Ignácio Giocondo; NETO, Mário Sacomano. **Logística Reversa Integrada.** XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção – XI International Conference on Ind. Engineering and Operations Management. – ABPRO – Abr/2007.
- [15] ROGERS, Dale S., TIBBEN-LEMBKE, Ronald S. Going backwards: reverse logistics trends and practices. University of Nevada. Reno: CLM, 1998. In: CHAVES, Gisele de Lorena Diniz; BATALHA, Mário Otávio. **Os consumidores valorizam a coleta de embalagens recicláveis? Um estudo de caso da logística reversa em uma rede de hipermercados.** São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2006.

## APÊNDICE

### Roteiro de entrevista com o gerente de suprimentos e o gerente industrial

- 1 A empresa X possui uma política de Logística Reversa para seus bens de pós-consumo?
- 2 Esta política traz retorno financeiro e competitividade à empresa? Sim. De que forma?
- 3 A Logística Reversa possui um papel enquanto fator de Responsabilidade Ambiental?
- 4 Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar com a Logística Reversa?
- 5 Qual a importância que tem a Logística Reversa junto à cadeia de suprimentos em sua empresa?
- 6 A integração da Logística Reversa é uma diretriz da empresa?
- 7 Como a sua empresa trata a questão das informações de mercado referente à Logística Reversa?
- 8 Como a empresa X entende o "peso" da Logística Reversa tanto para ela mesma, como para a sociedade?

# MANUAL DE GESTION PARA LA MICROEMPRESA: UN APORTE PARA SU SUSTENTABILIDAD.

Susana Caceres <sup>1</sup>  
Marcos Daniel Benitez <sup>2</sup>  
Zulma Lidia Gerula <sup>3</sup>  
Gabriela Victoria López<sup>4</sup>

## RESUMEN

El propósito del trabajo de investigación fue elaborar un Manual de Gestión para la microempresa que le permita al dueño-administrador contar con las herramientas necesarias para el proceso de toma de decisiones. ¿Por qué pensar en un Manual de Gestión para la microempresa? Porque se entiende que esta valiosa herramienta contribuirá a la sustentabilidad de este tipo de organizaciones, lo que permitirá generar un valor agregado en la economía regional. Expectativas de logro: aportar nuevos conocimientos a través del Manual de Gestión, que contribuya a la sustentabilidad de la microempresa, facilite la toma de decisiones y la búsqueda de nuevas oportunidades de negocio; posibilitar la permanencia y estabilidad en el mercado de la microempresa misionera, asegurando así el mantenimiento de las fuentes de trabajo y una mejor distribución de la riqueza en la comunidad; crear conciencia en el dueño administrador sobre la necesidad de manejarse con información útil, objetiva, confiable y no solamente por la mera intuición al momento de tener que tomar decisiones relevantes. Metodología: Técnicas de investigación cualitativas, las que se complementan con otros tipos de técnicas y procedimientos metodológicos que se corresponden con la investigación cuantitativa, que faciliten la construcción de los modelos propuestos.

Palabras Claves: Microempresa – Sustentabilidad – Gestión – Desarrollo regional.

## INTRODUCCION

El problema objeto de la investigación fue analizar y elaborar un Manual de Gestión para la microempresa, como herramienta esencial para la toma de decisiones del dueño-administrador, que garantice la sustentabilidad de esta pequeña organización.

Entendemos que el Manual de Gestión para la microempresa es un aporte muy enriquecedor a la hora de buscar alternativas ante situaciones problemáticas que presenta un contexto continuamente cambiante, como así también poder visualizar oportunidades de negocio donde otros sólo ven el fracaso.

En el mundo globalizado en el que vivimos lo normal es el cambio permanente: los escenarios económicos varían, la demanda se volatiliza, el ciclo de vida de los productos se acorta y todo esto genera mucha incertidumbre.

Es entonces imprescindible que todas las empresas puedan contar con información confiable y oportuna, que posibilite a sus administradores generar conocimiento sobre las variables internas y externas, y poder así tomar decisiones que posibiliten su desarrollo permanente.

Entendemos que la mejor manera de que este tipo de organizaciones pueda tener un desarrollo sustentable es contar con buena información que posibilite esa toma de decisiones.

Existe la creencia generalizada de que en la microempresa no es posible utilizar información para la gestión, por cuanto el costo de obtenerla es muy elevado y está fuera de sus posibilidades.

---

<sup>1</sup> Contador Público, Facultad de Ciencias Económicas- UNaM, e-mail: sucaceres@arnet.com.ar

<sup>2</sup> Licenciado en Administración de Empresas, Facultad de Ciencias Económicas - UNaM, e-mail: marcosdanielben@gmail.com

<sup>3</sup> Contador Público, Facultad de Ciencias Económicas- UNaM, e-mail: zulmagerula@hotmail.com

<sup>4</sup> Contador Público, Facultad de Ciencias Económicas- UNaM, e-mail: glopez@fce.unam.edu.ar

Lo que pretendemos demostrar es que, justamente, en la microempresa, es factible implementar un sistema de gestión sencillo que permita al administrador contar con herramientas sumamente útiles al momento de tomar decisiones relevantes. También consideramos posible adaptar estas técnicas para que puedan ser utilizadas por personas que quieran iniciar y desarrollar un emprendimiento.

En investigaciones anteriores, parte de este equipo ha podido demostrar la escasa o nula utilización de información para la gestión por parte de las microempresas de la región.

Por lo tanto, el desafío fue poder elaborar un Manual de Gestión que, con un lenguaje sencillo, les permita a sus administradores conocer una serie de herramientas que les posibilitará incrementar la productividad y rentabilidad de su negocio.

La elaboración y utilización del Manual de Gestión para la microempresa permitirá alcanzar los siguientes objetivos:

- a) Definir con claridad cuál es la visión y la misión de la microempresa.
- b) Planificar las actividades sustantivas. Por ej.: movimiento financiero, análisis de ventas y clientes, análisis de compras y proveedores, administración del personal, administración de la producción, presupuestación.
- c) Producir informes sobre costos para la toma de decisiones.
- d) Elaborar informes sobre responsabilidad social.
- e) Generar informes sobre el impacto que su actividad ejerce sobre el medioambiente que la rodea.

Estamos viviendo en estos momentos una de las crisis financieras mundiales más serias de los últimos ochenta años, que está generando efectos económicos y sociales muy negativos. El fantasma de la pérdida del empleo ya se está convirtiendo en una tremenda realidad, con las nefastas consecuencias que esto provoca en el tejido social.

En medio de esta situación se impone plantear, desde nuestra profesión, qué tipo de organizaciones hay que fortalecer para poder combatir este flagelo. En este sentido se observa que debiera ser la empresa pequeña, ya que es la que mejor puede garantizar el mantenimiento y creación de puestos de trabajo, y ser el punto de partida para el desarrollo local y regional.

A poco que se observe la experiencia en otras regiones del mundo, se detecta la capacidad que tiene estas organizaciones para generar empleo y distribuir riqueza entre un mayor número de personas.

Así lo expresa Albert Berry (1998), al referirse a las empresas medianas y pequeñas de América Latina

[...] no hay otro sector importante con el potencial de generar un gran número de empleos con renta adecuada. La experiencia de otros países muestra que este sector puede cumplir un papel auxiliar relevante en condiciones apropiadas y con un apoyo adecuado. (BERRY, 1998).

Teniendo en cuenta el proceso recesivo que ya se está generando a nivel mundial, debiéramos preguntarnos si no es más importante priorizar pequeñas organizaciones con un grado relativo de tecnificación pero con mayor ocupación de trabajadores, frente a aquéllas de gran envergadura, muy sofisticadas, que sólo rinden culto a las famosas “economías de escala”.

Es el mismo Berry el que nos responde:

No es más que lógico suponer que el desempeño de una economía será mejor tanto en producción como en distribución del ingreso y generación del empleo si concentra una proporción apreciable de sus recursos en tecnologías de uso de capital de intensidad media, más bien que asignar casi todo su capital a unos pocos trabajadores con tecnologías bastante modernas, y casi nada al resto de la fuerza de trabajo. (BERRY, 1998).

Existen, además, importantes razones no económicas que avalan la necesidad de sostener la creación y desarrollo de la pequeña empresa local.

En efecto, el economista E. F. Schumacher (1973), al referirse a la organización en gran escala expresa que

[...] la mayoría de los sociólogos y psicólogos insisten en advertirnos de sus peligros inherentes; peligros que atentan contra la integridad del individuo y lo hacen sentir como un engranaje en una gran maquinaria donde las relaciones humanas de su vida diaria de trabajo se van deshumanizando con el tiempo [...] (SCHUMACHER, 1973, p. 249-251).

Entonces, si adherimos a la idea de la empresa con rostro humano, es fundamental que el contacto entre la gente que en ella trabaja sea cara a cara, independientemente que sea el dueño o sus colaboradores. Es necesario entonces pensar en un formato pequeño para la empresa. Y que la “gran organización” sea la red local o regional que nucleee a las organizaciones chicas, para permitir mayores niveles de desarrollo humano.

## 1 METODOLOGÍA

Para la realización del proyecto recurrió a la búsqueda de antecedentes en relación al tema, y luego, a partir del análisis de la información obtenida y de una revisión crítica, respetando una perspectiva integradora, el grupo coincide en la importancia de tomar contacto con la realidad y, relevar aquellas producciones referidas a la propuesta del presente trabajo.

En este sentido nos encontramos con la dificultad y a la vez prioridad: identificar claramente el objeto destinatario del manual de gestión. Por lo tanto, trabajamos en el abordaje de los conceptos de empresa- emprendedor –emprendimiento- microempresa. Esto nos permitió definir operacionalmente la construcción del concepto microempresa.

La observación de la realidad, la observación participante, las entrevistas informales y la asistencia a conferencias fueron instrumentos que colaboraron en acercarnos a la realidad y distinguir claramente nuestro objeto de investigación. Algunos de los eventos asistidos: Emprender 2010, organizado por la Confederación Argentina de la Mediana Empresa (CAME) el 1 y 2 de octubre de 2010, que convocó a cerca de 2.000 jóvenes emprendedores de todo el país en la ciudad de Posadas, en el Centro Provincial de Convenciones y Eventos. Este espacio nos permitió tomar contacto con emprendedores y microempresas y profundizar el análisis entre unos y otros. También nos permitió concluir que el planteo del problema inicial queda plenamente confirmado, toda vez que este tipo de eventos señala y expone las dificultades señaladas al inicio del proyecto; Evento Expo Mujer, impulsado por el Gobierno de la Provincia de Misiones, a través de la Mesa de Funcionarias y Legisladoras de la provincia de Misiones, con el objetivo de exponer los microemprendimientos desarrollados por las mujeres misioneras y, fundamentalmente, para que se conozcan entre sí, puedan vender sus productos y/o servicios y compartan sus experiencias. Este encuentro nos permitió el contacto con las microempendedoras, y de esta manera asociar al concepto objeto de la investigación.

Otra de las tareas encaradas por el equipo fue la de realizar un *relevamiento referido a manuales de gestión en el ámbito de nuestro interés*, es decir, orientado a la microempresa. El resultado de la misma nos llevó a encontrar aspectos comunes que son abordados por todos como así también, aspectos distintivos entre unos y otros.

La *recopilación documental y bibliográfica*, nos permitió revisar conceptos claves de Administración y Contabilidad, como así también relevar producciones académicas relacionadas con nuestra propuesta de trabajo. Entre las técnicas utilizadas se recurrió a la ficha de recolección de datos, como así también a la búsqueda en páginas web, contenidas en buscadores académicos (Google Scholar, Scirus.com).

También se *analizaron datos secundarios cuantitativos* para la contextualización situacional, que nos permitió comprender a las microempresas, las funciones que en ellas se distinguen y la participación de los socios/dueños en cada una de las áreas funcionales.

## 2 MARCO TEÓRICO

El trabajo planteado para esta investigación pretende, además de ser una herramienta útil para el pequeño empresario, hacer aportes para contribuir a la sustentabilidad de la microempresa. Es necesario entonces reparar en el término **sustentabilidad**.

El concepto de desarrollo sustentable presenta, como idea central, la de satisfacer nuestras necesidades sin comprometer la capacidad de las generaciones futuras para satisfacer sus propias necesidades. Este desafío implica compromiso y responsabilidad en todos los actores de la sociedad: políticos, comunidad, empresarios.

De alguna manera este concepto que, aun hoy, plantea diferentes interpretaciones según del lado que se lo observe, representa la reflexión de la sociedad respecto de un pasado en donde la producción era considerada un beneficio en sí misma sin considerar los costos asociados a ella, y que hoy son vividos por la comunidad toda. Sin duda alguna, los desechos derivados de la actividad productiva y la contaminación ambiental, han generado daños al medio ambiente, en muchos casos irreversibles. La producción disminuye las reservas de materias primas y energía, a la vez que satura la capacidad limitada de soporte que presenta el ecosistema.

Cuando hablamos de desarrollo sustentable, si bien es cierto que el concepto considera en primer lugar la conservación de la naturaleza, hoy se entiende que comprende también a la sustentabilidad social y económica.

Cortés, A. lo expresa así:

[...] el concepto sustentabilidad hace referencia a la interrelación de tres elementos: (1) La *sustentabilidad ambiental*, que se refiere a la necesidad de que el impacto del proceso de desarrollo no destruya de manera irreversible la capacidad de carga del ecosistema [...] (2) La *sostenibilidad social*, cuyos aspectos esenciales son (a) el fortalecimiento de un estilo de desarrollo que no perpetúe ni profundice la pobreza ni, por tanto, la exclusión social, sino que tenga como uno de sus objetivos centrales la erradicación de aquella y la justicia social; y (b) la participación social en la toma de decisiones -es decir, que las comunidades y la ciudadanía se apropien y sean parte fundamental del proceso de desarrollo. (3) La *sostenibilidad económica*, entendida como un crecimiento económico interrelacionado con los dos elementos anteriores. En síntesis, el logro del desarrollo humano sustentable será resultado de un nuevo tipo de crecimiento económico que promueva la equidad social y que establezca una relación no destructiva con la naturaleza. (CORTÉS, 2001).

Por otra parte, Elizalde Hevia, A. entiende que la idea de *sustentabilidad* es mucho más rica que la de *desarrollo*. En ese sentido expresa:

El desarrollo dice relación con el despliegue de la potencialidad contenida internamente en un fenómeno, pero dicho fenómeno se despliega no en un vacío sino que en un ambiente o ecosistema. La sustentabilidad, noción de similar potencia ontológica a la de desarrollo, dice relación con el contexto necesario para el despliegue del potencial de desarrollo, pero dicho desarrollo puede ser a su vez destructor o potenciador del medio que lo sustenta. Desde ese enfoque siendo el desarrollo la evolución experimentada por una entidad de acuerdo a lo que es su naturaleza propia, la sustentabilidad es la evolución simultánea y correlativa de la alteridad circundante de esa entidad como producto del propio operar de la relación entre entidad y alteridad (no entidad) circundante. (HEVIA, 2003).

Asimismo, este autor considera que la idea de sustentabilidad debe analizarse desde diversas dimensiones:

- a) *La dimensión ecoambiental*, que se ocupa de la naturaleza y del ambiente construido o modificado por el hombre.
- b) *La dimensión cultural*, que orienta su mirada hacia las diversas identidades culturales y los diferentes sistemas de lenguaje de cada comunidad.
- c) *La dimensión política*, que analiza las relaciones de poder, la participación del Estado, la legitimidad y la gobernabilidad.

- d) *La dimensión económica*, que tiene en cuenta conceptos tales como mercado, crecimiento, producción, consumo, ahorro e inversión.
- e) *La dimensión Social*, que significa ver la influencia en la sociedad civil y en los movimientos sociales.

Los autores Nydia Suppen y Bart van Hoof hacen referencia a tres pilares en los que se sostiene la sustentabilidad empresarial:

[...] la sustentabilidad empresarial, que se refleja en el nivel de la competitividad empresarial, depende del equilibrio de los tres pilares del desarrollo sustentable: manejo adecuado de recursos, manejo social de los empleados y la comunidad, y el desarrollo económico de la empresa. El exitoso manejo de estas tres variables se logrará a través de un proceso de mejoramiento continuo buscando garantizar un mejor valor agregado para las partes interesadas presentes y futuras. (SUPPEN; VAN HOOFF, 2005).

En síntesis, los conceptos vertidos por estos autores avalan nuestra postura en cuanto al contenido del Manual de Gestión para la microempresa, ya que proponemos, no solamente generar información sobre los aspectos económicos, sino también sobre el impacto ambiental y social que produce su actividad.

### **3 RESULTADOS Y ANÁLISIS**

La elaboración de un Manual de Gestión para la microempresa permite al dueño-administrador contar con las herramientas necesarias para tomar decisiones. Esta valiosa herramienta contribuye a la sustentabilidad de la microempresa, permitiendo generar valor agregado en la economía regional, a través de:

- a) Aportar nuevos conocimientos que contribuyan una mejor gestión de la microempresa, facilite la toma de decisiones y la búsqueda de nuevas oportunidades de negocio.
- b) Posibilitar la permanencia y estabilidad en el mercado de la microempresa misionera, para asegurar el mantenimiento de fuentes de trabajo y una mejor distribución de la riqueza.
- c) Crear conciencia en el dueño-administrador sobre la necesidad de manejarse con información útil, objetiva, confiable y no por la mera intuición al tomar decisiones relevantes.

### **4 ESTRUCTURA Y COMPONENTES DEL MANUAL DE GESTIÓN PARA LA MICROEMPRESA**

A partir del análisis de la información obtenida y de una revisión crítica, y respetando una perspectiva integradora, el grupo coincide en que el Manual de Gestión debiera lograr impacto sobre los siguientes aspectos.

#### **4.1 INCORPORACIÓN DE LAS TAREAS DE PLANIFICACIÓN**

El plan de negocios resuelve este aspecto brindando una adecuada orientación sobre los alcances de la planificación en el contexto de la microempresa, convirtiéndose en una herramienta vital dentro del Manual de Gestión.

#### **4.2 INCORPORACIÓN DE LAS TAREAS DE DIAGNÓSTICO**

El Análisis FODA (Fortalezas, oportunidades, debilidades y amenazas) se realiza para considerar la viabilidad actual y futura de una determinada estrategia competitiva de un producto o servicio específico de un sector, o analizar un sector particular propiamente dicho en forma general, o una empresa en particular, en un determinado mercado, en un determinado momento y contra determinados competidores.

### 4.3 INCORPORACIÓN DE LOS INFORMES CONTABLES PARA LA GESTIÓN

Consideramos importante el valor que aporta la posibilidad de comprender las relaciones entre variables del negocio y su efecto en las decisiones vitales, tales como aumentar las ventas, disminuir los costos, aumentar el precio de venta, por nombrar algunas. Si estas relaciones se analizan sobre la base de información objetiva y confiable van a permitir la toma de buenas decisiones.

### 4.4 MEJORAMIENTO DE LA GESTIÓN FINANCIERA

Se observa que se carece de habilidades técnicas para administrar eficientemente los recursos dinerarios (financieros). La intuición guía la acción. Analizar el contexto, relevar las necesidades de la organización, planificar en el corto, mediano y largo plazo, comparar ofertas y posibilidades de financiación, contribuirá a generar adecuadas decisiones financieras.

### 4.5 FORTALECIMIENTO DE EQUIPOS

El emprendedor que abarca todas las tareas sobre su persona, encontrará dificultades para el crecimiento de su negocio. El ambiente familiar, característico de este tipo de organizaciones, requiere precisar la definición de funciones, responsabilidades y la comprensión del término “delegación” abordados en pos del trabajo en equipo, de la eficiencia y de la eficacia. La necesidad de generar formas asociativas implica también contemplar esta dimensión.

En consecuencia, consideramos que el Manual de Gestión más conveniente para el microempresario de Misiones, debiera presentar la siguiente estructura:

- a) Plan de Negocios.
- b) Análisis FODA (Fortalezas, Oportunidades, Debilidades, Amenazas)
- c) Uso de los costos en la toma de decisiones.
- d) Gestión Financiera.
- e) Estrategias Asociativas.

## 5 PLAN DE NEGOCIOS

En términos de la Administración, en cualquier ambiente, ya sea empresarial, académico o gubernamental, la búsqueda de la excelencia en las distintas áreas y niveles plantea desafíos particulares a los encargados de la planeación de recursos, cuya finalidad es asignar los recursos limitados con miras a obtener las combinaciones óptimas para el logro de los diferentes objetivos. En ese sentido, el plan de negocios como herramienta de la planificación estratégica, es un documento esencial, escrito y concreto, elaborado por un emprendedor, empresario o administrador, donde se describe el negocio actual, la situación del mercado, las futuras acciones y estrategias de implementación. El objetivo de su elaboración es comunicar la idea del negocio y establecer ciertos lineamientos creíbles y reales, ya sea para convencer a un inversionista, para respaldar un pedido de crédito, para presentar una oferta de compraventa, para conseguir una licencia o una franquicia de una compañía local o extranjera, para interesar a un potencial socio, etc.

No obstante, más allá de su utilidad externa, el plan también constituye una gran herramienta para que el emprendedor o empresario evalúe la viabilidad de la idea y realice un seguimiento de su implementación.

El Plan de Negocios debe incluir un análisis del mercado, de los clientes y los competidores. También debe permitir identificar las diferentes fuentes de financiamiento para la sostenibilidad del negocio y, finalmente, incluir el detalle de un plan de acción concreto frente a los objetivos que se pretenden alcanzar.

En la confección del plan, debe evitarse la inclusión de todo tipo de información ambigua que pueda conducir a una interpretación distorsionada de las fuerzas de mercado y, en última instancia, a decisiones equivocadas.



## 6 ANÁLISIS FODA

El Análisis FODA (Fortalezas, oportunidades, debilidades y amenazas) se realiza para considerar la viabilidad actual y futura de una determinada estrategia competitiva de un producto o servicio específico de un sector, o analizar un sector particular propiamente dicho en forma general, o una empresa en particular, en un determinado mercado, en un determinado momento y contra determinados competidores.

Una de las formas de realizar el análisis consiste en confeccionar una matriz volcando las variables más importantes por sector o división de la microempresa, para luego asignarle un valor, que puede ser, para este caso, para las **fortalezas y debilidades** que son de análisis interno de la microempresa: 1. Muy débil; 2. Débil; 3. Indistinto; 4 Fuerte; 5. Muy Fuerte.

Y para las variables de análisis externo, las **amenazas y oportunidades**: 1. Peligro latente; 2. Medianamente peligroso; 3. Muy peligroso. 1. Oportunidad latente; 2. Buena oportunidad; 3. Excelente oportunidad, respectivamente.

## 7 USO DE LOS COSTOS PARA LA TOMA DE DECISIONES

La realidad de la microempresa es que no tiene mayores posibilidades de fijar los precios de sus productos o servicios, ya que éstos son determinados por el mercado. Se puede decir, entonces, que es “tomadora” y no “formadora” de precios.

Por lo tanto, su estrategia debe ser optimizar su estructura de costos para poder generar mayores márgenes de rentabilidad.

Es por ello que el conocimiento y uso de los costos significa una herramienta fundamental para la gestión del pequeño empresario en su proceso de toma de decisiones.

El pequeño empresario que utilice estas herramientas tendrá información muy valiosa. Por ejemplo:

- a) Al tener que clasificar los costos en variables ó proporcionales y fijos ó estructurales, el pequeño empresario podrá entender que desde el momento en que tiene una estructura organizacional en marcha, todos los meses deberá hacer frente a los costos fijos, aún en el caso extremo de que en un período el nivel de actividad sea nulo (es decir, que no venda ningún producto).
- b) Al comparar el precio de venta con el costo variable del producto ó servicio, verá si está trabajando con un margen de contribución positivo ó negativo. Por ej. si el precio de venta es mayor que el costo variable, el margen es positivo.
- c) Aunque verifique que está operando con un margen de contribución positivo, deberá determinar cuál es el nivel de actividad a partir del cual comienza a generar beneficios – PUNTO DE EQUILIBRIO-, ya que si está operando por debajo de él sus márgenes de contribución totales no le permitirán cubrir sus costos de estructura.

Lo que hemos expresado en estos tres puntos, de manera muy concisa, es la base de la herramienta que se ha de proponer, de forma simple, para que pueda ser entendida y aplicada por el pequeño empresario: podrá observar que está frente a un sistema flexible donde variables tales como COSTO - NIVEL DE ACTIVIDAD - PRECIO - ESTRUCTURA EMPRESARIAL – RESULTADO (UTILIDAD ó PÉRDIDA) están íntimamente relacionadas. Y que le permitirá, a priori, analizar que sucederá si alguna de ellas cambia y, a partir de allí, tomar la decisión correcta.

### 7.1 INFORMES DE COSTOS ÚTILES PARA LA MICROEMPRESA

Sin pretender con este listado enunciar todos los informes basados en el uso de los costos que puede necesitar este tipo de organizaciones, comentamos los que, a nuestro juicio, serían más importantes y con posibilidad de elaboración relativamente sencilla.

- a) Informe sobre el punto de equilibrio de la microempresa
- b) Informe en base a costos que permita evaluar la alternativa “fabricar o comprar”, o “autoprestarse un servicio o contratarlo a terceros”
- c) Informe de determinación de los resultados del sector producción y del sector comercialización de manera independiente

- d) Informe para analizar las alternativas “vender el producto en bruto” ó “continuar procesándolo”
- e) Informe sobre la conveniencia del aprovechamiento económico de los residuos de fabricación

## 8 GESTIÓN FINANCIERA

Se observa que se carece de habilidades técnicas para administrar eficientemente los recursos dinerarios (financieros). La intuición guía la acción. Analizar el contexto, relevar las necesidades de la organización, planificar en el corto, mediano y largo plazo, comparar ofertas y posibilidades de financiación, contribuirá a generar adecuadas decisiones financieras.

La gestión financiera, también conocida como gestión de movimiento de fondos, son los procesos orientados a conseguir, mantener y utilizar los recursos financieros teniendo en cuenta las necesidades de la empresa.

A través de una eficiente gestión financiera, nos permitirá evaluar cual es la situación financiera y económica real de la microempresa, detectando las dificultades, identificando sus causas y empleando correctivos convenientes para poder hacer frente a cada una de las situaciones problemáticas y alcanzar una planeación acorde.

Para ello, es de vital importancia contar con las herramientas adecuadas para el análisis de la situación financiera, a través del cálculo de indicadores e índices financieros que expresan la liquidez, solvencia, eficiencia, endeudamiento y rentabilidad de una empresa. Es una herramienta clave para el proceso de toma de decisiones en cualquier tipo de actividad que realice la microempresa, identificando los recursos financieros disponibles y a su vez, colaborando con la predicción del futuro y planificación de las acciones a llevar a cabo.

**¿Qué tipo de decisiones se pueden tomar evaluando la situación financiera de la microempresa?**

Con la utilización de las herramientas se facilita el proceso de Toma de decisiones sobre tres aspectos importantes: **financiación, inversión y destino de las utilidades generadas por nuestra actividad.**

En relación al aspecto de inversión, Implica tomar decisiones sobre los recursos que se destinarán a inversiones nuevas o también a modificar las existentes si no se justifica su continuidad, analizando el costo de oportunidad, el grado de riesgo y los beneficios que se podrían obtener del mismo. En este tipo de decisiones se determina la cantidad, composición y calidad de recursos e intensidad del riesgo a asumir. En cuanto al aspecto de financiación, permite evaluar la conveniencia económica del endeudamiento, es decir, la ganancia o pérdida que se generaría por utilizar fondos de terceros para financiar los activos de nuestra empresa, posibilitando la determinación de la mejor combinación de fuentes financieras externas y propias, y qué consecuencias tendríamos ante alguna modificación en la estructura financiera. Y por último, tomar decisiones sobre el destino de las utilidades que se van generando en nuestra microempresa.

El objetivo es lograr la financiación de las operaciones al menor costo posible, utilizar racionalmente los recursos, aplicar los recursos a inversiones rentables, obtener la liquidez necesaria para el desarrollo normal de sus actividades, y con ello alcanzar el crecimiento y competitividad logrando la sustentabilidad de este tipo de empresas en el medio.

Es decir, por medio de las herramientas de gestión financiera, podremos verificar cual es la situación actual de la microempresa, cuales son las consecuencias si se mantiene en esa situación o la modifica y sugiere como utilizar los recursos que posee. Asimismo, detecta las fuentes de financiación externa y permite evaluar la conveniencia económica del endeudamiento por utilizar fondos de terceros para financiar los activos de nuestra empresa, recomendando la combinación de fuentes de financiación más adecuada dada nuestra estructura.

## 9 ESTRATEGIAS ASOCIATIVAS

Si bien hemos presentado las fortalezas que presentan las microempresas como favorecedoras del desarrollo regional, también es importante señalar que tienen importantes limitaciones en el acceso a la incorporación de tecnología, a la información, a los mercados y a fuentes de

financiamiento, entre otras. También, las dificultades derivadas de la producción a baja escala, que dificultan su competitividad.

Todos estos factores las convierten en poco sustentables y por lo tanto, no permiten su continuidad en el tiempo.

Frente a este panorama, las estrategias asociativas constituyen una alternativa, cuando no la única, para resolver el camino hacia la sustentabilidad.

### **Por qué adoptar la estrategia de asociatividad en las micro y pequeñas empresas de Misiones?**

El eje principal pasa por la falta de planificación estratégica, tanto de definición de estrategias competitivas a largo plazo relacionadas con el mercado, como así también la falta de planificación de la producción. No se puede pedir a las micro y pequeñas empresas que produzcan un volumen determinado para poder competir cuando no tienen un lugar adecuado para el acopio o almacenaje ni una política de abastecimiento. Tampoco todos deben producir lo mismos productos durante todo el año, sobre todo teniendo en cuenta la demanda atomizada.

En la función de comercialización es dónde se vislumbran los mayores inconvenientes de desarrollo y competitividad, siendo a pesar de esto una fortaleza importante afianzada en los últimos años la venta conjunta asociativa, lo que generó un mayor poder negociador para las Mype

La Asociatividad es importante para superar la falta de experiencia y capacitación para el desarrollo de algunas producciones de carácter artesanal.

Para que pueda funcionar coordinadamente y alcanzar los objetivos propuestos, una estrategia asociativa requiere alguna forma de organización. Para ello, es necesario acordar una serie de cuestiones tales como las necesidades y objetivos comunes, las actividades que se realizarán conjuntamente y en qué forma se trabajará, el tipo y nivel de compromiso que los asociados están dispuestos a asumir, los vínculos con organismos externos públicos y privados que podría ser conveniente desarrollar y los recursos que se van a compartir. (MAGNAZO; ORCHANSKY, 2007)

Para sortear estas dificultades, existen varios caminos en el marco de la asociatividad en el mediano y largo plazo por ej. acentuar el trabajo sobre los factores productivos y los aspectos técnicos que permitan incrementar la productividad; en el corto plazo, lograr el abastecimiento necesario para satisfacer los flujos de demanda, por medio de una mejora en la organización de las Mype que venden en el mercado local, la aplicación de técnicas de rápidos resultados, o, preferentemente, por la vinculación con otros grupos que puedan complementar la oferta originaria.

Las formas asociativas existen desde hace mucho tiempo, pero cobran vigencia fuertemente en la década del 90. Asistimos hoy a un escenario donde diversas organizaciones, públicas y privadas, se vinculan directamente con estos procesos.

El convencimiento de que las pequeñas empresas mantienen vivo el interior de las provincias, pues son generadoras de empleo y de desarrollo regional, guía actitudes, preocupaciones, políticas, programas, acciones de múltiples instituciones.

Nuestra provincia no es ajena a este escenario, y nos muestra algunas situaciones que señalan acciones, programas, preocupaciones.

Igualmente hay cosas para destacar que se deben aprovechar. Las Mype en Misiones generalmente tienen experiencia en el manejo de las técnicas de producción básicas, dada por la transmisión de conocimientos generacionales. Actualmente cuentan con posibilidades de asistencia técnica en producción y comercialización por parte de organismos oficiales y del sector y también capacitación en organización y gestión asociativa, lo que permite la formación en temas fundamentales para la gestión productiva y la posibilidad de crecimiento. Por ejemplo, el empleo de nuevas formas de producción y comercialización aumentaron la ocupación de mano de obra de jóvenes y mujeres.

## **CONSIDERACIONES FINALES**

Haciendo una evaluación de las tareas realizadas durante la ejecución del Proyecto y de los resultados obtenidos, podemos hacer las siguientes apreciaciones:

- a) Con la ansiedad de jóvenes investigadores, la búsqueda de información en los primeros meses incluyó la mirada en áreas que excedían el campo del proyecto.

- b) Lo anterior permitió reconocer y enfrentar la primera dificultad: ¿emprendimiento es lo mismo que microempresa? Definir claramente el objeto de estudio se convirtió en una prioridad, para lo cual se reorientaron las actividades de búsqueda de información.
- c) Al profundizar el estudio del concepto sustentabilidad hemos advertido que el proyecto se encuadra dentro del paradigma de economía social o solidaria, que entiende que, para que exista un desarrollo con rostro humano, se debe estimular la creación, permanencia y sostenibilidad de las pequeñas organizaciones.
- d) Se ha obtenido el resultado de este Proyecto de Investigación: la elaboración de un Manual de Gestión para el Microempresario de Misiones.
- e) Se ha podido replantear la estructura originalmente propuesta del Manual de Gestión, permitiendo un diseño más acorde con la realidad del microempresario misionero y de la región, con un nivel de profundización propio de una primera etapa de implementación.
- f) El enfoque dado al Manual es dinámico y participativo, en el sentido de seguir construyéndolo con los propios microempresarios a medida que lo vayan utilizando.
- g) El proyecto permitió el contacto con la realidad, y desde allí hemos advertido el interés que el tema planteado despierta, lo que reafirma la existencia de la necesidad de resolver la accesibilidad de las herramientas para la toma de decisiones.
- h) La participación en eventos posibilitó advertir que cuando se disponen de los espacios adecuados, las microempresas avanzan hacia una cultura organizacional, más abierta y permeable para incorporar los cambios. Con lo cual, es altamente probable que el Manual de Gestión que hoy presentamos alcance plenamente los objetivos planteados.
- i) Si bien un microempresario no está obligado por normas legales a llevar contabilidad, es importante que instrumente este sistema de información, ya que le brindará datos valiosos a ser utilizados con las herramientas del Manual de Gestión y en el proceso de toma de decisiones.
- j) En el convencimiento de que el aporte realizado con la elaboración del Manual de Gestión contribuye a la sustentabilidad de las microempresas, creemos necesario continuar con este trabajo, de manera de acercarnos a la comunidad con un espacio de comunicación y servicio dentro de la Facultad de Ciencias Económicas de la UNaM, en el cual el enriquecimiento mutuo provenga del intercambio permanente entre los estudiantes, los docentes y los microempresarios interesados.

## REFERENCIAS

- [1] BERRY, A. (Departamento de Economía, Universidad de Toronto, Canadá). **Las tareas de la pequeña y mediana empresa en América Latina**. Revista de la CEPAL, n. Extraordinario, Octubre 1998, p. 331-342.
- [2] SCHUMACHER, E.F. **Lo pequeño es hermoso**. Ediciones Orbis S.A., 1973, p. 249-251.
- [3] CORTÉS, A. Desarrollo sustentable, pobreza y calidad de vida. **Ambientico**. Revista mensual sobre actualidad ambiental. n. 92, Mayo del 2001.
- [4] ELIZALDE HEVIA, A. Desde el “Desarrollo Sustentable” hacia Sociedades Sustentables. **Polis**. Revista Académica on line de la Universidad Bolivariana de Chile. V. 1, n. 4, 2003.
- [5] SUPPEN, N; BART VAN HOOFF. **Conceptos básicos del análisis del ciclo de vida y su aplicación en el ecodiseño**. Centro de Análisis de Ciclo de Vida y Diseño Sustentable, 2005. B. Bohemia 2-9, Bosques del Lago, Cuautitlan Izcalli, México. [www.lcamexico.com](http://www.lcamexico.com).
- [6] MAGNAZO, C., ORCHANSKY, C. et al. **Estrategias asociativas para micro y pequeñas empresas**. 1. ed. Buenos Aires. Oficina de la OIT en Argentina, Programa AREA, 2007.

# **O SETOR MOVELEIRO E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL: INOVAÇÃO E MUDANÇAS NO SISTEMA PRODUTIVO EM BUSCA DA SOBREVIVÊNCIA ORGANIZACIONAL.**

Claudio Edilberto Höfler<sup>1</sup>  
Enise Barth Teixeira<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O objetivo do artigo é descrever as inovações e as mudanças no sistema produtivo das indústrias do setor moveleiro da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A metodologia foi estruturada de forma a articular técnicas qualitativas mediante pesquisa exploratória não estruturada baseada em amostras que propiciaram descobertas e entendimento ao problema proposto, a partir da análise dos diagnósticos que foram realizadas por meio de entrevistas aos empresários moveleiros. Foram utilizados dados secundários de 30 indústrias e coletados dados primários em 10 empresas das 30 pesquisadas anteriormente, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre o setor. Retrata a evolução histórica das indústrias, projetando-as através de uma dinâmica industrial formando dois segmentos, indústrias de móveis planejados e seriados. A região conta com 963 indústrias, gerando mais de 2,2 mil empregos. A maioria destas indústrias é de cunho familiar e em muitos casos os processos organizacionais são informais e a propriedade da organização está sob o comando do fundador.

Palavras chave: Setor Moveleiro - Sistema Produtivo – Inovação - Mudanças organizacionais - Desenvolvimento Regional Sustentável.

## **INTRODUÇÃO**

As organizações para o desenvolvimento regional são de suma importância, consideradas como fontes de geração de emprego e renda. De forma particular as indústrias do setor moveleiro da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, que tem procurado estabelecer durante sua evolução uma relação de perpetuidade.

As organizações sempre exerceram um papel relevante em todas as nações do mundo, desde a antiguidade até os dias atuais. A criação de novos negócios é facilitada pelo fluxo das informações essenciais, provendo o capital e a força de trabalho inicial para o seu funcionamento.

As questões do ambiente organizacional vêm tendo destaque devido às mudanças que têm sido um dos principais diferenciais para que as organizações permaneçam em um mercado cada vez mais competitivo, trazendo reflexos para a sustentabilidade, tanto econômica, social e ambiental para si e para a sua região de abrangência.

A evolução da gestão organizacional necessita de entendimentos, percepções e abertura para o novo, mas para que isso aconteça, é preciso que seja ordenado de forma estratégica, em longo prazo, como parte de uma visão de futuro que defina a razão de ser das organizações.

Cada vez mais a mudança é menos um processo cíclico, ocasional, esporádico de reformar e transformar condições existentes, e mais uma maneira constante, diária, de se adaptar e de se antecipar às alterações conjunturais.

Aliado a esta problemática, na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul as indústrias vinculadas ao setor moveleiro, tornou tema relevante, sendo vistas como indutoras do desenvolvimento regional. Este setor é importante na melhoria e na manutenção econômica, ligadas

---

<sup>1</sup>Administrador. Professor do curso de Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Santa Rosa. claudio@sr.iffarroupilha.edu.br

<sup>2</sup>Administradora. Professora do Mestrado em Desenvolvimento da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. enise@unijui.edu.br

principalmente na geração de emprego e renda da região. O objetivo em realizar este estudo é o de revelar certa especificidade que ao longo da trajetória as indústrias do segmento moveleiro constituíram para a sustentabilidade dos seus negócios

A escolha para o estudo deste setor se justifica por representar uma parcela significativa da movimentação econômica da região. E número significativo de empresas, as quais vêm crescendo ano a ano. Considerado um dos mais importantes polos moveleiros do Estado do Rio Grande do Sul.

O artigo está estruturado da seguinte forma: no início, apresenta o referencial teórico buscando salientar o empreendedorismo, a inovação, as mudanças organizacionais relacionados com o desenvolvimento regional. A investigação sobre o setor moveleiro constitui objeto da segunda parte do artigo, referenciando seus antecedentes e respectivas evoluções. A conclusão sobre os resultados encerram o estudo.

## **1 METODOLOGIA**

Esta pesquisa tem caráter exploratória e qualitativa, foi realizada no universo dos municípios da região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A opção por estes municípios permitiu que a coleta de dados fosse focada em um espaço geográfico e socialmente delimitada.

Para a coleta dos dados foram utilizados dados primários, secundários e pesquisas bibliográficas. Os dados secundários foram pesquisados no banco de informações do Projeto de Extensão Industrial Exportadora – (PEIEX), junto a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – (UNIJUI), em 30 indústrias moveleiras assistidas pelo programa, cujas entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semi estruturado. Para a coleta dos dados primários foram selecionadas 10 empresas das 30 pesquisadas anteriormente.

As informações referentes às 30 indústrias foram tratados, permitindo realizar leituras sobre o contexto geral dos empreendimentos, agregando a tabulação das entrevistas realizadas com os empresários industriais com o objetivo de enriquecer a compreensão sobre o setor.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Na atualidade têm ocorrido mudanças no ambiente em que as empresas atuam. Até há pouco tempo eram concebidas e percebidas como organizações que se preocupavam e resolviam praticamente problemas econômicos visando à maximização dos lucros e minimização dos custos.

### **2.1 DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL**

Vários são os fatores que tem impulsionado as mudanças para um desenvolvimento sustentável. Entre as mudanças, está o desenvolvimento das tecnologias que moldam as estruturas, o gerenciamento e os relacionamentos das empresas. Assim como variados formatos de estruturas, flexibilidade no trabalho, informações instantâneas, comunicação simultânea e a valorização dos bens imateriais são evidências do quanto estas tecnologias estão alterando os negócios.

Diante do contexto, uma crescente atenção, por parte das organizações tem se voltado para ações que ultrapassam aos problemas econômicos das empresas, incluindo uma abrangência mais ampla. Dias (2009) destaca que as organizações estão cada vez mais condicionadas a promover o desenvolvimento de forma sustentável, apresenta três dimensões, que são: a econômica, a social e a ambiental; envolvendo preocupações de caráter político-social, como proteção ao consumidor, controle da poluição, segurança e qualidade dos seus produtos, assistência médica e social, projetos filantrópicos, defesa de grupos minoritários, etc.

Dallabrida (2000) afirma que a sustentabilidade de uma região é aquela que alia o ótimo para o homem com o adequado para a natureza, através de uma relação sociedade-natureza, harmônica e não predatória. Com isso tem-se instituído um padrão de desenvolvimento sustentável, entendido como aquele que leva em conta a pessoa, os aspectos econômicos e o equilíbrio ambiental, a curto, médio e longo prazos.

Para Boisier (1996), o desenvolvimento regional é fundamentalmente o resultado do que a comunidade regional faz por si mesma, mais que o Estado ou qualquer outro agente externo pode fazer ou não fazer.

Sobre o desenvolvimento Sachs (1986) apresenta três elementos que são vinculados: a capacidade cultural de pensar a si mesmo e de inovar; a capacidade político administrativa de tomar decisões autônomas e de organizar a execução das mesmas; e a capacidade de sua reprodução.

Estes fatores influenciam o desempenho das ações organizacionais e a própria complexidade da sua estrutura justifica uma constante procura por melhorias, capaz de evitar ou tratar os inúmeros problemas que podem prejudicar o desempenho de uma determinada região.

Becker (2003) confirma que a evolução de uma região pressupõe um projeto unificador de esforços, articulado em torno de um processo de regionalização dos espaços sócio-ambientais do desenvolvimento.

Neste entendimento para promover o desenvolvimento de uma região é necessário estudar o grau de aproveitamento dos seus recursos e potencialidades. Fatores regionais tem influencia direta sobre a dinâmica do desenvolvimento, podem ser potencializados pela capacidade organizativa, técnica, gerencial e principalmente capacidade de articulação e mobilização de recursos.

## 2.2 EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO

Empreender significa realizar ou fazer. Empreendedor é aquela pessoa que apresenta determinadas habilidades e competência para criar e gerenciar um negócio, gerando resultados satisfatórios.

A capacidade de empreender influencia no desempenho das ações organizacionais na medida em que são apresentados novos projetos, novos produtos, melhorias em produtos ou serviços já existentes.

Wood (2009, p 30) salienta que “as formas do sucesso das novas organizações são a capacidade do aprendizado e do pensamento sistêmico”. Pois, a arte de ver, através da complexidade, as estruturas e os mecanismos que geram transformações podem auxiliar na mudança, transformando em grandes resultados. Neste sentido as constantes mudanças de tendências geram oportunidades de negócios.

Senge (2009, 463) considera que “nos encontramos na fronteira da reinvenção do sistema predominante, o que veio se desenvolvendo ao longo dos séculos não pode ser revertido em poucos anos”. Afirma ainda que não existe base alguma de que o novo sempre vai aos poucos suplantar o velho.

Dessa forma, esse conhecimento consiste em informações cuja relevância só pode ser julgada adequadamente pelo empresário que sabe também transformá-lo em ação economicamente útil através da atividade empresarial. O empreendedor desse tipo é um ator que sabe fazer uso de conhecimento que não pode ser armazenado. E se esse conhecimento não for colocado em prática, em pouco tempo não será mais útil.

Ainda para o autor as organizações são as principais responsáveis pelas formas de conduta dos atores sociais. As organizações são centrais, não somente porque produzem bens e serviços, mas porque produzem formas de comportamento e formas de raciocínio que dá consistência a um empreendedorismo que desencadeie para um desenvolvimento sustentável.

As organizações bem sucedidas são aquelas que acompanham a evolução de seus ambientes nas quais empreendem e efetuar mudanças que se estabilizam em novos patamares de equilíbrio.

## 2.3 INOVAÇÕES E MUDANÇAS ORGANIZACIONAIS

O modo de produção em massa iniciou com a revolução industrial e esta repentina e quase violenta transformação nos meios de produção e distribuição de bens, introduziu novos elementos que fez com que a capacidade produtiva e de consumo crescesse exponencialmente.

Para fazer frente a este ambiente dinâmico, as organizações precisam estar preparadas para mudar estratégias, estruturas ou processos. O gerenciamento da mudança é uma imposição para quem precisa sobreviver num cenário favorável a quem é mais rápido. Adizes (1990, p 56) confirma que “os líderes devem conduzir as mudanças desintegradoras e depois promover a reintegração. É a inatividade que gera a morte”.

Para Motta e Vasconcelos (2002, p 247), os tipos de mudança estão orientados para seis objetivos em longo prazo, que são: melhorar o produto, melhorar o volume de vendas e os serviços,

umentar a rentabilidade, melhorar a imagem perante o público, melhorar as relações humanas dentro da organização e melhorar a capacidade organizacional de resposta a situações futuras.

Dentro destes tipos de mudanças estão: a mudança nos métodos de operação, a mudança nos produtos, a mudança na organização e a mudança no ambiente de trabalho. Estas mudanças geralmente são oriundas do ambiente externo a organização.

De acordo com Robbins (2005, p 436) Uma organização que aprende ou inova é aquela que desenvolve a capacidade de mudar e se adaptar continuamente. As decisões internas das organizações requerem considerações explícitas das influências decorrentes do ambiente externo, e seu contexto inclui considerações de atitudes sócio-políticas que de ora em diante se somam às considerações econômicas.

Motta e Vasconcelos (2008, p 246) destacam que “quando muda a tecnologia, muda a estrutura social, mudam as necessidades, as pessoas e inclusive o sistema cultural. A mudança é condição para a sobrevivência e para a inovação e o desenvolvimento”.

Senge (2009, p 436) destaca que “o futuro parece cada vez mais estranho. É diferente do passado, pois os assuntos que moldam o futuro são todos fundamentalmente globais”. Ressalta ainda que pertencemos a uma rede de mutualidade de ecossistema, de fluxo mais livre de informações, ideias, pessoas, capitais, bens e serviços, paz e segurança.

Essa transformação tem originando, portanto novas leis e regulamentações e estas na maioria das vezes têm provocado mudança de postura estratégica nas organizações para a constituição de ambientes inovadores e de aprendizagem organizacional. Tradicionalmente estas mudanças originam-se através de pessoas que buscam encontrar abordagens mais eficientes para seus empreendimentos. Pois são pressionados a congregar esses valores e atender a legislação como forma de manterem-se atuantes.

### **3 A EVOLUÇÃO DO SETOR MOVELEIRO**

A região Noroeste para o desenvolvimento do setor moveleiro teve como referência os diversos momentos em que viveu e deixou marcas na formação de sua gente, de seu território e de suas instituições. Parte-se do período da instalação das reduções jesuíticas até chegar ao período atual, com seus desafios e perspectivas.

Com a desagregação da experiência missioneira, a região foi sendo reocupada de forma dispersa pelos índios remanescentes das reduções, por outros povos indígenas que haviam resistido ao aldeamento, por escravos negros e por descendentes de portugueses e espanhóis. (BÜTTENBENDER; ROTTA; HÖFLER, 2010).

A maior riqueza, nesse período, provinha do extrativismo da erva mate, da madeira, do mel e das essências naturais. A erva-mate era o produto que possuía maior mercado consumidor, mobilizava maior parte da população e gerava os principais conflitos de posse e exploração do território.

A colonização se constituiu a partir da agricultura de subsistência, com característica de pequenas propriedades rurais mantendo mão de obra familiar, produzindo culturas diversificadas, suprindo inicialmente as necessidades básicas das famílias.

A modernização deu novo impulso à agricultura, oportunizando o surgimento de agroindústrias, pequeno e médio comércio e indústrias de ponta, principalmente no setor da alimentação, metal mecânico, móveis e construção civil.

Nos anos de 1950, a região constituiu-se com uma elevada densidade populacional atribuída pela atividade agrícola. A partir deste período processos produtivos foram se modificando, os agricultores passaram a adotar tecnologias mais avançadas e insumos mais modernos, proporcionando a produção em escala de grãos e a diminuição das florestas e outras formas de sustentação em nome do progresso inserindo-se ao mercado internacional, baseando-se na produção e exportação de soja.

A modernização além de trazer inovações técnicas, trouxe também mudanças significativas nas relações sociais de produção. A região que antes era constituída com matas nativas passa a perder este capital ambiental. Os agricultores familiares tiveram suas situações econômicas alteradas, pela inadequação entre custos e benefícios e o meio ambiente foi fortemente agredido pelas novas formas de desempenhar as atividades agrícolas.

Para acompanhar as novas tecnologias de produção inicia-se mais fortemente na região a fabricação de máquinas, equipamentos agrícolas, carroças, aberturas e móveis sob medida, visando



suprir a necessidade dos agricultores. Emergindo a cadeia produtiva da madeira, constituídas por pequenas indústrias familiares.

Nos anos 70 após experimentar duas décadas de desenvolvimento com o modelo estabelecido, impulsionado pela agricultura e pela agro industrialização, a região defrontou-se com sinais de esgotamento do modelo agrícola, devido as políticas governamentais. As indústrias estabelecidas também passaram a desenvolver e adotar novas tecnologias, novos processos e novas formas visando inserirem-se no mercado.

A evolução desta região resultou na diminuição de sua dependência em relação à monocultura da soja, especialmente através do fortalecimento das demais cadeias produtivas (leite, suinocultura, hortigranjeiros, agro industrialização) e pelo fortalecimento dos setores produtivos, com destaque as atividades industriais de máquinas e equipamentos agrícolas, da indústria moveleira, confecções, construção civil, entre outros.

A existência de empresas ligadas ao setor-madeiro moveleiro remonta ao próprio período da colonização da região, estabelecido a partir de 1900. A madeira naquele período era matéria prima base para utensílios, construção de casas, móveis, carroças, barris, etc. Houve também um período em que a região era exportadora de madeira para outras regiões do país, principalmente na fabricação de dormentes para trilhos de trens. No início era incipiente, mas a constante produção gerou uma tradição no setor, especialmente estruturada a partir da produção artesanal e familiar.

A partir dos anos de 1970 entre os anos de 1980 se percebe uma nítida divisão. Parte das empresas se especializaram na produção de máquinas e equipamentos agrícolas e outras se dedicam fortemente á industrialização da madeira, dando início ao polo moveleiro a partir da produção de móveis planejados.

Este setor passa a se fortalecer, com uma nova dinâmica industrial que se formou na região a partir deste período, conforme Ilustração 1.

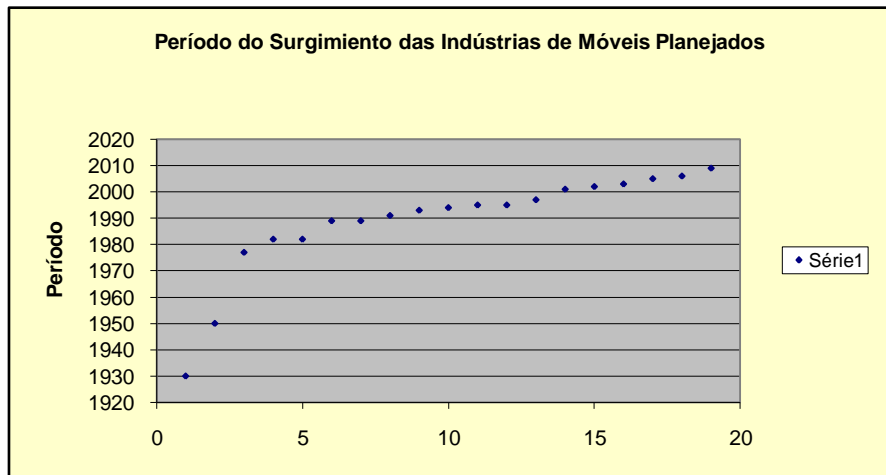


Ilustração 1: Período do surgimento das indústrias de móveis planejados.

O surgimento do Polo Moveleiro testemunha de certa forma a competência e o empreendedorismo em iniciativas empresariais estruturadas devido às necessidades desde o período da colonização.

Um destaque as duas empresas que foram constituídas em 1930 e 1950, as mesmas neste período fabricavam carroças, arados de tração animal, entre outros produtos para agricultura familiar, mais tarde, no início dos anos 80, quando a nova geração assume o comando, abandonam a fabricação diversificada, prosseguindo somente com atividades de fabricação de móveis.

Os Móveis Planejados são aqueles feitos sob medida, cujas peças são altamente personalizadas em todos os seus aspectos, tais como modelo, tamanho, cor, número de gavetas ou portas, estilo, etc. Aquelas pessoas que têm um interesse especial por decoração encontram nos móveis planejados a possibilidade de criar um espaço seu, podendo usar nele todas as suas referências para obter um resultado especial.

Este tipo de móvel é produzido geralmente de forma artesanal, por pequenas marcenarias, não envolvendo um processo produtivo com muitas etapas ou complexidade. Esse tipo de produção não representa quantidades significativas, se comparado com os outros tipos de móveis.

A formação deste setor foi um acontecimento natural, as indústrias moveleiras estão presentes nos mais diferentes municípios. A região está constituída como um importante polo moveleiro que aliado aos demais sistemas de produção alimenta a economia local e regional.

O grau de competitividade com o passar do tempo tem aumentado, havendo a necessidade da busca por matérias-primas alternativas mais eficientes e econômicas, novos processos que aumentam a produtividade e a qualidade dos produtos, um consumidor mais esclarecido e exigente, a entrada de novos competidores, requer das empresas constante evolução para adequar-se ao ambiente, sempre mutável.

O setor moveleiro merece destaque na região Noroeste, tendo várias empresas estabelecidas neste segmento, gerando muitos empregos diretos em seus setores de produção. Considerando que a maior parte das indústrias são empresas familiares tradicionais de pequeno e médio porte, estabelecidas nos municípios de Horizontina, Ijuí, Tenente Portela, Crissiumal, Santa Rosa, Santo Cristo, Três de Maio, Três Passos, Tucunduva, entre outros, se configurando como os principais centros de produção de móveis da região (DALLABRIDA; HÖFLER; STOFFEL, 2007, p 343).

Ao longo de sua existência, o mobiliário constantemente vem sofrendo mudanças na tentativa de melhor adequar-se às necessidades dos consumidores. Ocorreram mudanças não só no produto em si, mas também surgiram novas tecnologias e modos de produção que contribuíram muito para o desenvolvimento da indústria moveleira. E uma destas mudanças foi a passagem da fabricação de móveis planejados (sob medida) para a produção de móveis seriados através de algumas indústrias.

Móveis Seriados são aqueles que já possuem um padrão pré-definido de tamanho e modelo, geralmente produzidos por indústrias maiores, que utilizam medidas pré-estabelecidas, matéria prima com menor custo (aglomerados, puxadores plásticos, corrediças simples, etc.), apresentando poucas opções de cores e/ou acabamentos. São móveis mais simples e sem opções de personalização. Exemplos: camas, cadeiras, mesas, armários, cozinhas, móveis para escritórios e escolares, banheiros e cadeiras estofadas.

A Ilustração 2 demonstra o período do surgimento das indústrias que atuam com móveis seriados, compreendendo um movimento mais intenso a partir dos anos de 1990.

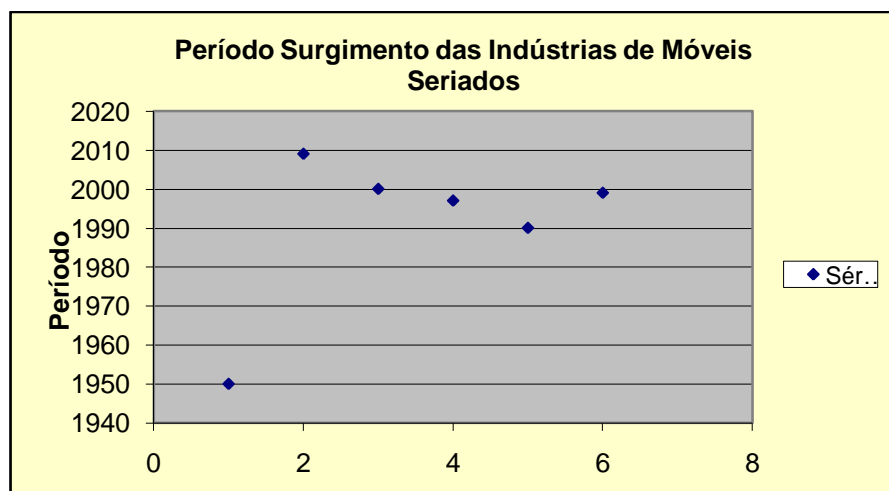


Ilustração 2: Período do Surgimento das Empresas do Segmento dos Móveis Seriados.

Destacar que a indústria fundada no ano de 1950, inicialmente atuava com móveis planejados e mais recentemente na década de 90, após passar por mudanças de gestão interna, atua de forma exclusiva na fabricação de móveis seriados.

Quase a totalidade dos empresários no momento da abertura destas indústrias do segmento seriado, possuíam conhecimentos sobre fabricação e mercado de móveis, devido muitos deles terem atuado em outras indústrias moveleiras como funcionários.

A indústria moveleira do tipo seriado concentra-se na produção de móveis residenciais populares destinados ao mercado interno, especialmente para a classe C e D. Cabe ainda destacar a existência de certo grau de associativismo entre estas empresas da região, o que está permitindo o fortalecimento do setor.

Recentemente, as indústrias moveleiras se uniram e inovaram, criando duas associações, a UNIMOBILE e a INDUMÓVEIS, estas são Redes de Cooperação empresarial, que foram apoiadas pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – (UNIJUI), criadas no início de 2005, que aglutinam indústrias de móveis da região, para facilitar o acesso à matéria prima e reduzir custos de aquisição, na participação em eventos que divulgam o setor, bem como discutir problemáticas comuns e buscar soluções conjuntas, através da constituição de aprendizagem coletiva.

O ramo moveleiro pode ser agrupado aos setores considerados tradicionais da atividade industrial. Sua dinâmica produtiva e desenvolvimento tecnológico tendem a ser determinados pelas máquinas e equipamentos utilizados no processo produtivo, por meio da introdução de novos materiais na arquitetura dos produtos e pelo aprimoramento do design.

Dados do SEBRAE revelam que atualmente 963 indústrias estão implantadas nesta região e mais de 2,2 mil empregos ligados diretamente à atividade. Considerado o segundo polo moveleiro do Estado do Rio Grande do Sul.

Na Ilustração 3, das 30 empresas assistidas pelo PEIEX verifica-se que a maior parte, 68 % das indústrias moveleiras atuam na fabricação de móveis planejados, 19 % das indústrias produzem somente móveis seriados e 13 % estão em transição, tendo em seu portfólio de produtos a produção de móveis planejados e pelo menos com uma linha de produtos com móveis seriados.

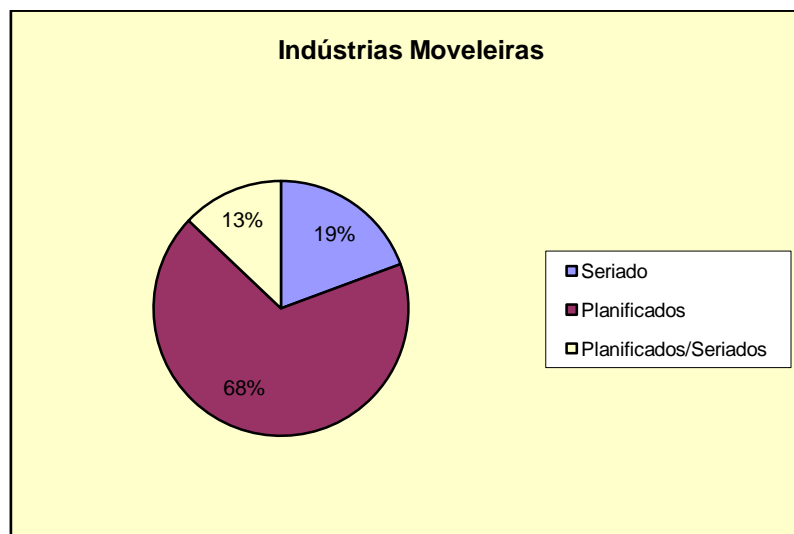


Ilustração 3: Indústrias Moveleiras por Especialidades.

Nesta última análise dos 13% das indústrias que atuam com a fabricação de móveis planejados e seriados, se encontram num processo de transição não abandonando a fabricação dos móveis planejados, mas aos poucos ingressando e projetando a empresa, bem como experimentando o mercado para gradativamente migrar para uma produção em escala para o próprio sistema seriado.

Existem em média oito funcionários contratados nas indústrias que fabricam móveis planejados, a maioria de cunho familiar, mas que somadas ao conjunto representam um giro na economia regional bastante significativo.

Já as indústrias que fabricam móveis seriados, a média de empregados por indústria ultrapassa o número de 50 trabalhadores. Percebe-se que este setor, devido a demanda do mercado e a oferta dos

produtos em grandes redes de lojas exigem que as indústrias estejam organizadas com uma produção em grande escala.

Todas as empresas do setor que produzem moveis seriados estão segmentadas por especialização, definida a partir da própria indústria ou orientada pelo cliente. Há as indústrias que atuam de forma segmentada, produzindo mesas e cadeiras, outras somente móveis para banheiros (armários, balcões, espelhos, etc.), outras com móveis para salas (estofados, puffs, estantes, etc.), outras especializadas em móveis para cozinhas (armários, balcões, etc.), também neste segmento encontram-se empresas especializadas em móveis para quartos (camas, bidês, roupeiros, etc.).

À medida que as indústrias passaram a atuar de forma especializada, por segmentos, houve a necessidade de um grande conhecimento sobre o setor de atuação, bem como a qualificação da mão de obra, investimentos em equipamentos e a acessibilidade e aquisição de quantidade de matéria-prima para a fabricação e o acabamento dos móveis.

Algumas indústrias moveleiras, como a Schuster, Stein e a Piratini, entre outras, já exportam seus produtos para diversos países da América e Europa. Após muitos investimentos em tecnologia, equipamentos e qualificação de mão de obra, se percebe que o setor aos poucos está se transformando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se entender que o setor moveleiro da região vem em muito contribuindo para a construção de uma identidade regional, bem como no desenvolvimento sócio-econômico e cultural, não somente para a região na qual está inserida, mas também na consolidação de uma sociedade global e mercadológica.

A pesquisa sobre inovação e mudanças no sistema produtivo moveleiro traz novas referências para os conceitos e a compreensão do desenvolvimento regional sustentável. O enfoque deste tema, neste setor, sob a percepção do desenvolvimento e da sustentabilidade é considerada como uma abordagem nova. A inovação neste negócio deve estar percebida com as três dimensões do desenvolvimento sustentável: social, econômico e ambiental (Dias, 2009).

Este processo se intensificou no modo de produção, a partir da exploração da mata nativa, trouxe práticas para o cotidiano, que aliada ao processo constante de adequação à tecnologia implantada na fabricação dos produtos possibilitou a perpetuação do setor.

A quase totalidade das indústrias moveleiras da região Noroeste são de cunho familiar. Cabe destacar que existem peculiaridades, possuem pontos fortes e fracos, resultantes da interação entre família e empresa. Porém, é o desconhecimento desta interação e as possíveis consequências advindas que determina o surgimento de uma série de problemas organizacionais não apontados nesta pesquisa.

Embora o segmento de móveis planejados seja o mais importante deste setor em estudo, é também o que apresenta um maior grau de dispersão e menor índice de produtividade. Isto se explica pela utilização de inúmeros processos, normalmente de natureza artesanal, produzindo uma variedade de produtos fazendo com que haja muitos esforços, muitas vezes inviabilizando ganhos de escala proveniente de diversas especializações.

O setor moveleiro tem buscado significativos avanços, cujos fatores de competitividade estão relacionados com a tecnologia utilizada, novas matérias-primas, design, especialização da produção, estratégias comerciais e de distribuição, a qualidade do produto final, entre outros

## REFERÊNCIAS

- [1] DIAS, R. **Gestão Ambiental:** responsabilidade social e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2009.
- [2] DALLABRIDA, V. R.; HÖFLER, C. E.; STOFFEL, J.; DEL VALLE, T. Gargalos e perspectivas da cadeia madeiro-moveleiro da região Fronteira Noroeste – RS. In: **Gestão, Inovação e Desenvolvimento:** Oportunidades e desafios para o desenvolvimento da Região Fronteira Noroeste. Brasil. Ijuí: Ed UNIJUI, 2007.
- [3] BOISIER, Sergio. Modernidad y territorio. Santiago de Chile: ILPES. **Cuadernos del Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación económica y Social**, n. 42, 1996.
- [4] SACHS, Inacy. **Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento.** São Paulo: Vértice, 1986.

- [5] BECKER, Dinizar. A Contradição em Processo: o local e o global na dinâmica do desenvolvimento regional. In: **Desenvolvimento Regional: abordagens interdisciplinares**. Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2003.
- [6] WOOD JR, T. **Mudança Organizacional**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- [7] SENGE, Peter. **A Quinta Disciplina: arte e prática da organização que aprende**. 25. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.
- [8] ADIZES, Ichak. **Os Ciclos de Vida das Organizações**. São Paulo: Pioneira, 1990.
- [9] BAUER, R. **Gestão da Mudança: caos e complexidade nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.
- [10] MOTTA, Fernando Claudio Prestes; VASCONCELOS, Isabela Francisca Freitas. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- [11] ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- [12] DALLABRIDA, Valdir. R. **O Desenvolvimento Regional: a necessidade de novos paradigmas**. Ijuí: UNIJUI, 2000.

# PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: UM ESTUDO EMPÍRICO EM UMA ORGANIZAÇÃO DO TERCEIRO SETOR.

Paulo André Mombach<sup>1</sup>  
Marilei de Conti<sup>2</sup>  
Marcos Rogério Rodrigues<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo responder a seguinte problemática: *O planejamento estratégico é uma ferramenta eficaz na prestação de serviços com qualidade e transparência na APAE Santa Rosa?* Para responder ao problema de pesquisa, elaborou-se um estudo de caso na referida organização. Para tanto, utilizou-se como referencial teórico as fases para implantação do planejamento estratégico, bem como o *balanced scorecard* (BSC) que serve para auxiliar os gestores, no equilíbrio das perspectivas: financeira, cliente, processos internos e aprendizado. Em seguida decorreu-se sobre a análise da matriz estratégica, estratégias, orçamento e implantação. Através do estudo, conclui-se que é de fundamental importância que organizações do terceiro setor da sociedade adotem estratégias para garantir qualidade e transparência em suas ações, como forma de demonstrar o benefício que seu serviço agrega para o bem estar social da comunidade.

Palavras-Chave: organizações – planejamento – estratégia.

## INTRODUÇÃO

As organizações tendem cada vez mais se prevenir de situações indesejáveis, planejar suas ações em busca dos objetivos visando prever um futuro próximo. O planejamento estratégico é uma ferramenta que auxilia a direção da empresa para antever e minimizar todas essas instabilidades, facilitando a tarefa do gestor.

Segundo Chiavenato (1997) as empresas não podem mais trabalhar na base da improvisação, quase tudo é planejado, o planejamento é a função administrativa que determina antecipadamente quais são os objetivos que devem ser atingidos e, como se deve fazer para alcançá-los. Trata-se de um modelo teórico para a ação futura.

O autor destaca também que a organização formaliza seus objetivos e o caminho que irá seguir para a busca do sucesso, os funcionários visualizam de forma clara o que precisam fazer para atingir seu objetivo, bem como os objetivos para serem alcançados de forma conjunta, ocorre a cobrança de forma sadia e natural em busca do objetivo comum da empresa, o ambiente de trabalho se torna mais prazeroso, pois evita foco em ações desnecessárias.

Além desta introdução, este estudo está organizado da seguinte forma: primeiramente explana-se sobre a ferramenta planejamento estratégico, sua importância para a Administração, bem como apresenta o BSC e suas quatro perspectivas. Na sequência apresentam-se as etapas para implantação do planejamento estratégico e, em seguida a matriz estratégica. Posteriormente apresentam-se os resultados que a instituição obteve após a implantação da ferramenta, toda mudança de cultura e, comportamento dos funcionários.

---

<sup>1</sup> Administrador. Acadêmico do MBA em Gestão Empresarial das Faculdades Integradas Machado de Assis. pauloandremombach@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Administradora. Professora do Curso de Administração e Recursos Humanos das Faculdades Integradas Machado de Assis. marileideconti@gmail.com.

<sup>3</sup> Administrador. Professor dos Cursos de Administração e Recursos Humanos das Faculdades Integradas Machado de Assis. marcosrodrigues@fema.com.br

## 1 METODOLOGIA

A metodologia é a explicação detalhada das atividades desenvolvidas que visa responder ao problema de pesquisa. Para a realização do presente estudo, adotou-se a pesquisa qualitativa, por meio da técnica do estudo de caso.

O estudo de caso procurou conhecer em profundidade a organização, as formas de gestão que a mesma adotava antes da aplicação da ferramenta planejamento estratégico, o conhecimento e interação com a nova ferramenta de gestão, bem como os resultados obtidos após a implantação do planejamento estratégico.

A história da APAE Santa Rosa teve início graças a um grupo de mães que tiveram a sensibilidade de acreditar no potencial humano, foi fundada oficialmente no dia 02 de agosto de 1967, durante todos seus anos de existência e prestação de serviços à comunidade, sempre contou com profissionais qualificados em todas as suas áreas de atuação. Atualmente a Instituição conta com um total de 44 funcionários envolvidos diretamente com as atividades afins da organização, além de um grupo de 42 profissionais liberais voluntários das mais diversas áreas da sociedade envolvidos na gestão da organização.

Os dados foram coletados através de entrevistas com os gestores da organização (APÊNDICE A), em diversos encontros realizados, também se teve o apoio de dois acadêmicos do curso de Administração e uma professora orientadora. As atividades se sucederam sempre nas tardes das sextas-feiras. O tempo necessário para desenvolvimento e implantação do plano estratégico foi de três meses.

## 2 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

A estratégia inicialmente era utilizada por militares para planejar a guerra, o objetivo de utilização era o sucesso ou a vitória. O planejamento estratégico compreende a tomada de decisão em longo prazo, adquire maior importância a partir do momento em que se percebe que as organizações se destacam de forma competitiva planejando suas ações.

Durante muitos anos as pequenas empresas, principalmente as empresas familiares, não conheciam esta ferramenta de gestão. O negócio era tocado pelo proprietário de acordo com as experiências que o mesmo adquiriu com o passar do tempo e, também por julgar que os colaboradores possuem certas habilidades, ou seja, quem tem habilidade de fazer compras é comprador, outro que tem habilidade em venda e relacionamento com clientes, é vendedor, e desta forma compunha o quadro funcional da empresa (FISCHMANN; ALMEIDA, 1991).

As empresas precisam planejar suas atividades de forma ordenada, definir um objetivo ou meta a ser alcançado, definir o rumo que será tomado para a busca do resultado, as pessoas que serão envolvidas no processo e, também o tempo hábil para que o objetivo seja alcançado. A ferramenta planejamento estratégico não é usada somente em grandes corporações, pequenas e médias organizações também fazem uso deste importante instrumento para tomada de decisões.

A necessidade do planejamento estratégico surge na década de 60, devido ao contexto de incertezas, instabilidade e imprevisibilidade que pressionou as empresas a reverem seus métodos tradicionais de gestão. Ainda nos anos 60, o desenvolvimento do “Modelo de Harvard de análise estratégica”, também conhecido como SWOT (cuja tradução do inglês significa forças, fraquezas, oportunidades e ameaças), impulsionou significativamente a entrada do planejamento estratégico nas empresas (BRAGA; MONTEIRO, 2005).

O planejamento estratégico não pode ser encarado como uma ferramenta a ser adotada para medidas somente emergenciais, como solução de problemas. A principal finalidade da ferramenta é absorver ou minimizar os impactos perante as incertezas da globalidade:

Esta abordagem expansiva do planejamento é uma reação contra a mentalidade simplista de solução de problemas à medida que surgem a cada momento nas empresas, o que as torna mais reativas às ocorrências do que proativas em relação aos eventos que ocorrem em um mundo repleto de mudanças. No fundo, o planejamento é uma técnica para absorver a incerteza e permitir mais consistência no desempenho das empresas. (CHIAVENATO, 1997, p.380).

A ferramenta não deve ser compreendida como um caminho correto a ser seguido, imprevistos é normal acontecer durante o percurso, o planejamento deve servir de base para os gestores para provocar mudanças na empresa. As ações refletem antecipações e presunções sobre o futuro, como tornar o caminho menos nebuloso, a ferramenta mostra maneiras de lidar com as incertezas e com a mudança contínua que as organizações passam no seu cotidiano diário.

O *Balanced Scorecard* (BSC) traduz a missão e a estratégia da empresa, sua principal característica é o uso de medidas de desempenho. É um instrumento que integra as medidas derivadas da estratégia, e que mede o desempenho organizacional sob quatro perspectivas equilibradas, quais sejam: financeira, do cliente, dos processos internos da empresa, e do aprendizado e crescimento:

O *balanced scorecard* define o que os Administradores querem dizer quando falam em “desempenho” e confere se a Administração está obtendo resultados desejados. O *balanced scorecard* traduz a missão e a visão em um conjunto compreensível de objetivos e medidas de desempenho (indicadores) que podem ser quantificados e avaliados. (DAL MOLIN, 2004, p.152).

O *Balanced Scorecard* deve traduzir a missão e a estratégia de uma unidade de negócios em objetivos e medidas tangíveis. As medidas representam o equilíbrio entre indicadores externos voltados para acionistas e clientes, e as medidas internas dos processos críticos de negócios, inovação, aprendizado e crescimento. De acordo com Norton e Kaplan (1997), há um equilíbrio entre as medidas de resultado, buscando conhecer as consequências dos esforços do passado e, as medidas de determinado desempenho no futuro.

## 2.1 ETAPAS PARA IMPLANTAÇÃO DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Para obter sucesso planejando estrategicamente é importante situar o momento real que a instituição vive, para após traçar estratégias, visualizar onde almejamos chegar. É de fundamental importância seguir as etapas para implantação do planejamento a partir da missão e visão da instituição.

O processo de se realizar o planejamento estratégico é semelhante ao que nos submetemos quando por algum motivo fazemos uma reflexão sobre a trajetória passada e futura de nossa vida, olhamos para trás para ver o que já fizemos o que queremos, e se o rumo está correto, dentro das condições que temos (FISCHMANN; ALMEIDA, 1991).

Os pontos fortes e fracos devem ser discutidos e analisados por funcionários de todos os escalões da organização, de forma livre, evitando cobranças ou elogios na hora da discussão. O processo deve fluir de forma natural para que seja enumerado o maior número de opiniões, se possível, para uma melhor análise que se tenha participação de pessoas de fora que tenham outra percepção diferente dos funcionários internos:

O escopo é o coração do plano estratégico. A análise da situação estratégica estuda a história de produtos e serviços fornecidos pela organização a mercados e clientes. O plano estratégico define quais produtos e serviços a organização pretende fornecer, para quais mercados e clientes. Com essa definição, a organização escolhe a área de atuação, ou os ramos de negócios em que pretende atuar. Essa é a essência da estratégia organizacional a escolha do modelo de negócios. (MAXIMIANO, 2009, p.340).

Ainda de acordo com Bateman e Snell (1998, p.124) “se Administradores e empregados tiverem participado dos passos anteriores do processo de planejamento, a fase de implementação provavelmente será mais eficaz e eficiente”. Quanto ao processo de implantação do planejamento estratégico, é importante seguir corretamente as fases de implantação ilustrada na figura a seguir.



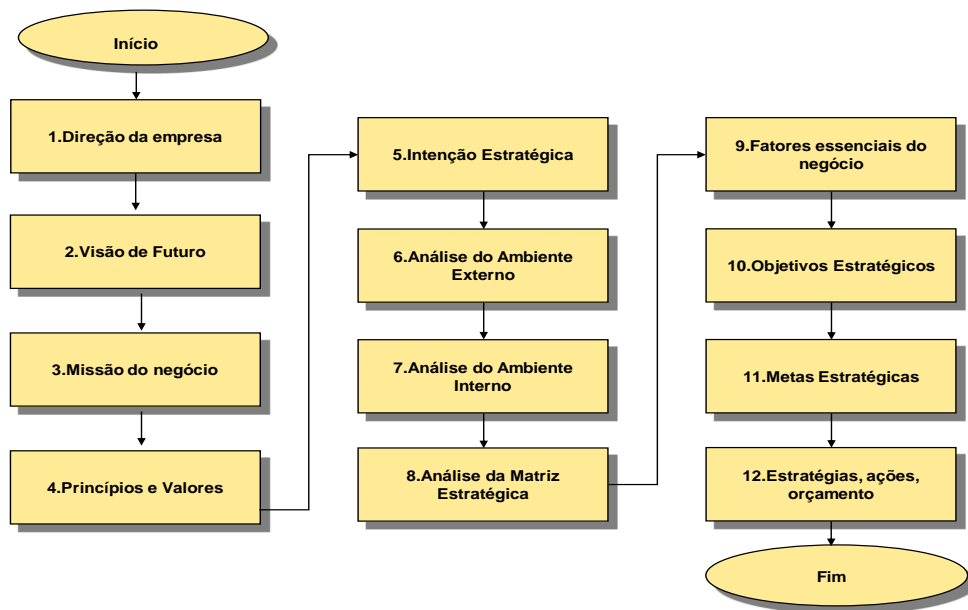


Ilustração 01: Fases do Planejamento Estratégico.

Fonte: Walter (2010, p. 33).

“Embora os termos missão e visão sejam utilizados muitas vezes como sinônimos, a declaração da visão idealmente explicita o direcionamento a longo prazo da empresa e seu intento estratégico.” (BATEMAN; SNELL, 1998, p.126).

De acordo com Walter (2010) os valores são características que devem ser claras gerando conforto e proteção para a boa conduta das pessoas, são as virtudes e as qualidades da organização, são importantes para a organização que devem ser preservadas, meritizadas e incentivadas.

## 2.2 MATRIZ ESTRATÉGICA

A estratégia é a ação tomada em favor do alcance de objetivos, a matriz estratégica então compreende selecionar estratégias que levem à realização dos objetivos organizacionais propostos no planejamento. Desta forma, devem-se traçar os caminhos alternativos para o sucesso da instituição.

As decisões sempre são tomadas de acordo com sucessos ou mesmo insucessos do passado, ou ainda com uma perspectiva de futuro que tende beneficiar ou denegrir o sucesso da organização. De acordo com as estratégias adotadas o caminho pode ser mudado. A intenção ou resultado final almejado sempre deve ser o caminho do sucesso, deve-se estar preparado para tomar novos rumos ou tomar decisões acertadas para que o mesmo seja alcançado:

A elaboração de um plano estratégico é a consequência da análise da situação estratégica, de ameaças e oportunidades do ambiente e dos pontos fortes e fracos da organização. De uma empresa para outra, os planos estratégicos podem ter diferentes graus de formalidade, abrangência, periodicidade de preparação e muitos outros atributos. Um plano estratégico define a relação pretendida da organização com seu ambiente, levando em conta suas competências e recursos. (MAXIMIANO, 2009, p.339).

A estratégia é o conjunto de decisões mais adequadas à estrutura organizacional da empresa, para que se atinja com mais eficácia os objetivos. Todas as estratégias são estudadas e analisadas para que as decisões possam levar a organização a alcançar a direção projetada no planejamento estratégico.

As estratégias de uma organização podem ser analisadas segundo duas perspectivas: Na primeira perspectiva, as decisões tomadas no passado, que afetam a situação presente, chamada

posição estratégica ou situação estratégica. O presente retrata o comportamento histórico da organização, de um ponto qualquer no passado até o momento em que está sendo observada.

De acordo com Maximiano (2009, p.334) na segunda perspectiva, “as decisões que estão sendo tomadas no presente e que afetam o futuro da organização, essas decisões são os planos estratégicos, que procuram definir o comportamento da organização, daqui para frente”.

O autor destaca ainda que os objetivos são os resultados desejados, que orientam o intelecto e a ação. São os fins, propósitos, intenções ou estados futuros que as pessoas e as organizações pretendem alcançar, por meio da aplicação de esforços e recursos.

Os objetivos estratégicos representam as pretensões da empresa, devem estar definidos para que a empresa possa usufruir das oportunidades e pontos fortes, amenizando as ameaças e neutralizando os pontos fracos. Os objetivos podem estar relacionados ao crescimento de faturamento ou crescimento da participação de mercado, otimização dos lucros, redução dos custos operacionais, melhoria da qualidade e, demais oportunidades encontradas:

Os objetivos estratégicos constituem os alvos principais ou resultados finais, que se referem à sobrevivência em longo prazo, ao valor e ao crescimento da organização. Os Administradores estratégicos geralmente estabelecem objetivos que refletem tanto a eficácia quanto a eficiência. Objetivos estratégicos típicos incluem várias medidas do retorno dos acionistas, da lucratividade, da quantidade e qualidade dos resultados, da participação de mercado, da produtividade e das contribuições para a sociedade. (BATEMAN; SNELL, 1998, p.124).

Compete aos Administradores balizar metas claras, desafiadoras e ao mesmo tempo possíveis de serem alcançadas, não abusivas para não desmotivar sua equipe, é importante definir um período de avaliação e acompanhamento das mesmas para ver da necessidade de mudança de foco possibilitando o resultado almejado.

Na implantação das estratégias, ações e orçamentos da organização se deve ficar atento a alguns fatores importantes para o sucesso do planejamento. A estratégia deve ser definida pela diretoria executiva, as ações devem ser tomadas pelo operacional e seguidos de constante avaliação do orçamento. As estratégias sustentam a sobrevivência da organização em meio a cenários cada vez mais complexos e dinâmicos

A forma como os recursos são utilizados reflete a ênfase que a organização coloca em suas diferentes áreas. A análise da situação estratégica revela como essa ênfase afetou a organização. Quando o plano estratégico é elaborado, os recursos devem ser alocados de forma coerente com a situação futura desejada. (MAXIMIANO, 2009, p.81).

Os investimentos podem ser para aquisição de equipamentos, instalações, novas tecnologias, porém é necessário avaliar o custo-benefício, os riscos envolvidos e uma estimativa de retorno de investimento, também é preciso avaliar os benefícios que o investimento trará para a empresa, para seus clientes ou para o público alvo.

### **3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE**

Depois de coletados os dados, acompanhado as fases de implantação do planejamento estratégico foi possível conhecer e analisar os resultados que a organização obteve após a implantação do planejamento estratégico.

#### **3.1 PASSOS PARA IMPLANTAÇÃO DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO**

Os gestores da instituição seguiram as etapas sugeridas na ilustração 01 do presente trabalho. A partir da missão, visão, princípios e valores iniciou-se o desenvolvimento do plano estratégico até o ano de 2016.

Os princípios e valores fundamentais para a instituição e, pelos quais não abre mão no exercício de suas atividades, são: respeito à diversidade; qualidade, organização, excelência e comprometimento nos serviços prestados.

Quando se questionou sobre o que gostaria que as pessoas falassem da instituição e como resultado do trabalho? Os gestores responderam: *ter credibilidade máxima, ser referência, ser comunitário, seriedade nas ações que realizamos e comprometimento com o público, transparência. Queremos que valorizem nosso atendimento, participem das atividades e não só queiram ser “servidos”, entendendo o serviço e o educando sem preconceito.*

Percebe-se que sua visão e missão estão completamente alinhados com seu ramo de atuação, condizem com o histórico e movimento da rede de APAEs nacional, os quais são seguidos pelo quadro de funcionários, desenvolvendo cada um em particular suas atividades para o cumprimento da mesma.

A APAE de Santa Rosa tem como visão: *o movimento de pais, amigos e pessoas portadoras de deficiências, de excelência e referência no país, na defesa de direitos e prestação de serviços.*

Já a missão da instituição é: *promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientação, prestação de serviços, apoio à família, direcionados à melhoria da qualidade de vida da Pessoa Portadora de Deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.*

Quanto à sua visão de futuro, torna-se necessário analisar o momento atual e real da instituição, bem como prospectá-la para o futuro, o que se pretende para a instituição nos próximos cinco anos. Definiu-se como visão de futuro da APAE Santa Rosa em: *ser uma organização transparente, de alta credibilidade e reconhecida como referência na comunidade pela seriedade, qualidade e comprometimento na prestação de serviços.*

Conforme Bateman e Snell (1998, p.124) “se Administradores e empregados tiverem participado dos passos anteriores do processo de planejamento, a fase de implementação provavelmente será mais eficaz e eficiente”.

O planejamento estratégico não é um instrumento que deve ficar somente nas mãos dos diretores, pertence também aos funcionários da organização. Todos devem participar tanto da elaboração do planejamento, como estar cientes dos objetivos e metas que lhe cabem, tomando ações previstas no plano para o cumprimento das mesmas.

Percebeu-se que para a elaboração do plano estratégico a instituição estudada conta com a participação de seus membros. Dentro de suas limitações de tempo e, conforme o conhecimento e formação pessoal de cada integrante da diretoria se doam espontaneamente como forma de apoio à instituição e à Diretora Administrativa. *Em casos onde se torna necessário a participação de um número maior de integrantes no processo decisório, relata o conselheiro de administração: que não possuem maiores dificuldades e sempre que é solicitada a contribuição acontece.*

### 3.2 ANÁLISE DA MATRIZ ESTRATÉGICA

Sobre os objetivos com relação à elaboração do plano estratégico, os gestores responderam que

[...] a instituição pretende através do desenvolvimento do plano buscar sua auto-sustentabilidade sem perder qualidade e credibilidade perante a comunidade. Ampliar sua estrutura física para atender uma demanda externa, e ainda proporcionar qualidade de vida para os portadores de necessidades especiais e funcionários da instituição.

Os pontos fortes e fracos, as ameaças e oportunidades, bem como suas forças e fraquezas foram discutidos pelos gestores em conjunto com o quadro de funcionários, essa tarefa levou um tempo maior para discussão. Os objetivos, metas para o negócio e ações a serem tomadas, eram discutidos durante a semana e, nas sextas-feiras eram incorporados ao plano.

Desta forma, tomaram-se como base para o desenvolvimento do plano, as quatro perspectivas do BSC, sugeridos por Dall Molin (2004) as financeiras da organização, os clientes ou usuários do sistema, processos internos, bem como o aprendizado e crescimento da organização.

É de conhecimento dos gestores que nenhuma decisão pode ser tomada sem base concreta, deve-se arriscar, inovar, porém ter cautela com negociações audaciosas. Os indicadores auxiliam no

negócio e, quando observados tem-se grandes chances de obter êxito e sucesso, e para tanto os objetivos e planos do planejamento estratégico da organização podem ser tomados como caminho.

Os objetivos almeçados foram estipulados dentro de uma previsão orçamentária de forma a não comprometer a saúde financeira da instituição, os planos onerosos contemplam a busca de parceiros voluntários na comunidade, ou como solução, foram desenvolvidas ações que procuram angariar fundos que possam cobrir o valor necessário para a execução do objetivo.

### 3.2 RESULTADO OBTIDOS APÓS A IMPLANTAÇÃO DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

O plano estratégico de qualquer organização visa fortalecer as ações para a continuidade dos negócios. Ele é fundamental para a vida das organizações, pois permite conhecer melhor seu ambiente externo e interno. De acordo com Sun Tzu (2002), quando conhecemos o inimigo (ambiente externo), e a nós mesmos (ambiente interno), não precisamos temer o resultado de uma centena de combates, porém se conhecemos a nós mesmo, mas não ao inimigo, para cada vitória sofreremos uma derrota. Caso não nos conhecemos nem conhecemos o inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas.

A convivência junto aos funcionários da instituição permite afirmar que tanto a diretoria executiva e os funcionários da instituição conhecem muito bem seu ambiente interno e externo, o que demonstra que estão no caminho certo, os frutos ou a vitória deve vir com as sementes plantadas no dia-a-dia.

A desmistificação do preconceito é um tema que faz parte da filosofia da instituição e está diretamente ligada à sua missão e visão. A preocupação com este objetivo é louvável e conta com o envolvimento da assistente social, bem como de todos os funcionários da instituição, o empenho dos pais dos alunos também é notado. A comprovação de tal objetivo fica evidenciada também pela banda APAE que visita inclusive escolas regulares onde apresenta seus talentos.

Na tentativa de contar com o apoio de mais parceiros voluntários, a instituição buscou tratativas junto a Parceiros Voluntários do Brasil, onde pode contar com o apoio de mais quatro pessoas, das quais uma como profissional de teatro, e outras três como profissionais envolvidos nas oficinas profissionalizantes, um grande passo em direção a missão assumida que é a de atrair cada vez mais parceiros e profissionais voluntários para dentro da instituição, engrandecendo e enriquecendo os serviços prestados pela mesma.

Quando planejado ao aumento da receita da instituição foram mencionados dezoito ações a serem tomadas para contribuir ao objetivo, alguns com peso e participação maior, outras de contribuição específica à células internas da instituição.

Em entrevista com a gestora ela relatou que:

[...] em tempos passados, o plano de gestão, nem sempre era acompanhado ou seguido pela nova diretoria, o que prejudicava o trabalho dos funcionários e, por muitas vezes geravam dificuldades de fluxo de caixa para a organização. Ela destaca que no novo processo de gestão, criou-se a preocupação e o bom senso de sempre estar formando novos talentos ou futuros gestores, ainda, desta forma não se pessoaliza uma gestão como forma de evidenciar promoção de marketing pessoal em cima da marca da instituição. A instituição existe para atender sua missão e visão.

Ainda sobre a gestão da organização, relata a diretora que: *após o desenvolvimento do plano e estipulado a missão de futuro da organização, tem muito mais facilidade na tomada de decisão uma vez que tenho base concreta.*

A mudança de comportamento e atitudes dos funcionários e colaboradores foi percebida pela gestora da instituição, ela cita que *até mesmo os alunos da instituição perceberam a mudança de tratamento e comportamento vivida pela instituição.* Os funcionários fazem sempre pensando em transparecer seus atos para a gestão e, ao mesmo tempo para a comunidade. A diversidade de ações e fatos passou a ser registrada e publicada na *web-site* da organização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de terminado o estudo, percebeu-se que a organização não possuía formalizado um plano de estratégias e objetivos para sua gestão. O desenvolvimento do plano auxiliou aos gestores no desenvolvimento das atividades, bem como contribuiu de forma significativa para a organização no que diz respeito à qualidade e transparência nos serviços prestados.

A organização participou do projeto Transparência e Prestação de Contas, onde obteve reconhecimento junto da Instituição Parceiros Voluntários do Brasil, por ser uma das doze instituições que teve seu case de gestão, publicado no livro ONG- Transparência Como Fator Crítico de Sucesso.

Constatou-se que a instituição desenvolve de forma exemplar todos os fatores correspondentes a seu ambiente interno, tais como organização interna da instituição, reuniões e treinamentos com os funcionários, qualidade e transparência nos serviços que presta, comunicação interna, clima organizacional, todos são fatores que solidificam e caracterizam o trabalho desenvolvido na instituição. Grande parte das ações estabelecidas no plano foi cumprida com êxito, recomenda-se que prossigam com este trabalho, bem como revisem o plano periodicamente.

Quando abordados os fatores externos da instituição verificou-se que a instituição sofre com entraves normais oriundos do mundo externo, recomenda-se que a instituição acompanhe de perto todos os planos e ações objetivados no plano estratégico e, envolva voluntários da diretoria da instituição, ou ainda busque voluntários políticos da região para fomentar e auxiliar na construção do seu grande e maior sonho: a construção do novo centro de atendimento especializado a portadores de necessidades especiais.

Para finalizar é importante lembrar que o plano não serve como modelo a ser seguido, o ambiente tende a mudar conforme surgem novas oportunidades e ameaças, nesse sentido, é preciso revisá-lo periodicamente. Ressalta-se ainda, que os resultados obtidos por meio deste estudo não podem ser generalizados a outras organizações do terceiro setor. No entanto, recomenda-se que este estudo seja replicado em outras organizações do terceiro setor, visando comparar as diferenças e, ou similaridades com os resultados aqui encontrados.

## REFERÊNCIAS

- [1] CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da Administração: Abordagens Prescritivas e Normativas da Administração**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.
- [2] FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para Trabalho Científico: Explicitações das Normas da ABNT**. 15. ed. Porto Alegre: s.n., 2010.
- [3] FISCHMANN, Adalberto A; De ALMEIDA, Martinho Isnard R. **Planejamento Estratégico na Prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- [4] BRAGA, Ryon; MONTEIRO, Carlos A. **Planejamento Estratégico Sistêmico para Instituições de Ensino**. São Paulo: Hoper, 2005.
- [5] MOLIN, Luiz Dal. **Controladoria**. Canoas, Ulbra, 2004.
- [6] KAPLAN, Robert S. e NORTON, David P. **A Estratégia em Ação: Balanced Scorecard**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- [7] SNELL, Scott A. ; BATEMAN, Thomas S. **Administração: Construindo Vantagem Competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998.
- [8] WALTER, Janice. **O Planejamento Estratégico como Ferramenta para o Desenvolvimento e Crescimento de uma Empresa de Prestação de Serviço**. Santa Rosa: 2010, Relatório de Estágio.
- [9] MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração: da Revolução Urbana à Revolução Digital**. 6.ed. São Paulo, Atlas, 2009.
- [10] SUN TZU. **A arte da guerra**. tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2002.

### APÊNDICE - APAE Santa Rosa Entrevista aplicada aos gestores

1. Objetivos com o trabalho?
2. Rumo da APAE?

3. Estrutura organizacional:
4. Atividade da APAE?
5. O que queremos que as pessoas falem de nós como resultado de nosso trabalho?
6. Quais os valores mais importantes para nós hoje e, no futuro?
7. Qual é a imagem que sua empresa tem ou pretende ter perante seus clientes e a comunidade em geral?
8. Qual é a atitude da sua empresa em relação aos seus funcionários?
9. Estratégias da APAE utilizadas em curto, médio ou longo prazo?
10. Colaboradores?
11. Como estão os recursos e capacidades para expansão?
12. Oportunidades de melhoria:
13. Relação entre colaboradores:

# VIABILIDADE ECONÔMICA DE INVESTIMENTO DE FREE STALL EM COOPERATIVA DE PRODUÇÃO

Lais Patrícia Faccin<sup>1</sup>  
Nedisson Luis Gessi<sup>2</sup>  
Gerson Miguel Laueremann<sup>3</sup>  
Antonio Roberto Lausmann Ternes<sup>4</sup>

## RESUMO

As empresas buscam atualmente maior espaço no mercado, almejando crescimento e expansão dos seus negócios para se tornarem mais competitivas e aumentar o capital e ganhos dos investidores. O desenvolvimento regional acontece a partir do fortalecimento de negócios já existentes ou novos empreendimentos. Este estudo apresenta a viabilidade econômico financeira a viabilidade da construção de um Free Stall na Cooperativa de Produtores Fronteira Noroeste Ltda, situada no município de Tuparendi – RS, com o propósito de mostrar nova forma de investimento visando ampliar o capital e agregar renda aos associados. Foi realizado uma breve análise de mercado, em seguida foi levantado o investimento inicial, estabelecida a taxa média de atratividade e o tempo mínimo de retorno e aplicadas as técnicas de análise de investimentos. A pesquisa pode ser classificada como quantitativa e qualitativa. Quanto aos objetivos pode ser considerada uma pesquisa exploratória. Os procedimentos técnicos foram pesquisa bibliográfica, documental e levantamento. Através da avaliação financeira conclui-se que o projeto é viável do ponto de vista das técnicas de análise, uma vez que a taxa média de atratividade e o tempo de retorno pretendido são alcançados.

Palavras-Chave: Free Stall – Viabilidade - Investidores.

## INTRODUÇÃO

A geração de novas oportunidades de negócio economicamente viáveis são de grande importância para o desenvolvimento local e regional. O presente trabalho tem por objetivo o estudo da viabilidade econômica da construção de um Free Stall<sup>5</sup> em Cooperativa de Produção na Cooperativa de Produtores de Leite Fronteira Noroeste Ltda, situada no município de Tuparendi – RS que obtém a junção de algumas propriedades para agregar volume de produto (leite) tornando-a assim mais competitiva no mercado atual.

As pequenas e médias propriedades rurais vêm se desenvolvendo e buscando novas formas de investimento e geração de renda. A produção leiteira é uma alternativa de renda mensal que os produtores têm como opção de investimento, e é o que está acontecendo, devido à instabilidade da meteorologia, as propriedades vão migrando para outras culturas, por exemplo, o leite, mencionado anteriormente.

No desenvolvimento do trabalho pretendeu-se analisar a viabilidade do investimento para a

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração. Faculdades Integradas Machado de Assis/FEMA. laisfaccin2010@hotmail.com

<sup>2</sup> Contador. Professor do Curso de Administração das Faculdades Integradas Machado de Assis-FEMA. glaueremann@gmail.com

<sup>3</sup> Administrador. Professor do Curso de Gestão da Tecnologia da Informação das Faculdades Integradas Machado de Assis-FEMA. nedisson@fema.com.br

<sup>4</sup> Administrador. Professor do Curso de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas Machado de Assis-FEMA. antonioternes@terra.com.br

<sup>5</sup> O Free Stall é um sistema composto por um galpão destinado para o descanso das vacas em lactação, com “camas”, que podem ser feitas de diversos materiais, de acordo com o desejo do produtor. Nesse sistema de criação, os animais ficam confinados durante o ano inteiro e recebem alimentação adequada nos comedouros dentro do confinamento. [http://jornalfo.com/novo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=813:free-stall&catid=1:ultimas&Itemid=19](http://jornalfo.com/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=813:free-stall&catid=1:ultimas&Itemid=19)

agregação de capital e renda aos associados da Cooperlat, e também a viabilidade econômica do investimento no Free Stall em cooperativa de produção.

Este artigo está dividido em: metodologia, embasamento teórico, análise de mercado, análise financeira e considerações finais.

## 1 METODOLOGIA

A ciência tem como objetivo fundamental a proximidade à veracidade dos fatos e, para que um conhecimento seja considerado científico torna-se necessário determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. Em última análise, o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. (GIL, 1996, p. 29)

Quanto à forma de abordagem este estudo classifica-se como uma pesquisa quantitativa porque a apuração dos resultados pode ser quantificável, o que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. A pesquisa também pode ser considerada qualitativa levando-se em conta a interpretação que será feita após a coleta de dados. Triviños (1987, p.8) sustenta que “[...] a análise qualitativa pode ter apoio quantitativo.”

Segundo Marconi e Lakatos (2000, p.28), a pesquisa é exploratória, porque tem entre outras finalidades “[...] aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.” Gil (1996, p.34), diz ainda que “[...] estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições [...]”, sendo seu planejamento bastante flexível e, na maioria dos casos, envolvem levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas e análise de exemplos que estimulem a compreensão do tema.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Há muito tempo o ramo de Produção Leiteira vem sendo uma alternativa de investimentos e rentabilidade para pequenos, médios e grandes agricultores. Com o passar dos anos, essa alternativa vem ganhando espaços consideráveis na economia globalizada, sendo que o Brasil é um dos maiores produtores neste setor, competindo com grandes potências mundiais.

Além de ser uma alternativa de geração de renda, economicamente falando, o leite destaca-se também pelo seu amplo valor nutritivo, tanto no seu estado líquido, quanto nos seus derivados, sendo indispensável para a população.

Mas a produção leiteira não só movimentada a economia com sua compra ou venda, mas sim, na geração de empregos, investimento em genética, tecnologia avançada para melhor qualidade e produção leiteira.

### 2.1 DETERMINAÇÃO DO INVESTIMENTO INICIAL

Todo investimento necessita de uma decisão, e essa decisão comporta riscos, já que são muitos os elementos que podem causar a desatualização das previsões que deram base anteriormente à decisão, seja um erro de avaliação do mercado, ou então da concorrência, ou ainda pode ser um erro em relação à qualidade dos produtos comercializados, pode vir a transformar um sucesso em fracasso (GALESNE et al, 1999):

O investimento é a despesa em bens que aumenta a capacidade produtiva da economia e, portanto, a oferta de produtos no período seguinte. Ele é um fluxo de capital novo na economia que é acrescentado ao Estoque de Capital (que é a quantidade de capital produtivo existente). É também chamado “Taxa de Acumulação de Capital” e “Formação Bruta de Capital”. (PASSOS; NOGAMI, 2003, p.383).



De acordo com Padoveze (2005, p.121), “um investimento se caracteriza por ser um gasto não consumido imediatamente cujos resultados virão dos benefícios futuros desse gasto.” Caracterizando o investimento da seguinte forma:

[...] são todos os gastos que utiliza determinado modelo de mensuração normalmente fluxo de caixa descontado; São geradores de outros produtos e serviços; São instrumentos e meios para desenvolver as atividades; Não se exaurem de uma única vez; Deve haver o usufruto (uma obra de arte não seria considerada um investimento industrial. (PADOVEZE, 2005, p.122).

Deste modo, entende-se investimentos como sendo gastos com recursos que gerem um usufruto que não é utilizado de uma única vez pela empresa, mas que por um período mais longo auxiliará no desenvolvimento de atividades, seja na produção de produtos, seja na realização de serviços.

A determinação do investimento inicial é uma das partes mais importantes e que se deve ter o maior cuidado possível, principalmente, em investimento em longo prazo, pois o retorno também é em longo prazo tornando assim, o investimento com um nível de risco mais elevado:

O valor do desembolso inicial refere-se ao volume comprometido de capital (saída de caixa) direcionado à geração de resultados operacionais futuros. Neste item são incluídos todos os dispêndios de capital, que tem como características serem não repetitivos, destinados a produzir benefícios econômicos futuros, tais como incrementos de receita ou reduções de custos ou despesas. (NETO, 2008, p.328).

Sabendo que deve haver um planejamento para se fazer um investimento inicial de um projeto, um dos cuidados fundamentais que deve-se ter, é se o valor deste investimento é compatível com que a empresa tem disponível em caixa e não implicará em possíveis perdas por um mau investimento. Conforme Gitman (2010, p.334), “[...] o termo *investimento inicial* refere-se às saídas de caixa relevantes a serem consideradas na avaliação de um possível investimento de capital.”

Na determinação do valor do investimento inicial, cabe apontar todos os ativos fixos do projeto, Instalações e Equipamentos, plantel de vacas leiteiras e recursos para capital de Giro. Dentre os ativos fixos a serem adquiridos e construídos estão: Área de terra, free-stall, sala de ordenha, sala de espera, escritório, casa do gerente, esterqueiras geomenbrana, ordenha 12 conjuntos, resfriador 5.000 lts, trator 75 cv, vagão tratador, gerador, botijão, móveis de escritório, estrutura de informática, balança rodoviária, silo de ração 18 t, caminhão esterqueira e maternidade.

Tabela 1  
Total do Investimento Inicial

DETERMINAÇÃO DO INVESTIMENTO INICIAL	
Instalações e Equipamentos	R\$1.693.276,00
Plantel	R\$1.440.000,00
Capital de Giro	R\$1.218.800,00
<b>Total Investimento Inicial</b>	<b>R\$4.352.076,00</b>

Fonte: produção dos pesquisadores.

A partir dos dados obtidos na determinação do investimento inicial, chega-se a uma totalidade de desembolso que a empresa fará no projeto em análise de R\$ 4.352.076,00 (quatro milhões trezentos e cinquenta e dois mil setenta e seis reais) em valor de moeda corrente.

## 2.2 TAXA MÍNIMA DE ATRATIVIDADE

Conforme Megliorini, Vallin (2009, p. 126) “[...] a TMA (Taxa Mínima de Atratividade)

consiste na taxa mínima de retorno que cada projeto deve proporcionar para remunerar o capital investido nele.” Mas apesar de ser um dos mais precisos ele não consegue prever as incertezas do mercado tanto interno como externo:

[...] a forma de determinação da TMA varia de empresa para empresa. Nos países que possuem um mercado de capitais desenvolvidos, a fixação da TMA é feita em função do custo de capital das empresas, principalmente aquelas que têm ações em Bolsas de valores. No Brasil, a maioria das empresas fixa essa taxa com base em uma decisão de sua administração. (SANTOS, 2009, p.153).

A Taxa Mínima de Atratividade reflete no rendimento mínimo que o investidor está disposto a obter em função da aplicação de recursos em determinado projeto de investimento. Geralmente, essa taxa de juros é fixa na empresa, ela pode sofrer alterações com o tempo, por isso, não tem uma fórmula específica para o cálculo da TMA.

Os investidores deste projeto almejam Taxa Mínima de Atratividade de 10% (dez) ao ano. Essa taxa foi estabelecida tendo por base a remuneração proporcionada pela caderneta de poupança. Espera-se que o investimento remunere os investidores em, pelo menos, o dobro da remuneração proporcionada pela caderneta de poupança. Tal remuneração torna-se essencial dentro de um projeto como esse, onde os investidores correm riscos elevados tanto de mercado como também de fatores climáticos.

### 2.3 TEMPO DE RETORNO DE INVESTIMENTO

O tempo de retorno de investimento é o tempo que os investidores definem como tempo máximo para recuperação do capital investido:

Esse valor é fixado subjetivamente, com base em uma série de fatores, inclusive o tipo do projeto (expansão, substituição, renovação ou outros), percepção de risco do projeto e relação percebida entre o período de payback e o valor da ação. Trata-se, simplesmente, de um valor que a administração acredita que, em média resultará em decisões de investimento geradoras de valor. (GITMAN, 2010, p.366).

De acordo com o Sebrae (2003), o Tempo de Retorno do Investimento é calculado em função dos investimentos realizados e dos lucros líquidos projetados, acrescidos da depreciação (que representa um custo, mas não há saída de recursos). No mês em que o Fluxo de Caixa Acumulado começa ficar positivo, se dará o retorno do investimento.

Em entrevista realizada com os investidores percebeu-se um comportamento conservador por parte dos mesmos, uma vez que, o tempo máximo estabelecido para que o capital investido retorne é de 12 (doze) anos.

### 2.4 FLUXO DE CAIXA DO PROJETO

Quando se fala de fluxo de caixa, está se referindo a um fator de grande importância dentro da empresa. É com base no fluxo de caixa, que grande parte das decisões da empresa são tomadas, muitas vezes, ele é usado como referência para que a empresa faça um investimento pois se o fluxo de caixa estiver baixo a empresa não se ariscará:

O fluxo de caixa, o sangue da empresa, é o tema de preocupação básica do administrador financeiro, tanto na gestão das finanças no dia-a-dia quanto no planejamento e na tomada de decisões estratégicas voltadas para a criação de valor para os acionistas. Um importante fator determinante do fluxo de caixa de uma empresa é a depreciação (juntamente com qualquer outra despesa não desembolsada). Do ponto de vista contábil, os fluxos de caixa de uma empresa podem ser sintetizados na demonstração de fluxo de caixa [...] (GITMAN, 2004, p.84).

O fluxo de caixa do projeto representa todas as entradas e saídas de recursos projetadas e corrigidas durante o período de análise. Este empreendimento será projetado para um período de doze anos. “A projeção de caixa de uma empresa tem várias finalidades. A principal delas é informar a capacidade que a empresa tem para liquidar seus compromissos financeiros a curto e longo prazo.” (SANTOS, 2009, p.57).

Dentre as contas de despesas relacionadas no fluxo de caixa está a conta depreciação. O fluxo de caixa para fins de análise de investimentos considera somente itens desembolsáveis o que, em primeira análise, excluiria a depreciação como componente de despesa. Porém, a depreciação deve ser considerada pelo impacto que causa na redução do lucro tributável no qual incide a taxa de imposto de renda, cujo valor gerado é desembolsável e afeta o fluxo de caixa.

Após causar o efeito no lucro tributável, a depreciação é reincorporada ao lucro líquido tendo como resultado dessa soma, o benefício líquido de caixa (BLC).

No último ano de análise, além da depreciação, são incorporados ao lucro líquido os recursos investidos em Capital de Giro e o valor residual dos ativos.

Neste projeto em análise não há incidência de imposto de renda, portando, a depreciação não causará alteração no lucro tributável, porém, será considerada para estabelecimento do valor residual dos ativos ao final dos doze anos.

A seguir, relacionam-se as estimativas de receitas e despesas do projeto para os próximos doze anos. A taxa utilizada para atualizar anualmente as receitas e despesas é de 6,61%, essa taxa foi obtida através da média da inflação dos últimos doze anos.

## 2.5 ESTIMATIVA DE RECEITAS E DESPESAS

A estimativa de receitas e despesas é realizada com base nas entradas de caixa operacionais. Gitman (2010, p.339), explica que “os benefícios esperados de um investimento de capital ou ‘projeto’ estão incorporados em suas entradas de caixa operacionais, que são entradas de caixa incrementais depois do imposto de renda.”

Nos Quadros 1a e 1b estão relacionadas as estimativas de receitas e despesas, ou seja, a entrada e saída do projeto em análise projetados para o período de 12 (doze) anos. Conforme afirma Motta; Colômba (2009):

[...] o fluxo de caixa do projeto, corresponde à soma algébrica de todas as entradas ou disponibilidades de caixa com as saídas. Subtraindo-se as saídas das entradas, encontra-se o fluxo de caixa anual que deve ser realmente levado em conta, em termos de avaliá-lo. (COLÔMBA, 2009, p.191).

	ANO 1	ANO 2	ANO 3	ANO 4	ANO 5	ANO 6
<b>TOTAL DAS RECEITAS</b>	<b>R\$ 2.692.800,00</b>	<b>R\$ 2.870.794,08</b>	<b>R\$ 3.060.553,57</b>	<b>R\$ 3.262.856,16</b>	<b>R\$ 3.478.530,95</b>	<b>R\$ 3.708.461,85</b>
DESPESAS GERAIS	R\$ 621.831,04	R\$ 646.420,24	R\$ 672.634,79	R\$ 700.582,11	R\$ 717.876,76	R\$ 749.640,83
LIMPEZA E ASSEPCIA	R\$ 18.000,00	R\$ 19.189,80	R\$ 20.458,25	R\$ 21.810,54	R\$ 23.252,21	R\$ 24.789,18
FOLHA DE PAGAMENTO	R\$ 437.664,00	R\$ 466.593,59	R\$ 497.435,43	R\$ 530.315,91	R\$ 565.369,79	R\$ 602.740,73
OUTRAS DESPESAS	R\$ 1.440.800,00	R\$ 1.536.036,88	R\$ 1.637.568,92	R\$ 1.745.812,22	R\$ 1.861.210,41	R\$ 1.984.236,42
<b>TOTAL DAS DESPESAS</b>	<b>R\$ 2.518.295,04</b>	<b>R\$ 2.668.240,51</b>	<b>R\$ 2.828.097,38</b>	<b>R\$ 2.998.520,78</b>	<b>R\$ 3.167.709,17</b>	<b>R\$ 3.361.407,17</b>
LUCRO LÍQUIDO	R\$ 174.504,96	R\$ 202.553,57	R\$ 232.456,19	R\$ 264.335,38	R\$ 310.821,78	R\$ 347.054,68
(+) Depreciação	R\$ 249.831,04	R\$ 249.831,04	R\$ 249.831,04	R\$ 249.831,04	R\$ 237.331,04	R\$ 237.331,04
(+) Valor Residual	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
(+) Investimento em Capital de Giro	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
<b>BENEFÍCIO LÍQUIDO DE CAIXA</b>	<b>R\$ 424.336,00</b>	<b>R\$ 452.384,61</b>	<b>R\$ 482.287,23</b>	<b>R\$ 514.166,42</b>	<b>R\$ 548.152,82</b>	<b>R\$ 584.385,72</b>

Ilustração 1- Fluxo de Caixa do Projeto

Fonte: produção dos pesquisadores.

	ANO 7	ANO 8	ANO 9	ANO 10	ANO 11	ANO12
<b>RECEITAS</b>	R\$ 3.953.591,18	R\$ 4.214.923,55	R\$ 4.493.530,00	R\$ 4.790.552,33	R\$ 5.107.207,84	R\$5.444.794,28
DESPESAS GERAIS	R\$ 783.504,51	R\$ 819.606,58	R\$ 858.094,99	R\$ 899.127,49	R\$ 892.872,23	R\$ 939.508,50
LIMPEZA E ASSEPCIA	R\$ 26.427,75	R\$ 28.174,62	R\$ 30.036,97	R\$ 32.022,41	R\$ 34.139,09	R\$36.395,68
DESPESAS COM FOLHA DE PAGAMENTO	R\$ 642.581,90	R\$ 685.056,56	R\$ 730.338,80	R\$ 778.614,19	R\$ 830.080,59	R\$ 884.948,92
OUTRAS DESPESAS	R\$ 2.115.394,45	R\$ 2.255.222,02	R\$ 2.404.292,20	R\$ 2.563.215,91	R\$ 2.732.644,48	R\$ 2.906.493,40
<b>TOTAL DAS DESPESAS</b>	<b>R\$ 3.567.908,60</b>	<b>R\$ 3.788.059,78</b>	<b>R\$ 4.022.762,95</b>	<b>R\$ 4.272.979,99</b>	R\$ 4.489.736,39	R\$ 4.767.346,50
<b>LUCRO LÍQUIDO</b>	<b>R\$ 385.682,58</b>	<b>R\$ 426.863,78</b>	<b>R\$ 470.767,05</b>	<b>R\$ 517.572,34</b>	<b>R\$ 617.471,45</b>	<b>R\$ 677.447,78</b>
(+) Depreciação	R\$ 237.331,04	R\$ 237.331,04	R\$ 237.331,04	R\$ 237.331,04	R\$ 187.331,04	R\$ 187.331,04
(+) Valor Residual	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	<b>R0,00</b>	<b>R\$1.424.303,52</b>
(+) Investimento em Capital de Giro	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	<b>R\$0,00</b>	<b>R\$ 1.218.800,00</b>
<b>BENEFÍCIO LÍQUIDO DE CAIXA</b>	R\$ 623.013,62	R\$ 664.194,82	R\$ 708.098,09	R\$ 754.903,38	R\$ 804.802,49	R\$ 3.507.882,34

Ilustração 2- Fluxo de Caixa do Projeto

Fonte: produção dos pesquisadores.

Os dados constantes no primeiro ano do fluxo de caixa foram totalmente fornecidos pela empresa em análise, com base nas entradas e saídas projetadas. Os valores foram estimados conforme a realidade das propriedades vinculadas à Cooperlat atualmente.

## 2.6 BENEFÍCIO LÍQUIDO DE CAIXA

Os benefícios que se esperam como propostas de investimentos de capital devem ser medidos depois do imposto de renda, já que a empresa não usufruirá destes até que tenha saldado os compromissos tributários com o governo (GITMAN, 2010).

O benefício líquido de caixa é o resultado final do ano no fluxo de caixa, ou seja, são as receitas do projeto, menos todas as despesas abrangentes. É com o resultado dos benefícios líquidos de caixa que se aplicam as técnicas de investimento para visualização da viabilidade econômica do projeto.

É o lucro líquido mais a depreciação que não é desembolsável estimado para os doze anos do projeto. No último ano, o lucro líquido, além da incorporação da depreciação, recebe ainda os valores correspondentes aos investimentos no Capital de Giro e Valor Residual.

## 2.7 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE INVESTIMENTO

Foram aplicadas três técnicas de análise de investimento, onde o Período Payback aponta o tempo de retorno do capital investido, o valor presente líquido mostra a superioridade das entradas em relação às saídas e a Taxa Interna de Retorno demonstrando que os benefícios líquidos de caixa remuneram o investimento inicial a uma taxa superior a exigida pelos investidores.

### 2.7.1 Período Payback

O Período Payback tem como uma das funções dentro da empresa: determinar o tempo de retorno dos investimentos dos projetos. Ele também tem o poder de influenciar nas decisões finais de investimento.

O período de *payback*, de aplicação bastante generalizada na prática, consiste na

determinação do tempo necessário para que o dispêndio de capital (valor do investimento) seja recuperado por meio dos benefícios incrementais líquido de caixa (fluxo de caixa) promovidos pelo investimento. (NETO, 2008, p.343).

Para Gitman (2004, p.339), “os períodos de *payback* são comumente utilizados na avaliação de investimentos. Trata-se de tempo necessário para que a empresa recupere seu investimento inicial em um projeto, calculando com suas entradas de caixa”.

Utilizou-se a técnica do Período *Payback* atualizado. Para isso, os benefícios líquidos de caixa foram atualizados com base na taxa mínima de atratividade de 10% ano estabelecida pelos investidores.

Para encontrar o tempo de retorno do investimento basta somar os benefícios líquidos de caixa atualizados até que o valor da soma se iguale ao investimento inicial. Neste caso, até o décimo primeiro ano, o somatório totaliza R\$4.263.214,91 (quatro milhões duzentos e sessenta e três mil duzentos e quatorze reais com noventa e um centavos), restando para recuperar no décimo segundo ano o valor de R\$88.861,09 (oitenta e oito mil oitocentos e sessenta e um reais com nove centavos) o que corresponde a aproximadamente um mês de trabalho.

Demonstração dos cálculos:

O Valor do Investimento inicial menos o valor do retorno atualizado dos primeiros onze anos:  
 $R\$ 4.352.076,00 - R\$ 3.646.379,26 = R\$ 705.696,74$

Valor restante a recuperar no décimo segundo ano, dividido pelo valor atualizado do benefício líquido de caixa do décimo segundo ano vezes doze meses:  $R\$705.696,74 / R\$1.117.719,42 \times 12\text{meses} = 7,576$  mês, ou seja, aproximadamente 8 meses:

<b>TEMPO DE RETORNO DO INVESTIMENTO</b>	
<b>SOMA DO RETORNO ATUALIZADO DOS 11 ANOS</b>	R\$3.646.379,26
<b>VALOR RESTANTE P/ RECUPERAR O INVESTIMENTO NO 12º ANO</b>	R\$ 705.696,74
<b>TEMPO DE RETORNO DO INVESTIMENTO</b>	11 anos
<b>(+) TEMPO NECESSÁRIO PARA RECUPERAR O INVESTIMENTO NO 12º ANO</b>	8mês
<b>TEMPO TOTAL PARA RETORNO DO INVESTIMENTO</b>	11 anos e 8mês

Ilustração 3 - Período *Payback*.  
 Fonte: produção dos pesquisadores.

Conforme os cálculos desenvolvidos, o tempo de retorno com os benefícios líquidos de caixa atualizados é de 11 anos e 8 meses, ou seja, ao final deste período, o valor do investimento de R\$4.352.076,00 ( quatro milhões trezentos e cinquenta e dois mil e setenta e seis reais) estará totalmente recuperado:

Quando usamos o período de *payback* para tomar decisões de aceitação-rejeição, aplicam-se os seguintes critérios de decisão:

- Se o período de *payback* for *menor* do que o período máximo aceitável de *payback*, aceitar o projeto.
- Se o período de *payback* for *maior* do que o período máximo aceitável de *payback*, rejeitar o projeto. (GITMAN, 2010, p.366).

Sendo assim, o objetivo da empresa que é de recuperar o investimento em, no máximo 12 (doze) anos, está recuperando em 11 anos e 8 meses, tornando o projeto aceitável.

## 2.7.2 Valor Presente Líquido

O Valor Presente Líquido, refere-se ao que a empresa terá disponível em caixa no decorrer do prazo estimado para do projeto.

Para Neto (2008, p.357), “[...] a medida do valor presente líquido é obtida pela diferença entre o valor presente dos benefícios líquidos de caixa, previsto para cada período do horizonte de duração o projeto, e o valor presente do investimento (desembolso de caixa).”

Conforme Gitman (2010), sobre Valor Presente Líquido:

[...] como o Valor Presente Líquido (VPL) considera explicitamente o valor do dinheiro no tempo, é considerado uma técnica sofisticada de orçamento de capital. Todas as técnicas desse tipo descontam de alguma maneira os fluxos de caixa da empresa a uma taxa especificada. Essa taxa – comumente chamada de taxa de desconto, retorno requerido, custo de capital ou custo de oportunidade – consiste no retorno mínimo que um projeto precisa proporcionar para manter inalterado o valor do mercado da empresa. (GITMAN, 2010, p.369).

Neto (2006, p.319), diz que “A medida do Valor Presente Líquido é obtida pela diferença entre o valor presente dos benefícios líquidos de caixa [...] e o valor presente do investimento (desembolso de caixa).”

O valor presente líquido é a diferença entre o somatório dos benefícios líquidos de caixa atualizados e o investimento inicial. Segundo a teoria, sempre que esse valor for positivo, o projeto se torna viável:

<b>VALOR PRESENTE LÍQUIDO (VPL)</b>	
<b>VPL = SOMATÓRIO DOS BLCs ATUALIZADOS - INVESTIMENTO INICIAL</b>	
<b>SOMATÓRIO DOS BLCs ATUALIZADOS</b>	R\$ 4.764.098,68
<b>INVESTIMENTO INICIAL</b>	R\$ 4.352.076,00
<b>VPL DO PROJETO</b>	R\$ 412.022,68

Ilustração 4: Valor Presente Líquido.

Fonte: produção dos pesquisadores.

No projeto em análise, o Valor Presente Líquido foi positivo R\$ 412.022,68, demonstrando que os benefícios líquidos atualizados no período são superiores ao investimento inicial apontando para a viabilidade do projeto.

### 2.7.3 Taxa Interna de Retorno

A taxa interna de retorno, basicamente, é a taxa que iguala os totais de entradas com os totais de saída, é uma das taxas mais importantes a serem analisadas e calculadas quando se fala em investimentos.

Taxa Interna de Retorno é um índice que indica a rentabilidade de um investimento por uma unidade de tempo (MOTTA; CALÔBA, 2002):

A taxa interna de retorno (TIR) uma técnica sofisticada de orçamento de capital; é a taxa de desconto que iguala o VPL de uma oportunidade de investimento a zero (isso porque o valor do presente das entradas de caixa iguala-se ao investimento inicial). (GITMAN, 2010, p.371).

A taxa interna de retorno calculada utilizando-se a função financeira TIR do Excel é de 11,42%. A TIR encontrada é superior a taxa média de atratividade exigida pelos proprietários sendo assim, por esse parâmetro, o projeto poderá ser aceito.

## 2.8 ANÁLISE DE SENSIBILIDADE

A Análise de Sensibilidade tem como objetivo construir cenários, simular possíveis situações que a empresa pode se encontrar em determinado período, a partir desses cenários e informações, os investidores podem ter uma melhor visualização da sensibilidade do projeto. Conforme Rossetti et al (2008, p.350) “ a análise de sensibilidade é uma metodologia de risco que identifica as variáveis críticas de um investimento e constrói com essas variáveis:

Quando se pretende levar em conta o fator *incerteza*, na avaliação de alternativas de investimento, o que se quer é trabalhar com alguma noção das *distribuições de probabilidades* dos fluxos de caixa do projeto. Em palavras mais precisas, admite-se que os fluxos de caixa passam a ser variáveis aleatórias, e o que preocupa é a dispersão dos possíveis valores de cada item do fluxo de caixa em relação ao valor esperado. (SANVICENTE, 2008, p.68).

Nesta primeira ilustração analisa-se o Valor Presente Líquido (VPL), a Taxa Interna de Retorno (TIR) e Tempo de Retorno do Investimento com uma projeção de menos 10% nas receitas do projeto, notou-se nesta análise que o projeto não se torna viável, pois o VPL está negativo, a TIR não atinge a expectativa dos investidores e o projeto não retorna no tempo estimado de doze anos:

<b>Técnicas de análise de investimento</b>	
<b>Projeção com menos 10% da receita estimada anual</b>	
<b>Valor Presente Líquido (VPL)</b>	-R\$ 2.075.426,37
<b>Taxa Interna de Retorno (TIR) a.a</b>	2,23%
<b>Tempo de retorno Investimento</b>	Não retorna no tem Estimado

Ilustração 5 - Análise de Sensibilidade

Fonte: produção dos pesquisadores.

Esta segunda ilustração analisa o cenário mantendo as receitas do projeto atual acrescentando 10% a mais nas despesas fixas do projeto. Pode-se notar que como a projeção anterior não se torna o projeto viável:

<b>Técnicas de análise de investimento</b>	
<b>Projeção com mais 10% nas despesas estimadas anualmente</b>	
<b>Valor Presente Líquido (VPL)</b>	-R\$ 1.683.233,92
<b>Taxa Interna de Retorno (TIR) a.a</b>	3,79%
<b>Tempo de retorno Investimento</b>	Não retorna no tem Estimado

Ilustração 6 - Análise de Sensibilidade

Fonte: produção dos pesquisadores.

A metodologia de análise da sensibilidade procura identificar entre as variáveis utilizadas no modelo quais são as determinantes para o sucesso ou insucesso do investimento e depois constrói cenários utilizando essas variáveis. (ROSSETTI et al., 2008.p 350).

Para este projeto em análise ser viável e obter lucros desejáveis aos investidores, o mesmo não pode sofrer grandes alterações do que consta no fluxo de caixa, ou seja, se algum dado não constar no fluxo, os investidores deverão realizar todos os cálculos novamente, pois o mesmo não comporta grandes alterações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando se faz ou planeja fazer um investimento, sonha-se sempre que esse investimento dê certo, que os planos sejam concretizados, e que ele consiga consolidar o principal objetivo que é gerar lucros e aumentar o capital dos investidores. Mas, qualquer novo investimento necessita de muitas pesquisas, estudos de viabilidade, conhecimento no ramo de atuação, e não somente o desejo de investir, ou seja, com uma análise detalhada do investimento os empresários conseguem inibir eventuais surpresas futuras.

É evidente o elevado crescimento da produção leiteira tanto dentro do país como no exterior e a importância do produto para a população.

Através da avaliação financeira conclui-se que o projeto é viável. Porém, por mais que este

projeto tenha sido viável do ponto de vista das técnicas de análise alguns pontos merecem cuidados especiais:

- a) O estudo de demanda deverá ser aprimorado.
- b) Qualquer variação nos custos, para cima, e das receitas, para baixo inviabiliza ao projeto.

Neste projeto a taxa de Retorno pretendida é de 10%. A taxa interna de retorno calculada foi de 11,42, em um prazo de 12 anos. A taxa interna de retorno está além da taxa mínima de atratividade desejada pelo investidor. Observa-se, no entanto, que se os benefícios líquidos de caixa não puderem ser reaplicados a essa mesma taxa de retorno encontrada, ela não será verdadeira.

Este projeto não terá problemas de capacidade de pagamento desde que o nível de operações não fique abaixo do previsto para o primeiro ano.

Após todas as análises propostas constata-se a viabilidade da construção do Free Stall em cooperativa de produção, pois conforme o fluxo de caixa e as técnicas analisadas os resultados são positivos aos investidores, ou seja, o investimento retorna no tempo desejável, a taxa interna de retorno é superada, e o valor presente líquido é positivo.

## REFERÊNCIAS

- [1] FACCIN, Lais Patrícia. **Viabilidade Econômica de Investimento de Free Stall em Cooperativa de Produção**. Trabalho de Conclusão de Curso. Administração. Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA, 2012.
- [2] GALESNE, A; FENSTERSEIFER, J. E.; LAMB.R. **Decisões de investimentos da empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- [3] GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- [4] GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 10. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2004.
- [5] GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- [6] MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.
- [7] MEGLIORINI, Evandir; VALLIN, Marco Aurélio. **Administração: Uma Abordagem Brasileira**. São Paulo: Pearson Prentice hall, 2009.
- [8] MOTTA, Régis da Rocha. CALÔBA, Guilherme Marques. **Análise de investimentos: tomada de decisão em projetos industriais**. São Paulo: Atlas, 2002.
- [9] MOTTA; Régis da Rocha; CALÔMBA; Guilherme Marques. **Análise de Investimentos: Tomada de decisão em projetos industriais**. São Paulo: Atlas 2009.
- [10] NETO, Alexandre Assaf. **Finanças corporativas e valor**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- [11] NETO, Alexandre Assaf. **Finanças corporativas e valor**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- [12] PADOVEZE, Clóvis Luis. **Introdução a Administração Financeira**. São Paulo: Thompson, 2005.
- [13] PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2003.
- [14] ROSSETI, José P. et al.. **Finanças Corporativas**. Rio De Janeiro: Elsevier, 2008.
- [15] SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. São Paulo: Atlas, 2009.
- [16] SANVICENTE, Antonio Zoratto. **Administração Financeira**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- [17] SEBRAE. **Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná**. Fábrica de Camisas. Curitiba: SEBRAE/PR, 2003.
- [18] TERNES, Antonio Roberto Lausmann. **Viabilidade Financeira de Implantação de Apiário. Anais do IV Simpósio Iberoamericano Em Comércio Internacional, Desenvolvimento e Integração Regional**.



[19] TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

## **CAPÍTULO II**

### **DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL: ESPAÇO SOCIAL E JURÍDICO.**

# **ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CAPACIDADE HUMANA E SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO: OS CASOS DOS MUNICÍPIOS DE CAXIAS DO SUL, FELIZ E SÃO NICOLAU NO RIO GRANDE DO SUL.**

José Roberto de Oliveira<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Observações mostram que determinados locais conseguem resultados diferentes em termos de desenvolvimento. Para caracterizar “Do ponto de vista humano e social, quais os aspectos que devem ser considerados para compreender por que alguns lugares e regiões desenvolvem e outros não?”, determinou-se o método do “Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local e Regional”: Quantitativamente se baseou nas vertentes teóricas sobre confiança, liderança, empreendedorismo e educação. Qualitativamente, analisou-se o desenvolvimento endógeno, capital social, capital humano, aspectos locais e outras teorias. Os resultados demonstram Caxias do Sul, com 0,63, Feliz, com 0,41, e São Nicolau, com 0,19. A análise qualitativa demonstrou que Caxias do Sul, nos 136 anos, vem aproveitando seus potenciais endógenos, de capital social e humano a partir da cultura italiana, que é hegemônica. Feliz, nos 165 anos, vem priorizando determinadas vertentes do desenvolvimento, como a Educação, que está relacionada à cultura alemã, um dos responsáveis por tornar o município o de melhor qualidade de vida do Brasil em 1998. São Nicolau, nos 385 anos, demonstrou fragilidades com relação aos processos produtivos. Os resultados evidenciam recomendar a aposta no aumento dos índices de confiança, liderança, empreendedorismo e educação em municípios para que ocorra um desenvolvimento de melhor qualidade.

Palavras-Chave: Desenvolvimento endógeno - Análise de desenvolvimento - Índice de Desenvolvimento.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo foi constituído a partir da dissertação: Análise da Influência da capacidade humana e social no desenvolvimento: os casos dos municípios de Caxias do Sul, Feliz e São Nicolau no Rio Grande do Sul, apresentado ao Mestrado em Desenvolvimento da UNIJUÍ. Parte de evidências que mostram resultados diferentes em termos de ação humana e da sociedade em territorialidades diversas.

Determina o método de mensuração para a criação do “Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local e Regional” e de cada elemento que compõe o índice, que são os Índices de Confiança, Liderança, Empreendedorismo e Educação-escolarização.

A análise toma por base os municípios de Caxias do Sul, localizado na Região da Serra do Rio Grande do Sul; Feliz, localizado na Região dos Vales; e São Nicolau, na Região das Missões, na divisa do Brasil com a Argentina. Estudam-se os contínuos históricos de cada município, seus períodos de desenvolvimento e encontra as intersecções com as realidades deparadas na pesquisa de campo. Considera as experiências anteriores à formação dos municípios: como viviam os italianos que vieram para a Serra; o modo de vida dos alemães na região onde estavam na Alemanha; e como viviam os índios que formam a hegemonia da descendência missioneira. O trabalho apresenta entrevistas quantitativas e qualitativas para a obtenção das informações necessárias para a comprovação da possibilidade de uso científico da análise e do índice propostos.

É dada a resposta do ponto de vista humano e social de por que os três municípios foco da pesquisa resultaram em realidades diferentes: Caxias do Sul, com a entrada de italianos a partir de 1875, é, em 2011, um dos maiores polos industriais do País. Feliz, com a entrada de alemães em 1846, é a representação da qualidade de vida. São Nicolau, com a entrada dos primeiros jesuítas espanhóis

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento pela UNIJUÍ - Bolsista CAPES. Especialista em Administração e Engenheiro Op. Civil. Professor da URI – Santo Ângelo. Joseroberto\_deoliveira@yahoo.com.br

no ano 1626, depois expulsos em 1768, permanece esquecido na fronteira do Brasil com a Argentina em uma sociedade hegemonicamente nativa.

## 1 METODOLOGIA

A pesquisa é composta de um índice quantitativo de capacidade humana e social do desenvolvimento local e regional e analisa-o qualitativamente com os dados da realidade pesquisada. Quanto à *natureza*, a pesquisa é aplicada, pois se ocupou com problemas da realidade, em entender a natureza de um problema para que se possa controlar o ambiente. Quanto à *abordagem*, a pesquisa é uma pesquisa quanti-quali. Com relação aos aspectos relacionados às causas do desenvolvimento: Confiança, Liderança, Empreendedorismo, foi feito levantamento de campo; para o tema Educação – Escolarização, os dados foram obtidos na bibliografia atual (IBGE, 2011).

Quanto aos *procedimentos* técnicos, foi dividido em dois momentos. Um primeiro, que é uma pesquisa bibliográfica. Em um segundo momento foi realizada *pesquisa de campo* com o aprofundamento das questões relacionadas ao capital social e capital humano, momento em que foram medidos os índices de confiança, liderança e de empreendedorismo, segundo as variáveis determinadas.

Analisando como elaborar projetos de pesquisa, Gil (2002, p. 124), apresenta a forma como deve ser determinado o tamanho da amostra. O autor fornece o tamanho da amostra adequada para um nível de confiança de 95% (que em termos estatísticos corresponde a dois desvios-padrões). Conforme dados (FEE-RS, 2011), o número de habitantes, em 2010, do município de Caxias do Sul é 435.482; Feliz 12.359; e São Nicolau de 5.727. Para uma margem de erro de (+ - 10%), para um universo de mais de 100.000 habitantes, como é o caso de Caxias do Sul, a amplitude deve ser de 100 amostras. Para 15.000 habitantes, como é o caso de Feliz, o número de amostras deve ser de 99. Para um universo de 6.000 habitantes, como é o caso de São Nicolau, a amplitude deve ser de 98 amostras.

Os dados referentes ao item Educação-escolarização foram buscados na bibliografia atual (IBGE, 2011) e foram estabelecidos através do mesmo método de formação de índice, em que zero foi a média de escolarização do município de Lagoão, com 3,93 anos, e um a média de escolarização do município de Porto Alegre, com 8,35 anos, maior e menor índice de analfabetismo do Estado. O índice de escolarização de cada município teve a localização dentro deste contínuo, através de regra de três.

Aspectos qualitativos foram levantados através de pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo no momento da realização da busca dos dados quantitativos. Foram realizadas 112 entrevistas em Caxias do Sul, 110 em Feliz e 110 em São Nicolau.

Os instrumentos de coleta de dados dos aspectos quantitativos foram estabelecidos através de um formulário de Escala Likert: “É fácil de construir e de aplicar. Os entrevistados entendem rapidamente como utilizar a escala” (MALHOTA, 2001, p. 255). Foi usada uma escala de divisão entre 0 (zero) e 10 (dez), como é a Escala de Phrase, que consiste em uma frase seguida por uma chave de resposta de 11 pontos. A frase introduz a parte do conceito; após se deve marcar uma resposta na chave da resposta.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Boisier (2006) afirma que o desenvolvimento é entendido como a obtenção de um contexto, meio, momentum, situação, âmbito, ou como se prefira chamá-lo. Porter (1989) afirma que a principal meta econômica é produzir um padrão de vida elevado e ascendente para os cidadãos.

A teoria do desenvolvimento endógeno “[...] considera que a acumulação de capital e o progresso tecnológico são, indiscutivelmente, fatores chave no crescimento econômico.” (BARQUERO, 2001, p. 18). Sustenta que cada fator e o conjunto de fatores determinantes da acumulação de capital criam um entorno no qual tomam forma os processos de transformação e de desenvolvimento.

Sobre *capital social*, Putnam (2000, p. 177) escreve: “A cooperação voluntária é mais fácil numa comunidade que tenha herdado um bom estoque de capital social sob a forma de regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica.” Afirma que os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação, tendem a ser cumulativos e reforçar-se mutuamente.

Quanto ao *Capital Humano*, Schultz (1967) afirma que o povo representa um elemento importante da prosperidade das nações e reporta-se a Adam Smith, que considerava como parte do capital todas as habilidades adquiridas e utilizáveis de todos os habitantes de um país.

Um maior investimento em capital humano produz um aumento do conhecimento, que se difunde por todo o sistema produtivo e implica rendimentos crescentes na economia local e regional (BARQUERO, 2001).

Sobre os *aspectos locacionais*, na economia prática, procura-se reduzir ao mínimo os custos de deslocamento de pessoas e mercadorias. É, em resumo, a competição pelo espaço, pela posição mais estratégica em relação aos suprimentos, aos fatores de produção e aos consumidores que produz o padrão espacial característico de uma economia (FRIEDMANN, 1957).

Sobre a importância dos custos de transportes na localização, segundo Richardson (1975, p. 54), “Se ignorarmos considerações pessoais e subjetivas e se os custos de fabricação e a localização dos concorrentes (o fator demanda) forem mantidos constantes, as escolhas de localização dependem dos custos dos transportes.”

A *confiança* é um dos elementos básicos característicos do capital social. Putnam (2000, p. 180), afirma que são a confiança, as normas e as cadeias sociais que constituem um bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é um bem privado. Boa parte do atraso econômico no mundo deve-se à falta de confiança.

Na busca de caminho para medir confiança encontrou-se Grootaert *et al.* (2003), os quais afirmam que, no interior de um esquema conceitual de capital social baseado no domicílio, é importante reconhecer que há um conjunto de questões substantivas a partir das quais informações relevantes podem ser obtidas.

Shumpeter (1961) define *liderança* como um gênero especial de função, em oposição a uma simples diferença de posição que existiria em todo organismo social. Os fatos sugerem estabelecer um limite além do qual a maioria das pessoas não agiria rapidamente por si mesma, mas requereria o auxílio da minoria. A função do líder é “executar aquilo”, sem o que as possibilidades se extinguem; isso se aplica a todas as modalidades de liderança, efêmeras ou duradouras.

De acordo com Kotter (1997, p. 26), “A liderança é um conjunto de processos que cria organizações em primeiro lugar ou as adapta para modificar significativamente as circunstâncias.” Afirma que a liderança define como deverá ser o futuro, alinha o pessoal a essa visão e as inspira para a ação, apesar dos obstáculos.

Segundo Shumpeter (1961, p. 86), “O ‘*empreendedor*’ é meramente o sustentáculo do mecanismo da transformação”, estabelecendo a importância da análise do empreendedorismo para a compreensão do desenvolvimento. “[...] alguém só é empreendedor, quando realmente ‘empreende novas combinações’ e perde esta característica logo que estabelece negócios, quando os estabiliza, deixando-os correr como outras pessoas” (SHUMPETER, 1961, p. 108).

Paiva (2008), em relação ao empreendedorismo, conclui que o central é o mero reconhecimento de que quanto maior o número e a concentração espacial de empresários inovadores, mais intensas e radicais as inovações por unidade de tempo, e mais acelerado o desenvolvimento.

Schultz (1967, p. 13) afirma que: “O valor econômico da *educação* depende, predominantemente, da procura e da oferta da instrução, considerada como investimento.” O mesmo autor diz (p. 19) “[...] instrução é um conceito aplicado aos serviços educacionais ministrados pelas escolas primárias, secundárias e por institutos superiores, abrangendo o esforço de estudantes para aprender.” Quanto à educação, “Recomendo que a educação seja considerada como um conjunto especializado de atividades: algumas das quais organizadas, conforme se apresentam nas escolas, e outras essencialmente desorganizadas, segundo ocorre com a educação familiar.”

Barros, Henriques e Mendonça (2002, p. 2-3) reconhecem a importância dos impactos positivos da expansão da escolaridade média da população:

Especificamente no que se refere ao impacto da educação sobre a renda *per capita* e o nível de salários, vemos, por exemplo, que Lau, Jamison, Liu e Riukin (1996) estimam que um ano a mais de escolaridade da força de trabalho aumentaria a renda *per capita* brasileira em 20%. (HENRIQUES; MENDONÇA, 2002, p. 2-3).

Sen (2000) afirma que, em um processo de mão dupla os níveis de renda familiar podem ser ajustados para baixo pelo analfabetismo e para cima por altos níveis de instrução.

Siedenberg (2003, p. 52) diz que apesar das discrepâncias constatadas e de sofrer críticas, “o PIB não perdeu completamente sua importância como indicador de desenvolvimento. Entre todos os indicadores disponíveis que medem e quantificam desenvolvimento, o PIB ainda detém o papel de indicador-chave”.

Quanto a *pobreza*, no que se refere ao subdesenvolvimento e à falta completa de desenvolvimento, Boisier (2005) diz que:

[...] não são, qualquer que seja o conceito que se use, destinos inexoráveis, karmas imutáveis, nem tragédias gregas. Como quer que se olhe a questão, se trata de uma conseqüência derivada do funcionamento de estruturas políticas, institucionais, sociais, e da falta de vontade coletiva para fazer aquilo que é necessário fazer para dar um salto desde o caminho do subdesenvolvimento ao caminho virtuoso do desenvolvimento [trabalhar mais, assumir uma alta cota de responsabilidade em todas as esferas, gerar confiança interpessoal e nas instituições e organizações, vontade de aprender, vocação pela mudança, etc. (BOISIER, 2005, p. 10).

Senna (1995 p. 89), com base em Tocqueville, lembra as dificuldades: “[...] estou consciente de que é uma tarefa árdua persuadir os homens a se ocupar de seus próprios assuntos.”

Conforme o IBGE (2011), numa dada população, a *Expectativa de Vida* ao Nascer, ou esperança de vida à nascença, é o número médio de anos que um grupo de indivíduos nascidos no mesmo ano pode esperar viver, se mantidas, desde o seu nascimento, as taxas de mortalidade observadas no ano de observação. A expectativa de vida no nascimento é também um indicador de qualidade de vida de um país, região ou localidade. Pode também ser utilizada para aferir o retorno de investimentos feitos na melhoria das condições de vida e para compor vários índices, tais como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

*Mortalidade infantil* consiste nas mortes de crianças durante o seu primeiro ano de vida. Esta é a base para calcular a *taxa de mortalidade infantil* que consiste na mortalidade infantil observada durante um ano, referida ao número de nascidos vivos do mesmo período. O Rio Grande do Sul foi o Estado que registrou a menor taxa de mortalidade infantil em 2009 (12,7%), e Alagoas, com 46,4%, apresentou a mais elevada.

Analisando a sustentabilidade da perspectiva *ambiental*, Bellen (2010) afirma que:

Para Rutherford (1997), na sustentabilidade da perspectiva ambiental, a principal preocupação é relativa aos impactos das atividades humanas sobre o meio ambiente. Essa preocupação é expressa pelo que os economistas chamam de capital natural. Nessa visão, a produção primária, oferecida pela natureza, é a base fundamental sobre a qual se assenta a espécie humana. Foram os ambientalistas, principais atores dessa abordagem, que desenvolveram o modelo denominado PSR (*Pressure, State e Response*) para indicadores ambientais e que o defendem para as outras esferas. (BELLEN, 2010, p. 151-152).

Textos como este demonstram a importância do tema sustentabilidade ambiental nos estudos do desenvolvimento local e regional.

Sobre o *Método Matemático* e a relação com os fundamentos do pensamento econômico, Schumpeter (1968, p. 183-184) afirma:

Já se encontra muito cedo e em vários autores (Hutcheson, por exemplo, e, às vezes, também antes dele) o emprego de símbolos algébricos nos raciocínios em Ciências Sociais. Em princípio, não há nada de extraordinário nisto: o fato de se expressarem proposições de ordem geral em linguagem comum ou por meio de símbolos matemáticos, para conseguir maior precisão, em nada altera a sua essência. (SCHUMPETER, 1968, p. 183-184).

Siedenberg (2003, p. 56), no tocante às questões relacionadas ao uso de indicadores sociais, afirma que “[...] a questão central é, identificar, entre o rol de indicadores possíveis, aquele(s) que melhor representa(m) determinado aspecto que deve ser ressaltado.”

### 3 RESULTADO E ANÁLISES

O Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento local e Regional dos municípios foco da pesquisa, conforme gráfico (figura nº 1) e tabela nº 1, os resultados são: Caxias do Sul 0,63, Feliz 0,41 e São Nicolau 0,19.

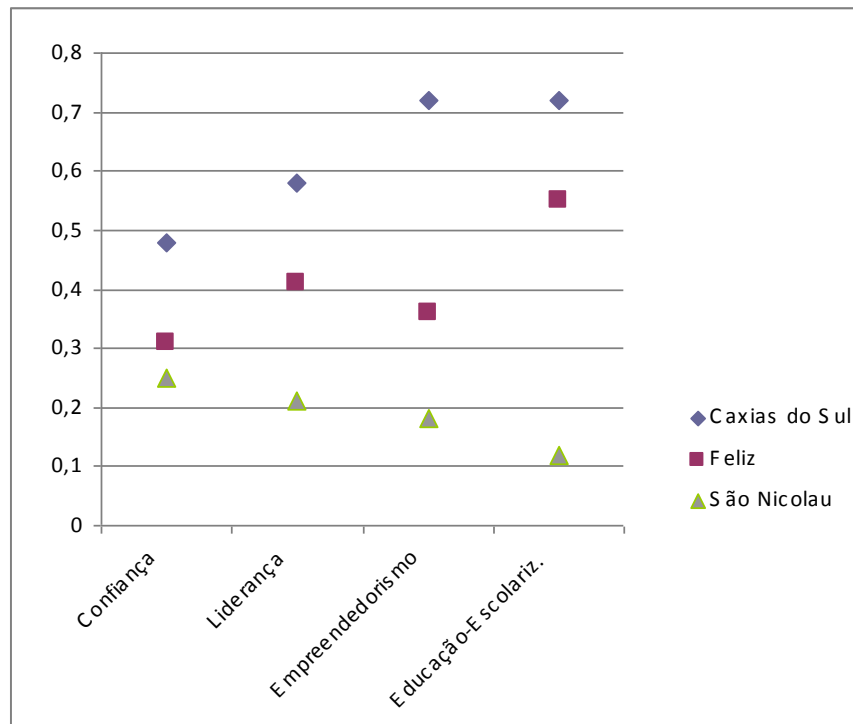


Figura 1: Gráfico do Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local e Regional.  
Fonte: Elaborada pelo autor com base nos levantamentos de campo e site do IBGE (2011).

Índices	Caxias do Sul	Feliz	São Nicolau
Confiança	0,48	0,31	0,25
Liderança	0,58	0,41	0,21
Empreendedorismo	0,72	0,36	0,18
Educação-escolarização	0,72	0,55	0,12
Média por Município	<b>0,63</b>	<b>0,41</b>	<b>0,19</b>

Tabela 1: Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local e Regional  
Fonte: Elaborada pelo autor com base no levantamento de campo e site do IBGE (2011)

Os três municípios foco da pesquisa têm os seus construtos de desenvolvimento *endógeno* estabelecidos de forma diferenciados. São Nicolau foi formado em 1626 por padres jesuítas e pelo Povo Guarani que vivia até então no Neolítico. Os padres eram em número de dois e traziam a influência europeia, especialmente a partir da Espanha, que era a detentora do território. Até 1768, ano da expulsão dos jesuítas, viveram uma das mais belas experiências do cristianismo, chamada por Voltaire como ‘Triunfo da Humanidade’ (OLIVEIRA, 2009). A tomada definitiva pelos luso-brasileiros se dá apenas em 1829, porém a base hegemônica do povo continuou a dos nativos, agora branquianizados. Feliz, de hegemonia alemã, tem a entrada de seus primeiros imigrantes em 1846, e Caxias do Sul tem a primeira entrada de italianos, sua principal etnia, a partir de em 1875.

No tocante ao *Capital Social*, em Caxias do Sul, entre tantos exemplos da participação cívica, a União das Associações de Bairros de Caxias do Sul – UAB representa mais de 200 associações existentes e se constitui na principal entidade do movimento popular da cidade e uma das principais do Estado. Historicamente os imigrantes italianos tinham um caráter agrário, mas há que considerar a presença da industrialização, visto que muitos já viviam plenamente a Era Industrial na Itália. Sobre Feliz, pode-se citar que os alemães ‘funcionam bem para a igreja, clube ou sociedade de festas e para o campo de futebol’. Quanto ao Festival Nacional do Chopp, uma realização da comunidade, é reconhecido como um dos maiores do país. A Festa Nacional das Amoras, Morangos e Chantilly é outro exemplo. O Grupo de Danças Folclóricas Alemãs, o Círculo de Máquinas e Ajuda Mútua, a Associação de Hortigranjeiros, a Associação Comercial Industrial e de Serviços da Grande Feliz – ACISFE são exemplos positivos de união. A pesquisa levantou a presença de questões negativas, como a inveja, ciúme e individualismo – ‘são cada um por si’, nas coisas do dia a dia, mas especialmente para a formação de negócios. Marcou também a baixa participação nas questões de organização da sociedade para o desenvolvimento e o reflexo do consumo de bebidas. Em São Nicolau, dos exemplos práticos de união cívica deve-se citar o evento Café de Cambona, que, em 2011, teve sua oitava edição e é a principal festa do município; o CTG Primeira Querência do Rio Grande, que é um local que centraliza a questão social, é o local de realização de eventos culturais no município. Muitas das entrevistas falam que: “comida e qualquer outra coisa, já está bom”; “ninguém pensa grande”; “são felizes com pouco”; “gostam de sombra e esperam da prefeitura”; “são acomodados”. Versões que corroboram com o modelo de gestão por “prestígio” e “cacicado”, expressas em diversas entrevistas.

Em relação ao *Capital Humano*, em Caxias do Sul, os imigrantes italianos trouxeram da Itália conhecimentos importantes em várias áreas do conhecimento, lembrando que muitos deles viviam plenamente a Era Industrial. É notável a firme determinação de trabalhar e poupar, aproveitar o tempo, porque ‘o tempo vale ouro’; conservar as coisas. A maioria tinha algum outro afazer além da agricultura; eram mestres nos seus ofícios; trabalhadores, não conheciam a preguiça. Em Feliz, é importante salientar a influência dos alemães na cultura local. Cita-se a introdução de novas técnicas agrícolas; surgimento de atividades artesanais, ponto de partida para as manufaturas de calçados, metalurgia, tecidos e outros; aumento da produção de alimentos; introdução de um novo estilo arquitetônico, a casa em estilo enxaimel; A educação, desde o início da imigração, foi priorizada, um dos itens responsáveis por se tornar a cidade de melhor qualidade de vida no Brasil em 1998. Sobre São Nicolau, a preponderância é do povo nativo. A maioria do povo são-nicolauense ainda vive os pensamentos com relação ao dia de hoje e suas religiões. Há viva nos rostos e no modo de ser uma milenaridade nativa e que, conforme ficou bem provado nos estudos bibliográficos, teve o seu primeiro contato não-Neolítico apenas há 385 anos, em 1626 – ‘é suficiente o comer, não temos ambição de ter sempre mais’. A entrada de novos habitantes de descendência europeia nos últimos 20 anos vem mudando o perfil das técnicas agropecuárias locais.

Quanto ao *Aspecto Locacional*, a imigração italiana, na Serra do Rio Grande do Sul acabou longe cem quilômetros de qualquer núcleo brasileiro. A pesquisa demonstra que desde o início aparece o núcleo de Caxias como polo irradiador do desenvolvimento e a importância da ferrovia neste contexto, ‘foi como se tivessem vencido uma guerra. A BR 116 foi muito importante, bem como o aeroporto local que liga a região com o mercado paulista. É importante salientar que esta situação invejada só foi possível a partir da busca pelas lideranças destas obras. Sobre Feliz, no início da imigração não foi muito diferente, pois em 1846 havia ‘somente mata virgem e índios, cobras venenosas, macacos, e tigres’. Com a construção de uma estrada que ligava São Leopoldo ao norte do Estado, Feliz tornou-se itinerário da economia da região nordeste naquela época. A ponte de ferro sobre o rio Caí na altura de Picada Feliz foi inaugurada em março de 1900 e pedagiada. Mais atualmente, com a construção da RS 452, que passa pelo meio da cidade, foi retomado o desenvolvimento, além de fazer com que Feliz entrasse no roteiro turístico daqueles que se dirigem a Serra Gaúcha. São Nicolau, que se reconhece como a “Primeira Querência do Rio Grande”, a partir da fundação de 1626, é um município de fronteira com a Argentina. Alguns entrevistados consideram que: ‘O lugar é o fim da linha’; outro reitera: ‘A cidade fica isolada, as principais estradas federais e estaduais estão distantes, grandes negócios precisam de localização’. Um dos entrevistados lembra, em relação à questão locacional de São Nicolau, que: ‘é problemática, especialmente porque a Região Missioneira também é muito pobre’.



Quanto a *confiança*, a medição realizada a campo detectou o índice 0,48 para Caxias do Sul, 0,31 para Feliz e 0,25 para São Nicolau; adequado com relação ao que disseram os entrevistados a este respeito. Em Caxias do Sul, há um empreendedorismo ligado à confiança de que a cidade dará certo. Outros falam de que a confiança está relacionada à fé na força do trabalho, o que parece estar presente em toda a sociedade. Existe um otimismo permanente. ‘As pessoas investem porque confiam nos resultados [...]’. E outros ainda declaram: ‘Confiam desconfiando, há uma confiança para que o empreendedorismo ocorra, mas entre as pessoas têm um pé atrás’. Os de Feliz expressam que a confiança existente está relacionada com a hospitalidade, mas não com colocar dinheiro para se fazer empresas ou associar-se ou cooperar, ‘este é o perfil alemão’. A confiança existente parece estar ligada à força de trabalho existente em cada família e esta leva à vontade de ter qualidade de vida, que está estampada em toda a sociedade. Em São Nicolau as entrevistas demonstraram as ideias vigentes, como: ‘Somos Guaranis, sempre estamos com um pé atrás’. Outro: ‘É muito difícil de formar um grupo para organizar a produção, somos muito individualistas e desconfiados’. Na maior parte das entrevistas aparece a ideia de confiança ligada à hospitalidade, não a negócios ou à crença de que São Nicolau se desenvolverá.

Quanto a *Liderança* encontrada em Caxias do Sul é de 0,58, Feliz 0,41, e São Nicolau 0,21, o que corresponde com as expressões usadas pelos entrevistados com relação aos seus municípios. Sobre Caxias do Sul, os entrevistados reconhecem que as lideranças locais sempre trabalharam muito. A nota obtida em Feliz reflete a liderança histórica passada que não foi positiva e notadamente melhora com a liderança atual que ‘fez um bom trabalho trazendo uma série de novas empresas’, reflexo da criação do Fundo Municipal de Desenvolvimento em 2000. Em São Nicolau, a pesquisa mostrou um modelo milenar de liderança por prestígio a partir da presença nativa na territorialidade, período dos caciques indígenas. As entrevistas demonstraram a sequência do mesmo modelo no mundo “não-índio” com problemas no desenvolvimento pelo histórico domínio da terra pelos “caciques”. Repetem-se muitas expressões, como: ‘Existe muita competição entre as lideranças locais. Quando um está no poder, o outro lado não ajuda’.

Os índices obtidos em *Empreendedorismo* por Caxias do Sul foi de 0,72, Feliz 0,36, e São Nicolau 0,18. Em Caxias do Sul, há o reconhecimento de terem vindo da Itália para a serra gaúcha e modificarem o cenário da territorialidade; depois aparecem um cem números de novos negócios, especialmente o vinho e a sequente introdução da indústria e o aparecimento da figura de Abramo Eberle. Atualmente, a cada 11 habitantes, há uma pessoa jurídica. ‘O empreendedorismo está presente em todos os setores’. No município de Feliz, em uma visão industrial endógena, os entrevistados afirmam ‘O empreendedorismo local é pequeno’, ‘Os que têm dinheiro aqui não querem investir, penso que para não se mostrar. O dinheiro não aparece aqui, investem fora’, outro explica que: ‘As pequenas empresas são daqui: mercados, lojinhas de roupa, calçados, venda de carro e outros de pequeno porte’. A pesquisa demonstrou que o perfil local não é empreender na indústria, mas na agricultura e no comércio. Em São Nicolau, entre os anos 1626 e 1768, houve um espírito empreendedor, mas que, com a expulsão dos jesuítas, desapareceu. Nos últimos 20 anos, está entrando uma espécie de imigração tardia de descendentes de europeus e que estão comprando terras e empreendendo seus negócios na área agropecuária.

Os dados de *Educação-Escolarização* obtidos de forma bibliográfica demonstraram um índice de 0,72 para Caxias do Sul; 0,55 para Feliz; e 0,12 para São Nicolau, o que parece demonstrar o estágio da educação nos três municípios. Caxias do Sul tem onze instituições de ensino superior, o que o destaca como polo regional de educação. O ensino Estadual conta com 53 escolas, 89 municipais e 74 particulares. Ainda conta com o Instituto Federal do Rio Grande do Sul. A taxa de analfabetismo (2000) obtida no site da FEE-RS (2011) é de 3,65%. Sobre Feliz, é importante salientar que a Taxa de Analfabetismo (2000) é de 1,94%, a menor dos municípios pesquisados. A explicação para estes números é histórica, está ligada aos primeiros anos da colonização, pois a educação foi uma das metas prioritárias do povo da região. Entre 1846 e 1850, Picada Feliz recebe as primeiras escolas católicas, dando início à alfabetização dos filhos dos imigrantes. Hoje são 18 escolas no território, entre elas municipais, estaduais e particulares; também está instalado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves – Unidade de Feliz. A pesquisa demonstrou o pedido de uma universidade. Em São Nicolau, a educação apresenta um dos principais déficits do município. A Taxa de Analfabetismo (2000), obtida no FEE-RS (2011) é de 19,94%; absurdamente superior em relação aos outros pesquisados. As visões que comandam as estratégias expressam: ‘Não criamos ambição nas crianças,

nem coragem para ajudar a mudar suas vidas. Parece que quanto mais as pessoas estudam mais se sentem infelizes e angustiadas'. Um dos entrevistados explica bem a situação: 'Há um relaxamento com relação à educação, em 2011 não poderia ter tantos analfabetos'.

Quanto ao *PIB total e per capita*. Conforme FEE-RS (2011), em Caxias do Sul o PIB (2008) é de R\$ 11.716.487.000,00, o que, para uma população (2010) de 435.482 habitantes, resulta em um PIB per capita (2008) de R\$ 28.868,00, sendo o mais alto dos três municípios pesquisados. A pesquisa demonstrou influências quanto à entrada de novos habitantes. Entre 2000 e 2010, aumentou 70.000 pessoas. Em Feliz, os dados obtidos FEE-RS (2011) mostram que o PIB (2008) é de R\$ 181.638.000,00; 12.359 habitantes (2010), resultando em um PIB per capita (2008) de R\$ 14.979,00. Uma informação importante é de que os salários regionais melhoram os salários locais, pois forçam a benefícios e levam a possibilidade de crescimento dos trabalhadores locais: 'Todo dia, só para Caxias do Sul, são nove ônibus'. São Nicolau, conforme FEE-RS (2011), o município tem um PIB (2008) de R\$ 56.542.000,00, resultando um PIB per capita (2008) de R\$ 9.414,00, a partir de uma população (2010) de 5.727 habitantes. Entre os detalhes observados é importante salientar a perda de jovens para outras regiões e a má distribuição da renda, pois: 'Um percentual muito grande é muito pobre. 10% têm muito'.

A *pobreza* se visibiliza de forma diferente nos três municípios pesquisados, apresentando volume e forma particular em cada lugar. Em Caxias do Sul, conforme explicam as diversas entrevistas, a pobreza está relacionada com a migração analfabeta ou de pouca escolaridade. Emprego existe para quem tem qualificação. Atualmente as empresas estão abrindo escolas técnicas para quem tem alguma escolaridade. No município de Feliz, o tema Pobreza aparece em poucos casos. A pesquisa demonstrou apenas 50 famílias com Bolsa Família no município. Dizem que não trabalha quem não quer. Conforme observado, mostrou-se impressionante a presença de carros de som pedindo que quem quisesse trabalhar se apresentasse nas empresas indicadas. A Pobreza em São Nicolau está representada em várias falas: 'Existe falta de emprego, muita gente recebe Bolsa Família e há muitos aposentados. O povo é devagar'. Outros dizem: 'Há em grande número, na verdade a maioria. Pensam ser felizes. Se apegam a Deus'. A mesma compreensão se ouve de outros: 'Grande parte sofre. A média ganha muito pouco. Os 'pêlo duro' sentem-se felizes com muito pouco'. As disparidades são facilmente observadas a campo e se assemelham com as dificuldades dos pobres da América Latina.

O [24] IBGE (2011b) apresenta o mapa da pobreza (2003) em que o percentual de Caxias do Sul é 20,93%; Feliz 15,95% e São Nicolau 38,64% e o impressionante 0,40 de Gini para os três municípios, em demonstração às desigualdades entre a renda interna dos que têm mais e a dos que têm menos.

A *Expectativa de Vida* ao Nascer (2000) representa dado importante para a análise do desenvolvimento. A de Feliz é (FEE-RS, 2011) de 75,54 anos; Caxias do Sul de 74,11 anos; e São Nicolau de 69,79 anos. 5,75 anos de diferença entre a maior e a menor pesquisada, um bom tempo para se viver. Os dados apresentados estão de acordo com o conjunto dos dados levantados, especialmente os relacionados à qualidade de vida.

Quanto a *mortalidade infantil* novamente aparecem disparidades importantes na pesquisa. Em Caxias do Sul, o Coeficiente de Mortalidade Infantil (2009), obtido no site da FEE-RS (2011) é de 11,99 por mil nascidos vivos. Para Feliz é de 17,39; e em São Nicolau de 44,78, número muito acima dos dois primeiros.

Os *Aspectos Ambientais* dos três municípios pesquisados apresentam-se díspares. Em Caxias do Sul observaram-se diminuição das águas dos principais rios a partir de processos de irrigação, uso de venenos em grande quantidade, desmatamento urbano, problemas com transportes, poluição ambiental e segurança. Em relação a Feliz, não apareceram queixas com relação à poluição ambiental na cidade; no interior, levantou-se grande quantidade de venenos nas lavouras de hortifrutigranjeiros, bem como enchentes. Em São Nicolau 'a cidade está perto da lavoura, onde passam venenos e secantes'. Outros se queixam de que o rio Uruguai e o Piratini estão poluídos pela ação das grandes cidades que estão acima, fala-se de lixo e dejetos dos curtumes. Outra questão apontada é a pesca no período da piracema. Uma série de entrevistas falou da falta tradicional de chuvas em São Nicolau.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando a ideia de causa e efeito do desenvolvimento, pode-se dizer que os aspectos relacionados às causas das capacidades humanas e sociais do desenvolvimento são a Confiança, Liderança, Empreendedorismo e Educação; que foram os índices formadores do “Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local e Regional”.

Efeitos dessas causas pode-se afirmar que são o PIB per capita e PIB total, a Pobreza, a Expectativa de Vida, a Mortalidade Infantil, o reflexo no Aspecto Ambiental, entre outros aqui não aprofundados.

A grande questão respondida é do ponto de vista humano e social por que os três municípios foco da pesquisa resultaram em realidades tão diferentes: **Caxias do Sul** (1875-2011): Quantitativamente obteve o Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local de **0,63**, composto pelos índices de Confiança 0,48; Liderança 0,58; Empreendedorismo 0,72; e Educação-escolarização 0,72. A análise qualitativa demonstrou relação com os resultados quantitativos, pois, nos 136 anos desde a sua fundação, o município vem aproveitando adequadamente seus potenciais endógenos, de capital social e humano a partir da cultura italiana que é hegemônica, bem como soube fazer sua localização adequada às relações de produção e distribuição, desenvolvendo-se de forma que chega à atualidade com um PIB (2008) é de R\$ 11.716.487.000,00, e uma população (2010) de 435.482 habitantes, o que resulta em um PIB per capita (2008) de R\$ 28.868,00, conforme FEE-RS (2011).

**Feliz** (1846-2011): Quantitativamente obteve o Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local de **0,41**, composto pelos índices de Confiança 0,31; Liderança 0,41; Empreendedorismo 0,36; e Educação-escolarização 0,55. A análise qualitativa demonstrou relação com os resultados quantitativos, pois, nos 165 anos do seu contínuo histórico, vem priorizando determinadas vertentes do desenvolvimento, como a educação, saúde e a qualidade de bens individuais, que estão relacionados à cultura local, responsável por tornar o município o de “Melhor qualidade de Vida do Brasil em 1998”. O PIB (2008) é de 181.638.000,00; 12.359 habitantes (2010), resultando em um PIB per capita (2008) de 14.979,00, conforme informações da FEE-RS (2011).

**São Nicolau** (1626-2011): Quantitativamente obteve o Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local de **0,19**, composto pelos índices de Confiança 0,24; Liderança 0,21; Empreendedorismo 0,18; e Educação-escolarização 0,12. A análise qualitativa demonstrou relação dos resultados quantitativos, pois, nos 385 anos de sua história, demonstrou fragilidades com relação aos resultados produtivos. O capital social e humano parece ter sido demarcado profundamente pela hegemonia nativa, que teve seu primeiro contato fora do Neolítico em 1626; com isto, pode-se dizer que, no mundo nativo, os valores sociais e humanos são distintos dos valores europeus, marcadamente presentes nos outros dois municípios foco da pesquisa. O PIB (2008) de R\$ 56.542.000,00, resultando um PIB per capita (2008) de R\$ 9.414,00, (notadamente muito mal distribuído), a partir de uma população (2010) de 5.727 habitantes (FEE-RS, 2011).

Caso se analisem separadamente os dados que formaram os resultados do índice, ver-se-á que a Confiança obteve as notas para Caxias 0,48; Feliz 0,31 e São Nicolau 0,25. A medição da Liderança obteve para Caxias do Sul a nota 0,58; Feliz 0,41; e São Nicolau 0,21. No tocante ao Empreendedorismo, as diferenças são ainda mais notáveis. Caxias do Sul obteve nota 0,72; Feliz 0,36; e São Nicolau 0,18. A Educação-escolarização também se mostrou bastante dispare: Caxias obteve índice 0,72; Feliz 0,55; e São Nicolau 0,12. Em termos de anos de escolarização, as diferenças não são muitas, Caxias do Sul tem 2,67 anos a mais do que São Nicolau e 0,77 a mais em relação a Feliz. Revendo a teoria (BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2002, p. 2-3), no que se refere ao impacto da educação sobre a renda *per capita* e o nível de salários, vemos, que um ano a mais de escolaridade da força de trabalho aumentaria a renda *per capita* brasileira em 20%; estes impactos, diretos nos processos. Há também impactos indiretos “como a redução na taxa de mortalidade” [25] (BARROS; MENDONÇA, 1997, p. 3), e em outros intens. Os 2,67 anos a mais em relação a São Nicolau já variariam o valor dos salários pagos em 53,4%, bom motivo para a migração interna no Estado em busca de melhores salários, conforme demonstrado nas entrevistas pelos pais que dizem que seus filhos estão indo embora para a Serra Gaúcha por este motivo.

Por último, reafirmar os elementos fundantes do “Índice de Capacidade Humana e Social do Desenvolvimento Local e Regional”, que é apostar no aumento da confiança, da liderança, do

empreendedorismo e da educação como base das causas que darão os efeitos esperados no desenvolvimento dos municípios, regiões, estados e países.

## REFERÊNCIAS

- [1] IBGE. **Índice de educação**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=16&i=P&c=2986>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- [2] GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- [3] FEE-RS. **Municípios – RS**. Obtido em <[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg\\_municipios.php?letra=S](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios.php?letra=S)>. Acesso em 11 mai. 2011.
- [4] MALHOTRA, Naresch. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: BOOKMAN, 2001.
- [5] BOISIER, Sérgio. Desenvolvimento e desenvolvimento local. In. SIEDENBERG, R. Dieter. **Dicionário do desenvolvimento regional** (Coord.). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 69-70.
- [6] PORTER, Michael E. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.
- [7] BARQUERO, Antonio Vázques. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: FEE/UFRGS, 2001.
- [8] PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- [9] SCHULTZ, Theodore W. **O valor econômico da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- [10] FRIEDMANN, John. **Aspectos locais do desenvolvimento econômico**. Salvador-Bahia: Progresso, 1957.
- [11] RICHARDSON, Harry W. **Economia regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- [12] GROOTAERT, Christiaan et al. **Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS)**. Banco Mundial, 2003. Disponível em: <<http://www.contentdigital.com.br/textos/comunidades/Questionario>>. Acesso em: 25 nov. 2010.
- [13] SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- [14] KOTTER, John P. **Liderando mudança**. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- [15] PAIVA, Carlos Águedo Nagel. **Por que alguns municípios gaúchos crescem tanto e outros tão pouco?** Um estudo sobre a evolução das desigualdades territoriais no RS entre 1970-2000. Textos para Discussão, n. 35. Porto Alegre: FEE-RS, 2008.
- [16] BARROS, Ricardo; HENRIQUES Ricardo; MENDONÇA, Rosane. **Pelo fim das décadas perdidas: educação e desenvolvimento sustentado no Brasil**. Texto para discussão n. 857. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td\\_0857.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td_0857.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2010.
- [17] SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- [18] SIEDENBERG, Dieter R. **Indicadores de desenvolvimento socioeconômico, uma síntese. Desenvolvimento em questão**. Revista do Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento, gestão e cidadania. Ijuí: UNIJUÍ, p. 45-71, 2003.
- [19] BOISIER, Sérgio. **Um ensayo epistemológico y axiológico sobre gestión del desarrollo territorial: conocimiento y valores**. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Universidade de Alcalá de Henares, Santiago do Chile, Alcalá de Henares. 2005.
- [20] SENNA, José Júlio. **Os parceiros do rei: herança cultural e desenvolvimento econômico no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- [21] BELLEN, Hans Michael Van. **Desenvolvimento sustentável e indicadores de sustentabilidade**. Disponível em: <<http://homologa.ambiente.sp.gov.br/EA/adm/admarqs/HansMichael.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2010.
- [22] SCHUMPETER, Joseph A. **Fundamentos do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- [23] OLIVEIRA, José Roberto de. **Pedido de perdão ao triunfo da humanidade: a importância dos 160 anos das missões jesuítico-guarani**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

[24] IBGE. **Mapa de pobreza e desigualdade** - municípios brasileiros 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em jul. 2011b.

[25] BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA Rosane. **Investimentos em educação e desenvolvimento econômico**. Texto para Discussão nº 525. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. Disponível em: <[http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/1997/td\\_0525.pdf](http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/1997/td_0525.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2010.

# AS SALAS DE CINEMA NA MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE: UM ESTUDO PARA POTENCIALIZÁ-LAS.

Lia Micaela Bergmann<sup>1</sup>  
Martin Ledermann<sup>2</sup>

## RESUMO

A demanda pelos serviços das salas de cinema tem diminuído consideravelmente nos últimos anos, em especial para os cinemas independentes. Isso ocorre não somente pela facilidade de acesso a novas tecnologias, mas principalmente pela falta de público e de recursos financeiros suficientes para acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Desta forma, o presente estudo teve como objetivo identificar possíveis ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Do ponto de vista da pesquisa, esta se classificou quanto aos fins, como exploratória e descritiva; e quanto aos meios como pesquisa bibliográfica, de campo, qualitativa e quantitativa. O presente estudo identificou que o perfil dos clientes é variado e que estes frequentam as salas de cinema por entretenimento e lazer e para aproveitar a companhia de amigos, família e namorados(as). Por outro lado, as salas desconfortáveis, preço alto, filmes atrasados e poucas opções de filmes oferecidos são considerados atributos desmotivacionais para a ida ao cinema. Desta forma, as ações propostas para potencializar as salas de cinema estão baseadas em melhorias na infraestrutura, conforto, propaganda, promoções, produtos e serviços prestados e devem fazer parte de uma estratégia de *marketing* permanente, visando atender as expectativas dos clientes das salas de cinema.

Palavras-chave: pesquisa - Mesorregião Noroeste Rio-Grandense – cinema – qualitativa - quantitativa.

## INTRODUÇÃO

Em 28 de dezembro de 1895, em Paris, os irmãos Lumière promoveram a primeira exibição pública em seu *cinematógrafo* (MONDADORI, 1980). Neste dia surgiu uma nova arte, chamada então de sétima arte. Entretanto, o cinema passou por diversas transformações até chegar no formato atual. A entrada dos videocassetes e DVDs contribuiu para uma drástica mudança no perfil e no comportamento do consumidor das salas de cinema. Além disso, a disponibilização de cópias não autorizadas de filmes (pirataria), aliada à falta de recursos para renovação do negócio, contribuiu para que inúmeras salas de cinema fossem fechadas em todo o país (CHALUPE, 2010).

Embora muito se discuta a respeito da diminuição dos frequentadores nas salas de cinema de algumas regiões, e da relação desta com o aumento da pirataria e facilidade de acesso a novas tecnologias, poucos estudos foram apresentados nesse íterim. Desta forma, o objetivo do presente trabalho foi identificar ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Para tal, os seguintes objetivos foram estabelecidos: (1) identificar o perfil dos clientes das salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense; (2) analisar os motivos que levam os clientes a frequentar as salas de cinema; (3) constatar os motivos que levam os clientes a deixar de frequentar as salas de cinema; (4) verificar qual é o futuro das salas de cinema na opinião dos empresários das salas e especialistas de cinema; e (5) propor ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense.

De acordo com os autores Kotler, Jain e Maesincee (2002), os mercados atuais estão mudando com rapidez e os clientes estão exigindo mais. As empresas que querem se manter nesse mercado devem estar constantemente atualizadas e devem esforçar-se ao máximo para satisfazer as

---

<sup>1</sup> Administradora. Auxiliar de Contabilidade – Dinâmica: Assistência Empresarial SS Ltda.  
lia.bergmann@unijui.edu.br.

<sup>2</sup> Administrador. Mestre em Desenvolvimento – Unijui: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. mclledermann@unijui.edu.br.

necessidades de seus clientes, de maneira rápida, minimizando o gasto de tempo e aumentando a eficiência de seus colaboradores. Dessa forma, percebe-se a importância deste estudo, já que se configura em um importante instrumento de apoio à decisão aos empresários das salas de cinema pesquisadas, os quais poderão criar novas estratégias de divulgação e promoção de seus produtos e serviços.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 CLASSIFICAÇÃO DO ESTUDO

A classificação do estudo refere-se ao tipo de pesquisa que foi realizada. Nesse caso, classificou-se quanto aos fins e quanto aos meios (VERGARA, 1998). Quanto aos fins, a pesquisa é exploratória e descritiva; e quanto aos meios é pesquisa bibliográfica, de campo, qualitativa e quantitativa.

A pesquisa exploratória tem como objetivo explorar um problema ou uma situação para prover critérios e compreensão (MALHOTRA, 2001). Neste caso, a pesquisa classificou-se como exploratória, pois foram identificadas ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Esta pesquisa pôde ainda ser classificada como descritiva. De acordo com Malhotra (2001), o principal objetivo da pesquisa descritiva é descrever alguma coisa, geralmente características ou funções do mercado.

A pesquisa bibliográfica abrange a bibliografia necessária para execução do estudo, colocando o pesquisador em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto em questão (MARCONI e LAKATOS, 2010). Dessa forma, esse estudo classificou-se como bibliográfico, pois foram consultados livros, artigos científicos, dissertações e rede eletrônica sobre os temas abordados no referencial teórico.

Esta pesquisa caracterizou-se ainda como pesquisa de campo, pois foi necessário o deslocamento da autora até as salas de cinema da região para realizar as entrevistas e a aplicação dos questionários. Vergara (1998) define pesquisa de campo como uma investigação realizada no local onde ocorreu ou ocorre um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo.

Classificou-se ainda como pesquisa qualitativa, pois conforme Zamberlan (2008), essa pesquisa proporciona melhor visão e compreensão do contexto do problema. É o caso das entrevistas em profundidade feitas aos empresários das salas, pois a entrevista possibilitou abordar questões que não haviam sido apresentadas no roteiro de entrevista. O roteiro de entrevista foi utilizado, pois nem sempre é possível ou conveniente utilizar métodos estruturais ou formais para obtenção dos resultados (MALHOTRA, 2001).

Por fim, esse estudo classificou-se também como quantitativo, pois foi aplicado um questionário com questões fechadas e abertas a 208 clientes das salas de cinema pesquisadas. Posteriormente estes dados foram quantificados através da utilização de um *software* estatístico. Segundo Marconi e Lakatos (2010), no método quantitativo, os pesquisadores valem-se de amostras amplas e de informações numéricas.

### 2.2 UNIVERSO AMOSTRAL

O universo amostral faz a apresentação da amostra pesquisada. Por amostra define-se um subgrupo de uma população, selecionado para participação de um estudo. A técnica de amostragem utilizada nesse trabalho foi não probabilística. Nessa técnica, o pesquisador pode, arbitrária ou conscientemente, decidir os elementos a serem incluídos na amostra (ZAMBERLAN, 2008).

Este estudo teve como objetivo principal propor ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Para isso, as salas de cinema e cidades pesquisadas foram: Movie Arte Cinemas de Erechim, Cine Cultural de Santa Rosa, Cine Cisne de Santo Ângelo, Cine Lux de São Luiz Gonzaga e Cine Teatro Globo de Três Passos.

A técnica de amostragem para a escolha dos frequentadores foi a não probabilística por conveniência, pois foi aplicado aos clientes das salas de cinema, antes do início de cada sessão, ou

seja, os entrevistados foram escolhidos por estarem no lugar e no momento certo (AEKER; KUMAR; DAY, 2007). Em relação ao tamanho da amostra obteve-se 208 questionários válidos.

A técnica de amostragem para a escolha dos empresários foi não probabilística por julgamento. Conforme Zamberlan (2008) o pesquisador exerce seu julgamento, escolhendo as pessoas a serem incluídas na amostra por serem representativas da população de interesse ou apropriadas por algum outro motivo; que neste caso foi de conseguir obter informações sobre a situação atual e futura das salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, a fim de responder ao objetivo geral deste estudo.

A técnica de amostragem utilizada para a escolha dos especialistas também foi não probabilística por julgamento, já que estes foram escolhidos com base no julgamento da pesquisadora. Nesse caso, o julgamento utilizado foi de que deveriam conhecer a respeito do mercado de salas de cinema no país. De acordo com Malhotra (2001), as entrevistas com especialistas podem ser utilizadas quando se tem escassez de informações de outras fontes e tem como finalidade ajudar a definir o problema em questão.

Desta forma, os especialistas escolhidos foram Alex Pires Duarte, cineasta independente, de Ijuí/RS; Alice Dubiana Trusz, historiadora profissional, de Porto Alegre/RS; Cíntia Langie, professora de cinema, de Pelotas/RS; Larry Antônio Wisniewski, professor (atuou como secretário da cultura), de Santa Rosa/RS; Leandro Valiati, professor e pesquisador em Economia da Cultura, de Porto Alegre/RS; Luiz Gonzaga Assis de Luca, administrador de empresas, de São Paulo/SP e Ricardo Difini Leite, sócio diretor do Grupo Nacional de Cinemas (GNC), de Porto Alegre/RS.

### 2.3 COLETA DE DADOS

Esta etapa refere-se a como foram coletados os dados da pesquisa junto aos clientes, empresários das salas e especialistas de cinema.

A aplicação do questionário com os clientes das salas de cinema teve início no dia 28/05/2011 e término no dia 25/06/2011. O método de coleta de dados foi entrevista pessoal por abordagem, já que os entrevistados foram abordados pela pesquisadora nas salas de cinema da região, antes do início de cada sessão. Nesse momento, os questionários eram entregues aos clientes e os mesmos os respondiam. No final da sessão de cinema, os questionários eram devolvidos à pesquisadora. De acordo com Malhotra (2001), a vantagem deste tipo de abordagem está na facilidade do entrevistador ir até o entrevistado, e não ao contrário.

As entrevistas em profundidade com os empresários das salas de cinema ocorreram no período de 17/06/2011 a 13/07/2011, sendo que foram realizadas pela autora deste estudo. Para tal, utilizou-se de um roteiro de entrevista, no qual o rumo da entrevista foi determinado pelas sondagens da entrevistadora e pelas respostas dos entrevistados.

Já o roteiro de entrevista aplicado aos especialistas de cinema foi realizado através de dois métodos de entrevista: entrevista em profundidade e *survey*. A entrevista em profundidade com o senhor Larry Antônio Wisniewski, ocorreu no dia 02/07/2011, na cidade de Santa Rosa, em função do entrevistado estar na cidade no mesmo período que a autora estava realizando a pesquisa com os clientes do Cine Cultural.

Já o modo de aplicação do método *survey*, realizado com os demais especialistas, foi entrevista telefônica tradicional que, de acordo com Malhotra (2001), consiste em telefonar para o entrevistado e realizar uma série de perguntas. Para tal, a pesquisadora telefonou para os especialistas de cinema, realizou as perguntas e registrou suas respostas. As entrevistas ocorreram no período de 15/06/2011 a 22/07/2011 e tiveram duração média de 25 minutos, ocorrendo em horários variados e de acordo com a disponibilidade da entrevistadora e dos entrevistados.

### 2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nessa etapa, apresenta-se como foi feita a análise e interpretação dos dados e informações coletadas através dos questionários, roteiros de entrevista e método *survey*.

O questionário aplicado aos clientes das salas de cinema é de origem quantitativa, pois trabalha com um grande número de casos, a coleta de dados é estruturada e a análise de dados é



estatística. Ao término da coleta de dados nas salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, fez-se necessário a tabulação dos dados, ocorrida no período de 09/07/2011 a 15/07/2011. Para tal, utilizou-se do *software* SPSS 16.0 for Windows, o qual calculou a frequência e percentual das respostas. Após esse processo, as tabelas foram exportadas para o programa Microsoft Excel 2010, onde foram transformadas em gráficos e tabelas.

As entrevistas em profundidade são classificadas quanto à sua natureza como qualitativas. Conforme Marconi e Lakatos (2010) a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, fornecendo a análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências.

A análise e interpretação dos dados teve início no dia 18/07/2011, ou seja, após todos os dados serem tabulados, transformados em gráficos e transcritos (no caso das entrevistas). Esta etapa foi feita a partir da interpretação dos gráficos, das respostas dos empresários das salas e dos especialistas de cinema, confrontando, quando necessário, com conceitos apresentados no referencial teórico e visando responder aos objetivos propostos neste estudo.

### 3 EMBASAMENTO TEÓRICO

#### 3.1 A HISTÓRIA DO CINEMA

A palavra *cinematógrafo* é de origem grega (de “*kinema*”, movimento, e “*graphein*”, registrar), e foi reduzida para cinema, que significa registro de movimento. Criado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, o *cinematógrafo*, aparelho movido à manivela, era capaz de exibir um filme uniformemente, sem interrupções para que várias pessoas o vissem ao mesmo tempo (MONDADORI, 1980). A primeira sessão de cinema no mundo foi realizada em 28 de dezembro de 1895. Já no Brasil, realizou-se em oito de julho de 1896 com apresentação de paisagens e anunciada como “fotografia animada”.

Por volta de 1925, a indústria cinematográfica passava por uma crise. Era necessário algo sensacional para atrair novamente o público aos cinemas. Foi então que a produtora americana Warner Bros, adquiriu a patente do *vitafone* e ousou apresentar um filme com acompanhamento musical sincronizado. Em 06 de outubro de 1927, estreou-se o filme musical “O cantor de jazz”, onde o espectador ouviu pela primeira vez a voz de um ator na tela. O acontecimento teve sucesso internacional e forçou substanciais modificações nas estruturas técnicas dos estúdios cinematográficos.

Alguns anos mais tarde, muitos técnicos, baseando-se sobre o que havia sido pesquisado no campo da fotografia, inventaram uma tecnologia destinada a dar cor ao cinema. Uma das primeiras patentes foi o processo *Technicolor* (pertencente à Technicolor Motion Picture Corporation), usado no primeiro filme colorido produzido em 1935, nos Estados Unidos, com o título de “Vaidade e Beleza”. Assim, a voz e a cor ingressavam triunfalmente no cinema (MONDADORI, 1980).

Até então, o cinema enquadrava-se somente no formato analógico. Atualmente, existe o cinema digital. A diferença entre estes dois mecanismos está no modo de produção, que resulta em diferentes custos. A produção analógica significa um alto valor investido para se ter um filme (atores, cenários, rolos de filme). Já o mecanismo digital não utiliza rolos de filmes e possibilita produções com menor número de pessoas disponíveis, já que os atores e cenários podem ser substituídos por recursos gráficos oferecidos por *softwares* (FANFA, 2008).

#### 3.2 SERVIÇOS

De maneira simplificada, serviços são ações, processos e atuações. Grönroos (2009) declara que um serviço é um processo que consiste em uma série de atividades mais ou menos intangíveis, que geralmente ocorrem nas interações entre clientes e funcionários de serviços e que são fornecidos como soluções para problemas do cliente. Já Las Casas (1999) declara que a qualidade do serviço é variável de acordo com o tipo de pessoa e que os clientes ficam satisfeitos ou não, de acordo com as suas expectativas. Os serviços de entretenimento, por sua vez, procuram proporcionar a satisfação simulada de um desejo, ou então, tornar menos pesado o fardo monótono do dia a dia (SCHIMITZ, 2008), pois as pessoas procuram aliar atividades do cotidiano com momentos prazerosos e de descontração.

### 3.3 PERFIL DO CONSUMIDOR

As salas de cinema são empresas prestadoras de serviços de entretenimento. Em função dos serviços serem fornecidos como soluções para problemas dos clientes, torna-se necessário identificar o perfil dos consumidores para melhor identificar as estratégias a serem utilizadas (GRÖNROOS, 2009). Uma maneira de definir este perfil é através do processo de segmentação do mercado, onde os agregados do mercado podem ser subdivididos em segmentos menores do mercado-alvo, com base nas características geográficas, demográficas, psicográficas e comportamentais (SANDHUSEN 1998).

Em relação ao perfil do consumidor das salas de cinema, De Luca (2004) declara que os títulos destinados ao cinema passaram a ter grandes atrativos para que fizessem o espectador sair do conforto de seu lar. Em sua maioria, ditam modismos, de forma a exigir que o espectador jovem o veja para estar “em dia”. O público pertencente à faixa etária de 14 a 25 anos passou a representar cerca de 60% da frequência nas salas de cinema.

### 3.4 COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

O estudo do comportamento do consumidor é o estudo de como os indivíduos tomam decisões de gastar seus recursos (tempo, dinheiro, esforço) em itens de consumo (SCHIFFMANN e KANUK, 2000), ou seja, visa analisar o que compram, porque compram, quando, onde e com que frequência compram e usam o que compram. Westwood (2007, p.7) declara que “alguns consumidores demonstram preferência por determinados produtos de acordo com as tradições e condições locais, ou por causa da cultura nacional”.

O comportamento do consumidor que frequenta as salas de cinema mudou bastante nos últimos anos. Isso porque, deixou de se fazer um consumo imediato, uma vez que os cinemas não estão mais tão próximos dos domicílios como estavam antigamente. Os altos custos de funcionamento dos cinemas em *shoppings* resultaram no aumento do preço dos ingressos. Estes, somados às necessidades de locomoção e do padrão de vida dos consumidores brasileiros, fizeram com que o hábito de frequentar as salas de cinema fosse direcionado para um consumo de final de semana, ou um programa pré-estabelecido (ALMEIDA e BUTCHER, 2003).

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

### 4.1 PERFIL DOS CLIENTES DAS SALAS DE CINEMA

De acordo com pesquisa efetuada junto aos clientes das salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense, identificou-se que 53% dos respondentes pertenciam ao gênero masculino e 47% ao gênero feminino. Em relação à faixa etária, 47% tinham de 18 a 29 anos e 30% até 17 anos. Quanto ao estado civil, a maioria dos entrevistados eram solteiros (63%), o que pode estar relacionado com o fato de que a maioria dos respondentes declararam ainda residir com os pais (58,65%). Além disso, identificou-se que 27,40% tinham ensino superior incompleto e 20,19% ensino médio incompleto, o que sugere que a maioria dos respondentes eram estudantes.

Ainda em relação ao perfil dos clientes das salas de cinema, identificou-se que 30,29% destes não possuíam renda e 29,33% recebiam de R\$ 601,00 a R\$ 1.200,00 mensais. Além disso, identificou-se a presença de clientes de outros municípios e estados vizinhos. Isso quer dizer que, muitas vezes, as pessoas que moram em outras cidades, vão para o interior visitar parentes e amigos e aproveitam o passeio para frequentar as salas de cinema.

Os empresários das salas, por sua vez, declararam que o perfil dos clientes é variado. O público mais jovem prefere os filmes mais divulgados na mídia. Já o público mais velho, tem preferência pelos filmes antigos, com atores conhecidos por eles, como Mazzaropi e Teixeira, por exemplo.

## 4.2 MOTIVOS QUE LEVAM OS CLIENTES A FREQUENTAR AS SALAS DE CINEMA

Em relação aos motivos que levam os clientes a frequentar as salas de cinema, identificou-se que a maioria frequenta por entretenimento e lazer (28,69%); geralmente na companhia de namorado(a), esposo(a), noivo(a) (54,81%) e amigos (26,44%). Os gêneros cinematográficos preferidos pelo público são comédia (14,73%), aventura (11,33%) e ação (10,92%).

Para obter informações a respeito dos filmes que estão sendo exibidos nas salas de cinema, a maioria dos frequentadores utiliza os cartazes (31,69%). As opções jornais, *internet* e TV também geraram um bom resultado (17,49%, 16,67% e 10,93%, respectivamente). Entretanto, a propaganda via rádio, comumente utilizada pelos empresários das salas, parece não surtir tanto efeito quanto deveria, exceto pelo público acima de 50 anos. Quanto aos atributos considerados importantes em relação às salas, identificou-se que a limpeza e higiene (20,30%), qualidade do áudio (16,10%), conforto das poltronas (15,40%) e a projeção (12,37%) são os atributos mais valorizados pelos clientes. Destaca-se que estas questões são mais valorizadas pelos clientes do que o preço dos ingressos, o qual apresentou apenas 10,74% de frequência nas respostas. Conforme De Luca (2004), o mais importante para o consumidor dos serviços oferecidos pelas salas de cinema é a atualidade e novidade, ou seja, paga-se bem, desde que o filme esteja sendo oferecido em seu lançamento. Já os atributos considerados importantes pelos clientes em relação aos filmes são: roteiro (18,21%), elenco (17,79%), efeitos especiais (14,07%) e gênero cinematográfico (13,66%).

Os atributos que os clientes levam em consideração e que influenciam na decisão de escolha de um filme são, na opinião dos empresários das salas, o gênero, os atores e a mídia. Os filmes com grande divulgação despertam interesse no público. No entanto, a maior dificuldade encontrada por estas empresas está relacionada ao retardo em exibir estes filmes. Isso porque, além do custo alto, as cidades do interior não têm público, salas e horários suficientes para disseminar esse material.

## 4.3 MOTIVOS QUE LEVAM OS CLIENTES A DEIXAR DE FREQUENTAR AS SALAS DE CINEMA

Os fatores que os clientes consideram desmotivacionais para frequentar as salas de cinema são: pessoas conversando durante o filme (14,05%), celular tocando (10,82%), falhas na projeção (10,21%), sala desconfortável (9,69%), preço alto (8,81%), filmes atrasados (8,55%) e poucas opções de filmes oferecidos (8,03%). Isso influencia na frequência com que os clientes frequentam as salas de cinema, sendo que nesta pesquisa identificou-se que 40,87% frequentavam as salas esporadicamente e 29,33% uma vez por mês. Os dias da semana que o público mais frequenta as salas são sábado (46,39%), domingo (23,71%) e sexta-feira (18,81%).

Na opinião dos empresários, os clientes deixam de frequentar as salas de cinema em função da comodidade do lar e da facilidade em assistir aos filmes por outros meios, como os DVDs, as TVs por assinatura e a *internet*. Além disso, o cinema não é mais uma opção única de entretenimento e lazer como foi no passado, tornando-se secundária a outras atividades.

Em relação à demanda pelos serviços das salas de cinema, os empresários declararam que aumentou nas cidades grandes e diminuiu nas cidades do interior. Isso porque, a maioria dos cinemas do interior não conseguiram se atualizar e acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Além disso, comentaram que varia muito. O cinema, assim como o comércio, tem períodos bons e ruins, depende do filme, da época e até mesmo de outras atividades que estejam acontecendo no município.

O tempo de espera para exibição de um filme após o lançamento é em torno de quatro semanas. De acordo com os empresários, eles não conseguem exibir os filmes no lançamento em função de: (1) o custo de um filme no lançamento ser muito alto; (2) as distribuidoras quererem retorno de público, difícil para as cidades do interior, com baixa população; (3) não há cópias suficientes disponíveis; e (4) nem todos os filmes proporcionam retorno nas cidades do interior, fazendo com que os empresários tenham que “adivinhar” qual filme fará sucesso para posteriormente investir nele.

Sobre a demora que os filmes levam para serem exibidos nas salas de cinema do interior, os especialistas declararam que nem todos os clientes irão esperar um mês para ver o filme no cinema, em especial os filmes de muita procura pelo público. Tem uma série de procedimentos ilegais que

colocam o filme à disposição do consumidor (*internet* e DVDs piratas) antes mesmo que seja exibido em algumas salas de cinema.

#### 4.4 FUTURO DAS SALAS DE CINEMA

Sobre o futuro das salas de cinema, a maioria dos empresários declarou que o cinema nunca deixará de existir, pois é um diferencial e uma atividade de lazer, a qual as pessoas podem encontrar outras pessoas e se divertir. Além disso, o cinema tem inventado maneiras de trazer o público de volta às salas de cinema, como o cinema 3D, 4D e 6D, por exemplo. O empresário do Cine Cisne de Santo Ângelo declarou que esse é o futuro e que as empresas devem estar preparadas para se atualizar, ou muitas salas serão fechadas, como já aconteceu anos atrás. O empresário do Movie Arte Cinemas de Erechim relatou estar com medo, pois a tecnologia está tão evoluída que não se sabe o que acontecerá no futuro, e que existe a possibilidade do cinema deixar de existir.

O empresário do Cine Cultural de Santa Rosa comentou a importância do apoio da prefeitura e outras instituições públicas para ajudar a manter o cinema na cidade. Os empresários do Cine Cultural e do Cine Cisne declararam que as instituições públicas ajudam muito o cinema em Santa Rosa e Santo Ângelo, através da divulgação nas escolas e ao público em geral, pelas rádios e emissoras de TV. Por outro lado, os empresários do Movie Arte Cinemas de Erechim, do Cine Lux de São Luiz Gonzaga e do Cine Teatro Globo de Três Passos declararam não ter incentivo algum. Estes comentaram que as prefeituras poderiam auxiliar divulgando o cinema nas escolas e contribuindo com algum valor (ou através de permuta) para adquirir os filmes mais próximos ao lançamento.

Quando questionados sobre como imaginam as salas de cinema que gerenciam daqui a dez anos, os empresários do Movie Arte Cinemas, do Cine Cisne e do Cine Lux declararam que esperam que esteja muito melhor, que tenham evoluído, estejam atualizadas e que ofereçam mais conforto aos clientes. Já os empresários do Cine Cultural e do Cine Teatro Globo de Três Passos declararam que só Deus sabe, pois o mundo está evoluindo rapidamente.

Assim como os empresários das salas, os especialistas declararam que dificilmente as salas de cinema deixarão de existir. Comentaram, porém, que a tendência é que diminuam (caso as pessoas e o governo não incentivarem) e concentrem-se em nichos e serviços diferenciados. Além disso, os especialistas relataram que a palavra ordem é adaptação, pois o cinema sozinho não irá sobreviver, ou seja, deve estar ligado a outras atividades de lazer e entretenimento, em especial os cinemas do interior, que possuem poucas condições de se atualizar às novas tecnologias.

#### 4.5 AÇÕES PARA POTENCIALIZAR AS SALAS DE CINEMA

Com base nos resultados obtidos através da pesquisa com os clientes, entrevista com os empresários das salas de cinema e do método *survey* aplicado junto aos especialistas de cinema, apresentam-se nesta etapa algumas das ações propostas aos empresários para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense.

Centro cultural: sugere-se que os empresários façam um cinema ligado a outras atividades de entretenimento e lazer, como forma de manter os clientes em um local onde possam realizar várias atividades. Sugere-se que o ambiente tenha basicamente uma área de gastronomia e uma sala de cinema multiuso, onde além de filmes, possam ser exibidos outros conteúdos ou possam ser realizadas palestras e teatros, quando se tem pouca oferta de filmes.

Disseminação da cultura: oferecer, além de entretenimento, cultura à população, através da exibição de sessões de filmes brasileiros, teatro ou filmes e palestras com conteúdo de importante conhecimento para a sociedade em geral.

Diversificação de horários: oferecer uma variedade de datas e horários para que a população possa assistir aos filmes que estão em cartaz. Muitas pessoas deixam de frequentar as salas de cinema, por terem outras atividades a serem realizadas no horário da sessão.

Incentivar as crianças: formar parcerias com as escolas para que as crianças criem o hábito de frequentar as salas de cinema. Além disso, existem diversos filmes infantis que os professores podem trabalhar em sala de aula, os assuntos abordados nestes.

Divulgação pela *internet*: sugere-se que os empresários utilizem a *internet* como forma de divulgar os serviços oferecidos pelas salas de cinema. Através desta, o empresário pode valer-se das redes sociais, sites (do cinema, e de outras empresas parceiras), *blogs* e *e-mails* como forma de manter contato com o público frequentador das salas para sugestões, reclamações, dúvidas, horário das sessões, filmes em cartaz, pesquisas, *trailers*, entre outros.

Variedade de filmes: o gênero cinematográfico favorito dos frequentadores das salas de cinema do presente estudo é variado. Além disso, o gênero é o quarto atributo considerado mais importante na escolha de um filme. Desta forma, sugere-se que haja uma variedade de filmes para que os clientes possam decidir quais irão assistir. Caso as salas de cinema ofereçam o mesmo filme, durante duas semanas, por exemplo, mesmo um cliente que frequenta as salas de cinema a cada filme exibido, a frequência deste será de apenas duas vezes ao mês.

Investir na infraestrutura: as salas de cinema devem, primeiramente, investir em uma boa estrutura de som, imagem e conforto, condições básicas para a prestação dos serviços oferecidos pelas salas de cinema. Atendidas estas condições, as salas devem buscar serviços complementares, como o 3D, por exemplo. Incentivos governamentais podem ser buscados visando melhorar estas questões.

Anúncios de outras empresas: diversas empresas da cidade podem fazer divulgação de seus produtos e serviços, através de rápidos anúncios antes do início das sessões de cinema.

Campanhas publicitárias de conscientização dos frequentadores das salas de cinema: assim como os rápidos anúncios, os empresários das salas podem fazer campanhas publicitárias solicitando aos clientes que desliguem os celulares e evitem conversar muito alto durante a exibição dos filmes, pois, conforme pesquisa efetuada, pessoas conversando durante os filmes e celular tocando são considerados os dois primeiros fatores desmotivacionais mais citados pelos respondentes (14,05% e 10,82%, respectivamente).

Promoções: realizar promoções para casais, para a família inteira, para quando um cliente trazer amigos e para o público de baixa renda como forma de atrair novos clientes e fidelizar os atuais.

Parcerias com salas de cinema da região: os clientes reclamaram sobre a demora das salas exibirem os filmes após o lançamento, e os empresários e especialistas comentaram que os filmes que tem muita divulgação na mídia, despertam maior interesse no público. Desta forma, sugere-se que os empresários formem uma parceria para adquirir os filmes mais próximos ao lançamento, possibilitando satisfazer os desejos dos frequentadores das salas e gerando retorno de bilheteria para as distribuidoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A demanda pelos serviços das salas de cinema tem diminuído consideravelmente nos últimos anos. No entanto, as empresas estruturadas em rede têm conseguido, através dos cinemas no formato *multiplex*, recuperar o hábito dos consumidores a frequentar as salas de cinema. Por outro lado, tem-se a diminuição dos cinemas de rua e independentes, causadas pela pouca frequência de público e da falta de recursos financeiros suficientes para acompanhar o desenvolvimento tecnológico.

Em função disso, este trabalho teve como objetivo geral identificar ações para potencializar as salas de cinema na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense. O tema fora escolhido devido à pesquisadora perceber a redução dos frequentadores na sala de cinema de sua cidade, e da curiosidade de saber se o mesmo tem ocorrido nas demais salas de cinema de outros municípios da região.

O presente estudo identificou que as salas de cinema localizadas na Mesorregião Noroeste Rio-Grandense não estão conseguindo acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Embora alguns empresários tenham relatado estar se preparando para colocar uma sala 3D no futuro, deve-se destacar que em pouco tempo essa tecnologia estará obsoleta. No entanto, os empresários devem se concentrar para oferecer questões básicas de qualidade de som e imagem, para posteriormente investir em outros atributos.

As ações propostas no presente estudo estão baseadas em melhorias na infraestrutura, conforto, propaganda, promoções, produtos e serviços prestados e foram descritas com base nos resultados da pesquisa junto aos clientes e sugestões dos especialistas de cinema. Destaca-se que estas ações devem fazer parte de uma estratégia de *marketing* permanente, visando atender as expectativas dos frequentadores das salas de cinema. Pode-se concluir que as empresas que estão em declínio, são

aquelas que não estão atendendo os desejos e necessidades de seu público alvo ou não estão conseguindo acompanhar o seu mercado. A frase “só Deus sabe” mostra o motivo das salas estarem nessa situação.

## REFERÊNCIAS

- [1]MONDADORI, Arnaldo. **Nós e o Cinema**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- [2]CHALUPE, H. **Distribuição: a ponte entre o filme o o espectador**. Socine, São Paulo, n. Ano X, p. 514-529, 2010.
- [3]KOTLER, Philip; JAIN, Dipak; MAESINCEE, Suvit. **Marketing em ação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- [4]VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1998.
- [5]MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- [6]MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- [7]ZAMBERLAN, Luciano. **Pesquisa de Mercado**. Ijuí: Unijui, 2008.
- [8]AEKER, David. A.; KUMAR, V.; DAY, George. S. **Pesquisa de Marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2007.
- [9]FANFA, Jessé. **Adequações sem formas estabelecidas: o fade do cinema analógico para o digital**. Ijuí: Unijui, 2008.
- [10]GRÖNROOS, Christian. **Marketing: gerenciamento e serviços**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- [11]LAS CASAS, Alexandre Luzzi. **Qualidade total em serviços**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999.
- [12]SCHIMITZ, Larissa. **Novos Rumos da Publicidade: uma aliança com a interatividade e entretenimento**. Ijuí: Unijui, 2008.
- [13]SANDHUSEN, Richard L. **Marketing Básico**. São Paulo: Saraiva, 1998.
- [14]DE LUCA, Luiz Gonzaga Assis. **Cinema Digital: um novo Cinema?** 1. ed. São Paulo: Cultura - Fundação Padre Anchieta, 2004.
- [15]SCHIFFMANN, Leon G.; KANUK, Leslie Lazar. **Comportamento do Consumidor**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2000.
- [16]WESTWOOD, John. **O Plano de Marketing**. 3. ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2007.
- [17]ALMEIDA, Paulo Sérgio; BUTCHER, Pedro. **Cinema: desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

# A VALORIZAÇÃO DA GASTRONOMIA COM ATRATIVO TURÍSTICO SUSTENTANDO E DESENVOLVENDO A FENADI-IJUÍ.

Greice Walter Pieper<sup>1</sup>  
Lurdes Marlene Seide Fremming<sup>2</sup>

## RESUMO

O estudo busca avaliar o turismo gastronômico como fator sustentador e de desenvolvimento regional. Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva, utilizando-se de dados primários e secundários buscando descobrir a percepção e valorização dos consumidores a fim de transformar as informações em melhorias atraindo maior número de visitantes e conseqüentemente sustentando e desenvolvendo a região. Após a aplicação, tabulação no software SPSS e análise dos dados, como resultados percebe-se que há valorização da gastronomia como fator cultural, atrativo turístico e modo de definir a identidade de um povo. Além de perceber que as Casas Típicas são uma maneira encontrada para cultivar a arte de gastronomia, preservar a memória e conhecer hábitos e costumes de um povo.

Palavras-chave: Identidade cultural - Casas Típicas – desenvolvimento – atrativo turístico.

## INTRODUÇÃO

A gastronomia é o resgate do patrimônio culinário, é símbolo de uma identidade e que implicam formas de perceber e expressar um “modo” ou “estilo” de vida particular a um determinado grupo, transporta a cultura de quem a pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo, é um meio de auto-representação e de troca cultural. Alimentar-se é um ato social e cultural envolvendo escolhas e “o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere” (DaMatta, *apud* MACIEL, 2004, p. 2)[1]. A partir deste ponto de vista torna-se possível aprender a construção das cozinhas como formas culturalmente estabelecidas, codificadas e reconhecidas de alimentar-se.

A gastronomia como atrativo turístico pode ser operacionalizada de várias formas, uma delas é a realização de um evento que busca divulgar a cultura gastronômica de povos como ocorre todo ano na Expoijui/Fenadi. O estudo tem como tema a Gastronomia como atrativo turístico e fator de sustentação e desenvolvimento local e como público-alvo os consumidores que frequentam as Casas Típicas filiadas a União das Etnias de Ijuí (UETI) e presentes na Expoijui/Fenadi.

Considerando que o estudo de comunidades ou etnias organizadas enfocam uma dimensão cultural e turística e que a gastronomia está relacionada com diferentes tradições resultado de uma mistura de influências de várias culturas, fatores ambientais, sociais, políticos, econômicos e biológicos, propôs-se a seguinte questão de estudo: Qual a representação da gastronomia para a construção da identidade das Casas Típicas e atração do público para a maior feira de negócios da região – Expoijui/Fenadi?

Como objetivos procurou-se expor que a valorização da gastronomia das Casas Típicas atrai visitantes influenciando no desenvolvimento e divulgação das Etnias, da feira e da região. Além de resgatar na literatura fundamentos conceituais sobre gastronomia, identidade cultural, gastronomia como atrativo turístico e como patrimônio cultural a serviço do desenvolvimento; discutir o uso turístico das comidas típicas e observar a percepção e valorização desta arte das cozinhas pelos comensais.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Graduação em Ciências Contábeis do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação – DACEC – UNIJUI, Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/Unijui. greice.pieper@unijui.edu.br

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação- DACEC – UNIJUI, Líder do Grupo de Pesquisa NEM- Núcleo de Estudos em Marketing, lurdesf@unijui.edu.br

Nesse sentido o intuito deste trabalho é salientar a importância da gastronomia enquanto atrativo turístico-cultural, uma vez que ela não apenas visa saciar a fome, mas, também de aproximar as pessoas, identificar traços culturais de um povo por meio da sua religiosidade, etnia, produtos típicos, aproveitar o que solo de cada lugar tem a oferecer e através de sua capacidade de atravessar fronteiras, contribuir influenciar na cultura alimentar de cada região de acordo com as adaptações que dela ocorre.

A certeza de que a gastronomia é uma arte fundamentada na tradição, no afeto, em um sentimento de reconhecimento e que comporta uma manifestação e representação do patrimônio cultural e resultado dos usos e costumes, isto é, da organização social e cultural de um povo torna esta abordagem um estudo relevante no que se refere a um trabalho com intenção de analisar a propriedade cultural e turística da alimentação das Casas Típicas o que se torna significativo para refletir sobre as características e representações e contribuições que os hábitos alimentares assumem em cada região ou tradição.

A gastronomia assume importância na construção da imagem e desenvolvimento de um local, é interprete de uma cultura representada por hábitos alimentares, e especialmente funciona como meio de comunicação de imagens que fecundam nosso imaginário.

## 1 METODOLOGIA

Conforme Vergara (2004)[2] método é um caminho, uma forma, uma lógica de pensamento. Quanto à dimensão da pesquisa constitui-se como exploratória onde buscou-se resgatar em livros e artigos através de um levantamento de referenciais teóricos, conceitos que nos levam a entender a gastronomia e suas diversas utilidades como formador de identidade, como patrimônio e atração turística. Além de buscar dados e informações sobre a Expojui/Fenadi, sobre a UETI e a constituição das Casas Típicas. É também pesquisa descritiva que de acordo com Gil (2008)[3], possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Buscou-se reunir informações sobre o assunto, ou seja, as características da cultura gastronômica.

Após o resgate de referências que serviram como base elaborou-se um roteiro de entrevistas dirigido os consumidores (população) com questões sobre gastronomia e cultura, as Casas Típicas e os Pratos Típicos, a fim de desvendar sua percepção no concernente a significação e contribuição da gastronomia.

O roteiro de entrevista passou por etapas de leitura e reorganização, sendo aplicado o pré-teste a fim de identificar o que deveria ser modificado e comportar essencialmente o que a pesquisa busca saber.

Quanto ao tipo de coleta de dados e técnica de análise a pesquisa se caracterizou por ser qualitativa e quantitativa onde os dados obtidos foram resultados da aplicação dos questionários à população, e das pesquisas bibliográficas em livros e artigos. Quanto aos instrumentos classificam-se em dados secundários os provenientes de registros da história da cultura da gastronomia e das informações sobre a Fenadi, a UETI e as etnias. E primários aqueles resultantes do roteiro de entrevistas aplicado. Os questionários para a população foram aplicados e tabulados no software SPSS, contendo 108 respondidos, constituindo uma amostra não probabilística de adesão

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Nos últimos anos a gastronomia tornou-se um importante atrativo turístico, principalmente no que diz respeito a atrativo turístico-cultural, tendo em vista que os hábitos alimentares de um povo e os seus modos de fazer identificam e expressam a identidade de uma comunidade. É importante compreender em primeiro lugar o que é gastronomia, como esta pode ser reconhecida como identidade de um povo, como patrimônio cultural e como atrativo turístico auxiliando no desenvolvimento.

### 2.1 GASTRONOMIA

A gastronomia é um ramo que abrange a culinária, as bebidas, os materiais usados na alimentação e, em geral, todos os aspectos culturais a ela associados. Um gastrônomo se preocupa com



o refinamento da alimentação, incluindo não só a forma como os alimentos são preparados, mas também como são apresentados.

De acordo com o glossário de gastronomia e culinária: A gastronomia é a arte culinária que compreende os métodos, as técnicas e procedimentos destinados a transformar e sazonar os alimentos da sua forma hostil e bruta, como a natureza nos apresenta, e apresentá-los de maneira que constituam um prazer ao paladar, à vista e ao aroma. Pode ser entendida também como: arte de cozinhar com o objetivo de proporcionar o maior prazer aos que comem. É um conhecimento e apreciação dos prazeres da mesa, comida típica de determinada região.

A gastronomia como uma ciência ou uma arte, estritamente relacionada ao aspecto cultural no que diz respeito ao estudo desta técnica.

Gastronomia é uma disciplina que exige arte não somente de quem executa, mas também de quem a consome ou usufrui. É artesanato, porque exige de quem a faz conhecimento, habilidade e técnica. É uma arte ou ciência que exige conhecimento e técnica de quem a executa e formação do paladar de quem a aprecia. (CUNHA; OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Martins (2009), gastronomia tradicional é a arte de criar receitas através da combinação de matérias primas tradicionais com hábitos locais, vivências históricas e heranças culturais.

Os hábitos alimentares de um povo denotam entre as cores e sabores outros valores que são de caráter social tais como: religião, etnia e história, fortalecendo a idéia de pertencimento do lugar, que contribui para reforçar a identidade de um povo e a abrangência da relação alimentação/cultura. Ou seja, não se restringem somente aos processos de manipulação dos alimentos a serem ingeridos, junto a eles estão os modos à mesa, bem como os locais e as maneiras com que a degustação ocorre, fazendo com que o complexo fenômeno alimentar humano tenha marcas de mudanças sociais, econômicas e tecnológicas.

A palavra “gastronomia” tem origem grega (gastronomia) e representa o conhecimento de tudo o que se refere à cozinha, à arte de comer e beber, isto é, de apreciar os prazeres da mesa e saboreá-los com paladar requintado, é “o conhecimento de tudo o que se refere ao homem, na medida em que se alimenta. Seu objetivo é zelar pela conservação dos homens, por meio da melhor alimentação possível.” (CHERINI, 2007, p. 85).

“Gastronomia significa, etimologicamente, estudo ou observância das leis do estômago.” (FRANCO, 2001, p. 85).

“Enfim, a gastronomia refere-se a tudo o que pode ser comida; seu objetivo é a conservação dos indivíduos e seus meios de execução abrangem a cultura que produz; o comércio que troca; a indústria que prepara; e a experiência que inventa os meios de dispor tudo para o melhor uso.” (CHERINI, 2007, p. 86). Entendemos que a gastronomia possui um significado mais amplo e a culinária representa uma das partes da gastronomia, a que se refere ao ato de cozinhar. A origem da palavra “culinária” vem do latim *culinaris*, de cozinha, e significa a arte de cozinhar.

Existem muitas maneiras de conhecer a alma de um povo, uma delas é a gastronomia. "A arte de combinar os ingredientes com os temperos, os rituais de preparar e servir, e o prazer do convívio à mesa, tudo se inscreve no universo mais amplo da herança cultural, esse inesgotável conjunto de valores que determinam nossa identidade [...]", reconhece Paulo Solmucci, da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) (NERY, 2011, p. 2).

A gastronomia é cada vez mais, uma fonte de conhecimento da cultura de um povo. É uma maneira de manter a identidade por meio de costumes gastronômicos, os quais podem ser bem variados de região para região.

Sob a ótica regional é preciso entender o que faz com que se mantenha viva a gastronomia local é a valorização da própria população que conhece e prepara os seus alimentos de modo diferenciado e peculiar de uma região para a outra. Como a cozinha tradicional que representa os hábitos alimentares em sua essência, mantendo os seus produtos típicos, modos de preparo e costumes à mesa e agregando a ela adaptações de um lugar para o outro, mantém as cores, sabores, temperos história e cultura.

## 2.2 A IDENTIDADE POR MEIO DA GASTRONOMIA

Os hábitos alimentares de um povo e os seus modos de fazer identificam e expressam a identidade de uma comunidade. Diz Gilberto Freyre: “Pois a verdade parece ser realmente esta: a das nossas preferências do paladar serem condicionadas, nas suas expressões específicas, pelas sociedades a que pertencemos, pelas culturas de que participamos[...]” (FRANCO, 2001, p. 26).

Na visão de Rodrigues (2008, p. 311) a gastronomia é inerente às grandes transformações sociais, econômicas, políticas e culturais e, deste modo, sempre funcionou como fator de identidade cultural e de assimilação de comportamentos, hábitos e costumes ao longo da história. Deste ponto de vista, é importante destacar que a gastronomia nasceu do prazer proporcionado pela arte de preparar os alimentos, conforme os contextos culturais de onde se originou, varia de região para região, sendo assim, compõe um dos elementos de formação da identidade cultural. A culinária é baseada em padrões, costumes e hábitos.

A identidade também é expressa pelas pessoas através da gastronomia, que reflete suas preferências e aversões, identificações e discriminações, e, quando imigram, a levam consigo, reforçando seu sentido de pertencimento ao lugar de origem. Dessa forma vai-se criando uma cozinha de caráter étnico que ressalta as características de uma cultura em particular. (CUNHA e OLIVEIRA, 2009).

Pratos típicos é conceituado por Martins (2009) como: “[...] uma iguaria gastronômica tradicionalmente preparada e degustada em uma região, que possui ligação com a história do grupo que a degusta e integra um panorama cultural que extrapola o prato em si”. O autor ainda destaca que esta iguaria por reforçar a identidade de uma localidade e de seu povo, se torna muitas vezes uma espécie de insígnia local.

As tradições alimentares agem como referenciais de identidade. Sendo assim, as trajetórias das tradições alimentares podem ser tomadas como resultantes e constitutivas da identidade de um determinado grupo. Assim, a cozinha de um grupo social muito tem a nos dizer sobre sua identidade e, quando olhada “de dentro”, “representa como que uma espécie de hùmus cultural, manifestada nas memórias e nos saberes legados pelos diversos povos que por ela passaram.” (CRUZ; MENASCHE, 2011, p. 1).

Assim como a língua falada, o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo. Constitui, portanto, um extraordinário veículo de auto-representação e de troca cultural: é instrumento de identidade, mas também o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas [...] (MONTANARI, 2008, p.183).

O modo de alimentar sempre ultrapassa o ato de comer em si e se articula com outras dimensões sociais e com a identidade. As comidas típicas evocam identidades locais ou regionais. (MACIEL 2001): “As identidades além de mutáveis no tempo, são múltiplas [...] cada uma dessas identidades têm a sua forma particular de expressão alimentar, que, apesar das aparências, não se contrapõem as outras, mas convive com elas.” (MONTANARI, 2008, p. 153).

A alimentação e tudo a ela relacionado são percebidos como marcadores étnicos. O conceito de identidade é ampla e abusivamente utilizado, associando-se à cozinha nacional ou regional. Fala-se extensamente de sua propriedade de fornecer identificação e atribui-se a certas comidas o valor de signo de identidade.

Kreutz (1999), explica que o reconhecimento do étnico como elemento de dinâmica social é a percepção das multiplicidades das culturas que têm na sua dimensão cultural interações que se refletem na identidade étnico-cultural a qual é uma fonte de sentido e construção do real. Em cada etnia há uma história de luta pela determinação de valores. Isso significa que a etnia ou o pertencimento étnico é um elemento constituinte de práticas sociais sendo meio de diferenciação.

Comer é reconhecer-se, um ato carregado de significados culturais que deve ser entendido como um ato patrimonial, porque traduz povos, nações, civilizações, grupos étnicos, comunidades, famílias, pessoas. A culinária é uma das melhores formas de se conservar e transmitir memórias. Já que estas são passadas geralmente de geração para geração o que transmite um sentido de pertencimento não somente à uma família, uma região, mas a uma nação.

Segundo Galler (2007) é possível, através da comida, definir até mesmo padrões éticos, já que a alimentação é a primeira aprendizagem social do ser humano. É através dela que este humano reconhece e é reconhecido onde quer que vá como pertencente a seu lugar de origem. “A culinária diz muito de um povo, pois a identidade é expressa através da gastronomia. Já que esta reflete preferências e aversões, identificações, discriminações e história, enfim cultura.” (GALLER, 2007, p. 14).

“A diversidade das cozinhas regionais (...) é fruto da combinação, ao longo da história, de elementos geográficos, sociais e culturais. São expressões elaboradas de identidade [...]” (BOTELHO, 2010, p. 65).

A culinária típica é considerada como uma legítima representação da identidade cultural de um país. É a mais evidente representação de um povo, revela a história, os valores, costumes e hábitos.

### 2.3 GASTRONOMIA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

A culinária sempre teve um papel muito importante na formação cultural dos povos. a alimentação de um povo reflete o seu próprio modo de vida. Não se pode, portanto, desprezar a culinária como importante fator cultural.

De acordo com a Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO, 2009), o patrimônio cultural imaterial corresponde: as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as sociedades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. E, acrescenta ainda que o Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A gastronomia é fator de diferenciação cultural, pois sua identidade é comunicada às pessoas pelo alimento que trata-se de um patrimônio cultural. Este diz respeito ao conjunto de bens de valor material ou imaterial, com significado e importância para uma sociedade, criado ao longo de sua história,

Patrimônio cultural é a riqueza comum que nós herdamos como cidadãos, transmitida de geração em geração. Constitui a soma dos bens culturais de um povo. Ele conserva a memória do que fomos e somos, revela a nossa identidade. Expressa o resultado do processo cultural que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo e do ambiente que o cerca. Apresenta, no seu conjunto, os resultados do processo histórico. Permite conferir a um povo a sua orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores, estimulando o exercício da cidadania, a partir de um lugar social e da continuidade no tempo (BARROCO, 2008).

Converter o que é próprio em patrimônio significa perpetuar a transmissão de uma particularidade ou de uma especificidade considerada própria e, portanto identificada, isto é, permite que um coletivo determinado possa continuar vivo – de um lado, idêntico a si próprio e, de outro, distinto dos demais. (CANESQUI; GARCIA, 2005, p. 114).

Entre os muitos aspectos que compõem a cultura de uma sociedade, a alimentação merece um destaque especial por ser ítem indispensável à sobrevivência humana, está presente na identificação de um grupo cultural. O valor cultural do ato de comer é cada vez mais entendido enquanto um ato patrimonial, pois a comida é tradutora de povos, nações, civilizações, grupos étnicos, comunidades, famílias, pessoas. Neste contexto, a ação de comer de um povo está atrelado ao seu patrimônio imaterial.

### 2.4 GASTRONOMIA E TURISMO A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO

O turismo gastronômico, é entendido como “uma vertente do turismo cultural no qual o deslocamento de visitantes se dá por motivos vinculados às práticas gastronômicas de uma determinada localidade”. (GIMENES, 2009).

A relação entre a gastronomia e o turismo acontece decorrente das mais variadas formas de atrativos para a sua realização, todos eles irão de uma maneira ou de outra atrair estes turistas para determinados destinos turísticos. A necessidade de se alimentar é básica e indispensável, independente do tipo de atrativo e, ao mesmo tempo, a busca por novos sabores e cores acaba favorecendo a atividade turística (CUNHA; OLIVEIRA, 2009).

Deve-se ressaltar, que muitas vezes o atrativo tem como cerne as comidas e bebidas tradicionais. Estas iguarias, preparadas ao longo dos tempos e integrantes da cultura imaterial de suas respectivas comunidades, destacam-se em meio ao horizonte das comidas padronizadas e se tornam uma possibilidade de conexão cultural ou com um estilo de vida que se deseja recuperar ou alcançar, potencializando a atratividade destas localidades (GIMENES, 2009).

Nota-se que o preparo e o consumo de um prato podem propiciar um exercício identitário (quando a preparação e a degustação marcam o pertencimento a um grupo) ou uma conexão memorial (também relacionada à perspectiva identitária, diz respeito à capacidade de uma iguaria projetar lembranças e reavivar experiências). É justamente a partir destas diferentes funções que podem ser atribuídas aos alimentos que o Turismo Gastronômico amplia suas possibilidades. Indispensável para a permanência do visitante, a gastronomia e os empreendimentos a ela relacionados podem ainda funcionar como agregadores de valor a outros serviços turísticos.

Faz-se necessário, compreender como a gastronomia pode se tornar um importante atrativo cultural para o turismo, principalmente quando através dela o turista possa entender o seu valor e a maneira de como ela é realizada, remetendo a idéia de traços e expressões culturais onde ela acontece, lembrando sempre que a cultura propriamente dita é variada e dinâmica e seus processos mudam de conteúdo e significado de um lugar para o outro (CUNHA e OLIVEIRA, 2009). A gastronomia como um produto, ou mesmo um atrativo de uma determinada localidade, é muito importante do ponto de vista turístico, pois apresenta novas possibilidades, na verdade, não tão novas, mas nem sempre bem exploradas, que são as diversas formas de turismo voltadas para as características gastronômicas de cada região (BARROCO, 2008).

O hábito de se alimentar representa uma atração tanto no contexto turístico quanto no contexto cultural de uma região e isso é percebido. É importante manter a soberania alimentar de um povo e perpetuar a identidade dos mesmos e também contribuir para a permanência e o resgate cultural:

A gastronomia como patrimônio local está sendo incorporada aos novos produtos turísticos orientados a determinados nichos de mercado, permitindo incorporar aos agentes da própria comunidade na elaboração desses produtos, assistindo ao desenvolvimento sustentável da atividade. (CUNHA; OLIVEIRA, 2009).

A gastronomia é dessa forma, um grande pólo de atração de fluxos turísticos, pois alimentar é uma necessidade básica e constitui um dos eixos do turismo cultural, viabilizando e universalizando a troca humana e o convívio entre as culturas, costumes e hábitos, onde ela é uma das manifestações culturais mais expressivas, porque com ela vêm juntos traços religiosos, étnicos, sociais. A presença do turismo, neste caso funciona como opção de preservação a medida que oferece para visitação os locais mais impregnados da cultura e facilita em muito a preservação de seus locais.

Os locais de atividade turística, por sua vez, criam possibilidades para a revitalização da identidade cultural, através da manutenção e preservação de seus bens culturais, além das mais ricas e variadas tradições e gera mecanismos de sustentabilidade e espaços propícios a divulgação cultural.

Em relação à prática da atividade turística é pertinente levar em conta os anseios de seus visitantes. Dessa forma, caso se conheça o público-alvo e se deseje manter com ele um relacionamento duradouro, é preciso identificar o que é realmente relevante para a satisfação de suas necessidades.

O turismo é uma atividade, que pode impulsionar o desenvolvimento de uma localidade, e foi conceituado de formas diferentes ao longo dos anos. Todas elas, porém, levam o intérprete a um mesmo ponto, entendendo que o turismo é o deslocamento de pessoas num determinado tempo a uma determinada localidade, motivados por diversos fatores (BARROCO, 2008).

O uso da gastronomia como ingrediente na exploração turística, é interessante para os visitantes, pois, oferece o acesso ao patrimônio cultural, possibilitando conhecer à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade no formato de turismo cultural. É neste sentido que a discussão

sobre o uso turístico das comidas tradicionais ganha relevância e deve ser fomentada, unindo reflexões teóricas e análise de exemplos reais.

### 3 RESULTADOS E ANÁLISES

A UETI - União das Etnias de Ijuí possui 12 etnias filiadas que são reconhecidas em todo o estado e país, fundada em 19 de Abril de 1996. É uma Entidade Civil de caráter cultural, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. A EXPOIJUÍ FENADI é um evento completo que acontece, anualmente no mês de outubro, em um parque de exposições em Ijuí, RS. A Festa Nacional das Culturas Diversificadas (FENADI) envolve 12 etnias – alemães, afros, austríacos, árabes, espanhóis, holandeses, italianos, letos, poloneses, portugueses, suecos e uma sociedade tradicionalista gaúcha. Este movimento étnico organizado é o responsável pela parte cultural, artística e gastronômica da Expoijuí, tornando-se um grande atrativo turístico.

A Primeira FENADI – FESTA NACIONAL DAS CULTURAS DIVERSIFICADAS, foi realizada no ano de 1987, em conjunto com a II ExpoIjuí. No ano de 2005, 19 anos após a Primeira FENADI, através de um projeto do Deputado Estadual Gerônimo Goergen, a festa foi transformada em PATRIMÔNIO CULTURAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. No ano de 2006 foi comemorando os 20 Anos da FENADI.

A diversidade Étnica e Cultural passou a ser reconhecida e valorizada somente no final da década de 80. Ijuíenses de todas as raças passaram a se reunir em centros culturais para manter suas tradições e costumes. Criaram, dentro do Parque de Exposições do Município, um movimento que envolveu toda a comunidade para a construção das casas típicas, onde são realizadas reuniões e encontros, na intenção de resgatar os costumes, a música, a dança, a gastronomia e a cultura de seus países de origem.

A ideia de constituir a União das Etnias de Ijuí surgiu da necessidade e vontade de unificar em uma entidade que representasse todas as etnias a fim de alcançar melhores resultados financeiros e culturais, ou seja, com o objetivo de adquirir maior representatividade e maior consistência. As Casas Típicas (o centro cultural) são consideradas um grande diferencial na ExpoijuíFenadi, são “produtoras culturais”, é uma miscigenação de tradições em um só local. A função de cada Casa Étnica é mostrar a sua cultura, marcar sua identidade através de sua gastronomia.

O tradicional jantar 12 Povos na Cozinha, promovido pela União das Etnias de Ijuí (Ueti) durante a Fenadi é um modo de perpetuação da cultura gastronômica. O cerne sustentador é a gastronomia, o que ajuda a sustentar este cerne, no caso das Casas Típicas, é a dança que atrai as pessoas e contribui para a perpetuação das culturas. Um ponto importante a observar é que muitas vezes alguns etnias ficam calcadas em pratos regionalizados de cada país. Cada região possui algo diferente, um prato tradicional. No Brasil, região Sul o prato “principal” é o churrasco, no Norte temos a Feijoada, no Nordeste a tapioca, a moqueca, mas o importante é que cada etnia busca passar sua gastronomia típica.

A pesquisa foi desenvolvida para descobrir como é a percepção e preferência dos consumidores pela gastronomia, podendo assim haver melhorias e adaptações para atender as necessidades e os desejos dos visitantes, atraindo-os ainda mais e promovendo maior desenvolvimento cultural e regional.

Com relação à Cultura e Gastronomia, 74,07% mencionaram que culinária é um dos mais importantes fatores que definem uma cultura, 25% entendem que é apenas mais um fator cultural. Pelo valor simbólico da comida 43,70% consideram-na como Fator de Identidade, 32,77% como Atrativo Turístico e 23,53% como Patrimônio Imaterial/cultural. A gastronomia possibilita para 70,83%, conhecer e experimentar os costumes e hábitos de um povo; para 14,17% preserva a memória gastronômica e para 13,33% das pessoas, distingue uma cultura da outra. Por cultura gastronômica 94,74% dos respondentes compreendem como uma arte construída por influências de diversas origens, são tradições e saberes típicos de uma etnia e 4,39% compreendem como um conjunto de ingredientes e receitas. Com relação à gastronomia 33,94% dos consumidores gostam de executar alguns pratos na cozinha sendo a maioria pratos de origem italiana (massas e lasanha) e 23,85% têm suas preferências gastronômicas também na maioria são pratos tradicionais italianos.

Em relação às 12 Casas Típicas, 49,11% dos consumidores apreciam a culinária típica pelo sabor característico dos pratos de cada etnia, 26,79% gostam pela diversidade. O maior benefício das

Casas Étnicas para 59,83% das pessoas questionadas é auxiliar a conhecer e respeitar diferenças culturais que se manifestam na gastronomia. Para 30,77% possibilita perceber e conhecer hábitos alimentares, mostrar a cultura de um povo e para 8,55% as Casas são um local para encontrar pessoas e se alimentar. Quanto a elaboração dos pratos típicos, a maioria, 59,63% responderam que alguns são bem elaborados, 31,19% que todos são bem elaborados e 6,42% não souberam opinar, pois não costumam frequentar. A melhor representação do cardápio típico servido aos comensais foi citada por 42,36% dos respondentes como sendo a da etnia Italiana, seguida com 15,97% da não manifestação de opinião e com 11,11% de menções para a Casa Árabe. Os pratos típicos influenciam 42,37% das pessoas a escolher determinada Casa. Já 22,03% dizem que escolhem pelo gosto adquirido ao frequentar e 14,41% são influenciados pela cultura/tradição. Ao frequentar as Casas Típicas a preferência é pelas iguarias, seguida pela vontade de experimentar novos pratos e de satisfazer-se, sendo um percentual total de 48,28%, 42,24% e 9,48% respectivamente. Observa-se que 27,50% das pessoas desejam que as etnias busquem novidades, diferentes combinações, 17,50% entendem que deve-se profissionalizar os serviços e 26,67% não souberam opinar sobre as melhorias esperadas.

Com relação aos Pratos Típicos preparados e servidos pelas etnias, a qualidade dos ingredientes é avaliada por 35,16% das pessoas ao consumir um prato, se o prato é constituído de forma legítima de sua respectiva cultura é avaliado por 21,09% dos respondentes e 20,31% procuram avaliar o sabor. A motivação para escolher determinada etnia vem da auto-realização, anseio de experimentar pratos diferentes e exóticos para 47,46% dos consumidores. Já algumas pessoas, 28,81%, apenas almejam satisfazer o apetite e 17,80% possuem desejo de pertencimento, consumir o que indica sua cultura. A preferência pelos cardápios Italianos é da maioria, 52,89% das menções, seguida da Casa Leta e Árabe. As demais etnias aparecem com percentuais mais baixos. Quanto ao prato típico preferido como já pode-se verificar nas questões acima, o maior percentual de pessoas preferem os pratos típicos de origem Italiana e 14,4% não souberam responder. A justificativa desta preferência, sem considerar aqueles que não souberam delimitar o motivo, se deve ao sabor e à tradição, costume de consumir alimentos da respectiva cultura.

Portanto, a gastronomia quando passa por uma simbologia dos costumes de um povo passa a ser valorizada enquanto cultura e desperta nas pessoas a curiosidade em conhecê-la e, conseqüentemente, se torna um grande atrativo turístico em algumas localidades. Pois ao usufruir da gastronomia de um lugar o turista está além de satisfazendo uma necessidade fisiológica, consumindo a cultura de uma região e não apenas um mero produto. Com isso a gastronomia ganha uma excelente perspectiva no que se refere à sua representatividade para os locais onde a mesma é valorizada através de sua comunidade local e contribui para o desenvolvimento tanto sob os aspectos econômicos como também culturais de um determinado lugar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A gastronomia enquanto hábito alimentar de um povo é a maneira de satisfazer às necessidades básicas do ser humano, e assim ela surge como uma das necessidades mais elementar que cada pessoa tem que é saciar a fome, no entanto o costume relacionado à arte de preparar alimentos de cada povo está relacionado à sua cultura vinculados à sua religiosidade, classe social, etnia, localização geográfica e o que cada lugar tem como alimento típico e influência sofrida. Com isso a gastronomia é cada vez mais, uma fonte de conhecer a cultura de um povo e através do turismo ela tem se tornado como uma opção de atrativo turístico-cultural de determinados destinos favorecendo a atividade turística em vários lugares. No Brasil ela é cada vez mais utilizada como ferramenta turística no anseio de manter a identidade de uma comunidade por meio de seus costumes gastronômicos que são bem variados de uma região para outra.

Ao desenvolver o enfoque turístico das comidas tradicionais, verifica-se ainda a possibilidade de valorização cultural a partir da recuperação e divulgação das receitas das tradições a ela relacionadas; o incentivo aos produtores agrícolas e de criações de animais (no sentido de que a maioria dos ingredientes tende a ser originária da região) e também aos artesãos cujo ofício se relaciona com a gastronomia. Do ponto de vista do turista, além da experiência sensorial e de saciação fisiológica, tem-se a possibilidade de um consumo simbólico na medida em que, ao degustar a iguaria, o indivíduo consome também um pouco do contexto cultural que está visitando, que pode permitir inclusive uma conexão nostálgica.

Deve-se compreender também que a gastronomia por si só não é capaz de se tornar um atrativo turístico cultural, ela deve acompanhar a genuidade quanto o preparo de seus alimentos, mantendo assim a identidade de um povo e favorecendo a idéia de pertencimento a um determinado local, uma vez que para o turista não é apenas a degustação de iguarias que o atrai para o um destino, mas, também, a possibilidade de conhecer a matéria-prima local e o modo de fazer e, esse último item é muitas vezes mais importante e atrativo porque através dele se tem uma demonstração dos ritos nos modos de fazer e degustar alguma iguaria.

E, dessa maneira, a gastronomia desperta a curiosidade e o interesse por novas sensações, procurando manifestar sua cultura, ela proporciona a oportunidade na geração de renda e melhor qualidade de vida através da empregabilidade que oferece às comunidades locais.

A atividade turística é uma prática sócio-econômica que tem na gastronomia uma ferramenta de grande valia para o desenvolvimento não apenas sob o olhar financeiro, como também na oportunidade de valorizar e preservar a cultura alimentar de várias regiões. A gastronomia enquanto atrativo turístico-cultural é utilizado para este fim em vários lugares do mundo, onde a mesma já é uma aliada como opção de produto turístico, fortalecendo a identidade de um povo.

## REFERÊNCIAS

- [1] MACIEL, Maria Eunice. **Uma cozinha à brasileira**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n. 13, jan./jun. 2004, p. 25-39.
- [2] VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- [3] GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- [4] Glossário e Dicionário Gastronômico e de culinária. **Gastronomia**. Disponível em: <http://www.portugalrestaurants.com/glossario/g.html>. Acesso em: 07 mar. 2012.
- [5] CUNHA, Kênia Braz; OLIVEIRA, Leidemar da Veiga. **A Gastronomia enquanto atrativo turístico-cultural**. Artigo para Conclusão de Curso de Pós-Graduação, Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2009.
- [6] MARTINS, Uiara Maria Oliveira. **A gastronomia portuguesa no Brasil: um roteiro de turismo cultural**. Universidade de Aveiro, Dissertação em Mestrado, 2009.
- [7] CHERINI, Claudinéia Passarelli. **A prática social da culinária: algumas reflexões na construção curricular da matemática na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Universidade de São Francisco, Dissertação de Mestrado, 2007.
- [8] FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet: uma história da gastronomia**. São Paulo: Senac, 2001.
- [9] NERY, Marina. Gastronomia: Patrimônio à mesa. **Revista mensal de informações e debates do IPEA: desafios do desenvolvimento**. Disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1110:cati=28&Itemid=23](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1110:cati=28&Itemid=23). Acesso em: 09 jan. 2011.
- [10] RODRIGUES, Selma da Glória Guerreiro. **A contemporaneidade da gastronomia ludovicense**. Revista Cambiassu, Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - São Luís - MA, Ano XVIII, nº 4 - Janeiro a Dezembro de 2008.
- [11] CRUZ, Patrícia Postali; MENASCHE, Renata. **Alimentação e cultura: entre tradição e inovação** - XX Congresso de Iniciação Científica e III Mostra Científica UFPEL, 2011.
- [12] MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac, 2008.
- [13] MACIEL, Maria Eunice. **Cultura e alimentação ou o que tem a ver com os macaquinhos e Koshima com Brillat-Savarin?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 145-156, dezembro de 2001.
- [14] KREUTZ, Lúcio. **Identidade étnica e processo escolar**. São Leopoldo – RS: UNISINOS. Caderno de Pesquisa, n. 107, julho, 1999.
- [15] GALLER, Amanda Lacerda. **Gastronomia: ponto de convergência e da afirmação da multiculturalidade de Nova Xavantina**. Universidade do Estado do Mato Grosso: Unimat, 2007.
- [16] BOTELHO, Adriano. **Geografia dos sabores: ensaio sobre a dinâmica da cozinha brasileira**. São Paulo, Revista Textos do Brasil, nº 13, p. 61 – 69, 2010.

- [17] Direção de Françoise Rivière, Subdiretora Geral da Cultura, Editores gerais: Georges Kutukdjian e John Corbett. Coordenador da edição e da investigação: Frédéric Sampson. **Relatório mundial da UNESCO. Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2009.
- [18] BARROCO, Lize Maria Soares. A importância da Gastronomia como Patrimônio Cultural, no Turismo Baiano. **Turydes**: Revista de investigación em turismo y desarrollo local. Santa Catarina, Vol1, nº 2, março 2008.
- [19] CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez (Orgs.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- [20] GIMENES, Maria Henriqueta Sperandio Garcia. **O uso turístico das comidas tradicionais: algumas reflexões a partir do Barreado, prato típico do litoral paranaense (Brasil)** – Revista Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 8-24, abril de 2009.
- [21] Expoijui/Fenadi. Disponível em: <http://www.expoijuiifenadi.com.br/> Acesso em: 07 maio 2012.



# ¿DESARROLLO LOCAL, ENCLAVE TURÍSTICO O INVERSIÓN SIN RECUPERO?. ANÁLISIS DEL CASO PARADIGMÁTICO DEL PARQUE TEMÁTICO LA CRUZ DE SANTA ANA, MISIONES, ARGENTINA.

Nancy A. Brondani <sup>1</sup>  
Liliana M. Dieckow <sup>2</sup>

## RESUMO

La actividad turística es uno de los pilares económico - sociales en la provincia de Misiones, Argentina. A la oferta turística tradicional de las Cataratas del Iguazú y Ruinas Jesuítico- guaraníes, se suma desde hace un año, el Parque Temático La Cruz de Santa Ana, iniciativa del gobierno provincial con aval del municipal e inaugurado en 2011. Este proyecto que implicó una inversión superior a \$40 millones puede llevar a ser enclave o, a través de la participación de los agentes locales, en un desarrollo local o una inversión sin recupero ni beneficios. Sobre esta idea se establece el interrogante principal de este trabajo. Mediante una investigación cuali cuantitativa se analiza el estado actual de la oferta, las opiniones de los agentes locales y expertos provinciales y se realizan encuestas a visitantes. A un año de inauguración se observan pocos beneficios y antagonismo acerca de las posibilidades de generar desarrollo.

Palavras-chave: Turismo - desarrollo local – Enclave - Inversión pública- Parque temático.

## INTRODUÇÃO

Santa Ana, cabecera del Departamento de Candelaria, es un Municipio de Segunda Categoría de la provincia de Misiones, Argentina. Se ubica a una latitud de 27° 21' Sur y a una longitud de 55° 36' Oeste, sobre la intersección de la Ruta Nacional N° 12 y la ruta provincial N° 103, a orillas del río Paraná. Para el año 2010 contaba con una población de aproximadamente 6.700 habitantes.

El municipio, que basa su economía en las actividades primarias y algunas industrias (aserraderos de madera y secaderos de yerba mate *ó illex Paraguariensis*, entre otros), cuenta con un antiguo puerto que fue muy importante para la región un siglo atrás, que beneficiado por la característica de poseer aguas profundas, permite la navegación de barcos de mayor calado, quedando en la actualidad reducido – por razones políticas- solo a la actividad arenera, constituyéndose en el lugar de la provincia de mayor extracción de arena utilizada como material de construcción.

En el municipio y a escasos 2.000 metros del acceso a la ciudad se encuentran las Ruinas Jesuítico- guaraníes de Santa Ana, que fueron declaradas Patrimonio Mundial de la Humanidad por la UNESCO en el año 1984 y forman parte del Circuito de las Misiones Jesuíticas de la Región, y que junto a los relictos de Brasil y Paraguay conforman los 30 pueblos jesuítico guaraníes creados entre 1610 y 1768. La reducción jesuítico guaraní de Santa Ana fue una de más grandes de la región, llegando a tener una población de 4.400 aborígenes.

Luego, en tiempos de la colonia (siglo XXI y principios del XX) tuvo hasta 10 mil habitantes, pero por las crisis de precios de los productos primarios, a mediados y fines del siglo XX disminuyó su población, situación que se trata de remediar desde hace 10 años con diversos gobiernos municipales.

Actualmente, el municipio de Santa Ana presenta varios proyectos productivos de corto y mediano plazo, entre los que se destaca la reactivación de su puerto en el que se encuentran concesionadas las obras de su construcción y la ampliación del balneario local.

---

<sup>1</sup> Contadora Pública, y Magister en Administración Estratégica de Negocios. Profesora en Ciencias Económicas de la Universidad Gastón Dachary y la Universidad Nacional de Misiones, Misiones, Argentina. Investigadora universitaria. E-mail: nancy10bron@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciada en Turismo y Dra. en Administración. Profesora en Turismo en la Universidad Gastón Dachary y la Universidad Nacional de Misiones. Misiones, Argentina. Investigadora universitaria. E-mail: lilianadie@gmail.com

Otro proyecto es el del cerro Santa Ana, destinado al turismo religioso y de naturaleza; con su monumento principal creado para constituirse en parque temático "La Cruz" de Santa Ana; que cuenta con la imagen de Santa Ana, enviada desde el Vaticano como donación del Papa Juan Pablo II, construcción que según dicen era el anhelo de Monseñor Jorge Kemerer (Obispo regional) ya en la década del '70.

Por otra parte, se están realizando trabajos de recuperación del patrimonio arqueológico en las ruinas jesuítico guaraníes locales.

Interesa en esta ponencia analizar si este proyecto de parque temático puede llevar al desarrollo local del municipio o constituirse en un enclave. Se aborda una investigación de tipo descriptiva y explicativa utilizando los métodos cualitativo y cuantitativo. Se realizan entrevistas a funcionarios y encuestas a residentes y a visitantes del parque temático.

## 1 EMBASAMENTO TEÓRICO

Se considera que el **desarrollo local** es un

[...] proceso por el que se organiza el futuro de un territorio, como resultado de la planificación llevada a cabo por los diferentes agentes locales que intervienen en el proceso, con el fin de aprovechar los recursos humanos y materiales de un determinado territorio, manteniendo una negociación o diálogo con los agentes económicos, sociales y políticos del mismo. El desarrollo implica la búsqueda del bienestar social y la mejora de la calidad de vida de la comunidad local y concierne a múltiples factores, tanto públicos como privados que deben movilizar los numerosos factores, para responder a la estrategia de desarrollo previamente consensuada.<sup>3</sup>

El mismo

trata de un complejo proceso de concertación entre los agentes – sectores y fuerzas que interactúan dentro de los límites de un territorio determinado con el propósito de impulsar un proyecto común que combine la generación de crecimiento económico, equidad, cambio social y cultural, sustentabilidad ecológica, enfoque de género, calidad y equilibrio espacial y territorial con el fin de elevar la calidad de vida y el bienestar de cada familia y ciudadano(a) que viven en ese territorio o localidad. Más aún implica la concertación con agentes regionales, nacionales e internacionales cuya contribución enriquece y fortalece ese proceso que tiene una lógica interna, que avanza de manera gradual pero no dinámica ni lineal, que le da sentido a las distintas actividades y acciones que realizan los diferentes actores.<sup>4</sup>

Arocena (1995, p.19) destaca de que existe coincidencia en la identificación de dos elementos que forman parte de esa noción: identidad local y territorio, la primera como provisión de sistema de normas y valores para la comunidad y el segundo como base del sentido de pertenencia a su lugar; por lo que adquiere una connotación de algo socio-territorial que pasa a definirse como un ámbito comprendido por un proceso de desarrollo en curso.

El valor de la escala local es precisamente su singularidad, la posibilidad que brinda de fortalecer las relaciones entre los actores locales. Retomando nuevamente el criterio de Arocena (1995). Así, los **actores locales** son: “[...] *individuos, grupos o instituciones cuyo sistema de acción coincide con los límites de la sociedad local.*” (p.12)

Destaca José Arocena (1995, p.19), que ligado al desarrollo local, está el actor local, el sujeto, grupo o institución, cuya acción se desenvuelve en el territorio local, poniendo en marcha sus recursos,

<sup>3</sup> Disponible em: <http://www.juntaex.es/consejerias/eic/¿quéeseldesarrollolocal.htm>. Acesso em: 03 novembro 2003.

<sup>4</sup> Disponible em: [http://cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/publ/des\\_loc/pdf/cap\\_2.pdf](http://cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/publ/des_loc/pdf/cap_2.pdf). Acesso em: 19 novembro 2009.

ejerciendo su poder para producir efectos positivos o negativos frente a las necesidades del desarrollo local es decir, en relación al tipo de aporte que realiza.

Se destacan diferencias entre actor local (el que actual en el escenario) y el agente local (el actor que está realmente comprometido con el desarrollo local y ejecuta).

Según Barreiro (1988, p. 12) existen tres categorías de “**agente local**”: los ligados a la toma de decisiones (político-institucionales), los ligados a técnicas particulares (expertos-profesionales), los ligados a la acción sobre el terreno (la población y sus expresiones activas).

Pero como un proceso de desarrollo local es representativo para la sociedad, es válido considerarlo: “[...] como la dimensión en la cual es posible reconocer u organizar de mejor manera las necesidades y recursos disponibles. Se considera que es allí donde es más viable concertar y resolver de manera integral y mancomunada los problemas.”<sup>5</sup>

Desarrollo local no es únicamente desarrollo municipal, es el sistema productivo local que incluye entre otros elementos, el conjunto de relaciones y eslabonamientos productivos y comerciales relevantes para explicar la eficiencia productiva y competitividad de la base económica de un determinado territorio, no tiene porqué coincidir con las fronteras o delimitaciones administrativas de un municipio o provincia; es un enfoque territorial y de “abajo-arriba”, pero debe buscar también intervenciones de los restantes niveles decisionales del Estado (provincia, región y nivel central) que faciliten el logro de los objetivos de la estrategia de desarrollo local.

Se precisa pues, de una eficiente coordinación de los diferentes niveles territoriales de las administraciones públicas y de un contexto integrado coherente de las diferentes políticas de desarrollo entre esos niveles.

Pero para que ocurra un auténtico proceso de desarrollo local, que utilice todas las potencialidades que brinda dicha escala, será necesaria la activa participación de todos los actores naturalmente involucrados (gobierno local, organismos y ciudadanos). Además este proceso debe estar: “[...] orientado primariamente a satisfacer las necesidades de la comunidad.” (Girardi, 2001).

El enfoque local toma, como unidad de actuación el territorio y no la empresa o el sector aislados. Esta aproximación territorial es necesaria para contemplar tres de los temas decisivos del desarrollo:

1. La introducción de innovaciones en los sistemas productivos locales.
2. El diseño de los adecuados programas de formación de recursos humanos según las necesidades de cada contexto local.
3. La referencia concreta a las características y limitaciones existentes en el medioambiente local, esto es, la incorporación obligada de la sustentabilidad ambiental. (ALBURQUERQUE, 2001, p. 8).

Por otra parte, se destaca el término **Turismo Sostenible**, que se entiende como:

[...] aquellas actividades turísticas respetuosas con el medio natural, cultural y social, y con los valores de una comunidad, que permite disfrutar de un positivo intercambio de experiencias entre residentes y visitantes, donde la relación entre el turista y la comunidad es justa y los beneficios de la actividad es repartida de forma equitativa, y donde los visitantes tienen una actitud verdaderamente participativa en su experiencia de viaje. (CAPECE, 2007).

En el fondo no es más que una aplicación inteligente del principio de Desarrollo Sostenible, es decir:

El desarrollo que satisface las necesidades de la generación presente sin comprometer la capacidad de las generaciones futuras para satisfacer sus propias necesidades" Se define también como "la actividad económica productora de bienes y servicios que, respetando los límites físicos del espacio en que se desarrolla y los psíquicos de los habitantes y demás actores, son destinados a quienes deciden desplazarse temporal y voluntariamente fuera del lugar de residencia habitual sin

<sup>5</sup> Disponible em: [www.alojo.com/SOLIDARIDAD/enlaces/desarrollo](http://www.alojo.com/SOLIDARIDAD/enlaces/desarrollo). Acesso em: setembro 2008.

incorporarse al mercado de trabajo del lugar de destino, con motivo o no de recreación. (CAPECE, 2007).

Finalmente, la Carta de Lanzarote (CANARIAS, 1995), elaborada por los asistentes a la Conferencia Mundial de Turismo Sostenible, expresa que siendo el turismo un potente instrumento de desarrollo, *“puede y debe participar activamente en la estrategia del desarrollo sostenible. Una buena gestión del turismo exige garantizar la sostenibilidad de los recursos de los que depende”*.

## 2 RESULTADOS Y ANÁLISES

En la oferta turística actual del municipio de Santa Ana se destacan:

- a) Las ruinas jesuítico - guaraníes de Santa Ana declaradas Patrimonio Cultural de la Humanidad en 1984.
- b) La elaboración y venta de artesanías en maderas de la zona, cestería artesanal de los aborígenes guaraníes y cerámicas de artesanos locales, rescatando las técnicas jesuíticas heredadas.
- c) Se anexa a la oferta la reciente inauguración del Parque Temático Cruz de Santa Ana.

### 2.1 EL PARQUE TEMÁTICO LA CRUZ DE SANTA ANA

El Parque Temático de la Cruz de Santa Ana es un atractivo construido, un recurso turístico artificial, en definitiva un recurso turístico nuevo.

Se identifican argumentos para la localización y creación este recurso turístico:

- a) El Cerro Santa Ana, sitio donde se localiza el Parque, alcanza una altura de 360 metros sobre el nivel del mar. Esta altura determina una predominancia en la llanura ondulada del sur misionero, con una posición destacada en el paisaje. Todo ícono religioso de carácter monumental –la cruz cristiana en este caso-, tiene su razón de ser en el impacto visual que genera. La monumentalidad de esta arquitectura religiosa se erige en un sitio natural de gran alcance visual.
- b) Las reducciones jesuítico-guaraníes puestas en valor para el turismo, constituyen una de las “capas contextuales” históricas que le otorgan valor a la localización del Parque. San Ignacio, Santa Ana y Loreto, con relictos de las Reducciones Jesuíticas de los guaraníes, y constituyen un basamento conceptual para darle a la Cruz de Santa Ana un valor histórico. Esta instalación cristiana afirma la contemporaneidad de algunas líneas de pensamiento que buscan revalorizar la vieja empresa jesuítica, tanto integrantes de la orden, como de funcionarios de gobierno.
- c) En el esquema de organización de la oferta turística de la provincia de Misiones, con destinos como Cataratas del Iguazú, Saltos del Moconá (Yucumá) y San Ignacio, la inversión pública volcada al cerro Santa Ana (se estima en más de 40 millones de pesos argentinos), le otorga valor a un sitio que no había sido tenido en cuenta. El aprovechamiento de un área que quedaba fuera de las consideraciones estratégicas (no hay menciones en planes de ordenamiento o de planificación territorial), constituye un interesante argumento vinculado al desarrollo local y a la revalorización de sitios poco atractivos.
- d) El componente político dio forma a un proyecto muy cuestionado en sus inicios (por el valor de su inversión y la escasa mano de obra a emplear una vez concluido el proyecto y a la misma monumentalidad de la obra).

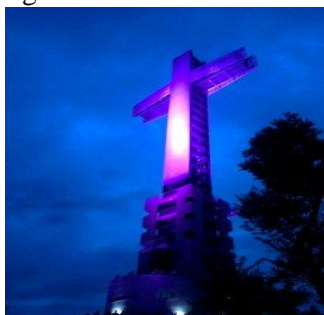
Fotografía N°1: El contexto del parque temático.



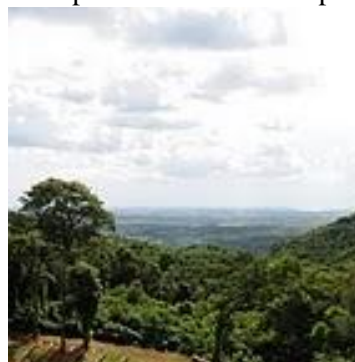
Fotografía N°2: La cruz.



Fotografía N°3: La cruz de noche.



Fotografía N°4: Vista panorámica desde la parte superior.



Fuente: elaboración propia (2010-2012).

### 2.1.1 Descripción

El Parque Temático La Cruz de Santa Ana se localiza en las inmediaciones de la localidad de Santa Ana, a 40 kilómetros de Posadas, capital de la Provincia de Misiones. Muy cerca de allí, por otro acceso, se encuentran las ruinas de las Reducción Jesuítico- guaraní de Santa Ana.

### 2.1.2 Acceso

Se accede al parque desde la Ruta provincial N° 103, a 3 kilómetros de las intersección con la Ruta Nacional N°12, que conecta Posadas con Puerto Iguazú. El acceso pavimentado es de 7 kilómetros hasta el ingreso al parque. Luego de la entrada, se realiza un recorrido ascendente de 1.500 metros atraviesa áreas de selva natural, con miradores, curvas y subidas típicas de las serranías misioneras.

En la cima del cerro se erige la cruz, construida en hierro y hormigón, de una altura de 83 metros, que constituye un mirador al cual se puede acceder con ascensores y escaleras. La Cruz es un conjunto arquitectónico con balcones que permiten una visión de varios lugares. La edificación principal es de hormigón armado (30 metros de alto), sobre el cual se yergue la cruz de 53 metros de metal (hierro y aluminio). El visitante puede acceder por escaleras hasta los balcones miradores, y por medio de dos ascensores, uno externo y otro interno hasta ingresar a los brazos de la cruz. En la base del edificio existe un salón de exposiciones, sala de teatro y auditorio, servicios gastronómicos (Santanero Bar y Resto con comidas típicas de la región) y sanitarios.

Además del atractivo principal, el parque posee un Mariposario, un Orquideario, un anfiteatro natural, senderos de interpretación de la selva y una Bioplaza. Los servicios son un restaurante

gourmet, sanitarios, seguridad, estacionamiento y traslados en buses.

### **2.1.3 Mariposario**

Es el primero en Misiones, con instalaciones acondicionadas para la producción, estudio y exhibición permanente de mariposas. Se recrean condiciones óptimas para la supervivencia y reproducción de diez especies del Cerro Santa Ana. El visitante puede observar las mariposas en vuelo, como se alimentan, y conocer los procesos de su ciclo de vida. Cuenta actualmente con 350 mariposas con 10 especies diferentes.

### **2.1.4 Orquideario**

Es un ambiente que recrea las condiciones del hábitat de las orquídeas misioneras. Es una muestra permanente de especies terrestres y epifitas de la zona, con el objetivo de repoblamiento del cerro. El orquideario pretende mostrar al visitante estas plantas que forman parte de los ecosistemas de Misiones y a la vez el valor ornamental que poseen.

### **2.1.5 Recursos humanos**

El personal del Parque, constituido por 35 personas, se organiza con un administrador, un tesorero, personal de atención en ingresos, doce personas de seguridad, e informantes que orientan y acompañan a los visitantes.

El Parque es un emprendimiento gubernamental y depende la Secretaría de Planeamiento Estratégico de la Provincia. El Ministerio de Turismo participa en la formación general del personal y en la provisión de material promocional.

### **2.1.6 Los inicios de la Obra**

Las obras se iniciaron en marzo de 2008 por parte del IPRODHA (Instituto Provincial de Desarrollo Habitacional Misiones). Asimismo este instituto realizó obras en la escuela primaria cercana y en viviendas en la comunidad aborigen que se localiza en la base del cerro.

La base de la cruz cuenta con 1000 m<sup>2</sup>, destacándose la nave central con 400 m<sup>2</sup> cubiertos. Se tardó un año en culminar la base, la cual se determinó como nivel 384 (metros sobre el nivel del mar). La construcción central tendría además sanitarios, oficinas de recepción y ascensores de 30 metros hasta la cruz. La cruz tiene 180 toneladas de peso. Además se construyó un anfiteatro al aire libre con capacidad para 150 butacas.

### **2.1.7 Los costos de la obra**

La Intendente de Santa Ana, Mabel Pezoa, señaló que el costo total del Parque Temático Santa Ana alcanzará los 70 millones de pesos (15 millones de dólares), es decir, que triplicará el costo inicial proyectado en 2007:

[...] creemos que la inversión final va a llegar alrededor de los 70 millones; no nos olvidemos que la obra arranca con el monumento que fue lo primero que se licitó, lo segundo fue el acceso y además los senderos que permiten el recorrido dentro de la selva. Se ha aprovechado en los distintos rincones del monte para la puesta en valor de espacios naturales, va a haber descanso para la oración y la meditación, para que haya una suerte de reencuentro espiritual con Dios y la naturaleza. (Entrevista Intendente Mabel Pezoa, mayo 2007).

El 22 de mayo de 2007 la firma constructora Hidrelco se adjudicó la obra central del parque temático tras exhibir una oferta de 21.895.692 pesos, equivalente a un 0,47% menos que la oferta de Proobra, la otra empresa que se presentó a la licitación.

Luego, en 2009, se conoció que el costo que tendría el asfaltado de los accesos alcanzaría los 12 millones de pesos, elevando el costo a casi 40 millones de pesos.

Y hacia finales del año pasado el Gobierno provincial llamó a licitación para la construcción del centro de eventos y servicios de Santa Ana, parte del proyecto que terminó costando 9.322.400 pesos más. Por otra parte, la Intendente de Santa Ana recalcó que “[...] hubo más de 200 personas trabajando en la construcción del parque temático.”

En un principio se pautó que los municipios de Santa Ana y Cerro Corá (otro municipio que posee parte del cerro donde se construye el parque temático) serían incluidos en el proyecto, con sus correspondientes beneficios. En 2009 y ante la falta de inclusión de Cerro Corá en el conjunto de obras y en la promoción del proyecto el propio alcalde local, Roberto Ramírez, manifestó en una entrevista su disconformidad por la exclusión de su municipio, exhibiendo incluso planos catastrales que ponían en evidencia el derecho territorial de Cerro Corá en el proyecto. Después de aquellas declaraciones, el intendente no volvió a referirse al tema ni a reclamar por los derechos de su municipio -según se dice, por “órdenes de arriba”- y así es sólo Santa Ana y su intendente la cara visible del proyecto. En su balance de gestión de 2010, Ramírez ni siquiera citó al parque temático.

Tanto desde Santa Ana como desde Cerro Corá, los vecinos admiten que la obra generó una mano de obra mínima, que no impactó en la desocupación imperante en ambos municipios. Luis Arrieta, presidente de la Asociación de Vecinos del Puerto de Santa Ana, indicó que

[...] en la Cruz trabajaron menos de cincuenta santaneros, todos los demás fueron empleados de la empresa, gente de Posadas. La obra no trajo trabajo para los locales, pese a la fuerte desocupación que existe en el pueblo. De esta manera, ¿cómo pretenden que valoremos el supuesto esfuerzo que desplegó el Gobierno provincial, si ni siquiera trajo grandes beneficios? (Diario primera edición, 31 janeiro 2011).

### 2.1.8 La inauguración oficial y las obras

Si bien el parque ya estaba abierto al público seis meses antes, el día 15 de abril de 2011 se realizó la inauguración oficial del nuevo atractivo tecnológico- religioso denominado “Parque Temático de la Cruz de Santa Ana”, convirtiéndose así en un nuevo atractivo turístico del municipio y uno de los cuatro pilares de turismo de la provincia de Misiones (además de las Cataratas del Iguazú, Saltos del Moconá y Ruinas jesuítico guaraníes de San Ignacio).

Si bien es un proyecto provincial, desde la Intendencia local se dio un fuerte apoyo al proyecto:

[...] el pueblo de Santa Ana ha tratado de poner en valor en Cerro históricamente, hasta en el acta fundacional del pueblo de 1883, habla de la belleza turística del cerro y hubieron distintos proyectos desde la municipalidad para darle valor. (Entrevista Intendente Mabel Pezoa, abril 2011).

Luego de la inauguración oficial, durante la Semana Santa de 2011, se efectuaron diversas actividades y se observó una relativa afluencia de visitantes. Hasta la inauguración asistieron al predio 70 mil personas, con entrada libre y gratuita. En la instancia de la inauguración, el auditorium ubicado en la base del edificio de la cruz, el Coro Universitario de Misiones, el Coro de Jóvenes Cantores de Posadas, el Coro y la Orquesta del Centro del Conocimiento, interpretaron la Misa de *Requiem* de Mozart, ante un público que presenció el espectáculo en un sitio construido con los lineamientos arquitectónicos y una acústica acorde para este tipo de interpretaciones.

El número de visitantes desde la inauguración oficial en Semana Santa de 2011 fue relativo, lográndose en ese fin de semana un total de 3.712 visitas. El Viernes Santo ingresaron al lugar 218 personas, y de ellas, el 87% fueron visitantes misioneros, el 10% de otras provincias argentinas y el 3% extranjeros. El sábado Santo, en tanto, fueron 594 los que decidieron visitar la imponente cruz. En la jornada del domingo el Parque recibió la visita de 2900 personas, colmando las expectativas de los organizadores y del municipio. Uno de los indicadores de la demanda fue el hecho que por primera vez se debieron levantar las barreras del peaje de Santa Ana, (según entrevista realizada a la Intendente), debido a los 8 km. de cola de los vehículos para pasar hacia el parque temático, totalizándose hasta la fecha 180 mil visitantes.

Otro de los factores que incidió fue el hecho de que la entrada sea libre y gratuita al predio desee la inauguración de Semana Santa hasta el 1 de julio de 2011 y cabe señalar que el Parque está abierto de lunes a domingos, de 10 a 17 horas, y la entrada, es gratuita. (Diario Misiones Online)

### 2.1.9 Los posibles impactos del proyecto según los diferentes actores locales

En el marco de la investigación se han realizado diversas entrevistas con agentes locales a fin de conocer su postura respecto del impacto del Parque temático y de las perspectivas de futuro del municipio.

Desde la Intendencia local, la Sra. Intendente Municipal Sra. Mabel Pezoa sostiene que *“el impacto que va a tener la obra de la cruz en el cerro, no es solo local, sino zonal, un impacto regional”* (entrevista, abril de 2011) al considerar que generará numerosos nuevos puestos de trabajo y al hacer que muchos residentes retornen a su municipio a invertir. Así ella manifiesta también que con la apertura oficial del parque se ha incrementado notablemente las visitas al municipio de personas de la provincia y turistas que viajan rumbo a las Cataratas.

Destaca la Intendente que el proyecto de puesta en valor del Cerro Santa Ana de alguna forma surge como iniciativa de los residentes, y quedaba establecida en el acta de fundación del municipio (1883) el interés por el mismo, ya que el cerro es visto desde muchos ángulos del municipio y presenta una vista excepcional.

Se han realizado tres asambleas populares en el municipio y hasta los opositores han dado su apoyo al proyecto. *“Si bien ha habido opositores, la población ha sido más opositora con otros proyectos culturales- artísticos en el municipio que con este parque temático”*, sostenía la Intendente. Una de las mayores preocupaciones destaca la Intendente era pensar como articular lo religioso del parque temático con lo comercial pero luego dice *“[...]después de su viaje al Vaticano comprendió que todo visitante quiere y necesita llevarse algo del lugar visitado”* y este fue el argumento necesario para empezar a encarar una serie de talleres de artesanías y su comercialización.

Desde la Municipalidad, se está trabajando en alternativas de uso del camino que une el Parque temático con las ruinas jesuítico - guaraníes para hacer senderos interpretativos con los informantes turísticos capacitados por el municipio.

Desde el predio de las ruinas jesuítico guaraní, el Sr. Fez, responsable del mismo, sostiene que hay muchas versiones circulando respecto de los proyectos posibles en el parque temático. Si bien reconoce que estos días ha habido muchos visitantes al parque pero que en su mayoría eran personas de la zona o provinciales, pero que estas visitas estaban sesgadas por la entrada libre y gratuita. Destacaba además que *“[...]recién cuando se cobre entrada se verá el impacto que tiene este parque temático.”*(Entrevista Sr. Fez, julio 2011)

El parque temático y las ruinas por ahora no comparten el segmento de mercado. *“No todos los que entran al parque vienen a ruinas, y no todos los que vienen a ruinas les interesa el parque”*. El ingreso a ruinas fue superior este año frente a los anteriores. *“Se destacan de 250 a 300 personas por día, aunque no se puede decir que se deba a la inauguración oficial del parque temático sino por un incremento general del turismo”*, sostuvo el responsable del predio.

Se observa que en temporada baja hay más turistas extranjeros en las ruinas (franceses y alemanes sobre todo) quienes no saben del parque temático ni ven la folletería del mismo al venir al municipio. Los nacionales (correntinos en especial) saben y preguntan acerca del parque temático. Destaca el responsable del predio que tratar de generar usos alternativos en el camino que une el parque con las ruinas tendrá sus dificultades ya que todo el sector es zona arqueológica, es decir, zona de no innovar, por los relictos jesuíticos que poseen.

Otro tema es el empleo generado en el parque temático. *“En la construcción de la cruz trabajaron 40 personas del municipio pero ahora quedarán solo la mitad de ellos.”* sostiene el entrevistado. (Entrevista Sr. Fez, julio 2011)

Finalmente, destaca que el turismo internacional que viene a ver estos lugares es un turista Express, es decir una persona que viene por poco tiempo y no consume mucho en el lugar visitado. Por ello hoy por hoy no hay mucha inversión visible, la gente no se quiere arriesgar hasta no ver que ocurre con las entradas pagas del parque temático (hecho que sucederá desde el 1 de junio).

En base a encuestas realizadas a residentes de la ciudad de Santa Ana que no se encuentran vinculados al turismo en abril de 2011, se puede destacar como resultados:



- a) que será escasa la generación del empleo general y el que pueda producir el parque temático para con los residentes.
  - b) el parque temático no generara ingresos económicos importantes al municipio.
  - c) la falta de servicios públicos en general como cloacas y mejor calidad del denominado agua potable son cuestiones básicas a atender a corto plazo.
  - d) falta de servicios de alojamiento y mejores restaurantes para los visitantes.
  - e) cuestionan la falta de invitación y participación de la comunidad local en el proyecto parque temático.
  - f) en general, consideran que con el parque va a cambiar muy poco el municipio.
  - g) consideran que el municipio no está preparado para el turismo.
- Con lo cual se observa que los residentes de Santa Ana no relacionados con el turismo tienen una opinión bastante pesimista respecto del proyecto Parque temático La Cruz.

### **2.1.10 La demanda turística del parque temático**

Si bien se destaca que antes de la inauguración el ingreso era libre y gratuito y se alcanzó a 70 mil personas en seis meses, al inaugurarse en semana Santa de 2011, visitaron el predio 15.959 personas, considerado todo un éxito, aunque la mayoría de las personas que ingresaron, fueron ciudadanos de la provincia de Misiones. En tanto, en esa semana santa hubo 36.000 visitantes a Cataratas del Iguazú.

Además de la visita al edificio de la cruz, con sus miradores, los visitantes recorrieron el mariposario y el orquideario. También se disfrutaban los paseos por los senderos de interpretación ubicados dentro del parque boscoso. El Parque permanece abierto al público a partir de las 10 horas y hasta las 17, todos los días, de lunes a domingos. Desde el 1 de julio el ingreso al predio cuesta 3 dólares por persona y para el uso de los ascensores de la cruz otros 3 dólares más por persona.

Actualmente, se alcanzó los 180 mil visitantes en total desde su apertura, de los cuales el 80% son residentes de la provincia de Misiones (Subsecretario de Gestión Estratégica de Misiones, Sergio Dobrusín) habiendo llegado a los 100 mil visitantes en julio de 2011.

Ahora bien, también es cierto que todo parque temático suele recibir visitas de la población residente, y como se observa en éste, la amplia mayoría es de origen provincial. Más aún, los visitantes frecuentes suelen ser aquellos residentes cercanos. Esta condición, configura otro desafío a futuro para el Parque de la Cruz, debido a que una manera de atraer a los residentes cercanos, serán las novedades. Por ahora lo que se observa es que se realizan eventos de carácter religioso y cultural de interés para misioneros y público en general. A futuro, las novedades deberán apuntar a incluso ampliar y diversificar la oferta de actividades.

Es probable que su carácter gubernamental se vea modificado, ya sea por concesiones de explotación de servicios u otras formas de administración que impliquen metas de rentabilidad. En ese supuesto escenario es riesgo será la calidad de la prestación de servicios, dado que serán varias o muchas las áreas de explotación y el mantenimiento de estándares de calidad en cada una de ellas incidirá en la administración y la misma supervivencia del Parque.

### **2.1.11 Opiniones de visitantes**

Lo que no me gusta es que sea más caro la entrada para visitantes de otras provincias. Y la vista desde los brazos de la cruz no es de lo mejor para que cobren aparte.

Todo el lugar es precioso, nos gustó muchísimo, la vista es increíble!!! y la atención de TODO el personal es excelente. La cruz impresionante.

Se observa que los aspectos más cuestionados por los visitantes son el precio de entrada diferencial y la caminata en ascenso que se debe realizar.

### 2.1.12 Los beneficios para los residentes

A más de un año de inauguración del parque, en el municipio se han generado proyectos municipales de formación y de provisión de infraestructuras urbanas, sin embargo, no han surgido nuevas inversiones privadas. Se destacan los 35 puestos de trabajo generados en forma directa en el parque temático, aunque no se identificaron empleos indirectos ni inducidos por este nuevo atractivo turístico en la localidad.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

El municipio de Santa Ana se encuentra en un posible punto de inflexión, en una etapa de transformación a partir de las grandes obras que están en plena ejecución y algunas terminadas como la Cruz, el nuevo puerto, el desarrollo industrial, la producción primaria, el comercio y las múltiples actividades vinculadas al turismo, sobre todo las posibilidades de instalación de empresas hoteleras y gastronómicas, la mayor parte de ellas incentivadas y financiadas desde el ámbito provincial.

El parque temático La Cruz, proyecto provincial, avalado por el municipal en una localidad decaída desde lo económico- productivo y con descenso de población por falta de actividades productivas, genera esperanzas y muchas expectativas en el gobierno municipal y algunos actores vinculados al turismo, aunque plantea una mirada más negativa en los actores locales no turísticos.

Se observa que han ingresado desde su apertura unas 180 mil personas, siendo el 80% de las mismas de origen provincial.

Hasta el momento en términos de empleo solo generó 35 puestos directos, y sin un evidente efecto de derrame local excepto por un relativo incremento de las ventas de los locales de souvenirs y artesanías. Por otro lado, no se evidencia el interés por nuevas inversiones de origen local o foráneo en servicios como alojamiento, alimentación y escasas obras de infraestructuras para la población local y por sobre todo; sigue el debate acerca de si permitirá que los residentes de Santa Ana ser agentes o solo actores del desarrollo local de su municipio y que,

Si bien es cierto que la inversión pública no se recupera sino que se manifiesta mediante benéficos para la sociedad, sin embargo, si se buscara recuperar los aproximadamente 70 millones de pesos invertidos se requerirán de 5 millones de visitantes, que al volumen actual de visitas (180 mil por año) se necesitarán 27 años.

Los datos actuales indican que no se está logrando el desarrollo local, pero se verá en el futuro si este punto de inflexión realmente existe y contribuye al desarrollo local, será un enclave o en el peor de los escenarios, una inversión sin recupero ni beneficios.

### REFERÊNCIAS

- [1] Arocena, José: **El desarrollo local: un desafío contemporáneo**. Centro Latinoamericano de Economía Humana – CELAH. Universidad Católica del Uruguay. Editorial Nueva Sociedad. Venezuela. p. 19, 1995.
- [2] Barreiro, 1988, p. 12.
- [3] Girardi, G.: **Desarrollo Local Sostenible, Poder Local alternativo y refundación**. Material digitalizado, entregado personalmente al Centro de Investigaciones Medio Ambientales. 2001.
- [4] Alburquerque, 2001, p. 8.
- [5] Capece, Gustavo: **Turismo, la esencia del negocio**. CENGAGE. Buenos Aires. Colección “Biblioteca de Mayo”, Guerra de la Independencia, (1963) Buenos Aires, Senado de la Nación, Tomo XIV.2007.

# **MONITORAMENTO AUDIOVISUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO: PRERROGATIVAS DO EMPREGADOR X VIOLAÇÃO DA INTIMIDADE, IMAGEM E DIGNIDADE DO TRABALHADOR.**

Daniele Regina Terribile <sup>1</sup>

Cristina Käfer <sup>2</sup>

## **RESUMO**

A priori, o monitoramento audiovisual constitui um dos mais modernos instrumentos tecnológicos à disposição do empregador para exercer o seu poder de controle do empreendimento. No entanto, o desvio da finalidade ou o abuso na utilização dessa técnica, poderá atingir a intimidade e imagem do trabalhador, ferindo, conseqüentemente, sua dignidade de pessoa humana, ensejando o dano moral. No Brasil, não há legislação específica em relação ao monitoramento audiovisual no ambiente de trabalho. Contudo, a falta de regulamentação específica não exime o poder judiciário de uma decisão justa ao caso concreto, já que dispõe de princípios constitucionais para nortear as decisões, especialmente ao princípio da dignidade da pessoa humana, que constitui um dos fundamentos do nosso Estado Democrático de Direito. Por fim, sob um enfoque jurisprudencial, serão analisadas quais as situações concretas em que o monitoramento audiovisual deixa de ser uma prerrogativa do poder diretivo, adentrando na esfera íntima do empregado, violando sua intimidade, imagem e, com efeito, sua dignidade humana.

Palavras-chave: Monitoramento Audiovisual - Poder diretivo e Subordinação - Direito a intimidade e imagem - Princípio da Dignidade da Pessoa Humana.

## **INTRODUÇÃO**

Entre as novas tecnologias desenvolvidas para aprimorar a segurança pessoal e patrimonial, o monitoramento audiovisual representa uma valiosa técnica, sendo utilizada em diversos locais, públicos ou privados, como nas ruas, nas instituições financeiras, nas residências e dentro dos presídios.

O emprego do monitoramento audiovisual também vem sendo amplamente usado no ambiente de trabalho, não somente visando à segurança pessoal e patrimonial, como também a própria produtividade das empresas. Contudo, o emprego inadequado das câmeras pode ensejar violações à personalidade do trabalhador, ferindo a moral deste quando sua imagem e sua intimidade são expostas de forma inadequada, atingindo, conseqüentemente sua dignidade humana.

Logo, a delimitação do presente tema está voltada para o monitoramento audiovisual no ambiente de trabalho, frente às prerrogativas do poder diretivo do empregador em face aos direitos da personalidade: intimidade e imagem e ao princípio da dignidade humana do trabalhador, sob o enfoque doutrinário e jurisprudencial.

As relações de trabalho demonstram-se bastante complexas e delicadas, sobretudo diante das suas características de fiscalização e de controle por parte do empregador e da subordinação por parte do trabalhador.

Ademais, o ambiente de trabalho constitui um campo fértil para o dano moral, em decorrência da complexidade das relações de trabalho e das suas características que podem propiciar lesões a

---

<sup>1</sup> Mestre em Direito Público pela UNISINOS. Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela IMED/RS. Advogada Trabalhista, com formação pela Universidade de Passo Fundo - UPF. Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Direito do Trabalho e Direito Previdenciário da FEMA - RS. Professora das matérias de Direito do Trabalho, Processo do Trabalho, Teoria Geral do Direito e Ética do Curso de Direito da FEMA/RS. Professora de Direito do Trabalho do Curso de Especialização em Direito do Trabalho. Técnica em Segurança do Trabalho com formação pela Universidade de Passo Fundo – UPF. danieleterribile@hotmail.com.br

<sup>2</sup> Graduada em Direito pelas Faculdade Integradas Machado de Assis – FEMA.

personalidade. Considerando que atualmente o monitoramento audiovisual está incutido no ambiente laboral, é de grande relevância o estudo da relação do emprego dessa técnica com o instituto do dano moral.

Assim, merece o assunto atenção especial, tendo em vista a prática crescente da técnica, não podendo mais o legislativo manter-se omissivo e o judiciário eximir-se da observância dos princípios constitucionais na solução dos desentendimentos que surgiram referente a essa temática.

## **1 METODOLOGIA**

Os métodos de procedimentos utilizados na pesquisa foram o hipotético-dedutivo, foram empregados também os métodos de procedimentos históricos e comparativos. A técnica de coleta de dados foi realizada através de documentação indireta.

Os métodos de procedimentos utilizados na pesquisa foram o hipotético-dedutivo, que parte das hipóteses formuladas pelo pesquisador, através de elementos sustentados durante o período de verificação, observando-se as teses propostas por diversos autores, com a finalidade de se construir um referencial teórico aprofundado acerca do problema proposto pela pesquisadora, capaz de atingir os objetivos da pesquisa.

## **2 A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA DIANTE DAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

Nas relações do trabalho, historicamente, após intensas reivindicações, a classe trabalhadora exigiu do Estado o respeito à dignidade do trabalhador, a fim de assegurar e manter as condições mínimas de dignidade no ambiente de trabalho. O Estado, por sua vez, editou leis objetivando a proteção dos direitos trabalhistas e da personalidade do trabalhador e conseqüentemente procurando proteger a sua dignidade (SILVA, 2008). Logo, o direito do trabalho nasceu com o objetivo de amparar a dignidade do trabalhador, já que este mantém seus valores humanos quando faz valer-se de sua força de trabalho. Nesse norte:

Desta forma se vê que o Direito do Trabalho também surgiu com o propósito de proteção de direitos da personalidade do trabalhador, pois se percebe que está voltado para a defesa da dignidade da pessoa nas relações de trabalho. Portanto, o indivíduo ao fazer parte de uma relação de trabalho não se separa de seus valores humanos, entendendo que a função social do Direito do Trabalho guarda direito a preservação desse valor absoluto e universal, que é a dignidade do homem que trabalha. (SILVA, 2008, p.230).

No trato laboral percebe-se uma desigualdade entre as partes, fato que deixa o empregado em situação de vulnerabilidade, podendo ser facilmente ferido em sua dignidade. Nessa esteira, as leis trabalhistas brotaram para efetivamente defender a parte mais fraca na relação laboral. Assim, “[...] uma das finalidades precípua do Direito do Trabalho é propiciar o respeito a dignidade do trabalhador”. (SACHES, 1997, p. 40)

Para Kant o ser humano não pode ser considerado um meio para os outros, mas sim um fim em si, fato que o faz dotado de dignidade especial (KANT, 1993 apud STADLER, 2008). Logo, o trabalhador não pode ser considerado como um mero meio para alcançar os objetivos da empresa, mas sim um fim em si mesmo, vez que possui personalidade e o trabalho lhe completa em sua dignidade, pois por meio do trabalho o ser humano se sente útil, valorizado e capaz e provém seu sustento.

Igualmente, salutar se faz lembrar que “em nome da defesa do patrimônio e do lucro não se pode violar a dignidade humana” (DINIZ, apud SACHES, 1997, p. 70). Assim, para reconhecer a dignidade de um trabalhador, é necessária a consciência de que há distinção entre trabalho e capital. O trabalho é um valor do espírito, enquanto que o capital significa um valor de matéria, não podendo este se sobrepor aquele. Neste norte, Lima, aduz:

O trabalho é um valor de espírito. O capital um valor de matéria. È só os que não fazem distinção entre espírito e matéria ou os que colocam a matéria em cima do

espírito, é que podem negar a subordinação do capital ao trabalho. Este é a própria pessoa em ação, ao passo que aquele é apenas o fruto material do trabalho ou de outras formas de aquisição da propriedade. O trabalho faz parte da dignidade substancial da natureza humana. E toda organização do esforço comum que não corresponda a essa dignidade intrínseca de sua vontade é uma forma empírica, imperfeita do dever ser. (LIMA, 1967 apud SACHES, 1997, p. 11).

Por conseguinte, a dignidade da pessoa humana não poderá ser ignorada nem mesmo nas relações do trabalho, vez que o trabalhador não se afasta dos seus valores humanos, quando emprega sua força de trabalho em prol de um empreendimento gerenciado pelo empregador. Nesse sentido, Sanches pondera:

Isso tudo, porque “[...] o poder do empregador no contrato de trabalho não é ilimitado, mas tem como parâmetro o direito vigente e o respeito à dignidade humana” (STADLER, 2008, p. 92) As prerrogativas concedidas ao empregador para gerir seu empreendimento devem estar de acordo com o ordenamento jurídico e principalmente de encontro ao princípio da dignidade humana, para que sejam consideradas válidas.

A Própria Constituição Federal em seu artigo 170 prevê que a ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna. Logo, o próprio princípio constitucional da atividade econômica exige que o empregador trate o empregado com dignidade.

Quando o empregado oferece e emprega sua força de trabalho em troca de salário, submetendo-se ao poder de mando do empregador, não transfere o poder sobre seus direitos de personalidade e sua dignidade (ALKIMIN, 2006, p.128). Até porque tais direitos são irrenunciáveis, não podendo o empregado dispor dos mesmos, pois são inerentes a condição humana do trabalhador. Nesse norte:

Na era da globalização e flexibilização de condições de trabalho, embora haja tendência para relativizar e atenuar a tutela ao hipossuficiente, não podem deixar de ser garantidas ao trabalhador as condições mínimas de trabalho para a sua preservação da dignidade humana, inclusive a garantia de um meio ambiente de trabalho sadio que lhe de satisfação, haja vista que passa a maior parte de sua vida no ambiente de trabalho. (ALKIMIN, 2006, p.128).

O trabalhador passa boa parte do dia em seu trabalho, muitas vezes, tempo maior do que destina ao convívio familiar e ao lazer. Assim, indispensável que tal ambiente lhe proporcione condições dignas para o desempenho de suas atividades ocorra de forma satisfatória. “Ao trabalhador devem se asseguradas as garantias mínimas de um trabalho digno. E para que isso seja possível, não se pode compreender o trabalhador como simples instrumento para a realização de determinado serviço” (STADLER, 2008, p. 91).

Após árduas lutas para conquista dos direitos dos trabalhadores por melhores condições de trabalho, não poderia haver relativizações de tais garantias, sob o pretexto da era da globalização e a conseqüente produção e consumo em massa. Assim sendo, a dignidade humana é um princípio fundamental, previsto constitucionalmente e estendido ao trabalhador, já que este é acima de tudo um ser humano.

Diante do exposto, a dignidade constitui um princípio fundamental do nosso Estado Democrático de Direito, devendo ser respeitada em todos os âmbitos, inclusive nas relações de trabalho. A dignidade humana é efetivada por meio dos direitos fundamentais, na seção seguinte serão abordados, de forma especial, os direitos fundamentais da imagem e da intimidade.

### **3 OS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA INTIMIDADE E IMAGEM**

Só é possível falar que efetivamente a dignidade da pessoa humana está sendo respeitada e protegida quando os direitos fundamentais são observados e garantidos. Sarlet relaciona os direitos fundamentais como exigência e concretizações do referido princípio, nesta seara:

Em suma, o que se pretende sustentar de modo mais enfático é que a dignidade da pessoa humana, na condição de valor (e princípio normativo) fundamental que “atrai o conteúdo de todos os direitos fundamentais”, exige e pressupõe o reconhecimento e proteção dos direitos fundamentais de todas as dimensões ( ou gerações, se assim preferirmos). Assim, sem que se reconheçam à pessoa humana os direitos fundamentais que lhe são inerentes, em verdade estar-se-á lhe negando a própria dignidade. (SARLET, 2002, p. 89-90).

Não se pode olvidar que a dignidade da pessoa humana engloba necessariamente respeito e proteção a integridade pessoal, concretizando-se no respeito pela privacidade, intimidade, honra e imagem (SARLET, 2002). Assim, dentre os direitos fundamentais que preservam a dignidade da pessoa humana, encontram-se os direitos fundamentais da imagem e da intimidade, os quais serão tratados de forma especial nesse tópico. Com o avanço tecnológico, as interferências na intimidade e vida privada dos indivíduos acentuaram-se, fazendo com que esses direitos fossem elevados ao nível constitucional (BARROS, 1997)

Deste modo, a constituição adaptou-se as novas necessidades que surgiram com as inovações tecnológicas, resguardando o direito a intimidade e a imagem dos indivíduos. Com efeito, Os direitos à intimidade e à própria imagem formam a proteção constitucional à vida privada, salvaguardando um espaço íntimo intransponível por intromissões ilícitas externas (MORAES, 2010). Os direitos à intimidade e à imagem são considerados como direitos da personalidade. Nesse mesmo diapasão:

A intimidade e a imagem são direitos de personalidade. São prerrogativas de toda pessoa humana pela própria condição, referentes aos seus atributos essenciais em suas emanações e prolongamentos, são direitos absolutos, implicam num dever geral de abstenção para a sua defesa e salvaguarda, são indisponíveis, intransmissíveis, irrenunciáveis e de difícil estimação pecuniária. (NASCIMENTO, 2009, p. 114-115)

Diante disso, tanto o direito a intimidade quanto o direito a imagem estão constitucionalmente protegidos, sendo garantido que a vida privada do ser humano não seja violada por ingerências das demais pessoas.

O direito a intimidade é considerado um direito fundamental de defesa (RUIZ 1995). Da mesma forma, podemos interpretar o direito a imagem, vez que a intimidade e a imagem estão diretamente ligadas. O amparo constitucional previsto no inciso X do art. 5º abrange, inclusive, à imprescindível proteção à própria imagem face aos meios de comunicação em massa como a televisão, o rádio os jornais, etc (MORAES) No mesmo diapasão:

O direito a intimidade há muito vem sendo conceituado como aquele que visa resguardar as pessoas dos sentidos alheios, principalmente da vista e dos ouvidos de outrem; pressupõem ingerência na esfera íntima da pessoa através da espionagem e divulgação de fatos íntimos obtidos ilicitamente. (BARROS, 1997).

Cabe salientar que a dignidade da pessoa humana deve ser efetivada por meio dos direitos fundamentais. De tal modo, “[...] uma violação de um direito fundamental estará sempre vinculada com uma ofensa à dignidade da pessoa” (SARLET, 2002). Logo, a imagem e a intimidade devem ser protegidas inclusive no âmbito trabalhista para que o trabalhador efetivamente seja tratado com dignidade.

#### **4 A PROTEÇÃO DA IMAGEM E DA INTIMIDADE DO TRABALHADOR**

Embora não haja previsão específica na legislação trabalhista que ampara a intimidade e a imagem do trabalhador, a previsão constitucional abrange as relações trabalhistas. Alkimim ressalta que:

A carta magna de 1988 atribuiu à dignidade humana a categoria de princípio fundamental, instituindo os chamados direitos e garantias fundamentais que preservam a dignidade humana, protegendo os atributos inerentes à pessoa humana,

tais como a vida, liberdade, igualdade, intimidade, privacidade, trabalho, saúde, educação, propriedade, meio ambiente protegido etc. não pairando dúvida de que o trabalho é um direito fundamental do trabalhador, bem como a defesa dos direitos de personalidade do empregado. (ALKIMIN, 2006, p. 17).

Nesse sentido, assevera Barros que “[...] a inserção do obreiro no processo produtivo não lhe retira os direitos da personalidade, cujo exercício pressupõe liberdades civis” (BARROS, 1997, p. 26), vez que a subordinação se refere à prestação de serviços e não a pessoa do empregado. Assim, o empregado não está sujeito a todo tipo de situação capaz de ferir sua intimidade e imagem, pois tais direitos são inerentes a sua condição de pessoa humana. Nesse norte, Barros aponta que,

Não é o fato de um empregado encontrar-se subordinado ao empregador ou de deter este último o poder diretivo que irá justificar a ineficácia à intimidade no local de trabalho, do contrário, haveria a degeneração da subordinação jurídica em um estado de sujeição do empregado. (BARROS, 1997, p.33).

A importância dos direitos da personalidade na relação laboral tem como implicação a restrição ao poder de mando do empregador e a limitação ao princípio da autonomia de vontade. Dessa forma, o empregador ao exercer o controle e a fiscalização do empreendimento deverá considerar a dignidade do trabalhador e, conseqüentemente os direitos a personalidade deste (ALKIMIN, 2006) Tão logo, o poder de direção do empregador esbarra na observância e respeito à personalidade do trabalhador.

Em que pese à relação de emprego tenha um escopo patrimonial devido ao pagamento de salário por parte do empregador ao empregado, tem como elemento primordial a natureza de pessoalidade, pois este exerce pessoalmente suas atividades e de forma subordinada, submetendo-se ao poder de direção daquele, motivo pelo qual os direitos da personalidade devem ser especialmente protegidos no âmbito trabalhista, vez que, como pessoa, o empregado usufrui de todos os atributos da personalidade que devem ser mantidos e respeitados diante do poder diretivo do empregador. (ALKIMIN, 2006)

Com efeito, o pagamento do salário é apenas uma das obrigações do empregador no contrato de trabalho, não mais importante que o respeito a personalidade do trabalhador. Nesse norte, complementa Alkimim:

Para o empregado, o respeito à dignidade e aos direitos da personalidade do empregado deve ser considerado como um ponto de apoio para a relação obrigacional no contrato de trabalho, e, muito embora a obrigação de pagamento seja considerada uma obrigação primordial do empregador, não menos primordial é a obrigação de preservar, garantir e tutelar os direitos da personalidade do empregado, que constituem extensão dos direitos fundamentais do cidadão. (ALKIMIN, 2006, p. 23).

A Consolidação das Leis Trabalhistas, em seu art. 483 aborda indiretamente da defesa dos direitos da personalidade quando permite o empregado a considerar indiretamente rescindido o contrato de trabalho no episódio de violação a sua honra ou de sua família, ou ainda, quando for tratado pelo empregador ou por seus superiores hierárquicos com rigor excessivo.” (ALKIMIN, 2006)

Sendo um ser social, a pessoa se satisfaz quando realiza algo que atenda os seus anseios e ao mesmo tempo ao bem comum da sociedade. Tão logo, o trabalho representa uma das funções sociais relacionadas à personalidade, pois, “[...] por meio do trabalho o ser humano volta-se ao seu próprio aperfeiçoamento pessoal (ético e cultural), bem como perante a sociedade (dever de cooperação em prol do bem comum).” (SANCHES, 1997, p. 11).

Entre os direitos fundamentais da personalidade, encontra-se o direito a imagem, o qual abrange aspectos íntimos do indivíduo diante de si mesmo, autônomo de suas relações com terceiros (FELKER, 2010). Pontes de Miranda considera “Ato ilícito absoluto a ofensa ao direito à própria imagem, esclarecendo que é um dos direitos a personalidade, pois é direito que toca à pessoa por ter interesse que não se use, a lóbato, a sua imagem.” (MIRANDA, 2010, p. 130).

Assim como a dignidade humana e o direito a intimidade não se separam do indivíduo no exercício de seu trabalho, da mesma forma este mantém o direito a imagem. Por conseguinte, a imagem do empregado não pode ser aproveitada para fins danosos ou não permitidos.

Dessa forma, o uso inadequado do monitoramento audiovisual deixa de ser uma prerrogativa do poder diretivo, pois atinge a esfera íntima dos trabalhadores, violando o direito a sua imagem e intimidade e conseqüentemente a dignidade, ensejando o dano moral.

## **5 DANOS MORAIS EM FACE DO MONITORAMENTO AUDIOVISUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO**

A priori o monitoramento audiovisual constitui um dos mais modernos instrumentos tecnológicos a disposição do empregador para exercer o seu poder de controle do empreendimento. Neste sentido, expõe a magistrada e professora Alice Monteiro Barros:

A legislação brasileira não proíbe que o poder de direção conferido ao empregador se verifique através de aparelhos audiovisuais de controle de prestação de serviços, o que, aliás, é uma decorrência do avanço da tecnologia e poderá consistir em um instrumento probatório valioso na avaliação da conduta do empregado. (BARROS, 1997, p. 80).

As câmeras de vigilância no ambiente de trabalho podem representar uma valiosa técnica para melhorar os níveis de produção e de segurança da empresa em geral. Destarte, “[...] a vigilância eletrônica poderá ter um fulcro promissor, desde que utilizada de forma humana, combatendo-se os abusos na sua utilização e permitindo-se o acesso do obreiro às informações que lhe digam respeito.” (BARROS, 1997, p. 81)

A legislação ao reconhecer o poder de controle e de fiscalização como prerrogativas do poder diretivo do empregador, diminuiu o campo da privacidade do empregado. Dessa forma, em princípio são permitidos os mecanismos tecnológicos que auxiliam no controle do empreendimento, como os procedimentos visuais, utilizados para melhorar o funcionamento dos meios de produção, bem como, para melhorar o desempenho do sistema operacional ou de segurança da empresa e do próprio empregado. Contudo, tais mecanismos devem ser utilizados com a ciência do empregado e nunca de maneira clandestina, visando à espionagem, sob pena de ferir a imagem deste. (BARROS, 1997)

A utilização das câmeras de vigilância constitui um mecanismo de controle a disposição do poder de controle do empregador e este advém do direito a propriedade. Não obstante, tal poder não é absoluto e não deve se sobrepor ao direito à intimidade e imagem do empregado, pois estão diretamente relacionados ao valor universal da dignidade da pessoa humana. Assim,

[...] havendo conflito entre o direito de propriedade (do empregador) e os direitos à intimidade e privacidade (do empregado), devem prevalecer estes últimos, pois ligados ao preceito magno de dignidade da pessoa humana, conforme a ponderação dos valores em confronto, exigida pela aplicação do princípio da proporcionalidade. Além disso, a solução aqui defendida está em sintonia com o ideal de máxima observância e mínima restrição dos direitos em conflito. (SILVA, 2011).

Embora se trate de um conflito de direitos fundamentais, os direitos à intimidade e privacidade do empregado devem preponderar ao direito de propriedade, já que este último deverá atingir sua função social. Por outro lado, o art. 170 da Constituição Federal, deixa claro, que a valorização do trabalho humano culmina no amparo da intimidade e privacidade do trabalhador, diante dos avanços tecnológicos (SILVA, 2011), além disso o direito a propriedade do empregador deve exercer sua função social, conforme determina o inciso III do referido artigo.

Portanto, o empregador deverá ter senso de responsabilidade para não ferir a intimidade e imagem do empregado no exercício de seu poder de controle através da utilização de mecanismos visuais.

Os instrumentos audiovisuais não devem ser utilizados ilegalmente, visando gravar, reproduzir ou divulgar aspectos de caráter íntimo ou pessoal do trabalhador. Assim, são intoleráveis as



atividades que utilizam indevidamente os avanços mecânicos e técnicos de vigilância (BARROS, 1997).

Já as conhecidas “câmeras psicológicas”, ou seja, câmeras falsas ou desligadas, utilizadas apenas para intimidar os empregados, devem ser repelidas em qualquer caso, pois representam um artifício ardiloso e covarde por parte do empregador (SILVA, 2011).

O uso indiscriminado de câmeras verdadeiras e a utilização de câmeras falsas não se justificam no poder de mando do empregador, constituindo-se em abuso de direito e claro desvio de finalidade, capazes de violar a intimidade e imagem do trabalhador:

Conseqüentemente, frente às novas tecnologias de fiscalização, o uso desenfreado da videovigilância deve ser punido, visto que não pode configurar um comodismo para o empregador. Portanto, é necessária a criação de normas regulamentadoras para estabelecer critérios objetivos para a instalação de câmeras, seja pela organização da atividade, seja pela natureza da atividade desenvolvida, seja pelo tamanho do estabelecimento. Caso contrário, a disseminação dessa técnica, nos moldes atuais, poderá violar valores indissociáveis dos seres humanos como a honra, a intimidade e a privacidade. (SILVA, 2011).

Na hipótese de violação do direito à imagem do empregado, responderá o empregador pelo dano causado (CASSAR, 2009). Portanto, quando houver violação ao direito à imagem, o uso do monitoramento audiovisual deixa de ser uma prerrogativa, pois atinge a esfera íntima dos trabalhadores e conseqüentemente a dignidade dos mesmos, ocasionando o dano moral.

Para Cassar, “não causa dano moral o monitoramento por aparelho eletrônico do trabalho do empregado, salvo quando houver abuso ou desvirtuação da finalidade da fiscalização” (CASSAR, 2009, p. 735). Portanto, o problema encontra-se na utilização indiscriminada das câmeras no ambiente de trabalho.

Não há dúvidas de que monitoramento audiovisual representa um avanço tecnológico a disposição do empregador para este exercer seu poder de controle, contudo, a necessária utilização das novas ferramentas de trabalho para aumentar a qualidade e produção e/ou para a segurança patrimonial e pessoal da empresa em geral, não poderá servir de justificativa para condutas abusivas por parte do empregador. Nesse diapasão:

Conforme já explanado, a intimidade e a imagem são direitos da personalidade. Trata-se de valores extrapatrimoniais que quando violados geram o direito a indenização por dano moral. Nesse sentido, discorre o constitucionalista José Afonso da Silva:

A constituição foi explícita em assegurar, ao lesado, direito a indenização por dano material e moral decorrente da violação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas, em suma, do direito à privacidade. (SILVA, 2009, p. 210).

Logo, é evidente que nos casos em que o monitoramento audiovisual violar a intimidade e imagem do empregado, trazendo com isso, conseqüências negativas a sua dignidade como pessoa humana, restará configurado o dano moral.

Além da cautela na prática no monitoramento audiovisual, é necessária a preservação das imagens dos empregados, as quais não podem ser divulgadas quando não autorizadas e quando desnecessárias a informação objetiva e de interesse público. Caso o empregador não observe tais requisitos necessários a divulgação, surgirá ao empregado o direito a indenização por danos morais, além do respectivo direito à resposta (MORAES, 2010).

Cabe referir que o abuso do monitoramento audiovisual no ambiente laboral enseja não somente o dano individual, como também o dano coletivo, quando atinge vários trabalhadores da empresa. No caso de dano moral coletivo, a ação civil pública é o instrumento de defesa adequado para perquirir a indenização por danos morais, que pode ser interposta pelo Ministério Público e pelo próprio sindicato dos trabalhadores lesionados.

No Brasil ainda não há legislação específica acerca do monitoramento audiovisual no ambiente laboral, no entanto, a jurisprudência específica situações em que o monitoramento audiovisual viola direitos à intimidade e à privacidade do empregado, ensejando a indenização pelo dano cometido a estes.

## CONCLUSÃO

A priori o monitoramento audiovisual constitui um dos mais modernos instrumentos tecnológicos a disposição do empregador para exercer o seu poder de controle do empreendimento, no entanto, o desvio da finalidade ou o abuso na utilização dessa técnica, poderá violar a intimidade e imagem do trabalhador e conseqüentemente a sua dignidade.

A Dignidade da Pessoa Humana é o princípio basilar do nosso Estado Democrático de Direito, prevista em nossa Constituição, serve de parâmetro de validade para todas as demais normas do ordenamento jurídico. Nesse sentido, a dignidade da pessoa humana não poderá ser ignorada nem mesmo nas relações do trabalho, vez que o trabalhador não se afasta dos seus valores humanos, quando emprega sua força de trabalho em prol de um empreendimento gerenciado pelo empregador.

Já os direitos fundamentais da intimidade e imagem viabilizam a efetivação da dignidade da pessoa humana da pessoa, constituem direitos referentes à personalidade e estão previstos na Constituição, a qual assegura a inviolabilidade de tais direitos, garantindo a indenização pelo dano material ou moral em virtude da violação destes.

O ambiente do trabalho constitui um campo fértil ao ensejo do dano moral, especialmente em função da complexidade da relação laboral, caracterizada pela subordinação de um lado e o poder diretivo de outro. Normalmente o medo de perder o emprego e não ter condições de prover seu sustento e de sua família, faz com que se o empregado se sujeite as mais diversas situações, a exemplo do monitoramento indiscriminado que controla todos os seus passos no exercício de sua atividade, ao ponto de violar sua intimidade e imagem.

Com as constantes mudanças na sociedade, as regras não abarcariam todas as situações concretas vivenciadas pelos indivíduos, por isso, a importância dos princípios, os quais, devido a sua flexibilidade e grau de abstração, permitem ao legislador ou juiz adaptar-se as atuais necessidades, visando alcançar uma prestação jurisdicional justa sem, no entanto, contrariar o ordenamento jurídico vigente.

Frente a uma situação de monitoramento audiovisual em determinado ambiente de trabalho, deve-se avaliar os valores em questão, de um lado o poder diretivo e de outro a dignidade do trabalhador efetivada pelo respeito aos direitos fundamentais da imagem e intimidade.

Destarte, o monitoramento audiovisual pode ser compreendido como um direito do empregador. Contudo, não é um direito absoluto, já que encontra seus limites no respeito a intimidade e imagem do empregado e conseqüentemente na inviolabilidade da sua dignidade como pessoa humana.

## REFERÊNCIAS

- [1] SILVA, Áurea R. Pedrozo da. In COSTA, Ana Paula (Org.). **Ensaio Monográfico: os Direitos humanos, sob análise crítica e indisciplinar**. Erechim: Edelbra, 2008.
- [2] SACHES, Gislaíne A. **Dano Moral e suas Implicações no Direito do Trabalho**. São Paulo: LTr, 1997.
- [3] DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro**. Responsabilidade Civil. 22. ed. rev. e amp. São Paulo: Saraiva, 2008.
- [4] STADLER, Denise de Fátima. **Assédio Moral: uma Teoria do Abuso de Direito Aplicada ao Poder do Empregador**. São Paulo: LTr, 2008.
- [5] ALKIMIN, Maria Aparecida. **Assédio moral na relação de trabalho**. 2. ed. (ano 2008) 3. reimpr. Curitiba: Juruá, 2010.
- [6] ALEXY, Robert. **Teoria dos Direitos Fundamentais**. Tradução de Virgílio Afonso da Silva. 5. ed. São Paulo: Malheiros Editora Ltda, 2006.
- [7] SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.
- [8] BARROS, Alice Monteiro. **Proteção e Intimidade do Empregado**. São Paulo: LTr, 1997.
- [9] MORAES, Alexandre de Moraes. **Direito Constitucional**. 26. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- [10] NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Iniciação ao Direito do Trabalho**. 34. ed. São Paulo: LTr, 1997.

- [10] FELKER, Reginald Delmar Hintz. **O Dano Moral e o Assédio Sexual nas Relações de Trabalho**: Doutrina, Jurisprudência e Legislação. 3 ed. rev. São Paulo: LTr, 2010.
- [11] SILVA, Carlos Júnior. **Do Monitoramento no Ambiente de Trabalho com a Instalação de Câmeras**. Disponível em: < [http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id\\_dh=568](http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=568)>. Acesso em: 26 out. 2011.
- [12] CASSAR, Vólia Bomfim. **Direito do Trabalho**. 3. ed. Niterói: Impetus, 2009.

# OS PRINCÍPIOS AMBIENTAIS E AS PERSPECTIVAS ATUAIS

Liane Marli Schäfer Lucca<sup>1</sup>  
Luiz Lorimar Lucca<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho se ocupa da análise de aspectos relativos aos princípios ambientais da prevenção, da precaução e da equidade intergeracional enquanto balizadores das ações ambientais considerando as perspectivas atuais quanto a sua efetiva aplicabilidade de forma a possibilitar ao direito ambiental a conciliação entre conservação do meio ambiente com desenvolvimento econômico alcançando o desenvolvimento sustentável tão almejado na atualidade. Verifica-se que estamos diante de uma limitação necessária que de alguma forma colabore para preservar a individualidade do ser humano, sua cultura e seu ambiente como um todo, não deixando que as futuras gerações percam sua identidade cultural e encontrem um meio ambiente sustentável a sua disposição, assim como foi disponibilizado às gerações presentes.

Palavras chave: princípios de direito ambiental – desenvolvimento - sustentabilidade.

## INTRODUÇÃO

Com a emergente preocupação em torno do preservar hoje para que as gerações futuras tenham acesso aos recursos naturais disponibilizados pelo meio ambiente na atualidade, nos deparamos com diversos questionamentos que põem em dúvida a efetiva possibilidade dos preceitos de Direito Ambiental possuírem aplicabilidade plena, principalmente no que tange a seus princípios da prevenção, precaução e equidade intergeracional.

O Direito Ambiental apresenta-se elencado no rol dos novos direitos emergentes na sociedade globalizada onde se deixou de lado a preocupação restrita ao pacato e limitado meio em que as pessoas se inter-relacionam de forma convencional, preocupando-se com os limites territoriais de suas propriedades ou comunidades, passando-se a tomar conhecimento e interagir com acontecimentos de todas as longínquas partes do planeta, alimentando preocupações em torno dos reflexos de ações praticadas em âmbito local e mundial no que diz respeito à gestão do meio ambiente.

Muito se questiona até que ponto é possível conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental de forma a maximizar os resultados do setor produtivo sem, no entanto, destruir tudo que se encontra em seu entorno pela poluição, degradação ambiental, desmatamento dentre outros reflexos verificados juntamente com a expansão das indústrias e outros meios de produção. Pairando a dúvida quanto à eficácia dos instrumentos utilizados para a efetiva proteção ambiental, tema de base que fundamenta o estudo desenvolvido.

## 1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TEMA

O Direito Ambiental encontra-se dentre os temas tratados como novos direitos, reforçando a preocupação em torno da preservação e proteção dos recursos naturais, cada vez mais escassos e do meio ambiente como um todo, considerando as diversas catástrofes ambientais de dimensões planetárias desencadeadas pelas ações degradadoras do ser humano na natureza.

---

<sup>1</sup> Advogada, Contadora e Professora dos Cursos de Administração e Direito da FEMA e Professora dos Cursos de Administração e Subseqüente do IFFarroupilha; Pós-graduada em nível de Especialização em Contabilidade e Gestão Empresarial pela URI Campus Santo Ângelo (RS), Mestre em Direito pela URI - Campus Santo Ângelo (RS). Email: lilucca@ibest.com.br

<sup>2</sup> Contador e Professor dos Cursos de Administração e Contabilidade do IESA; Pós-graduado em Controladoria pela URI – Campus de Santo Ângelo (RS) e Mestre em Engenharia de Produção pela UFSM - (RS). Email: llucca@ibest.com.br

Nesta perspectiva verifica-se que a discussão em torno da concretização, apesar da abundância de normas jurídicas que possuem por objetivo a proteção ambiental, de uma política pública de caráter geral que possibilite a efetivação da preservação ambiental de forma a atribuir eficácia plena a norma objetiva, envolvendo a comunidade em âmbito geral e o particular como forma de buscar uma mudança estrutural de comportamentos e direcionamento de ações.

Na perspectiva de Ulrich Beck (1992) o paradigma industrial está protagonizando uma sociedade de risco, onde o homem e o planeta vem cercados pelo perigo, decorrente da inobservância do fator finito dos recursos naturais. Os perigos, por seu turno, considerando a degradação ambiental, trazem como consequência as catástrofes de escala planetária.

Hodiernamente é inegável que se vive em uma intensa crise ambiental, que segundo Leite e Ayala (2003), é proveniente de uma sociedade de risco, deflagrada, principalmente, a partir da constatação de que as condições tecnológicas, industriais e formas de organização e gestão econômicas da sociedade estão em conflito com a qualidade de vida, onde se verifica que o desenvolvimento econômico do Estado marginaliza a proteção do meio ambiente, ensejando uma crise ambiental crescente. Esta crise ambiental propiciou o surgimento de uma conflituosidade social intensa quanto à proteção do ambiente.

Considerando as experiências passadas relativas ao desenvolvimento é necessário observar, conforme referido por Leite & Ayala (2003), que o desenvolvimento duradouro fundado na equidade intergeracional possui por base experiências de construção do Estado de direito do ambiente diagnosticadas por políticas anteriores e ineficazes, porém para o alcance de um novo modelo, é necessário observar o paradoxo existente, onde os Estados são forçados a garantir, ao mesmo tempo, a produção, tecnologia de ponta e o equilíbrio ecológico. Dessa forma torna-se imperativo criar um novo sistema de mercado que privilegie mais qualidade de vida e o direito ecologicamente equilibrado, possibilitando um equilíbrio entre direito e responsabilidades tanto do ente público como dos indivíduos em sua esfera privada.

Neste contexto os princípios do Direito do Ambiente adquirem importância diferenciada quanto a sua apreciação, considerando o seu valor jurídico, pois, de acordo com Leite & Ayala (2003), em um primeiro momento conservam elevado potencial de colisão com as diversas espécies de direitos fundamentais objetivamente protegidos e tenderem a avocar uma pretensa posição de valor de precedência absoluta para a condição do ambiente ecologicamente sadio, considerado como direito fundamental o bem cuja particular configuração difusa exigiria imposições por iniciativas de organização e procedimento de condições especializadas para sua realização e proteção.

## **2 PRINCÍPIOS DA PRECAUÇÃO E PREVENÇÃO**

No âmbito internacional tem se notícia do princípio da precaução desde a década de 70, mais precisamente introduzido pelo Direito Germânico, onde segundo Cezar e Abrantes (2003), se encontrava inserido na idéia de que a sociedade poderia evitar danos ambientais a partir de cuidadosos planejamentos que evitassem a instalação e propagação de atividades com potencial de causar degradação ambiental. Encontrando-se contemplado singelamente no Ato de Poluição do Ar de 1974, do ordenamento Alemão.

Com a Declaração do Rio de 1992, o princípio da precaução foi representativamente formulado no direito internacional, quando esta estabeleceu em seu princípio 15 (United Nations, 1992) que:

De modo a proteger o meio ambiente, a abordagem precautória deve ser largamente aplicada pelos Estados de acordo com suas capacidades. Onde houver ameaça de dano sério ou irreversível, a ausência de absoluta certeza científica não deve ser utilizada como uma razão para postergar medidas eficazes e economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental. (UNITED NATIONS, 1992).

Após este marco histórico, diversos acordos internacionais passaram a adotar definições semelhantes para o princípio da precaução buscando dar efetividade ao novo direito ambiental.

Referem Cezar e Abrantes (2003) que dada a complexidade das relações sociais, das interações ecológicas e do próprio ser humano, e pela própria impossibilidade da onisciência, muitas vezes o processo de tomada de decisões com implicações econômicas, sociais e ambientais encontram-se no contexto de incerteza. Assim, o princípio da precaução, utilizando-se de suas diversas formulações e aplicações, regula a participação do conhecimento de senso comum e/ou técnico-científico em casos envolvendo potencial dano ao meio ambiente, considerando a análise ética, política ou sócio-econômica, e na esfera epistemológica considera a “ausência de absoluta certeza científica” conforme redação dada pela Declaração Rio/92, de forma a considerar que se poderá ter uma previsão de que haverá ou não dano ambiental em certas condições.

Este contexto implica a análise de risco, entendida sob o prisma da aplicação de um conjunto de conhecimentos disponíveis na identificação de efeitos adversos potencializados por um determinado agente, referindo Cezar e Abrantes (2003) que

Em um sentido mais formal de moderno, a análise de risco é entendida como a aplicação de uma metodologia e de um conhecimento tecnológico, matemático e científico especializados de sorte a quantificar a probabilidade de um efeito adverso potencializado por um dado agente. Essa concepção formal da Análise de Risco pressupõe que, enquanto a consideração sobre o que sejam efeitos adversos pode ser uma decisão conduzida pelo senso comum, os demais aspectos suscitados por aquela análise, pela complexidade do jargão e dos detalhes envolvidos, devem ser tratados por especialistas. (CEZAR; ABRANTES, 2003, p. 254).

Porém, neste íterim salienta-se que além de ser de fundamental importância a concepção apresentada, é necessário considerar, também, percepções baseadas na situação de fato, fazendo-se contraponto que considere os processos de decisão política voltados a gestão de riscos, e os princípios da proporcionalidade, da não discriminação, da coerência, da fungibilidade e do balanceamento de acordo com Leite e Ayala (2003).

Assim, para que seja possível a compreensão do âmbito cabível a cada um dos princípios, quer seja precaução ou prevenção, é preciso estabelecer uma distinção entre as categorias caracterizadas como de risco e de perigo, onde segundo Leite e Ayala (2003 p. 226) “o princípio da prevenção se dá em relação ao perigo concreto, enquanto, em se tratando do princípio da precaução, a prevenção é dirigida ao perigo abstrato”.

O princípio da prevenção possui conteúdo cautelar, pois é dirigido pela ciência e pela detenção das informações certas e precisas sobre a periculosidade e o risco ocorrido, da atividade ou comportamento, revelando situação de maior verossimilhança e potencial lesivo que aquela controlada pelo princípio da precaução, buscando-se a proibição da repetição da atividade que já se sabe perigosa.

Já o princípio da precaução, refere Leite e Ayala (2003), é aplicado apenas na hipótese de risco potencial, ainda que o risco não tenha sido integralmente demonstrado, hipótese de risco potencial, que não possa ser quantificada a sua amplitude ou em seus efeitos, devido à insuficiência ou ao caráter inconclusivo dos dados científicos disponíveis na avaliação dos riscos. Neste caso pressupõe-se que previamente tenham sido identificados resultados imputáveis a determinado fenômeno, atividade ou processo, e que se possua verossímil convicção de sua nocividade, ao menos potencial.

Verifica-se de forma objetiva, segundo entendimento de Leite e Ayala (2003), que o princípio da precaução trabalha ativamente com a noção de níveis de tolerabilidade, pelos quais se evidencia que os processos que envolvam a tomada de decisões pelas autoridades públicas têm por conteúdo, essencialmente, determinar qual é o nível de risco aceitável para a sociedade. Outrossim, referem os autores que na aplicação do princípio da precaução, ocorre a vinculação estrita da análise da evolução científica, que sustenta, objetivamente, não apenas a temporalidade, mas de forma essencial a necessidade das medidas a serem adotadas.

Considera-se que nas perspectivas atuais os conceitos de modernidade e pós-modernidade se apresentam insatisfatórios para explicar escolhas, desejos e medos das populações. Segundo Varela (2005) com as novas tecnologias, o terrorismo e as mudanças globais, o ser humano e o planeta como

um todo são submetidos a riscos, que pretendem governar, mas na maioria das vezes são governados por eles.

Neste contexto refere Giddens (2005) que um compromisso positivo com o risco é um componente necessário da mobilização social e econômica. Alguns riscos nós queremos minimizar tanto quanto possível; outros, como os envolvidos em nossas decisões de investimentos, são uma parte positiva e inevitável de uma economia de mercado bem-sucedida. De acordo com o Autor, risco não é o mesmo que perigo, o risco se refere a perigos que buscamos ativamente confrontar e avaliar.

O princípio da precaução, de acordo com Hermitte (2005), procura instituir procedimentos que permitem elaborar uma decisão racional na fase de incertezas e controvérsias, de forma a diminuir os custos de uma experimentação geral. A racionalidade da decisão a ser tomada vai depender da resposta satisfatória a um conjunto de exigências precisas, trabalhadas na jurisprudência. Refere a Autora que a mais forte é a exigência e uma avaliação científica de riscos que antecede toda e qualquer decisão política, elemento de sua legalidade.

Quanto à importância do princípio da precaução refere Hermite (2005) que

A importância do princípio da precaução não está ligada somente ao conteúdo do princípio, independentemente de sua importância, mas também a sua capacidade de levar, de forma lógica, a outras regras. Assim, junto com o princípio da precaução, jurisdições incluíram uma obrigação de acompanhamento dos produtos potencialmente perigosos. De forma mais indireta, o princípio da precaução conforta avanços políticos, elaborados fora do direito do risco. É o caso dos princípios de informação e de transparência. (HERMITE, 2005, p. 29).

De acordo com Noiville (2005) na Europa aqueles que são favoráveis ao princípio da precaução vêem nele um instrumento indispensável ao desenvolvimento sustentável e à proteção da saúde. Constituindo a própria finalidade atribuída ao princípio, considerando-se o fato de que em sua essência, esse princípio afirma que a ausência de certeza científica quanto aos riscos de um produto ou de uma atividade não constitui motivo para retardar a adoção de medidas que possam permitir a prevenção de um eventual prejuízo. Segundo a Autora o princípio implica uma contraposição a essa atitude clássica e convida a agir antes mesmo de se obter a prova do risco real. Neste contexto o princípio da precaução levaria à tomada de decisões de cunho oportunístico e político, muito mais do que, àquela preocupação típica de nossa sociedade industrializada, que é a prevenção do risco sempre considerado um mal a ser erradicado.

Trazendo a baila à jurisprudência do Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias, Noiville (2005) refere que

Em sucessivas decisões, essa Corte reafirmou que não se pode esperar que a aplicação do princípio da precaução exija que se esteja diante de uma situação de urgência ou que se tenha em mãos dados confiáveis e definitivos, por que isso significaria esvaziar a “utilidade” do próprio princípio, mas que, no entanto, uma medida de precaução somente poderá ser adotada sob uma condição: que o risco seja “suficientemente documentado” levando-se em consideração “indicações científicas aparentemente confiáveis e sólidas” em face das análises científicas disponíveis realizadas segundo os princípios da excelência, da independência e da transparência. Um risco “pelo menos plausível”: na prática, essa condição é bastante fluida(...) Uma coisa é certa, no entanto: o risco alegado não pode apoiar-se em pura elucubração e foi exatamente com base nesse fundamento que o Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias, recentemente, considerou que a França não apresenta indícios suficientes de riscos que pudesse, justificar a proibição de importação de produtos de confeitaria ou de bebidas enriquecidas com vitaminas. (NOIVILLE, 2005, p. 62-64).

Verifica-se que quando da aplicabilidade do princípio da precaução há a necessidade de se observar à exigência da devida proporcionalidade que condiciona o encarregado pela tomada de decisão a ponderar os interesses em causa, antes de adotar qualquer medida de precaução. Desta forma

ao se contextualizar o risco potencial, em conformidade com Noiville (2005) é possível verificar que a proibição está longe de ser a única modalidade de implementação do princípio da precaução. É necessário considerar não somente o risco, mas a relação risco/benefício, cabendo ao paciente expor-se a um risco, desde que lhe proporcione um benefício terapêutico ainda maior. Neste contexto o princípio da precaução não afasta a necessidade de se fazer escolhas, nem afasta a utilização do bom senso, que consiste em ponderar os interesses em jogo quanto a tais escolhas. Assim, redefinir claramente os critérios e as condições sob as quais o risco se torna aceitável ou não é precisamente o ponto modal das verdadeiras dificuldades, muito mais do que o significado *stricto sensu* do princípio da precaução.

O princípio da precaução traduzido como fenômeno social, segundo Dallari e Ventura (2002), levou ao desenvolvimento de uma filosofia da precaução, construída com base em uma história da prudência, que revela, a princípio, o domínio do paradigma da responsabilidade, substituído, na passagem para o século XX, pelo da solidariedade. É a segurança, paradigma em fase de formação, que dá às obrigações morais a forma de ética e transforma o princípio de responsabilidade em precaução. Desta forma em um contexto de incertezas científicas e do risco da ocorrência de danos graves e irreversíveis, o desenvolvimento social introduz o princípio da precaução.

Comparando-se o princípio da precaução com o da atuação preventiva, de acordo com Leite (2003), observa-se que a atuação preventiva exige que os perigos comprovados sejam eliminados. Já o princípio da precaução determina que a ação para eliminar possíveis impactos danosos ao ambiente seja tomada antes de um nexos causal ter sido estabelecido com evidencia científica absoluta.

Nesta linha segue Leite (2003) referindo que a precaução exige uma atuação racional, para com os bens ambientais e com a mais cuidadosa apreensão dos recursos naturais, que vai além de simples medidas para afastar o perigo. Quanto ao desdobramento da precaução pode-se configurar como as seguintes ações:

Defesa contra perigo ambiental iminente, afastamento ou diminuição de risco para o ambiente, proteção à configuração futura do ambiente, principalmente com a proteção e desenvolvimento das bases naturais de existência, e exige, segundo a sua percepção, as seguintes tarefas das políticas ambientais do Estado: Implementação de pesquisas no campo ambiental, melhoramento e desenvolvimento de tecnologia ambiental, construção de um sistema para observação de mudanças ecológicas, imposição de objetivos de política ambiental a serem alcançados a médio e longo prazo, sistematização das organizações no plano de uma política de proteção ambiental, fortalecimento dos órgãos estatais competentes para a melhora na execução de planos ambientais, bem como de textos legislativos visando a uma efetiva organização política e legislativa de proteção ambiental. (LEITE, 2003, p. 47-48).

Em conformidade com Leme Machado *apud* Leite (2003 p. 49) no que tange à “aplicação efetiva do princípio da precaução, tem que suplantar a pressa, a rapidez insensata e a vontade de resultado imediato.(...) Não é possível o confronto com esses comportamentos por que estão corroendo a sociedade contemporânea”. O princípio da precaução não significa a prostração diante do medo, não elimina a audácia saudável, mas equivale à busca de segurança do meio ambiente, indispensável para dar continuidade à vida.

Ainda quanto à aplicação do princípio da precaução referem Dallari e Ventura (2002) que o princípio impõe uma obrigação de vigilância, tanto para preparar a decisão, quanto para acompanhar suas conseqüências. E, sobretudo, ela promove a responsabilidade política em seu grau mais elevado, uma vez que obriga a avaliação competente dos impactos econômicos e sociais decorrentes da decisão de agir ou se abster.

### **3 PRINCÍPIO DA EQUIDADE INTERGERACIONAL**

O princípio da equidade intergeracional, segundo Leite e Ayala (2003), trata da necessidade de se atribuir juridicidade ao valor ético da alteridade, objetivando a proteção de uma pretensão universal de solidariedade social, que poderia convergir no sentido de reconhecer um princípio de



solidariedade que rompe com o paradigma de individuação da atuação dos atores sociais e proporciona o estabelecimento de vínculos de coletivização das relações em torno de bens jurídicos e novos direitos substancialmente distintos daqueles tutelados pelos sistemas privados ou mesmo pelos sistemas públicos clássicos.

Através de um discurso que passa pela transdisciplinariedade o princípio busca a integridade ecológica através da instauração de processo de constituição de uma nova ética de interação entre os sujeitos relacionados, que, em conformidade com Leite e Ayala (2003), passa por uma ética da alteridade, ética do cuidado caracterizada pela valorização cada vez mais acentuada do respeito, do cuidado, da interdição da lesão, do dano e dos estados de periculosidade potencializada, os quais encontram justificativa na conservação da qualidade de vida de todos os envolvidos.

A compreensão para com as gerações futuras trazem a baila relações estreitas com as obrigações atuais. Referem Araujo e Tybuch (2007) que as gerações futuras são “pessoas potenciais”, pois considerando que nossas ações presentes irão determinar quais delas terão existência no futuro. Nesta esteira o reconhecimento de obrigações para com as futuras gerações difere de forma fundamental do modo como reconhecemos nossos contemporâneos. A relação com as futuras gerações envolve uma dupla desigualdade, apresentando em primeiro lugar um desequilíbrio de poder, demonstrado pelo fato de as presentes gerações poderem agir de forma a beneficiar ou prejudicar as gerações futuras, podendo estas apenas afetar as presentes através de sua avaliação quanto a reputação na posteridade. E, no segundo lugar encontram-se as desigualdades de conhecimentos considerando que possuem pouca consciência da vida das gerações futuras.

Nesta linha colaciona Leite (2003) que

A preocupação com a preservação ambiental ultrapassa o plano das presentes gerações, e busca proteção para as gerações futuras. É, de fato, a proclamação de um direito fundamental intergeracional de participação solidária e, como consequência, extrapola, em seu alcance, o direito nacional de cada Estado soberano e atinge o patamar de intercomunitário, caracterizando-se como um direito que assiste a toda humanidade. (LEITE, 2003, p. 91).

Ademais, é de salutar importância fazer alusão aos direitos planetários intergeracionais que constituem importante contribuição da teoria da equidade intergeracional quanto ao fato de serem compreendidos enquanto direitos coletivos, distintos de direitos individuais, no sentido de que as gerações mantêm esses direitos enquanto grupos relacionados com outras gerações sejam elas presentes, passadas ou futuras.

#### **4 PERSPECTIVAS QUANTO À APLICABILIDADE DOS PRINCÍPIOS AMBIENTAIS**

Atualmente as preocupações em torno das perspectivas ambientais tornaram-se uma constante, pois a humanidade vive uma realidade dotada de incertezas, sob o aspecto ecológico, considerando que a degradação ambiental aumentou significativamente nas últimas décadas, ocasionando um redirecionamento de atenções para a poluição atmosférica, chuvas ácidas, morte dos rios, mares e oceanos pela ação devastadora do homem, bem como o surgimento de produtos geneticamente modificados.

A preocupação em torno da sobrevivência do ser humano na atualidade e no futuro tem movido uma série de movimentos na busca de alternativas diante das implicações complexas e polêmicas que se encontram envolvidas.

Neste contexto a questão ambiental tem se transformado em um centro de preocupações e debates, considerando a complexa quantidade de pessoas, normas, evoluções tecnológicas, necessidades atuais e futuras e interesses envolvidos direta ou indiretamente com o meio ambiente explorado e preservado de forma sustentável. Impulsionando movimentos de organizações governamentais e não-governamentais no sentido de se encontrar um meio termo aceitável diante das perspectivas existentes através de uma visão holística acerca da natureza como um todo.

A questão ecológica, segundo Ulrich Beck (1997), na percepção do mundo como sistema coordenado do auto-risco ecológico-industrial transformou a moralidade, a religião, o

fundamentalismo, a desesperança, a tragédia, o suicídio e a morte – sempre interligados com o oposto, salvação ou esperança – em um drama universal.

Nesta linha refere Beck (1997) que

Somente uma sociedade que desperta do pessimismo da constelação do confronto e concebe a questão ecológica como um dom providencial para a auto-reforma universal de uma modernidade industrial previamente fatalista pode esgotar o potencial de ajuda e os papéis heróicos e conseguir estímulo a partir deles, não para conduzir a ecologia cosmética em uma grande escala, mas para realmente assegurar viabilidade no futuro. A ecologia cancela o apoliticismo objeto da esfera econômica. (BECK, 1997, p. 67).

Considerando a evolução global das mudanças e ameaças as quais deparamo-nos, refere Giddens (1997) que

A grande experiência da modernidade, repleta de perigos globais, não é de maneira alguma o que os pais do Iluminismo tinham em mente quando falaram da importância de se contestar a tradição. Nem está próxima do que Marx imaginou – na verdade, entre muitas outras finalizações, atualmente podemos falar do fim do prometeísmo. “Os seres humanos só se colocam problemas à medida que podem resolvê-los”: para nós, o princípio de Marx passou a ser apenas um princípio de esperança. O mundo social tornou-se, em grande parte, organizado de uma maneira consciente, e a natureza moldou-se conforme uma imagem humana, mas estas circunstâncias, pelo menos em alguns setores, criaram incertezas maiores – a despeito de seus impactos – do que jamais se viu antes. (GIDDENS, 1997, p. 76-77).

Na época atual, refere Giddens (1997) que a ecologia ambiental surgiu especialmente como uma resposta à percepção da destrutividade humana. Neste contexto o verdadeiro conceito de meio ambiente, comparativamente a natureza, aponta para uma transição mais profunda, onde o meio ambiente que parece não ser mais que um parâmetro independente da existência humana, realmente é o seu oposto: a natureza completamente transfigurada pela intervenção humana. Desta forma, a socialização da natureza significa muito mais que apenas o fato de o mundo natural estar sendo cada vez mais marcado pela humanidade. A ação humana há muito deixou sua marca no ambiente físico.

Hoje, conforme Giddens (1997), a preocupação com o aquecimento global, provém do fato de que o clima da terra não segue mais uma ordem natural, ele é efeito da tomada de decisão humana quando da emissão de poluentes, consumo de energia, dentre outros. Também refere o autor que a externalidade da natureza nos tempos pré-modernos não incluem apenas o ambiente físico, dizendo respeito ao corpo e, em íntima conjunção com a tradição, a qualquer coisa que existisse como parte da natureza humana.

## **5 A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE**

Considerando as colocações preliminares verifica-se que desde a antiguidade a preocupação em torno do meio ambiente sustentável é um constante, levando em consideração a poluição, destruição cultural, pesquisas genéticas, desmatamento, dentre outros.

É neste contexto que passamos a analisar efetivamente o que é e o que se espera de um meio ambiente sustentável. A sustentabilidade do meio ambiente passa pelo desenvolvimento sustentável que remete segundo Sachs (2004) a sustentabilidade ambiental à dimensão da sustentabilidade social, referindo que

Ela é baseada no duplo imperativo ético de solidariedade sincrônica com a geração atual e de solidariedade diacrônica com as gerações futuras. Ela nos compele a trabalhar com escalas múltiplas de tempo e espaço, o que desarruma a caixa de ferramentas do economista convencional. Ela nos impele ainda a buscar soluções triplamente vencedoras, eliminando o crescimento selvagem obtido ao

custo de elevadas externalidades negativas, tanto sociais quanto ambientais. Outras estratégias, de curto prazo, levam ao crescimento ambientalmente destrutivo, mas socialmente benéfico, ou ao crescimento ambientalmente benéfico, mas socialmente destrutivo. (SACHS, 2004, p. 15-16).

Neste contexto verifica-se que para termos um mundo sustentável há a necessidade de um progresso simultâneo em todas as frentes, tanto social, ambiental, territorial, econômico, quanto político.

Segundo Sachs (2004) quanto às possibilidades de crescimento relata que todas as atividades orientadas para poupar recursos naturais, reciclar resíduos e reutilizar materiais resultam numa melhor utilização das capacidades produtivas existentes, e *ceteris paribus*, contribuem para uma taxa maior de crescimento e para a sustentabilidade ambiental deste crescimento.

Ainda, refere Sachs (2004) que é normal que recursos financeiros vultosos sejam mobilizados para a indispensável expansão do núcleo modernizador da economia brasileira constituído de indústrias e agronegócios de alta tecnologia, amparados por uma infra-estrutura eficiente nos setores de energia e transporte capazes de expandir as exportações em condições de competitividade genuína, baseada em conhecimentos, tecnologias avançadas e aproveitamento das vantagens comparativas naturais. Porém refere o Autor que este processo deverá ainda respeitar os preceitos de sustentabilidade ambiental. Devemos nos esforçar para desenhar uma estratégia de desenvolvimento que seja, ambientalmente sustentável, economicamente sustentada e socialmente incluyente.

Neste contexto refere Giddens (2005) que a noção de desenvolvimento sustentável corresponde bem à noção mais ampla de modernização ecológica. Modernização esta que implica uma parceria em que governos, empresas, ambientalistas moderados e cientistas cooperam na reestruturação da economia política capitalista em linhas mais defensáveis ambientalmente. Assim os países mais influenciados pela idéia de modernização ecológica são os mais limpos e os mais verdes entre as nações industrializadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do estudo foi possível observar como a sociedade influencia e é influenciada pelas transformações ocorridas no seu meio através dos tempos, apesar de uma fundamentação basilar semelhante às necessidades dos povos se transformam e impulsionam uma busca de novas soluções para os paradigmas emergentes. Se em outros tempos a atenção estava voltada aos costumes cultuados quanto ao meio ambiente, hoje a preocupação em torno da preservação ambiental tendo em vista a sustentabilidade tornou-se uma constante.

Com a constante evolução das tecnologias de informação, da globalização em todos os seus aspectos, os progressos da ciência desenvolvendo pesquisas cada vez mais audaciosas, nos deparamos com riscos de dimensões ainda imensuráveis. Assim, direcionando-se as preocupações políticas em torno de se evitar danos irreversíveis a todo o ecossistema surgem mecanismos inibidores e acauteladores dos interesses da coletividade, dentre os quais podemos citar o princípio da precaução objeto do presente estudo.

Considerando todos os aspectos abordados buscou-se apresentar estudo direcionado as preocupações presentes e futuras com o rumo dos acontecimentos que envolvem a realidade em que vivemos, pois a velocidade das informações vindas de todos os cantos do planeta demonstra o quanto está se evoluindo para um mundo sem fronteiras e limites. Limites estes que precisam ser de alguma forma impostos para preservar a individualidade do ser humano, sua cultura e seu ambiente como um todo, não deixando de as futuras gerações percam sua identidade cultural e encontrem um meio ambiente sustentável a sua disposição, assim como é indispensável a exploração sustentável dos recursos na atualidade para atender as necessidades presentes, envolvendo nesta realidade a comunidade, os órgãos governamentais, as empresas e o indivíduo.

## REFERÊNCIAS

[1] BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

- [2] LEITE, José Rubens Morato, e AYALA, Patryck de Araújo. Novas Tendências e possibilidades do direito ambiental no Brasil. In: WOLKMER, Antônio Carlos; LEITE, José Rubens Morato (Orgs.). **Os “novos” direitos no Brasil: natureza e perspectivas: uma visão básica das novas conflituosidades jurídicas.** São Paulo: Saraiva, 2003.
- [3] CEZAR, Frederico Gonçalves e ABRANTES, Paulo César Coelho. **Princípio da precaução:** considerações epistemológicas sobre o princípio e sua relação com o processo de análise de risco. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília, v. 20, n. 2, p. 225-262, maio/ago. 2003.
- [4] **Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.** Rio de Janeiro, de junho de 1992. In: <http://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2010/10/declaracao-do-rio-sobre-meio-ambiente.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2012.
- [5] VARELLA, Marcelo Dias. A dinâmica e a percepção pública de riscos e as respostas do direito internacional econômico. In: VARELLA, Marcelo Dias (Org.). **Rede Latino-Americana-Européia sobre Governo dos Riscos.** Brasília: 2005. p.136-163.
- [6] GIDDENS, Anthony. **A terceira via:** Reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- [7] HERMITTE, M-A. As transformações da cultura do risco. In: VARELLA, Marcelo Dias (Org.). **Rede Latino-Americana- Européia sobre Governo dos Riscos.** Brasília: 2005. p.15-40.
- [8] NOIVILLE, Christine. **Ciência, decisão, ação:** três observações em torno do princípio da precaução. In: VARELLA, Marcelo Dias (Org.). **Rede Latino-Americana- Européia sobre Governo dos Riscos.** Brasília, 2005. p.56-80.
- [9] DALLARI, Sueli Gandolfi; VENTURA, Deisy de Freitas Lima. **O princípio da precaução dever do Estado ou protecionismo disfarçado?** São Paulo em Perspectiva, 16(2):53-63, 2002.
- [10] LEITE, José Rubens Morato. **Dano ambiental: do individual ao coletivo, extrapatrimonial.** 2. ed. ver. atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.
- [11] ARAUJO, Luiz Ernani Bonesso de; TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. Pensamento Sistêmico - Complexo na Transnacionalização Ecológica. p. 61-117. In: ARAÚJO, Luis Ernani Bonesso de; VIEIRA, João Telmo (Orgs.). **Ecodireito: o Direito Ambiental numa Perspectiva sistêmico-complexa.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- [12] SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

### **CAPÍTULO III**

## **DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL: EDUCAÇÃO E MULTICULTURALISMO.**

# A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A CONSTRUÇÃO DO *INDIVÍDUO-PARTE* NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

Márcia Adriana Dias Kraemer<sup>1</sup>  
Sinara Camera<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho pretende refletir sobre a importância do envolvimento da extensão universitária em prol da integração social dos indivíduos no processo do Mercado Comum do Sul - Mercosul. Nesse viés, discutiremos o fato de os cidadãos ainda não se sentirem, de forma plena, partícipes do processo de integração regional, embora existam normas sociais específicas presentes no Tratado de Assunção que, teoricamente, garantem esse status. Com efeito, a importância temática do artigo consolida-se à medida que se compreende o fortalecimento da integração mercosulina para além do foco econômico e qual o papel das Instituições de Ensino Superior - IES nesse processo. Para tanto, o estudo teórico é respaldado em uma análise qualitativa dos dados coletados, resgatando a historicidade dos documentos vitais para a constituição dos Estados-partes, em que, dedutivamente, comparamos a teoria à prática, no tocante ao avanço da implementação normativa mercosulina, relacionada aos aspectos de integração social dos indivíduos fronteiriços. Também enfatizamos a necessidade do comprometimento das IES que - por meio da extensão acadêmica, regida por seu colegiado e ligada ao projeto pedagógica das entidades - devem fomentar a efetividade do desenvolvimento e da integração regional, ao procurar materializar a norma social. Percebemos que, por meio de ações em que a educação é a grande mediadora entre Estado e sociedade, é possível que os indivíduos-partes vislumbrem seus direitos humanos protegidos e entendam seu real papel na integração, bem como a necessidade de desempenhá-lo.

Palavras-chave: Mercosul - Integração Social - Extensão Universitária - Indivíduo.

## INTRODUÇÃO

O debate sobre a inserção dos povos dos Estados-partes no processo de integração do Mercosul permanece importante, embora mais de duas décadas tenham se passado desde a sua criação. A integração, por ser um fenômeno comum no mundo contemporâneo, perpassa o envolvimento do indivíduo como sendo condição fundamental para alavancar esse processo, tanto na esfera econômica como na social. Os dois âmbitos podem ser objeto de análise, sendo o último essencial à compreensão dos efeitos que a integração mercosulina oferece aos seus nacionais.

Os Estados-partes têm sido os grandes responsáveis pelas políticas de inclusão do indivíduo no processo de integração. No entanto, tal inclusão não se dá somente pela atuação do Estado, mas, também, pelo comprometimento e pela participação direta dos cidadãos. As ações continuadas de integração surgem a partir de objetivos econômicos entre os Estados. Não obstante, buscam, além de acelerar o desenvolvimento econômico, melhorar as condições de vida dos habitantes dos Estados-partes. Logo, o envolvimento dos sujeitos sociais é que alavanca tais processos. Isso porque a integração é feita por cidadãos e para eles, devendo estar associada à proteção de seus direitos humanos.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (PPGEL – UEL). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (PLE – UEM). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão – NPPGE/FEMA. Docente do Curso de Direito e de Gestão de Recursos Humanos das Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA. Bolsista Capes/CNPq. marciakraemer@fema.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPG Direito/UNISINOS). Mestre em Integração Latino-Americana pela Universidade Federal de Santa Maria (MILA/UFSM). Docente do Curso de Direito das Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA. Bolsista Capes-Prosop. aiacamera@hotmail.com.

Pelo fato de o Mercosul, em seu cerne, priorizar as necessidades econômicas dos Estados-partes, parece ter havido displicência em relação às questões socioculturais que, em meio ao complexo cenário integracionista, incidem em problemas de políticas para além da integração de recursos materiais. Evidenciamos, assim, a necessidade de buscarmos a efetivação, também, da integração social e cultural entre os indivíduos da região.

É preciso, portanto, enfatizar situações relacionadas à efetiva inserção dos indivíduos no processo de integração. Contudo, anterior a isso, é imprescindível que cada cidadão sinta-se parte desse desenvolvimento. Há uma profunda diferença entre sentir-se cidadão de um Estado que é parte em um processo de integração e sentir-se parte do processo. Daí a dificuldade de o indivíduo entender o seu papel dentro da sequência organizada das atividades regionais e a necessidade de desempenhá-lo.

A construção desse sentimento (de ser parte da comunidade) inicia-se com a educação para a integração, passa pelo entendimento de que há um papel a exercer e a necessidade de vivenciá-lo, em uma efetiva participação da sociedade civil. Com efeito, deve haver um maior comprometimento dos Estados-partes na criação de políticas de inclusão, garantindo os direitos inerentes ao indivíduo no âmbito do Bloco, bem como no sentido de harmonizarem suas legislações, a fim de imprimir real efetividade às mesmas.

Nesse sentido, acreditamos que a extensão universitária pode constituir-se um diferencial na consolidação do desenvolvimento e da integração mercosulina, uma vez que é no seio educacional que o conhecimento serve como distinção do agir humano em relação ao seu entorno. É um “[...] instrumento estratégico dos homens, testemunhando sua imprescindibilidade e sua irreversibilidade em nossa história.” (SEVERINO, 2007, p. 27). É função das Instituições de Ensino Superior – IES desenvolver o ensino, adotando uma postura investigativa na execução do processo de pesquisa e voltando os resultados obtidos de maneira intencional à sociedade que a envolve.

Para o contexto problematizado, apresentaremos o artigo em três partes: a primeira, discutirá a situação do indivíduo no Mercosul, ao fazer uma análise do Tratado de Assunção e os Direitos Humanos, em que se ressalta a estagnação social a partir da inércia de aplicabilidade de determinadas normas; a segunda parte abordará o que o processo de integração representa para os cidadãos mercosulinos e como é possível forjar um sentimento integracionista aos sujeitos sociais da região, diminuindo o distanciamento da sociedade civil dos foros de discussão no Bloco, por meio de estratégias de inclusão que perpassam os meios universitários.

## **1 A ESTAGNAÇÃO SOCIAL A PARTIR DO VAZIO NORMATIVO NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO MERCOSULINA**

Inicialmente formado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, o Mercado Comum do Sul (Mercosul) é criado com o intuito de ampliar as dimensões dos mercados nacionais dos países envolvidos, por meio da integração.

O Tratado de Assunção (TA), documento base que consolida essa união, assinado em 26 de março de 1991 por esses países - designados Estados Partes - cristaliza um passo no processo de integração econômica internacional regional.

Mesmo diante das diferenças entre as realidades formadoras do Mercosul, sejam históricas, geográficas, políticas, sociais, culturais, populacionais, monetárias e econômicas, esses países optaram por aglutinar seus interesses e criar um projeto comum, que seja capaz de proporcionar uma integração regional entre os Estados-partes.

Nesse sentido, o Mercosul caracteriza-se por ser uma organização política intergovernamental com finalidades essencialmente comerciais, cujos objetivos previstos no TA destacam a constituição de um mercado comum que implica, dentre outros propósitos, o compromisso dos Estados-partes de harmonizar suas legislações nas áreas pertinentes, para lograr o fortalecimento do processo de integração, conforme previsto no Artigo 1º.

Além disso, o preâmbulo desse Tratado reafirma a vontade política do Mercosul de deixar estabelecidas as bases para uma união cada vez mais estreita entre seus povos, com a finalidade de alcançar a integração, que é condição fundamental para acelerar os processos de desenvolvimento humano, econômico, científico e tecnológico dos Estados integrantes do Bloco.

Ainda que o objetivo primordial do Mercosul seja de natureza basicamente econômica, percebemos que o fortalecimento da integração regional pretendida, dificilmente se sustentará sem o devido comprometimento dos Estados para com os direitos humanos, porquanto são os próprios indivíduos que incitam esse processo.

Todavia, o próprio TA, em momento algum, discorre acerca da proteção dos direitos humanos dos cidadãos mercosulinos. Mesmo se comprometendo a melhorar as condições de vida de seus habitantes e a estreitar a união entre os povos envolvidos, consoante dispõe o preâmbulo, o documento é altamente incipiente no que tange à integração social.

No entanto, para serem atingidos os objetivos previstos na normativa, inclusive o anseio de fortalecer a integração, é essencial primar pela observância dos direitos humanos dos povos envolvidos, uma vez que o investimento nas questões sociais é sinônimo de crescimento sustentável.

Sendo os indivíduos os próprios impulsionadores da movimentação econômica, é preciso que haja um crescimento na integração social paralelo e concomitante ao da integração econômica. Afinal, sem seres humanos não há movimentação da economia; sem a economia e as consequências produzidas por ela, não há como o ser humano movimentar-se e, assim, exercer seus direitos no âmbito do Mercosul.

Mesmo que o intuito seja meramente econômico, quando se fala em um bloco regional que tenha como objetivo primordial promover a integração, temos a ideia de que há uma união e aproximação entre os Estados envolvidos, cujo alicerce acontece por meio de documentos assinados conjuntamente pelos países que o compõem.

A integração deve ser, portanto, entendida como um processo de assimilação de fato das sociedades que constituem o Mercosul. A partir desse momento, para que sejam concretizados os objetivos integracionistas, devem os Estados-partes rever a questão da soberania nacional, em favor de um entendimento mais abrangente que privilegie a integração regional outrora firmada, mesmo ante as diferenças formadoras do Mercosul, inclusive a política intergovernamental adotada.

Nesse contexto, percebemos que o Mercosul avança nas questões sociais desde sua instituição, ainda que de forma embrionária. Vários documentos que fomentam a proteção dos direitos humanos foram subscritos pelos Estados-partes, apesar de alguns ainda serem carecedores de juridicidade e uniformidade para aplicação na esfera Mercosul. Não basta somente existir a norma; deve, pois, ser revestida de aplicabilidade para que produza reais efeitos jurídicos e sociais para os seus destinatários.

O TA mostra-se omissivo no que concerne à proteção dos direitos humanos no Mercosul. No entanto, posterior ao Tratado, foram consolidados alguns documentos voltados à integração social. Destacamos aqui o Protocolo de Ouro Preto (POP), de 17 de dezembro de 1994, o qual instituiu o Foro Consultivo Econômico-Social, órgão que tem como função justamente a de representar os setores econômicos e sociais, porém com um caráter meramente sugestivo.

Já em dezembro de 1998, os Presidentes dos Estados-partes optaram por assinar a Declaração Sociolaboral (MERCOSUL, 2012), cujo conteúdo representa avanços no que diz respeito à proteção dos direitos sociais dos trabalhadores do Mercosul, não fazendo distinção entre nacionais e não nacionais (PIOVESAN, 2002). Contudo, apesar de estabelecer garantias de direitos individuais e coletivos na área trabalhista, carece de força vinculante, quer dizer, por sua natureza declaratória, não tem caráter coercitivo.

Posteriormente, os Presidentes da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram o texto do Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2012). Firmado em 06 de dezembro de 2002, o ato multilateral propõe um grande avanço na dimensão social da pareceria, visto que:

- a) atribui direitos e liberdades aos imigrantes mercosulinos dentro do Bloco;
- b) reafirma o desejo de fortalecer e aprofundar o processo de integração, mediante a implementação de uma política de livre circulação de pessoas no espaço integrado;
- c) visa a solucionar a situação migratória dos nacionais dos Estados-partes;
- d) por fim, busca estabelecer regras comuns para os trâmites de autorização de residências dos mesmos.

Dessa forma, o documento tem extrema relevância social para a integração regional, já que reconhece os indivíduos nacionais dos Estados-partes como cidadãos do Mercosul, além de colocar cada indivíduo participe em situação igualitária aos demais. A partir do status de residente, o imigrante deixa de assumir a posição de estrangeiro para se tornar um cidadão do país que o recebe, uma vez



que, mesmo temporário, confere os mesmos direitos e as mesmas liberdades civis e sociais atribuídos aos nacionais do país de recepção, sem deixar de perder as garantias inerentes à sua nacionalidade.

Por derradeiro, citamos o Protocolo de Assunção sobre compromisso com a promoção e a proteção dos direitos humanos do Mercosul. Feito aos 19 de junho de 2005, o documento reconhece a universalidade, indivisibilidade, interdependência e inter-relação de todos os direitos humanos, sejam direitos econômicos, sociais, culturais, civis ou políticos. Da mesma forma, considera “[...] que é fundamental assegurar a proteção, a promoção e a garantia dos Direitos Humanos e as liberdades fundamentais de todas as pessoas[...]”, sem distingui-las entre nacionais e não nacionais em relação ao bloco. Além do mais, destaca “[...] que o gozo dos direitos fundamentais é condição indispensável para a consolidação do processo de integração[...]”, conforme preceitua o preâmbulo do Protocolo.

Há uma série de empecilhos em relação à impossibilidade de aplicar diretamente as normas e, tampouco, primazia sobre os ordenamentos nacionais. Além disso, as normativas criadas, quando incorporadas, possuem baixa observância. De toda a forma, o POP, a fim de garantir a vigência simultânea das regras, prevê, no Artigo 40, procedimentos a serem adotados pelos Estados-partes, quais sejam:

- a) uma vez aprovada a norma Mercosul, os Estados-partes adotarão as medidas necessárias para a sua incorporação ao ordenamento jurídico nacional e comunicarão as mesmas à Secretaria Administrativa do Mercosul (SAM);
- b) depois que o último Estado-parte tiver informado sua ratificação à SAM, este órgão comunicará o fato a cada outro membro para a efetiva e simultânea entrada em vigor desta norma.

Importante ressaltar que o POP não prevê prazo para tais procedimentos e sanção ao Estado que demorar a efetuar-los ou que nunca efetivamente o faça.

Diante dos documentos acima aludidos, relacionados à proteção dos direitos humanos, cujos teores fomentam a integração e o envolvimento social dos indivíduos, percebemos que não transcendem seus conteúdos para a efetiva prática cotidiana dos cidadãos. Tal realidade é dada especialmente por conta da ausência de uma maior participação dos indivíduos na dinâmica integracionista, ainda protagonizada pelos Estados e pelos agentes econômicos.

A resistência do Mercosul às cláusulas sociais é altamente perceptível, à medida que os interesses individuais de cada Estado-parte vão de encontro às necessidades dos indivíduos-partes, ou seja, várias normas carecem de vigência e eficácia em função de que não é de interesse de determinado Estado ratificá-la, o que reflete na estagnação da integração social vivenciada.

O Mercosul avança a passos lentos para além de uma integração econômica. Contudo, os Estados-partes devem concentrar seus esforços no sentido de proporcionar aos seus cidadãos políticas inclusivas, participativas e de plena efetividade dos direitos e dos deveres inerentes à sociedade civil, começando pela agilidade e pelo compromisso para com as normas sociais subscritas. A partir de então, os indivíduos entenderão e reconhecerão que fazem parte de um processo de integração, tanto econômica quanto socialmente.

## **2 A UNIVERSIDADE POTENCIALIZANDO A INTEGRAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA EXTENSÃO**

Por meio da discussão proposta, podemos ver que o Mercosul, desde a sua origem, prioriza as necessidades econômicas dos Estados-partes em detrimento às questões sócio-culturais. Embora o complexo cenário integracionista apresente muitos problemas que ultrapassam as questões relacionadas aos recursos materiais, os escassos esforços feitos na seara social têm sido inócuos, conforme verificamos nos documentos estudados.

Apesar de ser nevrálgico desenvolver políticas de inclusão no processo de integração para e entre os cidadãos mercosulinos, a efetiva inserção e participação do indivíduo nesse processo acontecerá realmente quando ele perceber-se como parte da ação integradora.

Há uma profunda diferença entre sentir-se cidadão de um Estado que é partícipe de um processo de integração e sentir-se parte do processo. Surge, então, a dificuldade de o indivíduo entender o seu papel dentro desse sistema e a imprescindibilidade de desempenhá-lo.

A rotina dos cidadãos pertencentes ao Mercosul demonstra os obstáculos que os sujeitos têm de reconhecer que fazem parte de uma organização internacional de cunho integracionista. Inúmeras situações que lhes são impostas, especialmente nas áreas fronteiriças, evidenciam essa realidade.

Tomemos como exemplo um imigrante do Mercosul, em condições jurídicas aceitáveis, que deseja fazer turismo em um dos Estados-partes, porém é barrado pelas autoridades do país vizinho por motivos alheios à sua vontade. Barrar esse cidadão significa barrar a entrada de um bem ou serviço estrangeiro, uma vez que, embora o sujeito não seja uma mercadoria, como turista é um consumidor do país visitado.

Elevando esse trânsito ao contexto de uma sociedade, há, como consequência, a movimentação comercial, ou seja, a facilitação de integração econômica entre países, de comércio exterior, de importação e de exportação. Dessa forma, o turista imigrante, não vislumbrando seus direitos como cidadão do Mercosul, no caso, de livre circulação, dificilmente se sentirá parte do processo de integração e, portanto, não contribuirá para a completa assimilação da convivência.

Existem, como essa, várias outras circunstâncias que contribuem para que o indivíduo mantenha-se distante, não se organize e não ocupe os espaços de negociação reservados à sociedade civil no Mercosul. Permanece, assim, alheio ao processo de integração, por senti-lo também longínquo e por não o testemunhar no seu cotidiano.

Os processos de integração têm como fonte de poder as pessoas que neles estão envolvidas, já que são feitos por seres humanos, com base neles e para eles (JAEGER JUNIOR, 2002). Nesse sentido, o Estado é a chave de sustentabilidade para que a relação se concretize, pois é por meio dele que são criadas políticas públicas de incentivo ao estreitamento das relações entre os povos.

Contudo, não basta somente a atuação do Estado, é preciso que os indivíduos se engajem no sentido de alavancar tal processo, com o envolvimento social direto. É imprescindível que cada cidadão compreenda sua posição e sua importância dentro do Bloco, entendendo que o processo não pode ficar estagnado, que é preciso avançar para além de uma integração econômica. Para tanto, é imprescindível ter noção da importância da integração para a região, para o Estado do qual é nacional, bem como para si mesmo.

A construção desse sentimento, de ser parte da comunidade, deve ser pautada na busca de uma identidade comum. Inicia-se com a educação para a integração, enfatizando o mérito do processo para os Estados e para os cidadãos, ao ressaltar o respeito mútuo aos países vizinhos e à sua cultura, desenvolvendo, por exemplo, o ensino de línguas, de história, de geografia, bem como de literatura das nações regionais. Viabiliza, dessa forma, a disposição para o indivíduo internalizar a sua função no contexto integracionista e conscientizar-se da precisão de exercê-la. Com isso, abrimos a maior participação da sociedade civil e, conseqüentemente, fomentar a criação de políticas de inclusão.

Nesse viés, a atuação social dos indivíduos torna-se extremamente relevante para impulsionar o processo de integração. É preciso que cada cidadão sinta-se parte do mesmo, que este sentimento percorra sua vida desde a base da educação escolar. Assim como cada pessoa sente-se parte de sua nação, de seu país de origem, que ela possa, da mesma forma, sentir-se cidadão do Mercosul.

Diante da situação problematizada, entendemos que as Instituições de Ensino Superior têm a obrigação de exercer seu papel social no tocante à integração mercosulina, por meio de um sistemático processo de construção de conhecimento, que pode ser materializado a partir de um dos eixos nevrálgicos das entidades acadêmicas: a extensão. Conforme Severino (2007),

A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo. O que se desenrola no interior da Universidade, tanto do ponto de vista da construção do conhecimento, sob o ângulo da pesquisa, como de sua transmissão, sob o ângulo do ensino, tem a ver diretamente com os interesses da sociedade. (SEVERINO, 2007, p. 31).

A partir do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, instaurado em 1987, estabelecemos um parâmetro conceitual formalizado para a prática da extensão, a qual passa a ser coordenada, no Brasil, pela instância colegiada:

A criação do Fórum Nacional ocorre tendo como base algumas questões já consensuais entre seus membros participantes, as quais seriam o fundamento para elaboração das políticas de Extensão. Isso significa que o entendimento entre os Pró-Reitores se deu a partir dessas idéias consensuais, que podem ser apreendidas como conclusões dos documentos dos encontros regionais. São elas: o compromisso social da Universidade na busca da solução dos problemas mais urgentes da maioria da população; a indissociabilidade entre as atividades de Ensino, Extensão e Pesquisa; o caráter interdisciplinar da ação extensionista; a necessidade de institucionalização da Extensão no nível das instituições e no nível do MEC; o reconhecimento do saber popular e a consideração da importância da troca entre este e o saber acadêmico; e a necessidade de financiamento da Extensão como responsabilidade governamental. (NOGUEIRA, 2001, p.67).

Partindo desse consenso, o Fórum estabelece, em sua primeira reunião, a extensão universitária como sendo:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FÓRUM, 1987 apud NOGUEIRA, 2001, p.67).

Compreendemos ser por meio da extensão que a ação pedagógica constrói-se em sua dimensão política, uma vez que o acadêmico, a partir de sua formação intelectual, pode inserir-se como partícipe na popularização dos saberes em sua comunidade. Nesse sentido, não esperamos do ensino superior somente o conhecimento técnico-científico, como também a construção de paradigmas humanísticos que possibilitem a consciência social dos discentes e dos egressos, profissionais comprometidos também política e moralmente com seu entorno.

Logo, a extensão universitária cria um espaço de formação pedagógica que permite ao educando, além do domínio de conhecimentos científicos e de habilidades técnicas, também ser um agente político, um cidadão crítico e consciente de sua função de sujeito social. Pelo fato de ligar-se à pesquisa, a extensão torna-se relevante para a produção do conhecimento, porque tem como referência objetiva os problemas reais e concretos da vivência social, partindo das necessidades significativas do ambiente como objeto de estudo.

A extensão torna-se o elo entre a academia e a sociedade, propiciando à pesquisa seu caráter culturalmente prático, com contornos claros de compromisso ético da educação e dos educadores, bem como da instituição que a fomenta:

Compromissos que se acirram nas coordenadas histórico-sociais em que nos encontramos. Isto porque as forças de dominação, de degradação, de opressão e de alienação se consolidaram nas estruturas sociais, econômicas e culturais. As condições de trabalho são ainda muito degradantes, as relações de poder muito opressivas e a vivência cultural precária e alienante. E a distribuição dos bens naturais, dos bens políticos e dos bens simbólicos é muito desigual. (SEVERINO, 2007, p. 33).

Acreditamos que a ação extensionista, sob a ótica delimitada, efetiva-se no trabalho articulado com as políticas públicas existentes nas diferentes áreas de atuação da integração regional, respeitando

o caráter executor dos governos. Conforme Nogueira (2000), torna-se imprescindível enfatizar que a intervenção no entorno social não objetiva fazer com que a IES substitua funções de responsabilidade estatal, neste caso, dos Estados-partes, mas produza saberes, em diferentes âmbitos, popularizando a ciência.

Logo, como já mencionado, a IES tem como função constituir-se ambiente de reflexão sobre os diversos campos de atividade humana - decorrentes das relações sociais, históricas, ideológicas, culturais, científicas, políticas, filosóficas, entre outras - , por meio dos quais se materializa o papel do Estado e de sua operacionalidade - as políticas públicas.

Em se refletindo conjuntamente essas instituições – educacional e estatal - a extensão contribui com o conhecimento acadêmico, redefinindo a interrelação público/privado, repensando e introduzindo ferramentas para o estabelecimento, para a avaliação e para a implementação de estratégias que possam inserir o *indivíduo-parte* na integração regional.

Entendemos que é possível criar condições propícias, a fim de que as IES participem da elaboração das políticas de integração regional voltadas para o desenvolvimento do Bloco, além de poder se tornar organismo legítimo no acompanhamento e na materialização dessas ações. Defendemos também, como modo ideal, que o processo seja acompanhado pelos coordenadores de projetos (docentes ou técnicos-administrativos), consolidando a ligação entre o entorno social, o ensino, a pesquisa e a extensão:

A indissociabilidade entre as atividades de extensão, ensino e pesquisa é fundamental no fazer acadêmico. A relação entre o ensino e a extensão supõe transformações no *processo pedagógico*, pois professores e alunos constituem-se como sujeitos do ato de ensinar e aprender, levando à socialização do saber acadêmico. A relação entre extensão e pesquisa ocorre no momento em que a produção do conhecimento é capaz de contribuir para a melhoria das condições de vida da população. A extensão, como ação que viabiliza a interação entre a universidade e a sociedade, constitui elemento capaz de operacionalizar a relação teoria/prática, promovendo a troca entre os saberes acadêmico e popular. Nesse sentido, é de fundamental importância a avaliação da sociedade sobre o papel da universidade, bem como a análise do impacto da ação extensionista na transformação da própria universidade, que pode ser percebido pelo estabelecimento de novas linhas de pesquisa, criação de estágios e novos cursos. (FÓRUM, 2000, p.8)

Outro aspecto importante é fazer com que o resultado desse olhar apurado retorne aos ambientes de ensino e possa servir como parâmetro para outros estudos, inclusive, possibilitando a reestruturação dos componentes curriculares de acordo com as demandas sociais. Por isso, a extensão precisa, além de se conjugar às políticas de desenvolvimento e de integração regional, neste caso, estar também articulada adequadamente ao projeto pedagógico da IES, tendo em vista que a relação entre a tríade - ensino, pesquisa e extensão - tem de estar alicerçada ao núcleo epistemológico da instituição o qual define o perfil do profissional, sujeito social, que se quer formar:

Assim sendo, o Fórum Nacional acredita que a inclusão da extensão universitária como um dos parâmetros de avaliação da própria universidade constitui um desafio urgente, dada a importância de se consolidar uma prática extensionista – de acordo com o modelo defendido pelo Fórum desde 1987 e consolidado no Plano Nacional de Extensão (Fórum MEC/SESU) – que venha a referenciar as universidades como instituições e sintonizadas com a realidade social. (FÓRUM, 2000, p.6).

Diante dessas premissas, consideramos muito importante que se estabeleça na IES uma política de extensão universitária também para o desenvolvimento e para a integração regional que consolide princípios, critérios e indicadores de demanda para seleção de projetos extensionistas, fornecendo uma base clara e publicizada, no intuito de priorizar as ações emergentes da sociedade. No contexto, constitui-se preponderante para a extensão social, conforme Nogueira (2000), um núcleo que normatize e administre a extensão acadêmica, no intuito de consolidar estratégias de articulação, de

sensibilização e de coordenação, também no contexto do Mercosul, a fim de confrontar as necessidades sociais às da IES.

Defendemos que, em âmbito mercosulino, para a ação extensionista efetivar-se a contento, é necessário arquitetá-la e estruturá-la, organizando uma equipe capacitada, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, e aproximá-la do currículo programático da IES, estabelecendo eixos temáticos de atuação em consonância com as necessidades intrínsecas de desenvolvimento e integração regional. Também é importante o papel do profissional que está à frente do projeto o qual não é o de simples apoiador administrativo, mas de técnico-pedagógico, ao articular, planejar, estabelecer contatos, executar e avaliar o processo.

Por meio dessas ações coordenadas, é possível afirmarmos que se estabelece um movimento novo, de caráter sistemático, consequente e dialógico, que possibilita aos indivíduos-partes valerem-se de mecanismos para pressionar os Estados-partes a criarem políticas públicas que possam ser realmente materializadas na prática. É preciso que as IES, em parceria com a sociedade civil, ocupem os seus lugares nos foros de negociação e construam maior espaço de participação.

Como já ressaltado, não esperamos que sejam diminuídas as responsabilidades dos Estados, mas, sim, valorizada a importância da atuação das instituições educacionais e das pessoas na promoção das políticas necessárias à efetiva inclusão, vez que são os indivíduos que melhor compreendem o quão fundamentais são, pois vivenciam diariamente as restrições impostas pela sua falta.

Dessa forma, é preciso criar e implementar políticas desde há muito reivindicadas pelos cidadãos, principalmente os de áreas fronteiriças. Políticas que regularizem a livre circulação de pessoas, as relações limítrofes e laborais, além de políticas previdenciárias, educacionais e todas aquelas prementes à real inserção do indivíduo em um processo de integração, cujo alcance vise a não somente o desenvolvimento econômico dos Estados-membros do Bloco, mas, também, à melhoria nas condições de vida de seus habitantes, em comunhão cada vez mais estreita com seus povos, conforme preconiza o Tratado de Assunção.

Logo, a extensão concretizada pelas IES que se comprometem com a perspectiva do desenvolvimento e da integração regional deve ser realizada considerando o compromisso social da academia. A instituição educacional precisa empenhar-se no equacionamento das questões que afligem a maioria da população do seu entorno social. Além disso, essas ações necessitam articulação com as administrações públicas dos Estados-partes. As atividades extensionistas, interdisciplinares por natureza, ao abordar a realidade em sua plenitude, promovem a produção do conhecimento de forma integrada à pesquisa e ao ensino em prol da comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Mercosul é um projeto muito importante para os Estados e as sociedades que o compõem, tanto econômica como socialmente. A sua agenda não pode ficar restrita, cegamente, a temas econômicos e nem na dependência das intempéries das políticas nacionais dos Estados-partes. É preciso que os temas de direitos humanos sejam incluídos nessa agenda, de forma a permearem todas as discussões temáticas.

O Tratado de Assunção mostra-se omissivo no que tange à problemática social do Mercosul, possuindo lacunas no que diz respeito à proteção social dos indivíduos-partes, pois silencia a respeito da proteção e da efetivação dos direitos dos cidadãos pertencentes ao Bloco, bem como a respeito da plena inserção dos sujeitos sociais no contexto integracionista regional.

Situações vivenciadas diariamente pelos indivíduos, como de locomoção, de labor, de previdência, entre outras, são colocadas em segundo plano, fazendo com que os cidadãos sintam dificuldade de reconhecer que realmente fazem parte de uma organização internacional com objetivo de unicidade.

Assim, questões relacionadas à cidadania e à participação ativa da sociedade civil no Bloco devem ser revistas e tratadas como prioridades, a fim de que se possa, assim, projetar o Mercosul para além da integração econômica. Nesse sentido, entendemos que a extensão universitária pode ser um caminho possível para a mediação entre a teoria e a prática, porque: é um processo educativo, cultural e científico; articula o ensino e a pesquisa; estabelece a relação entre a comunidade acadêmica e a sociedade no sentido da transformação social; dirige seus interesses para as grandes questões

demandadas pelas comunidades regionais e locais.

Necessário, pois, agilizar a vigência da normativa social existente, adequando as propostas pedagógicas das IES fronteiriças a ela, no intuito de criar novos paradigmas de integração e de cidadania. Por meio da extensão universitária, com base no exercício dos direitos humanos, que efetivamente protejam e garantam a dignidade da pessoa humana, torna possível perceber o próprio ser humano como a peça fundamental a todo o processo de integração pretendido.

Muitas são as barreiras no Mercosul que dificultam o avanço no processo. No entanto, ocorrendo um engajamento mútuo, entre Estados, IES e indivíduos-partes, haverá consequências benéficas ao avanço do processo de integração do Mercosul, chegando-se, portanto, ao aprofundamento da união pretendido pelo Tratado de Assunção.

Os espaços de participação já reclamados, especialmente por movimentos sociais, devem ser alargados. O papel dos indivíduos, ou seja, da sociedade civil organizada é essencial. A ela cabe demandar de forma legítima as necessárias e urgentes questões sociais. É preciso fazer a associação dos temas, econômicos e humanos, e ampliar o diálogo nas negociações entre autoridades políticas e diplomáticas e a sociedade civil organizada, comprometida com a efetivação dos direitos do homem.

## REFERÊNCIAS

- [1] **Mercosul**. Portal Oficial. Disponível em: <<http://www.mercosur.int/msweb/portal%20intermediario/pt/index.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2012.
- [2] **Ministério das Relações Exteriores**. Portal Oficial. Disponível em: <[http://www2.mre.gov.br/dai/m\\_12\\_2002.htm](http://www2.mre.gov.br/dai/m_12_2002.htm)>. Acesso em 24 jul. 2012.
- [3] SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- [4] PIOVESAN, Flávia (Coord.). **Direitos Humanos, Globalização Econômica e Integração Regional: desafios do direito constitucional internacional**. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- [5] JAEGER JUNIOR, A. **Temas de direito da integração e comunitário**. São Paulo: LTr, 2002.
- [6] NOGUEIRA, M. D. P. Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual. In. FARIA, D. S. de (Org). **Construção Conceitual da Extensão na América Latina**. Brasília: UNB, 2001.
- [7] NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- [8] **FÓRUM Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Avaliação Nacional da Extensão Universitária: pressupostos, indicadores e aspectos metodológicos, dez. 2000. Disponível em: [http://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao\\_extensao\\_universitaria/colecao\\_extensao\\_universitaria\\_3\\_avaliacao.pdf](http://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_universitaria/colecao_extensao_universitaria_3_avaliacao.pdf). Acesso em: 20 jul. 2012.

# AS OFICINAS DE TALHA NAS MISSÕES JESUÍTICAS GUARANI: CIRCUITO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL E TESTEMUNHO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO.

Gabriela Paniz<sup>1</sup>

## RESUMO

Este estudo apoia suas ferramentas num análise acadêmico regional das reduções, tendo como prioridade a investigação do funcionamento e organização das oficinas de talha, das reduções Jesuítico- Guarani da Província do Paraguai. Destacando a intervenção do Guarani no resultado das obras de escultura e quais foram estas intervenções, num contexto histórico e geográfico da região das Missões, que no total foram basicamente 30 reduções de “índios”, hoje distribuídos entre Brasil, Argentina e Paraguai, que por volta de 1631 chegaram a reduzir até 150.00 índios. As reduções tinham o objetivo de socializar e de evangelizar os nativos, para que pudessem viver em um ambiente social, religioso e político ao modo ocidental, conforme a visão do colonizador. Os Jesuítas procuravam com que os nativos deixassem seus deuses “pagãos”, a antropofagia, a desnudez, a poligamia, o nomadismo, entre outros “vícios”, considerados selvagens e bárbaros. Durante mais ou menos 150 anos (1609 a 1767) os Missionários da Companhia de Jesus, levantaram nas florestas desta Província verdadeiros “Impérios da Arte”. O surgimento dos templos e sua ornamentação foram possíveis graças ao trabalho contínuo dos Guarani, nas oficinas de talha. Neste período a tarefa mais importante (talvez, não o real interesse), era a casa de Deus, e isso comprometia o trabalho de, escultores e talhadores que esculpam imagens de todo tipo e tamanho.

Palavras-chave: Jesuítas- Guarani- Nativos- Escultura- Imaginária.

## INTRODUÇÃO

A partir de 1768, ano da expulsão dos Jesuítas, começa uma corrida para salvar o que restou das reduções, nos seus aspectos administrativo e organizacional, mesmo que secular<sup>2</sup> e logo depois de todos os saques, incêndios, e invasões restaram nos templos muitas imagens as quais muitos pesquisadores procuraram analisar, e estudar. Acrescentamos através deste trabalho, ao conhecimento já constituído, nossa reflexão e análise a respeito das oficinas de talha do período Jesuítico-Guarani na Província Jesuítica do Paraguai<sup>3</sup>.

A Província Jesuítica do Paraguai, região que abraçada neste estudo, foi antigamente um conjunto de reduções da Companhia de Jesus, que tinha o papel de transformar ao nativo ao cristianismo e a vida social ao modo ocidental. A imposição religiosa guiou a conquista e o estabelecimento espanhol nessa região. O modelo político das reduções são de fato um tema complexo e resvalado, diversos autores o descrevem de diferentes formas: alguns de Estado Teocrático, outros de república Guarani, servindo isto para comprovar a complexidade da sociedade Jesuítica-Guarani da

---

<sup>1</sup> Gabriela Paniz: Licenciada em História pela URI (Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai e das Missões- Campus de Santo Ângelo – RS. Atualmente cursando Mestrado em Antropologia Social e Cultural na UNaM- Misiones, Argentina. Professora adjunta na disciplina de História e Antropologia Regional. E-mail: gabypaniz@hotmail.com

<sup>2</sup> MAEDER; POENITZ: 1982.

<sup>3</sup> Este estudo dá continuidade a investigação iniciada no ano de 2008, referente às Oficinas de Imaginaria nos povoados Missionários realizado na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI-Santo Ângelo. A particularidade deste estudo radica no funcionamento das oficinas de talha e como eram realizadas as esculturas pelos Guarani, quem eram os mestres, os artesões e o resultado desta produção: o Barroco Guarani. Atualmente este trabalho: TALLERES DE IMAGINERÍA EN LAS MISIONES JESUÍTICAS: UNA APROXIMACIÓN DESDE LA ANTROPOLOGÍA HISTÓRICA, vem sendo continuado na minha tese de Mestrado em Antropologia Social e Cultural na UNaM- Misiones, Argentina, o qual é dirigido pelo Dr. Guillermo Wilde e co-dirigido pelo Dr. Arno Vogel.

região em questão (SIMÓN, 1984): “Os Jesuítas estruturaram e executaram um sistema de governo e de vida social que pouco e nada se encaixava dentro do vasto edifício do direito indiano, que se ergueu frente a comunidade civil paraguaia para assombro e vilipêndio do mundo e como perpetuo exemplo de antíteses do seu gênero.” (PLA, 1975).

Os padres enfrentaram muitas dificuldades nas reduções, tanto no que diz respeito a conversão religiosa dos nativos, pois muitas vezes voltavam a praticar seus rituais “pagãos”, tanto com a vida social em geral, devido a que os nativos não estavam acostumados a viver em conglomerados, e a proximidade da vida reducional permitiu que se propagassem diversas enfermidades rapidamente, também sofreram com os ataques dos “Índios Infiéis”, dos bandeirantes e encomenderos, que por estes tempos chegavam a esta Província.

Por outro lado, houve fatores que colaboraram para a conversão religiosa dos nativos em questão e que favoreciam aos Padres, como o Mito “Pai Tume” (PLA, 1975). Outro motivo foi o refúgio dos bandeirantes e dos encomenderos que os nativos encontraram de certo modo nas reduções. Os Padres também aprenderam a falar a língua Guarani, e até lhes ofereceram livros no seu idioma; Somado a isso foi mantida a organização tribal dos nativos adaptada a uma nova forma de trabalho e do cristianismo. Os Jesuítas usaram de toda sua pedagogia e da sutileza que esteve ao seu alcance para atrair os nativos à redução, e à conversão religiosa, para isso muitas vezes foi utilizada a intervenção de nativos já convertidos. Em grande parte das Cartas Anuais escritas pelos Padres, estes se queixam da falta de destreza, capacidade, interesse e inteligência dos nativos (PLA, 1975). Porém tinham muita habilidade para a arte, da qual os Padres também se aproveitavam para conduzi-los à catequese.

As oficinas de tala nas Missões jesuíticas de Guarani se fizeram indispensáveis na ornamentação dos grandiosos templos existentes em cada Redução. Estas oficinas ou “talleres” era o lugar onde foi ensinada aos nativos a arte da música, do teatro, da escultura e da imagineria, onde o Guarani esculpia seus objetos de adoração, e esta ação pode-se confirmar a través da grandiosidade das obras que até o dia de hoje podemos apreciar em diversos museus e a través dos remanescentes arquitetônicos que são patrimônio histórico da humanidade. As imagens que ainda se conservam no Brasil, Paraguai e Argentina, evidenciam a quantidade de obras de imagineria realizadas e a importância das oficinas de talha, segundo o inventário de 1768 e recentemente em uma publicação de D. Sustersic, se pode evidenciar a importância, a quantidade e a majestuosidade artística presente na imagineria talhada. A arte é o terreno mais rico de manifestações culturais, pois tão só com a sua presença aflora a carga cultural geradora que a representa, é por isso que a imagineria missionária constitui um inigualável testemunho do encontro entre de duas culturas: Jesuítica- Guarani. Esta experiência fez surgir capacidades diferenciadas na área da arte nas reduções e até fez com que o Guarani tivesse certa liberdade de expressão e identidade cultural própria, fazendo surgir o Barroco-Missionário.

Podemos notar que as identidades sociais podem estar organizadas com diferentes princípios, existe a tendência a uma canalização da interação e aparição de limites que manifestam e geram a diversidade étnica. O vínculo que conecta os grupos étnicos dentro do sistema social depende da complementariedade de ambos com relação a alguns rasgos sociais (CARDOSO, 1972). O que este ensaio tenta demonstrar é que as fronteiras étnicas são conservadas em cada caso por um conjunto de rasgos culturais e sua perpetuação pode ser especificada pelos câmbios culturais que definem seus limites. O conteúdo cultural de uma comunidade humana pode variar, pode ser aprendido ou modificar-se (BARTH, 1969).

A busca de critérios e objetivos da identidade étnica, não deve esquecer que na prática social estes critérios são objetos de representações mentais que transformam estas representações de objetos em símbolos, no caso da imagineria, estas representações simbólicas podem ser utilizadas em função dos interesses dos seus portadores, e o que aqui está em jogo é o poder de impor uma visão e que quando imposta ao grupo de ação provoca de certa forma consenso e unidade (BOURDIEU, 1989).

## 1 METODOLOGIA

A realização desta investigação se deu devido à utilização de documentos históricos referentes província Jesuítica do Paraguai, também a visitas a sítios arqueológicos das Missões. A investigação empírica realizou-se com base a consultas em textos de autores renomados nesta área de estudo como são: Palácios, Zaffoli, Sustersic, Melia, Furlong, Galvez, Cardoso de Oliveira, Barth, Bourdieu e



outros. Tudo foi analisando a modo de compreender o encontro cultural-religioso entre o Guarani e Jesuítas. Por tanto compondo e compreendendo elementos cumuns do sistema reducional e possibilitando estabelecer um análise dinâmico da produção de imagineria nas oficinas de talha e a importância desta produção.

## 2 EMBASAMENTO TEORICO

### 2.1 O GUARANI PRÉ-JESUÍTICO

A linhagem Guarani veio migrada da região amazônica, a mais de dois mil anos, chegando à região litorânea do sul brasileiro e espalhando-se pelo interior. O Guarani, nunca formou uma unidade política, eram divididos em tribos semi-sedentárias, e a base da organização era a grande família, morando nas “malocas” que chegavam a medir 50 metros ou mais, e cada uma chegava a formar uma comunidade de produção, vida religiosa, e política separada das demais. Cada aldeia estava formada por diversas “malocas” e ao centro da aldeia organizada geralmente de forma triangular estava um pátio em forma de praça, onde podiam ser distribuídos os alimentos, eram organizados os casamentos, festividades religiosas e rituais. A autoridade maior da tribo era o cacique e se baseavam num sistema de reciprocidade. O cargo do chefe da tribo, ou cacique era hereditário, mas para ser aceito pela tribo devia ser um bom guerreiro, ter habilidade para governar, e ser generoso. A quantia de mulheres que um cacique possuía indicava sua riqueza, poder, e organização, este era um aspecto impulsionador da poligamia entre os Guarani. Na aldeia, havia também, um conselho de anciões que se reuniam regularmente, para discutir problemas comuns. Outras autoridades importantes de uma aldeia eram o Pajé e o Xamã (GÁLVEZ, 1995).

O aldeamento Guarani era estabelecido perto dos rios, com casas comunais, (maloca), albergando até cem pessoas com um ancestral, que dava origem a uma linhagem. As casas eram construídas com taquara, palha e madeira (SILVA, 2008). Se instalavam de cinco a seis anos em um lugar e depois migravam, para não danificar a terra. No lugar onde estavam assentados faziam roças: os homens derrubavam e queimavam o terreno, o plantio era feito com cerimônias e rituais, assim como a colheita e estava aos cuidados das mulheres que também ajudavam na construção das casas, cuidavam dos filhos, mantinham a limpeza, não deixavam faltar água, cuidavam do fogo, preparavam o alimento, fabricavam cestos de junco, moldavam e coziam as vasilhas de barro, que tinham diversas funções, entre elas para uso funerário. Também as mulheres realizavam diversas artesanias, entre elas o tecido de algodão e a arte plumaria utilizada em diversos rituais (SILVA, 2008).

No cotidiano Guarani, raramente andavam vestidos, geralmente andavam nus, e às vezes usavam algo como uma manta, que eram tecidas pelas mulheres. As pinturas corporais tinham um significado mitológico além de proteger de picaduras de mosquitos e outros insetos. Os nativos se enfeitavam com cocares de diferentes cores extraídos, dos mais variados e coloridos pássaros, com pulseiras e brincos adornados com diversas sementes e pedras, ossos e dentes de animais por eles caçados os quais eram usados principalmente em rituais de guerra e religiosos, também o feiticeiro da tribo podia usar.

Por volta dos doze anos os meninos e as jovens depois da primeira menstruação passavam a integrar a comunidade, mas antes passavam por um ritual de iniciação. Era costume casarem recém-saídos da adolescência, a jovem tinha liberdade para poder escolher seu companheiro.

Atribuía aos sonhos caráter de revelação, revelados pelo chamã ou pajé assim como o nome das crianças eram revelados por sonhos. Uma mulher ficava grávida quando a palavra revelada ao seu marido em um sonho se encarnava nela, formando um novo ser. Segundo alguns cronistas o Guarani tinha boa aparência e as mulheres eram bonitas: “estas mujeres son muy lindas y grandes amantes, afectuosas y muy ardientes de cuerpo, esta raza es rara, tanto por su inteligencia cuanto por su robustez, estatura y proporcionadas formas.” (SCHMIDT apud GÁLVEZ, 1995). No entanto a grande maioria dos Padres não usavam deste pensar: “O Padre Sepp ao encontrar por primeira vez uma mulher nativa comparou-a com uma bruxa infernal, verdadeira megera, sanguinária, tigresa de rosto feio, colo e peitos desnudos, achando improvável que haja uma mulher bela entre estas fúrias infernais.” (FLORES, 1993).

Esses são os traços gerais da cultura Guarani que conhecemos a través de estudos antropofágicos. Tais estudos vão nos auxiliar na compreensão da forma de aculturação que resultou no encontro do Guarani e dos Jesuítas.

### **3 A COMPANHIA DE JESUS E SUA AÇÃO NA PROVINCIA JESUITICA DO PARAGUAI**

San Francisco Javier com Loyola foram os criadores da Companhia de Jesus, juntamente com outros cinco companheiros, em 1534, em Paris. O seu objetivo principal era buscar e salvar as alma dos homens, procurando não apenas seguir os passos de Cristo, mas imitá-lo minuciosamente, usando para este fim o livro dos exercícios espirituais, que foram editados em 1548 e são a base da filosofia ignaciana.

Em 1549, os primeiros Jesuítas chegam às terras da América, em terras da Coroa Portuguesa, começando a atuar em terras espanholas a partir de 1566, dois anos mais tarde foi criada a província Jesuítica do Peru. Em 1585, Jesuítas sobem pela bacia do Rio da Prata, chegando onde atualmente é o Paraguai e em 1607 formam a Província Jesuítica do Paraguai, tendo como pioneiro, o Padre Diego de Torres Bollo. Esta província abrangia o que hoje é a República do Paraguai, parte da Argentina, Uruguai, parte do Brasil, do Chile e da Bolívia (FRANZEN, 1999). Inicialmente os Padres formavam escolas ou colégios e catequeses volantes. Logo iniciavam o povoado ou Redução de nativos com colégios próprios. Em 1609 foram fundados as primeiras reduções. Em 1626 o Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz começa a evangelizar e a reduzir os nativos na região do Tape atual Rio Grande do Sul. Em vinte anos haviam fundado treze reduções nas quais se reuniam cinquenta mil Guarani. Havia prosperado, levantado templos e oficinas. Em 1616 em todas estas reduções haviam oficinas em funcionamento. Os templos de Loreto e San Ignacio eram os mais bonitos e elegantes do Paraguay, bem decorados e com toda classe de ornamentos, e perto da parede haviam confessionários talhados em cedro (PLA, 1975). Em um segundo momento as reduções adquiriram aspectos importantes, como os de cuidar as fronteiras, do avanço português e por diversas vezes os nativos foram chamados para prestarem serviço militar de 1637 a 1735, chegando a guerrear com 10.000 nativos armados (SIMON, 1984). Os nativos também eram utilizados como mão de obra em construções de obras públicas nas cidades de Buenos Aires e Asunción.

España la descubridora de las nuevas tierras, ha asumido al propio tiempo muy en serio su papel de campeona de la Cristiandad (...) impulso la grandiosa proeza de descubrir y dominar el mundo, solo fue posible mediante la entrañable convicción de los españoles “no corrían detrás de riquezas sino de almas que ganar para Dios. (PLA, 1975).

A organização das Reduções se dava de maneira geralmente igual, podendo variar no tamanho do povoado, porém a organização entre as Reduções da Província Jesuítica do Paraguai, eram praticamente iguais. A igreja à frente, imponente, de estilo barroco, a um lado o colégio onde estudavam os meninos a casa dos Padres e as oficinas e ao outro lado o cemitério, retirado da casa dos Padres ficava o cotiguaçu. A expansão das casas coletivas dos nativos se prolongava para os outros três lados e rodeadas de galerias. A praça que ficava ao centro e que era palco das atividades rituais, cívico e religiosa, também ali eram realizados os casamentos. As dimensões das casas variavam de acordo com a redução e de acordo com o número de famílias que ali viviam. A dimensão da praça podia também variar, mas sempre a igreja à frente como sinal de imponência. O traçado das ruas era ortogonal e as principais convergiam para a praça. Atrás da igreja situava-se a horta o pomar, o cultivo de milho mandioca e outros necessários para a sobrevivência e até em alguns povoados jardins botânicos. O povoado era totalmente rodeado pela selva. Também havia criação de gado e plantio de erva mate e de algodão (GUTIERREZ, 1984).

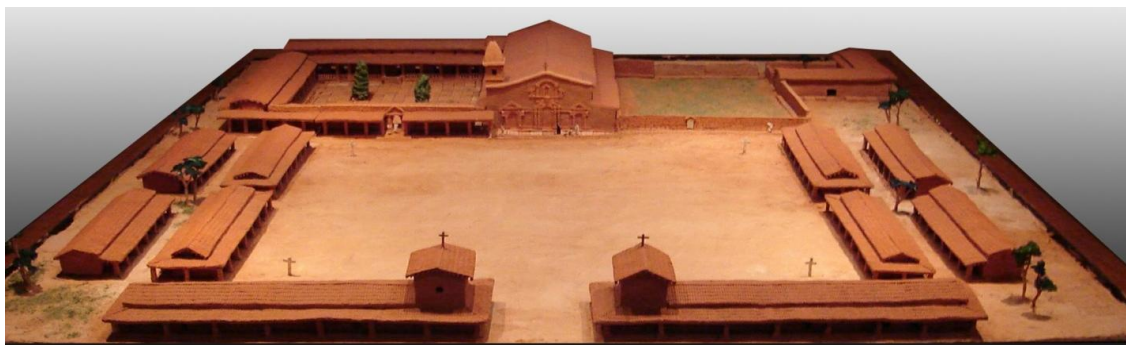


Ilustração 1: Maquete de San Ignacio Mini- Argentina.<sup>4</sup>

O excedente de produção das reduções era vendido nas cidades espanholas mais próximas em forma de “trueque<sup>5</sup>” e trazendo para a redução o que era necessário, tudo isso foi registrado em “libros de contabilidad” e enviado em Cartas Anuais aos seus superiores (PERAMAS, 1995). Os jesuítas diversificavam as produções e plantações, a erva mate, por exemplo, que era originária da região e mais tarde durante o período das missões se torna um importante produto de troca. O gado era criado em grande quantidade, também cerdos e cavalos, ovelhas e cabritos. O couro do gado bovino também se torna um importante produto de exportação. Cada redução produzia seus próprios alimentos, edificava a igreja, as casas e as oficinas necessárias para abastecer as Reduções com artistas diversos.

Os caciques eram numerosos dentro de cada missão, cada um governava vinte ou trinta famílias, em 1715 tinha 57 caciques em San Ignacio Mini (PLA, 1975). O Cabildo era uma organização muito bem aceita entre os Guarani, e os cabildantes eram escolhidos entre os próprios caciques (PLA, 1975).

A província Jesuítica do Paraguai, é a maior organização de reduções caracterizada como concentração urbana, onde o Guarani sai do seu antigo espaço, que era a floresta e passa a viver em um aglomerado, ou povoado, sob a atuação dos Padres Jesuítas que são os organizadores, ao redor da qual se criam perspectivas muitas vezes utópicas de civilização dos nativos, “solo la Reducción podrá remediar a la irracionalidad de andar de los índios desparramados por los montes, viviendo bestialmente y adorando a sus ídolos.” (MELIA, 1986). Pensava-se que o nativo não tinha condições políticas, nem sociais, segundo o Concilio de Lima de 1567: “os nativos e inclusive o Guarani possuíam costumes selvagens e bárbaros, portanto devia ser cristianizado”. Quando se iniciam, no entanto as reduções da Província Jesuítica no Paraguai tinha-se o pensar do Concilio de Lima. As reduções e a Companhia tinham o papel de transformar o nativo, fazendo-o passar de infiel para cristão, de preguiçoso a trabalhador, e de bárbaro a vida política e social. A Redução, por causa da sua pretensão, exigia outro tipo de vida para o nativo, outro espaço, novas casas, modelo político, planos de trabalho etc. E nas primeiras reduções do Paraguai, os Jesuítas, começam a por em prática, a fazer um ensaio destes novos modelos, os quais se ampliarão com a formação e crescimento das reduções. “La libertad antigua veo que se pierde, de discurrir por valles y selvas, porque estos sacerdotes extranjeros nos hacinan a pueblos, no para nuestro bien, sino para que oigamos la doctrina tan opuesta a los ritos y costumbres de nuestros antepasados (MONTROYA apud MELIA 1986).

#### 4 AS OFICINAS DE TALHA NAS REDUÇÕES

O trabalho nas oficinas era semelhante ao da Europa na época, onde a aprendizagem se dava com a prática, realizado a base de imitação e repetição daquilo que faziam seus mestres. “Los guaraníes que revelaban aptitud para ciertas artes y oficios eran elegidos como aprendices, dedicando el tiempo necesario para que llegaran a ser diestros oficiales” (HERNANDEZ apud PALACIOS; ZOFFOLI, 1991). Nas oficinas de talha haviam escultores, talhadores, e outros artesãos que esculpam

<sup>4</sup> Maquete da Redução de San Ignacio Mini. Foto: Gabriela Paniz, 2007.

<sup>5</sup> Sistema de troca de mercadoria por outra mercadoria, na falta de dinheiro entre si.

e adornavam com pinturas, canto e imagens de santos o altar a cúpulas, colunas, os talheres para a missa, candelabros eram revestidos de ouro, os copos e outros ornamentos para o culto eram geralmente de prata e as vezes pintados de cores fortes. Em uma redução que havia cinco mil nativos, por exemplo, três mil deles deviam trabalhar nas oficinas e labores diários. Músicos e reparadores de instrumentos, o matador e reparto da carne, o curtume, os que fabricavam e arrumavam armas e canoas os armazéns e os diversos talleres com muitos aprendizes, todas estas tarefas somavam um exercito enorme de gente trabalhando, sob a organização geralmente de um Padre e seus ajudantes. Os padres na sua grande maioria tinham certo preconceito com relação ao trabalho, a destreza e capacidade dos nativos, nota-se que na maioria dos escritos de diários e cartas anuas deixadas por eles, estes se queixam da preguiça, da falta de interes e inteligência do “índio” (FURLONG, 1962). A maioria das reduções estavam especializadas para produzir sua própria imagineria<sup>6</sup>. Nos altares da igreja haviam as vezes até quinze imagens de grande tamanho, em Corpus por exemplos, as figuras da ultima ceia eram de tamanho natural. Calcula-se que nas reduções houveram mais ou menos 4000 imagens que foram trabalhadas nas oficinas das reduções, porém a pesar de saqueios, incêndios, guerras, roubos e outros, no inventário realizado em 1798, foram encontradas diversas imagens, como nos mostra o quadro a seguir:

PAIS	QUANTIDAD DE IMÁGENES ENCONTRADAS
Brasil	332
Argentina	762
Paraguay	452
<b>TOTAL IMÁGENES</b>	<b>1546</b>

Ilustração 2: Inventário dos bens encontrados na expulsão dos Jesuítas (BRABO apud Palacios y Zaffoli, 1991).

Através dos remanescentes também podemos verificar a imensidão da igreja, da organização que havia, e das obras faraônicas que eram realizadas, todas com maior participação Guarani e instrução dos Padres. As esculturas são testemunhos materias artísticos dos povos missioneiros de Jesuítas e Guarani (PALACIOS; ZOFFOLI, 1991). As imagens que ainda hoje se conservam em museus como os do Trinidad no Paraguai, de São Miguel no Brasil, e de San Ignacio Mini na Argentina, por exemplo, evidenciam a quantidade de obras realizadas nas oficinas de talha, se sabe por documentos da época, e segundo o inventario de 1768, que alguns templos contavam com mais de cem esculturas. Para a execução de tais obras os Guarani contavam com mestres como foram Schmidt, Sepp, Ribera, Brasaneli, Primoli, Forcada, Grimau, entre outros (GUTIERREZ, 1984).

Todas están com mucha hermosura, no solo los retablos de cinco altares que suele haber, sino también las columnas o pilares de las naves y los marcos de las vidrieras, y todo el techo y bóveda están muy pintados y dorados y entreverado lo uno con lo otro de manera que abriendo las puertas de las iglesias que dan a las plazas y caen el comedio, y dos a los dos lados con la claridad y resplandor del sol que los baña, hacen una hermosa vista. (CARDIEL apud PLA, 1975).

As imagens formavam certa ilusão ao observador, e todas as estátuas eram para incitar a piedade e santidade, seguindo uma tradição barroca e principalmente espanhola. Todas as estatuas estavam vestidas e pintadas e serviam para ornamentar os edifícios religiosos que a eles pertencia. Estas imagens geralmente em tamanho natural decoravam e davam imponência às festas religiosas, casamentos, danças e eram feitas com a intenção de conquistar o nativo na religião Católica. Algumas

<sup>6</sup> Erário: indica as finanças públicas ou as finanças e/ou reservas do Estado, provenientes de impostos recolhidos da população.

dessas imagens possuíam cavidades que eram feitas por diversos motivos, no entanto o objetivo principal da estatuaria era proporcionar sentimentos piedosos (TREVISAN, 1986). A experiência e a convicção católica dos Padres possibilitou que construíssem uma sociedade equilibrada e com grandes projeções artísticas, em meio a floresta. dotada cada redução de diversas oficinas para poder suprir as demandas internas e externas muitas vezes (GUTIERREZ, 1987).

#### 4.1 APRENDIZES, OFICIAL E MESTRE

Juntamente com os mestres de cada ofício que eram os sacerdotes se uniam muitos aprendizes, que aos poucos aprendiam o ofício com muita perfeição. As tarefas eram distribuídas de acordo com o ofício, e levantavam-se muito cedo para a reza diária, e havia horários para cada tarefa, para isso utilizavam um relógio de sol y de roda. No verão às quatro da manhã era o horário de levantar no inverno as cinco, tocavam os sinos e depois da Ave Maria as tarefas iniciavam. Durante o dia se podia ver oficiais e mestres, aprendizes e artesões de diversos ofícios nas escolas que aprendiam e ensinavam de maneira minuciosa.

Os mestres das oficinas eram sempre Padres da Ordem, e usaram de muitas artimanhas para que o Guarani tivesse orgulho e honra em trabalhar na casa de Deus, o nativo devia sentir que era uma honra transformar um pedaço de madeira ou de pedra em símbolos veneráveis. Certamente usaram isso como pedagogia para insinuar certo poder de transformar. Os nativos dedicados as artes tinham prestígio e honrarias entre os demais, isso ajuda a entender, pois o prestígio lhes servia de estímulo, porém a arte missioneira na sua grande maioria foi anônima (KERN, 1982). A função dos padres nas reduções era a de conservar o corpo e salvar alma, para que os nativos não dispusessem de outras distrações senão a religião, e aquelas atividades que poderiam favorecê-la na confirmação da fé cristã (PLA, 1975).

#### 4.2 MATERIAIS USADOS NAS OFICINAS

A maioria das esculturas era talhada em madeira, foram utilizadas diversas espécies como o tayi, o urunday, o quebracho, que são madeiras mole e fáceis de talhar, porém as imagens que levavam dourado ou prateado eram feitas de cedro, condicionando-lhe uma atitude rústica e rígida, um aspecto único. As imagens de talha eram policromadas, com cores vivas, extraídas de plantas e de minerais e algumas tintas vinham da Europa. Os missionários e seus aprendizes usavam instrumento que não eram fáceis de manejar, o que não facilitava o talhado (TREVISAN, 1986).

As ferramentas utilizadas nas oficinas eram trazidas da Europa, os padres tentaram fabricar nas missões as ferramentas necessárias, com o ferro extraído, porém as ferramentas não eram de boa qualidade, então desistiram e continuaram importando da Europa. A oficinas foram responsáveis por diversos trabalhos na talha, no dourado e prateado das imagens. Souberam também realizar os encaixes, para as imagens que eram de encaixar e que até hoje podemos observar em alguns museus das reduções.

#### 4.3 MODELOS, ILUSTRAÇÕES E ESTAMPAS DAS OFICINAS.

As cartas ânuas de 1653-1654, nos informam que os artistas Guarani, souberam com esmero reproduzir na talha as estampas trazidas da Europa, e pode-se conhecer as habilidades destes artistas em quase todas as esculturas, que não poucas vezes tiveram o retoque final de seus mestres, para evitar heresias, e onde os autores raríssimas vezes gravaram seus nomes.

Os nativos souberam reproduzir das estampas elementos que eles conheciam como o fogo, árvores e animais, eram impressionantemente pintados ou talhados, dando-lhe um severo realismo; já elementos que eles não conheciam, como castelos luxuosos, o mar, fortalezas, altas torres, animais e elementos que não faziam parte da sua realidade, ficavam algumas vezes notavelmente desfigurados. Em outros casos podemos verificar que os nativos ao reproduzir de uma estampa deram-lhe traços mais suaves e harmoniosos que o da própria estampa. Dependendo do escultor o seu resultado poderia ser rústico, harmonioso, com traços europeus, ou do próprio Guarani, poderia ser uma cópia fiel a estampa, ou não. Os artistas, não somente copiaram das estampas e nem todas as esculturas possuem

traços próprios do Guarani, mas houve uma miscigenação tratando-se da escultura nas reduções entre o europeu e o Guarani (FURLONG, 1962).

## 5 RESULTADOS E ANÁLISES

### 5.1 A PRODUÇÃO DAS OFICINAS DE TALHA: ESCULTURAS MISSIONEIRAS

O estilo principal das estatuas ou imagineria talhadas nas reduções foi o Barroco, porém muitas vezes nos perguntamos se houve realmente um estilo próprio das esculturas missioneiras? Devemos levar em conta diversos fatores, como o espaço onde as esculturas eram geradas, em meio à floresta, um espaço totalmente isolado, com pessoas doutrinadas para fazer o que lhe era designado a que façam. A ausência de uma tradição própria dos nativos, no que diz respeito a esculturas, e as oficinas de arte das reduções, as quais tinham todas uma mesma tradição de trabalho, delimitações estas que reprimiam a criatividade autêntica do Guarani. O nativo não reproduz as coisas como ele vê, ao olhar uma estampa, uma tela ou uma imagem a ser copiada, ele as reproduz como as sente a partir do que conhece, essa expressão muitas vezes inconsciente faz aflorar estilos próprios do nativo, misturando o que vê desconhecido, com seu dia a dia. Outro fator importante é o de que as imagens eram realizadas pelos Jesuítas, pelos Guarani, ou realização mista, isso acabou afetando várias proporções das imagens que estavam sendo realizadas por diversos artistas, que deixavam nelas suas impressões. As imagens produzidas e as talhas realizadas pelos Guarani tem características barrocas, porém não com a ênfase habitual do Barroco, seu aspecto se limita ao necessário e não faz tantos jogos de claro escuro, o desenho se estende em superfície e não em profundidade, entre outras que são características próprias do Barroco europeu.

Vários autores concordam quando falam da imagineria produzida nas Missões da Província do Paraguai, e que as obras produzidas pelos Guarani através de imitação não constituem cópias das europeias, mas obras originais com características da identidade dos nativos, características estas que logo podemos perceber e que emanam uma força emocional, mostrando aparências às vezes rústicas, grandeza, altivez, entre outras características próprias do Guarani. “Se lhes puseres nas mãos algumas figuras ou desenho, verás daí a pouco executada uma obra de arte, como na Europa não pode haver igual”(SEPP, 2000). Os mestres como contavam com inúmeros discípulos não podiam conter a “heresia” de que os nativos talhassem uma imagem com suas próprias características. Muitas vezes de maneira não sutil, como é o caso da Nossa Senhora da Conceição, exposta no museu Julho de Castilho em Porto Alegre, que denota gritantes traços da índia Guarani (FURLONG, 1962). Um artista por mais que copia de algum lugar não se desprende do seu próprio estilo. Os nativos possuíam uma moldura estética para a talha, uma definição a ser seguida, que eram as estampas, mas os estilos são próprios de cada artista, único de cada talhador. “Um estilo liga-se a uma etapa dos conhecimentos humanos, a um estado determinado das técnicas e do trabalho, às condições dos diferentes grupos sociais na sociedade de conjunto que os reúne, mesmo que se oponham uns aos outros”(TAPIE apud TREVISAN, 1986).

La capacidad innata del Guaraní para el dibujo, la pintura y la escultura que se expresaba según el testimonio de algunos Jesuitas del siglo XVII, en una rara habilidad para copiar e imitar las estampas, grabados o modelos que se les presentasen, fue perfeccionada en el siglo XVIII en un proceso de mayor libertad creativa. (GUTIERREZ, 1987).

Para entender o panorama, político, econômico e social do século XVII, devemos levar em conta as Missões Jesuíticas do Paraguai, pois elas não eram cópias de nenhuma outra manifestação cultural como as de Buenos Aires, alto Peru, Córdoba, e sim tinham sua independência sua produção retirada da civilização espanhola, sua produção e até exportação complexa, tinham capacidades de organização a nível muito avançado para sua época, fazendo com que os Guarani fossem extremamente dotados para diversos ofícios entre eles os de escultores. As obras do período jesuítico na Província do Paraguai em quatro tipos são: Obras onde o Guarani ainda não possuía um ofício, obras chamadas de primitivas, obras que copiam e interpretam modelos europeus, obras de talhistas educados pelos mestres jesuítas, e obras de estilo autônomo, sem referências europeias (SUSTERSIC, 1995).

## CONCLUSÃO

Através deste estudo pode-se verificar a importância dos remanescentes arquitetônicos e das oficinas de talha para a história das missões, pois é através das esculturas que ficaram depois da expulsão dos Jesuítas que podemos entender, muito mais da História de Jesuítas e Guaraní. Considerando que o Guaraní vem de uma cultura ainda do período neolítico, pois não fazia parte da sua cultura representar e cultuar imagens, talhar a madeira e a pedra a não ser aquela de funções utilitárias. Salientamos que no espaço de um século e meio, que é um breve tempo se considerarmos a história como um todo, para que empreenderem tantas tarefas que deixaram marcas profundas na região onde estabeleceram seus povoados. Esse encontro de culturas possibilitou uma cultura e uma produção diferentes que pesquisadores como Trevisan, (1986) e Pla, (1975), chamaram de Barroco Missioneiro.

Podemos concluir que a possibilidade da realização do trabalho nas reduções, se deu através de intensa intervenção pedagógica por parte dos Padres, estes usavam o imaginário do poder de transformar um pedaço de madeira ou de pedra em uma imagem venerável, e o prestígio que o nativo artesão possuía entre os demais, como estímulo, fazendo com que o Guaraní se dedicasse ao trabalho nas oficinas o que não era próprio da cultura sua cultura.

Concluimos também que as oficinas de talha foram importantes porque eram um espaço de produção artística e essas peças que restaram, hoje são testemunhos da aculturação desse encontro de culturas diferentes, entre Jesuítas e Guaraní. Sem estes testemunhos materiais, teríamos muita dificuldade de analisar e entender a história dos povoados missioneiros. Até por que os documentos que temos deste período são escritos geralmente por integrantes da Companhia, os quais não podiam muito dizer ou criticar o seu próprio trabalho.

Com este trabalho pode-se compreender mais a respeito do modo de vida Guaraní, a presença da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai e as transformações que ela significou para os nativos, para a região onde atuaram e para a história. A partir desta pesquisa entendemos melhor a maneira que se dava o funcionamento das oficinas de talha e o significado que ela teve. É por meio desta significativa produção e de sua história que compreendemos muitas situações, políticas, econômicas e sociais da atualidade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

- [1] MAEDER, Ernesto J.A.; POENITZ, Alfredo J.E. **Corrientes Jesuíticas**. Buenos Aires: Editorial Cultura, 1982.
- [2] SIMON, Mário. **Os Sete Povos das Missões: Trágica Experiência**. Santo Ângelo: Santo Antonio, 1984.
- [3] PLA, Josefina. **El Barroco Hispano Guaraní**. Asunción: Editorial del Centenario S.R.L, 1975.
- [4] CARDOSO de Oliveira, R. **O Índio no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1972.
- [5] BARTH, Fredrik. **Los Grupos étnicos y sus Fronteras**. México: Editora FCE, 1969.
- [6] BOUDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Editorial DIFIL, 1989.
- [7] GÁLVEZ, Lucía. **Guaraníes y Jesuitas: De la Tierra sin Mal al Paraíso**. Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1995.
- [8] SILVA, Andre L. **Paisagem Cultural na Região Missioneira-Gênero e Etnicidade**. Santo Ângelo: Editora Ediuri, 2008.
- [9] FLORES, Moacyr. **Reduções Jesuíticas dos Guaranis**. Porto Alegre: Gráfica EPECÊ, 1993.
- [10] FRANZEN, Beatriz. **Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no Sul do Brasil e Paraguai**. Porto Alegre: Gráfica EPECÊ, 1999.
- [11] GUTIERREZ, Ramón. **Las Misiones Jesuíticas de los Guaraníes**. Rio de Janeiro-Brasil: Fundação nacional Pró-Memória, Publicado pela UNESCO, 1987.
- [12] PERAMAS, M. José. **La República de Platón y los Guaraníes**. Buenos Aires: Ediciones Cátedra, 1995.
- [13] MELIA, Bartolomé. **El Guaraní Reducido y Conquistado**. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, 1986.

- [14] PALACIOS, Silvia; ZOFFOLI, Ena. **Gloria y Tragedia de las Misiones Guaraníes**. España: Impreso por Grafo S.A, 1991.
- [15] FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus Pueblos de Guaraníes**. Buenos Aires: Ediciones Teorías, 1962.
- [16] TREVISAN, Armindo. **A Escultura dos Sete Povos**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.
- [17] KERN, Alvarez Arno. **Missões: Uma Utopia Política**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1982.
- [18] Arte Barroca - Mostra do redescobrimento. **Fundação Bienal de São Paulo**. Associação Brasil 500 anos Arte Visual, 2000.
- [19] SUSTERSIC, Darko B. **La Escultura en las Misiones Jesuíticas: Pintura, Escultura y útiles en Iberoamérica, 1500-1825**. Coordinador Ramón Gutiérrez. Madrid: Manuales Arte Cátedra, 1995.



# CONTRIBUIÇÕES DO CURSO JOVEM APRENDIZ NA INSERÇÃO DO ADOLESCENTE NO MERCADO DE TRABALHO

Tânia Neu<sup>1</sup>  
Andréa Maria Cacenote<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo foi realizado em uma instituição de ensino profissionalizante, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, unidade Santa Rosa, teve como objetivo a análise do curso Jovem Aprendiz na inserção do adolescente no mercado de trabalho. Buscou-se analisar a contribuição que o curso Jovem Aprendiz oferecido pelo SENAC – Santa Rosa, trouxe para os jovens que participaram do curso no período de 02/08/2010 a 20/05/2011, procurou-se obter a opinião dos jovens em relação a contribuição do curso tanto para a vida pessoal, como profissional. No referencial teórico abordaram-se temas como: Mercado de Trabalho; Jovem e Mercado de Trabalho; A legislação sobre o Jovem Aprendiz; e Qualificação Profissional. Conclui-se que o curso Jovem Aprendiz traz contribuições significativas para o início da carreira profissional dos jovens que participam do curso, porém se verificou que o número de jovens que permanecem na empresa após a realização de seu estágio ainda é baixo.

Palavras-chave: Jovem - Mercado de Trabalho - Curso Jovem Aprendiz

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por finalidade buscar a contribuição do curso Jovem Aprendiz na inserção do adolescente no mercado de trabalho, oferecido pelo SENAC Santa Rosa, bem como, fazer uma análise da contribuição do curso para a vida pessoal e profissional dos jovens que realizaram o curso, e a importância do mesmo para a preparação do jovem para o mercado de trabalho.

O problema que norteou a realização deste estudo foi: De que forma o curso Jovem Aprendiz do SENAC - Santa Rosa contribui na inserção do adolescente no mercado de trabalho?

Atualmente o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo, devido ao aumento da concorrência entre as empresas, cada um procura se destacar no mercado, e quem vai dirigir a empresa são as pessoas que nela trabalham. Por esse motivo, a inserção do jovem sem experiência profissional no mercado acaba ficando mais difícil.

Este trabalho vem mostrar a importância do curso Jovem Aprendiz do SENAC - Santa Rosa, oferecido aos jovens que nunca tiveram sua carteira de trabalho assinada. Além de terem um curso de Aprendizagem Comercial, tem a oportunidade de ter sua primeira experiência profissional remunerada e com carteira assinada.

## 1 METODOLOGIA

A metodologia vem para apresentar como foi desenvolvida a pesquisa, quais métodos foram utilizados, o que se pretendeu mostrar e analisar durante a pesquisa e ao seu término.

A pesquisa é classificada como: qualitativa, bibliográfica e estudo de caso. Na pesquisa qualitativa ocorreu a descrição dos dados obtidos para então compreender a problemática em questão.

O estudo se classifica como estudo de caso, “[...] que é um estudo que analisa um ou poucos fatos com profundidade. A maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias e no início de pesquisas mais complexas.” (SILVA, 2003, p.63).

Conforme Vianna (2001):

---

<sup>1</sup> Administradora, Bacharel em Administração, Faculdades Integradas Machado de Assis, email: tanianeuh@hotmail.com

<sup>2</sup> Administradora, Professora do Curso de Administração das Faculdades Integradas Machado de Assis, email: andreacacenote@fema.com.br

[...] na pesquisa qualitativa você analisará cada situação a partir de dados descritivos, buscando identificar relações, causas, efeitos, consequências, opiniões, significados, categorias e outros aspectos considerados necessários à compreensão da realidade estudada e que geralmente, envolve múltiplos aspectos. (VIANNA, 2001, p.122).

Na pesquisa bibliográfica, apresentou-se a ajuda de autores que em suas obras trouxeram o assunto abordado no estudo, para assim complementar e dar sustentação no estudo realizado.

De acordo com Silva (2003) na pesquisa bibliográfica é possível fazer uma discussão sobre o tema em questão utilizando referências teóricas em livros, periódicos e revistas.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de livros, artigos, leis, e teve como referência os autores VIANNA (2001), PINHO e VASCONCELOS (2004), WILTGEN e GARCIA (2002), MTE (2000), DUTRA (2009) e o autor CHIAVENATO (2008).

Já a pesquisa empírica foi realizada por meio de entrevista semi estruturada com a coordenação do curso Jovem Aprendiz do SENAC Santa Rosa, a fim de conhecer a composição do curso Jovem Aprendiz e por fim foi aplicado um questionário com jovens que realizaram o curso Jovem Aprendiz. Também foi aplicado um questionário com jovens que realizaram o curso, no período de 02/08/2010 a 20/05/2011, para conhecer a opinião dos jovens sobre as contribuições que o curso trouxe para cada um deles, tanto profissional como pessoal. Dos 48 jovens que realizaram curso nesse período, 38 responderam ao questionário, o que representa um percentual de 79.16% de jovens.

## **2 EMBASAMENTO TEÓRICO**

A pesquisa bibliográfica foi realizada em diversos meios, procurou-se registros que tratassem de mercado de trabalho, Jovem e mercado de trabalho, a legislação sobre o Jovem Aprendiz e qualificação profissional.

### **2.1 MERCADO DE TRABALHO**

Atualmente, em um mercado cada vez mais competitivo, tanto entre empresas como entre indivíduos que buscam um emprego estável; é que se tem a dinâmica de mercado. “O mercado de trabalho tem sido definido como o conjunto de oportunidades de trabalho oferecido pelas organizações e como o conjunto das pessoas dispostas a oferecer sua força” (DUTRA, 2009, p.70).

No mercado há pessoas empregadas com seus direitos e deveres a cumprir, contribuindo, assim para o andamento das atividades empresariais e fazem a economia girar. Nesse mesmo mercado, também há pessoas em busca de uma atividade estável, em meio ao mercado cada vez mais concorrido. O mercado de trabalho é composto por dois segmentos,

[...] o mercado formal de trabalho, o qual contempla as relações contratuais de trabalho, em grande parte determinadas pelas forças de mercado, ao mesmo tempo que são objetos de legislação específica que as regula. Em contraposição, existe o chamado mercado informal de trabalho, em que prevalecem regras de funcionamento com um mínimo de interferência governamental. (PINHO; VASCONCELLOS, 2004, p.381).

No mercado formal a pessoa tem sua carteira de trabalho assinada, desfrutando dos direitos, mas também cumprindo normas trabalhistas. Já no mercado informal, a pessoa acaba não conseguindo um trabalho fixo, pois só assim consegue se sustentar, “[...] esse é o caso da pressão para entrar no mercado de trabalho devido às necessidades individuais de sobrevivência ou à lógica de como se distribuem as responsabilidades com o sustento no interior do grupo familiar.” (WILTGEN; GARCIA, 2002, p.12).

O mercado tem como principal característica a lei da oferta e da procura, há aqueles que produzem um produto ou serviço, e há aqueles que procuram um produto ou serviço para satisfação de suas necessidades. O mercado de trabalho, também tem como principal característica a lei da oferta e da procura, pois há organizações que necessitam de pessoas para comandarem suas atividades, assim como também há pessoas a procura de uma organização que lhes de oportunidade de trabalho para comandarem suas atividades.

Conforme Pinho e Vasconcellos (2004) existem inúmeras classificações que permitem enquadrar com precisão os trabalhadores segundo a atividade econômica que cada um exerce, há a população economicamente ativa, dividida em empregados plenamente ocupados em tempo integral, ou em tempo parcial; em subempregados que podem ser visíveis ou invisíveis. Há a classe dos desempregados buscando trabalho, podem ser que já trabalharam ou não, os desempregados que estão procurando trabalho, mas dispostos a trabalhar em condições específicas, pode ser que já trabalharam ou nunca trabalharam.

Conforme Wiltgen e Garcia (2002),

[...] o mercado de trabalho apresentou mudanças drásticas, ditadas pela retração na capacidade de geração de ocupações, pela alteração na composição do emprego e pela precarização das formas de inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, observou-se redução dos empregos estáveis, ampliando-se o assalariamento sem carteira de trabalho assinada, a contratação em tempo parcial e, sobretudo, o desemprego. (WILTGEN; GARCIA, 2002, p.12).

Observam-se inúmeras mudanças no cenário econômico, em decorrência da globalização, do aumento da concorrência entre empresas e pessoas, e isso afeta o mercado de trabalho, pois as organizações cada vez mais exigem capital humano qualificado para realizarem suas atividades de maneira correta, pois necessitam sobressair-se para continuarem no mercado, já que a concorrência vem aumentando significativamente. E o motivo de as empresas optarem por capital humano qualificado, acaba gerando o desemprego para aqueles que não possuem qualificação necessária, os quais se submetem a trabalhar de maneira informal, muitas vezes precária.

As organizações exigem um novo perfil de trabalhador, pois depende das pessoas a realização de suas atividades:

O novo trabalhador deve ser polivalente, sabendo realizar de quase tudo um pouco. Não bastará ser educado. É preciso ser bem-educado. Quem for capaz de resolver problemas terá emprego garantido. Acabou a profissão de tamanho único. O desemprego em nosso país está sendo provocado menos pelo avanço tecnológico e muito mais pelo atraso educacional. (CHIAVENATO, 2008, p.109).

O mercado, atualmente, exige que as pessoas que desejam ter um trabalho estável, tenham qualificação profissional, de forma constante, que busquem novos conhecimentos e habilidades não só em uma área, mas em várias. Além de conhecimento, precisam ter espírito empreendedor, iniciativa, comprometimento e capacidade para trabalho em equipe. Todas essas características, hoje tornam-se exigências para se conseguir um espaço no mercado de trabalho, crescimento tanto profissional, como pessoal.

### **2.1.1 Jovem e Mercado de Trabalho**

Atualmente as organizações visam a eficiência de suas operações, e para isso procuram captar no mercado de trabalho, profissionais já formados ou com experiência na área em que atuam. Isso acaba trazendo pontos negativos para os jovens que ainda não tiveram experiência no mercado, os quais estão na espera de uma oportunidade de trabalho para iniciar sua carreira profissional, mas acabam encontrando dificuldades para ingressar nesse mercado de trabalho cada vez mais concorrido.

Conforme Soares, Rizzini e Bush (2010, p.24) “A juventude é compreendida como um tempo de construção de identidade e de definição de projetos de futuro.” É nessa fase, que os indivíduos

começam a projetar suas ações futuras, os objetivos que desejam alcançar e os meios pelos quais irão buscar suas realizações; principalmente o ingresso no mercado de trabalho.

Segundo os autores Cruz, Souza e Souza (2003),

[...] a exclusão social dos jovens sobre a forma de desemprego e precariedade das relações e condições de trabalho tem efeitos perniciosos sobre a vida futura dos indivíduos, tendo reflexos não somente em sua vida profissional mas também psicológica e social. (CRUZ; SOUZA; SOUZA, 2003, p.2).

A dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho pode acabar trazendo sintomas emocionais e psicológicos, pois o desejo e ansiedade para tornarem-se independentes, acabam aumentando o desejo de conseguirem um espaço no mercado de trabalho, mas acabam desanimados, frente ao cenário que está cada vez mais exigente, quanto a conhecimentos e habilidades que as empresas requerem de seus candidatos.

Conforme ressaltam os autores Soares; Rizzini; Bush (2010),

[...] de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), os jovens estão na faixa etária entre 15 e 24 anos. Este constitui um período de preparação/transição para o mundo adulto e de criação de novas formas e expressões de sociabilidade. (SOARES; RIZZINI; BUSH, 2010, p.23).

A população jovem é considerada àquela com idade entre 15 e 24 anos, sendo a faixa etária em que começa a preparação para a vida adulta, inicia uma nova etapa das suas vidas, principalmente a busca por um espaço no mercado de trabalho.

Conforme apresenta o autor Pochmann (2000):

[...] o primeiro emprego representa uma situação decisiva sobre a trajetória futura do jovem no mercado de trabalho. Quanto melhores as condições de acesso ao primeiro emprego, proporcionalmente mais favorável deve ser a sua evolução profissional. O ingresso precário e antecipado do jovem no mundo do trabalho pode marcar desfavoravelmente o seu desempenho profissional. (POCHMANN, 2000, p.9 apud CRUZ; SOUZA; SOUZA, 2003, p.12).

As condições em que hoje o jovem ingressa no mercado de trabalho possuem influencia significativa no seu desenvolvimento profissional. Pois, se o jovem possui um treinamento antes de começar suas atividades profissionais, sem dúvidas ele terá maior desempenho e interesse em crescer na sua atividade ou setor. Agora se ele ingressar no mercado de trabalho sem preparação, sem dúvidas sentirá dificuldades em realizar as atividades propostas, podendo prejudicar a sua ascensão profissional.

## 2.2 A LEGISLAÇÃO SOBRE O JOVEM APRENDIZ

Atualmente, as empresas devido a grande concorrência, buscam contratar pessoas já com formação e experiência na área. Isso acaba dificultando a inserção do jovem sem experiência profissional e qualificação em determinada área, no mercado de trabalho.

De acordo com Montana e Charnov (2010),

[...] desde a primeira metade do século XX, surgiram várias leis e decretos federais que regem o trabalho no Brasil, estabelecendo, dentre outras coisas, o salário-mínimo, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, a proibição da discriminação e do trabalho infantil. (MONTANA; CHARNOV, 2010, p.198).

Em decorrência dessa dificuldade, do jovem inserir-se no mercado de trabalho e iniciar a sua carreira profissional, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), editou a Lei nº 10.097/2000, regulamentada pelo Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005, como forma de oportunizar e facilitar a inserção do adolescente na faixa etária entre 14 e 24 anos, no mercado de trabalho, e iniciar sua carreira profissional, ou seja, tornando obrigatória a contratação de jovens aprendizes por empresas de médio e grande porte.

Esta lei, dispõe que os estabelecimentos de qualquer natureza, empresas de médio e grande porte, que tenham pelo menos 7 (sete) empregados, são obrigados a contratar aprendizes, de acordo com o percentual exigido pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

A Lei da Aprendizagem, MTE. Lei nº 10.097/2000, regulamentada pelo Decreto nº 5.598/2005, tem por objetivo proporcionar a formação técnico-profissional de adolescentes e jovens, proporcionando a eles aprendizagem em determinada área e oportunidade de ter sua primeira experiência profissional e ingresso no mercado de trabalho.

Conforme Ribeiro (2006, p.33), “aprender diz respeito à aquisição de novos hábitos, atitudes e comportamentos, após um treinamento específico ou novas experiências. Na realidade, aprender é adquirir novas formas de conduta ou modificar formas de condutas anteriores”.

O adolescente, por meio da Lei da Aprendizagem, MTE. Lei nº 10.097/2000, tem a oportunidade de cursar Programas de Aprendizagem, os quais são compostos por dois módulos, primeiro o curso de aprendizagem, o qual vai lhe proporcionar novos conhecimentos e habilidades, preparando-o para o mercado de trabalho; após o curso de aprendizagem, o adolescente fará a prática supervisionada em uma empresa, ou seja, um estágio, o qual vai lhe oportunizar a primeira experiência profissional no mercado.

O objetivo do curso de aprendizagem é proporcionar ao jovem novos conhecimentos e após colocar em prática suas habilidades na empresa, tornando-se um aprendizado contínuo.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e a Lei da Aprendizagem, Lei nº 10.097/2000, a cota de aprendizes que as empresas devem contratar, está fixada entre 5%, no mínimo, e 15%, no máximo, por estabelecimento, calculada sobre o total de empregados cujas funções demandem formação profissional, cabendo ao empregador, dentro dos limites fixados, contratar o número de aprendizes que melhor atender às suas necessidades.

Os programas de aprendizagem, segundo a Legislação, tem carga horária estabelecida no contrato de aprendizagem, que deverá somar o tempo necessário à vigência das práticas do trabalho na empresa e ao aprendizado de conteúdos teóricos ministrados na instituição de aprendizagem. Então, o programa de aprendizagem é composto por módulos, a parte teórica, que é o curso de aprendizagem em uma instituição habilitada, e o segundo módulo é a prática na empresa, ou seja, o estágio.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e a Lei da Aprendizagem, Lei nº 10.097/2000, as instituições de qualificação, habilitadas a oferecer o curso de aprendizagem, são:

Os Serviços Nacionais de Aprendizagem:

1. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI);
2. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC);
3. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR);
4. Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT);
5. Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP);

As Escolas Técnicas de Educação, inclusive as agro técnicas;

Estas devem ser entidades sem Fins Lucrativos, que tenham por objetivo a assistência ao adolescente e a educação profissional, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

O programa de Aprendizagem tem por objetivo proporcionar aos jovens e adolescentes, primeiramente a qualificação profissional, e após a oportunidade de inserção no mercado de trabalho formal, tendo sua carteira de trabalho assinada e passando a receber todos os direitos trabalhistas, e o início de sua carreira profissional no mercado.

### 2.3 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Em decorrência da grande competitividade entre as organizações, o profissional precisa estar em constante atualização, pois só assim conseguirá acompanhar as exigências do mercado de trabalho

e manter sua ocupação profissional. Essa constante atualização, deve partir da própria pessoa, pois as empresas necessitam de profissionais qualificados e atualizados frente aos obstáculos do mercado.

Conforme apresenta Dutra (2009):

[...] o desenvolvimento da organização está diretamente relacionado a sua capacidade em desenvolver pessoas e ser desenvolvida por pessoas, originando dessa premissa uma série de reflexões teóricas e conceituais acerca da aprendizagem da organização e das pessoas e como elas estão inter-relacionadas. O desenvolvimento das pessoas deve estar centrado nas próprias pessoas, ou seja, o desenvolvimento é efetuado respeitando-se sua individualidade. (DUTRA, 2009, p.16).

Conforme Robbins (2005, p.400) “[...] funcionários competentes não permanecem competentes para sempre. As habilidades se deterioram e podem se tornar obsoletas.” É preciso criar uma cultura de qualificação profissional contínua, ou seja, a pessoa precisa estar sempre em constantes atividades de aperfeiçoamento, para adquirir novos conhecimentos e habilidades.

Hoje, o profissional que já possui uma qualificação, se destaca frente aos outros que não possui, tanto em um processo de seleção como na realização de suas atividades; pois a tecnologia está cada vez mais presente nas empresas, e é preciso estar em constantes aperfeiçoamentos para acompanhar essas mudanças e continuar no mercado de trabalho. Já que,

[...] o profissional bem qualificado e que aprecia seu trabalho desenvolve suas atividades com desembaraço e eficiência, evita desperdícios, sabe argumentar, tomar decisões, relacionar-se bem com sua equipe de trabalho e, por isso, quase sempre acerta. (SILVA; COELHO; BARRACA, 1999, p.58).

A qualificação profissional vai permitir que o profissional permaneça no mercado, mas para que isso aconteça ele precisa investir em seu aprendizado, aproveitar as oportunidades, participar de seminários, palestras, cursos profissionalizantes, e outros, façam referência a sua profissão. Precisa estar em sintonia com as exigências do mercado de trabalho, mantendo um aperfeiçoamento constante na sua carreira profissional, para adquirir maior conhecimento e habilidades na área em que atua.

### **3 RESULTADOS E ANÁLISES**

No diagnóstico e análise será descrito os resultados obtidos através das pesquisas realizadas com a coordenação do curso e com os jovens que participaram do curso.

#### **3.1 CONHECIMENTO SOBRE A COMPOSIÇÃO DO CURSO JOVEM APRENDIZ**

O curso no SENAC-RS teve início na Unidade de Santa Rosa no ano de 2005. O órgão que prevê a contratação de Jovem Aprendiz é a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego-SRTE, que tem a responsabilidade de fiscalizar e estabelecer o quantitativo de aprendizes que as empresas devem manter em seu quadro de colaboradores.

A contratação de Jovem Aprendiz é regulamentada pela Lei 10.097/2000. A legislação diz que estão obrigadas a realizar a contratação de jovens aprendizes, empresas do comércio de bens, serviços e turismo que possuem quadro de colaboradores maior que 7.

Dentre os requisitos necessários para participar do Programa Jovem Aprendiz, são estabelecidos com base na legislação de aprendizagem e com base nos requisitos do plano de curso que o SENAC oferece a esses jovens. Podem cursar jovens de 14 a 24 anos que estejam estudando ou concluído ensino médio e que tenham renda per capita inferior a 2 salários mínimos e que nunca tenham tido a carteira de trabalho assinada na condição de aprendiz.

O curso é composto por 400 horas de aula teórica dividida em 8 módulos: dentre eles estão, matemática comercial e financeira, comunicação e expressão, informática, atendimento ao cliente, mundo do trabalho, psicologia organizacional, protocolo e arquivamento, entre outros, e mais 400 horas de prática realizada na empresa onde o jovem foi contratado.

No que se refere às áreas de oferta dos cursos pelo SENAC Santa Rosa vem de encontro à solicitação das empresas. Realizam-se cursos nas áreas de comércio e gestão (Aprendizagem em Serviços Administrativos; Aprendizagem em Serviços do Comércio e Aprendizagem em Serviços de Supermercado), os quais apresentam os módulos de Atendimento ao Cliente, Matemática Comercial e Financeira, Informática, Comunicação e Expressão, Mundo do Trabalho, entre outros.

Quanto à seleção para o módulo prático. A escolha do jovem é feita pela empresa com a indicação do SENAC, o candidato deve atender aos critérios quanto a idade, renda familiar, e com o preenchimento da ficha sócio econômica para analisar a real situação do mesmo em seu ambiente familiar, escolar e social.

A avaliação da aprendizagem envolve assiduidade, responsabilidade, comprometimento, ética, respeito, observação dos aspectos afetivos e psicomotores e principalmente a postura profissional.

### 3.2 PESQUISA COM OS JOVENS QUE REALIZARAM O CURSO JOVEM APRENDIZ

A pesquisa foi realizada com 48 jovens, sendo que retornou 38 pesquisas, de duas turmas do curso Jovem Aprendiz no primeiro semestre de 2011. O questionário aplicado possui 11 perguntas, com questões objetivas e descritivas.

Primeiramente procurou-se analisar o perfil dos jovens que realizaram o curso Jovem Aprendiz no primeiro semestre de 2011, conforme Ilustração 1.

<b>Idade dos Jovens</b>	<b>Gênero</b>	<b>Cidade onde Reside</b>	<b>Experiência Profissional antes do Curso</b>
12 jovens até 16 anos	31 feminino	37 Santa Rosa	33 jovens não possuam experiência
16 jovens têm 17 anos	7 masculino	1 Santo Cristo	5 jovens possuíam experiência
04 jovens têm 18 anos			
03 jovens têm 19 anos			
03 entre 20 a 22 anos			

Ilustração 1: Perfil dos jovens pesquisados.

Fonte: NEU (2011).

A presença feminina no mercado de trabalho vem crescendo nos últimos anos, hoje elas ocupam inúmeros cargos, que há anos atrás somente homens eram aptos a ocupar. Hoje, lideram grandes corporações, ocupam cargos que exigem esforços físicos, e não somente atribuições domésticas como eram lhe atribuídas anos atrás. Esse aumento de participação no mercado de trabalho faz com que cada vez mais busquem qualificações para sua carreira profissional.

Quanto a maioria dos jovens residirem em Santa Rosa justifica-se pelo motivo de o SENAC Santa Rosa realizar turmas do curso Jovem aprendiz em outros municípios também, como é o caso da cidade de Santo Cristo e Giruá, onde acontecem parcerias com outras Escolas, Associações Comerciais e Industriais ou com a prefeitura desses municípios, que cedem espaços para a realização das aulas. Deslocando-se professores do SENAC Santa Rosa para esses municípios.

Buscou-se conhecer a satisfação dos 38 pesquisados com relação ao curso Jovem Aprendiz e a realização do estágio. Quanto ao segmento de atuação, 24 jovens realizaram o estágio no segmento do comércio, 6 em supermercado, 5 em transporte, 2 em farmácia e 1 no segmento de hotelaria.

No que concerne a efetivação dos jovens após o período de estágio, 30 pesquisados disseram que não foram efetivados e 8 conseguiram a efetivação na organização. Dentre as atividades realizadas 24 destacaram atividades administrativas e 14 jovens atividades de atendimento.

No que se refere a satisfação dos jovens quanto ao estágio (parte prática do curso) 37 manifestaram satisfação e 1 se demonstrou insatisfeito. Já quanto a assimilação da parte teórica do curso com a parte prática, 35 jovens disseram ter facilidade em assimilar teoria e prática, e 3 pessoas tiveram dificuldades.

E ao questionar se enfrentaram dificuldades na realização das tarefas no período de estágio 30 pessoas disseram que não enfrentaram dificuldades na realização das tarefas, e 8 manifestaram que tiveram dificuldades.

Grande parte das empresas em que os jovens realizaram seu estágio é do ramo de comércio, pois é o segmento que mais emprega na cidade de Santa Rosa, e também pelo motivo de o SENAC, atender empresas do ramo de comércio e serviços. Ou seja, toda a empresa desse ramo, quando precisa realizar a contratação de aprendizes se reporta a Instituição que as atenda gratuitamente para proceder a contratação de seu ou seus aprendizes.

O principal motivo da maioria dos jovens não serem efetivados na empresa pode ocorrer por alguns fatores, como idade, sendo jovem menor de idade, não podendo a empresa contratá-lo; ou pelo motivo de no momento a empresa não precisar aumentar seu quadro de colaboradores, ou pelo jovem não se sair bem nas atividades que a empresa o colocou desenvolver, talvez ele se saísse melhor realizando outras atividades, assim podendo apresentar resultados melhores para a empresa.

Pode-se observar que a maioria dos jovens realizou atividades administrativas na empresa, como relatado por eles, realizavam atividades como, arquivamento de documentos, notas fiscais, emissão de faturas, gerar relatórios e notas, organização de arquivos, criação de planilhas, controle de estoque, arquivamento e organização de notas fiscais. E outra parte, realizava tarefas com atendimento ao público e ao telefone.

O que pode ter levado esses jovens a não conseguirem associar a teoria vista em sala de aula com a prática realizada na empresa, é referente às atividades desenvolvidas na empresa, podendo as mesmas não estar associadas às competências que ele adquiriu durante o primeiro módulo do curso, fazendo com que ele sentisse dificuldades em realizar as atividades propostas pela empresa.

Nesse caso sugere-se seja realizado um acompanhamento mais intenso por parte da Instituição de Ensino, para com o jovem quando ele estiver realizando seu estágio, para assim poder auxiliar a empresa, a passar tarefas relacionadas com as competências e habilidades que ele adquiriu em sala de aula.

Com a realização dessa pesquisa, observou-se que o curso Jovem Aprendiz, além de proporcionar qualificação ao jovem e experiência profissional, também traz contribuições como crescimento para sua vida pessoal e profissional, conforme relatado pelos jovens que realizaram o curso. Porém ainda precisam ser revistos alguns processos no que diz respeito aos dois módulos, o prático e o teórico, principalmente o módulo prático, o qual apresenta algumas falhas como se pode perceber conforme relato de alguns jovens que participaram do curso, e os índices de jovens que não foram efetivados na empresa.

## CONCLUSÃO

A qualificação profissional e experiência são duas premissas que a maioria das empresas atualmente analisa na hora de realizar o processo de recrutamento e seleção de novos profissionais para fazerem parte de seu quadro de colaboradores.

Com a realização desse estudo pode-se identificar que o curso Jovem Aprendiz, tem como objetivo proporcionar qualificação e experiência profissional para os jovens que participam do curso, contribuindo assim para o início da carreira profissional dos mesmos.

O curso Jovem Aprendiz traz contribuições significativas para o início da carreira profissional dos jovens que participam do curso, porém verifica-se que o número de jovens que permanecem na empresa após a realização de seu estágio ainda é baixo, por isso a importância de um maior acompanhamento dos profissionais do SENAC no período em que o jovem encontra-se em estágio na organização.

Conclui-se que o curso Jovem Aprendiz traz contribuições significativas para a vida pessoal e profissional dos jovens, oportunizando-os a terem qualificação e preparação para o mercado de trabalho, bem como a oportunidade de conhecer na prática o trabalho de uma organização do ramo do comércio de bens, serviços e turismo.

## REFERÊNCIAS

- [1] SILVA, Antonio Carlos Ribeiro de. **Metodologia da pesquisa aplicada a contabilidade:** orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações, teses. São Paulo: Atlas, 2003.



- [2] VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico**: um enfoque didático da produção científica. São Paulo: E.P.U., 2001.
- [3] DUTRA, Joel Souza. **Gestão de pessoas**: modelo, processos, tendências e perspectivas. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- [4] PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Manual de economia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- [5] WILTGEN, Roberto da Silva. GARCIA, Lúcia dos Santos. **Transformações do mercado de trabalho metropolitano**: os 10 anos da PED-RMPA. Porto Alegre: FEE; FGTAS/SINE-RS; DIEESE; SEADE-SP; FAT/TEM; PMPA, 2002.
- [6] CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- [7] CRUZ, Livia Cristina Rosa; SOUZA, Maria Ramos de; SOUZA, Plínio de Campos. **A Inserção do Jovem no Mercado de Trabalho**. 2.ed. Belo Horizonte: 2003.
- [8] MONTANA, Patrick J. ; CHARNOV, Bruce H. **Administração**. Tradução Cid Knipel Moreira; revisão técnica Álvaro Pequeno da Silva. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- [9] ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. 11.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- [10] SILVA, Neise Freitas da; COELHO, Cláudio Ulysses Ferreira; BARRACA, Renato. Senac. DN. **Recursos humanos, administração e qualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.
- [11] MTE. **Manual de Aprendizagem**. Ministério do Trabalho e Emprego, 2010.
- [12] NEU, Tania Denise. **Análise de contribuição do curso jovem aprendiz na inserção do adolescente no mercado de trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso: FEMA, 2011.
- [13] RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de pessoas**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- [14] SOARES, Alexandre B.; RIZZINI, Irene; BUSH, Malcom. **Juventude e elos com o mundo do trabalho**: retratos e desafios. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2010.

# EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL: O CASO DA UTN / ARGENTINA E UNIJUÍ / BRASIL.

Dieter R. Siedenberg<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho configura uma sistematização das experiências de integração acadêmica empreendidas pela UTN - Universidade Tecnológica Nacional, da Argentina, e da UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, do Brasil, abordando as atividades realizadas, aprendizagens havidas, resultados alcançados e desafios propostos. O início do processo de aproximação e integração entre estas duas IES ocorreu em 2006. Desde então, diferentes atividades de caráter acadêmico-científico foram fomentadas e estão sendo desencadeadas, oportunizando a troca de experiências, o fortalecimento de laços de intercâmbio, o desenvolvimento de atividades culturais, aprofundando e potencializando a integração acadêmica no âmbito do ensino e da pesquisa. A experiência acumulada nesta relação evidencia nitidamente que este processo teve sua origem na iniciativa pioneira de docentes mutuamente interessados na integração em cada país e, apenas num segundo momento, este processo passou a ser internalizado institucionalmente. Este processo de integração acadêmica é caracterizado tanto por avanços e retrocessos, tentativas exitosas e fracassadas, quanto pela necessidade recorrente, em cada país e instituição de romper barreiras internas, superar preconceitos e lançar desafios.

Palavras-chave: UTN – UNIJUÍ – Integração Acadêmica.

## INTRODUÇÃO

Aristóteles já fundamentava a tese de que o homem é um animal social, que necessita de coisas e de outras pessoas para alcançar sua plenitude. Segundo este filósofo clássico,

É evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social. Como costumamos dizer, a natureza não faz nada sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. Na verdade, a simples voz pode indicar a dor e o prazer, os outros animais a possuem (sua natureza foi desenvolvida somente até o ponto de ter sensações do que é doloroso ou agradável e externá-las entre si), mas a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e o nocivo, e, portanto, também o justo e o injusto; a característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade. (Aristóteles, in: Política, I, 1253b, 15).

Assim, a união de indivíduos reunidos em grupos, ligados por características sociais, culturais e políticas homogêneas, configura a existência de sociedades. A medida que o ser humano se viu obrigado a transpor barreiras físicas impostas pela natureza, descobriu a existência de outras sociedades, surgindo, por consequência, a necessidade de coexistência com esses outros grupos, muitas vezes de características totalmente distintas às suas.

O período que compreende a constituição das sociedades primitivas até a formação das nações latinoamericanas, como é o caso de Argentina e Brasil, por exemplo, certamente traria à tona uma infinidade de aspectos interessantes. Porém, a discussão sobre a constituição e consolidação da sociedade argentina e brasileira, além de romper completamente com o escopo do trabalho aqui

---

<sup>1</sup> Administrador, Coordenador do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Docente no Curso de Administração da UNIJUÍ. dieters@unijui.edu.br

proposto, evidentemente desvirtuaria o foco da análise pretendida. Tomando como referência de análise o período compreendido pelas últimas três ou quatro décadas, constata-se que estes dois países apresentam um histórico de disputas pela hegemonia continental econômica, cultural, política, tecnológica, bélica, industrial e comercial, sem falar da rivalidade latente em outras áreas, como no esporte, por exemplo.

As iniciativas supranacionais de integração fomentadas pela ONU/CEPAL e levadas à cabo a partir da década de 1960, com a tentativa de implantação da ALALC – Associação Latinoamericana de Livre Comércio e, posteriormente (em 1980), da ALADI – Associação Latinoamericana de Integração, acabaram não logrando êxitos contundentes. O processo de integração social e econômica entre Argentina e Brasil, tem origem efetiva mais recente, com o desencadeamento do chamado Programa de Integração e Cooperação Econômica assinado pelos presidentes Alfonsín e Sarney, em 1985<sup>2</sup>.

Este Programa de Integração e Cooperação Econômica firmado entre Argentina e Brasil deu origem a uma série de Protocolos reguladores da integração bilateral. Poucos anos depois (1991) foi assinado o Tratado de Assunção, dando origem ao escopo do Mercosul – Mercado Comum do Cone Sul, que incorporou também o Paraguai e o Uruguai no bloco de países.

A partir de então, em Buenos Aires e Brasília (para não fugir muito do âmbito proposto neste trabalho) começaram a ser estruturados e desencadeados inúmeros projetos e ações de integração. Entretanto, é possível afirmar que boa parte destas iniciativas e estratégias políticas praticamente ‘sobrepassaram’ a fronteira real, ou seja, o espaço limítrofe destes territórios. Com exceção de algumas relações comerciais, culturais e turísticas mais localizadas, porém insignificantes no contexto macroeconômico, a instituição do Mercosul configura um débil espectro do que se entende por ‘mercado comum’. Até algumas poucas décadas atrás, os dois países praticamente estavam ‘de costas’ um para o outro.

Todavia, nos últimos anos este cenário mudou. Diversas iniciativas de caráter mais localizado e menos centralizado (política e economicamente) foram tomadas nos dois países, aumentando a porosidade fronteiriça e consolidando a integração territorial através das mais diversas instituições e associações bilaterais.

O processo de integração acadêmica estabelecido a partir de 2006 entre a UTN – Universidade Tecnológica Nacional (uma IES argentina) e a UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (uma IES brasileira) representa um pequeno exemplo dessas iniciativas. Diante do cenário exposto, este trabalho tem por objetivo sistematizar e descrever sinteticamente o conjunto de atividades desencadeadas por estas duas IES, procurando evidenciar aspectos relevantes de um processo de integração acadêmica entre os dois países.

Tal proposta se justifica pela amplitude que esta integração entre as duas IES em questão tomou até a presente data. Como se verá adiante, o processo de integração envolveu até a presente data mais de 150 estudantes e 20 docentes em diversas iniciativas. Porém, da mesma forma como se pretende descrever as atividades que lograram êxito, também se pretende mencionar aquelas iniciativas que não vingaram, evidenciando os possíveis motivos.

Acredita-se que a explicitação destas experiências institucionais possa servir de parâmetro, referência e incentivo para o aprofundamento e consolidação de relações de integração social e econômica entre os dois países e, sobretudo, oportunizar aos acadêmicos argentinos e brasileiros uma experiência de vital importância.

## 1 METODOLOGIA

Este trabalho configura, muito mais do que uma típica pesquisa de caráter acadêmico-científico, uma análise descritiva das experiências acadêmicas de integração regional desencadeadas

---

<sup>2</sup> Meados da década de 1980 marcam, tanto na Argentina quanto no Brasil, a transição de regimes militares para governos democráticos. Alfonsín e Sarney são os primeiros presidentes civis eleitos nos dois países, e se defrontam com desafios similares: altíssima dívida externa, inflação acentuada, necessidade de propor estratégias de estabilização econômica e uma série de problemas sócio-ambientais decorrentes da urbanização descontrolada.

por duas IES – Instituições de Ensino Superior da Argentina e Brasil – UTN e UNIJUI, respectivamente.

Portanto, ao se tomar como referência uma entre as mais diversas taxionomias de pesquisa propostas por diferentes pesquisadores e teóricos vinculados a este assunto, tendo em vista o enquadramento deste trabalho numa determinada abordagem, cabe referir que o embasamento metodológico deste trabalho está fundamentado em Thiollent (1997), Vergara (2005) e Patton (1990).

Thiollent (1997), ao discutir e propor a pesquisa-ação nas organizações sustenta que o método descritivo e monográfico se configura como um excelente instrumento de exposição e descrição de fatos representativos de uma determinada comunidade, instituição ou grupo, pois permite ao próprio pesquisador expor e relatar suas experiências.

Vergara (2005) propõe uma subdivisão das pesquisas quanto as suas finalidades e meios, apresentando diversos tipos ideais, entre os quais se aplicam especificamente a este caso a pesquisa descritiva e estudo de caso. Segundo a referida autora, a abordagem descritiva tem como objetivo central a descrição das características de determinada população, instituição ou fenômeno social, procurando explicitar fatos e relações entre variáveis, bem como definir sua natureza. Já os estudos de caso normalmente são circunscritos a uma ou poucas unidades de análise, entendidas estas como uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento e podem ou não ser realizados *in loco*.

Finalmente, Patton (1990) compreende as pesquisas em geral num *continuum* lógico, que abarca desde investigações de cunho essencialmente teórico até investigações essencialmente práticas. O referido autor subdivide os diferentes tipos de investigação em: pesquisa básica (de cunho essencialmente teórico), pesquisa aplicada, avaliação normativa, avaliação formativa e pesquisa-ação (de caráter eminentemente prático). É necessário considerar que neste *continuum* não há limites absolutamente nítidos entre os diferentes tipos de pesquisa. Segundo o autor referido, é fundamental entender que há diferentes objetivos de pesquisa e que estes objetivos levam a diferentes caminhos da conceitualização dos problemas, a diferentes desenhos da pesquisa, a diferentes formas de coleta de dados e diferentes níveis de generalização possível, além de diferirem também as formas de publicação ou socialização de resultados. Neste sentido, considera-se que o presente trabalho se enquadra principalmente como uma avaliação formativa, pois o que se pretende é analisar as características, os pontos fortes e fracos de um programa específico, fazendo recomendações para o seu melhoramento.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO: INTEGRAÇÃO REGIONAL.

O fenômeno da globalização e da internacionalização socioeconômica tem produzido o surgimento de corporações transnacionais de capital privado, dificultando as possibilidades de controle por parte do Estado. Uma forma dos Estados reassumirem seu papel como atores principais na arena internacional é dada pela cooperação intergovernamental, sendo que um dos mecanismos mais utilizados para esta finalidade tem sido o da integração regional, com a formação de blocos econômicos.

Essa associação entre Estados, agora ligados por afinidades econômicas e comerciais remete a uma revisão do conceito clássico de soberania das nações, configurando aquilo que se convencionou chamar de supranacionalidade ou, também, de soberania compartilhada.

Diante do inexorável processo de globalização em curso (IANNI, 2001) que escancara a falência (ou, pelo menos, a gradativa ineficiência) da soberania nacional, surge a necessidade da articulação de órgãos com competências supranacionais amparadas por normas aplicáveis com força de lei nos territórios dos membros dos blocos socioeconômicos, como é o caso da União Européia e do Mercosul, para citar apenas dois exemplos (ALMEIDA, 2002).

Assim, o que se tem assistido no mundo contemporâneo são comunidades de países constituírem uma organização internacional com personalidade jurídica própria e autônoma em relação à personalidade dos Estados que a compõem. Porém, esta nova personalidade jurídica supranacional e os seus objetivos constituintes apenas se operacionalizarão com o cumprimento de um conjunto de normas estabelecidas em comum acordo. Desta forma, os Estados que procuram configurar um bloco regional, como os países do chamado Mercosul, por exemplo, precisam determinar, a partir de seus interesses, o grau de associação pretendido, levando em consideração que

o aprofundamento da integração corresponde a uma renúncia crescente de competências da soberania nacional (GUERRA, 2004).

Até o momento a União Européia configura o exemplo mais avançado de integração regional entre os blocos econômicos existentes no mundo. Este bloco cumpriu, ao longo de mais de 50 anos, muitas vezes a duras penas, todas as etapas ou estágios de integração reconhecidos pelos *experts* sobre o tema. É necessário lembrar que os estágios de integração regional como *zona de livre comércio*, *mercado comum* ou *união aduaneira* não são denominações privativas do modelo europeu de integração regional, mas se configuram como uma tipologia que explicita distintas fases ou graus de integração econômica.

Em 1994, com a assinatura de um novo tratado em Assunção, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai oficializam a instituição do Mercado Comum do Cone Sul (SEAE, 1994). Porém, na prática esse tratado representou muito mais um catálogo de intenções do que a efetiva implementação da abrangência de um acordo dessa natureza.

Na Ilustração 1, abaixo, estão sintetizados os principais níveis de integração mundialmente conhecidos (primeira coluna), cada qual diretamente relacionado com a abrangência dos acordos firmados entre os países.

Abrangência do Acordo Nível da Integração	Negociação caso à caso	Concessão de Tarifas Especiais	Eliminação Total de Barreiras Comerciais	Tarifas Externas Comuns	Livre Movimento de Fatores de Produção	Banco Central e Moeda única	Unificação total de políticas e ações
Relações formais							
Zona de Tarifas Preferenciais							
Zona de Livre Comércio							
União Aduaneira							
Mercado Comum							
União Monetária e Econômica							
Fusão Total							

Ilustração 1: Modelos teóricos da integração econômica.

Fonte: elaborado pelo autor.

Cabe observar que apenas no nível de integração regional denominado de *mercado comum* surge a possibilidade da integração humana, pois sua conformação pressupõe e livre movimentação dos fatores de produção (pessoas, capital máquinas, etc). Todos os níveis anteriores dizem respeito apenas à integração comercial. Cabe lembrar também, que cada nível de integração regional pressupõe o fiel cumprimento dos pressupostos de todos os níveis de integração anteriores.

Conceitualmente o estabelecimento de um Mercado Comum, por exemplo, além de implementar a livre movimentação de fatores de produção, pressupõe também o equacionamento de tarifas externas comuns e a eliminação total de barreiras comerciais entre os países signatários ou pertencentes ao bloco.

No entanto, o que se observa no âmbito do chamado Mercosul?

Sobretudo quando cidadãos brasileiros ou argentinos (para ficar restrito ao caso do trabalho aqui proposto) atravessam a fronteira num dos poucos postos aduaneiros oficiais existentes ao longo de 1.236 km de extensão limítrofe comum, percebe-se que, na prática, o Mercosul ainda é um grande engodo. Embora muito já tenha sido feito em termos de facilitar a permeabilidade fronteiriça, os trâmites aduaneiros ainda existentes não permitem qualquer comparação com a permeabilidade existente nas fronteiras intraeuropéias, onde inclusive já se avançou para um estágio mais avançado de integração regional, facilitando a mobilidade humana, potencializando a economia e as relações internacionais.

No âmbito do Mercosul a integração regional efetiva ainda precisa ser conquistada paulatinamente pela sociedade e suas instituições. Entraves aduaneiros e burocráticos de todos os tipos, ordens e formas, esporádicos, metódicos ou resilientes de épocas passadas quando as relações

binacionais eram caracterizadas pela mútua desconfiança ainda estão presentes, dificultam a aproximação entre os dois países e ajudam a manter preconceitos insustentáveis.

Neste sentido, toda e qualquer iniciativa social e institucional de integração regional, como é o caso que será explicitado a seguir, deve ser saudada e incentivada para que o Mercosul se concretize de fato, beneficiando a sociedade e os cidadãos fortalecendo o desenvolvimento, a cultura, a aproximação dos povos e o direito de fazer escolhas (SEN, 2000).

### **3 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL**

#### **3.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NO CASO**

A UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul se configura como uma universidade comunitária brasileira sem fins lucrativos. Atualmente mantém campi em quatro municípios na região noroeste gaúcha (Ijuí – sede; Santa Rosa, Panambi e Três Passos, além de um núcleo universitário em Tenente Portela). Foi fundada em 1956, com a constituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), pioneira no ensino superior da região noroeste do estado. Estão matriculados nesta instituição aproximadamente 10 mil alunos distribuídos em mais de 30 cursos de graduação (presenciais ou à distância), pós-graduação, mestrados e doutorado.

A UTN – Universidade Tecnológica Nacional se configura como uma universidade pública argentina, criada em 1959, com estrutura multicampi (atua em praticamente todo o território nacional através de 29 Faculdades Regionais), tendo as engenharias como área prioritária de atuação, oferecendo mais de 15 carreiras universitárias de graduação ou pós-graduação. Estão matriculados nesta instituição aproximadamente 70 mil alunos e seus egressos representam quase 60% dos engenheiros formados naquele país.

#### **3.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA INTEGRAÇÃO ACADÊMICA UTN/UNIJUI<sup>3</sup>**

No ano de 2006, dois docentes da UTN – San Rafael, Prof. Hugo Gorgone e Guillermo Guillen estiveram na cidade de Santa Cruz do Sul/RS na condição de participantes de um Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Naquela ocasião foram estabelecidos os primeiros contatos com o autor deste trabalho, Prof. Dieter Siedenberg. Há que se dizer que este encontro entre os três atores nominados foi fortuito, embora os docentes argentinos tivessem vindo ao Brasil com a firme intenção de prospectar oportunidades de intercâmbio. Naquela ocasião e evento estava sendo lançado pelo autor deste trabalho um Dicionário do Desenvolvimento Regional (Siedenberg, 2006), que despertou o interesse dos docentes argentinos, tendo em vista que a UTN – San Rafael mantinha um curso de Maestria en Desarrollo Tecnológico.

Este fato serviu como ponto de partida para o início dos contatos entre os docentes das duas instituições, que evoluiu nos anos seguintes para uma série de iniciativas de intercâmbio. Porém, como se verá logo adiante, casualmente esta primeira tentativa de integração não evoluiu conforme o planejado.

Todavia, este ensejo serviu de base para estreitar as relações entre as duas instituições. No final de 2008, por ocasião de uma nova visita dos docentes argentinos ao Brasil, o então Vice-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da UNIJUI, Prof. Dr. Telmo Frantz, foi convidado oficialmente a visitar a UTN – San Rafael, juntamente com os docentes Edson Padoin (então chefe do Departamento que congregava os cursos de Engenharia e Informática da UNIJUI) e Dieter Siedenberg (com quem havia sido estabelecido o contato inicial). Esta comitiva deslocou-se em setembro de 2009 para San Rafael, onde teve a oportunidade de conhecer as instalações e os interesses da UTN no desenvolvimento da parceria. Na ocasião foi formalizado o escopo de um acordo de integração acadêmica interinstitucional entre as referidas IES, envolvendo ainda uma co-irmã local, Universidade Nacional de Cuyo, da Província de Mendoza.

<sup>3</sup> Tendo em vista o reduzido número de *stakeholders* atuantes e envolvidos neste processo de integração, bem como o fato de serem amplamente conhecidas as atividades por eles desenvolvidas, não há porque resguardar suas identidades.

A subsequente assinatura deste acordo tripartite de cooperação acadêmica apenas formalizou aquilo que na prática já estava em andamento e veio a se desenvolver posteriormente, cuja essência será apresentada sinteticamente nos itens a seguir.

### 3.2.1 Ações Desenvolvidas

- a) Em janeiro de 2010 a UNIJUÍ recebeu um contingente de 62 alunos de graduação (na maioria estudantes de alguma engenharia) provenientes de diversas IES argentinas: UTN - Faculdade Regional de San Rafael e Faculdade Regional de Buenos Aires, bem como UNC – Universidade Nacional de Cuyo. Acompanharam a delegação três responsáveis técnicos e um docente da UTN-FRBA, Prof. Fernando Gache. Além de atividades acadêmicas (palestras com docentes da UNIJUÍ) e visitas aos laboratórios da instituição, esta comitiva efetuou visitas técnicas a empresas em Ijuí (Cotrijuí, Camera e Imasa), em Condor (Joscil) e Panambi (Heat), totalizando 45 horas-aula. O contato com o pessoal da UTN – FRBA foi de fundamental importância para o desdobramento de outras atividades, como se verá a seguir.
- b) No decorrer de 2010 formalizou-se um projeto de pesquisa no contexto do processo de doutoramento de um docente da UTN (Prof. Hugo Gorgone), sob orientação de um docente da UNIJUÍ (Prof. Dieter Siedenberg), cujo objetivo é analisar o papel da Educação Superior (leia-se UTN San Rafael e UNIJUÍ) no desenvolvimento das respectivas regiões.
- c) Em dezembro de 2010 a UTN – San Rafael recebeu um grupo de sete (7) estudantes de Administração da UNIJUÍ, oferecendo-lhes um “Módulo Acadêmico Acreditável” equivalente a 60 horas-aula de atividades acadêmicas, ou seja, estes alunos tiveram reconhecida por revalidação uma disciplina (Tópico Especial) cursada em IES no exterior. Este Módulo foi composto por um conjunto de palestras e visitas técnicas a empresas argentinas (aceiteiras, champagneras), hidroelétricas, usinas de extração de urânio, instalações da UTN e UNC em San Rafael. A logística de traslado dos alunos da UNIJUÍ em Buenos Aires propiciou a estreita colaboração dos colegas da UTN-FRBA.
- d) Em janeiro de 2011 a UTN – San Rafael novamente recebeu um grupo de 14 alunos (13 de Administração e 1 de Engenharia Mecânica) e dois professores da UNIJUÍ para realização de outro “Módulo Acadêmico Acreditável”, equivalente a 60 horas-aula e validado posteriormente como disciplina especial nos respectivos currículos dos alunos. Da mesma forma que na ocasião anterior, o pessoal da UTN-FRBA mostrou-se extremamente prestativo no traslado logístico em Buenos Aires. Este fato ensejou o início de um relacionamento mais profícuo com esta unidade acadêmica.
- e) Em agosto de 2011 um grupo de oito docentes da UNIJUÍ (oriundos dos cursos de Administração, Engenharia Civil e Engenharia Mecânica) foi recebido na UTN – Buenos Aires, para um inédito intercâmbio acadêmico docente, que estreitou relações entre pesquisadores destas duas IES.
- f) A ocasião serviu para convidar uma docente da UNIJUÍ (Dra. Lurdes Froemming) integrar o Comitê Editorial da Revista *Proyecciones*, uma publicação de investigações e pós-graduação da Faculdade Regional Buenos Aires.
- g) Em janeiro de 2012 a UNIJUÍ recebeu um contingente de 38 alunos, 6 técnicos e um professor das UTN – San Rafael, Delta e Buenos Aires, para realização de atividades acadêmicas equivalentes a 60 horas-aula. Além da série de palestras com docentes da UNIJUÍ foram realizadas visitas técnicas às empresas em Santa Rosa (AGCO), Horizontina (John Deere), Ijuí (Hidroenergia e Ceriluz), Panambi (Kepler Weber e Bruning). Nesta ocasião ocorreu também uma maior mobilização por parte dos alunos locais, que organizaram atividades e integração, a exemplo a I Copa Interuniversitária de Futebol.

### 3.2.2 Iniciativas Malogradas ou em *Stand By*

- a) Curiosamente a primeira atividade conjunta prevista pelos pioneiros deste processo de integração acadêmica (tradução do Dicionário de Desenvolvimento Regional e publicação na Argentina) não avançou. A tradução foi feita, novos verbetes foram incorporados por

- colegas argentinos, pareceres técnicos sobre a obra foram encaminhados, porém a atividade não foi finalizada até a presente data por questões operacionais, burocráticas e financeiras.
- b) Em 2010 integrantes da UTN – Buenos Aires apresentaram uma demanda específica à UNIJUÍ, relacionada com um Curso de Maestria em Docência Universitária oferecido por aquela instituição, basicamente para a formação de quadros internos. Todavia, um enorme contingente de estudantes brasileiros (muitos dos quais oriundos da própria UNIJUÍ), ‘descobriram’ esta oportunidade de qualificação (em função das vantagens financeiras e operacionais) e realizaram seus estudos naquela instituição. Em função na necessidade de revalidação do diploma obtido por estes estudantes brasileiros no exterior, a UTN – FRBA buscou verificar junto a UNIJUÍ a possibilidade de encaminhar conjuntamente tais processos. Todavia, em função do total desinteresse da coordenação do Mestrado/Doutorado em Educação nas Ciências, da UNIJUÍ, por esta causa, aliado a outros fatores, este encaminhamento se inviabilizou.
  - c) No ano de 2010 a UTN – San Rafael ofereceu uma oportunidade de intercâmbio cultural inédita para o Coral UNIJUÍ. Anualmente é realizado na localidade de Los Reyunos, um encontro de corais universitários num espaço natural privilegiado fantástico. Na condição de convidado o Coral UNIJUÍ arcaria apenas com as despesas de deslocamento, sendo os demais custos assumidos pelos anfitriões. Porém, por motivos diversos, este convite não despertou interesse entre os integrantes do referido Coral.
  - d) Em janeiro de 2012 houve a tentativa de organizar uma nova comitiva de alunos da UNIJUÍ para realização de intercâmbio na UTN – San Rafael. Porém, apesar de todos os esforços envidados, apenas um aluno manifestou interesse efetivo em encarar este desafio, evidenciando a necessidade de abordar os alunos da UNIJUÍ de uma forma diferenciada, o que está sendo feito no corrente ano.
  - e) No segundo semestre de 2012 um aluno de Engenharia Elétrica da UNIJUÍ manifestou interesse concreto em realizar seu estágio curricular na Argentina. As UTNs parceiras (San Rafael e Buenos Aires) foram contatadas visando abrir esta oportunidade, porém não foi obtida nenhuma resposta das IES argentinas em tempo hábil, o que acabou inviabilizando a iniciativa.

### 3.2.3 Iniciativas em Fase de Estruturação

- a) A partir da iniciativa tomada pelo grupo de docentes da UNIJUÍ em agosto de 2011, foram desencadeadas tratativas para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas nas diversas áreas da engenharia (como, por exemplo, o Projeto BajaBug), cujos primeiros resultados deverão ser socializados em 2013.
- b) Com a UTN – FRBA está se pensando em desenvolver intercâmbios docentes de curta duração, isto é, docentes brasileiros seriam convidados a ministrarem aulas concentradas (algo como 30 horas semanais), em português, para os alunos daquela instituição, ao passo que docentes argentinos seriam convidados para ministrarem aulas concentradas, em espanhol, para os alunos da UNIJUÍ.
- c) Ainda em 2012 os alunos do Mestrado em Desenvolvimento da UNIJUÍ deverão realizar uma viagem de estudos e intercâmbio acadêmico (via Santiago do Chile e Mendoza) para San Rafael, onde estará sendo organizado pela UTN – San Rafael, no Centro Tecnológico Los Reyunos, o “*Seminário Intensivo de Pósgraduação 2012: Cuatro Naciones, Un Proyecto*”, envolvendo mestrandos e docentes da própria UTN – San Rafael e também da UTN - Rafaela, bem como da UNIJUÍ, da UNE/Paraguay e da UTALCA/Chile, no período de 18 a 24 de novembro.
- d) Nas férias de verão de 2013, em data a ser confirmada, a UNIJUÍ deverá receber um novo contingente de alunos oriundos de diversas UTNs argentinas. O sucesso absoluto do último encontro, que finalizou com um grande festa de integração nas dependências do Museu Militar em Panambi, leva a crer que este sentido do intercâmbio vai se manter baseado apenas na divulgação que os acadêmicos argentinos fazem desse programa.
- e) Para fevereiro de 2013 está sendo amplamente divulgada pela Assessoria de Assuntos Internacionais da UNIJUÍ uma campanha visando atrair alunos de graduação para formar



uma nova turma de intercâmbio acadêmico com atividades em San Rafael. Imagina-se que uma abordagem diferenciada e mais consistente por parte da instituição tenha condições de despertar maior interesse nos alunos. O retorno (depoimento) dos alunos da UNIJUI que já passaram por esta experiência de integração acadêmica evidencia a necessidade de insistir no oferecimento dessa alternativa.

- f) No decorrer de 2013 também deverá ser realizado outro Seminário Internacional envolvendo diversas instituições latinoamericanas e européias em torno de temáticas específicas do Desenvolvimento Regional, com participação direta da UNIJUI em parceria com a UTN. Este evento ainda está sendo discutido no âmbito destas instituições, sendo que a idéia é editá-lo anualmente em rotação entre as IES parceiras, a exemplo deste Simpósio da Red CIDIR.

## CONCLUSÃO

Como se percebe pela exposição feita, o processo de integração regional das duas instituições acadêmicas em questão (UTN/Argentina e UNIJUI/Brasil) teve um início titubeante baseado num encontro fortuito de pesquisadores de ambas IES, cujos interesses encontraram eco e interesse recíproco. Imagina-se que nenhum protocolo institucional de intenções é capaz de substituir essa condição *sine qua non* para que processos de intercâmbio acadêmico sejam desencadeados, sobretudo em sua fase inicial.

Constata-se também, com base no caso exposto, que não são necessariamente as tratativas e intenções iniciais que dão consistência aos processos de integração. Evidenciou-se que diversas iniciativas com uma configuração diferente precisam ser tomadas, de parte a parte, para dar vida a um projeto de intercâmbio acadêmico. A formalização de acordos de cooperação interinstitucional deve ser uma consequência natural do processo.

A existência de interesses mútuos, bidirecionais e multivariados, parecem ser outros elementos fundamentais para a consolidação de processos desta natureza, sendo que em muitos casos as instituições “não pagam pra ver”, ou seja, sobretudo na fase inicial do processo de integração muitos custos, esforços e ônus do processo precisam ser assumidos e/ou subsidiados pelos próprios docentes interessados.

Também é interessante observar que ao se atuar com redes institucionais, há inúmeros desdobramentos não planejados, que vão ocorrendo naturalmente e que tem a capacidade de alavancar cada vez mais o processo de integração social e econômica. Da mesma forma é necessário considerar que neste processo de integração muitos esforços empreendidos não trazem os resultados esperados, uma vez que muitas vezes é necessário vencer a acomodação e o desinteresse pessoal e institucional. Isto significa que iniciativas isoladas de integração, únicas em sua espécie, têm a tendência de redundarem em fracassos, ou seja, é necessário atacar simultaneamente em várias frentes e nas duas direções para se lograr êxito em algumas atividades.

A similaridade do idioma, a proximidade geográfica e as vantagens logísticas e financeiras da integração entre países limítrofes, como é o caso de Argentina e Brasil, aparentemente não representa, em primeira instância, um fator de atração para os estudantes brasileiros.<sup>4</sup> Apesar das desvantagens em vários desses aspectos, o intercâmbio com países da Europa, Estados Unidos e Austrália parece ter ainda uma predominância nos interesses e no imaginário dos estudantes brasileiros. Todavia, quem conhece a Argentina de uma forma um pouco mais aprofundada percebe rapidamente que muito disso ainda se deve ao preconceito que temos dos ‘hermanos’. Em muitos aspectos a Argentina tem plenas condições de servir de exemplo e parâmetro para os estudantes brasileiros.

Finalmente, pode-se dizer que o desafio da integração não se origina necessariamente numa força ou motivação exógena; são principalmente iniciativas empreendedoras individuais ou de pequenos grupos, envolvendo uma razoável dose de risco e elevada dose de persistência, que tem a capacidade de trazer resultados concretos a médio e longo prazo.

<sup>4</sup> Esta percepção do autor se baseia em seis anos de observações e experiências como motivador e incentivador da integração acadêmica (especialmente com a Argentina) entre alunos brasileiros. Porém, o autor não tem condições de externar qualquer opinião fundamentada sobre a percepção que estudantes argentinos têm em relação às perspectivas de intercâmbio com o Brasil.

## REFERÊNCIAS

- [1] ARISTÓTELES: **Política**. Disponível in: <<http://projetophronesis.com/2009/01/10/o-homem-e-um-animal-social-aristoteles/>>. Acesso em: 16 ago. 2012.
- [2] THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.
- [3] VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- [4] PATTON, Michael Q. **Qualitative evaluation research methods**. 2. ed. Newbury: Park, 1990.
- [5] IANNI, Otávio. **Teorias da globalização**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- [6] ALMEIDA, Elizabeth Accioly Pinto de. **Mercosul & União Européia: estrutura jurídico-institucional**. Cuiabá: Juruá, 2002.
- [7] GUERRA, Sidney César Silva. **Direito Internacional público**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2004.
- [8] SEAE – Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos. **Tratado de Assunção**. Disponível em: <[www.seae.fazenda.gov.br/central...res.../tratado-de-assuncao.doc](http://www.seae.fazenda.gov.br/central...res.../tratado-de-assuncao.doc)>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- [9] SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- [10] SIEDENBERG, Dieter R. (Org.). **Dicionário do Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

# LOS EFECTOS DE LA ESTRUCTURA PRODUCTIVA DE COMODORO RIVADAVIA SOBRE EL SISTEMA EDUCATIVO Y LA SITUACIÓN SOCIAL DE LA CIUDAD.<sup>1</sup>

Gladys Bogoni<sup>2</sup>  
Walter Carrizo<sup>3</sup>  
Mirta Mas<sup>4</sup>

## RESUMEN

La actividad petrolera, desde prácticamente los comienzos de Comodoro Rivadavia, ha sido un factor condicionante de la ciudad, la que ha vivido las consecuencias de los vaivenes del encuadre económico y del propio mercado petrolero, con períodos de crecimiento seguidos de años de depresión. Desde las propias teorías económicas se establece una relación directa entre la mayor educación de una población y su posibilidad de desarrollo tanto económico como social. Interesa por lo tanto, analizar de qué forma el sistema educativo de la ciudad ha contribuido a mejorar esta relación, de modo que posibilite superar tal secuencia de ciclos, o si ha sido funcional al sistema económico. A tal fin, se ha utilizado el documento de trabajo *“Indicadores del sistema educativo de Comodoro Rivadavia y su relación con el desarrollo económico y social de la ciudad”* del proyecto de referencia, sobre cuyos valores se han establecido relaciones desde un perfil económico así como desde la visión social, que sustentan la situación del sistema educativo de la ciudad y la calidad de la inserción laboral que su población ocupa ha detentado en el período 2000 – 2010. El análisis realizado en el presente trabajo permite mostrar que el sistema educativo responde al sistema productivo de la ciudad, con efectos positivos en lo económico pero, a la vez, con consecuencias sociales negativas.

Palabras clave: Sistema educativo – Desarrollo – Calidad del empleo – Consecuencias sociales.

## INTRODUCCIÓN

El presente trabajo se basa en los resultados expuestos en el documento *“Indicadores del sistema educativo de Comodoro Rivadavia y su relación con el desarrollo económico y social de la ciudad”*, que forma parte del material producido por el proyecto de referencia, y en el que se analiza una serie de indicadores que revelan aspectos del sistema educativo de Comodoro Rivadavia y su relación con la inserción laboral y la calidad del empleo, según el nivel de escolaridad alcanzado por la población económicamente activa de la ciudad.

De un primer estudio de los datos obtenidos, se observa que existe una situación en cierto grado desfavorable para Comodoro Rivadavia, si se la compara con los valores del total de aglomerados. A pesar de ello, según los mismos datos estudiados, la accesibilidad a la escolarización es mayor en Comodoro Rivadavia. Esto se comprueba con la menor tasa de analfabetización observada para la ciudad en relación al resto de los aglomerados, a lo largo del período bajo estudio. Si bien puede ser tomado como un buen indicador, la deserción que se aprecia en los niveles primario y secundario da por tierra esta situación favorable. Paradójicamente, este último nivel es el que mayor presencia registra en el mercado laboral, muy superior aún que el nivel universitario, que en el total de

---

<sup>1</sup> Este trabajo es un producto de PI “El sistema educativo de Comodoro Rivadavia y su contribución al desarrollo económico de la ciudad” Directora: Esp. Mirta Mas. Codirector: Esp. Walter Carrizo. Sec. CyT U.N.P.S.J.B.

<sup>2</sup> Licenciada en Informática. Jefa de Trabajos Prácticos de las cátedras de Estadística y Matemática 1 – Carrera de Contador Público U.N.P.S.J.B. Comodoro Rivadavia. gbogoni@infovia.com.ar

<sup>3</sup> Contador Público. Profesor Asociado responsable de cátedra Contabilidad 1 de la carrera de Contador Público U.N.P.S.J.B. Comodoro Rivadavia wocarrizo@hotmail.com

<sup>4</sup> Licenciada en Estadística. Profesora Adjunta responsable de cátedra Estadística de la carrera de Contador Público U.N.P.S.J.B. Comodoro Rivadavia mmas@unpata.edu.ar

aglomerados se ve mucho mejor representado en relación a nuestra ciudad, en la que, a la vez, registra una situación mucho más favorable que el total al momento de estudiar la inserción laboral. ¿A qué puede deberse estas disparidades?, Más allá de remarcar ciertas diferencias, es sumamente interesante reflexionar acerca de cuáles son sus posibles causas. Para lograr una explicación de las mismas, se ha hecho un análisis de una batería de indicadores de educación y de empleo, desde una óptica tanto económica como social, que permite entender los efectos que tales aspectos generan sobre el sistema educativo de la ciudad.

## 1 METODOLOGÍA

Este trabajo se basó en información terciaria obtenida a partir de información secundaria producida por la Encuesta Permanente de Hogares suministrada por el Instituto Nacional de Estadísticas y Censos.

## 2 MARCO TEÓRICO<sup>5</sup>

Resulta indiscutible que la educación y el conocimiento, son elementos fundamentales para alcanzar el desarrollo, ya que el acceso a una sociedad moderna, supone necesariamente una acción decisiva en el campo de la educación y de la investigación científico – tecnológica, ya que estas son poderosas herramientas de transformación de la sociedad. Esta relación entre recursos humanos y desarrollo económico no es nueva, ya que entre otras, la teoría del capital humano sirvió de modelo para comprender el papel de los recursos humanos en el desarrollo, proveyendo elementos para la racionalización de la inversión gubernamental, de esta manera, la educación pasó a ser un apéndice del mercado de trabajo y un factor de crecimiento económico, de movilidad ocupacional y de productividad.

Es sabido, que el crecimiento económico no puede ser explicado solamente por la utilización de mayor cantidad de factores productivos, ya que existen otros factores como la posibilidad de presentarse rendimientos crecientes a escala, mayor eficiencia en el empleo de los factores productivos, impacto del progreso técnico o mejora en la calidad del trabajo asociada con una mayor educación de la fuerza laboral.

En este último aspecto, la educación generaría un incremento en la productividad, aumentaría los niveles de salarios, produciendo externalidades positivas en la sociedad y un aumento de la participación de los asalariados en la distribución de la renta.

Pero, a pesar de las vinculaciones que las teorías económicas puedan hacer alrededor de la educación, las particularidades de los sistemas productivos requieren de niveles educativos específicos que podrían no corresponderse con la relación directa planteada en el párrafo anterior. De hecho, el propio sistema educativo se enfrenta a otro gran problema, cual es la deserción. Estos aspectos merecen un análisis más profundo, dado que inciden en el desarrollo de la ciudad y de la región entera.

## 3 RESULTADOS Y ANÁLISIS

La deserción escolar deja, como su propio nombre lo sugiere, a una porción de la población con algún nivel de educación mínima o básica inconclusa. Esta situación, más allá de los efectos personales que puede producir, tiene consecuencias tanto en el plano económico como en el social, a nivel individual y general de la sociedad. En la actual “sociedad del conocimiento”, poseer un título o grado concluido, preferentemente secundario y universitario, brindaría la posibilidad de acceder a trabajos mejor remunerados y de mayor seguridad que si solo se poseen estudios primarios, en el peor de los casos incompletos, o secundarios incompletos. Más aún, estos últimos casos citados pueden dejar a las personas en situación de vulnerabilidad laboral, de exclusión o de marginalidad social.

---

<sup>5</sup> El marco teórico de este trabajo se basa en los aspectos explicitados en la ponencia “¿Qué concepto de desarrollo promueve la educación?” Bogoni, Bucci, Carrizo, Mas, Pichl, presentada en las II Jornadas de Investigación en Ciencias Económicas U.N.P.S.J.B. Septiembre de 2011 Comodoro Rivadavia.

Desde corriente reproductista de la sociología (Giroux, 1995), se ha visto en la escuela a un agente al servicio del modelo capitalista, con la función de diferenciador social que permita la estratificación por clases y que perpetúe tal estructura social. Teniendo en consideración este encuadre teórico, la educación argentina ha experimentado un pronunciado cambio de rumbo en la década de los años '90. Si bien ya había antecedentes, es en tales años en que los esquemas educativos del estado del bienestar son reemplazados por la concepción neoliberal de orientación al mercado laboral y la especialización técnica, aunque paradójicamente, las escuelas técnicas hayan casi desaparecido en tal período. Tal planteo se mantiene en los primeros diez años del siglo XXI. La currícula se adapta y los esquemas pedagógicos adoptan las teorías de enseñanza y evaluación por competencias, con una clara orientación a la salida laboral. A pesar de esta dirección general que había tomado la educación, podrían aún distinguirse ciertas características que los reproductistas señalan como diferenciadores sociales, como podrían ser la calidad del empleo, la mayor competitividad, etc.

Existen condiciones exógenas y contextuales que inciden en la educación, tales como la distribución geográfica de las instituciones y de sus recursos para desarrollar sus actividades, la capacitación de los docentes, la gestión institucional, etc., y que pueden generar también una diferenciación entre los establecimientos (escuelas pobres, de barrios marginales, de inmigrantes, etc.). Debe recordarse que Comodoro Rivadavia ha aumentado su población en la última década, recibiendo a muchos inmigrantes tanto internos como de países limítrofes no tradicionales para la región, como así también países caribeños y africanos, con la consiguiente expansión geográfica. Asimismo, las políticas provinciales propiciaron una continua construcción de establecimientos educacionales que abarcaran todos los nuevos territorios poblados por el aumento demográfico. Es probable que esta circunstancia haya hecho posible la aparición de diferencias entre establecimientos. Por otro lado las condiciones endógenas tales como los programas explícitos e implícitos, el lenguaje y la didáctica de los docentes, los textos y materiales utilizados entre otros aspectos, contribuyen a profundizar estas diferencias. El esquema económico impuesto desde las teorías neoliberales generó así una estratificación social en la que la organización de la educación tuvo un papel sumamente importante, que en los términos de Frigotto (1996), termina articulándose alrededor de los intereses burgueses.

Pero ante todo planteo impuesto, es lógico que se genere cierta "resistencia" a las condiciones sociales imperantes. La resistencia puede ser definida, siguiendo la conceptualización de Giroux (1995), como la reacción individual o grupal a determinados aspectos de la estructura social, sea en su conjunto o directamente contra una institución específica, siempre que implique una instancia generadora de nuevas acciones que contrarresten los esquemas dominantes. Es este último aspecto señalado el que la diferencia de la simple oposición. Se puede hablar de "resistencia activa" cuando se manifiesta en forma explícita tanto verbal como físicamente, y de "resistencia pasiva" cuando el no accionar es la herramienta predominante. Es necesario remarcar que la presencia de este fenómeno es inmanente a la existencia de una instancia de dominación, sea por la aplicación directa del poder a través de la autoridad o por el efectuado mediante la estructuración social. Por consiguiente, no debe entenderse como un elemento destructivo, sino como una instancia que sirva para mejorar cuestiones tales como la distribución de la riqueza, la participación social, la inclusión, etc. no cubiertos por el encuadre general. Podría pensarse así que la constante desidia y desaprobación de las instancias evaluadoras por partes de los alumnos, que lamentablemente puede terminar en el abandono escolar, se pudiera encuadrar dentro del concepto de reacción. Pero como se advierte desde la sociología, el fracaso escolar no es un tema que atañe solamente al estudiante, sino sobre todo, que involucra y centra su atención en la propia escuela y en la sociedad en sí. Si no se logran los mecanismos de reacción que contrarresten el fracaso, el propio sistema educativo y la sociedad misma estrarían sosteniéndolo. La tabla que se presenta a continuación muestra la situación comparativa en porcentajes de deserción en el nivel secundario entre el aglomerado Comodoro Rivadavia y el total de aglomerados de la Argentina:

<b>Años</b>	<b>Comodoro Rivadavia</b>	<b>Total aglomerados</b>	<b>Años</b>	<b>Comodoro Rivadavia</b>	<b>Total aglomerados</b>
<b>2000</b>	28,75	16,27	<b>2006</b>	19,80	15,24
<b>2001</b>	22,28	16,92	<b>2007</b>	18,18	15,25
<b>2002</b>	19,08	16,45	<b>2008</b>	18,18	15,19
<b>2003</b>	21,82	16,08	<b>2009</b>	19,58	15,27
<b>2004</b>	16,94	15,19	<b>2010</b>	18,86	14,99
<b>2005</b>	19,18	15,30			

Tabla 1: Porcentaje de deserción al nivel secundario.

Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

Como se puede apreciar, en el total de los aglomerados se observa una alta tasas de abandono, posiblemente explicable en parte con las argumentaciones anteriores. El problema es determinar por qué en Comodoro Rivadavia ésta es mayor.

### 3.1 LOS CAMBIOS SOCIO ECONÓMICOS DE COMODORO RIVADAVIA Y SUS IMPLICANCIAS EN EL SISTEMA EDUCATIVO DE LA CIUDAD

El reflorecimiento de la actividad petrolera como motor impulsor de la economía de la ciudad en el período bajo estudio, es otro elemento indispensable que se debe agregar en el análisis de la evolución social de Comodoro Rivadavia. No debe olvidarse que en la década de los años '90, y específicamente a partir de 1992, la ciudad fue una de las grandes protagonistas de los efectos caudados por la privatización de YPF, al punto tal de socavarla en su propia identidad<sup>6</sup>. El panorama se agudiza gracias a la crisis mundial de 1998 por la caída del precio internacional del crudo, a la que se suman los eventos nacionales de 2001 – 2002. La ciudad obviamente no fue ajena a esta continuidad de zozobra económica. Sin embargo, a partir del año 2003, y en contraposición del resto del país, la actividad comienza a reactivarse en toda la cuenca del Golfo San Jorge, gracias a un repunte de los precios internacionales. Los años 2007 a 2009 ven las mayores luchas sindicales en la región, ya no solamente por la recomposición salarial sino por la participación en las ganancias de las empresas operadoras de la explotación petrolera. El movimiento económico crece, y con él se incrementa la migración de personas que llegan en busca de fuentes de trabajo en la actividad petrolera, no solo procedentes de otras provincias argentinas, sino además de países limítrofes y de Latinoamérica diferentes a los habituales en la historia de la ciudad. Como ya se expresó anteriormente, esta nueva situación genera una expansión geográfica sin precedentes, con el consecuente colapso de los sistemas de seguridad de sanidad y educativo. En este último es de desatacar que la política provincial ha sido la de construir más infraestructura.

Así, la deserción no es un problema solamente del estudiante sino que la misma puede ser impulsada por la propia estructura, que puede excluirlo. De esta forma, no solo la construcción de nuevos establecimientos basta, sino que debe ser acompañada de políticas de capacitación y perfeccionamiento de los docentes en los nuevos perfiles emergentes en la sociedad actual.

En una entrevista realizada a Andy Hargreaves<sup>7</sup> sobre el papel de la escuela como factor de inclusión y de construcción democrática, expresaba:

<sup>6</sup> La problemática de la privatización de YPF y su repercusión en la vida de la ciudad es tratado en el Proyecto de investigación “Evolución del sistema socio económico de la ciudad de Comodoro Rivadavia en el período 1990-1999. Posibles alternativas futuras” Director: Jorge Vujosevich, codirectora: Mirta Mas.

<sup>7</sup> Andy Hargreaves es un sociólogo inglés radicado en Canadá. La presente referencia es parte de una entrevista realizada por Claudia Romero, profesora y licenciada en Cs. De la Educación por la universidad Complutense de Madrid, en ocasión de la publicación del libro de Hargreaves: Teaching in the Knowledge Society: Education in the Age of Insecurity (2003).

[...] que las escuelas en contextos democráticos necesitan ser comunidades, necesitan ser inclusivas, constituirse en lugares donde los maestros comprenden a sus alumnos y se relacionan con ellos de modo tal que todos accedan al conocimiento, y donde no sólo atienden a un tipo de alumno en particular, los mejores o los más inteligentes, sino a todos. Porque es cierto que estamos en la sociedad del conocimiento donde el éxito como nación, como organización, como individuo, depende de nuestra habilidad de crear el conocimiento, de inventarlo.

Pero la realidad de nuestras escuelas ofrece un panorama en los que existen varios cursos iniciales y pocos o uno solo de los terminales de cada ciclo. Si se estudia la tasa de analfabetismo estudiada para el período 2000 – 2010, ésta revela que Comodoro Rivadavia se encuentra en una situación ventajosa en comparación con la media general de los conurbanos del país, según se demuestra en la siguiente tabla:

<b>Años</b>	<b>Comodoro Rivadavia</b>	<b>Total aglomerados</b>	<b>Años</b>	<b>Comodoro Rivadavia</b>	<b>Total aglomerados</b>
<b>2000</b>	1,08	1,73	<b>2006</b>	0,89	1,07
<b>2001</b>	1,57	1,71	<b>2007</b>	0,59	0,69
<b>2002</b>	0,96	1,72	<b>2008</b>	0,72	0,63
<b>2003</b>	1,18	1,00	<b>2009</b>	0,19	0,59
<b>2004</b>	0,32	0,90	<b>2010</b>	0,12	0,54
<b>2005</b>	1,02	1,28			

Tabla 2: Tasa de analfabetismo

Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina

Debe recordarse que para el cálculo de tal tasa, se relacionan las personas de 10 años y más que no pueden leer y escribir un párrafo sencillo en un idioma cualquiera con la población total de ese grupo de edad, en porcentaje. Según los resultados obtenidos, se puede concluir que en la ciudad existe una alta accesibilidad al estudio. Pero si se continúa analizando el resto de indicadores, la situación se revierte, dejando en inferioridad de condiciones a Comodoro Rivadavia, ya que no se logra la misma permanencia en el sistema educativo como en el resto de los aglomerados (el porcentaje de deserción al nivel secundario es mayor para Comodoro Rivadavia). Una posible explicación podría ser que el conjunto sistema educativo – políticas gubernamentales no estarían acompañando a la sociedad en los cambios que en ella se producen.

¿Qué implicancias puede acarrear el hecho que una parte de la población abandone sus estudios? Esta pregunta puede tener innumerables respuestas, dependiendo del perfil desde la cual se pretenda su abordaje. Desde un enfoque económico y social, pertinente al espíritu del presente trabajo, se pueden traer a colación en una primera instancia, las relaciones que se establecen entre la economía y la educación. Desde las primeras teorías económicas relacionadas con educación, se ha considerado a esta última como un insumo para el crecimiento y el desarrollo. La visión de “capital humano” aportó la idea de inversión en educación a los efectos de incrementar la productividad que ayude a un crecimiento sostenible.

Este enfoque de educación – productividad ha sido discutido por los teóricos, admitiéndose otros puntos de vista. Se considera que la productividad no es una propiedad de las personas sino de los empleos. Por tal motivo, se puede criticar la relación directa establecida entre ambas variables. Sin embargo, se reconoce que una mayor educación favorecería acceder a empleos más protegidos legalmente, disminuyendo la informalidad y la precariedad en el trabajo. A la vez, se podrían lograr mejores salarios, que obrarían como un premio que los mercados laborales ofrecerían a los logros en educación, tal como es observado por la OCDE en los países integrantes de tal organización, mientras que tal comportamiento se percibe más difuso en los mercados latinoamericanos.

El grado de formación alcanzado ha seguido siendo un criterio para la selección del personal. De hecho, en el mercado laboral actual el nivel secundario completo es altamente requerido como un requisito básico para ingresar al mercado laboral, aún para aquellos empleos en los que no es necesaria una preparación académica específica. La tabla que se presenta a continuación muestra la evolución de los porcentajes de población con 20 años y más con secundaria completa:

Años	Comodoro Rivadavia	Total aglomerados	Años	Comodoro Rivadavia	Total aglomerados
2000	36,19	43,14	2006	39,86	49,75
2001	37,19	45,88	2007	46,46	50,39
2002	42,11	46,30	2008	49,50	52,21
2003	42,33	47,23	2009	48,45	52,51
2004	42,34	47,44	2010	50,26	54,15
2005	42,36	48,37			

Tabla 3: Porcentaje de población de 20 años y más con secundaria completa.

Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

Podría pensarse que estos datos, unidos al descenso en la deserción mostrado precedentemente, estarían expresando ciertas condiciones favorables para la ciudad. Sin embargo, no deja de ser preocupante que casi el 19% de la población bajo análisis no tenga sus estudios secundarios completos, ya que se expondría a acceder a trabajos de baja calificación y por lo tanto de menores salarios. Se puede pensar además, que existe la posibilidad que tales personas repliquen en la generación siguiente el mismo comportamiento. La falta de grado educativo predispone además a estar expuesto a mayores desigualdades sociales y económicas.

Un aspecto interesante a tener en cuenta a raíz de las últimas consideraciones del párrafo anterior es el porcentaje de jóvenes entre 18 y 24 años que no trabaja ni estudia, medido por su relación con la población total de jóvenes entre 18 y 24 años.

Años	Comodoro Rivadavia	Total aglomerados	Años	Comodoro Rivadavia	Total aglomerados
2000	25,25	24,79	2006	24,80	23,53
2001	29,92	24,69	2007	26,12	24,76
2002	26,51	27,45	2008	27,56	24,18
2003	34,14	25,85	2009	32,86	23,49
2004	34,31	25,49	2010	36,47	22,83
2005	20,85	23,81			

Tabla 4: Porcentaje de población de 18-24 años que no trabajan ni estudian.

Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

En Comodoro Rivadavia se observa que en el año 2000 un 25,25% de tal población total no trabajaba ni estudiaba. El porcentaje fluctuó con ascensos y descensos pronunciados hasta ubicarse en casi el 21% en el 2005. Desde ese momento, ha sufrido un constante incremento hasta ubicarse en un preocupante 36,47 en el año 2010. Paradójicamente, el período 2005 – 2010 coincide con el resurgimiento y auge de la explotación petrolera en la cuenca del Golfo San Jorge, para el resto de los conglomerados se observa un incremento entre 2000 y 2003 – del 24,79% al 25,85% - para luego descender paulatinamente hasta alcanzar un 22,83%. Se puede apreciar claramente la diferencia desfavorable para nuestra ciudad. Es de suponerse que estos jóvenes estarían más expuestos a la marginalidad, la exclusión social y hasta la indigencia, ya que no contarían con prestaciones básicas, como es el caso de la obra social, que les permita solucionar sus problemas de salud, o que tuvieran problemas para lograr el sustento diario. En el mejor de los casos la dependencia total de sus padres cubriría tales situaciones. Pero también se podrían elaborar conjeturas desde otro punto de vista. Como se expresó anteriormente, el porcentaje mantuvo un aumento sostenido a partir del año 2005, coincidente con el auge de la actividad petrolera. ¿Sería posible que la bonanza de los trabajadores de esta actividad haya llevado a que sus hijos retrasasen su ingreso al mercado laboral? En el mismo período, los salarios del sector petrolero han sido favorecidos con muy buenos incrementos, a la vez que las empresas petroleras iban aumentando sus requisitos de formación y de edad para incorporar nuevos empleados. Coincidentemente, la U.N.P.S.J.B. ha registrado bajas en su matrícula, que solo se ha comenzado a revertir a partir de los años 2009 – 2010, y un aumento en la deserción en primer año. Es probable que la conjunción de estas situaciones ayude a explicar el incremento del porcentaje de jóvenes que no estudian ni trabajan.



### 3.2 LA RELACIÓN ENTRE EL NIVEL DE ESCOLARIDAD ALCANZADO Y LA EMPLEABILIDAD

Los cambios ocurridos durante la década de los años '90 en la economía argentina modificaron también las exigencias en cuanto a formación que requería el mercado laboral. Una mayor preparación confería mayor capital humano a la oferta laboral, característica que era atrayente para las empresas contratantes al momento de formalizar la relación laboral. Asimismo la oferta educativa creció enormemente desde dos aspectos diferentes: por un lado, se incrementó la inversión estatal en infraestructura para los niveles primario y secundario, y por otro, proliferaron las carreras terciarias y universitarias orientadas a una salida laboral más inmediata, a la vez se afianzaban los estudios de posgrado y doctorado en todas las áreas del conocimiento. Los requerimientos de las empresas fueron, por consiguiente, en aumento. ¿Se ha cumplido este encuadre en Comodoro Rivadavia? ¿Cómo se ha comportado la actividad petrolera como principal componente de la demanda laboral en la región? Una revisión de los indicadores para el año 2010 revelan que en la ciudad, el nivel que ha tenido una mayor empleabilidad<sup>8</sup> ha sido el de secundaria completa, seguido de primaria completa, secundaria incompleta y universitaria completa, según se muestra en las siguientes tablas comparativas:

	Nivel de Educación						
	1 <sup>9</sup>	2	3	4	5	6	7
<b>2000</b>	6.90	20.87	22.43	19.21	7.72	10.26	0.32
<b>2001</b>	5.15	20.41	19.85	21.04	8.87	10.34	0.41
<b>2002</b>	4.93	18.91	18.63	19.87	8.18	11.63	0.00
<b>2003</b>	7.12	20.69	20.24	17.72	11.98	10.77	0.75
<b>2004</b>	5.88	23.65	14.84	19.86	10.60	15.62	0.18
<b>2005</b>	8.23	22.81	18.51	20.99	9.91	11.03	0.00
<b>2006</b>	5.44	26.32	19.07	21.19	10.22	9.65	0.00
<b>2007</b>	4.81	20.53	19.58	29.99	8.51	11.92	0.58
<b>2008</b>	3.65	20.87	18.95	29.69	9.82	11.06	1.18
<b>2009</b>	3.27	19.37	20.28	25.46	11.34	14.48	0.48
<b>2010</b>	2.42	21.04	19.07	29.96	8.32	15.00	0.00

Tabla 5: Tasa de ocupación por nivel de escolaridad alcanzado Comodoro Rivadavia  
Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

	Nivel de Educación						
	1	2	3	4	5	6	7
<b>2000</b>	6.94	20.58	15.84	16.91	10.62	13.70	0.76
<b>2001</b>	6.25	19.46	16.34	17.47	10.86	13.22	0.74
<b>2002</b>	5.85	18.00	14.37	17.07	9.67	13.55	0.50
<b>2003</b>	6.18	19.84	15.78	17.10	11.21	14.66	0.56
<b>2004</b>	6.11	20.38	15.02	17.30	11.28	14.55	0.65
<b>2005</b>	5.82	20.60	15.20	18.03	11.46	15.55	0.51
<b>2006</b>	5.85	19.65	15.21	19.06	12.41	16.31	0.44
<b>2007</b>	5.65	18.99	15.88	19.86	12.07	17.27	0.45
<b>2008</b>	5.33	18.32	15.60	21.02	12.29	18.71	0.42
<b>2009</b>	5.00	18.30	15.62	21.21	11.97	19.05	0.49
<b>2010</b>	4.26	17.66	15.16	22.04	12.58	19.76	0.27

Tabla 6: Tasa de ocupación por nivel de escolaridad alcanzado Total Aglomerados  
Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

<sup>8</sup> Se utiliza el término empleabilidad desde el punto de vista del grado de inserción y la calidad del empleo al que los diversos niveles de escolaridad han accedido en el período bajo estudio.

<sup>9</sup> donde: 1 primaria incompleta, 2 primaria completa, 3 secundaria incompleta, 4 secundaria completa, 5 Universitaria Terciaria incompleta, 6 Universitaria superior Terciaria completa, 7 sin instrucción

Es probable que la fuerte dependencia económica del petróleo haya influido en el posicionamiento del nivel de escolaridad “universitario completa”, mientras que en otros aglomerados con explotación petrolera y que poseen mayor diversificación económica., la representación de los universitarios es más importante. Esta monodependencia petrolera se vería reforzada si se considera que en Comodoro Rivadavia la actividad es básicamente extractiva, sin la complementación de procesos de destilación o de refinería, que sí están presentes en otros aglomerados con actividad petrolera, y que requieren de otros conocimientos específicos y estructuras tanto productivas como administrativas que requieren un mayor número de profesionales de diversas áreas.

Como ya se ha expresado, la región de la cual Comodoro Rivadavia es la ciudad más importante y su motor económico, centra su actividad alrededor de ciertos recursos no renovables, como son el petróleo y el gas. Su explotación requiere de equipamientos e infraestructura especiales, para cuya implementación y puesta en marcha son necesarios conocimientos específicos. Este encuadre puede hacer suponer que los niveles más altos de escolaridad alcanzados estarían bien representados en el mercado laboral petrolero. Al respecto, el análisis de la “tasa de ocupación por nivel de escolaridad alcanzado para la rama de actividad: Extracción de petróleo crudo y gas natural; actividades de servicios relacionadas con la extracción de petróleo y gas, excepto las actividades de prospección” revela un comportamiento diferente para Comodoro Rivadavia, en comparación con el total de aglomerados.

	1	2	3	4	5	6
2003	2,84	12,46	28,18	42,74	7,18	2,80
2004	10,32	19,63	19,18	26,89	8,15	15,81
2005	7,80	27,00	23,25	27,63	7,12	7,19
2006	2,02	20,26	27,64	36,36	8,20	5,51
2007	0,99	22,40	24,58	26,80	10,38	14,85
2008	1,29	10,12	23,71	39,75	8,09	17,04
2009	1,85	8,17	21,07	37,86	9,72	20,12
2010	1,61	14,28	15,73	41,20	7,95	19,22

Tabla 8: Tasas de ocupación por nivel de escolaridad alcanzado para la rama de actividad: Extracción de petróleo crudo y gas natural; actividades de servicios relacionadas con la extracción de petróleo y gas, excepto las actividades de prospección. Comodoro Rivadavia.

Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

	1	2	3	4	5	6
2003	1,42	7,13	20,36	29,79	26,08	15,22
2004	1,78	6,66	13,95	21,88	15,05	40,69
2005	3,35	15,26	20,09	27,06	13,11	21,13
2006	3,63	9,18	8,89	35,41	16,40	26,50
2007	1,64	13,19	20,86	28,80	14,45	21,07
2008	1,62	7,20	14,90	24,52	20,61	31,15
2009	0,41	5,95	21,70	21,17	15,08	35,43
2010	1,41	5,91	8,74	34,06	15,08	34,80

Tabla 9: Tasas de ocupación por nivel de escolaridad alcanzado para la rama de actividad: Extracción de petróleo crudo y gas natural; actividades de servicios relacionadas con la extracción de petróleo y gas, excepto las actividades de prospección. Total Aglomerados.

Fuente: elaboración propia en base a la EPH – INDEC Argentina.

Es digno mencionar las reivindicaciones sindicales del sector petrolero operadas entre los años 2005 – 2008 que recompusieron los salarios del sector y las condiciones mínimas para el desarrollo de las tareas, que por cierto, dadas sus propias características más las condiciones climáticas en ocasiones

extremas bajo las que deben ser realizadas, lograran que los sueldos se elevaran considerablemente en relación con los percibidos en la década anterior por iguales tareas. A tal punto llegaron las reivindicaciones que se han producido profundas diferencias entre los salarios del sector petrolero con el percibido por los trabajadores de los restantes sectores económicos; de allí la observación sobre las diferencias salariales realizada por el entrevistado. Por otro lado, el ser un profesional universitario no es condición necesaria para ser un empresario, si bien puede brindar mayores perspectivas de análisis de los escenarios económicos en los que se mueven las empresas, que excedan los aspectos intuitivos a los que muchas veces recurren nuestros empresarios.

Por otro lado, a pesar de que los operarios de tareas básicas pueden percibir sueldos más altos a algunos profesionales universitarios, ambos grupos se diferencian al momento de analizar las posibilidades futuras ante un cambio de las condiciones económicas. Así, quienes realizan tareas de “boca de pozo”, una actividad básica dentro de la extracción petrolera pero de carácter netamente rutinario, quedarían más expuestos que los profesionales universitarios, quienes poseerían mayores recursos para enfrentar las posibles adversidades, apreciaciones que refuerzan los beneficios de una mayor educación y que se pueden asociar, a largo plazo, con mayores posibilidades de crecimiento y desarrollo (Bucci, Carrizo, Mas; 2011).

## DISCUSIÓN Y REFLEXIONES

Desde muy pocos años posteriores a su fundación, la explotación petrolera ha significado el pilar central del desarrollo económico y social de la ciudad de Comodoro Rivadavia. Su dependencia casi exclusiva de tal actividad ha provocado que no solo la ciudad sino también toda la región de la cuenca del Golfo San Jorge sufran los vaivenes del mercado petrolero, tanto desde los parámetros nacionales como desde los internacionales. Así, se sucedieron constantemente períodos de bonanza económica con otros de autentica depresión, en los que la ciudad parecía no contar con recursos para salir de ellos, sino esperar que nuevos vientos de prosperidad soplaran desde el ámbito petrolero, que, en el caso de Comodoro Rivadavia, significaba reactivar la extracción, quizás la parte más básica y con menor necesidad de profesionalización del circuito económico petrolero.

Es probable que este encuadre justifique la menor participación de trabajadores con niveles universitarios completos de educación en los años estudiados, y que, particularmente para el año 2010, son literalmente duplicados por aquellos con nivel secundario completo. En contraposición, en el total de aglomerados con actividad petrolera, el nivel universitario completo se encuentra muchísimo mejor representado a lo largo del período bajo estudio, aunque en el año 2010 haya sido igualado por el secundario completo. La existencia de destilerías y la mayor diversificación económica de varios de los aglomerados restantes podría sostener esta diferenciación.

Si bien, como se había señalado al inicio del presente trabajo, la tasa de analfabetización de Comodoro Rivadavia es menor que para el total de aglomerados, la permanencia y conclusión de los diversos niveles educativos es menor para la ciudad. Esta oposición entre accesibilidad y finalización de estudios puede generar brechas en el entramado social, ya que quienes no posean una escolarización concluida pueden ser susceptibles de marginación y exclusión social al acceder a empleos precarios o indigentes, con la consecuente falta de cobertura en salud y aportes para la futura jubilación. El aumento demográfico y la expansión geográfica de la ciudad en el período bajo análisis agravan este panorama.

La recomposición laboral del sector ha propiciado que sus trabajadores percibieran salarios mucho más altos y en mejores condiciones de empleo que en la década anterior. El consumo de bienes básicos así como de electrodomésticos creció rápidamente, permitiendo una gran expansión del sector comercial. Esta bonanza económica fue acompañada por ciertos aspectos socialmente nocivos tales como el aumento de la prostitución, del consumo de drogas y de la inseguridad, generándose así mayores desigualdades sociales.

Con la reactivación petrolera, la necesidad de mano de obra fue tal en sus comienzos, que todos los niveles de educación experimentaron un notable crecimiento en su participación en el mercado laboral local. A medida que transcurrían los años, las empresas aumentaban sus exigencias en cuanto a formación, y así los niveles más bajos fueron decreciendo en participación, a la vez que crecían el secundario completo y el universitario completo, con amplia supremacía del primero en el año 2010, como se expresó anteriormente y que es el exigido aun para los empleos de tareas básicas.

Asimismo, las empresas fueron aumentando la edad mínima de nuevos postulantes a la actividad, situándola en mayores de 22 años. Es probable que estos requisitos de edad y nivel de estudios hayan generado que el porcentaje de jóvenes entre 18 y 24 años que no trabajan ni estudian, unidos en los mejores de los casos a la buena situación económica de los padres, aumentara hasta alcanzar un 36,47% en el año 2010, desalentando el estudio universitario a la espera de poder ingresar a la actividad petrolera.

Por otro lado, en Comodoro Rivadavia la participación del nivel universitario es menor que en la totalidad de los aglomerados. Probablemente se deba, como ya se ha expresado, a la poca diversificación de la propia actividad petrolera de la región, en la que solamente se realiza la extracción del recurso. En este marco, sería posible deducir que el sistema educativo de la ciudad es acorde a los requerimientos de la economía local, en concordancia con la idea de Carlota Pérez (2001) que sostiene que el sistema educativo da forma en gran medida al cuerpo de habilidades de la fuerza laboral de una sociedad. Esta característica supondría además una cierta vulnerabilidad de la oferta laboral, ya que ante una disminución de la actividad petrolera, los trabajadores se verían limitados en sus recursos formativos para acceder a otros empleos de la misma calidad. A diferencia de ellos, quienes posean una educación superior completa, podrían contar con mayor versatilidad ante una crisis, si bien momentáneamente la mayor preparación no se correlaciona en muchos casos con mayores ingresos, comparados con operarios de tareas básicas con requerimientos mínimos de calificación.

Es así que el papel de la educación superior es sumamente importante en la aportación de diferenciadores sociales positivos a los habitantes de una región. De hecho, la universidad como institución en sí es vista como “el cerebro de una región” (Beaudeville, 1976), dado que es la productora de los profesionales que se desempeñarán como actores socio económicos, que a su vez serán quienes transferirán conocimientos a la sociedad, propiciando la investigación y el desarrollo de nuevas alternativas. Se plantean así nuevas inquietudes para profundizar estos estudios: ¿la demanda laboral, las empresas locales, están satisfechas con lo producido por nuestra universidad?, ¿los propios egresados pueden dar cuenta de su formación y de su capacidad de impulsores de la economía local? Sus respuestas podrán revelar en qué medida nuestra universidad desempeña su papel del “cerebro de la región” contribuyendo al desarrollo económico y social de la sociedad.

## REFERENCIAS

- [1] Bogoni, G; Bucci, S; Carrizo, W; Mas, M; Pichl, D. **¿Qué concepto de desarrollo promueve la educación?** II Jornadas de Investigación en Ciencias Económicas U.N.P.S.J.B. Comodoro Rivadavia, 2011. ISBN 978-950-763-115-3.
- [2] Giroux, H. **Teoría y resistencia en educación.** México: Ediciones Siglo XXI, 1995.
- [3] Frigotto, G. **La productividad de la escuela improductiva.** Madrid: Miño y Dávila editores, 1998.
- [4] Bucci, S; Carrizo, W; Mas, M; **El papel de la UNPSJB en el desarrollo económico y social de Comodoro Rivadavia. La mirada propia.** IV Simposio Iberoamericano sobre Comercio Internacional, Desarrollo e Integración Regional. Posadas, Argentina, 2011. ISBN 978-987-25444-1-6.
- [5] Pérez C. Cambio tecnológico y oportunidades de desarrollo como blanco móvil. Santiago de Chile. **Revista de la CEPAL**, 75. p. 123, 2001.
- [6] Boudeville J. **Espacios económicos.** Buenos Aires: Cuadernos Eudeba, 1976.

# **POLÍTICA E MULTICULTURALISMO: UM ESTUDO DA ACESSIBILIDADE NOS ÓRGÃOS PÚBLICOS DOS MUNICÍPIOS DA MICRO-REGIÃO FRONTEIRA NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL.**

Eliziane Raquel Rauch<sup>1</sup>  
Paula Cristina Hollweg<sup>2</sup>  
Alcindo Dalcin<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho versa sobre o direito daqueles que ainda são vistos como uma minoria social, o direito das pessoas com deficiência. Tendo como recorte específico deste estudo, a efetivação do direito de acessibilidade nos órgãos públicos dos municípios de Três de Maio, Novo Machado e Tucunduva. A inclusão social é direito de todos, mas pensando particularmente nas pessoas com deficiência, nota-se, que para se conquistar a inclusão, é preciso promover condições mínimas de acessibilidade. Deste modo, o trabalho se configura em um estudo teórico acerca de como a sociedade está promovendo a inclusão social e garantindo o direito de acessibilidade a população. Para tanto, contempla uma pesquisa de campo realizada nos referidos municípios pertencentes a Micro-Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul – Brasil. Pesquisa realizada com a intenção de se aproximar da realidade que as pessoas com deficiência vivenciam em seus cotidianos, para saber em que medida os órgãos públicos estão mobilizados para consolidarem efetivamente as legislações que garantem o direito de acessibilidade.

Palavras-chave: Acessibilidade - Direitos - Pessoas com deficiência.

## **INTRODUÇÃO**

O tema da acessibilidade emerge na sociedade contemporânea como uma das questões centrais pertinentes a inclusão e a efetivação de direitos individuais dos cidadãos com deficiência e/ou limitações.

Diante desta afirmativa, este estudo visa, através de uma pesquisa de campo verificar as condições de acessibilidade nos órgãos públicos situados nos municípios de Três de Maio, Novo Machado e Tucunduva, pertencentes a Micro-Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul - Brasil. Bem como, apresenta uma reflexão sobre algumas razões que levam ao descumprimento da lei, ocasionando a limitações do acesso por parte dos cidadãos com deficiência e/ou limitações, aos serviços disponibilizados pelos órgãos da administração pública direta e indireta. Impedimentos de mobilidade que geram dificuldades para as pessoas com deficiência e/ou limitações para exercer sua cidadania de fato.

Acredita-se que as esferas de governo, através de seus órgãos deveriam pelo seu exemplo de cumprimento a lei, serem os primeiros fomentadores da aplicabilidade da norma legal, suscitando desta forma a garantia do direito efetivo. O objetivo, portanto, é verificar em que medida isto está ocorrendo, em que grau de adaptação se encontram os órgãos públicos pesquisados e quais as justificativas apresentadas para o não cumprimento das normas.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Serviço Social - 8º semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. elizianerauch@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Serviço Social - 8º semestre. Faculdades Integradas Machado de Assis. paulacristina\_h@yahoo.com

<sup>3</sup> Mestre em Educação nas Ciências. Professor do Curso de Serviço Social. Faculdades Integradas Machado de Assis. alcindodalcin@gmail.com

## 1 METODOLOGIA

Este estudo de caráter qualitativo e quantitativo tem como referências os conhecimentos produzidos por autores especializados e dados objetivos coletados em pesquisa de campo nos locais mencionados, culminados com as análises e reflexões suscitadas pelos problemas evidenciados.

## 2 DA AFIRMAÇÃO CONTEMPORÂNEA DOS DIREITOS INDIVIDUAIS

A afirmação de direitos nas últimas décadas tende a ser mais reconhecida e se consolidar como prática mais constante na sociedade, considerando o avanço na consciência social de que o deficiente é sujeito de direito, digno de participação na vida social, econômica e cultural, bem como, os avanços da própria legislação. Porém, as cidades e as instituições frequentadas pelos deficientes ou pessoas com limitações ainda não estão suficientemente preparadas nas suas estruturas para sua mobilidade e integração nos diversos espaços. A acessibilidade é uma das condições essenciais para o exercício da cidadania.

### 2.1 AS POLÍTICAS MULTICULTURAIS COMO AFIRMAÇÃO DE DIREITOS

O Estado Democrático de Direito tem entre os seus fundamentos a garantia de que as pessoas, independentemente de sua condição física, psicológica e de credo, partilham do mesmo direito e dignidade. A emergência dos diferentes como sujeitos decorre deste consenso: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (Art. 5º da Constituição Federal, 1988). Garantir a igualdade significa que o estado precisa agir com equidade de forma a equilibrar o acesso das oportunidades e que os bens de modo geral possam estar acessíveis a todos em quantidade e qualidade, compatíveis com a dignidade humana.

Desse modo, para contribuir com esta reflexão faz-se referência à temática do multiculturalismo, pois, falar em multiculturalismo é falar da diversidade, da diferença, é reconhecer que nossa sociedade é plural. Para Santos (2003, p. 26) “a expressão multiculturalismo designa, originalmente, a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio das sociedades modernas”.

Todavia, o multiculturalismo tem relação estreita com a questão da diferença em suas formas diversas. Este termo é recente, e veio adquirindo maior relevância na década de 90, “a doutrina multiculturalista avança essencialmente a ideia de que as culturas minoritárias são discriminadas e devem merecer reconhecimento público” (DEL PRIORE, 2011, p. 1).

As políticas multiculturais costumam dar maior evidência às questões de desigualdade originadas da raça, etnia, costumes, gênero. Porém, segundo Mary Del Priore estas políticas podem ser mais abrangentes, ao falar sobre a política multicultural afirma que,

Muitas vezes reduzidas à questão da etnicidade (condição ou consciência de pertencer a um grupo) ou, em alguns casos, reduzidas até mesmo à "questão racial", as diferenças culturais não concernem apenas aos particularismos de origem ou de tradição (religiosas ou linguísticas). As reivindicações se enraizam cada vez mais sobre o particularismo dos *mores* (preferências sexuais, por exemplo), de idade, de traços ou de deficiências físicas (obesos, cegos, paraplégicos). (DEL PRIORE, 2011, p. 1).

A política multicultural tem o intuito de abolir qualquer tipo de exclusão que se originou da diferença entre os indivíduos. Logo, estatísticas oficiais evidenciam que as pessoas com deficiência e limitações, fazem parte destas minorias sociais.

No momento em que a sociedade reconhece as diferenças que são inerentes aos sujeitos, dá-se a possibilidade de abertura para que estes grupos que foram discriminados historicamente possam aparecer com dignidade nos espaços sociais, bem como, oportuniza “[...] a emergência de novos espaços de resistência e de luta e de novas práticas políticas.” (SANTOS, 2003, p. 39).

Um dos méritos desta perspectiva teórica é o fato dela pensar as políticas públicas em termos de inclusão dos grupos minoritários e suscita os governos a organizarem a gestão dos assuntos de

interesse comuns contemplando o olhar e as necessidades da diversidade (cf. HALL, 2003, p. 52). O espaço público, segundo Hannah Arendt, é o lugar dos sujeitos políticos que “agem em concertadamente”<sup>4</sup>, organizam-se, debatem, enfim, persuadem os pares em favor das suas necessidades específicas, enfim, exercem efetivamente seu poder, pois “[...] o poder emerge onde quer que as pessoas se unam e ajam em conjunto.” (ARENDR, 2001, p. 81). E é nesta dinâmica que ocorrem às políticas de afirmação de direitos.

## 2.2 A SOCIEDADE E O RECONHECIMENTO DO DEFICIENTE COMO SUJEITO DE DIREITO

“Historicamente, o tratamento dispensado às pessoas com deficiência seguiram basicamente três modelos distintos de acordo com as circunstâncias históricas: a segregação, a integração e, mais recentemente, a inclusão.” (cf. VIVARTA, 2003, p. 17).

O modelo segregatório orientou as ações sociais até a década de 40, século XIX, neste período os deficientes sofreram o isolamento social, segregados em instituições fechadas, tiveram sua integração social limitada. Rompendo com a prática de segregação institucional, surge o movimento pela integração das pessoas com deficiência no convívio social. Este movimento fez surgir na sociedade centros de reabilitação e tratamento juntamente com as escolas de educação especial, espaços estes “considerados necessários para que pessoas com deficiência pudessem ser preparadas para conviver na sociedade” (SASSAKI apud VIVARTA, 2003, p. 22).

A superação dos modelos de segregação e integração começa a ganhar corpo com a mobilização da sociedade em torno do reconhecimento da dignidade das pessoas com deficiência e, na década de 1980 destacam-se alguns movimentos reivindicando por políticas claramente inclusivas.

A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes - ONU<sup>5</sup>, formulada no ano de 1975, impulsionou uma intensa mobilização da sociedade, pois, veio afirmar o que foi garantido na Declaração Universal dos Direitos Humanos, agora tratando de forma específica dos direitos das pessoas com deficiência, visando promover a inclusão das mesmas à vida social assegurou que,

As pessoas deficientes têm o direito inerente de respeito por sua dignidade humana. As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade, o que implica, antes de tudo, o direito de desfrutar de uma vida decente, tão normal e plena quanto possível. (ONU, 1975, p. 1).

No que tange aos direitos de cunho nacional, não se pode deixar de mencionar a Constituição Federal de 1988, destaque para o Título III que trata dos Direitos e Garantias Fundamentais, onde no Art. 5º, parágrafo 3º afirma-se que “[...] ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante.” Afirma-se legalmente que todo e qualquer cidadão independente de suas condições físicas ou mentais, tem reconhecido o direito ao convívio social com dignidade.

Posteriormente, têm-se inúmeros documentos legais elaborados a nível nacional e internacional. No ano de 1993, por exemplo, foi instituída a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência que apresenta em seu Art. 4º, como seu primeiro princípio o “desenvolvimento de ação conjunta do Estado e da sociedade civil, de modo a assegurar a plena integração da pessoa portadora de deficiência no contexto socioeconômico e cultural”. Destaca-se que as legislações que asseguravam direitos das pessoas com deficiência estavam sempre sendo elaboradas e aperfeiçoadas, no entanto a efetivação dos direitos ainda não acontecia com tanta eficiência.

A “Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência”, aprovada pela ONU em 2006, é mais um documento de caráter inclusivo, a qual em seu Art. 1º estabelece que sua finalidade, é “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente”. No ano de 2009, ocorre a promulgação desta Convenção no Brasil através do Decreto 6.949 de 25 de Agosto de 2009.

<sup>4</sup> Ler mais sobre isto em ARENDR, Hannah. *Poder e violência*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001, pp. 81-94.

<sup>5</sup> Organização das Nações Unidas.

A sociedade também passa a se organizar para a efetivação da política inclusiva, para isso são criados os Conselhos das pessoas com deficiência a nível nacional, estadual e municipal, organismos da sociedade civil encarregados de fiscalizar e reivindicar pela garantia e ampliação dos direitos garantidos legalmente.

Com este breve resgate da legislação, evidencia-se que as pessoas com deficiência esperaram longo período para ter seus direitos efetivados, sua dignidade respeitada, e para isto acontecer foi preciso elaborar uma gama de instrumentos legais, como forma de exigir da sociedade a viabilização dos mesmos. Evidencia-se então, que a situação das pessoas com deficiência levou tempo para efetivamente estar em pauta nas discussões da sociedade, pois só se identificam ações com maior empenho pelo poder público no decorrer desta última década.

### 2.3 A EMERGÊNCIA DO DIREITO DE ACESSO AO ESPAÇO PÚBLICO COMUM: O DIREITO A ACESSIBILIDADE

Passado um longo período da afirmação dos Direitos Humanos, busca-se compreender por qual motivo as pessoas com deficiência ainda enfrentam inúmeras dificuldades para acessar direitos básicos e levar uma vida social com dignidade. As diferentes limitações que estas pessoas têm, sejam elas, física, visual, intelectual ou auditiva, acabaram se tornando, fator de exclusão, pois, inseridos num contexto social que só estava preparado para acolher o sujeito dito “normal”, as pessoas com deficiência enfrentam inúmeras barreiras para ter acesso ao espaço público comum.

No entanto, após a conquista de seus direitos através da ampla legislação já mencionada anteriormente, o desafio que está posto agora é buscar a efetivação dos mesmos, pois, é fato, que as pessoas com deficiência e/ou limitações não possuem as mesmas facilidades de acesso como os demais. É preciso conquistar o direito de acesso ao espaço público comum, para que estas pessoas possam se inserir no convívio social sem serem vistos como dependentes ou incapazes, afirmando-se como sujeito de direito de fato, com total dignidade.

Em função disso, na atualidade o direito a acessibilidade adquire significativa relevância, exige-se então, que os espaços públicos e privados promovam melhores condições de acesso para os cidadãos, precisam se adequar com as condições de acessibilidade estabelecidas legalmente. Um documento importante a ser citado é o Decreto nº 5.296 criado em 2004, que estabeleceu normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade no país. Em seu Art. 8º, define a acessibilidade como “condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Também no ano de 2004, foi elaborada pela ABNT<sup>6</sup> a Norma Brasileira (NBR 9050) que estabelece as normas técnicas para a promoção da acessibilidade nos diversos espaços da sociedade. A qual define a acessibilidade como: “[...] possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.” (ABNT NBR 9050, 2004, p. 2).

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada no país pelo Decreto 6.949/09, define em seu Art. 9º que o objetivo da acessibilidade é,

[...] possibilitar às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural. (BRASIL, 2009).

Um dos últimos documentos elaborados no Brasil é o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite, instituído pelo Decreto nº 7.612, de 17 de Novembro,

<sup>6</sup> Associação Brasileira de Normas Técnicas.



2011. Que estabeleceu no Art. 4º seus eixos de atuação, sendo eles: I - acesso à educação; II - atenção à saúde; III - inclusão social; e IV - acessibilidade.

Diante destas afirmações fica evidente que promover a acessibilidade é de fundamental importância para a pessoa com deficiência, pois, somente assim estará se promovendo a efetivação da cidadania com dignidade as pessoas, pois cidadania é acima de tudo mobilização, é poder agir e interagir dentro do contexto que se insere. O indivíduo é um ser para a mobilização e não para o confinamento, faz parte da natureza humana estabelecer contato com o meio que o cerca, pois todo ser social sente a necessidade de estar interagindo com os demais.

A acessibilidade como direito, esta voltada para a construção da autonomia, se não há acessibilidade, não há mobilidade, logo, a pessoa não consegue ter o mínimo de autonomia em suas ações, bem como, a emancipação social dos sujeitos também esta diretamente relacionada com as condições de acesso que este tem aos espaços sociais, ou seja, com o nível de integração social.

Boaventura de Souza Santos (2007, p. 62) ao discorrer sobre uma nova cultura política emancipatória, afirma que “necessitamos construir a emancipação a partir de uma nova relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença”. O fator diferença, não pode mais gerar exclusão de nenhuma pessoa do meio social. O ideal é que se promova uma democratização dos espaços, a partir da ampliação das condições de acesso ao meio físico, urbano, bem como das informações e do conhecimento. Somente assim, é possível se construir uma igualdade de oportunidades aos sujeitos para que possam se promover como cidadãos, emancipar-se.

Portanto, pensar na garantia de acessibilidade é garantir liberdade. Sem possibilitar acesso digno aos diferentes espaços da sociedade, acesso a informação, se limita a condição de liberdade e autonomia, pois, o sujeito fica dependente da “boa vontade” de outros para realizar suas ações. Uma sociedade acessível é a que está preparada para atender as necessidades de todos, afinal, é direito de todos utilizar os espaços e serviços que a mesma oferece independente da capacidade de cada um.

Promover uma sociedade acessível não é pensar somente nas pessoas com deficiência afinal, como afirma Ribas,

[...] não haverá sociedade humana, mesmo num tempo longínquo que esteja além de nossas percepções, na qual pessoas com deficiência não existam. É possível que o avanço da Medicina diminua a incidência de acidentes genéticos. Mas é impossível impedir que acidentes aconteçam e é realmente improvável que o ser humano deixe de armar a violência e tramar as guerras que ferem, mutilam, amputam, retalham. Por isso, pessoas com deficiência física, auditiva, visual, e mental sempre estarão presentes na convivência social. (RIBAS, 2007, p. 114).

A luta por uma sociedade acessível é dever de todos os cidadãos. A acessibilidade entra em pauta como um direito das pessoas com deficiência, mas esta causa deve ser defendida por toda a sociedade, acessibilidade beneficia a todos, portanto, a promoção e efetivação deste direito é compromisso de todos os cidadãos.

### **3 ACESSIBILIDADE: RESULTADOS DE UMA PESQUISA E CAMPO.**

Como o objetivo do estudo era conhecer como os municípios da Micro-região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul estão preparados para acessibilidade realizou-se uma pesquisa de campo nos municípios Novo Machado, Três de Maio e Tucunduva. A pesquisa foi aplicada somente em órgãos públicos destes municípios, por entender que estes tem destaque fundamental no que tange a viabilização do direito de acesso aos cidadãos, especialmente aqueles com alguma limitação e/ou deficiência.

No município de Novo Machado – RS, a pesquisa aconteceu nos seguintes locais: Brigada Militar; Instituições de Ensino Públicas; Secretaria de Educação e Postos de Saúde. Este município tem um total de 3.925 habitantes, segundo dados do IBGE<sup>7</sup> - Censo de 2010, e destes 2.847 declararam

<sup>7</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados do censo demográfico. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 15 Ago. 2012.

não ter deficiência, portanto tem-se que em torno de 1.078 dos municípios declararam ter alguma deficiência em graus variados.

No município de Três de Maio – RS foi alvo da pesquisa de campo os seguintes espaços públicos: Delegacia de Polícia Civil; Instituição de Ensino Pública; Conselho Tutelar; Biblioteca Municipal; Brigada Militar; Posto de Saúde Central; Prefeitura Municipal; Hospital; Agência Bancária e a Câmara Municipal de Vereadores. De acordo com os dados do IBGE/2010, o município possui 23.726 habitantes das quais 5.363 pessoas declararam ter algum tipo de deficiência.

No terceiro município alvo do estudo, Tucunduva – RS, a pesquisa foi aplicada em uma Agência Bancária; Instituição de Ensino Pública; Conselho Tutelar; Hospital e Ministério Público. Este município conta com um total de 5.898 habitantes, sendo que 1.173 teriam alguma deficiência.

Apresentam-se agora de forma mais objetiva os dados obtidos com a realização da pesquisa de campo. Para tanto, é válido mencionar que se aplicou a pesquisa a um total de vinte e um órgãos públicos, nos quais se procurou investigar as condições de acessibilidade que os mesmos oferecem. A pesquisa contou com um questionário com perguntas fechadas, onde os entrevistados deveriam escolher a alternativa que melhor correspondesse a realidade de determinado espaço, e perguntas abertas, onde poderiam estar expressando algumas opiniões e informações pertinentes ao assunto em pesquisa. Assim, foram feitos questionamentos sobre as condições de acesso na área da mobilidade, acesso a informação, a serviços e a educação que estes espaços oferecem.

No que se refere à área da mobilidade procurou-se conhecer se os espaços possuíam: boas condições de deslocamento e manobra para cadeirantes; pisos e calçadas com superfície regular, firme, estável e antiderrapante; rampas de acesso com inclinação adequada; barras de apoio e corrimãos; piso tátil; elevadores (com leitura em braille); sanitários adaptados e devidamente sinalizados; bebedouros acessíveis; elementos que interferem na circulação.

Sobre o acesso a informação questionou-se o seguinte: os ambientes públicos estão devidamente sinalizados; sinalização permanente - identificando os diferentes espaços do ambiente; sinalização emergência - indicando rotas de fuga e saídas de emergência dos espaços; sinalização direcional - indicando a direção de um percurso ou a distribuição espacial dos diferentes elementos de um edifício; os telefones públicos são acessíveis; as informações visuais são legíveis; placas que sinalizam logradouros públicos estão na letra indicada; existe sinalização tátil; sinalização visual e tátil em portas; existe sinalização sonora; é oferecido o trabalho do intérprete de sinais nos espaços públicos, eventos, etc.

Já sobre o acesso a serviços, procurou-se saber se possuem: balcões de atendimento com condições confortáveis para alcance manual; os equipamentos de autoatendimento são acessíveis (caixas eletrônicos); controles, botões, teclas e similares possuem dimensões e altura acessíveis (tomada, maçaneta da porta, interfone, entre outros itens).

No que se refere ao acesso à educação, questionou-se se pessoas com deficiência frequentam a escola; o município disponibiliza transportes; nas escolas existe rota acessível para os diversos espaços pedagógicos; as bibliotecas possuem publicações em Braille, ou outros recursos audiovisuais.

Os entrevistados tiveram de responder sim, se as dependências do órgão público estivessem em conformidade com as leis da acessibilidade, e não, se não estivesse de acordo. Desse modo, com base nas informações obtidas, fez-se uma análise dos dados, para poder classificar estes espaços como, plenamente ou parcialmente adaptado. Sendo assim, obteve-se que apenas duas instituições estão plenamente adaptadas: duas agências bancárias, onde os profissionais entrevistados afirmaram que a agência é fiscalizada constantemente por um órgão superior. Já ao classificar os demais espaços todos ficariam enquadrados em parcialmente adaptados se é que se pode afirmar isto, pois, em um número significativo de espaços a efetivação do direito a acessibilidade, as boas condições de acesso parecem ser propostas distantes.

Nas perguntas abertas que contemplam a pesquisa de campo questionou-se se é oferecido algum treinamento aos profissionais que atendem o público deficiente? Assim, 68% dos entrevistados afirmam que não é oferecido, e 31% declaram oferecer.

Ao gestor do espaço público, perguntou-se se ele tem conhecimento sobre a legislação e demais dispositivos que tratam dos direitos das pessoas com deficiência, bem como da acessibilidade? Dos entrevistados 68% afirmaram ter conhecimento, e 31% não conhecem a legislação.

Solicitou-se também aos entrevistados, que citassem três razões que justificam o não cumprimento real da legislação que possibilita a garantia do direito de acessibilidade arquitetônica e

de informação aos cidadãos com deficiência do seu município. Destacaram-se os seguintes argumentos: a sociedade ainda não se conscientizou a respeito do direito a acessibilidade; falta de regulamentação e fiscalização do poder público para exigir as adaptações; maior exigência nos projetos de construções para promover arquitetura que beneficie a acessibilidade; quem precisa destes recursos não “aparece”, não exige; os profissionais até têm ideias de fazer modificações, mas acaba não acontecendo; falta de verbas; falta de sensibilização para com este público; falta de recursos financeiros, bem como planejamento adequado destes recursos; não há muita demanda; falta de profissionais qualificados; ausência de recursos humanos; omissão do poder público; falta de interesse por meio dos chefes do executivo, que não buscam a efetivação dos direitos dos cidadãos com deficiência; falta de conhecimento e orientação para que as pessoas com deficiência conheçam seus direitos; questões culturais; falta de consciência; o fluxo de deficientes é mínimo.

## CONCLUSÃO

Já mencionamos aqui que a acessibilidade é um direito, é necessidade fundamental para que o cidadão conquiste sua liberdade de ir e vir, para que o mesmo possa agir e interagir no mundo em que se insere. É difícil, expor apenas com palavras uma necessidade tão real que pessoas com deficiência e/ou limitações enfrentam cotidianamente. Para quem nunca enfrentou uma dificuldade de acesso, a necessidade de efetivação deste direito pode não ser tão primordial no momento, mas, para aqueles que convivem enfrentando barreiras e obstáculos ou dependem de outras pessoas para ir a escola, ao trabalho, fazer compras, entre outras atividades básicas do ser humano, a efetivação do direito a acessibilidade é fundamental.

Garantir este direito é possibilitar melhores condições de acesso aos diferentes espaços sociais, atitude que trará benefício a toda população. Investir na acessibilidade é investir numa sociedade inclusiva, onde todos possam participar da vida social de forma independente.

Como mencionado no desenvolvimento deste estudo, atualmente conta-se com um vasto aparato legal, que garante este direito, bem como, estabelece normas que regulam a adaptação dos espaços. No entanto, ao buscar informações nos diferentes espaços que foram alvos da pesquisa de campo que contempla este estudo, foi possível identificar que os municípios ainda precisam evoluir muito no que tange a efetivação do direito a acessibilidade. Pois, poucos têm conhecimento da norma legal, e quando tem ainda não o cumprem, afirmando na maioria dos casos falta de recursos, baixa demanda da população deficiente.

Constatou-se então, que a maioria dos órgãos públicos nos quais a pesquisa foi executada não estão acessíveis a todos os cidadãos, estes espaços não estão preparados para acolher as diferenças. Mas será que o direito de acessibilidade é só para o deficiente? É preciso compreender que a facilidade de acesso é direito de todos, mas, pessoas com deficiência ou limitações tendem a serem os principais grandes beneficiados.

A sociedade não foi pensada para a pessoa com deficiência, foi pensada para o sujeito dito “normal”, portanto, hoje é preciso realizar uma readaptação dos diferentes espaços, para que se tornem espaços inclusivos, de fácil acesso a todos, pois as pessoas com deficiência tem esta adaptação dos espaços vai possibilitar melhores condições de mobilidade, logo, uma vida com liberdade, menos independência, vida com dignidade.

E para isso, é preciso exigir que se coloque em prática todo o aparato legal, os principais interessados precisam se mobilizar e reivindicar, para que se efetive o direito de acessibilidade. Os órgãos governamentais também devem fazer sua parte, incentivar a promoção da acessibilidade e fiscalizar os espaços, principalmente os órgãos públicos.

A população também tem sua parcela de contribuição, deve reivindicar este direito, é preciso uma maior mobilização por parte dos interessados para que se efetive de fato a acessibilidade. O que se percebe é que a própria sociedade reclama, mas, não cobra pelas vias corretas, a população também deve fiscalizar os diferentes espaços, e saber os meios corretos de exigir melhores condições de acesso. Deste modo, mais uma vez se afirma que a efetivação do direito a acessibilidade é compromisso de todos, vem beneficiar a toda população seja ela deficiente, com limitações ou não.

## REFERÊNCIAS

- [1] ABNT NBR 9050, Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT: 2004.
- [2] BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.
- [3] \_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.612, de 17 de Novembro**, 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite.
- [4] \_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.949, de 25 de Agosto**, 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.
- [5] \_\_\_\_\_. **Decreto nº 914, de 6 de Setembro de 1993**. Institui a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e dá outras providências.
- [6] \_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.296, de 2 de Dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- [7] HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- [8] VIVARTA, Veet (Coord.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.
- [9] ONU. Resolução nº 3.447, de 09 de dezembro de 1975. **Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes**. Versa sobre os direitos das pessoas com qualquer tipo de deficiência, 1975.
- [10] DEL PRIORE, Mary. **Multiculturalismo: ou de como viver junto?** Disponível em: <<http://jornaldedebates.uol.com.br/debate/como-viver-junto/artigo/multiculturalismo-como-viver-junto/3117>>. Acesso em: 5 Out. 2011.
- [11] RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiência: as relações que travamos com o mundo**. São Paulo: Cortez, 2007.
- [12] SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- [13] SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

## **CAPÍTULO IV**

### **DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL: DIREITO E POLÍTICAS PÚBLICAS.**

# **ANÁLISIS DEL IVA RÉGIMEN TURÍSTICO DE LOS COMERCIOS DEL CIRCUITO COMERCIAL DE ENCARNACIÓN**

Eduardo Ramón Benitez Villalba <sup>1</sup>

## **RESUMEN**

La administración tributaria es un componente básico en la aplicación de cualquier sistema fiscal, asegura el cumplimiento universal de la Ley, de igual forma para todos los grupos de contribuyentes garantizando la correcta valoración de los impuestos o liquidaciones junto a la ausencia de la corrupción de los gestores tributarios. Encarnación se ha convertido en uno de los polos de mayor desarrollo económico del Paraguay, por lo que se considera muy importante y oportuno analizar esta situación y al mismo tiempo el cumplimiento de las leyes establecidas que sirven de base para crear una conciencia tributaria efectiva de todos. La investigación se basa en el análisis del IVA régimen turístico de los comercios del circuito comercial la ciudad de Encarnación considerando el gran incremento de comercios y la gran afluencia de ciudadanos extranjeros, que se trasladan para realizar sus respectivas compras. La falta de cultura tributaria se puede evidenciar perfectamente, ya los contribuyentes tienen conocimiento amplio en cuanto a obligaciones tributarias, pero no llegan al cumplimiento fiel de las mismas, no solo del IVA Régimen Turístico, sino en cuanto a sistema impositivo en general.

Palabras Claves: IVA – Impuestos – Régimen Turístico.

## **INTRODUCCIÓN**

Los impuestos son tributos que se establecen y se pide según sea la capacidad financiera de aquellos que no están exentos de abonarlo. Se habla de impuesto directo cuando se evalúa la situación económica, como sucede con el patrimonio o las rentas, y de impuesto indirecto cuando lo que se grava y se condiciona es el consumo o los gastos efectuados en un determinado periodo.

En la actualidad han existido diversos tipos de cambios que obedecen a diferentes factores tanto económicas, políticas como sociales que inciden en el incremento de la economía paraguaya, hoy nos basamos en el nuevo régimen tributario Ley N°125/94 y el de Reordenamiento Administrativo y Fiscal, Ley N° 2421/04, los decretos 2545/2004 y 10.624/2000 que nos ayudará a dilucidar dudas existentes.

Además de establecer un análisis del decreto 6406 del Ministerio de Hacienda por el cual se establece un régimen específico de liquidación dentro del país establecido en el Art. 88 de Ley 125/94, por el cual se entenderá por “Distribuidores Registrados” en la Dirección Nacional de Aduanas, desde noviembre del 2005

La administración tributaria es un componente básico en la aplicación de cualquier sistema fiscal, asegura el cumplimiento universal de la Ley, de igual forma para todos los grupos de contribuyentes garantizando la correcta valoración de los impuestos o liquidaciones junto a la ausencia de la corrupción de los gestores tributarios.

La capacidad contributiva supone que quienes más poseen, mayores impuestos deben abonar. Sin embargo, esto no siempre se cumple, ya que muchas veces se priorizan otras causas: el incremento de la recaudación, la disuasión de compra de un cierto producto, el fomento de determinadas actividades económicas, etc.

En los últimos tiempos Encarnación se ha convertido en uno de los polos de mayor desarrollo económico de nuestro País, consideramos muy importante y oportuno este un medio para analizar esta situación y al mismo tiempo el cumplimiento de las leyes establecidas que sirve de base para crear una conciencia tributaria efectiva de todos.

---

<sup>1</sup> Licenciado en Ciencias Contables, Promoción 2012, Facultad de Ciencias Empresariales, Universidad Autónoma de Encarnación (UNAE). Encarnación, Paraguay.

La investigación se basa en el análisis del IVA régimen turístico de los comercios del circuito comercial la ciudad de Encarnación considerando el gran incremento de comercios y la gran afluencia de ciudadanos extranjeros, que se trasladan para realizar sus respectivas compras. Es importante conocer cuál es el manejo y las condiciones en las que estos operan en cuanto a reglamentaciones y cumplimiento de las mismas.

Por ello el objetivo general es analizar el cumplimiento del IVA Régimen Turístico de los comercios del Circuito Comercial de la ciudad de Encarnación.

## 1 APLICACIÓN DEL RÉGIMEN TURÍSTICO

La primera ampliación del Régimen de Turismo, luego del derrumbe del régimen autoritario y estando en plena marcha el proceso de “transición a la democracia”, se produce con la emisión del Decreto Ley N° 20/89 “Por el cual se unifican los tributos que gravan las operaciones de importación”. En este documento se recuerda que las importaciones están sujetas a tributos aduaneros y tributos internos. Los primeros, se señala, estarán regidos por la Ley N° 1.095/84 de Arancel de Aduanas. En diciembre de 1988 por Decreto N° 1.663/88 se había adoptado el Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías, reestructurando el régimen arancelario (SET, 2008).

El Decreto-Ley N° 20/89 también señala que las importaciones de whisky y cigarrillos seguirán tributando en base a un régimen especial (Art. 7°). Sin embargo, lo más importante de este documento se encuentra en su artículo 8° que, a nuestro juicio, perfora el ordenamiento legal de la República, creando antecedentes que – como se verá más adelante – tendrán consecuencias perdurables. El artículo 8° dice:

Facultase al Poder Ejecutivo para establecer tributos únicos en disminución, sustitutivos del impuesto a las ventas y de los establecidos en el Art. 2° de este Decreto-Ley, para la importación de mercaderías al amparo de regímenes especiales”. Se emite el Decreto N° 1.383/89, con fecha 8 de mayo de 1989. Este decreto es importante por las siguientes razones:

- a) Disminuye el tributo único del Régimen de Turismo del 8% al 7%;
- b) Sustituye los gravámenes basados en el artículo 8° del Decreto N° 20/89
- c) Establece una excepción para “los originarios y procedentes de países limítrofes, destinados a la comercialización dentro del territorio nacional a través del turismo” (primer párrafo del Art. 1° sic). Estos corroboran, por primera vez en un documento público, que ciertos artículos incluidos en el “Régimen Especial Fronterizo”, de hecho tenían el mismo tratamiento que los 10 productos originales del primer Régimen de Turismo.
- d) Altera el ordenamiento legal del país cuando se faculta al Ministerio de Hacienda, por simple Resolución a determinar las listas de productos que podrán integrarse al Régimen de Turismo, tal como se aprecia en el Art. 6°: “Facultase al Ministerio de Hacienda a establecer por Resolución la lista de mercaderías que podrán introducirse al país al amparo del presente régimen. La ampliación o exclusión de productos de la citada lista también deberá formularse por Resolución del Ministerio de Hacienda. (SET, 2008).

En función a lo señalado ese mismo día 8 de mayo de 1989, Hacienda emite la Resolución N° 124/89 “Por la cual se establece la lista de mercaderías que podrán importarse al amparo del Decreto N° 1.383/89 del 8 de mayo de 1989”, que constituye el primer listado bajo el Régimen de Turismo que integra los 10 productos originales del año 1979, con otros que anteriormente integraban otros regímenes aduaneros.

### 1.1 IVA RÉGIMEN TURÍSTICO

El término IVA, impuesto al valor agregado, es un impuesto que grava los actos como la enajenación de bienes, la prestación de servicios excluidos los de carácter personal que presten en relación de dependencia y la importación de bienes (PETTIT, 2008).

El IVA es un impuesto indirecto sobre el consumo, es decir financiado por el consumidor final. Un impuesto indirecto es el impuesto que no es percibido por el fisco directamente del tributario. El impuesto es percibido por el vendedor en el momento de toda transacción comercial (transferencia de bienes o prestación de servicios). Los vendedores intermediarios tienen el derecho a reembolsarse la discriminación deducida del impuesto que han pagado a otros vendedores que los preceden en la cadena de comercialización (crédito fiscal), deduciéndolo del monto de impuesto cobrado a sus clientes (débito fiscal), debiendo abonar el saldo al fisco. Los consumidores finales tienen la obligación de pagar el valor agregado sin derecho a reembolso, lo que es controlado por el fisco obligando a la empresa a entregar justificantes de venta al consumidor final e integrar copias de éstas a la contabilidad de la empresa.

Existen diversos regímenes en cuanto al cumplimiento de la obligación tributaria. El IVA Régimen Turístico que es un régimen específico de liquidación de tributo interno que gravan la importación de bienes destinadas a la comercialización en nuestro país en exclusividad a las personas físicas que no se encuentren domiciliadas en el país (CCP, 2008).

El régimen podrá ser también aplicado para los contribuyentes que sean personas jurídicas y/o empresas individuales de responsabilidad limitada que se dediquen a la comercialización de bienes.

Para realizar toda comercialización que contempla este régimen, necesariamente todos aquellos contribuyentes sean persona jurídica y/o empresa individual debe registrarse como “Distribuidores Registrados” especialmente en la Dirección Nacional de Aduanas, en cuyos establecimientos podrán ser destinados los bienes para su posterior venta a las personas físicas.

Por tanto la Dirección Nacional de Aduanas otorgará un certificado en el cual conste su inscripción, la cual debe estar expuesta en un lugar visible en el local principal comercial.

La vigencia de dicho Registro Especial es por un plazo de hasta un año y renovable con la presentación de documentaciones exigidas por las instituciones pertinentes.

La institución encargada de reglamentar y regular su tratamiento contable del sistema del inventario existente en las empresas sujetas a este tipo de régimen.

Por tanto la presentación de informes adicionales de los contribuyentes de este régimen deberá realizarse en las siguientes reparticiones dependientes de la Subsecretaría de Estado de Tributación; esto dependiendo el contribuyente sean Grandes Contribuyentes: en la Dirección de Grandes Contribuyentes, departamento de Control de Obligaciones Tributarias según corresponda; Medianos Contribuyentes: en la Dirección General de Recaudación, Departamento de Medianos Contribuyentes y, Demás Contribuyentes: en la Dirección de Apoyo de Asunción o en la oficina Regional dependiente de la dirección General de Recaudación.

Los mencionados más arriba contribuyentes que se encuentren inscritos en el Registro especial y que en cuyo caso posean en existencia bienes detallados, las cuales deberán inventariarlos y presentar dicho inventario, con carácter de declaración jurada en las oficinas de Registro de las diferentes Administraciones Aduaneras, dentro de los 30 días corridos desde el monto de su inscripción, este documento deberá ser presentada en soporte magnético, en formato plano (tipo texto) separados por “;” (coma) anexando una copia impresa de la misma.

El inventario del contribuyente debe realizarse en forma detallada por rubros en base a las partidas arancelarias en la cual se consigan los números y fechas de despacho y cantidad de bienes en existencia al 31 de octubre, cuya incorporación en ningún caso podrá ser.

Una vez que hayan vencido los plazos, la Subsecretaría de Estado de Tributación no recepcionará ninguna presentación del mencionado inventario, por tanto se realizará de acuerdo con el Régimen General (SET, 2008).

## 1.2 DE LA ADMINISTRACIÓN TRIBUTARIA

### 1.2.1 A Deberes de la Administración

Tantos las declaraciones, los documentos, las informaciones, o denuncias que la administración reciba y obtenga, tendrán carácter reservado y solo podrán ser utilizados para los fines propios de la Administración.



Los funcionarios de ésta no podrán, bajo pena de destitución y sin perjuicio de su responsabilidad personal, civil y penal, divulgar a terceros en forma alguna, datos contenidos en aquellas, atendiendo que los mismos deben ser reservados con la mayor cautela posible, y de uso exclusivo de la Administración.

Las informaciones comprometidas, solo podrán ser proporcionadas a los órganos jurisdiccionales que conocen los procedimientos sobre tributos y su cobro, infracciones fiscales, débitos comunes, pensiones alimenticias y causas de familia o matrimoniales, cuando entendieran que resulta imprescindible para el cumplimiento de sus fines y lo soliciten por resolución fundada. Sobre la información así proporcionada regirá el mismo secreto y sanciones establecidas en el párrafo segundo.

Los interesados o sus representantes, mandatarios y sus abogados tendrán acceso desde el inicio a las actuaciones de la Administración Tributaria que ellos conciernen, y podrán consultar o examinar los expedientes respectivos y solicitar a su costa copias o fotocopias auténticas, debiendo acreditar al efecto su calidad e identidad.

### **1.2.2 Deberes del Contribuyente**

Los contribuyentes y responsables, aun los expresamente exentos están obligados a facilitar las tareas de determinación, fiscalización y control que realice la Administración y en especial deberán hacerlo cuando lo requiera las leyes, los reglamentos o las disposiciones de carácter general dictadas por la administración Tributaria. Asimismo, deberán llevar los libros, archivos y registros y emitir los documentos y comprobantes, referentes a las actividades y operaciones en la forma y condiciones que establecen dichas disposiciones. Inscribirse en los registros pertinentes, a los que aportan los datos necesarios y comunican oportunamente sus modificaciones; y, presentar las declaraciones que correspondan (RUOTI, 2010).

## **1.3 REGISTRO Y DOCUMENTACIÓN**

Todas las operaciones gravadas por el presente impuesto, deberán estar respaldadas por sus respectivos comprobantes y solamente de la fe que estos merecieran, resultara su valor probatorio de aquellas.

Los documentos que intervienen en las operaciones comprometidas en el impuesto tienen obligación de expedir y de exigir, respectivamente, el comprobante de la venta y toda otra documentación que se menciona en la ley y su reglamentación, con los requisitos allí establecidos. Esta documentación, así como los comprobantes de contabilidad, las planillas y las cintas duplicadas de las máquinas registradoras, se deberán mantener debidamente ordenadas y conservarse a los fines de su fiscalización por el término de la prescripción.

Cuando se otorguen descuentos o bonificaciones, los mismos deberán quedar reflejados en el comprobante de venta correspondiente. Dichas operaciones deberán estar debidamente registradas. Para poder ajustar el impuesto generado en la operación principal, será necesario que el impuesto se identifique y discrimine en cada uno de los actos mencionados; caso contrario, se deberá calcular su incidencia efectiva.

En los casos en que el precio neto figure en el Comprobante de venta y el impuesto correspondiente sea modificado como secuencia de errores, ajustes posteriores de precio o por cualquier otra causa, los mismos se deberán ajustar a través de un documento complementario, en el cual se debe hacer expresa referencia al documento de venta principal.

En el caso que el ajuste consista en una disminución del precio neto, el Contribuyente no podrá computar en su liquidación un importe menor al originalmente facturado, hasta tanto no se haya emitido la Nota de Crédito correspondiente, la cual será incluida a la liquidación del mes a que corresponda la fecha de emisión de este último documento. La utilización del crédito Fiscal por parte adquirente tampoco podrá ser modificada en mas o en menos, hasta tanto no se posea el documento emitido por el vendedor con el ajuste correspondiente y las formalidades expresadas.

El Débito Fiscal y el Crédito Fiscal del enajenante y del adquirente, cuando ambos son contribuyentes, deberán reflejar el ajuste realizado, en la liquidación que presente por el mismo mes.

En el caso de devoluciones, se deberá extender la nota de crédito correspondiente en la cual se hará expresa referencia al comprobante de la Venta principal. Los bienes devueltos deberán quedar claramente identificados, así como su cantidad y valor.

### **1.3.1 Registro Contable**

Los contribuyentes que deban llevar registros contables y todos aquellos que realizan operaciones gravadas por el impuesto al valor Agregado, deberán llevar libros de ventas y de compras en los que se anotarán las transacciones realizadas. La administración Tributaria podrá exigir otros registros especiales que permitan controlar el movimiento de las operaciones gravadas, discriminando las Tasas aplicadas, de las exentas y de las exportaciones.

También deberán llevar en sus registros contables, una cuenta especialmente identificada que se denominara “Impuesto al Valor Agregado”, en la que se acreditará el impuesto generado en cada operación gravada y se debitará el monto del impuesto incluido en facturas de compra de bienes y servicios. En la misma cuenta, también se reflejarán los restantes actos que la afecten, tales como los descuentos y bonificaciones realizados. Esta cuenta no integrará los rubros de pérdidas ni de ganancias del estado de resultados del impuesto de las actividades comerciales.

Los contribuyentes deberán discriminar en sus registros contables de caja, ventas, compras y diario, las operaciones gravadas, las exoneradas y las de importaciones, así como las que eventualmente se realicen fuera del ámbito jurisdiccional del impuesto. El impuesto al valor agregado correspondiente a las operaciones gravadas deberá estar registrado en forma separada, discriminando las tasas aplicadas, en la cuenta que llevará su misma denominación.

### **1.3.2 Liquidación**

Los contribuyentes liquidarán el IVA de acuerdo con el régimen general. El que realizó la enajenación incluirá IVA facturado como debito fiscal en la declaración jurada mensual correspondiente, en tanto que, el que adquiere utilizará el Impuesto abonado en la etapa anterior (recinto aduanero) como pago previo del impuesto al valor agregado, que corresponda tributar en la Dirección Nacional de Aduanas al momento de la nacionalización de los bienes.

Para aquellos contribuyentes adquirientes, constituirá Crédito Fiscal utilizable en la declaración jurada mensual del IVA, el monto impuesto en el recinto aduanero así como la diferencia ingresada al momento de la importación de los bienes. La Liquidación del impuesto se reglamenta en función al Decreto N° 6806/05.

Los contribuyentes deberán necesariamente presentar una Declaración Jurada por cada mes calendario en los formularios autorizados y habilitados por la Administración en cuyos documentos liquidarán el impuesto.

## **1.4 OPERACIÓN EN LAS ZONAS FRANCAS**

Las operaciones comerciales realizadas por los usuarios de las zonas francas habilitadas en el territorio nacional, serán consideradas como operaciones provenientes del exterior y para cuya nacionalización de bienes serán aplicado lo establecido en la presente Resolución (Decreto N° 6406, Ministerio de Hacienda )

Los contribuyentes inscriptos en el Registro Especial de la Dirección Nacional de Aduanas, podrán realizar enajenaciones en el recinto aduanero.

En el caso de que el contribuyente no inscripto realizare enajenación a contribuyentes, el impuesto correspondiente será liquidado de acuerdo al Régimen General y conforme a lo establecido en la resolución N° 376/05 de la Subsecretaria de Estado de Tributación (Resolución N° 1021 del Ministerio de Hacienda)

Cuando hablamos de enajenación de bienes entre contribuyentes se habla de no incluir el IVA, y solo se da el caso para aquellos importadores y distribuidores registrados, en caso contrario se registrá por el sistema general de liquidación.

Todas las ventas realizadas serán documentadas a través de los comprobantes habilitados por la administración Tributaria con sus respectivos requisitos que contengan nombre del comprador, número de Registro Especial habilitado en la Dirección Nacional de Aduanas, teléfono y país de residencia del comprador.

Es por ello que la Administración Tributaria podrá exigir la utilización del código de barras u otros mecanismos en los diferentes tipos de comprobantes de ventas, a los efectos de facilitar los informes de movimientos de inventarios que serán requeridos por la SET.

El contribuyente registrado, deberá expedir el comprobante de venta local o de exportación por enajenación realizada según solicitud del adquirente del exterior, que además debe contener número de registro especial del contribuyente en la Dirección Nacional de Aduanas (DNA), nombre del comprador, número de documento del comprador y condición de pago.

El contribuyente registrado, deberá expedir el comprobante de venta por la cada enajenación realizada a las personas domiciliadas o con residencias en el país, los cuales estarán gravados por el IVA conforme al régimen general.

## 1.5 DEVOLUCIÓN DEL IVA A TURISTAS EXTRANJEROS

En las particularidades del régimen de reintegro del impuesto al valor agregado (IVA) a turistas extranjeros: las condiciones, la retribución a la empresa adjudicataria, los comerciantes adheridos y la devolución propiamente dicha del impuesto a los turistas, abordando por último las limitaciones y extensiones del alcance dispuestas recientemente por la ley 25406.

El artículo 43 de la ley de IVA expresa, que las compras efectuadas por turistas del extranjero, de bienes gravados producidos en el país que aquellos trasladen al exterior, darán lugar al reintegro del impuesto facturado por el vendedor, de acuerdo con la reglamentación que al respecto dicte el Poder Ejecutivo Nacional.

Se trata, entonces, de la estructuración de un régimen de devolución a los turistas extranjeros del IVA contenido en las facturas correspondientes a sus adquisiciones en el país de bienes elaborados en el mismo.

Este régimen se encontraba reglamentado anteriormente por el decreto 294/92 y la resolución general DGI 495, que implementaron un mecanismo ya vigente en muchos otros países, en particular europeos.

La reglamentación citada implicaba que el vendedor de los bienes colocara unas estampillas, recibidas del Fisco, en las facturas que emitía por las operaciones realizadas con los turistas, y éstos previa intervención en el punto de salida del país del personal fiscalizador de la DGI y de la Aduana podían obtener el reintegro a través del Banco de la Nación Argentina.

Más recientemente, la reglamentación del precitado régimen fue sustituida por otra que apunta al mismo objetivo, que es el de neutralizar los efectos del IVA respecto de las compras que los turistas extranjeros hagan en nuestro país.

Este régimen implica la intervención de una empresa privada, seleccionada por la Administración Federal de Ingresos Públicos, que se encarga de las gestiones y efectivización del reintegro del IVA a los turistas extranjeros, con cargo a los comerciantes vendedores de los bienes en cuestión.

### 1.5.1 Condiciones del Régimen de Reintegro

El régimen de reintegro del IVA a turistas extranjeros funciona, según la citada reglamentación actualmente vigente, con arreglo a las siguientes condiciones:

- Los comercios que decidan participar de esta operatoria deben adherir al sistema, en forma expresa.
- El reintegro se materializa, mediante la entrega al turista extranjero, de un "cheque de reintegro". La entrega se produce en el momento de la compra, y su importe será la diferencia entre el IVA contenido en la factura y la comisión atribuible a la empresa adjudicataria por la prestación del servicio de reintegro.
- Los bienes alcanzados por la franquicia deben ser objeto de control por parte de la Aduana, al momento de producirse su egreso del país.

- La empresa adjudicataria ofrece al turista la opción de:
  - a) recibir el importe en efectivo del "cheque de reintegro" en el momento de salir del país,
  - b) recibir el giro de los fondos en su domicilio en el exterior, o
  - c) recibir la acreditación de los fondos en su tarjeta de crédito.
- El vendedor de los bienes reembolsa a la empresa adjudicataria el importe del IVA.
- El IVA reembolsado a la empresa adjudicataria es computable por el vendedor (emisor de la factura) como crédito fiscal en el período en el que se haya efectuado dicho reembolso.

### **1.5.2 Retribución de la Empresa Adjudicataria**

La empresa adjudicataria recibe una comisión porcentual, calculada sobre el monto del reintegro, por la prestación del servicio, la que debe ser inversamente proporcional al importe total facturado, de manera tal que para los reintegros de pequeño monto, el porcentaje de comisión será mayor, y para los importes altos de reintegro, la comisión será calculada mediante porcentajes más reducidos. Esta comisión, como se desprende de lo establecido para el "cheque de reintegro" a entregar al turista, está a cargo de éstos. Además de esta comisión, la empresa adjudicataria percibe de los comerciantes adheridos al régimen una cuota anual de incorporación que no puede ser mayor de \$ 100.

### **1.5.3 Comerciantes adheridos**

Los comerciantes interesados en adherir a este régimen deben ser responsables inscriptos en el IVA. Como queda dicho, para adherir deben pagar a la empresa adjudicataria una cuota anual de inscripción, que no puede ser superior a \$ 100.

Reciben de la mencionada empresa una chequera, con "cheques de reintegro", que deberán emitir por duplicado en el momento de efectuar una venta comprendida en el régimen.

Entonces, cuando efectúen una venta superior al importe mínimo establecido para que la operación quede comprendida en el régimen de reintegro, a un turista del exterior, confeccionarán una factura tipo "B", en la que identificarán al turista e indicarán además el número del "cheque de reintegro" librado y el importe del IVA contenido en la factura.

Esta factura, a ser emitida para el turista extranjero, debe ser efectuada en forma manual, quedando exceptuado el comerciante-emisor del uso del "controlador fiscal" para este único efecto.

También deben emitir un "cheque de reintegro" por el importe del IVA facturado menos la comisión de la empresa adjudicataria, y entregárselo al turista extranjero.

El importe mínimo de la factura, para que la operación quede comprendida en este régimen de reintegro, era originalmente de \$ 200, pero fue reducida por el decreto 80/01 a \$ 70.

El original de la factura, y el del "cheque de reintegro" deben ser entregados al turista, conservando el emisor los duplicados de ambos documentos para su control y registración contable e impositiva.

El comerciante debe identificar al turista extranjero y constatar su condición de tal mediante la tarjeta o el comprobante que entrega la Dirección Nacional de Migraciones, y el pasaporte o documento de identidad.

En la factura que emitan al turista extranjero deben consignar: La leyenda "Bienes gravados producidos en el país" en el espacio destinado a la descripción del bien vendido; Número de pasaporte o documento de identidad del turista; Apellido y nombres del turista; Su domicilio en el país de residencia; Número del "cheque de reintegro" entregado al turista; Nota al pie indicando el monto del IVA contenido en la factura.

### **1.5.4 Liquidación del IVA. Devolución a turistas**

Luego, recibirán una liquidación de la empresa adjudicataria por el importe total del IVA correspondiente a las compras efectuadas por turistas extranjeros, debiendo reembolsar dicho importe a la empresa.

Esta liquidación debe ser emitida con los requisitos formales pertinentes, contemplados en la resolución general (DGI) 3419, de facturación y registración de operaciones, y en la resolución general (AFIP) 100, referida a la intervención de las imprentas homologadas en la confección de las facturas.

El reembolso del monto de la liquidación a la empresa adjudicataria, por parte del comerciante, debe ser efectuado mediante cheque nominativo, cruzado, no a la orden, o cheque de pago diferido con iguales características, o acreditación en la cuenta de la citada empresa. En el caso de cheques, en el anverso de los mismos debe consignarse la leyenda "para acreditar en cuenta".

El pago del reembolso indicado será computado por el comerciante como crédito fiscal en su liquidación de IVA correspondiente al período en que lo efectuó.

## 1.6 TURISTA EXTRANJERO

El turista extranjero debe identificarse ante el comercio (siempre que se trate de un comercio adherido al régimen) mediante la documentación entregada por la Dirección de Migraciones, o su pasaporte o documento de identidad, y recibirá el original de la factura "B" y el original del "cheque de reintegro", cuando efectúe adquisiciones de bienes por un valor superior a \$ 70.

En oportunidad del egreso del país, previa verificación por parte de la aduana de que coinciden los datos de la factura, el cheque de reintegro y los bienes físicos, el turista puede optar por depositar en buzones habilitados a tal fin la documentación aludida a fin de recibir el reintegro en su domicilio en el país de residencia, o bien presentarlos en los puestos de reintegro, recibiendo el mismo en efectivo o mediante la acreditación en su tarjeta de crédito.

Cabe reiterar que el cheque de reintegro es emitido por el monto del IVA, contenido en la factura, neto de la comisión que percibe la empresa adjudicataria del servicio de reintegro.

## 1.7 VIGENCIA

La vigencia de esta nueva modalidad de devolución del IVA ha sido establecida desde el 1/1/2001. No obstante, al estar pendiente la implementación de los numerosos detalles referidos a su funcionamiento, resulta dudosa la posibilidad de que se obtenga reintegro por los servicios comprendidos en el régimen, prestados desde el 1/1/2001 hasta la fecha en que se ponga realmente en marcha el sistema.

De acuerdo con lo dispuesto por el artículo 2° de la ley 25406, a partir del 1/1/2003, el Poder Ejecutivo deberá extender a todo el país el régimen de reintegro del IVA a turistas del extranjero, por los servicios de alojamiento y desayuno, a que se refiere el séptimo párrafo del artículo 43 de la ley del mencionado impuesto, que por ahora está geográficamente restringido a los centros turísticos localizados en las Provincias expresamente enunciadas.

El régimen de turismo para importaciones tiene como objetivo fundamental, la regularización de las actividades comerciales de Ciudad del Este. El sistema fue ideado en forma conjunta por la Subsecretaría de Estado de Tributación y la Dirección Nacional de Aduanas. La fórmula consiste en un replanteamiento del denominado régimen de turismo.

El referido sistema permite, hasta hoy, la posibilidad de que los importadores puedan introducir productos al país bajo la utilización de un régimen de liquidación especial: un IVA efectivo del 1,5% y un impuesto a la renta efectivo del 3% sobre el valor del producto como pagos únicos y definitivos en las administraciones aduaneras, además de los aranceles aduaneros que tienen cada uno de ellos, según el acuerdo del Mercosur.

Bajo el nuevo esquema diseñado por Hacienda, los importadores que deseen utilizar el renovado régimen de turismo primero tendrán que inscribirse en un registro especial habilitado por Aduanas, estarán obligados a mostrar sus comprobantes reales de compras en el extranjero y tendrán que justificar los giros de dinero que realizan para pagar por sus mercaderías.

El cumplimiento de esos requisitos les permitirá ingresar sus cargamentos al país mediante el pago de los siguientes tributos: un IVA efectivo del 1,5%, como pago único y definitivo en Aduanas; un anticipo del impuesto a la renta empresarial del 0,6% (lo que significa que al cierre del ejercicio deben liquidar el tributo bajo el régimen general, este año, con una tasa del 20% sobre sus utilidades, y el año venidero, con una tasa del 10% sobre sus utilidades).

Este grupo también deberá abonar el arancel aduanero del Mercosur, pero con una diferencia: los importadores de electrónica y telecomunicaciones tendrán una reducción de este tributo del 2% al 0%, por lo menos hasta finales de año, tal como lo permite el acuerdo regional (se estima que estos dos sectores representan casi el 70% del negocio de la triangulación comercial).

El régimen de bajos tributos solo beneficiará en los casos de ventas a personas físicas no domiciliadas en el país (esta disposición plantea cuestionamientos). Las personas que viven en el Paraguay, sean nacionales o extranjeras, comprarán estos productos con la adición de un IVA del 10%.

Además de artículos electrónicos y telecomunicaciones, el régimen de turismo incluye: perfumes, chocolates, sidras, champañas, vajillas, herramientas, máquinas de coser, juguetes, artículos para fiestas de navidad, encendedores, entre otros.

## 1.8 NUEVO REGIMEN DE TURISMO PARA IMPORTACION

El siguiente es un comparativo entre el REGIMEN DE TURISMO ANTERIOR y el actual:

a) Régimen de Turismo anterior: IVA 1,5% (pago único y definitivo); Impuesto a la renta 3% (pago único y definitivo); Arancel aduanero: varía de acuerdo al tipo de producto; Arancel aduanero: electrónica y telecomunicaciones: 2%

b) Nuevo Régimen de Turismo

IVA: 1,5% (pago único y definitivo)

Impuesto a la renta: 0,6% (en concepto de anticipo, luego al cierre del ejercicio debe declarar el impuesto como cualquier otro contribuyente de este tributo sobre sus ganancias).

Arancel aduanero: varía de acuerdo al tipo de producto

Arancel aduanero: electrónica y telecomunicaciones: 0%

Además: los que quieran aprovechar este sistema deben inscribirse en un registro de la Aduana, deben presentar los comprobantes reales de sus compras y deben justificar los giros de fondos al exterior para el pago por mercaderías.

## 2 MATERIALES Y MÉTODOS

Para realizar este trabajo de investigación sobre la cuestión de analizar el IVA Régimen Turístico del Circuito Comercial de la ciudad de Encarnación se ha optado por la investigación **descriptiva** ya que gracias a ella se podrán conocer la existencia de los comercios que operan en función, aplicación y que cuentan con este régimen, quiénes se dedican de manera correcta y legal cumpliendo con todas las normativas exigidas por el Sistema Tributario aspecto importante que necesariamente deben conocer los contribuyentes.

El objetivo principal de esta investigación es **proporcionar a los usuarios información para interpretar adecuadamente la realidad económica** revelada a fin de tomar decisiones oportunas en términos tributarios y evitar incurrir en falta con la Administración Tributaria para el mejor cumplimiento de sus fines en función a los recursos sobre los cuales opera.

El universo de estudio para esta investigación es la zona comercial de la ciudad de Encarnación, denominada Circuito Comercial, ubicada en las cercanías del Puente Internacional que une Encarnación con Posadas, Argentina, considerando la situación geográfica en la que se encuentra, pues es una zona fronteriza muy próspera, donde concurren gran cantidad de turistas que a diario realizan sus operaciones de compra venta de bienes y servicios.

Encarnación es una comunidad con elevado nivel de crecimiento económico, según afirmaciones del responsable de la Administración Tributaria de Itapúa en cuanto a incremento de locales comerciales, este trabajo utiliza como población a los comercios que operan en el circuito comercial. Por su amplitud se ha utilizado una selección muestral de 50 locales comerciales, 50 propietarios, 30 funcionarios de los comercios y 30 clientes extranjeros.

Los instrumentos de recolección de datos fueron la **revisión documental**, ya que se utilizó como fuentes secundarias como libros, leyes, decretos, reglamentos y resoluciones relacionados con las diversas disposiciones impositivas del Sistema Tributario, como bien es sabido existen diferentes

fuentes dependiendo de diversos autores gracias a las cuales se han podido determinar con mayor precisión la revisión bibliográfica.

Se utilizó asimismo la técnica de la **encuesta**. Se aplicó cuestionarios con preguntas cerradas con el fin de obtener datos de las empresas en relación a las documentaciones legales vigentes con la cuales operan. De tal manera a determinar el grado de conocimiento y cumplimiento en términos del régimen analizado en este trabajo.

### 3 RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Los resultados de las encuestas aplicadas a comerciantes, empleados de comercios y clientes extranjeros del circuito comercial de Encarnación, se presentan los resultados más resaltantes.

El 88% de las personas encuestadas tiene conocimiento sobre la existencia del IVA Régimen Turístico; el 62% han respondido que implementan el IVA Régimen Turístico, frente a un 38% que no lo hace.

El 100% de los comerciantes encuestados respondieron que cuentan con clientes turistas en su local comercial; sin embargo, el 76% afirmó que sus comercios no se hallan inscriptos en la Dirección Nacional de Aduanas, el 18% si cuentan con el registro de su comercio, mientras el 6% no lo saben.

El 43% de los encuestados respondieron que cuentan con clientes extranjeros denominados mayoristas, el 36% con clientes minoristas, mientras que el 21% cuentan con clientes ocasionales. La clientela por lo general opta comprar en grandes cantidades, por lo que se puede deducir que los mayoristas encuentran mejores ventajas en el Circuito Comercial de Encarnación.

Interrogados sobre la manera en que realizan su registro contable en cuanto al cumplimiento del IVA Régimen Turístico, el 55% de los encuestados respondieron que emiten factura legal a los clientes, el 23 % emiten factura legal exenta, el 14% solo emiten boleta de venta, mientras que un 8% no emite ningún comprobante. Se puede evidenciar que una gran mayoría de los comercios no cumplen con sus obligaciones y por ende están cometiendo delitos tributarios según están estipulados en las leyes correspondientes. Los turistas al volver a su país de origen, deben justificar lo desembolsado por cada bien que desean ingresar a su país, por lo tanto es muy importante que los comercios en nuestro territorio estén al día con sus obligaciones tributarias, y así facilitar el comercio legalmente

El 61% de los encuestados cuenta con un excelente asesoramiento profesional contable, el 15% con muy buen asesoramiento, el 12% con buen asesoramiento, y otro 12%, cuenta con mal asesoramiento. En cuanto al interés de contratar un profesional competente la gran mayoría están conforme con sus contadores; sin embargo, aquellos que desean contar con un buen asesoramiento es por el simple hecho del mal desempeño de sus profesionales y la poca comunicación existente entre comerciante-contador. Es por ello importante para los egresados contables conocer sobre la existencia de contribuyentes descontentos, convirtiéndose este un campo fértil para la profesión.

### CONCLUSIÓN

Proporcionar a la población los servicios básicos que esta necesita requiere de recursos que provienen del Estado para que pueda cumplir con su obligación constitucional de velar por el bien principalmente de los tributos pagados por los contribuyentes.

El pago de los impuestos puede llevarse a cabo utilizando la coerción o apelando a la razón. La fuerza se manifiesta en las leyes y en su cumplimiento obligatorio, mientras que la razón sólo puede estar dada por una Cultura Tributaria con bases sólidas. Esta comprensión se alimenta de información oportuna y de formación adecuada, las cuales deben conducir hacia la aceptación, derivada de la concienciación. Ésta es indispensable para lograr una recaudación firme y sostenible en el mediano y largo plazos, de manera que también sea posible cumplir los Acuerdos de Paz y los compromisos del Pacto Fiscal.

Es por ello que tanto el estudiante como el profesional contable requieren conocer la normativa que regula los impuestos y además estar al día en cuanto a reformas que ocurren cada día en el país.

Considerando que desde hace mucho tiempo atrás, la tributación en nuestro país no ha tenido la importancia respectiva, por carecer de una buena cultura tributaria, se puede evidenciar perfectamente, que los contribuyentes tienen conocimiento amplio en cuanto a obligaciones tributarias, pero muy lejano en cuanto al cumplimiento fiel de las mismas, no solo del IVA Régimen Turístico, sino en cuanto a cumplimiento en general.

Si bien el IVA Régimen Turístico, no se aplica en gran porcentaje dentro del circuito comercial de Encarnación, los comerciantes aluden que quienes son más beneficiados de este régimen son los comerciantes de Ciudad del Este, los mismos a su vez actúan de intermediarios para muchos de los comercios de Encarnación.

Para que el Estado pueda cumplir con sus obligaciones, el ciudadano debe asumir su responsabilidad de pagar impuestos porque, al hacerlo, cumple como contribuyente y al mismo tiempo con el país, de tal manera que se puedan dar cumplimiento con las políticas públicas establecidas dentro del programa de Gobierno.

## REFERÊNCIAS

- [1] PARAGUAY. Secretaría de Tributación. **Guía del Contribuyente**. Asunción: 2008.
- [2] PETTI H. **Legislación Tributaria Paraguaya**. Asunción Paraguay. Asunción: Intercontinental, 2008.
- [3] PARAGUAY. Consejo de Contadores Públicos del Paraguay. **Normas de auditoría**. Asunción: QR Producciones Gráficas, 2008.
- [4] PARAGUAY. Secretaría de Tributación. **Compilación de Disposiciones Impositivas**. Ley n. 125/91.
- [5] ROUTI COPS, Nora Lucía. **Nuevo Régimen Tributario**. Asunción: 2010.



# GLOBALIZAÇÃO, REGIONALIZAÇÃO E ESTADO: AS DIFICULDADES PARA O “ACONTECER” DA INTEGRAÇÃO NA AMÉRICA LATINA.

José Luis Bolzan de Morais<sup>1</sup>  
Sinara Camera<sup>2</sup>

## RESUMO

A globalização é um fenômeno multifacetado, de caráter indeterminado e indisciplinado, marcado pela ausência de um centro que controle a sua dinâmica e pelas muitas oportunidades desiguais. Tal processo é de grande importância para analisarmos questões como o desenvolvimento na América Latina e os esforços da região para suplantá-los. Assim, o presente trabalho busca verificar quais as estratégias dos países latino-americanos para o desenvolvimento em meio a esse fenômeno. Para tanto, são apresentadas as múltiplas facetas da globalização e a inserção da América Latina nesse processo, demonstrando os entraves e conseqüentes estratégias utilizadas pelos Estados para alcançarem um desenvolvimento equilibrado.

Palavras-chave: Globalização – Estado – desenvolvimento - América Latina.

## INTRODUÇÃO

Com uma nova concepção de tempo e espaço, com novas velocidades de movimentos, alguns objetos movem-se mais rápido que outros. Em especial o capital (fluido), que transpõe facilmente as fronteiras geográficas dos Estados (territoriais/fixos), estando sempre à frente dos mesmos. Tem-se a sensação de que as “coisas estão fora do controle”. A “nova (des)ordem mundial” acaba por imprimir uma certa insegurança.

Essas “novas sensações” passaram a ser entendidas como um fenômeno, modernamente, chamado de globalização,<sup>3</sup> que é um mecanismo para auxiliar a moldar o quadro dessa realidade. Refere-se precipuamente aos efeitos globais (ações que repercutem de forma global) e não às iniciativas e empreendimentos globais (não se refere ao planejamento e à execução ações globais).

A globalização é caracterizada por um expressivo aumento na liquidez do capital, sem a regulação estatal, operados por fundos autônomos, e por uma conseqüente expansão nas relações entre os diversos países, favorecendo aqueles que possam oferecer um ambiente propício ao investimento direto.

Entretanto, a volatilidade desse capital pode afetar nocivamente a débil economia dos países em desenvolvimento (PVD) – os Estados latino-americanos – e dificilmente chega aos países menos avançados (PMA) – caso do Haiti. Só lhes alcança os efeitos dessa “fluidez”. Logo, a globalização vem mantendo e, em alguns casos acentuando as assimetrias no desenvolvimento dos países. É um processo que dá mais oportunidades aos extremamente ricos e deixa excluída, marginalizada mais de 2/3 (dois terços) da população mundial.

Assim, busca-se no presente artigo verificar como os países da América Latina têm se articulado frente ao “inexorável” processo vigente. Para tanto, em um primeiro momento, são apresentados o processo de globalização em si, as suas dificuldades conceituais e as múltiplas facetas

---

<sup>1</sup> Mestre (PUC-RJ) e Doutor em Direito do Estado (UFSC/Université de Montpellier I); Pós-Doutor em Direito Constitucional pela Universidade de Coimbra; Professor do Programa de Pós Graduação em Direito Público da UNISINOS/RS; Pesquisador do CNPQ e da FAPERGS; Procurador do Estado do Rio Grande do Sul; Membro Conselheiro do Instituto de Hermenêutica Jurídica (IHJ). bolzan@unisinos.br.

<sup>2</sup> Doutoranda em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS); Mestre em Integração Latino-Americana pela Universidade Federal de Santa Maria (MILA/UFSM/RS); Graduada em Direito pelo Instituto de Educação Superior de Santo Ângelo (IESA/RS). Bolsista CAPES-PROSUP; Professora da Faculdade de Direito da Fundação Educacional Machado de Assis (FEMA/RS). aiacamera@hotmail.com.

<sup>3</sup> O termo globalização tem origem anglo-saxã. Já a expressão, sinônima, mundialização é de origem francesa.

do fenômeno. Num segundo momento, serão abordadas a inserção da América Latina na globalização e as estratégias utilizadas pelos Estados da região para buscar um desenvolvimento equilibrado, com justiça social, frente ao processo vigente.

## 1 A FORÇA DA CORRENTEZA: TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO.

Muitas são as definições encontradas para a globalização, por ser um fenômeno multifacetado, de caráter indeterminado e indisciplinado, marcado pela ausência de um centro que controle a sua dinâmica.

Não há consenso quanto ao conceito de globalização. Mas normalmente se refere a processos econômicos como a vertiginosa expansão de fluxos internacionais de bens, serviços e capitais, da integração entre sistemas econômicos nacionais e da produção em escala mundial. Mas, como asseveram Lima e Coutinho (2005), há também outras esferas relacionadas como o fortalecimento de instituições supranacionais e multilaterais, a universalização e padrões culturais, a difusão da idéia de democracia e direitos humanos, chamada a questões de interesse universal, como o meio ambiente, comunicação por meio de novas tecnologias, com a conseqüente relativização de tempo e espaço, além da formação de redes globais entre organizações e movimentos sociais.

Entretanto, Santos (2005, p. 85) define “globalização como conjuntos de relações sociais que se traduzem na intensificação das intersecções transnacionais, sejam elas práticas interestatais, práticas capitalistas globais ou práticas sociais e culturais transnacionais”, ressaltando que a desigualdade de poder no interior dessas relações (as trocas desiguais) fica evidente pela forma como as entidades ou fenômenos dominantes se desvinculam dos seus espaços de origem e, reflexamente, como as entidades ou fenômenos dominados, depois de desintegrados e desestruturados, são readequados aos seus espaços e ritmos locais. Mas tanto as entidades ou fenômenos dominantes ou globalizantes, como os localizados ou globalizados sofrem mudanças internas.

Giddens (2001) afirma a existência de duas principais correntes que buscam entender e explicar esse fenômeno. A primeira vê a globalização como um mito. Alegando que o acontecimento não passaria da continuação de tendências já estabelecidas; seria uma invenção dos teóricos neoliberais. Já a segunda afirma que a globalização é real e que está em uma fase bastante avançada. Caracteriza-a como o mundo sem fronteiras; o Estado-nação como mera ficção; a economia global em detrimento da economia nacional; o fim do *welfare state* keynesiano; e a “governança” não restrita aos governos nacionais (organizações não-governamentais, organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas). Mas nenhuma teoria se mostra capaz de explicar de modo abrangente o processo em curso.

Santos (2005) propõe uma confrontação de sistemas mundiais para explicar o fenômeno global. O Sistema mundial moderno (SMM) é aquele que traz em seu bojo a hierarquização centro-periferia e, ainda, as dicotomias desenvolvimento/ subdesenvolvimento, racional/irracional, urbano/rural, indústria/comércio, etc. Já, no Sistema mundial em transição (SMET), que carrega em seu cerne a economia mundial e o sistema interestatal, há um aprofundamento das hierarquias do SMM através de uma única dicotomização: global/local (que absorveria todas as demais, presentes no SMM). O dualismo global/local vem afirmar que não existe globalização sem localismo, pois aquela pressupõe esta.

Apesar da aparente contradição entre globalização e regionalização, vê-se que as duas tendências, além de coexistirem, reforçam-se. Vale ressaltar a reflexão de Octavio Ianni, trazida por Resende (1997), referindo que a sociedade global não se constitui de modo autônomo, independente e alheio à sociedade nacional (local/regional), mas ela se planta no interior desse local e com ele compõe várias modalidades, em diferentes combinações. O lugar se recria na articulação com o mundial/global, fazendo fluir as diferenças e refluindo a mundialização, simultaneamente. Logo, de acordo com Resende (1997), a globalização atravessa as regiões e é atravessada pelas mesmas. Atentando-se, todavia, às relações de poder, às trocas desiguais, antes referidas.

A corrente paradigmática tem a globalização como fenômeno novo, cuja ação é transformadora, apocalíptica e ambiciosa. A globalização seria destrutiva do equilíbrio existente, sendo necessário o surgimento da “Nova Era da Solidariedade Global”.

Confrontando essa leitura, a subparadigmática vê a globalização como fenômeno velho, de ação adaptativa. A justificativa pronunciada é de que o capitalismo resolve suas crises, e a

globalização não traz novo mundo e nem mesmo catástrofes. Turbulências temporárias no curso da humanidade acompanham normalmente qualquer mudança nos sistemas rotinizados.

Vale ainda ressaltar as formas de globalização, elencadas por Santos (2005), em duas classes: a globalização hegemônica (de cima para baixo), abrangendo o localismo globalizado (fenômeno local com abrangência global, exemplo: *fast food* – *Mac Donalds*) e o globalismo localizado (surge com resposta ao localismo globalizado, exemplo: agricultura de exportação dos países periféricos). E a contra-hegemônica (globalização de baixo para cima), envolve o cosmopolitismo (lutas contra a exclusão, a inclusão subalterna, as dependências, etc, exemplo: movimentos sociais, ONGs) e o patrimônio comum da humanidade (desmercadorização dos recursos, exemplo: luta pela preservação da Amazônia, do mar e da Antártida).

Frente a um processo tão diversificado, é preciso traçar distinções entre suas múltiplas facetas ou dimensões: globalização econômica e financeira (associada aos fluxos de capital, à inversão estrangeira direta na América Latina, ao papel dos bancos, etc); globalização comercial (expressa no papel da Organização Mundial do Comércio, dos tratados de livre comércio, etc); globalização cultural (difusão de uma cultura, valores, etc); globalização ambiental (dada por problemas globais, como a redução da camada de ozônio); globalização política (exportação de um certo tipo de política e gestão governamental, a perspectiva de um bom governo, com uma boa administração, aplicação de um modelo de democracia representativa).

Com relação à globalização econômica, é importante ressaltar que o referido fenômeno possibilitou a expansão das empresas transcendendo as fronteiras nacionais, expandindo seus mercados de atuação e atingindo escala global. As empresas transnacionais são as grandes indutoras dos investimentos diretos estrangeiros e do comércio internacional.

A estruturação econômica mundial possibilita que o Banco Mundial e as corporações celebrem contratos de empréstimos a juros reduzidos, impondo aos bancos locais a adesão a esses acordos para que eles forneçam capital às transnacionais com taxa de juros ínfima ou zero. A finalidade desses contratos é a de dominar os mercados produtivos nacionais, estagnar o desenvolvimento econômico local, especular o capital em operações financeiras sem a interferência dos governos e ditar normas de crescimento industrial em prol dos seus negócios e com utilização de mão de obra barata e desqualificada. Desta forma, o Banco Mundial e o FMI financiam os empreendimentos transnacionais e impõem aos Estados receptores dos negócios a concessão de empréstimos, elevando a taxa de juros local, tornando-os endividados e subservientes ao capital das transnacionais e à "ajuda financeira" daquelas organizações internacionais.

Os contratos das empresas transnacionais com os governos locais prevêm a promoção do bem-estar social, a geração de empregos diretos e indiretos, o melhoramento da qualidade de vida e da saúde da população, a responsabilidade pelos danos ambientais causados e a proteção ao meio ambiente social. Porém, muitos compromissos assumidos não são cumpridos, causando mal-estar à população, protestos e muita discussão sobre a necessidade da presença das transnacionais em território nacional e da ajuda financeira das organizações internacionais.

Assim, há a necessidade de controlar as atividades das transnacionais, estabelecendo leis rígidas, na esfera nacional ou internacional, que permitam o desenvolvimento dos negócios sem negligenciar as questões sociais, as políticas públicas, o crescimento econômico interno dos países, principalmente dos PVD e dos PMA.

Porém, antes de se adentrar na questão das implicações da globalização para a América Latina e do papel dos Estados frente a esse fenômeno, é preciso entender como se dá a inserção dos países da região nesse processo.

Enquanto o então Terceiro Mundo era tomado pelas fortes águas da globalização, implementando políticas públicas que se adaptassem ao “inevitável” processo (transformações econômicas ajustadas à ordem econômica global), a evidência empírica sugeria que a América Latina não estava conseguindo ampliar a sua interdependência econômica com os países desenvolvidos. Mas, ao contrário, estava sendo excluída.

A tradicional visão negativa desse fenômeno já vinha alicerçada em projetos já vivenciados com os países desenvolvidos<sup>2</sup>, que produziram desenvolvimento no centro e, simultaneamente, subdesenvolvimento na periferia.

A partir daí passou-se a entender a força e a dimensão dessa tendência de transnacionalização da economia mundial. De acordo com Tomassini (1997), esse processo foi visto e denunciado pela periferia como um projeto perverso dos países capitalistas e não como uma tendência objetiva.

Em consequência a essa concepção, as estratégias de desenvolvimento recomendadas e seguidas pelos países subdesenvolvidos – especialmente na América Latina –, acabaram por tomar sentido oposto às políticas dos países desenvolvidos. Entretanto, Tomassini (1997) ressalta que essa estratégia não foi exitosa por 3 razões principais: não foi capaz de cumprir nenhuma de suas grandes promessas (diminuir importações, gerar parques industriais); não foi possível solucionar o conflito entre a capacidade física dos países e as pressões sociais estimuladas por inflações crônicas, que impossibilitaram o cumprimento de responsabilidades a que se propunha para executar aquela estratégia; e a precariedade das finanças públicas e a situação social desses países, somado ao aumento dos preços de petróleo e o início de um ciclo recessivo nos países industrializados.

Após o fracasso das estratégias contra-hegemônicas, adotadas pelos países latino-americanos, surgem novas estratégias, agora coincidentes com as tendências globais, adotadas pela maior parte dos Estados da região. Conclui-se que

O esgotamento do modelo tradicional latino-americano obrigou-os a prosseguir seu processo de desenvolvimento ou ao menos a financiar suas atividades essenciais, apelando ao endividamento externo... O resto dos anos oitenta esteve marcado pelos esforços encaminhados a negociar a dívida externa e pela aplicação de severas políticas de ajuste encaminhadas a contrair as importações e o gasto público a fim de gerar recursos para pagar seus interesses. (TOMASSINI, 1997, p. 28).

Assim, a partir dos anos oitenta, os países da região passaram a implementar reformas econômicas para viabilizar os equilíbrios macroeconômicos, abrir as economias para os mercados comerciais e financeiros internacionais, e para reduzir o custo do estado. Esses primeiros passos no processo de globalização, malgrado a tradição de manter as economias fechadas, deu aos países da América Latina acesso aos mercados comerciais, tecnológicos e financeiros internacionais e, principalmente, aos de conhecimento e de idéias. Também fortalecer suas relações políticas com os países do resto do mundo, além de facilitar a construção de esquemas de integração competitivos.

## **2 NADANDO CONTRA A CORRENTE: A AMÉRICA LATINA E SUAS ESTRATÉGIAS EM MEIO AO FENÔMENO.**

Na América Latina, as políticas de ajuste estrutural implantadas, contemplando transferências sociais estritamente limitadas, tiveram efeitos sociais devastadores. A partir dos anos 90, constatou-se um crescimento econômico, passando o subcontinente a ser classificado como zona emergente, mas ainda sujeito às intempéries do mercado financeiro internacional.

Entretanto, os benefícios da recuperação econômica não alcançaram o campo social, que amargou com crescentes desigualdades e conseqüente aumento da violência. Na seara política,

[...] a incapacidade dos governos para resolver os problemas sociais, somada à corrupção, gerou um profundo desencanto com relação ao funcionamento da democracia apenas um decênio depois de iniciadas as transições(...). Em muitos países se registraram situações de ingovernabilidade, respondidas de duas maneiras: do ponto de vista interno, assistimos ao surgimento de líderes neopopulistas (Peru, Venezuela) e a multiplicação dos fatores clientelistas (Brasil); do ponto de vista

---

<sup>2</sup> A economia mundial se baseava no seguinte: os países desenvolvidos se reservavam a produção de bens de capital e produtos manufaturados, uma parte minoritária dos quais era exportada aos países em desenvolvimento, para trocar por matérias primas de que necessitassem, por preço vil, Tomassini (1997).

externo, relançou-se a integração regional, numa tentativa de criar instrumentos de gestão pública regional. (DABÈNE, 2003, p. 279).

Dessa forma, as democracias latino-americanas, terminaram o Século XX com um penoso saldo: o aumento da desigualdade e da violência sociais, que se somam, em alguns países, importantes desigualdades entre regiões. Porém, não se pode tratar dessa problemática sem tocar na temática atinente às cidades, que tem sido, nos últimos anos foco de intensas discussões, pois tornaram-se espaços contraditórios: por um lado são tidos como locais geradores de expectativas de oportunidades – notadamente empregos, conhecimento, prosperidade - e, de outro, núcleo de pobreza, marginalização, insegurança, violência e toda uma gama de outros tantos problemas que escancaram a exclusão social.

O desenvolvimento econômico para os países em desenvolvimento, em tempos de globalização (dirigido principalmente pelo capital externo; sejam empréstimos ou investimento externo direto), se dá de forma bastante desigual.

Os Estados latino-americanos, para superarem as limitações impostas pelo processo vigente, lançam mão de estratégias regionalistas. Assim, enfrenta os desafios impostos pela globalização, o que acaba por representar uma mudança no modelo de desenvolvimento dos países da região. Estes abandonam práticas intervencionistas e estatizantes voltadas para o fortalecimento do mercado interno e do capital nacional e passam a adotar políticas neoliberais, que transferem para o mercado, especialmente o setor de exportação, a incumbência de fomentar o desenvolvimento, de acordo com Lima e Coutinho (2005). Passam também a se organizar de forma regional, a política e a economia, pois dessa forma permitem uma resposta mais eficaz à competição global<sup>3</sup>.

Habermas (2001) defende a integração como resposta à globalização, de tal forma que os acordos regionais surgiriam como possíveis bastiões contra uma globalização com tendências imperialistas. Em outras palavras, devem-se criar formas que resistam ao poder do mercado, como resposta ao grande capital e ao mercado.

Assim, os países para se defenderem frente a um processo forte do qual não se pode fugir, mas se pode buscar uma adaptação, reunindo-se em grupos e, conseqüentemente, diminuindo a suas vulnerabilidades externas. Resulta o regionalismo como uma atitude reativa, buscando afirmar-se competitivamente, num momento em que a própria capacidade dos Estados diminui (de formularem suas políticas públicas e regularem os mercados).

Entende Resende (1997), que a sociedade contemporânea tem como um de seus agentes de ponta os que trabalham para a constituição de um território de entendimento nos vários níveis, compromissado com o múltiplo e com as diferenças. Como exemplo, as cooperações do eixo Sul-Sul, alternativas à cooperação Norte-Sul, aumentando as relações Sul-Sul. Isso não implica fazê-lo só entre países em desenvolvimento, mas também, e especialmente, com os países menos avançados (que é o caso do Haiti, o único país americano a integrar o rol dos PMA), pois não haverá êxito na cooperação entre PVD se não forem destinadas políticas aos países menos desenvolvidos. É preciso, portanto, arquitetar estratégias consistentes, capazes de proporcionarem resultados profundos, na busca por um desenvolvimento equilibrado e socialmente justo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos últimos anos, os questionamentos acerca das instituições globais têm se somado. Muitos grupos têm resistido a alguns processos globais, em temas como o comércio internacional. As instituições globais, como o FMI, a OMC, o Banco Mundial e mesmo as Nações Unidas são destinatários de muitas críticas, provenientes da esquerda, da direita, das ONGs e do empresariado. Aponta-se a sua baixa eficiência, sua pouca transparência, má administração dos fundos. Entretanto, por outro lado, os foros das Nações Unidas são os principais espaços de que dispõem os países em desenvolvimento para expressarem-se.

---

<sup>3</sup> Como exemplos de regionalização tem-se na América do Sul, atualmente, três modelos, quais sejam: CAN (Comunidade Andina de Nações), MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e CASA (Comunidade Sul-Americana de Nações).

Todavia, a globalização atual não está ajudando a estimular o desenvolvimento do Sul. Apesar de haver um discurso de que as oportunidades comerciais, financeiras e tecnológicas oriundas da globalização conduziram a um desenvolvimento dos países pobres, de fato não é o que se verifica. Tal retórica não apresenta expressões concretas.

Mas os países periféricos estão fadados a serem levados pela forte correnteza dessas águas chamadas globalização?

Talvez uma das maiores dificuldades de se pensar a globalização atualmente, na fase atual do capitalismo é porque, em geral, apresenta-se em termos positivos. Nesse diapasão, a globalização poderia ser entendida como uma nova etapa do desenvolvimento capitalista, com novos avanços tecnológicos, econômicos e políticos. Somando-se a isso a certeza da inexorabilidade do processo. Logo, a questão não este em aceitá-lo ou não, mas em arquitetar estratégias para confrontá-lo ou adaptar-se a ele.

Mas se essa globalização apenas prolonga certas tendências do capitalismo, criando, para isso, novas formas de expressão (e muitos teóricos seguem nessa direção, entendendo a globalização como uma nova expressão do capitalismo), pode-se deixar em suspenso que seja um processo sempre positivo e inexorável. Assim, se recupera a capacidade de atuar sobre a globalização, modificá-la e controlá-la. Nesse sentido, tanto o conceito de globalização como as “realidades” que o mesmo faz emergir, assumem nova significação.

A partir dessa perspectiva, é possível e importante que se fale não somente em “fim das fronteiras territoriais dos Estados” e das mutações na geopolítica mundial, mas também repensar o papel dos Estados frente ao processo em curso, em como os fluxos de capital e as regras de comércio o condicionam e engessam os seus atos, diminuindo a sua capacidade de formulação e implementação de políticas públicas.

É, por fim, imprescindível que os países latino-americanos encontrem alternativas para essa “realidade” que lhes é imposta. É nessa via que está a construção de espaços integrados, como territórios de entendimento frente ao múltiplo e às diferenças, para a consolidação de um bem estar social e desenvolvimento de países que isoladamente não o alcançariam em meio ao processo vigente. A isso, somam-se os esforços para a cooperação entre os países do Sul (PVD e PMA, como o caso do Haiti), afastando o eixo Norte-Sul, na busca de um desenvolvimento baseado em princípios como a soberania, a igualdade entre os Estados e a solidariedade.

## REFERÊNCIAS

- [1] LIMA, Maria Regina Soares & COUTINHO, Marcelo Vasconcelos. (2005). **Globalização, Regionalização e América Latina**. Análise de Conjuntura OSPA, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-10, maio 2005. Disponível em: <http://observatorio.iuperj.br/04b.htm> . Acesso em: 03 fev. 2007.
- [2] SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A globalização e as Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- [3] GIDDENS, Anthony. **Sociology**. Oxford: Polity Press, 2001.
- [4] RESENDE, Paulo-Edgar A. A federação como alternativa democrática nas relações entre nações. In: DAWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P.E.A. (Org.). **Desafios da Globalização**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.
- [5] TOMASSINI, Luciano. La Inserción de América Latina en el Proceso de Globalización. In: Seminário Internacional. **Globalização na América Latina: Integração Solidária**. Fundação Alexandre Gusmão (FUNAG): Brasília, 1997.
- [6] DABÈNE, Olivier. **América Latina no Século XX**. Potro Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- [7] HABERMAS, Jürgen. **A Constelação Pós-Nacional: ensaios políticos**. São Paulo: Littera Mundi, 2001.
- [8] BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- [9] DOMINGUES, José Maurício. (2005). **Regionalismos, poder de Estado e desenvolvimento**. Análise de Conjuntura OSPA, Rio de Janeiro, nº 7, p. 1-16, junho 2005. Disponível em: <http://observatorio.iuperj.br/04b.htm>. Acesso em: 03 fev. 2007.
- [10] LACERDA, Antonio Corrêa. Globalização e as empresas transnacionais. **Terra Magazine**. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna>. Acesso em: 01 fev. 2006.

[11] SEITENFUS, Ricardo. **Relações Internacionais**. Barueri-SP: Manole, 2004.

[12] SEITENFUS, Ricardo e VENTURA, Deisy. **Direito Internacional Público**. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

# **MATAS CILIARES DO RIO URUGUAI: ALGUNS ELEMENTOS COMPARATIVOS ENTRE O DIREITO BRASILEIRO E ARGENTINO.**

Daniel Rubens Cenci<sup>1</sup>  
Lurdes Aparecida Grossmann<sup>2</sup>  
Roseli Piekala<sup>3</sup>

## **RESUMO**

A preservação ambiental tornou-se atualmente um debate internacionalizado. O presente trabalho pretende identificar as aproximações e identidades da legislação ambiental brasileira e argentina, no que respeita a proteção das matas ciliares. A legislação brasileira consolidada especialmente no código florestal, Lei 4.771/1965 apresenta ampla proteção às matas ciliares, todavia, o modelo de gestão ambiental brasileira e o modelo de desenvolvimento, fizeram com que tal legislação, nunca se tornasse efetiva. Tal legislação encontra-se em fase de revisão e a temática da proteção ciliar emerge como tema de difícil construção consensual. Por seu turno, no Direito argentino encontra-se em desenvolvimento e estruturação um modelo jurídico para a área ambiental. Como objeto a ser protegido, há um fundamento comum, o interesse em preservar o meio ambiente ecologicamente equilibrado para presentes e futuras gerações. Além dos aspectos legais a abordagem destaca o papel da conscientização e da educação ambiental, como instrumentos aliados na construção da consciência ecológica necessária na busca de melhores resultados.

Palavras-chave: Preservação ambiental – Matas ciliares – Legislação ambiental.

## **INTRODUÇÃO**

Assim como a relação social intersubjetiva necessita de regras, a relação do homem com a natureza também demanda normas de trato socioambiental, no sentido de preservar a natureza e a vida humana, regulando tais relações, compreendida como fundamental para a existência humana. Entretanto, assim como as relações sociais sofrem permanentes mutações, a relação do homem com seu entorno é fundamentalmente dinâmico e também necessita de adequações e limites, portanto de um ordenamento jurídico que cuide do ambiente e do desenvolvimento.

No que respeita a proteção do meio ambiente, há uma gradual preocupação em atentar para os problemas ambientais e a produção de um ordenamento jurídico adequado, para a garantia do equilíbrio ecológico e do acesso ao meio ambiente ecologicamente equilibrado como direito fundamental. Neste sentido ao longo dos últimos anos se obtém normas cada vez mais específicas e duras na proteção ao meio ambiente.

A legislação ambiental brasileira atual, por sua estruturação de base constitucional, serve de referência para outros países, pois se constitui como um instrumento moderno, amplo, autoaplicável, na proteção ao meio ambiente.

A tutela jurídica do meio ambiente em sentido amplo, bem como as relativas às matas ciliares, busca prevenir e reverter o ímpeto de destruição da natureza, presente nos seres humanos, por uma cultura antropocêntrica que ao longo da história colocou o homem acima da natureza. Antes, em sentido religioso como ser sagrado e que tudo pode em relação aos demais seres da natureza, e modernamente, com o iluminismo e a emancipação do ser humano, através do racionalismo apropriou-se da natureza de forma destrutiva e descontrolada, ameaçadora da capacidade de renovação dos sistemas ecológicos e ambientais.

---

<sup>1</sup> Professor, Graduado em Direito, Mestre em Direito, Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Atua junto ao Mestrado em Direitos Humanos da UNIJUI e nas graduações em Direito da UNIJUI e URI Santiago. [danielr@unijui.edu.br](mailto:danielr@unijui.edu.br)

<sup>2</sup> Professora, Mestre em Direito, atua na UNIJUI. [lurdesgrossmann@unijui.edu.br](mailto:lurdesgrossmann@unijui.edu.br)

<sup>3</sup> Advogada, Bacharel em Direito pela UNIJUI. [rosepiekala@hotmail.com](mailto:rosepiekala@hotmail.com)



A mata ciliar é uma formação de vegetais importantes para a preservação da vida e da natureza. Assim como os cílios protegem os olhos, a mata ciliar serve de proteção às nascentes, aos rios e córregos, retendo impurezas e preservando a integridade da água. Como principal importância a mata ciliar protege a vida do rio, e na cadeia todos os que dependem dele. Coloca-se como obstáculo natural contra processos de assoreamento, ou seja, evita a erosão das margens do rio, evitando que a terra caia e seja levada pelas águas. Isso pode destruir outras espécies que vivem nos cursos d'água, deixar a água mais barrenta e mais suja para outros usos.

Mas a mata ciliar também evita enchentes, abriga inúmeras espécies de animais, articula caminhos e corredores para diferentes espécies, atua no equilíbrio da temperatura, evita e filtra a entrada de esgotos nos rios, e de maneira muito clara, evita que agroquímicos hoje abundantemente utilizados nas lavouras, sejam levados aos rios diretamente pelas águas das chuvas.

Com tamanha importância para o equilíbrio ecológico e ambiental, é de grande interesse a proteção da mata ciliar, ainda que, o modelo de produção agropecuária, tenha sempre como prioridade produzir mais e lucrar mais.

## **1 MEIO AMBIENTE E MATAS CILIARES NO DIREITO BRASILEIRO**

O Brasil conta com um Código Florestal, Lei 4.771/65, atualmente em revisão, reconhecido pela sua ampla proteção ao meio ambiente, especialmente no que diz respeito à mata ciliar, traduzindo a preocupação dos legisladores da época para com o meio ambiente. É bem verdade que no ano de sua publicação o Brasil vivia um regime de exceção, ou seja, um regime militar e que possivelmente seja resultado de “encomenda”, ou tenha presente a influência de correntes de pensamento fortemente debatidas na Europa no mesmo período notadamente sobre temas como impactos do desenvolvimento industrial e agrícola, com destruição e contaminação de águas, solos e florestas. Também constava como preocupação, o acelerado crescimento populacional.

Tal Código Florestal, no artigo 1º, determina como seu objeto as florestas e demais formas de vegetação, e que as mesmas, são bens de interesse comum a todos os habitantes do país, antes mesmo da Constituição Federal de 1988.

Milaré (2005, p. 360) destaca que o Código Florestal (Lei 4.771/65) considera a mata ciliar como área de preservação permanente, protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. Por ocorrer nas margens de cursos d'água, é parte importante de ecossistemas, devido à diversidade de plantas, animais, e outros organismos vivos nela encontradas e por essa razão deve ser mantida intocada.

O artigo 2º, estabelece que a faixa de mata ciliar a ser preservada, está relacionada com a largura do curso d'água. Assim, ressaltam-se as devidas dimensões, sendo:

- 1 – de 30 (trinta) metros para os cursos d'água de menos de 10(dez) metros de largura;
  - 2 – de 50 (cinquenta) metros para os cursos d'água que tenham de 10 (dez) a 50 (cinquenta) metros de largura;
  - 3 – de 100 (cem) metros para os cursos d'água que tenham de 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) metros de largura;
  - 4 – de 200 (duzentos) metros para os cursos d'água que tenham de 200 (duzentos) a 600 (seiscentos) metros de largura;
  - 5 – de 500 (quinhentos) metros para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 (seiscentos) metros;
- b) ao redor das lagoas, lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais;
- c) nas nascentes, ainda que intermitentes e nos chamados “olhos d'água”, qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio de 50 (cinquenta) metros de largura;
- [...]

Destaca-se, nos termos do artigo 2º e seguintes, que as áreas protegidas têm a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo

genético de fauna e flora, além de conservar a integridade do solo e assegurar, conseqüentemente, o bem-estar do homem.

Em que pese a límpida descrição legal sobre a mata ciliar, sua importância para os ecossistemas, para o equilíbrio ambiental e para a qualidade de vida humana, o referido código florestal, pouco foi respeitado, dentro da lógica da propriedade privada, na qual o titular tudo pode, inclusive proteger ou não o meio ambiente. Significa dizer que na prática, referida lei nunca foi posta em prática.

## 2 CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Decorre da Constituição de 1988 a certeza de que a ordem econômica é fundada, de um lado, na livre-iniciativa - típica do modelo capitalista de produção -, mas, de outro, em princípios e valores claramente socializadores, como a valorização do trabalho humano, a função social da propriedade, a redução das desigualdades regionais e sociais, a busca do pleno emprego e a defesa do meio ambiente, tudo para assegurar a todos existência digna.

A Constituição Federal de 1988 trouxe a temática ambiental com capítulo especial, no qual o meio ambiente alcança o patamar de valor ideal da ordem social, tornando-se direito fundamental de todos os cidadãos e da coletividade, bem comum, indivisível e indisponível, do qual depende a qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

No capítulo VI do Título VIII, o caput do art. 225, da CF/88, assevera que:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para às presentes e futuras gerações.

Do referido artigo, abstrai-se que o objeto tutelado não é o meio ambiente por si só, mas sim o equilíbrio ecológico, a qualidade do ambiente, que conseqüentemente, importará na saudável qualidade de vida para presentes e futuras gerações. Também resta clara a determinação que a responsabilidade deve ser compartilhada entre poder público e sociedade.

Compartilha da mesma opinião Vasconcelos (2010, p. 25), afirmando que o “objeto do direito de todos não é o meio ambiente em si ou determinado ambiente. Seu objeto é o equilíbrio ecológico e a qualidade do ambiente”. É essa qualidade que se tornou o bem da vida a ser tutelado, definido pela Constituição da República como “bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”.

Um meio ambiente ecologicamente equilibrado é fundamental para a sobrevivência da vida do planeta e com ela a vida humana. Aceita esta premissa, pode-se avaliar a importância primordial da tutela jurisdicional da flora, mecanismo jurídico idealizado para garantir a preservação da biodiversidade, da hidrosfera, dos aspectos climáticos e do solo da Terra, único planeta capaz de abrigar a vida humana.

O direito ao meio ambiente se funda na solidariedade social, já que o mesmo necessita da efetiva participação de todos. O citado caput do art. 225 da Constituição Federal estabelece a todos de um modo geral, Poder Público e coletividade, o dever de velar pelo meio ambiente sadio, protegendo-o e preservando-o às presentes e futuras gerações. Observa-se que o direito ao meio ambiente equilibrado é assegurado como um direito fundamental de terceira geração e está diretamente relacionado com o direito à vida, tanto das presentes quanto das futuras gerações.

Modernamente, o meio ambiente está classificado como direito fundamental de terceira geração. Classificação que eleva o meio ambiente a tutela e preocupação geral, amplamente protegido, a fim de que o coletivo seja beneficiado.

Os interesses difusos que expressivamente se revelam no tema de meio ambiente, porque a proteção deste não cabe a um titular exclusivo ou individuado, mas se espalha difusamente sobre toda coletividade e cada um de seus membros.

O projeto aprovado pela Câmara dos Deputados e Promulgado como Lei 12.651/2012, conseguiu remover a proteção das áreas de preservação permanente de veredas, desfigurou a proteção ambiental em áreas urbanas, já vinham tão fragilizadas, flexibilizou, ainda mais, a reparação das áreas de preservação permanente e retrocedeu em pontos tidos como importantes, como o Cadastro Rural das áreas, que garantia ao poder público um melhor controle das áreas de proteção ambiental.

Tudo isso quando o contexto mundial é de recrudescimento contra o desmatamento, com foco nas mudanças climáticas e quando se confirmam taxas de destruição da significativa da perda da biodiversidade.

Ao contrário da tão almejada segurança jurídica, o projeto final aprovado põe em risco a sociedade brasileira, que tem garantido constitucionalmente o direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. O texto aprovado passa ao largo do equilíbrio constitucionalmente exigido e, como consequência, da sua implantação só decorrerá degradação ambiental ainda mais expressiva.

Para a correção absoluta do intento predatório seria necessário o veto total e uma nova discussão com início a partir da perspectiva de que meio ambiente e exploração agrícola não são antagonísticos, mas interdependentes.

O texto aprovado afronta o sistema constitucional ao contrariar diretamente o disposto no artigo 225 e seguintes, da Constituição.

O Estado brasileiro não assegurará o direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado se ausente o real intento de preservá-lo e defendê-lo. A proposta, ao contrário, estabelece instrumentos de perpetuação de danos e degradação, apresentando-se claramente inconstitucional.

O meio ambiente ecologicamente equilibrado deve ser a base da agricultura sustentável e de toda atividade produtiva. Qualquer alteração que se pretenda fazer deve ter como foco a sociedade como um todo, e não setores específicos dela. Nenhuma se sobrepõe aos direitos fundamentais. Até porque, como se sabe, a tutela ambiental tem natureza de direito fundamental e constitui o epicentro do direito à vida.

### **3 LEGISLAÇÃO AMBIENTAL ARGENTINA: MEIO AMBIENTE COMO DIREITO FUNDAMENTAL CONSTITUCIONAL**

Os conflitos ambientais refletem o descaso das práticas adotadas pelos seres humanos na sua relação com a natureza. Tem-se assim, um problema socioambiental que atinge o planeta. Práticas comuns de apropriação e degradação do meio ambiente, repetido em diferentes civilizações, fazem com que os sintomas sejam sentidos hoje de maneira mais intensa.

Como referido acima, a legislação ambiental brasileira encontra-se amplamente consolidada, e se compararmos com a legislação argentina, identificaremos que a discrepância é sensível, pois a legislação argentina não está consolidada. Apresenta-se em desenvolvimento. Entretanto, este debate está se realizando assim como no Brasil, de forma conflitiva com o sistema de produção eminentemente capitalista e produtivista, considerando o curto espaço de tempo.

Com relação ao Meio Ambiente, um dos maiores problemas que se discute, é o antagonismo entre o atual modelo de desenvolvimento econômico e a preservação do meio ambiente, são problemas evidentes que se apresentam na efetivação das legislações ambientais, uma vez que há a necessidade extrema dos países em desenvolvimento ampliarem sua economia e conjuntamente elevarem o padrão de vida de sua população.

A construção da Legislação Ambiental na Argentina tem início nos anos noventa, ao contrário do Brasil que começou nos anos sessenta e passou a se intensificar na década de oitenta.

A Legislação Ambiental Argentina encontra-se dispersa em vários diferentes textos legais, como afirma Dmitri Montanar Franco (2000, p. 21) “[...] a legislação ambiental Argentina encontra-se dispersa em vários textos legais decorrente da competência residual das províncias, dos estados federais e dos municípios.” Aborda de maneira mais fragmentada, aspectos amplos, em textos como a Constituição Federal argentina e os Códigos, disciplinando portanto de forma mais setorial e parcial os elementos como a água, o ar, e aspectos ambientais regionais e locais.

Eduardo Pigretti (1994, p. 21) afirma que o Direito Ambiental na Argentina se desenvolveu a partir de 1970, com os estudos de Direito Mineral, Agrário, e da Energia desenvolvidos na Universidade de Buenos Aires, na Faculdade de Direito e Ciências Sociais, tendo como precursor o Direito dos Recursos Naturais, onde se constatou o uso irracional dos mesmos. Leila Devia vê como estopim a conferência das Nações Unidas ocorrida em Estocolmo, em 1972.

Entretanto, é a partir da constituição de 1994 que se estabeleceu a proteção do meio ambiente de forma direta, consoante ao seu artigo 41 que prevê no Capítulo II, novos direitos e garantias, descrevendo:

Art. 41. Todos los habitantes gozan del derecho a un ambiente sano, equilibrado, apto para el desarrollo humano Y para que las actividades productivas satisfagan las necesidades presentes sin comprometer las de las generaciones futuras; y tienen el deber de preservarlo. El dano ambiental generará prioritariamente la obligación de recomponer, según lo establezca la ley. Las autoridades proveerán a la protección de este derecho, a la utilización racional de los recursos naturales, a la preservación del patrimonio natural y cultural y de la diversidad biológica, y a la información y educación ambientales. Corresponde a la Nación dictar las normas que contengan los presupuestos que aquellas alteren las jurisdicciones locales.

Do referido artigo, denota-se que o ambiente saudável é direito fundamental do homem, resultando, sobremaneira, a obrigação de todos em velar pela preservação e melhoria do meio ambiente. Vale ressaltar que é esse ambiente equilibrado, apto para o desenvolvimento humano que permitirá às presentes e as futuras gerações seguirem habitando o planeta.

Ainda, em análise ao artigo 41, observa-se a obrigatoriedade de um desenvolvimento sustentável e a expressa determinação da obrigação de recompor ou de indenizar o dano ambiental, ao mesmo tempo, que estabelece o compromisso do Estado no trato da questão ambiental. No mesmo artigo nota-se ainda a preocupação com o uso racional dos recursos naturais de forma a não comprometer as gerações futuras. Assim como a constituição brasileira esta determina a obrigação primordial de recompor o meio ambiente, vez que somente a indenização não surtiria os efeitos ecológicos e educativos adequados.

Pela análise do texto podemos concluir que seguindo técnico jurídico semelhante a do legislador brasileiro, o parlamentar argentino responsabilizou o poder público pelo cuidado e fiscalização dos recursos naturais, atentou também para preservação da biodiversidade que atualmente é considerada com pertencente a categoria anterior, e principalmente a importante questão da formação de uma mentalidade social preocupada com o meio ambiente, escopo este

atingível pela ampla difusão de informação por meio de publicização da mesma e pelo ensino metódico de disciplinas relacionadas.

Assim como no Direito brasileiro, no Direito argentino, o direito ao meio ambiente sadio é um direito imprescritível e irrenunciável, e por isso requer esforços e compromissos de todos. Estado e sociedade, tem o dever de promover a recuperação e conservação do meio ambiente. Da questão se depreende que a norma defende o meio ambiente sem contaminação, apto não só para a vida humana, mas, também a todas as espécies de flora e fauna que o compõe.

#### **4 LEGISLAÇÃO AMBIENTAL DAS MATAS CILIARES DO RIO URUGUAI NO BRASIL E NA ARGENTINA**

No que se refere à aplicabilidade das leis ambientais no entorno do Rio Uruguai, a realidade Brasileira e Argentina são distintas. Tratou-se até aqui das legislações ambientais, nos aspectos gerais. Busca-se agora alguns elementos comparativos que permitam verificar a efetividade das leis, tendo como base as matas ciliares no Rio Uruguai, no município de Porto Mauá comparativamente ao outro lado do rio, dentro da Província de Misiones.

A degradação das matas ciliares é questão fática, presente na região como um todo, porquanto sofreu as mesmas políticas colonizadoras e desenvolvimentistas, apresentando atualmente elevados índices de degradação da flora e a conseqüente destruição da fauna por quase toda a extensão do Rio. Constata-se a degradação das matas ciliares, o assoreamento do rio e o desgaste do solo de maneira geral. Verifica-se que a lei não é aplicada efetivamente.

Uma das maiores dificuldades encontradas com relação à preservação das matas ciliares, é a previsão do art. 2º, do Código Florestal, que prevê para os cursos d'água com largura superior a 600 (seiscentos) metros, uma área de preservação permanente de 500 metros. Cumpre ressaltar que se a referida Lei não é aplicada na sua plenitude.

O direito do meio ambiente está elevado à qualidade de direito de terceira geração, é um direito difuso, difícil de delimitar. A característica do direito difuso esta no fato de que o bem ou interesse a ser protegido é de todos, da pessoa viva e daquelas que porventura vierem a existir. O dano ambiental, pois, atinge a todos, e não a determinadas pessoas e adquirem peso específico no próprio

ordenamento jurídico. O direito ao meio ambiente está fundado no princípio da solidariedade, em que os resultados serão alcançados somente com o engajamento de todos.

A Lei nº 7.347 de julho de 1985, estabelece a Ação Civil Pública aos casos de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente. A ação civil pública é aquela que tem por finalidade a tutela dos interesses transindividuais ou metaindividuais.

Neste sentido é legitimado no pólo passivo o causador do dano ao meio ambiente, ou seja, toda pessoa física ou jurídica, de direito público ou privado. Já, no pólo ativo, atua como parte legítima, de maneira expressa e clara, na defesa do meio ambiente, o Ministério Público.

O Ministério Público, portanto, tem legitimidade para intervir nos municípios que apresentam altos índices de degradação das matas ciliares.

O município de Porto Mauá é um dos municípios da Região, que apresentava altos índices de degradação das matas ciliares as margens do Rio Uruguai, o que levou a intervenção do Ministério Público.

Diante da realidade vulnerável e com a finalidade de mitigar tal problema, desde janeiro de 2000, o Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, passou a intervir na questão ambiental exigindo o respeito a legislação pertinente e a consequente recuperação das matas ciliares, que em muitos casos chegava à inexistência total.

Em ação que integrou os proprietários, a gestão municipal e o Ministério Público, em Audiência Pública, firmou-se Termos de Ajustamento de Condutas (TAC). O projeto enfrentou muitas dificuldades porque não havia uma metodologia e uma tradição de aplicação dos TACs formada. Como se tratava de forma inovadora de aplicação da legislação, uma vez que o TAC, não é propriamente o disposto na lei, o primeiro TAC firmado como termo coletivo teve avanços e revezes. Atualmente, vem se aperfeiçoando, por meio de Termos de Ajustamento de Condutas individuais, facilitando a fiscalização e o próprio ajuizamento da execução forçada, ou seja, obrigatoriedade de cumprimento dos termos.

A realidade descrita requer ampliação do debate e das estratégias de utilização enquanto instrumento de efetiva proteção ambiental, pois se for aplicado apenas em pequenas parcelas de territórios os efeitos serão ínfimos para não dizer insignificantes de impacto local, enquanto que a possibilidade de alcançar o equilíbrio ambiental e ecológico, requer mudanças de dimensões estruturais e supra nacionais.

Neste sentido as mudanças precisam ocorrer em nível de educação ambiental, uso racional na exploração das margens do Rio Uruguai, bem como, no mundo jurídico, construindo elementos de aproximação dos princípios e normas ambientais, que conduzam à efetividade das leis.

O ordenamento dos Bosques Nativos, como é denominada a legislação que cuida da proteção à mata ciliar na Província de Misiones é recente, e decorre da Lei Nacional Nº 26.331/2007 que estabelece os pressupostos mínimos de proteção ambiental dos bosques nativos. Trata-se de projeto de lei, datado do dia 23 de julho de 2010. O projeto se faz necessário, ou seja, é uma obrigação, pois a Lei Nacional ordena que todas as províncias estabeleçam o seu ordenamento dos bosques nativos:

En un plazo máximo de UN (1) año a partir de la sanción de la presente ley, a través de un proceso participativo, cada jurisdicción deberá realizar el Ordenamiento de los Bosques Nativos existentes en su territorio de acuerdo a los criterios de sustentabilidad establecidos en el Anexo de la presente ley, estableciendo las diferentes categorías de conservación en función del valor ambiental de las distintas unidades de bosque nativo y de los servicios ambientales que éstos presten. La Autoridad Nacional de Aplicación brindará, a solicitud de las Autoridades de Aplicación de cada jurisdicción, la asistencia técnica, económica y financiera necesaria para realizar el Ordenamiento de los Bosques Nativos existentes en sus jurisdicciones. Cada jurisdicción deberá realizar y actualizar periódicamente el Ordenamiento de los Bosques Nativos, existentes en su territorio.

Verifica-se que, mesmo com a imposição disposta no art. 6º, e a urgente crise ambiental, o projeto de lei não foi elaborado dentro de um ano, mas sim, após decorridos três anos. O projeto tem seu fundamento, dentre vários motivos, na importância dos bosques nativos de Misiones ao ecossistema. A exposição diz que os bosques são o último reduto do ecossistema da Selva Paranaense, e

que a proteção abrange os bosques de 800 cursos de água, afluentes dos Rios Paraná e Uruguai, sendo que estes são os principais rios da bacia do Prata:

Dicho ordenamiento permitirá a las mismas acceder a los beneficios que la ley establece, en el marco del Fondo Nacional para el Enriquecimiento y la Conservación de los Bosques Nativos, otorgando a las provincias compensaciones por los servicios ambientales que los bosques nativos brinden.

Los bosques nativos de Misiones representan el último relicto compacto del Ecosistema de la Selva Paranaense y en este ecosistema se encuentra el 29% de las plantas vasculares del país y el 50% de los vertebrados del país, que asimismo protegemos el agua de las cuencas hidrográficas con los bosques protectores de 800 cursos de agua que son afluentes de los Ríos Paraná y Uruguay, siendo estos los principales Ríos de la Cuenca del Plata.

Diante de tal afirmação, vê-se a grande importância e necessidade em elaborar o Ordenamento dos Bosques Nativos na Província de Misiones. A lei estabelece o Ordenamento dos Bosques Nativos e dos mecanismos a implantar na Província de Misiones o Regime de Promoção do Manejo Sustentável e Conservação dos Bosques Nativos.

De acordo com o Capítulo 2, os critérios de sustentabilidade se dividem em três categorias: Categoria Vermelha, Categoria Amarela e Categoria Verde.

A categoria I - vermelha compreende as áreas naturais protegidas, como as dos Parques e reservas. E também, os bosques protetores dos rios principais e o perímetro do Rio Uruguai, numa faixa de 100 metros.

A categoria II – amarela, compreende os Bosques nas propriedades privadas, estabelecendo para estes, uma área igual a 3 vezes a largura do rio, para cada margem, não podendo esta ser inferior a 10 metros.

Por fim, a categoria verde, que compreende as áreas com bosques nativos que por qualidade do solo podem ser utilizados para o desenvolvimento de atividades produtivas, mas que não afetem áreas de Comunidades indígenas, corredores biológicos, nem áreas com existência de espécies protegidas.

Verifica-se diante de tal descrição, que os critérios estabelecidos para as áreas de preservação das matas ciliares do Rio Uruguai na Legislação Argentina, não adota os mesmos critérios da Legislação Brasileira, ou a legislação brasileira não faz alusão a critérios internacionais e tanto no antigo código, agora revogado, bem como no polêmico e indefinível código brasileiro em fase de aprovação, que se converte cada dia mais em uma colcha de retalhos que destoam entre si, produzindo uma instabilidade do ponto de vista da efetiva capacidade de proteção do meio ambiente e da garantia do direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem como as incertezas jurídicas que marcarão a nova lei, porquanto, desrespeita princípios constitucionais fundamentais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Crise Ambiental é um problema atual e seus sintomas atingem a todo planeta. Medidas protetivas são necessárias com urgência para que se tenha tempo de reverter à situação. Considerando tal fato e a questão fronteira, Brasil e Argentina, o objetivo de análise das leis Brasileiras e Argentinas no que tange as matas ciliares do Rio Uruguai, parece plenamente atendido, enquanto objeto de estudo.

Assim, mesmo diante de uma legislação recentemente produzida na Argentina, pouca coisa se conseguiu realizar na prática. Os resultados almejados precisam ir além do proposto no papel. No caso brasileiro as mudanças que estão em curso no que respeita as matas ciliares, dentro do chamado Código Florestal, apresenta um quadro de incerteza e insegurança, mesmo que ainda não tenha uma definição, porquanto o quadro de disputas entre poderes tem se mostrado um jogo pesado e que o objetivo não é cuidar das águas e do meio ambiente de maneira geral, mas o preponderante tem sido o crescimento econômico, que não pretende obedecer ou respeitar regras e princípios ambientais.

No entanto, otimizada a realidade atual de ambos os países, conclui-se que não basta ter ótimas leis, faz-se necessário uma maior ação política, capaz de dispor mais recursos, a fim de restituir aos órgãos responsáveis sua total capacidade de atuação. Ademais, os problemas ambientais, hoje, não estão mais vinculados à falta de Legislação reguladora. A construção de uma consciência

ecologicamente correta é a proposta que se faz necessário. E neste sentido, constatou-se que mesmo diante das precárias condições, projetos demonstrando a importância dessas áreas, estão sendo desenvolvidos em ambos os países. Por fim, em tempos que se media uma consciência ecologicamente correta, a educação, conjuntamente às leis, vem sendo priorizada como um dos caminhos na busca de melhores resultados. Portanto, como não é só de leis que vivem os homens, as atitudes e a integração destes à natureza, importarão no retrocesso. Somente assim, a garantia do meio ambiente sadio estará assegurada. As dificuldades atuais apresentam lacunas decorrentes da falta de sistemas jurídicos capazes de dialogar de forma transfronteiriça.

## REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL. LEI 4.771/65. Institui o Novo Código Florestal. In: **Vade Mecum**. São Paulo. Saraiva, 2007.
- [2] MILARÉ, Édis. **Direito do ambiente**: doutrina, jurisprudência, glossário. 4. ed. ver. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.
- [3] FRANCO, Dmitri Montanar. **Brasil e Argentina, um ensaio sobre legislação minero-ambiental**. Matéria publicada em 01 de junho de 2000. Disponível em:  
<<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=30&rv=Direito>>. Acesso em: 29 out. 2010.
- [4] PIGRETTI, Eduardo A. **Ambiente y Sociedad**: El bien común planetario. 1. ed. Buenos Aires: Lajouane, 2007.
- [5] BRASIL. LEI 7.347/85. Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico (vetado) e dá outras providências. In. **Vade Mecum**. São Paulo. Saraiva, 2010.
- [6] ARGENTINA. **LEI 26.331/07**. Lei de pressupostos mínimos de Proteção Ambiental dos bosques nativos.

# MEDIOS, POLITICA Y GOBERNANZA EN VENEZUELA Y EL MERCOSUR

Friedrich Welsch<sup>1</sup>

## RESUMEN

Se examina la relación entre política y medios de comunicación y su papel en la opinión pública en el caso de Venezuela, partiendo de las miradas teóricas opuestas de Noelle-Neumann (psicosocial, espiral de silencio) y Habermas (normativa, acción comunicativa). La evidencia empírica indica que la comunicación estratégica domina sobre la horizontal y bidireccional. En un segundo paso se analiza esta relación entre medios y política revisando datos de opinión pública y evaluaciones externas de la libertad de prensa, calidad de la gestión pública y gobernanza. Se muestra que los medios de comunicación son, en promedio, más creíbles que los gobiernos y que la calidad de la gestión pública y de la gobernanza se hallan asociados al grado de libertad de prensa.

Palabras Clave: Medios de comunicación – Gobernanza – Venezuela - Mercosur

## INTRODUCCIÓN

En democracia, la comunicación política se vincula con la libertad: el derecho fundamental a la libre formación de opiniones y voluntades y la garantía institucional de medios de comunicación autónomos, son constitutivos del orden democrático. En consecuencia, la política democrática tiene un deber comunicacional permanente y la comunicación y sus teorías se convierten en áreas de interés de la ciencia política en la medida que faciliten o impidan la participación libre y equitativa en la vida pública. Sostiene Quezada García (2006, p.188) que los medios de comunicación y la comunicación en sí son constitutivos de la esfera pública y consecuentemente, de la democracia. Por su parte, Martín-Barbero (2005, p.127) secunda esta idea: “en la comunicación se juega de manera decisiva la suerte de lo público, la supervivencia de la sociedad civil y de la democracia”.

Es en la esfera pública donde interactúan directa o indirectamente (vía medios) los actores sociales y políticos y donde se forma la opinión pública. Ésta, a su vez, es una instancia que monitorea la eficacia, calidad y transparencia de las políticas públicas (gobernanza). En el presente trabajo nos proponemos explorar, en un primer paso, la relación entre los medios de comunicación y la política en el caso de Venezuela. Luego ampliaremos la perspectiva hacia los países miembros del Mercosur y examinaremos si existe una relación entre la libertad de los medios de comunicación y la gobernanza.

## 1 ENFOQUE TEORICO-METODOLOGICO

¿Promueve la dinámica relacional entre política y medios de comunicación la emergencia de una esfera pública genuinamente democrática, caracterizada por la comunicación horizontal y bidireccional entre la política y la sociedad? No necesariamente: en una tesis doctoral sobre la política y los medios en la sociedad de la información, presentada hace ya dos decenios (Stoekler 1992), se discuten tres hipótesis generales en torno a esta relación (v. Schmidt 1999):

La tesis de los medios como “cuarto poder” o super-poder: los medios de comunicación pueden silenciar o demoler una figura o propuesta política, es decir que tienen la capacidad de restringir el ámbito de acción del sistema político a aquello que se adapta a los requerimientos mediáticos, llegando incluso a minar la gobernabilidad.

Diametralmente opuesta a la anterior, la tesis de la pérdida de autonomía de los medios: el aparato estatal y los partidos políticos influyen en los medios de comunicación a través de reglas sobre financiamiento, programación y publicidad, así como la definición de la agenda pública.

Una combinación de las dos anteriores, es decir, la simbiosis mediático-política en un supra-sistema donde ciudadanos y políticos perciben lo político como realidad construida por los medios.

---

<sup>1</sup> Político, Profesor en Ciencias Políticas, Universidad Simón Bolívar, Caracas. fwelsch@gmail.com



Sarcinelli (1995) sistematiza los planteamientos sobre la relación entre medios y política, diferenciando entre la comunicación política como área de la política pública, por un lado, y como proceso de comunicación mediática de contenidos políticos, por el otro. Según el carácter paradigmático de las relaciones entre política y comunicación – *separación de poderes, instrumental o simbiótica* – la relación dominante se define como autónoma, de control o de interacción, asumiendo los medios y la política roles de neutralidad crítica, de control o de intercambio. La matriz del Cuadro 1 recoge esta sistematización de las relaciones entre la política y la comunicación:

Paradigmas	Relación dominante	Medios en proceso político
Separación de poderes	Autonomía	Neutralidad, control, crítica, contra-poder
Instrumentalización	Control	Política/medios como objeto de control
Simbiosis	Interacción	Relación de intercambio

Cuadro 1: RELACIONES ENTRE POLITICA Y COMUNICACIÓN.

Fuente: Sarcinelli (1994, p.39).

Los enfoques teóricos sobre la opinión pública y comunicación política formulados por Noelle-Neumann y Habermas, de orden psicosocial y normativo, respectivamente, contribuyen a entender las nociones de opinión pública y comunicación política. En su trabajo sobre opinión pública y democracia, Marcela Portillo Sánchez (2000) destaca la importancia de estas “dos miradas contrapuestas que tratan de explicar el fenómeno de la opinión pública”. Noelle-Neumann (1989) sostiene que la formación de la opinión pública obedece a una dinámica en forma de espiral: las opiniones real o aparentemente dominantes, percibidas a través de los medios, se refuerzan cada vez más, mientras que las otras se debilitan porque los individuos temen el aislamiento social y tienden a adherirse a lo que sienten es la opinión dominante. En cambio, Habermas (1997) parte de un concepto normativo de lo público; la opinión pública surgió como instancia crítica frente al poder político. Pero en las democracias de masas, el espacio de lo público ya no se constituye entre individuos reunidos para razonar, sino que es generado por agentes de relaciones públicas. En consecuencia, estamos en presencia de la re-feudalización de la esfera pública por la labor de relaciones públicas de instituciones estatales y privadas. La opinión pública pierde su carácter de órgano de control de la política pública, convirtiéndose en una caja de resonancia de la publicidad. El público racional crítico se convierte en consumidor, la aclamación sustituye la legitimación democrática. El antídoto sería la acción comunicativa, el ideal discursivo de la comunicación orientada a entender al otro, que se enfrenta a la acción estratégica orientada a influenciarle.

A fin de establecer el tipo de relación entre medios y política en Venezuela utilizamos el índice de equilibrio desarrollado en un estudio comisionado por el organismo electoral del país, el Consejo Supremo Electoral, así como el análisis de la política comunicacional del gobierno con base en documentos oficiales.

## 2 MEDIOS Y POLÍTICA: EL CASO DE VENEZUELA.

El Observatorio Global de Medios de Venezuela y el Consejo Nacional Electoral elaboraron conjuntamente un estudio sobre los contenidos de opinión e información en medios nacionales y regionales durante la campaña previa al referendo constitucional de febrero de 2008. En ese referendo, el presidente Chávez logró convencer a la mayoría de los votantes para que aprobaran una enmienda que permite la reelección indefinida en cargos de elección popular.

Para determinar posibles sesgos a favor o en contra de cualquiera de las opciones en cuestión – la aprobación o negación de la reforma constitucional – se construyó un índice de equilibrio, con rangos cuantitativos entre 0 y 9, que se aplicó al análisis de contenido informativo electoral de once diarios y cuatro canales de televisión, tanto de tendencia favorable como crítica al gobierno e “independiente” o neutro. Se encontró que los medios impresos y televisivos mostraban equilibrios “moderados bajos” de cuatro sobre nueve. En otras palabras, los sesgos a favor o en contra del SI y del NO respecto de la propuesta presidencial prevalecían en la muestra seleccionada por el organismo

patrocinador del estudio – el Consejo Nacional Electoral – que no puede ser acusado como crítico del oficialismo. En particular, los medios muy identificados con una u otra posición presentaron el cuadro siguiente (v. Tabla 1):

Fuentes	Medios oficialistas		Medios opositores	
	Diario Vea	VTV <sup>2</sup>	Diario El Universal	Globovisión <sup>3</sup>
Del SI	80	69	16	10
Del NO	0	3	44	58
Institucionales	17	20	25	22
Apartidistas	3	8	15	10

Tabla 1: FUENTES DE LA INFORMACIÓN ELECTORAL.

Fuente: CNE/Observatorio Global de Medios, 2009.

Se observa claramente que tanto los medios oficialistas como los opositores privilegian fuentes informativas cercanas a sus propias preferencias partidarias, que desestiman fuentes contrarias –los medios oficialistas significativamente más que los opositores – y que las fuentes “neutrales” ocupan poco espacio, en este caso significativamente menos en los medios oficiales que en los opositores. Estos datos proporcionan el soporte empírico para afirmar que la comunicación mediática de contenidos políticos en Venezuela se caracteriza por el paradigma de la instrumentalización y que la relación dominante entre política y comunicación es la del control. Revisemos ahora la orientación de la política pública actual de comunicación en Venezuela.

El estudio de la política de comunicación parte de las premisas sociales, jurídicas y organizacionales de la comunicación pública e incluye el análisis del deber ser del orden comunicacional – expresado en los principios y valores estipulados en los artículos respectivos de la constitución – así como de la puesta en práctica y garantía de los mismos por parte de quienes ejercen el poder político. Profundizar respecto de las premisas de la comunicación escapa del alcance de este trabajo, razón por la que entramos directamente al análisis del orden comunicacional establecido en la constitución y su puesta en práctica.

La Constitución de 1999 establece el principio del pluralismo político (Art. 2 y 6), el derecho a la libre expresión del pensamiento (Art. 57) y la obligación de los medios de comunicación, públicos y privados, de contribuir a la formación ciudadana (Art. 108). La praxis reflejada en los resultados del estudio del Consejo Nacional Electoral, antes referido, demuestra que los principios del pluralismo político y, derivado de éste, del pluralismo informacional y comunicacional, no están en muy buenas manos ni en los medios privados ni, mucho menos, en los públicos. En la Venezuela profundamente dividida entre sectores que apoyan el proyecto del presidente Chávez y quienes lo adversan, con un amplio sector no identificado con ninguna de las dos posiciones diametralmente opuestas, los medios de mayor penetración funcionan como instrumentos para generar adhesiones y mantener lealtades en lugar de constituir espacios para el debate y la controversia.

Si la parcialización de los medios privados obedeciera a un proyecto estratégico opositor de ser gobierno en el futuro, cuya existencia sería perfectamente legítima en una democracia, pero que no se perfila claramente como tal, se podría decir que este objetivo se cumple con algunas limitaciones, como se desprende del estudio sobre equilibrio informativo del Consejo Nacional Electoral. En cambio, la parcialización de los medios públicos como proyecto estratégico del gobierno del presidente Chávez para alcanzar la hegemonía comunicacional es al menos cuestionable, por tratarse de medios de todos los venezolanos que son los que menos deberían eludir el debate plural y la controversia. En lo que respecta a los medios del Estado, públicos, de todos los venezolanos, la negación del principio pluralista no es sólo circunstancial, sino abiertamente programática, como se desprende de las declaraciones de Andrés Izarra, a la sazón director de la Televisora estatal Telesur y actualmente Ministro para la Comunicación e Información, quien sostiene que

<sup>2</sup> Venezolana de Televisión, televisora del Estado venezolano en señal abierta de cobertura nacional.

<sup>3</sup> Canal de noticias, televisora en señal abierta, de cobertura nacional parcial (sólo algunas ciudades).

El presidente ha venido hablando de siete líneas estratégicas y pone como prioritaria la línea de la ética socialista; nosotros pensamos que tenemos que ir hacia un nuevo plan estratégico, sobre todo cuando se producen dos grandes medidas a ese nivel: la no renovación de la concesión de RCTV<sup>4</sup> y la compra de CMT<sup>5</sup> por Telesur<sup>6</sup>. ...Para el nuevo panorama estratégico que se plantea, la lucha que cae en el campo ideológico...hay que elaborar un nuevo plan, y el que nosotros proponemos es que sea hacia la hegemonía comunicacional e informativa del Estado. (PRADAS, 2007).

Sobran comentarios. El principio del pluralismo político y comunicacional, consagrado en la constitución, no se respeta en la praxis definitoria de la política comunicacional para la formación de opinión ciudadana y pública que persigue el gobierno del presidente Chávez. Su objetivo estratégico es la hegemonía comunicacional y opinática, hecho que invita a examinar si, en una situación de esta naturaleza, se valida el planteamiento de Noelle-Neumann, ya mencionado, respecto de la formación de la opinión pública y su medición en entornos sociales polarizados.

La tesis de la espiral del silencio ha recibido mucha atención y suscitado controversias entre los estudiosos de la opinión pública (v. Kennamer 1990; Price y Allen 1990). En el caso específico de la campaña electoral presidencial venezolana de 2006 se encontró evidencia empírica que la valida. En un sondeo representativo (urbano) realizado en noviembre de ese año, semanas antes de la fecha electoral (Observatorio Hannah Arendt, 2006), la muestra se dividió tres submuestras. Los entrevistadores utilizaron lápices identificados por su color (rojo, azul, neutro) con uno de los dos candidatos con mayor opción o con ninguno de ellos. Los resultados demostraron que la inclinación del voto para el candidato del oficialismo (Chávez) fue significativamente mayor en la submuestra de lápices rojos (pro-Chávez) que en la de lápices neutros o la de lápices azules (pro-opositor).

En una sociedad tan profundamente dividida como la venezolana, la esfera pública se fragmenta en públicos que poco tienen en común respecto de los valores, contenidos políticos e incluso lenguaje: son públicos excluyentes que tienden a la formación de guetos en los que se estigmatiza al otro como traidor de la patria o delincuente (v. University of Heidelberg). Estos públicos “dialogan” con una “opinión pública”, aunque ésta no es la habermasiana de las ideas que se pueden expresar libremente sin miedo al aislamiento o a la coacción. Prueba de ello son las bases de datos tipo “Maisanta” o “Lista Tascon”, elaboradas en abierta violación de normas legales con base en los (supuestamente confidenciales) cuadernos de votación contentivos de las firmas de los ciudadanos que se pronunciaron a favor de la realización de un referendo revocatorio del mandato del presidente Chávez en 2004 – que éste ganó – y que son usadas todavía para excluir a los “disidentes” de empleos en el sector público e incluso de los beneficios derivados de las “misiones”. Es decir, de transferencias sociales complementarias o sustitutivas de políticas públicas que no generan derechos y que se otorgan a cambio de lealtad política.

La evidencia empírica en el caso venezolano indica que se privilegia claramente la comunicación estratégica, dejando poco espacio para la acción comunicativa. Aún así, los medios de comunicación, tanto privados como oficiales, son percibidos como entidades que trabajan por el bienestar del país, con clara ventaja para los privados (69%) sobre los oficiales o públicos (57%) (Datanálisis 2009).

En vista del reciente ingreso de Venezuela como miembro pleno del Mercado Común del Sur, es oportuno comparar aspectos de la relación entre política y medios de comunicación en los países miembros de la Comunidad. En su V. Reunión celebrada en 2006 (Mercosur 2006), las Altas Autoridades Competentes en Derechos Humanos rechazaron la propuesta venezolana de regular el papel de los medios de comunicación en la creación de una cultura de respeto a los derechos humanos similar a la Ley de Responsabilidad Social en Radio y Televisión (Ley Resorte) de ese país. El representante de Brasil sostuvo que la propuesta era prescindible, posición que los representantes de Argentina, Paraguay y Uruguay secundaron (Adnmundo 2006).

<sup>4</sup> Canal de televisión privado de señal abierta, con cobertura nacional, el más antiguo y de mayor audiencia de Venezuela; su cierre provocó una ola de protestas a nivel nacional e internacional.

<sup>5</sup> Canal de televisión privado de señal abierta, con cobertura regional.

<sup>6</sup> Canal de Televisión del Estado venezolano con alcance hemisférico.

### 3 PERSPECTIVA COMPARADA: MERCOSUR.

Los sondeos periódicos de la Corporación Latinobarómetro ofrecen amplia y bien documentada información cuantitativa sobre la opinión pública y la comunicación política en América Latina. A fin de comparar un aspecto fundamental de la relación entre medios y política, examinamos la confianza en las instituciones. Desde que se inició la medición anual de la confianza en las instituciones en 1996, los datos han variado de año en año y de país en país, aunque el patrón general de su distribución ha permanecido constante. La Iglesia lidera la tabla con niveles de confianza cercanos o superiores a los dos tercios, seguida por los medios de comunicación, con valores de alrededor de la mitad de los entrevistados. Cuatro de cada diez latinoamericanos, en promedio, confían en las fuerzas armadas y la empresa privada, y alrededor de un tercio en los gobiernos nacionales y locales, la policía, la administración pública y el poder judicial. Las instituciones menos confiables son los sindicatos, parlamentos y partidos políticos (Corporación Latinobarómetro 2011, p.52-54).

En lo que respecta a los cinco países miembros del Mercosur, se observa que la confianza en los medios y en los gobiernos varía significativamente, aunque también existe un patrón general, pues en promedio, los medios son considerados como más creíbles que el gobierno. En cuatro de los cinco países (Brasil, Paraguay, Uruguay y Venezuela), más de la mitad de la población confía en los medios de comunicación, llegando a niveles cercanos a siete de cada diez en Paraguay. La excepción es Argentina donde un poco menos de la mitad de la población confía en los medios. En dos de los cinco países (Brasil y Paraguay), los públicos creen significativamente más en sus medios de comunicación que en sus gobiernos, mientras que los uruguayos confían significativamente más en su gobierno que en sus medios de comunicación; los argentinos y venezolanos manifiestan niveles de confianza casi idénticos respecto de ambos (v. Tabla 2).

País	Confianza en medios (a)	Confianza en gobiernos (b)	Diferencia (a-b)
Argentina	47	48	-1
Brasil	58	39	19
Paraguay	71	37	32
Uruguay	56	62	-6
Venezuela	53	51	2
Promedios	57	47	10

Tabla 2: CONFIANZA EN MEDIOS DE COMUNICACION Y GOBIERNOS.

Fuente: Corporación Latinobarómetro, 2011.

Aunque no es posible aprehender la compleja realidad de la relación entre política y medios en un sólo y limitado indicador como es la confianza de los públicos, los datos antes comentados abren una pista hacia la comprensión más profunda del problema. Una segunda aproximación consiste en estudiar los posibles vínculos entre las percepciones externas y comparadas de la eficacia, calidad y legitimidad de la intervención del Estado en la sociedad y la evaluación, también externa y comparada, respecto de la libertad de los medios de comunicación.

### 4 LIBERTAD DE MEDIOS Y GOBERNANZA.

La política de comunicación no es una política pública más entre otras muchas. Se ocupa de establecer las condiciones sociales, jurídicas y organizativas de la comunicación en la esfera pública, generando el marco general en que los medios de comunicación pueden actuar. Las características de estas condiciones-marco se cristalizan en indicadores de la libertad de expresión. Los más conocidos y confiables son los que elaboran anualmente instituciones como Reporteros sin Fronteras o la Fundación Freedom House. Aunque las metodologías y formas de medición y presentación de estos indicadores varían, sus resultados son bastante consistentes. Para los fines de la comparación entre la libertad de medios y algunos indicadores de gobernanza utilizamos los datos de Freedom House, junto con datos sobre la calidad de la gestión pública (Bertelsmann Transformation Index) y datos sobre gobernanza del Instituto de las Naciones Unidas (Worldwide Governance Indicators).

Indicador	Argentina	Brasil	Paraguay	Uruguay	Venezuela
BTI, Calidad de gestión política (posición, tendencia)	60/128 =	4/128 =	24/128 =	2/128 =	121/128 =
WGI, Voz y rendición de cuentas (1-100, tendencia)	57 +	64 +	45 -	86 +	22 -
WGI, Estabilidad política y ausencia de violencia (1-100, tendencia)	45 -	48 +	19 -	77 +	10 -
WGI, Efectividad del gobierno (1-100, tendencia)	47 -	57 +	18 -	71 +	15 -
WGI, Calidad del marco regulatorio (1-100, tendencia)	27 -	57 +	41 -	64 +	4 -
WGI, Imperio de la ley (1-100, tendencia)	33 -	56 +	19 -	71 +	1 -
WGI, Control de la corrupción (1-100, tendencia)	40 -	60 +	25 -	86 +	7 -
Freedom House, Libertad de prensa, posición	Parcialmentelibre 104/197	Parcialmentelibre 91/197	Parcialmentelibre 132/197	Libre 51/197	No libre 168/197

Tabla 3: INDICADORES DE GERENCIA POLITICA, GOBERNANZA Y LIBERTAD DE PRENSA.

Fuentes: Bertelsmann 2012; WGI 2011; Freedom House 2012.

Uruguay es el país miembro del Mercosur mejor posicionado en lo que a la evaluación de la libertad de prensa se refiere. Es el único miembro cuya praxis en cuanto libertad de prensa es calificada como libre. A cierta distancia le sigue Brasil, posicionado en la mitad superior de los rangos y una política comunicacional calificada como parcialmente libre. En la mitad inferior se encuentran Argentina y Paraguay, también calificados como parcialmente libres, y muy distante Venezuela, único de lo cinco países con la calificación de no libre.

Respecto de la calidad y eficiencia de la gestión pública, se destacan Uruguay y Brasil, pues ocupan las posiciones dos y cuatro, respectivamente, entre los 128 países en transformación estudiados. Les siguen Paraguay (24) y Argentina (60), ambos en la mitad superior de los rangos, mientras que Venezuela queda posicionada en uno de los diez últimos puestos. Respecto de la medición anterior, los cinco países mantienen su tendencia.

La evaluación de la gobernanza arroja un resultado muy similar: Uruguay es el país miembro del Mercosur mejor evaluado en las seis dimensiones de la gobernanza (participación y auditoría social, estabilidad, efectividad e las políticas públicas, calidad del marco regulatorio, imperio de la ley y control de la corrupción), cuya trayectoria es además positiva. A cierta distancia le sigue Brasil, que también exhibe tendencias positivas en las seis dimensiones. Argentina muestra un cuadro mixto: algunos indicadores – participación, estabilidad y efectividad – no distan mucho de los de Brasil, mientras que otros – marco regulatorio, imperio de la ley y control de la corrupción – la alejan de su vecino. Las tendencias son mayormente negativas. Paraguay tiene dos evaluaciones que la sitúan en el segundo cuartil de los rangos (participación y marco regulatorio), mientras que las cuatro restantes no pasan del cuartil más bajo; las trayectorias de los indicadores son todas negativas. Los indicadores para Venezuela se afianzan en el cuartil más bajo; cuatro de los seis están en el decil inferior, todos muestran trayectorias negativas.

Comparando la evaluación de la libertad de prensa – como una aproximación a la política pública de comunicación – con la evaluación de la gestión pública y de la gobernanza en los países miembros del Mercosur, observamos que ésta está vinculada con aquella: un mayor margen de libertad de prensa se asocia con una mejor gestión pública y gobernanza.

## CONCLUSION

Nuestro examen de la relación entre política y medios de comunicación en Venezuela en función de los paradigmas de separación de los poderes, instrumentalización y simbiosis mediático-política mostró que el tipo de relación dominante es el control. Se privilegia la comunicación estratégica sobre la acción comunicativa, tanto en los medios privados como en los del Estado, aunque en grado significativamente mayor en estos últimos. Ampliando la perspectiva hacia los países miembros del Mercosur constatamos que los medios de comunicación son, en promedio, más creíbles que los gobiernos, y que un mayor grado de libertad de prensa está asociado a mejores evaluaciones de la gestión pública y la gobernanza.

## REFERENCIAS

- [1] Quezada García, N. Reseña de. **Medios de comunicación y democracia** de E. Sánchez-Ruiz. *Comunicación y Sociedad*, Guadalajara-México, n.5, p.187-189, 2006.
- [2] Martín-Barbero, J., Los oficios del comunicador. **Co-herencia**. Medellín-Colombia, v.2, n.2, p.115-143, 2005.
- [3] Stoeckler, M. **Politik und Medien in der Informationsgesellschaft**, Muenster-Alemania, 1992.
- [4] Schmidt, S. Verschmelzen Medien und Politik? En: Maresch/Weber, **Kommunikation, Medien, Macht**, Frankfurt, 1999.
- [5] Sarcinelli, U. Kommunikationstheorien der Politik. En: Nohlen/Schultze (comp.), *Lexikon der Politik*, v.1, **Politische Theorien**, Muenchen-Alemania, p.241-248, 1995.
- [6] Portillo Sánchez, M. Opinión pública y democracia. Dos miradas: El modelo normativo de Habermas y el modelo psicosocial de Noelle-Neumann, **Razón y Palabra**, n.18, Mayo-Julio, 2000. Disponible en: [www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n18/18omportillo.html](http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n18/18omportillo.html). Acceso 3. Nov. 2009.
- [7] Noelle-Neumann, E. **Oeffentliche Meinung. Die Entdeckung der Schweigespirale**, Frankfurt-Alemania, 1989.
- [8] Habermas, J. **Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**, Madrid-España, 1997.
- [9] Consejo Nacional Electoral y Observatorio Global de Medios, **Informe Final. Los contenidos de opinión e información electoral en medios de comunicación social nacionales y regionales: Referendum enmienda constitucional Venezuela 2009**. Disponible en: [www.observatoriomedios.org.ve/docs/Informa\\_FINAL\\_%20da%20version.pdf](http://www.observatoriomedios.org.ve/docs/Informa_FINAL_%20da%20version.pdf). Acceso 3. Nov. 2009.
- [10] Pradas, M. **El socialismo necesita una hegemonía comunicacional**. Entrevista a Andrés Izarra. Disponible en: [www.boletin.uc.edu.ve](http://www.boletin.uc.edu.ve). Acceso 3. Nov. 2009.
- [11] Kenamer, J.D. **Self-serving biases in perceiving the opinion of others**. *Communication Research* v.17 n.3, p. 393-404, 1990.
- [12] Price, V. y S. Allen. **Opinion Spirals: Silent and Otherwise**. *Communication Research*, v.17 n.3, p.369-392, 1990.
- [13] Observatorio Hannah Arendt, **Encuesta sin miedo**, mimeo, Caracas-Venezuela, 2006.
- [14] University of Heidelberg. Forschungsbereich **Oeffentlichkeit und Medien**. Disponible en: [www.asia-europe.uni-heidelberg.de/de/forschung/b-public-spheres/more-about-b-public-spheres.html](http://www.asia-europe.uni-heidelberg.de/de/forschung/b-public-spheres/more-about-b-public-spheres.html). Acceso 3. Nov. 2009.
- [15] Datanálisis, **Encuesta Omnibus**, Caracas, 2009.
- [16] Mercosur. V Reunión de altas autoridades competentes en derechos humanos y cancillerías de los Estados partes del Mercosur y Estados Asociados, **Acta definitiva y anexos**. Disponible en: [http://www.derhuman.jus.gov.ar/mercosur/area\\_reservada/index.html](http://www.derhuman.jus.gov.ar/mercosur/area_reservada/index.html). 2006. Acceso 3. Sep. 2012.
- [17] ADN Mundo. **El Mercosur no aceptó la ley de Venezuela**, 6 de septiembre de 2006. Disponible en: [www.adnmundo.com/contenidos/i\\_regional/venezuela\\_chavez\\_mercosur\\_libertad\\_expresion\\_derechos\\_humanos\\_ir.html](http://www.adnmundo.com/contenidos/i_regional/venezuela_chavez_mercosur_libertad_expresion_derechos_humanos_ir.html). Acceso 3. Sep. 2012.
- [18] Corporación Latinobarómetro. **Informe 2011**, Santiago de Chile, 2011. Disponible en: [www.latinobarometro.org](http://www.latinobarometro.org). Acceso 3. Sep. 2012.

- [19] Bertelsmann Stiftung (ed.), Transformation Index BTI 2012. **Political Management in International comparison**, Guetersloh-Alemania, 2012. Disponible en: [www.bti-project.org](http://www.bti-project.org). Acceso 3. Sep. 2012.
- [20] World Bank. **Worldwide Governance Indicators**. 1996-2010. Disponible en: <http://info.worldbank.org/governance/wgi/resources.htm>. Acceso 3. Sep. 2012.
- [21] Freedom House, **Freedom of the Press 2012**, Washington, D.C.-EE.UU., 2012. Disponible en: <http://www.freedomhouse.org/report/freedom-press/freedom-press-2012>. Acceso 3. Sep. 2012.

# MISIONES EN EL CONTEXTO DEL MERCOSUR

José Andrés Yablonski <sup>1</sup>

## RESUMEN

La integración debe construirse en todos los niveles posibles, los aspectos políticos poseen un peso para iniciar este proceso y acompañarlo y continuarlo hasta el logro de los objetivos establecidos. La integración no puede ser sólo un conjunto de decisiones de las cúpulas sin participación de la sociedad, sino que ésta debe intervenir en cada etapa. El estudio de la competitividad es un factor importante debido a que han aumentado las innovaciones técnicas, la tendencia a la globalización empresarial y los procesos de integración económica entre países. El emprendimiento es el eje principal de desenvolvimiento económico de un país. En esta instancia se destaca el papel del agente transformador del emprendedor con función esencial en el proceso de desenvolvimiento económico. Si bien la provincia solamente participa con aproximadamente el 1,5% del Producto Bruto Interno Nacional, posee lo más difícil de conseguir por un país por medio de la voluntad y es que se encuentra integrada históricamente con los países que la rodean, es lo que se suele denominar una integración “de hecho”.

Palabras claves: Comercio – Integración – Desenvolvimiento – Identidad.

## INTRODUCCIÓN

Es más fácil hacer discursos políticos en cuanto a integración, identidad cultural, inclusión social que llevarlos a la práctica. En este sentido, la provincia de Misiones integra una región que sobrepasa cualquier límite político puesto en algún momento de la historia, los modos de vidas, las cultura ancestral de nuestros indígenas sigue en vigencia absoluta y para quienes habitan la región, traspasar la frontera es un mero trámite obligado a hacer para realizar compras o visitar familiares.

Esos lazos son los que actualmente nos permite lograr con mayor facilidad acuerdos tanto económicos, políticos, sociales y culturales; los cuales hacen a la región más competitiva.

Por ello el objetivo principal de esta investigación es: “describir a la provincia de Misiones en el contexto del MERCOSUR.”

A continuación, su desarrollo.

## 1 METODOLOGÍA

Tipo de investigación: descriptiva.

Fuentes secundarias: libros, artículos de INTERNET, datos del INDEC, convenios firmados.

Población: Misiones en el contexto del MERCOSUR.

Unidad de análisis: provincia de Misiones.

## 2 MARCO TEÓRICO

En el siguiente apartado, se define el comercio exterior, la integración y el desenvolvimiento regional como términos íntimamente relacionados entre sí, en donde son prioritarios para que una región específica se identifique como un solo bloque en cuanto a cuestiones económicas, políticas, sociales y culturales.

Si bien en un primer momento el modelo de integración del MERCOSUR estuvo basado en lo económico y comercial, luego, los avances en el área política, social y de participación ciudadana

---

<sup>1</sup> Estudiante de la Tecnicatura y Profesorado de Seguridad e Higiene, Instituto Hernando Arias de Saavedra.  
yablonski\_jose@hotmail.com



lograron un debate en cuanto a la reforma institucional; puesto que sin esa reforma no se podía avanzar en el proceso de integración regional.

En cuanto al comercio exterior, el estudio de la competitividad es un factor importante debido a que han aumentado las innovaciones técnicas, la tendencia a la globalización empresarial y los procesos de integración económica entre países. Uno de sus efectos, es la reducción del proteccionismo traducidos en baja de aranceles y la creación de nuevos espacios donde cada empresa debe demostrar ser lo suficientemente competitiva.

Según Zarzoso y Parrilla (2001, p. 120), la evaluación de la capacidad competitiva de los países y de las empresas, se ha estudiado desde diferentes enfoques; el primero, se basa en el análisis de los factores de competitividad agregada o macroeconómica, que está asociado al tipo de cambio efectivo real de un país de referencia con relación al resto de los países competidores; el segundo, trata de evaluar los factores de la competitividad sectorial, donde se pretende analizar cómo varían las pautas competitivas entre unos sectores y otros como consecuencia de la influencia de muchos factores competitivos que prevalecen en los mercados imperfectos; y la tercera, se centra en el estudio de las influencias en la gestión empresarial, donde hace referencia a la importancia de la organización y la gestión empresarial en la competitividad de la empresa:

Uno de los métodos más utilizados para medir las ventajas comerciales de un país frente al exterior es el índice de ventaja comparativa revelada (IVCR), que parte del supuesto de que existe una relación directa entre las ventajas comerciales y el saldo comercial, considerando que las exportaciones reflejan la capacidad competitiva de un país, mientras que las importaciones ponen de manifiesto las debilidades comerciales del mismo. [...] el IVCR se define como la proporción del saldo comercial de un sector respecto a su volumen de comercio y refleja las ventajas comerciales de este grupo de países, permitiendo la observación de los cambios producidos en el tiempo en cuanto a su posición competitiva. (ZARZOSO y PARRILLA, 2001).

Pero cuando se habla de bloques, con países donde la diversidad es amplia, Abínzano (2000, p. 108-109) sugiere que la integración debe construirse en todos los niveles posibles, aunque al principio los aspectos económicos ocupen un papel preponderante. Los aspectos políticos poseen un peso tanto para iniciar este proceso como para acompañarlo y continuarlo hasta el logro de los objetivos establecidos. La integración no puede ser sólo un conjunto de decisiones de las cúpulas sin participación de la sociedad, sino que ésta debe intervenir en cada etapa.

Con la creación del Parlamento del MERCOSUR en el año 2004, se garantizó la representación de todos los pueblos que la componen. Allí, se dan consensos en cuanto a cuestiones políticas y sociales y se sientan las bases para lograr políticas de integración y actúa como espacio de inclusión social. En el año 2006, se lanzó el programa “Somos MERCOSUR”, que involucra a la ciudadanía en el proceso de integración y la construcción de una identidad regional.

El MERCOSUR social tiene como premisas:

- a) Construir una ciudadanía e identidad única;
- b) Fortalecer la democracia y profundizar la participación social en el proceso de integración;
- c) Reducir las desigualdades y asimetrías;
- d) Ampliar las oportunidades sociales;
- e) Lograr una sociedad capaz de dar respuesta a los desafíos sociales.

En cuanto a lo cultural, la cultura es protagonista y difusor indiscutido del conocimiento y de las interrelaciones. Para que esto se realice se debieron tomar medidas que garanticen la libre circulación de los actores culturales y de encauzar líneas de financiamiento para los diversos proyectos.

Ahora, para que todo lo expuesto hasta aquí sea posible, es necesario un desenvolvimiento a nivel regional. En un informe realizado por Bastos do Carmo y Vanalle, citan el concepto de Furtado, donde expresa que el concepto de desenvolvimiento se resume en tres dimensiones: la del incremento de la eficacia del sistema productivo; la de la satisfacción de las necesidades elementales de la población y de la utilización de recursos escasos por grupos dominantes. Así, el emprendimiento es el eje principal de desenvolvimiento económico de un país. La difusión de la tecnología para otros emprendimientos permite el proceso de acumulación; siendo que, para el aumento de la eficacia, es

necesaria una ruptura radical que es dada por medio de la introducción de un nuevo producto, método o tecnología, de manera innovadora.

En esta instancia se destaca el papel del agente transformador del emprendedor con función esencial en el proceso de desenvolvimiento económico, siendo el responsable por la operación de nuevas combinaciones de los factores productivos:

Desenvolvimiento local y regional necesita que las instituciones de la comunidad local tengan involucramiento participativo desde la realización del diagnóstico y planeamiento, hasta el control y mejoría del sistema, pasando por la elaboración de compromisos con el poder público y privado, en el sentido del fortalecimiento y fomento de una sociedad y comunidad local más proactiva e innovadora, a través de una integración con las instituciones de enseñanza superior, teniendo como papel importante la generación de conocimiento y tecnología para el desenvolvimiento y la diversificación de la economía local en cadenas y redes productivas empresariales, produciendo entonces ventajas competitivas. (BENKO IN BASTO DO CARMO y VANALLE, s/a)

A continuación se describe la situación de la provincia de Misiones, Argentina con respecto al MERCOSUR.

### 3 RESULTADOS Y ANÁLISIS

La provincia de Misiones, Argentina se encuentra estratégicamente ubicada en el denominado corazón del MERCOSUR, el 90% de sus fronteras son internacionales con la República Federativa del Brasil y la República del Paraguay; la restante frontera nacional la comparte con la hermana provincia de Corrientes.

Si bien la provincia solamente participa con aproximadamente el 1,5% del Producto Bruto Interno Nacional, posee lo más difícil de conseguir por un país por medio de la voluntad y es que se encuentra integrada históricamente con los países que la rodean, es lo que se suele denominar una integración “de hecho”.

#### 3.1 MISIONES EN EL COMERCIO EXTERIOR

Las exportaciones en Misiones totalizaron un total de 529,404 millones de U\$, teniendo en cuenta los últimos diez años, éstas crecieron un 113% desde entonces.

Las exportaciones realizadas por la provincia se componen de las manufacturas de origen agropecuario, como el té, la yerba canchada y molida y las manufacturas de madera, representan el 48%; las manufacturas de origen industrial, como la pasta celulósica y el papel, piezas de carpintería, tablero para pisos entre otros, representan el 33%; y los productos primarios como el tabaco y los cítricos, que representan el 19% del total:

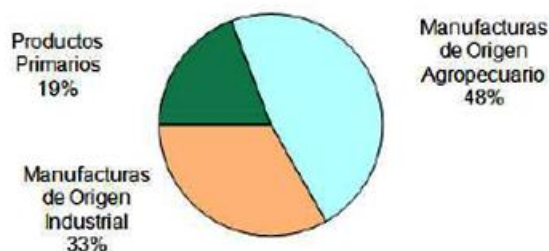


Gráfico 01- Composición de las exportaciones.  
Fuente: elaboración propia en base a datos del INDEC.

El destino principal de las exportaciones, que han ido cambiando su participación a lo largo de los años, es el MERSOSUR, con una participación del 31%, donde Brasil compra el 95% de esas

exportaciones; le sigue Estados Unidos con un 20%, países asiáticos con el 14%; y lo demás se distribuye entre los mercados europeos, africanos y demás países de América:

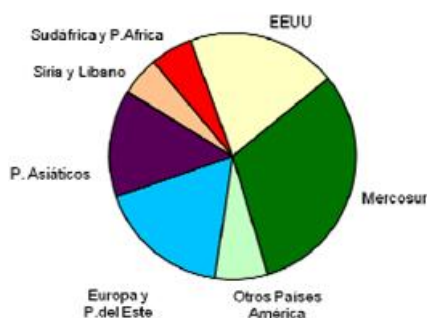


Gráfico 02- Destino de las exportaciones, año 2011.

Fuente: elaboración propia en base a datos del INDEC.

También el precio promedio de los productos en U\$S ha mejorado y demuestra una recomposición de los valores desde hace cinco años debido a la crisis internacional y a la política cambiaria del país. Aunque en el año 2008 se firmó entre los bancos centrales de Argentina y Brasil el Sistema de Pagos con Monedas Locales, destinados a operaciones comerciales de hasta 360 días, que permite a importadores y exportadores a cobrar las transacciones en moneda local, aunque es un sistema voluntario, abarca operaciones de comercios de bienes, incluidos los servicios y gastos relacionados con esas operaciones, tales como fletes y seguros.

### 3.2 MISIONES: INTEGRACIÓN Y DESENVOLVIMIENTO REGIONAL.

En cuanto a factores no económicos de la integración, se observa un interés en las poblaciones fronterizas por lograr un mayor acercamiento y adquirir conocimientos en cuanto a aprendizajes de idiomas, información periodística, interés en la historia común, acercamiento de las instituciones políticas y administrativas y educativas. La provincia tiene antecedentes, como en 1984, la creación de un Centro de Estudios Para la Integración Latinoamericana (CEPIL), en la Universidad Nacional de Misiones y la constitución de un Centro de Estudios de Integración, en la Facultad de Ciencias Económicas de la misma universidad.

Como convocatoria más reciente, en el mes de Junio del corriente año, se firma un convenio entre Misiones y el Estado de Río Grande do Sul, donde pactaron trabajar de manera conjunta en proyectos cooperativos en materia de infraestructura, turismo, cultura y problemas fronterizos. Contó con la participación de funcionarios nacionales y provinciales, representantes de la Universidad de Misiones y de otras entidades mixtas.

La cooperación y la integración productiva regional fueron los ejes del encuentro ente el Ministerio de Acción Cooperativa, Mutual, Comercio e Integración y el estado brasileño. Se planificó un enlace con la Agencia Brasileña de Cooperación y el Fondo Argentino del Sur-Sur y se firmó un acuerdo para instituir cursos de formación y cualificación de agentes de policía y otros funcionarios con respecto a asuntos fronterizos.

Tarson Núñez, asesor de Cooperación y Relaciones Internacionales del gobierno de Río Grande do Sul, manifestó:

La voluntad política de nuestro gobierno es sacar al MERCOSUR del papel y de las grandes transacciones comerciales y ponerlo en el territorio. Fortalecer los lazos, generar sinergia y trabajar en lo que estamos llamando integración productiva. Con asociaciones entre empresas, asociaciones entre nuestro parques tecnológicos. Tenemos que generar intereses y trabajar en conjunto buscando terceros mercados.

## CONCLUSIONES

Ya hace varias décadas y luego de pasar por dos guerras mundiales, el mundo entendió que unirse con aliados presenta un panorama más prometedor ante cualquier circunstancia; si bien, en muchos casos han sido específicamente militares y económicos; hoy se centra en el concepto de identidad cultural, donde las barreras políticas no son las mismas que las culturales.

Esto nos permite entendernos con los demás miembros de la región, pues hablamos el mismo idioma de la tradición. El conocimiento es primordial y nos ayudará a hacer frente a los cambios globales.

El desafío está en mantener esa integración en armonía, donde los actores puedan desenvolverse libremente, aportando ideas en cualquier lugar de la región; donde las nuevas ideas conlleven a la puesta en marcha de nuevos emprendimientos que hagan a la región más competitiva con respecto a los demás bloques.

## BIBLIOGRAFÍA

- [1] ZARZOSO, I; PARRILLA,S. **Estructura y evolución del comercio exterior de MERCOSUR**. ICE, la nueva agenda para América Latina, n. 790, p. 120-129, 2001.
- [2] ABÍNZANO, R. **MERCOSUR: un modelo de integración**. 3. ed. Misiones: Editorial Edunam, 2000.
- [3] BASTO DO CARMO, V; VANALLE, R. **Identificación de sectores productivos relevantes como contribución al emprendimiento y desenvolvimiento regional**. Disponible en: <http://redpymes.org.ar/R10/10-010.pdf>. Acceso: 03 sep. 2012.

# MODELO DE ESTIMACIÓN DEL VAB DE LAS CADENAS PRODUCTIVAS EN REGIONES TRANSFRONTERIZAS DE PAISES EN VÍAS DE DESARROLLO

Carlos M. Fdz-Jardón<sup>1</sup>  
Sergio Oscar Tarnoski<sup>2</sup>  
María Susana Martos<sup>3</sup>  
Miguel Angel Servín<sup>4</sup>  
Ana Alicia Pokolenko<sup>5</sup>

## RESUMEN

Para comprender el funcionamiento de la economía, y para observar y analizar las interacciones económicas que tienen lugar entre sus diferentes sectores es necesario buscar indicadores de la riqueza de un determinado territorio, sea este grande o pequeño. Los países suelen presentar diferentes indicadores a nivel nacional y, en algunos casos, desagregados por regiones, pero no suelen llegar a pequeñas comarcas o zonas en las que ese interés sigue siendo importante, si bien ya no es objeto de la estrategia nacional. El indicador más comúnmente utilizado es el valor añadido bruto (VAB) y ese es el que buscamos. Además se tiene en cuenta la estructura empresarial de la zona, haciendo uso del concepto de cadenas empresariales. En este trabajo se sugiere una metodología para estimar el VAB en zonas pequeñas dentro de países en vías de desarrollo por cadenas empresariales con idea de aplicarlo a comarcas transfronterizas, para evaluar la interacción existente entre ambos territorios.

Palabras clave: Estimación del VAB - regiones transfronterizas - Información escasa - Países en vías de desarrollo.

## INTRODUCCIÓN

Es conveniente conocer cual es la riqueza de una zona, aun cuando sea de modo aproximado, puesto que permite compararla con otras zonas, facilitar la toma de decisiones políticas para el desarrollo de esa zona y asegurar la fiabilidad de su evolución de acuerdo a las decisiones y comportamiento de sus habitantes. Todo ello, ayuda a comprender el funcionamiento de la economía, y es esencial para observar y analizar las interacciones económicas que tienen lugar entre sus diferentes sectores (INDEC, 2001). En la práctica se puede hacer uso de diferentes indicadores, todos ellos interesantes, ya que cada uno añade una característica específica que hace que ninguno sea desechable dentro del conjunto. No obstante, cuando se habla del sistema empresarial se suele recurrir al valor añadido bruto (VAB), puesto que está directamente relacionado con la riqueza que generan las empresas. El VAB puede definirse como el valor de las ventas de una empresa menos el valor de la materia prima y otros bienes intermedios que utiliza para producir lo que vende» (TAMAMES, 1998). Por lo tanto, es un indicador que trata de cuantificar en términos monetarios la capacidad de una empresa (como agente económico individual) para incorporar valor a su producción por la aplicación de trabajo y capital a los insumos provenientes del exterior (suministros básicos, suministros complementarios, trabajos realizados por otras empresas). A efectos de cálculo para una empresa en

---

<sup>1</sup> Doctor en Estadística y Economía. Profesor Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales. Universidad de Vigo. [cjardon@uvigo.es](mailto:cjardon@uvigo.es)

<sup>2</sup> Licenciado en Economía. Docente de la Universidad Gastón Dachary, Sede Posadas (Argentina).

<sup>3</sup> Ingeniera Química, Magister en Madera Celulosa y Papel, UNaM. Doctoranda Departamento Organización y Marketing, UVigo (España). [smartos@uvigo.es](mailto:smartos@uvigo.es)

<sup>4</sup> Ingeniero Agrónomo, Magister en Gestión Ambiental. Docente de la Facultad de Ciencias Económicas, Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, Sede Itapúa (Paraguay). [yimimaro@click.com.py](mailto:yimimaro@click.com.py)

<sup>5</sup> Licenciada en Comercio Internacional, Magister en Desarrollo Económico. Docente de la Universidad Gastón Dachary, Sede Posadas (Argentina). [apokolenko@gmail.com](mailto:apokolenko@gmail.com)

concreto, suele emplearse la cuenta de Pérdidas y Ganancias restando a la facturación el valor de los consumos de explotación (Mochón, 2005).

Este indicador también puede aplicarse a un conjunto de empresas de una determinada agrupación de actividades de un área geográfica concreta (GONZÁLEZ, FIGUEROA, GONZÁLEZ, JARDÓN, & MARTOS, 2006). La idea básica es que el VAB de una agrupación de actividades se obtendría por mera agregación de los VAB de cada una de las empresas integrantes de dicha agrupación. Teniendo en cuenta que, por la propia definición del VAB, en el cálculo individual ya se han descontado los insumos del exterior, no cabe hablar aquí de una posible doble contabilización de los productos no considerados como finales. Esto hace que sea un buen indicador del valor que se genera puesto que eso es lo que mide, la diferencia de lo que compra la empresa con aquello que vende (Carricajo, Díaz, & C.E., 2000).

Cuando se intenta medir el VAB a nivel territorial, se deben tener en cuenta características adicionales, dado que la información de las empresas de la zona no suele estar disponible de modo exhaustivo. Por ese motivo se han establecido instituciones especializadas que se encargan de estimar esa cantidad. Por ejemplo, en Argentina existe el Instituto de Estadística y Censos (INDEC), que elaboran el sistema de cuentas nacionales<sup>6</sup> de acuerdo a la normativa basada en el Sistema de Cuentas Nacionales 1993 (SCN 93) de la ONU; mientras que en Paraguay existe la Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC), que publica un anuario donde recoge datos de las estimaciones nacionales por sectores.

Estas estimaciones no llegan sin embargo al nivel de zona geográfica más desagregada, puesto que además de las dificultades inherentes a su estimación existen otras derivadas de la implantación de las empresas y de las ventas y relaciones con otras zonas. En los países en vías de desarrollo es habitual encontrar una dificultad adicional originada por la limitación de las fuentes de información disponibles asociada al alto nivel de la economía informal que lastra los estudios y las estimaciones realizadas. Eso exige un esfuerzo adicional de estimación con las restricciones que eso lleva consigo.

El concepto de VAB está muy asociado al de Producto Interior Bruto (PIB) hasta el punto de que en la práctica se utilizan casi indistintamente. De hecho, cabría pensar que en términos globales al realizar la agregación del VAB de todas las empresas de todas las actividades de un área geográfica determinada se obtendría su PIB. Si bien ambos indicadores son aproximadamente iguales, existen diferencias entre ambos conceptos debidas fundamentalmente a las normas de valoración de ambos (el VAB a precios básicos y el PIB a precios de mercado).

Una vez obtenido el VAB de la zona es conveniente desagregarlo de acuerdo a la estructura empresarial del territorio. En este trabajo para analizar esa estructura introducimos un concepto esencial para los estudios de desarrollo territorial, el de cadenas empresariales o cadenas productivas que nos permiten evaluar la generación de valor de cada actividad en un territorio. De esa forma tendremos una información mas directa para conocer de primera mano la situación específica del territorio y su interrelaciones económicas con los diferentes agentes sociales.

Para estimar los parámetros del modelo va a ser necesario hacer uso de estadísticas oficiales. De acuerdo las aplicaciones concretas debemos hacer uso de datos y fuentes de información disponibles en cada caso, por lo que ajustaremos el modelo a las diferentes alternativas.

## **1 EL CONCEPTO DE VALOR AÑADIDO BRUTO (VAB)**

El valor añadido bruto se integra en las cuentas de producción, que se confeccionan para los establecimientos y las industrias así como para las unidades y los sectores institucionales. Esto exige medir los conceptos básicos que la integran, como la producción o el consumo intermedio, siempre de la misma forma. Para asegurar la consistencia numérica global, la producción de una unidad institucional dedicada a producir -es decir, una empresa o un sector- debe ser igual a la suma de las producciones de los establecimientos individuales que la componen. Para evitar duplicidades, puesto que las producciones de las empresas incluyen los suministros de bienes o servicios a otros

---

<sup>6</sup> Las Cuentas Nacionales son un conjunto sistemático e integrado de cuentas macroeconómicas, balances y cuadros, basados en conceptos, definiciones, clasificaciones y reglas contables aceptados internacionalmente. Ofrecen un marco contable amplio dentro del cual pueden elaborarse y presentarse datos económicos en un formato destinado al análisis, a la toma de decisiones y a la formulación de la política económica.

establecimientos pertenecientes a la misma institución, el VAB permite contabilizar dichos suministros como parte de la producción de la empresa en conjunto, incluso aunque no salgan de ella.

Se consideran tres elementos básicos -producción, consumo intermedio y consumo de capital fijo- que se registran en la cuenta de producción. El saldo contable de la cuenta de producción es el valor agregado.

La producción, en general, viene a ser una actividad en la que una empresa utiliza insumos para obtener productos (resultado de la producción), que pueden suministrarse o proveerse a otras unidades institucionales. Esos productos que pueden suministrarse a otras unidades, sea individual o colectivamente, son los que permiten establecer la división del trabajo y la especialización de la producción, junto con las ganancias derivadas del intercambio. En consecuencia, el análisis económico de la producción tiene en cuenta principalmente de actividades que dan lugar a productos que pueden suministrarse.

Hay dos clases principales de productos, los bienes y los servicios. Los bienes son objetos físicos para los que existe una demanda, sobre los que se pueden establecer derechos de propiedad y cuya titularidad puede transferirse de una unidad institucional a otra mediante transacciones realizadas en los mercados. Los bienes se demandan porque pueden usarse para satisfacer las necesidades de la comunidad o para producir otros bienes o servicios. Los servicios son productos heterogéneos producidos sobre pedido, que, generalmente, consisten en cambios en las condiciones de las unidades que los consumen, y que son el resultado de las actividades realizadas por sus productores a demanda de los consumidores. En el momento de concluir su producción los servicios han sido suministrados a sus consumidores. Los bienes o servicios pueden transformarse o consumirse en el proceso productivo (SCE93, 1993).

Los productores y los usuarios de un bien o servicio suelen percibir su valor de forma diferente debido a los márgenes de distribución (comercio y transporte) y a los impuestos menos las subvenciones sobre los productos. Los sistemas de cuentas establecen tres categorías de valoración de las operaciones de bienes y servicios en función del tratamiento aplicado a estas variables: precios básicos, precios de productor y precios de adquisición.

- a) El precio básico, que es el monto a cobrar por el productor del comprador por una unidad de un bien o servicio producido como producto, menos cualquier impuesto por pagar y más cualquier subvención por cobrar por esa unidad de producto como consecuencia de su producción o venta. Este precio no incluye los gastos de transporte facturados por separado por el productor;
- b) E precio de productor, que es el monto a cobrar por el productor del comprador por una unidad de un bien o servicio producido como producto, menos el IVA u otro impuesto deducible análogo facturado al comprador. Este precio no incluye los gastos de transporte facturados por separado por el productor.
- c) El precio de adquisición es el precio que el consumidor del bien o servicio paga por él, incluyendo todos los gastos e impuestos que lleva consigo.

Los precios básicos son observables directamente por el productor y son los que mejor eliminan las distorsiones que los impuestos introducen en los precios. Los precios de productor también suelen ser observables por las unidades productoras, mientras que los precios de adquisición son observables únicamente por los utilizadores dado que se corresponden con los costes efectivamente soportados (ver Figura 1). La mayor parte de los sistemas optan por la valoración de la producción a precios básicos (siempre que se pueda aplicar), en lugar de los precios de productor como hacían los sistemas precedentes (también conocidos como precios salida de fábrica).

Los insumos intermedios se registran y valoran en el momento en que entran en el proceso de producción, mientras que la producción se registra y valora en el momento en que los bienes y servicios surgen del proceso productivo propiamente dicho. Por tanto, los insumos intermedios se valoran normalmente a precios de comprador y la producción a precios básicos o bien, a precios de productor si no se dispone de los precios básicos.

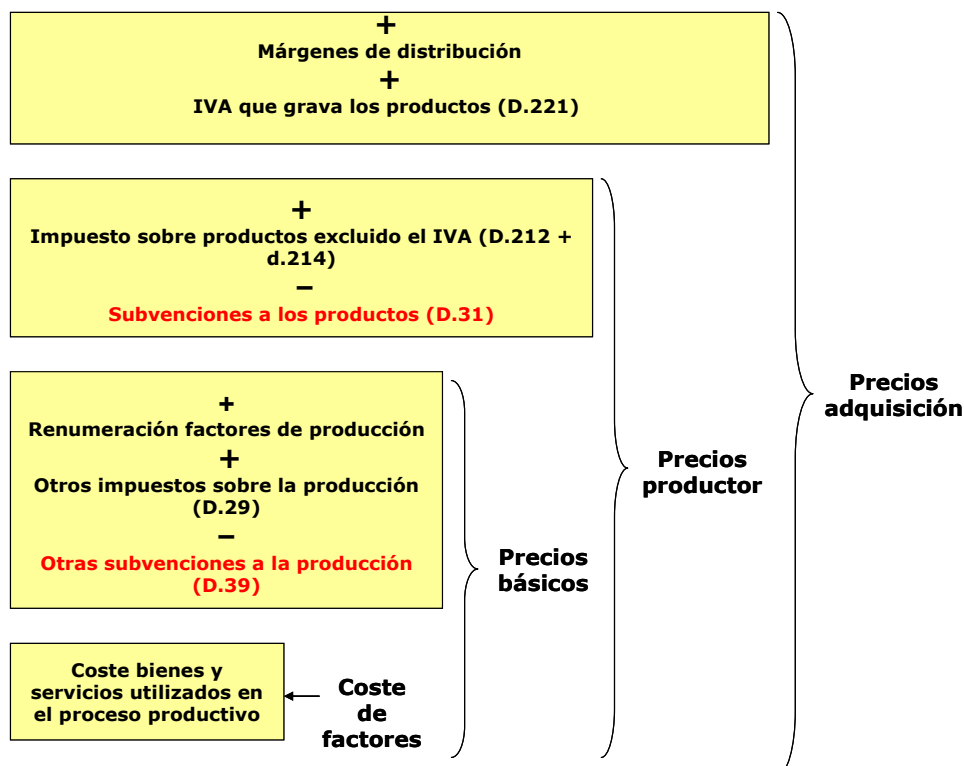


Figura 1: Comparación entre las mediciones de los precios de valoración.

Fuente: elaboración propia a partir del INE.

El consumo intermedio consiste en el valor de los bienes y servicios consumidos como insumo por un proceso de producción, excluidos los activos fijos cuyo consumo se registra como consumo de capital fijo.

El consumo de capital fijo corresponde a los gastos asociados a los activos fijos de la empresa asociados a la producción general, pero no a un determinado producto o servicio.

El valor agregado puede medirse en términos brutos o netos; es decir, antes o después de deducir el consumo de capital fijo. Por tanto, se definen:

- el valor agregado bruto se define como el valor de la producción menos el valor del consumo intermedio;
- el valor agregado neto se define como el valor de la producción menos los valores del consumo intermedio y del consumo de capital fijo.

Por consiguiente, la diferencia entre el valor de la producción y el valor de los insumos intermedios es el valor agregado bruto, sobre el que se debe cargar el consumo de capital fijo, los impuestos sobre la producción (menos las subvenciones) y la remuneración de los asalariados. El saldo positivo o negativo resultante es el excedente neto de explotación o ingreso neto mixto. En este trabajo haremos uso del valor agregado bruto (VAB).

El VAB a precios básicos se define como la diferencia entre el valor de la producción valorada a precios básicos y los consumos intermedios valorados a precios de adquisición. Constituye la magnitud más representativa del proceso productivo de cada región. Como se ha comentado anteriormente, la diferencia conceptual entre el VAB a precios básicos y los VAB coste de factores, salida de fábrica, etc. utilizados en las series contables precedentes viene determinada por el tratamiento dado a los otros impuestos sobre la producción (impuesto de actividades económicas, impuesto sobre bienes inmuebles, etc.) y a las otras subvenciones a la producción (subvenciones a los factores de producción como las destinadas al fomento del empleo, ayudas a la agricultura, etc.).

También existe una estrecha relación entre el VAB y el producto interior bruto (PIB) puesto que este último es la suma de los valores agregados brutos a precios básicos y de todos los impuestos, menos las subvenciones sobre los productos. De esa forma ambos son conceptos muy relacionados.



No obstante en nuestro trabajo haremos uso del VAB, siguiendo trabajos de estimación de (GONZÁLEZ, FIGUEROA, GONZÁLEZ, JARDÓN, & MARTOS, 2006).

## 2 CADENAS EMPRESARIALES

Existen diferentes alternativas a la hora de analizar el sistema productivo de un territorio. Desde el punto de vista de estudiar el VAB parece lógico hacer uso del concepto de cadena de valor, puesto que recoge la idea de generación de valor desde su extracción hasta su consumo final.

El concepto de cadena de valor surge con el “Filiere Approach” diseñado por académicos franceses interesados en mejorar la coordinación y distribución de productos agrícolas (ACOSTA, 2006). Porter (PORTER, 1985) retomó este enfoque resaltando la importancia de analizar cada uno de los componentes de la cadena de manera independiente y luego interrelacionada, identificando aquellos puntos clave donde ganar competitividad. Gereffi (GEREFFI, 1994) desarrolló un esquema al que denominó Cadena Global de Valor (Global Commodity Chain), una metodología para el análisis que establecía una relación directa entre el concepto de cadena de valor y la organización a nivel global que las mismas pueden tener, es decir, a la posibilidad de que la producción puede realizarse en un lugar del mundo, la transformación en otro y el consumo en otro. Kaplinsky (KAPLINSKY, 2000)[11] sugiere la metodología de análisis de cadenas de valor como herramienta significativa para apoyar a pequeños productores en países en desarrollo, interesados en penetrar mercados globales de manera sostenible.

Una cadena productiva está formada por eslabones que vinculan a los proveedores de insumos básicos para la producción, las fincas y agroindustrias con sus procesos productivos, las unidades de comercialización mayorista y minorista y los consumidores finales, todos ellos conectados por flujos de capital, materiales e información (GÓMEZ DE CASTRO, VALLE LIMA, & PEDROSO NEVES CRISTO, 2002).

Según Zylbersztajn (ZYLBERSZTAJN, 1994)[7], las cadenas de agronegocios (como él las denomina) son “operaciones organizadas de forma vertical, recorridas por un producto desde su producción, hasta su elaboración industrial y su distribución, y que pueden ser coordinadas vía mercado (mano invisible), o a través de la intervención de diversos agentes a lo largo de la cadena, los cuales contribuyen o interfieren de alguna manera en la elaboración del producto final”.

El concepto ha ido evolucionando hasta ser aplicado a las cadenas de valor asociadas a cualquier aspecto sea este materia prima, producto, servicio, etc. En este artículo utilizaremos la siguiente definición: “una cadena empresarial se constituye por la agrupación de empresas fuertemente interrelacionadas en un espacio geográfico concreto y que desarrollan sus actividades, de manera principal o complementaria, en torno a una materia prima, producto o servicio” (JARDÓN, GUTAWSKI, MARTOS, AGUILAR, & BARAJAS, 2007)[12].

El modelo de cadena empresarial combina la cadena de valor con el territorio. Este concepto surge como consecuencia de la mayor interrelación existente entre las empresas de una zona, produciéndose un mayor intercambio de información, ideas y mercancías que en muchos casos lleva a estrategias comunes o concertadas, es decir, se facilita una mayor cooperación tanto horizontal como vertical (JARDÓN, MARTINEZ, GUTAWSKI, MARTOS, & DEKÚN, 2006).

La primera consecuencia de este proceso es que la competitividad entre empresas ya no se produce únicamente dentro del sector de actividad sino que va más allá, puesto que importa toda la cadena de valor, llegando a manifestarse entre proveedores y clientes, es decir, la competitividad se da entre agrupaciones de empresas.

La idea de cadena empresarial está asociada al proceso de generación de valor de un producto o servicio y, en consecuencia, posiblemente sea la visión de (PORTER, 1990) el trabajo que mejor recoge ese aspecto. Las cadenas asociadas a los diferentes pasos intermedios en la generación del producto principal de la actividad se denominan cadenas principales, mientras que a las demás se les denomina cadenas laterales o de apoyo.

En ese sentido, la definición del producto o servicio alrededor del cual gira la actividad marca la diferencia entre cadena principal y lateral, por lo que las actividades laterales se incluyen como parte de la principal sesgando la comparación de dichas cadenas entre diferentes zonas. Además, en algunos casos, el hecho de que existan varias cadenas principales que tienen cadenas laterales comunes hace que algunas de esas actividades no van a estar en una única cadena principal

dificultando la asignación de las empresas a las cadenas y condicionando la importancia de una determinada cadena lateral en el conjunto de la economía de la zona, que aparece como propia, cuando en realidad forma parte de dos o más actividades principales. Esto ocurre frecuentemente con las actividades más ligadas a la industria, tales como bienes de equipo e industria auxiliar y logística y transporte que generalmente participan en todas o gran parte de las cadenas principales.

El modelo de cadena empresarial hace uso de un proceso a lo largo del cual se va generando valor para el cliente final. Como se observa en la Figura 2, dentro de las actividades principales se distinguen un primer grupo, denominado extractores de materia prima, un segundo nivel de transformadores intermedios o de primera transformación, una tercera agrupación denominada creadores de producto o segunda transformación y un cuarto grupo genérico de comercializadores. Con relación a las actividades complementarias, se distinguen una serie de actividades de suministros (a la izquierda), un conjunto de actividades de equipamientos (a la derecha) y una serie de actividades de servicios de apoyo (en la parte superior) (FDZ-JARDÓN, y otros, 2011).

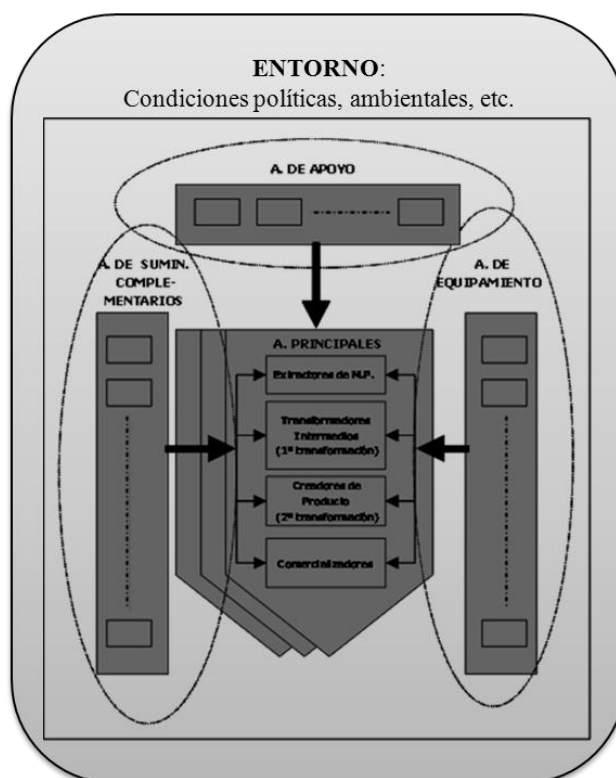


Figura 2: Esquema cadena empresarial.

Fuente: Jardón, Gutawski, Martos, Aguilar, & Barajas (2007).

En la literatura de cadenas empresariales aparecen diferentes factores que permiten incrementar su competitividad según las actividades donde estos se estudian (TALLMAN, JENKINS, HENRY, & PINCH, 2004). Clapp (CLAPP, 1995) sugiere los recursos naturales en las empresas asociadas con la madera; Dyer (DYER, 1996) indica que la cadena de suministradores es una ventaja competitiva para el sector de automoción; Forza y Vinelli (FORZA & VINELLI, 1997) proponen el tiempo de respuesta en las empresas del textil y la moda. El hecho de que no sean los mismos factores sugiere que es posible que el tipo de cadena tenga alguna influencia sobre el tipo de ventaja competitiva que se establece en esa actividad. El uso de recursos humanos es diferente según el sector de actividad sea más orientado a un uso intensivo de mano de obra o más bien necesite alta cualificación. El hecho de trabajar con cadenas empresariales podría suavizar dicha diferencias pues en cada cadena se encuentran actividades de extracción, transformación y comercialización. No obstante aún queda la sospecha de que realmente se producen esas diferencias. Algo similar ocurre con otros recursos intangibles de la empresa. Normalmente se espera que las culturas de una determinada actividad sea diferente de la cultura de las empresas de otra actividad, tanto en su organización interna como en los sistemas de relación con clientes y proveedores (DYER, 1996; LAM & POSTLE, 2006).

Sin embargo, existen elementos culturales asociados al territorio donde están implantadas las empresas. Esos elementos son comunes a todas las actividades de ese territorio y, en consecuencia, también se puede esperar que no haya efecto del clúster sobre los intangibles.

Esas diferencias se acentúan más en el uso de los recursos tangibles puesto que tanto en la utilización recursos naturales como financieros o tecnológicos es muy diferente en las distintas cadenas de actividades (CLAPP, 1995; FORZA & VINELLI, 1997; KIM & KOGUT, 1996). Cuando se analizan las capacidades organizativas de las empresas se puede pensar que cada actividad presenta una especialización en alguna o todas ellas (FORZA & VINELLI, 1997). Eso va a significar que las fuentes de ventajas competitivas de las cadenas empresariales no deberían coincidir, por lo menos en su conjunto. Sin embargo la generación de valor para el cliente final es similar en todas las actividades y por lo tanto se pueden esperar similares efectos.

Los factores estratégicos suelen ser considerados específicamente para cada actividad (BLACK & BOAL, 1994; GRANT, 2005; HUGHES & MORGAN, 2008). Sin embargo hay elementos que aparecen en todas las actividades a la hora de definir los productos o servicios y los mercados en los que la empresa opera. En ese sentido podría esperarse que estos elementos generales sean comunes a las diferentes cadenas empresariales. Estas particularidades resaltan la importancia del estudio del VAB por cadenas empresariales, a fin de evaluar la importancia objetiva que cada una de ellas tiene en la generación de riqueza en un determinado territorio o como forma de apoyo a las actividades principales.

En algunas ocasiones este enfoque ha recibido críticas por el hecho de que las cadenas empresariales están asociadas al territorio en el que se desarrolla la actividad y por consiguiente, la diversidad de productos o servicios de cada zona hace más difícil la comparación entre diferentes lugares. No obstante el núcleo de actividades suele ser similar y eso suaviza en gran parte esa dificultad.

### 3 MODELO DE ESTIMACIÓN DEL VAB

Existen diferentes alternativas para estimar el VAB de un territorio. El método mas directo consiste en sumar el VAB generado por cada una de las empresas de ese territorio. Sin embargo eso no suele ser posible en la practica por diferentes causas.

Por una parte no siempre se dispone de toda la información, es decir, no se conoce el VAB de todas las empresas que participan en la actividad. Por otra parte existen bienes y servicios elaborados por empresas de nivel nacional cuyo consumo se realiza en el territorio y, por consiguiente, la generación de VAB correspondiente al consumo final debería estar asociada al territorio, cosa que en la mayoría de las contabilidades no ocurre puesto que se asocian a la sede de la empresa. Eso hace necesario buscar diferentes alternativas a su estimación. Esas dificultades se agravan en los países en vías de desarrollo, que generalmente presentan mayores dificultades a la hora de presentar una información completa.

Para suplir esas limitaciones de información es necesario establecer una serie de suposiciones y de definiciones previas, que ayudan a delimitar la incertidumbre en los cálculos asociados al VAB.

En primer lugar nos interesa caracterizar los diferentes niveles en los que existe información directa del VAB, sean referidos a la actividad que realizan las empresas o al espacio en el que estas desarrollan su actividad.

*S1: La producción de un país se divide en diferentes actividades económicas. Estas a su vez pueden subdividirse desagregándose en diferentes niveles, de tal forma que la producción de un nivel de desagregación es la suma de todas las actividades comprendidas en el nivel inferior. Supondremos que existe información de las actividades económicas por lo menos a algún nivel de desagregación.*

A efectos de este trabajo usaremos el término **actividad económica básica** para definir el mínimo nivel de desagregación al que existe información nacional sobre la producción.

*S2: el país se subdivide en regiones, también en diferentes niveles de agregación hasta llegar al nivel de zona que será el que nos interesa para este estudio. Existe información sobre el VAB hasta un cierto nivel de desagregación regional*

A efectos de este estudio se denomina **región básica** al menor nivel de agregación al que existe información sobre el VAB.

Combinando las dos suposiciones anteriores añadimos una nueva suposición:

*S3: Existe información del VAB de las actividades básicas en cada región básica.*

También nos hace falta delimitar la información disponible de modo indirecto sobre el VAB

*S4: existen indicadores de la actividad económica en cada zona.*

*S5: Todos los indicadores de actividad económica de una zona suministran una información común que es un buen indicador de la generación de riqueza como consecuencia de esa actividad económica en la zona.*

Partiendo de las suposiciones anteriores tendremos que el conjunto de información disponible va a ser de dos tipos:

a) Información directa: Información sobre el VAB generado en cada actividad económica básica (a) agregado en cada región básica (R), que será denominado  $X_{Ra}$ .

b) Información indirecta: Información sobre la importancia de la actividad económica de cada zona en la región  $f_{ma}$  donde m indica una zona de la región R. Por lo tanto, siendo M el conjunto de zonas existentes en la región, se debe verificar que  $\sum_{m \in M} f_{ma} = 1$

Combinando ambos tipos de información, se asigna el VAB generado por las empresas de una determinada actividad económica que le corresponde a cada zona de la región como:  $X_{(ma)} = f_{ma} X_{Ra}$ .

Dado que el estudio se realiza por cadenas empresariales, establecemos una suposición que permite la homogeneización de información en ese concepto:

*S6: Las empresas se agrupan en cadenas de generación de valor asociadas a un producto o a un servicio. Se supone que todas las empresas que pertenecen a una misma cadena generan valor para el producto final que se obtiene en dicha cadena, bien de modo directo, por estar en la cadena principal, o bien de modo indirecto por pertenecer a una cadena lateral o de apoyo.*

Definiremos **Cadena empresarial (C)** al conjunto de empresas que pertenecen directa o indirectamente a la generación de valor de un producto o servicio, es decir, que componen una misma cadena productiva.

Ahora para evaluar el VAB en cada cadena empresarial debemos añadir una nueva suposición:

*S7: la participación de cada cadena empresarial (c) en cada actividad (a)  $p_{ca}$  que viene dada por el cociente del VAB generado en la actividad y la cadena conjuntamente respecto al VAB generado por la actividad se mantiene estable y es conocido.*

Como consecuencia, siendo C el conjunto de todas las cadenas empresariales, la suma de todas esas participaciones debe verificar que  $\sum_{c \in C} p_{ca} = 1$ .

Consecuentemente se puede definir el VAB de cada cadena por:  $X_{(mC)} = \sum_{c \in C} p_{ca} X_{(ma)}$ .

Lógicamente la suma del VAB generado por cada cadena empresarial debe coincidir con el VAB total generado por el territorio.

Estas suposiciones y el desarrollo posterior nos permite establecer un modelo genérico de estimación del VAB en territorios con información escasa. El proceso de estimación del VAB va a seguir los siguientes pasos:

**a) Seleccionar las cadenas empresariales de la zona.**

Se trata de definir las principales actividades de la zona y determinar las empresas y las actividades primarias y complementarias que pertenecen a cada una de las cadenas predefinidas.

**b) Identificar el nivel de desagregación de la información disponible.**

Se trata de determinar cual es el menor nivel de desagregación espacial y cual es el menor nivel de desagregación de actividades económicas en los que existe información sobre el VAB, sea esta oficial o en fuentes suficientemente contrastadas.

**c) Determinar el VAB al nivel regional por actividades económicas**

Una vez analizadas las fuentes existentes se debe determinar el VAB en el menor nivel de desagregación posible, tanto en lo espacial como en las actividades económicas. En algunos casos ese dato se obtiene directamente de las fuentes oficiales. En otros hay que hacer pequeños cálculos para adaptar los datos a la definición de VAB, por no estar este definido directamente o tener algunos aspectos agregados.

**d) Seleccionar indicadores del VAB a nivel zonal.**

Analizando las diferentes fuentes de información deben buscarse los indicadores del VAB existentes en cada actividad económica de forma que existan tanto a nivel regional como a nivel de zona.

**e) Estimar el VAB de la zona por actividades económicas**

A partir de la información disponible a nivel regional y de los indicadores se realiza una estimación del VAB por actividades económicas en el nivel de zona, desagregando la información regional

**f) Definir la matriz de relaciones entre cadenas y actividades en la zona**

La suposición S6 nos asegura que existe una relación entre las cadenas empresariales y la actividades económica, por consiguiente debemos delimitar los valores de esa relación, exponiéndolas en forma de matriz, indicando las actividades en cada fila y las cadenas en cada columna, de tal forma que la suma de las columnas sea la unidad.

**g) Estimación del VAB por cadenas empresariales en la zona.**

A partir de la matriz de relaciones entre cadenas y actividades y del VAB por actividades económicas en la zona podemos determinar el VAB por cadenas empresariales en la zona.

**h) Estimar el VAB para la zona.**

La suma del VAB de todas las cadenas nos obtiene el VAB del sector empresarial para la zona

## CONCLUSIONES

En este trabajo se ha sugerido un procedimiento para estimar el VAB en las cadenas empresariales en unidades espaciales pequeñas en países en vías de desarrollo, considerando las particularidades de las zonas transfronterizas. Para ellos se han estudiado las diferentes formas de medir el VAB, se han establecido los criterios para definir las cadenas empresariales y se ha sugerido un modelo de estimación de utilidad práctica para situaciones con limitaciones de información.

Como resultado principal se establece un procedimiento de obtención del VAB adaptado a diferentes zonas con información escasa, estructurado por cadenas empresariales, facilitando la comparación entre zonas transfronterizas en países en vías de desarrollo.

## REFERENCIAS

- [1] INDEC. **Instituto nacional de estadística y Censos**, 2001. Disponible em: <<http://www.indec.mecon.ar/>>. Acceso em: 12 set. 2012.
- [2] TAMAMES, R. **Diccionario de economía y finanzas**. 2. ed. Madrid: Alianza, 1998.
- [3] MOCHÓN, F. **Economía: teoría y política**. 5. ed. Madrid: McGraw-Hill, 2005.
- [4] GONZÁLEZ, J., FIGUEROA, P., GONZÁLEZ, M., JARDÓN, C., & MARTOS, S. **Visión estratégica del sistema empresarial del área Metropolitana de Vigo**. Evolución 2000-2005 y expectativas. Vigo: Instituto de desarrollo Caixanova, 2006.
- [5] CARRICAJÓ, J.; DÍAZ, D.; C.E., S. **Diccionario de economía**. [S.l.]: GPS, 2000.
- [6] SCE93. **Sistema de Cuentas Nacionales** (1993). Bruselas, New York: OCDE, ONU, Eurostat, FMI, BM, 1993.
- [7] ACOSTA, L. A. (mayo de 2006). Agrocadenas de Valor y Alianzas Productivas: Herramientas de Apoyo a la Agricultura Familiar en el Contexto de la Globalización. Recuperado el 11 de 5 de 2012, de **Oficina Regional de FAO para América Latina y El Caribe**: [http://s3.esoft.com.mx/esofthands/include/upload\\_files/4/Archivos/AN00034.pdf](http://s3.esoft.com.mx/esofthands/include/upload_files/4/Archivos/AN00034.pdf)
- [8] PORTER, M. E. **Competitive advantage**. New York: The Free Press, 1985.
- [9] GEREFFI, G. The organisation of buyer-driven global commodity chains: How U.S. Retailers shape overseas production networks. In: G. GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. **Commodity chains and global capitalism**. Westport CT (USA): Praeger Publishers, 1994. p. 95-122.
- [10] KAPLINSKY, R. **Spreading the gains from globalization: What can be learned from value chain analysis?** Journal of Development Studies, v. 37, n. 2, p. 117-146, 2000.
- [11] GÓMEZ DE CASTRO, A. M.; VALLE LIMA, S. M.; PEDROSO NEVES CRISTO, C. M. **Cadena productiva: Marco conceptual para apoyar la prospección tecnológica**. Revista Espacios (Asociación para el Desarrollo de la Ciencia y la Tecnología), v. 23, n. 2, p. 11-26., 2002.
- [12] ZYLBERSZTAJN, D. Agribusiness: conceito, dimensões e tendências. In: FAGUNDES, M. H. **Políticas agrícolas e comércio mundial**. Brasília: IPEA, 1994. p. 351-379.

- [13] JARDÓN, C. M., GUTAWSKI, R. S., MARTOS, M. S., AGUILAR, C. A., & BARAJAS, A., **La cadena de la madera en el Departamento de Oberá** (Misiones). Posadas: Universidad Nacional de Misiones (EDUNAM), 2007.
- [14] JARDÓN, C. M., MARTINEZ, X., GUTAWSKI, R. S., MARTOS, M. S., & DEKÚN, M., **La cadena empresarial del té en Misiones (Argentina)**. Un enfoque estratégico. Posadas (Argentina): IUGD, 2006.
- [15] PORTER, M. E. **The Competitive Advantage of Nations**. New York: The Free Press., 1990.
- [16] FDZ-JARDÓN, C., MARTOS, M., ENCINA, R., SERVIN, M., POKOLENKO, A., TARNOSKI, (2011). **Metodología de cadenas empresariales**. Aplicación a una región transfronteriza del MERCOSUR. Recuperado el 13 de 8 de 2012, de [http://www.repositorio.org/multimedia/pdf/trabajos\\_seleccionados/Secci%C3%B3n\\_Producci%C3%B3n\\_Turismo\\_y\\_Desarrollo/Cadenas\\_empresariales.pdf](http://www.repositorio.org/multimedia/pdf/trabajos_seleccionados/Secci%C3%B3n_Producci%C3%B3n_Turismo_y_Desarrollo/Cadenas_empresariales.pdf)
- [17] TALLMAN, S. et al. Knowledge, clusters, and competitive Advantage. **The Academy of Management Review**, v. 29, n. 2, p. 258-271, 2004.
- [18] CLAPP, R. A. Creating Competitive Advantage: Forest Policy as Industrial Policy in Chile. **Economic Geography**, v. 71, n. 3, p. 273-296, 1995.
- [19] DYER, J. H. Specialized supplier networks as a source of competitive advantage: evidence from the auto industry. **Strategic Management Journal**, v. 17, n. 4, p. 271-291, 1996.
- [20] FORZA, C.; VINELLI, A. Quick response in the textile-apparel industry and the support of information technologies. **Integrated Manufacturing Systems**, v. 8, n. 3, p. 125 - 136, 1997.
- [21] LAM, J. K. C.; POSTLE, R. Textile and apparel supply chain management in Hong Kong. **International Journal of Clothing Science and Technology**, v. 18, n. 4, p. 265 - 277, 2006.
- [22] KIM, D. J.; KOGUT, B. Technological Platforms And Diversification. **Organization Science**, p. 7 (3) 283-301, 1996.
- [23] BLACK, J. A.; BOAL, K. B. Strategic Resources: Traits, Configurations And Paths To Sustainable Competitive Advantage. **Strategic Management Journal**, p. 15 (3) 131-148, 1994.
- [24] GRANT, R. M. **Contemporary Strategy Analysis**. Oxford: 5th ed., Blackwell, 2005.
- [25] HUGHES, P.; MORGAN, R. E. **Fitting strategic resources with product-market strategy: Performance implications**. Journal of Business Research, p. V61 (2008) 323–331, 2008.

## **CAPÍTULO V**

### **COMÉRCIO INTERNACIONAL: ECONOMIA DE MERCADO E INTEGRAÇÃO REGIONAL.**

# DINAMICAS COMERCIALES TRANSFRONTERIZAS POSADAS ENCARNACION<sup>1</sup>

Diana Arellano<sup>2</sup>

## RESUMEN

El Mercosur, consolida y fortalece las fronteras nacionales desde una nueva concepción: las ciudades de fronteras son, para sus cada vez más nutridas poblaciones, un espacio de oportunidades múltiples en relación a, y debido a, la presencia de este límite normativo nacional que tiene en el espacio físico marcas concretas de interdicciones y habilitaciones que configuran el desarrollo de ese juego de interrelaciones. Las perspectivas analíticas dominantes pivotan alternativa y contradictoriamente entre una posición epistemológica que naturaliza la integración regional y otra que, ha ocluido toda posibilidad de describir y analizar objetivamente las relaciones socio-económicas propias de las ciudades de frontera, negando su existencia o bien, realizando valoraciones negativas interesadas que colocan a los ciudadanos del “otro país” como competidores des-iguales, des-leales, cuando no des-honestos. No obstante, los ciudadanos de frontera crean, perfeccionan y complejizan prácticas socioeconómicas altamente dinámicas. Por ello, este trabajo se propone describir y analizar las dinámicas comerciales vecinales transfronterizas en las ciudades de Posadas (Misiones, Argentina) – Encarnación (Itapúa, Paraguay) atendiendo especialmente a esa capacidad de crear y recrear estrategias que permiten sortear en cada coyuntura los obstáculos interpuestos y maximizar las oportunidades económicas en un marco de inter-legalidades a escala local.

Palabras-clave: Comercio Vecinal Transfronterizo – Integración Regional.

## INTRODUCCIÓN

Desde las concepciones decimonónicas y el inicio de los Estados-nación en el Cono Sur, la frontera es considerada un espacio geográfico que demarca claramente la inscripción en el territorio de dos poderes estatales, étnicos o culturales, antagónicos y hostiles o, aliados circunstanciales pero, taxativamente diferenciados (Bartolomé Miguel, 2006). Las políticas estatales concibieron a las zonas de frontera como espacios con población reducida en los que se ejerce a diario la presencia delegativa de un poder central ubicado en un “otro lugar” más o menos alejado. Presencia estatal que se caracteriza por una predominante actitud de vigilancia administrativo-burocrática de las relaciones sociales y económicas transfronterizas, redoblada en determinados puntos estratégicos de los cientos de kilómetros de frontera: para el caso que nos ocupa, el Puente Internacional San Roque González de Santa Cruz que vincula por vía terrestre la ciudad de Posadas (Misiones, Argentina) con la ciudad de Encarnación (Itapúa, Paraguay).

La región fronteriza de la provincia de Misiones conforma, como lo indica Abínzano (2009) un escenario geográfico regional muy complejo en el que las fronteras políticas se insertan en una matriz sociocultural compartida que permite articular relaciones económicas, comerciales, industriales, turísticas, parentales y socioculturales transnacionales.

Esta región del MERCOSUR se caracteriza por su economía marginal, esto es, alta dependencia del sector primario (foresto-yerbatero en Misiones y (sojero-arrocero en Itapúa); sensible deterioro de su ecosistema y creciente migración rural-urbana efecto del modelo de monocultivo extensivo; bajo nivel de capitalización y exposición a la competencia regional asimétrica basada en la informalidad y la ilegalidad (contrabando y tráficos ilegales varios) (Velazco, 2000). Interdependencia

---

<sup>1</sup> Esta Ponencia presenta algunas conclusiones a las que se arribó en el Proyecto de Investigación “Economía y Sociedad en ciudades de frontera. Estrategias binacionales transfronterizas de trabajo, comercialización y consumo. Posadas-Encarnación 2011 -2012. Facultad de Ciencias Económicas, Universidad Nacional de Misiones, Argentina, Inédito.

<sup>2</sup> Magister en Antropología Social, Docente e Investigadora de la Universidad Nacional de Misiones. Email: darellano@fce.unam.edu.ar



asimétrica propia del desarrollo de esta región de frontera, en contexto de globalización que, se reproduce a su interior con la brecha socioeconómica existente entre sus habitantes (Rist, 2002).

Respecto de la población del área geográfica en estudio, el crecimiento demográfico sostenido en las últimas décadas en ambas ciudades está transformando sus perfiles habitacionales: de la llamada localmente “villa de Encarnación” de los años ‘60 y ‘70 a la pujante tercera ciudad del Paraguay que, junto a Cambyretá y Capitán Miranda integra la Zona Metropolitana de Encarnación con una población de 129.972 habitantes (Causarano, 2006, p. 137). Y, de la ciudad de Posadas con sus 323.739 y una variación inter censal relativa 2001-2010 de 13,9% según el Censo Nacional 2010, que la coloca entre las principales ciudades del Nordeste Argentino NEA (INDEC, 2010).

Este crecimiento poblacional se debe a múltiples factores, entre los cuales tienen preponderancia el emprendimiento hidroeléctrico binacional “Yacyretá” con sus repercusiones en el re-ordenamiento del territorio y la incorporación de infraestructura urbana, y; la migración rural-urbana propia de la globalización y de la transformación de la base productiva de ambos países.

## 1 METODOLOGIA

Muñidos de un método científico –que, en términos de Leopoldo Bartolomé (1992) controle el sesgo valorativo de “angelización”/ “demonización” que se construye sobre los ciudadanos del vecino país, a uno y otro lado de la frontera- analizamos las dinámicas económicas transfronterizas, en términos de costo-beneficio directo y diferido, a los efectos de valorar comparativamente las estrategias socioeconómicas transfronterizas en las respectivas economías locales que contribuyen a comprender el creciente el intercambio.

Utilizamos un enfoque comprensivo que tiene a la complejidad y la analogía como dimensiones de la perspectiva analítica. En términos de Bourdieu y Waquant (1995), se propone construir el objeto científico a partir de la de-construcción de los problemas o procesos sociales presentados como “lo dado” por las organizaciones, los actores, las agencias contratantes o los decisores políticos, desde pre nociones o, nociones pre científicas o de sentido común que, aunque sea un sentido común ilustrado, muchas veces oculta o invisibiliza las reales fuentes de conflicto, las energías dinamizadora o ralentizadoras del desarrollo local o, los grupos de poder que propician, se benefician, retardan o se perjudican con dichos procesos. El enfoque comprensivo permite además, contemplar activa y críticamente la multiplicidad de variables intervinientes en el fenómeno en estudio y su capacidad sinérgica; acceder no solo a lo fáctico –lo sensorial asequible- sino y particularmente a las representaciones que sobre lo fáctico se construyen, al universo de significaciones que aprehende, simboliza y construye esa realidad, en términos de imaginario social acerca del “otro” social, cultural y económico.

La combinación de datos cuali-cuantitativos construidos a partir de encuestas realizadas en 2011 y 2012 en ambas cabeceras del puente internacional, las entrevistas en profundidad a funcionarios de frontera, comerciantes y consumidores de ambas ciudades y, la revisión de otras fuentes estadísticas permite conocer y valorar tanto las magnitudes de los intercambios socioeconómicos transfronterizos como, las significaciones y valoraciones intersubjetivas que los actores sociales realizan sobre ellos en las economías locales de Posadas y Encarnación.

Las dimensiones analíticas que aborda este trabajo son las estrategias binacionales transfronterizas que se desarrollan en función de las oportunidades e interdicciones que producen el efecto de la política cambiaria, las normativas comerciales, tributarias e impositivas.

## 2 MARCO TEÓRICO

Muchos estudios sobre bloques regionales plantean la integración como una macro política regional de intercambios socioeconómicos entre los países miembros y asociados, centrados en los intercambios entre las metrópolis. Sin embargo, una parte importante de la integración regional, aquella que incumbe directamente a los pueblos de frontera, lejanos incluso de sus propias metrópolis nacionales, con sus relaciones sociales, culturales e históricas particulares quedan fuera del alcance de dichos estudios.

Por ello, el objetivo de este trabajo es generar conocimiento local sobre los procesos micro que se desarrollan en el marco de procesos macro. Aunque su incidencia en el macro-fenómeno MERCOSUR pueda presentar menor relevancia, constituye un factor clave en las dinámicas de integración a escala local que es preciso desarrollar, abandonando definitivamente la concepción de la frontera que separa para construir las potencialidades de las economías locales desde un nuevo concepto de frontera, como espacio de oportunidades. La frontera será considerada entonces, un espacio de producción y tráfico de personas, ideas, pautas culturales, relaciones sociales, económicas y políticas que atraviesan los límites estatales; constituye un lugar privilegiado para el estudio de las dinámicas socioeconómicas regionales y; produce, en términos bourdieanos, el “gusto” de sus ciudadanos de traspasar la línea normativa que separa, para construir el vínculo que une (Bourdieu, 1998).

Para conocer las dinámicas socioeconómicas de las relaciones transfronterizas utilizamos la teoría del lugar central que parte del supuesto que las ciudades de frontera tienen una centralidad superior a la que le atribuye la jerarquía urbana como parte del sistema central nacional. Peña Medina (2003) sostiene que en la frontera, las ciudades son un lugar central cuya área de influencia económica no coincide con los límites del Estado-nación y, por ello, el sistema central subestima su jerarquía porque, la distancia económica de la ciudad fronteriza –entendida como el trayecto que un consumidor está dispuesto a desplazarse para adquirir un bien- se extenderá más allá de la frontera política. Si se considera al comercio como una función del lugar central, las ciudades fronterizas logran ventas superiores o una mayor especialización comparada con una ciudad no fronteriza de la misma jerarquía en un sistema nacional (Peña Medina, 2003: p. 4).

La Relevancia Social del presente estudio se asienta en la acuciante necesidad de que desde las universidades de las regiones de frontera se pueda producir y aportar a las organizaciones estatales, civiles y empresariales información sistemática y análisis objetivos sobre las dinámicas socioeconómicas transfronterizas a escala local, que contribuyan al desarrollo de una política de integración binacional eficiente y dinamizadora de las economías locales de ambos países.

### **3 RESULTADOS Y ANÁLISIS**

#### **3.1 SOBRE LAS ESTRATEGIAS TRANSFRONTERIZAS DE LOS ENCARNACENOS**

La desaparición bajo el Embalse de la Represa Hidroeléctrica Yacyretá de la “Zona Baja” de Encarnación –importante centro comercial ribereño orientado predominantemente al comercio transfronterizo- y su reubicación en el Nuevo Circuito Comercial de Encarnación, ubicado a pocos metros de la cabecera del Puente Internacional tiene consecuencias importantes para el comercio y la integración transfronteriza.

En efecto, implicó una mejora estructural en las condiciones habitacionales y generó un nuevo atractivo turístico-comercial. Con la relocalización, las estrategias comerciales también se transformaron. En la Zona Baja predominaban comerciantes ambulantes y “mesiteros” con precarios puestos callejeros que, tras la afectación accedieron a locales propios y de este modo, formalizaron su condición laboral y transformaron inmediatamente sus estrategias comerciales abandonando el “regateo” y la “pequeña estafa callejera” por la fidelización de los clientes en base a la ética comercial y la atención cordial que les permitió pasar de la estrategia ocasional a la construcción del cliente.

En cuanto al circuito de compra mayorista de los productos a comercializar, existen dos grandes grupos de estrategias: las casas de comercio más grandes de Encarnación son sucursales de firmas regionales e internacionales que operan con bocas de expendio en Ciudad del Este y Encarnación (Paraguay) y Foz do Iguazú y San Pablo (Brasil) por lo que los productos son adquiridos en grandes volúmenes y circulan de una sucursal a otra por vía terrestre una vez que llegan a los puertos internacionales de Paranaguá (Brasil) o Iquique (Chile). Los comerciantes más pequeños desarrollan estrategias de compra conjunta de contenedores cerrados a estos grandes grupos comerciales, bajando de este modo los costos de sus productos.

Con respecto a las estrategias transfronterizas de consumo de los encarnacenos en Posadas, también podemos distinguir dos grandes grupos diferenciados por su condición socioeconómica. Los sectores de clase media baja encarnacena adquieren productos alimenticios de elaboración primaria

como aceite y harina, productos de limpieza de terceras marcas y combustibles. A diferencia de los sectores medios, este grupo combina el destino de consumo familiar con la reventa informal, tanto a personas con las cuales establecieron acuerdo previo como de ocasión. Así es posible observar frente a las casas de los sectores populares de Encarnación, botellas plásticas de gaseosas con combustible exhibidas en las veredas para su comercialización informal con el transeúnte ocasional.

La nueva clase media encarnacena constituye un grupo creciente nacido como consecuencia del crecimiento sostenido de la economía paraguaya que, en los últimos cinco años ha tenido una tasa de crecimiento real<sup>3</sup> que ascendió del 4% en 2006 al 15.3% en 2010 y un crecimiento interanual 2010-2011 de 3.7% con base principal en el aumento del 21% del índice de la construcción (Banco Central del Paraguay, 2011, p.132). El consumo de este sector maximiza el poder adquisitivo de sus ingresos desarrollando estrategias transfronterizas de adquisición de productos comestibles, de higiene y belleza de segundas y primeras marcas argentinas, inaccesibles para el sector en años anteriores. Además, puede por primera vez adquirir productos de mediana calidad para el equipamiento del hogar: electrodomésticos y muebles. Esto se refleja en la proliferación en Posadas de casas de amoblamiento de calidad baja y media que tienen a los encarnacenos entre sus principales clientes.

Por su parte, los sectores de clase media y media alta encarnacenos acceden a productos argentinos de primera línea como vinos, quesos, productos de belleza, bazar y pequeños muebles de calidad y diseño. Son también nuevos consumidores de ocio y recreación entre los que la gastronomía ocupa el primer lugar.

Pero estos datos pueden deducirse unilateralmente a partir del análisis de los consumos, no es posible cruzarlos con los datos de comercialización ya que tienen como aditivo el hecho de que en general, se pueden enmarcar en las estrategias comerciales de elusión impositiva, rédito que acuerdan informalmente comerciante y cliente transfronterizo en la negociación del valor del producto a la hora de efectivizarse cada compra, principalmente para los productos de bazar y mueblería. Se estima que unas 8.000 familias de Encarnación gastan en promedio global 1.200 dólares anuales en Posadas, lo que suma un ingreso monetario anual para Posadas de diez millones de dólares estadounidenses.

En síntesis, la afluencia de consumidores paraguayos en Posadas crece sustancialmente, se diversifica y especializa según el nivel socioeconómico y cultural. No obstante, como consumidores continúan invisibilizados, de tal suerte que, aunque conforman un grupo significativo de clientes, la oferta se dirige a ellos sólo de modo silencioso, mediante la disposición de productos del gusto encarnaceno, principalmente en cuanto a muebles y bazar pero, con nula presencia en los medios de comunicación. Históricamente, la pauta publicitaria en la frontera ha brindado espacio a los comerciantes de ambos países no sin tensiones. Muchos comerciantes posadeños retiran la pauta de los medios que publicitan comercios encarnacenos por considerar que se trata de una falta de ética comercial. Pero, en los últimos dos años, la proliferación de publicidad de los comercios encarnacenos en los medios posadeños se ha incrementado considerablemente. No obstante, se trata de una estrategia que recibe fuertes críticas que no todos los medios están en condiciones de afrontar.

### 3.2 SOBRE LAS ESTRATEGIAS TRANSFRONTERIZAS DE LOS POSADEÑOS

También Posadas sufrió transformaciones estructurales relevantes con el Embalse de la Represa Hidroeléctrica Yacyretá y, particularmente con las Obras Complementarias de dicho emprendimiento que, desplazaron a una importante cantidad de población ribereña del río Paraná y afectados por el sistema de cola de arroyos en los barrios más alejados del centro. En términos comerciales el impacto también fue positivo sobre todo para el sector de ocio y esparcimiento por la infraestructura costera –antes inexistente– la mejora en la infraestructura pública (pavimentación, plazas, parques infantiles, iluminación, etc.) y el embellecimiento de la ciudad en general que redundó en atractivos para el turismo regional.

A diferencia de Encarnación, Posadas no se aproxima al puente internacional con sus comercios, al contrario, las avenidas de acceso al puente se caracterizan por su oscuridad, la presencia de muchas unidades residenciales que conviven con barracas que almacenan y expenden de manera más o menos informal, mercaderías de consumo transfronterizo masivo, variable en cada época: desde 2011, harina y aceite de bajo precio relativo por el subsidio argentino que tienen estos productos;

<sup>3</sup> Crecimiento del PBI ajustado por la inflación. Fuente: Banco Central del Paraguay y DGEEC.

también cemento y materiales de construcción, especialmente aberturas de chapa y aluminio. Estos negocios trabajan como “puertas traseras transfronterizas” de grandes firmas comerciales locales y también de ciudadanos paraguayos asociados con argentinos.

Los comercios posadeños de mayor tamaño también son sucursales o integran importantes redes comerciales nacionales y del NEA. Sus productos provienen de la importación a través del Puerto (electrónica y electrodomésticos) y el Mercado Central de Buenos Aires (frutas, verduras, carnes) por lo que funcionan como periferia comercial sin posibilidades de incidir significativamente en la cadena de valor de los mismos. Aunque en los últimos años la importación se ha visto seriamente restringida por las políticas nacionales y, los productos de fabricación nacional comienzan a reemplazarlos, no obstante recorren distancias similares o mayores en razón de que las grandes fábricas de ensamblaje de electrónicos y electrodomésticos se encuentran en Patagonia, los alimenticios en la región pampeana y los textiles en Buenos Aires por lo que se refuerza el carácter periférico del comercio posadeño.

Respecto del tráfico vecinal fronterizo, los datos construidos a partir de nuestras encuestas periódicas sistemáticas permiten sostener que el 27 % de los ciudadanos argentinos que trasponen el Puente Internacional San Roque González de Santa Cruz en dirección Posadas-Encarnación son posadeños<sup>4</sup> en su mayoría residentes en el Gran Posadas (Posadas, Garupá, Candelaria) en coincidencia con las zonas de mayor crecimiento demográfico: familias nuevas y jóvenes de clase media y media baja.

En cuanto a los consumos de los posadeños en Encarnación también encontramos dos grandes grupos pero, a diferencia del sentido inverso, la clase baja posadeña no accede a las estrategias transfronterizas de maximización de sus ingresos debido a la actual pérdida del poder adquisitivo del peso frente al dólar y al guaraní. Es decir, se restringe a las clases media baja, media y media alta.

Los sectores de clase media y media baja posadeña adquieren en Encarnación principalmente productos de indumentaria en general (ropa, calzado, telas), juguetes, celulares y artículos destinados a compromisos sociales extraordinarios (regalos, cotillón). Los consumos de productos alimenticios están restringidos, tanto por la política fitosanitaria argentina que ejerce un férreo control de los alimentos que ingresan al país como, por sus precios elevados. A diferencia del sector medio bajo encarnaceno, el mismo sector posadeño no combina el destino de consumo familiar con la reventa informal, debido al peso social negativo que este tipo de actividad tiene y que se objetiva con moteos descalificativos para nombrar a las personas que lo realizan como “pichincheros”, “pasero/as”, “villenas”, “marchantas”.

Sólo los sectores de clase media y media alta posadeños tienen poder adquisitivo para acceder a los productos electrónicos e informáticos de alta tecnología (Televisores de LED, notebooks, ipads, cámaras fotográficas y filmadoras, GPS, etc.) que pueden adquirirse en Encarnación con una diferencia de precios que va del 30 % (diferencia producto de la asimetría en cargas impositivas y tributarias totales) al 70 % (diferencia generada a partir de la combinación de la asimetría tributaria con las estrategias de importación directa) que hacen perder competitividad a Posadas frente a Encarnación. Además, por el sistema de importación directa, es posible encontrar en Encarnación productos de vanguardia lanzados al mercado en los grandes centros globales con solo dos o tres meses de anterioridad. Estos productos exceden ampliamente el cupo aduanero por lo que, para evitar el riesgo de decomiso en la Aduana Argentina su adquisición se realiza acudiendo a las redes informales e ilegales de tráfico vecinal fronterizo, de tal suerte que el “pasero” es la figura central que garantiza el cruce fronterizo de dichos productos sin riesgo para el comprador que además, lo paga en territorio argentino.

Para estos sectores socioeconómicos se trata además de un paseo de compras que incluye consumos de servicios personales (peluquería, manicura, spa), gastronómicos<sup>5</sup> ocio y recreación. Los consumos de este tipo sólo pueden recuperarse analíticamente a través de datos provenientes de encuestas y entrevistas que preservan la identidad de los informantes debido a que se trata de una

<sup>4</sup> Según datos obtenidos a partir de nuestra encuesta realizada en diciembre de 2011, el resto de las personas proviene de otras localidades de Misiones 23%, de Corrientes 20% y de otras provincias 25%.

<sup>5</sup> Debido al bajo costo laboral e impositivo en Paraguay, a pesar del precio de los productos alimenticios en góndola, los servicios de gastronomía presentan en la actualidad un precio de entre un 30 y un 50% inferior a la oferta del sector en Posadas.

actividad económica del sector informal que se caracteriza por la total evasión impositiva, que no recibe sanción social alguna, sino por el contrario, forma parte de la estructura de las estrategias económicas en la frontera pero, se evita asumirlo y explicitarlo como práctica regular dado que, la población tiene plena conciencia del contrabando aunque lo justifique mediante estrategias discursivas y de sentido en general, en el derecho a acceder a bienes de uso familiar inalcanzable en el mercado argentino, la tendencia natural a maximizar el poder adquisitivo y la corrupción y tráfico ilegal a gran escala que también sucede a diario en el mismo espacio transfronterizo y del que se benefician “otros”.

Al cruzar los datos de Migraciones con los generados por nuestra encuesta se puede estimar que unas 20.000 personas transponen el puente diariamente, de las cuales unas 5000 son residentes en Posadas y gastan en promedio \$500. Se estima que unas 8.000 familias de Encarnación gastan en promedio global 1.200 dólares anuales en Posadas, lo que suma un ingreso monetario anual para Posadas de diez millones de dólares estadounidenses.

Analizado de forma aislada, efectivamente Posadas parece verse perjudicada en este intercambio, al menos sobre la base demográfica y la cantidad de personas que trasponen el puente en uno y otro sentido. No obstante, es preciso analizar además, el rédito de los intercambios transfronterizos que implica para Posadas, el uso de mano de obra informal de Encarnación, principalmente en el rubro servicio doméstico y trabajadores de la construcción y, el comercio transfronterizo informal que maneja volúmenes importantes en rubros alimenticios, combustibles y de la construcción silenciados y negados aunque sólo basten unas pocas horas de observación sistemática en la zona próxima al puente internacional.

### 3.3 SOBRE EL INTERJUEGO DE LOS MERCADOS CAMBIARIOS EN LA FRONTERA

Una de las principales estrategias económicas de los ciudadanos de frontera tiene como base una variable en la que, si bien los ciudadanos de la frontera<sup>6</sup> no pueden incidir y, por lo tanto, resulta estructural, es la siempre inestable relación cambiaria peso/guaraní. Durante los años ‘90 hasta 2001 y el fin de la convertibilidad peso/dólar en Argentina, se ubicaba en el rango 1 peso/3.000 guaraníes.

El fin de la paridad cambiaria peso/dólar en 2001 incidió en el desarrollo de formas relacionales diversas y complejas que combinan: estrategias de generación de autoempleo para unos y aprovechamiento del trabajo informal transfronterizo para otros; reducción de los costos de vida y maximización de las utilidades de los ingresos familiares a partir de estrategias de consumo transfronterizo en ambas ciudades y; más recientemente, combinación de estrategias comerciales transfronterizas formales e informales; especialización de los productos y servicios que se brindan a uno y otro lado de la frontera que equiparan la rentabilidad otrora generada por la relación cambiaria.

Tras la caída de esta variable económica que funcionó como explicación unilineal durante décadas, emerge la complejidad del “juego transfronterizo” y sus múltiples dimensiones económicas en ambos países: política de precios, presión impositiva, estrategias individuales y corporativas de importación/exportación informal al menudeo.

Desde principios de 2010 cuando Argentina mantenía el valor del dólar en torno a los \$4 y Paraguay lo dejaba flotar libre, largas filas de ciudadanos paraguayos se apostaban en las casas de cambio de Posadas para cambiar sus guaraníes y pesos a dólares al precio oficial argentino sensiblemente inferior al precio oficial en Paraguay, antes de regresar a su país. Conforme la diferencia cambiaria de las monedas locales en relación al dólar crecía, la “changa de los coleros”<sup>7</sup> se convirtió en redituable y extendieron el “servicio” a los pequeños y grandes comerciantes encarnacenos.

En Paraguay, el peso argentino se devaluó un 30% en el último año estableciéndose una paridad 1 Dólar/\$4,60/700Gs. en el mercado oficial, pero en la frontera y el mercado informal su valor

<sup>6</sup> La presencia de la relación cambiaria en la frontera puede considerarse una variable automatizada en la acción cotidiana, que no tiene vínculo alguno con complicados cálculos matemáticos sino, que es desarrollada incluso por personas de baja calificación educativa que realizan en la práctica cálculos que muchas veces, no podrían llevar al papel como, la transformación de pesos en dólares y de dólares a guaraníes, calculando las utilidades generadas por cada movimiento cambiario.

<sup>7</sup> Voz popular que refiere a las personas que esperan turno para adquirir bienes o hacer trámites para terceros por una pequeña remuneración. Se trata de una estrategia laboral precaria, informal y temporaria.

es de 1 Dólar+\$7=600Gs., dado que su cotización toma como referencia la punta vendedora del mercado informal.

Pocos meses más tarde, cuando en octubre de 2011 aparecieron las restricciones de AFIP (Administración Federal de Ingresos Públicos de Argentina) para la adquisición de divisas denominado mediáticamente “Cepo al Dólar”, los ciudadanos paraguayos, además de muchos ciudadanos argentinos que se desempeñan en el sector informal de la economía, que en Misiones asciende al 40% ya no pudieron comprar divisas por lo que se desarrolló durante aprox. 3 meses una nueva estrategia que apelaba a las redes sociales transfronterizas. Los ciudadanos argentinos, especialmente los empleados públicos adquirirían divisas para los paraguayos por un porcentaje entre 30-40% de la diferencia cambiaria del peso y el guaraní frente al dólar.

Cuando los controles de la AFIP comenzaron a incrementarse semana a semana, esta estrategia dejó de ser segura y, desde 2012 la adquisición de dólares está totalmente restringida. No obstante, el dólar informal argentino se vende a un precio sensiblemente menor que el dólar oficial paraguayo por lo que las estrategias cambiarias se desarrollan exclusivamente en el mercado paralelo, atravesando el límite de la legalidad y, por lo tanto, constituye una actividad delictiva que crece con la aparición de las denominadas “cuevas de divisas” que, por su condición, quedan fuera de este análisis.

Ante el escenario cambiario actual en el que la moneda argentina pierde poder adquisitivo frente al guaraní alcanzando la cotización relativa histórica más baja y, la cotización del dólar en el mercado informal en la región de frontera llega a \$7/1dólar, los intercambios comerciales transfronterizos de pequeña escala lejos de disminuirse se multiplican y complejizan.

Si bien el comercio transfronterizo operó históricamente en efectivo y de manera predominantemente informal (con alta evasión impositiva) desde los cambios producidos en la política económica argentina en 2011 las operaciones comerciales minoristas se han bancarizado utilizando tarjetas de crédito y, principalmente de débito. De este modo, los compradores argentinos pueden adquirir productos en Encarnación que le serán liquidados a precio dólar oficial argentino (\$4.6/US\$) obteniendo una diferencia favorable de 34% mediante esta estrategia cambiaria que según los comerciantes encarnacenos, se extenderá hasta que el gobierno argentino restrinja también ésta estrategia fronteriza. En caso de que ello suceda, nuevas estrategias serán desarrolladas por los ciudadanos de la frontera.

En efecto, a pesar de la pérdida de poder adquisitivo de la moneda argentina aumenta considerablemente el flujo transfronterizo por el Puente Internacional San Roque González de Santa Cruz con un aumento del movimiento migratorio promedio diario de 19.000 personas en el año 2010 a 20.253 personas diarias en el primer semestre de 2012, con un aumento del 9.38%. En términos globales, el movimiento migratorio anual de 3.686.205 personas a través de este cruce fronterizo internacional Posadas-Encarnación, lo ubica en el tercer lugar de importancia para la República Argentina sólo superado por Ezeiza (Buenos Aires) y Puerto Iguazú (Misiones).

Respecto de los comerciantes a uno y otro lado de la frontera y, en función de lo antes expuesto, podemos concluir que, mientras los comercios posadeños desarrollan estrategias regresivas para afrontar la asimetría fronteriza, los comercios encarnacenos desarrollan estrategias proactivas.

Desde los comercios posadeños se ejerce una fuerte la influencia política y mediática para incidir en el manejo del flujo del puente a través de los controles migratorios y aduaneros lentos y excesivos con el objetivo de desalentar el tráfico vecinal fronterizo con motivo de compras en Encarnación. Tampoco se incentiva el ingreso de encarnacenos a Posadas con fines de compra y la oferta en general no está orientada a ellos, para solo dar un ejemplo, sólo unos pocos comercios aceptan guaraníes.

Por el contrario, los comerciantes encarnacenos no solo orientan la oferta al gusto del consumo posadeño, sino que además, desarrollan estrategias comerciales de mayor control de calidad y la aceptación de devoluciones de productos defectuosos. Lo mismo sucede con el servicio de “pase” de los productos que exceden el cupo aduanero permitido (contrabando), que ofrecen los comerciantes por un monto mínimo y la posibilidad de abonar el producto adquirido de este modo, cuando el “pasero” lo entrega en el lugar y condiciones acordados en territorio argentino. Esta modalidad de compra exime al comprador de la situación riesgosa y penosa de “perder” el producto adquirido por decomiso aduanero al intentar el paso fronterizo de productos cuyo monto excede el permitido por ley para el comercio vecinal fronterizo. Además, facilitan el ingreso de los clientes con la aceptación de

cualquier moneda extranjera o, la presión política y mediática para lograr un control migratorio paraguayo lo más fluido posible.

Las preferencias de los clientes a uno y otro lado de la frontera se especializan y adquieren particularidades altamente versátiles que siguen el ritmo impuesto por las restricciones estatales en materia cambiaria, comercial y fiscal.

## **CONSIDERACIONES FINALES**

En términos generales, este trabajo se propuso llamar la atención sobre las estrategias de los grupos humanos en relación a los territorios que habitan y por ello, a los ecosistemas que integran. En este sentido resulta esclarecedor el principio ecológico que establece que todos los grupos humanos – extensibles en algún punto a los grupos animales- exploran todas las posibilidades que les brinda el territorio en el que habitan (Souza Santos, 1991). Se trata de un principio de supervivencia que los seres humanos han desarrollado con creces a partir de su evolución cognitiva que les permite la combinación plástica de múltiples estrategias a los efectos de maximizar el rendimiento de sus recursos.

En las regiones de frontera, tanto los recursos disponibles en el territorio como, sus posibilidades de combinación, se diversifican en tanto operan en espacios vitales contiguos sistemas normativos, sociales, culturales y económicos diversos y simultáneos. Aunque pueda parecer en principio una perspectiva decididamente etológica para explicar el comportamiento socio-económico en la frontera, no se reduce sólo a pautas conductuales sino que, la multiplicidad de posibilidades disponibles transforma a su vez los sistemas de representaciones sociales predominantes en dicho espacio.

En síntesis, los habitantes de ambos lados trascienden la frontera y la incorporan en sus estrategias de vida a través de múltiples modalidades pero, las acciones de los distintos organismos estatales interesados en abordar problemáticas relacionadas con las fronteras políticas, no son suficientes para avanzar en una integración más profunda. Es por ello que consideramos que por las características económicas, sociales, históricas y culturales de ambas ciudades fronterizas, es preciso comenzar a trabajar por un mismo objetivo: la concepción e instrumentación de proyectos comunes que conduzcan a la construcción de una “transfronterización” entendida como "conjunto de procesos de aprovechamiento y de valorización de una frontera, límite territorial que separa dos sistemas políticos, económicos y/o socioculturales...en un espesor geográfico de geometría variable, que depende del proceso considerado (familiar, económico, profesional, funcional, formal o informal, etc.)” (Biagini, 2008: 534).

Se trata de pensar los principios fundamentales que rigen la inclinación permanente de los ciudadanos a disponer, conjugar y articular las múltiples posibilidades existentes en la región de frontera. Solo para ejemplificar, los ciudadanos de frontera operan simultáneamente con dos o tres idiomas, varios sistemas monetarios, conocen y manipulan las reglas económicas y políticas adecuándolas a diario a sus necesidades, transforman inmediatamente en oportunidades todas las formas de interdicción interpuestas a dicha exploración territorial, creando verdaderos sistemas informales en pequeña escala de alcance individual o familiar. Para los sectores populares se trata de maximizar los recursos para la supervivencia, para las clases medias y medias bajas, de imitar los consumos de las clases con mayores recursos y, para las clases medias y altas, de acrecentar sus patrimonios. Es decir, cualquiera sea la escala de las exploraciones territoriales en la región de frontera, cada quien aprovecha los recursos a partir del piso de disponibilidad precedente. Si bien, en su extremo muchas de las estrategias territoriales conjugan inter-legalidades, mantenemos las maniobras delictivas al margen del presente análisis.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Sobre las actividades comerciales delictivas en la frontera argentino paraguaya y el narcotráfico ver Renoldi, Brígida (2007).

## REFERÊNCIAS

- [1] ARELLANO, Diana **Informe Final Proyecto de Investigación “Economía y Sociedad en ciudades de frontera. Estrategias binacionales transfronterizas de trabajo, comercialización y consumo. Posadas-Encarnación 2011 -2012.** Facultad de Ciencias Económicas, Universidad Nacional de Misiones, Argentina, Inédito, 2012.
- [2] BARTOLOMÉ, Miguel Alberto **Fronteras Estatales y Fronteras Étnicas en América Latina. Notas sobre espacio, la temporalidad y el pensamiento de la diferencia.** En: **Procesos Interculturales. Antropología Política del Pluralismo Cultural en América Latina**, Siglo Veintiuno Editores, México, 2006.
- [3] ABÍNZANO, Roberto Carlos. Informe Final Proyecto “Antropología de los procesos transfronterizos: la Triple frontera en el sistema mundo. **Complejidad y resistencia regional**”, Secretaría de Investigación y Postgrado, FHyCS-UNaM, Inédito, 2009.
- [4] VELAZCO, Omar Luis. **La dinámica socio-laboral del tránsito vecinal fronterizo. El caso Posadas (Argentina) - Encarnación (Paraguay)**, Informe OIM, Buenos Aires, 2000.
- [5] RIST, Gilbert. **El desarrollo: historia de una creencia occidental**, Los Libros de la Catarata, Madrid, 2002.
- [6] CAUSARANO, Mabel **Dinámicas metropolitanas en Asunción, Ciudad del Este y Encarnación**, UNFPA (Fondo de Población de las Naciones Unidas), Asunción, 2006.
- [7] BARTOLOMÉ, Leopoldo “El extranjero profesional y la tentación fáustica. La antropología frente a los proyectos de desarrollo” En: A. A. Arantes, G. Ruben y G. Debert, comps., **Antropología e Direitos Humanos: a responsabilidade do antropólogo.** Campinas, Brasil: Editora da UNICAMP, 1992.
- [8] BOURDIEU, Pierre y WACQUANT, Loïc **Una invitación a la sociología reflexiva**, Siglo XXI Editores, Argentina, 2005.
- [9] BOURDIEU, Pierre **La distinción. Criterio y bases sociales del gusto**, Taurus, Madrid, 1998.
- [10] PEÑA MEDINA, Sergio “Comercio transfronterizo y su impacto en la región de El paso – Ciudad Juárez: una propuesta de financiamiento de la planeación binacional” En: **Frontera Norte**, Volumen 15, Nº 29, Pp. 185-200, enero-junio de 2003.
- [11] BANCO CENTRAL DEL PARAGUAY. **Informe de Coyuntura, 2011.**
- [12] DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICAS, ENCUESTAS Y CENSOS DEL PARAGUAY Disponible en: <http://www.dgeec.gov.py/> Acceso en diciembre de 2010.
- [13] SOUSA SANTOS, Boaventura **Una cartografía simbólica de las representaciones sociales. Prolegómenos a una concepción posmoderna del derecho**, Nueva sociedad, 116: 18-38. 1991.
- [14] BIAGINI, Hugo y ROIG Arturo **Diccionario del pensamiento alternativo.** Biblos. Buenos Aires, 2008.
- [15] RENOLDI, Brígida **Los intersticios olvidados: experiencias de investigación, juzgamiento y narcotráfico en la frontera argentino-paraguaya**, Tesis de Doctorado presentada en el Instituto de Filosofía y Ciencias Sociales (IFCS) de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ) 2008.



# FORMAÇÃO DE PREÇO EM UMA EXPORTAÇÃO DIRETA: ÁGUA MINERAL CHARRUA - UM ESTUDO DE CASO.

Marise Schadeck<sup>1</sup>  
Andréa Bujnicki Vieira<sup>2</sup>  
Betina Beltrame<sup>3</sup>  
Elvis Mognhon<sup>4</sup>  
Robson Weiss Machado<sup>5</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem por tema analisar as oportunidades de mercado na área de comércio exterior, verificando o preço de venda FOB (*Free on Board*) para a exportação direta de água mineral. Avaliando, também, um roteiro de procedimentos necessários para a exportação do produto: a água mineral Charrua, pela distribuidora Vonpar Refrescos S/A. O desenvolvimento deste estudo se dá, primeiramente, a partir de uma revisão da literatura contemplando autores que abordam o mercado nacional e internacional, a viabilidade de exportar, os trâmites e regimes que a transação exige, bem como, as estratégias competitivas do mercado internacional, os riscos e garantias, enfim, tudo que realmente viabilize ou não a exportação do produto. Dentro dessa perspectiva o estudo visa mostrar o mercado exterior, tendo em vista os mercados potencialmente favoráveis para esta exportação, evidenciando assim, a viabilidade econômica financeira nesta operação a partir da elaboração do preço de venda com base na planilha de exportação direta e, em quanto aumentará os resultados para a empresa. Procura identificar os custos benefícios das operações de exportação e a formalização de processos para a exportação, obedecendo à legislação aduaneira.

Palavras-chave- Comércio exterior. Exportação direta- Preço de venda.

## INTRODUÇÃO

O estudo tem por tema analisar as oportunidades de mercado na área de comércio exterior, verificando o preço FOB - *FREE ON BOARD*- Livre a bordo no porto de embarque indicado, para exportação de água mineral. Elaborando também, um roteiro de procedimentos para a exportação direta e normas necessárias para exportação do produto: a água mineral Charrua, da Vonpar Refrescos S/A<sup>6</sup>, responsável por toda a operação comercial e de distribuição da Empresa Mineradora Charrua Ltda.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras-URI- Pós-graduada Língua e espanhola e literatura hispânica- URI- Pós-graduada em Gestão de Pessoas- FEMA- Mestranda em Desenvolvimento UNIJUI. Graduada em Administração - UNIP. Professora do Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo- IESA. mariseshadeck@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Administração – Senac-RS – Pós-graduando MBA em Gestão com Pessoas – Fema – Mestranda em Desenvolvimento - Unijuí – andreabujnickivieira@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia – UNIFRA – Pós graduada em Gestão de Pessoas – Fema – Mestranda em Desenvolvimento – Unijuí – Docente Fema – bebeltrame@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Aluno Regular do Programa de Mestrado em Desenvolvimento pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Bolsista UNIJUI). Especialista em Gestão Empresarial pela Faculdade Meridional (IMED). Graduado em Psicologia pela Faculdade Meridional (IMED) e Filosofia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) emognhon@yahoo.com.br

<sup>5</sup> Bacharel em Sistemas de Informação, Pós-Graduado em Gestão de Pessoas e Desenvolvimento de Talentos pela SETREM – Sociedade Educacional Três de Maio e Mestrando em Desenvolvimento – Bolsista da Unijui– Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: robsonwm27@gmail.com

<sup>6</sup> A Vonpar opera na fabricação e distribuição de bebidas da linha Coca-Cola, além de distribuir bebidas da linha de cerveja e Água Mineral Charrua. Fundada em 1945, e com três fábricas e cinco Centros de Distribuição, atende a aproximadamente 13 milhões de pessoas em sua área de cobertura que compreende parte do Rio Grande do Sul e todo o estado de Santa Catarina. Com 2.434 colaboradores e produção média de 70 milhões de litros de bebidas por mês, fechou 2005 com faturamento bruto de R\$ 937 milhões. Disponível em: <http://www.canaldotransporte.com.br>. Acessado em: 20 mar. 2007.

O mercado de água envasada em geral, e de água mineral em particular, mantém-se em crescimento nos últimos anos, crescendo a um ritmo anual estimado de 20%. Os maiores consumidores são os europeus, enquanto que a região que se observou um maior incremento no consumo é nos mercados da Ásia e o Pacífico, este maior incremento deve-se, fundamentalmente, a seus valores antecedentes, demasiado baixos. Dentro da América Latina, o maior consumidor de água mineral -calculando sempre em base de litros por habitante- é o Brasil (25 litros por ano, dados de 2001), seguido da Argentina (18 litros).

A importância do tema surge exatamente do fator consumo de água mineral relacionar-se frequentemente com fato de que o produto é associado com características virtuosas para a saúde. Tanto é assim que no mercado local originariamente a água mineralizada se comercializava em farmácias. Logo, a venda dos produtos começou a expandir-se até chegar aos níveis que possui hoje em dia.

Dentro dessa perspectiva o estudo visa mostrar o preço FOB em uma exportação direta para a água mineral Charrua, utilizando a sua distribuidora no mercado interno Vonpar Refrescos S/A, para ingresso no mercado exterior tendo em vista os mercados potencialmente favoráveis para esta exportação, apresentando assim, um roteiro de procedimentos para exportação direta e, quanto de resultados trará para a empresa. Identificando os custos benefícios das operações de exportação e a formalização de processos para a exportação, obedecendo à legislação aduaneira.

## **1 METODOLOGIA**

Existem vários tipos de pesquisa, conforme critérios adotados por cada autor. Neste trabalho usou-se o método de Vergara (2000), que classifica a pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios.

O método utilizado foi um estudo de caso, pois se pretende sugerir à empresa uma nova opção de mercado, com um roteiro de procedimentos para exportação dentro do conjunto de normas que regem o comércio exterior. Será mostrado à empresa o preço FOB para exportação direta de seu produto a Água Mineral Charrua. Foi feita uma pesquisa documental que irá determinar os custos da operação de exportação direta para exportar a Água Mineral Charrua.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, buscando o embasamento teórico em livros, revistas e sites que permitam desenvolver o tema em questão de acordo com o conjunto de normas de comércio exterior.

## **2 O MERCADO NACIONAL E INTERNACIONAL DE ÁGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS**

De acordo com a UNIAGUA (2007), o Brasil sempre teve grande cuidado com a qualidade de suas águas minerais, que estão entre as melhores do mundo. Águas Minerais são aquelas provenientes de fontes naturais ou artificialmente captadas, que possuem composição físico-química definida e constante com propriedades distintas das águas comuns, com características que lhe confirmam uma ação medicamentosa.

O consumo anual per capita brasileiro ainda é muito baixo quando comparado com os índices de outros países, que variam de 120 a 150 litros como na Itália, México e França. Numa faixa intermediária (em torno de 100 litros per capita/ano), encontram-se países como Alemanha, Suíça e Espanha e na faixa de 70 a 80 litros per capita/ano, os Estados Unidos, Portugal e Áustria. Comparado com países de conjunturas econômicas similares, como o México, o mercado brasileiro de água mineral revela-se como bastante atrativa para novos empreendimentos na produção e consumo.

O mercado mundial de água engarrafada vem apresentando constante expansão, verificando-se, nos últimos anos, crescimento da ordem de 20% ao ano, segundo estatísticas do DNPM Departamento Nacional da Produção Mineral e da Associação Brasileira da Indústria de Água Mineral ABINAM. A produção e consumo mundial, em 2001, foram estimados em 107,5 bilhões de litros de Água mineral, com destaque para a liderança da Europa com 42,3 bilhões de litros, seguida pela

---

América latina com 22,9 bilhões de litros, América do Norte com 20,4 bilhões de litros, Ásia e Austrália com 18,6 bilhões de litros e Norte da África e Oriente com 6,2 bilhões (UNIAGUA, 2007).

No mundo, o mercado de água mineral está concentrado em poucas empresas de grande porte, como na França, onde 23% do setor são comandados pela Nestlé S. A., seguida pelos Grupos Perrier Vittel, Danone e Neptune. Essas mesmas empresas lideram outros mercados internacionais, tal como ocorre nos Estados Unidos, onde cinco empresas são responsáveis por 51 % do mercado americano, lideradas pela Danone e Nestlé, cada uma com 17%, ou ainda na Grã Bretanha onde a Danone lidera o mercado com 19%, seguida pela Nestlé (UNIAGUA, 2007).

## 2.1 VIABILIDADE DE EXPORTAÇÃO

De acordo com Henrique Hirschfeld (1998): “A viabilidade financeira de um empreendimento é examinada dentro de um prazo de interesse no qual desejamos saber se o esforço produtivo a ser realizado vale mais do que a simples aplicação dos valores envolvidos a taxas mínimas de atratividade.” (p.135).

Frente ao exposto, há que se fazer uma análise inicial da viabilidade de exportar qualquer produto. É preciso avaliar a capacidade de produção interna ou da capacidade instalada produtiva ociosa. Também é importante que se vislumbre o ajuste e aproveitamento de vantagens competitivas instaladas em quanto a preços dos produtos. E não menos importante é avaliar o aproveitamento de vantagem quanto à qualidade e embalagem. Por fim é preciso fazer uma análise das possibilidades no mercado externo.

Somados a isso tudo para ser viável a exportação de tal produto é preciso também que se faça uma análise da viabilidade real, as barreiras tarifárias e não tarifárias do mercado externo, principais documentos, desenho da operação em si que envolve transporte, distribuição, logística, agente aduaneiro, seguro, formas de pagamento e recebimento dos trâmites e outros.

## 2.2 PAÍSES POTENCIALMENTE FAVORÁVEIS À EXPORTAÇÃO

Os Estados Unidos são o maior consumidor de água engarrafada do mundo. Em 2004 foram 26 bilhões de litros. O México fica em segundo lugar com 18 bilhões de litros. O México é o segundo país com o consumo maior da água envasada concentrados ao nível mundial e este negócio concentra quatro companhias: Danone, Coca-Cola, PepsiCo e Nestlé, que marca a diferença por seu nível das vendas (UNIAGUA, 2007).

Ante a esse problema, o México tornar-se-ia um país potencialmente favorável, tendo em vista o alto consumo da população e o interesse pela mesma em buscar qualidade. Aliado a estes quesitos, a Vonpar Refrescos S/A teria como parceira a FEMSA- (Fomento Econômico Mexicano S.A.) companhia com base em Monterrey, México. A FEMSA o grupo mexicano que adquiriu o controle da cervejaria brasileira Kaiser, com a compra de 68% de esta, por 68 milhões de dólares. FEMSA é agora a única empresa com operações cervejeiras em dois dos mercados mais atrativos no mundo: México e Brasil (VONPAR).

## 2.3 CUSTOS

Para Hirschfeld (1998) “[...]custos são avaliações de dispêndios, gastos, despesas, pagamentos e tudo o mais que tenda a endividar o empreendimento previsto.” (p.153). Braga diz que custos fixos são: “O que permanece constante dentro de certo intervalo de tempo, independentemente das variações ocorridas no volume de produção e vendas durante esse período. O referido intervalo de tempo não costuma ser superior a alguns meses.” (1995, p. 180).

Já custos variáveis são para o mesmo autor: “[...] aqueles cujo valor aumenta ou diminui direta e proporcionalmente com as flutuações ocorridas na produção e vendas.” (1995, p. 180). Estes custos podem ser encontrados nas empresas industriais que são alguns custos variáveis como o consumo de matéria-prima, energia industrial, materiais de embalagem, fretes, comissões sobre vendas, impostos e contribuições calculadas sobre o faturamento entre outros e nas empresas

comerciais, pode-se citar os custos variáveis citados acima e o custo das mercadorias vendidas (BRAGA, 1995).

## 2.4 PREÇO

Após a empresa estar cadastrada junto ao órgão regulamentador (REI), é necessário ter o seu preço definido para buscar o mercado que lhe trará um melhor retorno. Será preciso, além de desonerar os impostos e contribuições, levar em consideração os custos internos para exportar, como o despacho aduaneiro, gastos bancário com fechamento de câmbio, gastos com frete, embarque e seguro.

Quando se procura definir o preço de um produto para exportação, é preciso observar a modalidade de venda no ato da operação. Segundo Garcia:

Por esta razão, ao ser analisada a alternativa de um preço FOB, primeiramente deve-se ter pleno domínio das responsabilidades atribuídas ao exportador sob esta modalidade para, conhecendo-se a significação do termo, incluir em seu cálculo todos aqueles componentes que efetivamente dele participarão. (GARCIA, 1997, p.86).

Existem vários métodos para se obter o Preço de Exportação, dentre os quais os seguintes:

- a) Valor presumido de um produto - a fixação do preço baseia-se na percepção que se tem com relação a determinado grupo de produtos que, por serem exóticos ou únicos, parecem mais caros para os consumidores do que outros produtos que não tem esse apelo;
- b) Seguir o líder - este é um dos métodos menos arriscados e mais utilizados por exportadores iniciantes que ainda não têm uma noção muito clara do mercado que está ingressando. Os preços são fixados com base nos praticados pelos líderes no mercado-alvo. (APRENDENDO A EXPORTAR, 2007).

## 2.5 DISTRIBUIÇÃO E TRANSPORTE

O tipo de transporte terá uma grande participação na formação do processo de venda, pois o valor do frete varia de acordo com o destino e no momento da negociação é imprescindível estabelecer o tipo de frete para o produto. O tipo de frete também impactará no seguro que também tem participação na formação do preço de venda, porém numa proporção menor. Segundo Vasquez: “No momento da venda deve-se sempre ter em mente o transporte, armazenagem, seguro e a entrega do produto.” (VAZQUEZ, 2002, p.143).

Vasquez diz que: “[...]o frete internacional é um dos itens que impactam uma operação de comércio exterior e toda a atenção deve ser dada para que o alto custo desse item não venha a pesar desfavoravelmente na hora de se fechar um negócio com o exterior.” (VAZQUEZ, 2002, p.199).

## 3 ASPECTOS JURÍDICOS E FISCAIS

### 3.1 CONTRATOS INTERNACIONAIS

Os contratos são acordos entre as partes interessadas que se assegurem todos seus direitos e obrigações. Assim mesmo, devem-se cumprir as diversas normas administrativas vigentes em matéria de exportação, importação, alfândegas, controle de câmbio, etc., das Administrações dos diversos países que intervirem na operação, obtendo as autorizações que sejam necessárias a estes efeitos.

Castro (2001), consultor e especialista em Câmbio e Pagamentos Internacionais menciona que além das condições gerais e particulares da operação de compra e venda, deverão as partes estar atentas para o fato de que estão diante de um contrato internacional e que, portanto, a sua execução ocorrerá no país do vendedor ou em terceiro país.

Evidentemente, os casos de não cumprimento dependem do suposto concreto de cada contrato. Os litígios ou diferenças entre as partes, derivados da interpretação ou execução dos contratos, podem ser muito diferentes na prática.

### 3.2 OS REGIMES ADUANEIROS E FISCAIS QUE REGULAM O COMÉRCIO INTERNACIONAL

Para Castro (2001), regime é um conjunto de regras que estabelecem uma conduta obrigatória. Também denominado sistema ou forma de governo. Portanto, regime aduaneiro é o nome dado ao tratamento tributário e administrativo aplicáveis às mercadorias submetidas a controle aduaneiro, observando a natureza e objetivos da operação, e de acordo com as leis e regulamentos aduaneiros.

Quase todas as exportações são desoneradas de tributos pela não incidência de IPI, ICMS, PIS e COFINS sobre as receitas de exportação. Os tributos pagos na aquisição no mercado interno dão direito a créditos de ICMS e IPI para os bens de consumo, que poderão ser compensados contra impostos sobre operações comerciais no mercado interno.

### 3.3 TRÂMITES DE COMPRA E VENDA.

No âmbito do Comércio Internacional, as transações comerciais dependem das garantias que o comprador oferece ao vendedor. Como consequência do desconhecimento entre eles, ou por problemas alheios, tais como estabilidade política ou econômica do país do comprador existe alguns meios específicos de compra e venda.

Para Granatir (2007), no comércio internacional, porém, a própria operação de compra e venda internacional se sujeita a uma autorização dos Estados que jurisdicionam os agentes econômicos da transação comercial. Significa dizer que uma mercadoria não será exportada, nem importada, sem dita autorização estatal - tal como disposto nas respectivas legislações - de modo que o aperfeiçoamento do contrato de compra e venda internacional condiciona-se à vontade soberana dos Estados envolvidos, segundo as conveniências da política comercial que adotam.

Nesta modalidade de negociação, o fabricante, assim como obterá benefícios também terá ônus, gastos e, por conseguinte problemas que deverão ser resolvidos por ele próprio, no que diz respeito a todo o processo de exportação, os procedimentos operacionais e legais que exige a negociação (KEEDI, 2002).

Já a modalidade de venda indireta, o exportador contará com a ajuda de empresas especializadas nas transações internacionais, que exige um produto ou mercadoria na hora de sair do país. Isso implica dizer que a empresa compra o produto do fabricante e vende ao exterior.

### 3.4 MODALIDADES DE PAGAMENTO

Conforme Castro (2001) são três as modalidades de pagamento:

1. pagamento antecipado;
2. cobrança com saque, conhecida como cobrança documentária, e cobrança sem saque, também denominada cobrança direta;
3. carta de crédito, também chamada de crédito documentário.

O pagamento antecipado diz respeito “[...] à parte ou total integralização do valor estipulado na compra/venda da mercadoria antes do embarque da mercadoria para o exterior. Esta modalidade dá uma maior segurança ao exportador, contra um eventual cancelamento da compra.” (CASTRO 2001, p.82).

A cobrança com ou sem saque de acordo com Castro:

É uma modalidade de pagamento em que o exportador, após o embarque da mercadoria para o exterior, entrega os documentos representativos da exportação ao banco negociador, o banco remetente, o qual imediatamente os envia ao seu correspondente no exterior, ou seja, o banco cobrador, para serem entregues ao importador, mediante pagamento ou aceite de saque. (CASTRO, 2001, p.83).

A carta de crédito é uma modalidade de pagamento mais antiga. De acordo com Maluf: “[...] são garantias bancárias dadas às partes para que as mesmas estejam resguardadas. As partes intervenientes transacionam com documentos e não com mercadorias, serviços ou outros itens aos quais os documentos possam referir-se.” (MALUF, 2003, p. 86).

### 3.5 FINANCIAMENTO

As modalidades básicas de financiamento das operações de comércio exterior são: financiamento das importações e das exportações. Ambas podem efetuar-se na divisa do exportador ou em qualquer divisa que tenha convertibilidade. No segundo caso, a empresa assumirá certos riscos e gastos, mas lhe será rentável na medida em que a diferença nos tipos de interesses seja significativa. As operações financeiras de comércio exterior podem efetuar-se na divisa do exportador, na do importador ou numa terceira divisa, à margem da moeda de faturamento (REINGEX, 2007).

De acordo com Vazquez (2002) o exportador pode ter o melhor produto, o melhor preço, mas se não tiver um suporte financeiro adequado, não conseguirá concorrer no exterior.

## 4 RISCOS RELACIONADOS COM AS OPERAÇÕES INTERNACIONAIS

O exportador deverá administrar o meio de transporte e acordar o seguro de transporte, se de acordo ao “Incoterm” acertado será ele quem assume o risco de transporte da mercadoria, estes são alguns dos itens que deverá observar ao iniciar a transação internacional.

Os riscos que podem afetar a mercadoria são vários, por tanto o exportador devera estar ciente de que tipo de seguro contratará e todos os trâmites necessários para o processo de exportação.

### 4.1 GARANTIAS E AVAIS

Das garantias à exportação pode-se dizer que, de acordo com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) são:

1. O Fundo de Garantia à Exportação - FGE foi criado pela Medida Provisória nº 1.583-1, de 25 de setembro de 1997, sendo, após consecutivas reedições, convertida na Lei nº 9.818, de 23.08.1999. O FGE, de natureza contábil e vinculada ao Ministério da Fazenda, tem como finalidade dar cobertura às garantias prestadas pela União nas operações de Seguro de Crédito à Exportação (SCE).
2. O Decreto 3.937, de 25.09.1997, regulamenta o seguro, a garantia dada pela União, a Seguradora Brasileira de Crédito à Exportação - SBCE, e o Fundo de Garantia à Exportação. A SBCE, única a operar essa modalidade, é uma Companhia privada constituída sob a forma de Sociedade anônima, com finalidade de atuar na área de Seguro de Crédito à Exportação, atuando como guichê único do SCE, para dar cobertura às exportações brasileiras contra riscos comerciais e políticos e extraordinários.

Por várias razões, nem sempre os compradores conseguem crédito junto aos seus fornecedores. Uma forma de viabilizar o negócio será oferecer ao fornecedor o amparo de uma garantia ou um aval bancário, de sorte a assegurar-lhe o pagamento da operação. Tais instrumentos de garantia também podem ser utilizados para dar proteção ao comprador que antecipa um pagamento e deseja assegurar a devolução do dinheiro em caso de não embarque.

Principais garantias à exportação de acordo com Martins (2007) são: Carta de Crédito/Carta de Crédito *Standby*; Avais em Saques/Fianças-Seguro de Crédito à Exportação.

### 4.2 O SEGURO INTERNACIONAL

Segundo Keedi: “[...] o seguro é a forma de contratação futura da preservação de um bem ou serviço. Assemelha-se a uma aposta, já que é realizado contra um possível risco, que é a possibilidade de ocorrência de uma avaria, sem se saber se haverá ou não um sinistro, que é a efetivação do risco contratado.” (KEEDI, 2002, p.105).

Na modalidade CIF o exportador ao cotar seu produto, deverá conhecer com precisão o custo do seguro internacional –“prêmio” - pois este fará parte integrante do valor do produto que está sendo ofertado (GARCIA, 1997).

Em outras modalidades como FOB e CFR, Garcia esclarece que:

[...] a responsabilidade pela contratação do seguro e pagamento de seu prêmio é do importador, mas, mesmo assim, caberá ao exportador atentar para a responsabilidade de informar antecipadamente ao início do risco ao importador no exterior, basicamente: data prevista para o embarque; empresa que se encarregará do transporte internacional; veículo que transportará a mercadoria; data prevista para o início da viagem internacional. (GARCIA, 1997, p.85).

Por sua vez as informações mencionadas servirão de base para que o importador possa providenciar a respectiva cobertura de seguro antes de ser iniciado o risco (GARCIA, 1997).

Seguro de crédito à exportação funciona como instrumento de prevenção (análise e monitoramento constante da situação financeira do importador), como ferramenta de cobrança (atendendo a legislação específica de cada país e com custos cobertos por seguro) e pode ser utilizado como garantia em operação de financiamento. Visa garantir ao exportador as indenizações por perdas líquidas definitivas que vier a sofrer em consequência do não recebimento do crédito concedido a seus clientes no exterior.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Existem muitas expectativas de exportação de água mineral para este e os próximos anos. Com base nesta premissa, fundamentada em vários autores, esta pesquisa busca responder, identificando as possibilidades e benefícios das operações de exportação para a Vonpar Refrescos S/A proprietária e distribuidora da Empresa Mineradora Charrua Ltda., vislumbrando o mercado mexicano de água mineral.

Diante do atual cenário do mercado internacional, propõe-se a empresa exportar água mineral, para aumentar seus volumes de vendas e rentabilizar ainda mais esta linha de produtos com ganhos em desempenho financeiro, gozando de benefícios fiscais à exportação e margens de preferências entre Brasil e México, conseguindo assim aumentar o seu lucro projetado.

Com base nos levantamentos apresentados foi identificado o México como o segundo maior país consumidor de água engarrafada do mundo. Diante deste cenário a pesquisa formou um roteiro para exportação valendo-se de uma possível parceria comercial com a FEMSA elaborando o preço de venda FOB, para a água mineral Charrua.

### 5.1 ROTEIRO DE PROCEDIMENTOS PARA A EXPORTAÇÃO DE ÁGUA MINERAL

Este roteiro torna-se um facilitador para a empresa que intenciona ingressar no mercado externo e aquela que já está e deseja que suas negociações sejam amparadas e efetuadas com praticidade e segurança.

O México é um país em desenvolvimento de renda média. É o quinto maior produtor mundial de petróleo e tem a nona economia do mundo. Tem a terceira população mais importante do continente americano. Por sua estabilidade macroeconômica, é visto como o terceiro país mais atraente para investimentos pelas principais empresas multinacionais do mundo.

A premissa de exportar o produto ao mercado exterior, tendo como base o México, partiu destas características que o mercado mexicano oferece e por existir a possibilidade da Vonpar Refrescos S/A receber apoio da FEMSA, empresa líder de bebidas na América Latina, que exporta produtos aos Estados Unidos, e países seletos na América Latina, Europa e Ásia.

A FEMSA por possuir estrutura própria de distribuição poderia ser o possível canal de distribuição para a Água Mineral Charrua no México, o que aumentaria o potencial de venda do produto, por tratar-se da empresa líder no setor de bebidas.

Então para a Vonpar, a FEMSA também representará um canal de distribuição com grande potencial de expansão geográfica, capaz de agregar valor aos seus produtos e serviços por meio das

relações pessoais, transmitindo também qualidade e seriedade em suas operações, justificando uma proposta de parceria.

O Instituto Nacional de Estatística, Geografia e Informática - INEGI revela que o México era o segundo consumidor de refrigerantes, mas hoje a compra de água engarrafada ganha terreno e o crescimento das vendas ascendem a mais de 10 por cento em média.

Trabalhar a venda direta é a modalidade mais ambiciosa, onde o exportador deve administrar todo o processo de exportação, desde a identificação do mercado até a cobrança do vendido. As vantagens de uma exportação direta são: maior controle exercido sobre todo o processo de exportação; potencialmente maiores ganhos; relação direta com os mercados e com os clientes. Este tipo de exportação é o caminho mais direto para aumentar os ganhos e obter um sólido crescimento empresarial a médio e longo prazo.

Tomou-se como base de pagamento através da Carta de crédito (*Letter of Credit -L/C*), que é a opção de pagamento mais segura, pois o exportador só terá direito ao recebimento se atender a toda a exigência por ela convencionada, tornando menor o risco da operação.

A carta de crédito é uma modalidade de pagamento mais antiga. De acordo com Maluf: “[...] são garantias bancárias dadas às partes para que as mesmas estejam resguardadas. As partes intervenientes transacionam com documentos e não com mercadorias, serviços ou outros itens aos quais os documentos possam referir-se.” (MALUF, 2003, p. 86).

Na transação internacional é essencial determinar com exatidão os termos de venda, pois deles dependem as diferentes responsabilidades (riscos e obrigações) que o comprador e o vendedor têm sobre o objeto do contrato (a mercadoria).

E ao comprador está designado o pagamento dos gastos de inspeção, direitos, impostos, cargos oficiais próprios da importação e as de transporte desde o porto de embarque, desde que a mercadoria passa a bordo do navio.

Como o país de destino para a exportação é integrante da *Aladi* (*Asociación Latinoamericana de Libre Comercio*), o produto será classificado pela Naladi, (Nomenclatura da *Aladi*) sob o número 22011010. Dentro desta classificação o produto poderá gozar de 5% de margem de preferência, prevista na ACE-53 (acordo de complementação econômica 53) entre Brasil e México.

Trabalhou-se a hipótese de concessão de quarenta e cinco dias de prazo, tempo em média que a Vonpar recebe em suas importações, isto gera um custo financeiro de 1,48% ao vendedor, que por sua vez repassa ao seu preço final.

Discute-se atualmente, o caráter antieconômico desse tributo, que, em geral, opera contra o país na concorrência internacional, onerando os artigos de sua produção e de seu comércio com o estrangeiro. Com isso, a sua utilização há de ser feita com extrema prudência. Isto porque, ao incidir sobre produtos que serão adquiridos no exterior, a tributação pode tornar-se um obstáculo na formação do preço de venda inviabilizando a operação.

Contudo, o imposto de exportação será incidido sobre produtos aos qual o país exportador apresente vantagem competitiva que, mesmo com a tributação, ele se torne competitivo.

O preço encontrado para a venda de um *container* com 4200(quatro mil e duzentas caixas) de água mineral de 500 ml gaseificada será de R\$: 28847,75 (vinte e oito mil, oitocentos e quarenta e sete reais e setenta e cinco centavos) em moeda americana com a cotação de R\$ 1,92 (um real e noventa e dois centavos) serão de US\$ 15024,87 (quinze mil e vinte e quatro dólares e oitenta e sete centavos de dólares).

Não se seguiram etapas posteriores do roteiro de procedimentos para exportação, em virtude de ser apenas uma análise exploratória e não um procedimento efetivo de exportação.

Estes procedimentos ficam a cargo da empresa, na decisão de explorar novos mercados para seus produtos, aprofundando então o estudo sobre a viabilidade, verificando o preço praticado de água mineral na economia doméstica mexicana, consolidando também o seu canal de distribuição e demais procedimentos para que a operação de exportação ocorra com êxito.

## CONCLUSÃO

Hoje em dia, a exportação cobra maior importância nas empresas, quem toma a decisão de exportar como uma necessidade para sua sobrevivência, crescimento e rentabilidade ao longo do prazo. É importante reconhecer que a atividade exportadora não é uma atividade eventual ou de curto



prazo, que responde a situações conjunturais, pelo contrário é uma atividade que exige uma visão de médio prazo e uma planificação dos recursos.

Este estudo possibilitou a oportunidade de desenvolvimento da pesquisa de viabilidade de exportação da água mineral Charrua como ferramenta da gestão empresarial possibilitou agregar conhecimento e novas estratégias para a empresa atingir seus objetivos com maior eficácia.

Durante a realização da pesquisa, buscou-se conhecer um pouco mais sobre exportação, e o mercado, somando ao conhecimento já existente, a fim de oferecer à empresa dados essenciais para concluir a análise final e oferecer um preço de venda do produto analisado e as reais possibilidades da Vonpar ingressar no mercado de exportação de água mineral.

Com base nos dados estabelecidos, é possível concluir a evidência e a viabilidade da empresa na área em que atua e buscar o mercado externo na venda de água mineral, à qual é a responsável pela distribuição no mercado interno.

Torna-se necessário dizer que para exportar qualquer produto que seja, há uma grande necessidade de elaborar e conhecer um plano de mercado internacional, os quais estabelecerão objetivos e metas de exportação, para obter economia de escala e vantagem competitiva indicando as estratégias e ações que deverão realizar-se para entrar e consolidar-se no mercado escolhido.

Em suma, este estudo não possibilitou exaurir todo o processo de exportação que um produto exige. Neste instante se propôs a apresentar à empresa o valor do produto sugerido para o ingresso no mercado mexicano potencialmente favorável.

A partir daí o processo seria um estudo abrangente do mercado mexicano, ou seja, conhecer os principais detentores do *market share* de água mineral, com seus respectivos preços praticado conforme a segmentação do mercado local, bem como, a melhor estratégia de penetração no mercado, documentação exigida, legislação local e demais itens que compõe o processo de internacionalização do produto.

Ao término do estudo o objetivo geral foi alcançado. Este buscava identificar o preço de venda da água mineral Charrua no mercado externo e teve como sugestão o mercado mexicano, haja vista a possibilidade da Vonpar Refrescos S/A estabelecer parceria comercial com FEMSA, empresa líder de bebidas na América Latina, que exporta produtos aos Estados Unidos, e países seletos na América Latina, Europa e Ásia. Teve como item principal a disponibilização de um roteiro de procedimentos para a exportação, obedecendo à legislação aduaneira específica.

## REFERÊNCIAS

- [1]VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- [2]UNIAGUA. Disponível em: <http://www.uniagua.org.br/>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- [3]ABINAM, **Associação Brasileira de Indústria de água Mineral**. Disponível em: <http://www.abinam.com.br/home.php>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- [4]HIRSCHFELD, Henrique. **Planejamento Com Pert- Com**. São Paulo. Atlas, 1998.
- [5]FEMSA. Disponível em: [http://www.femsa.com/pr/business/coca\\_cola\\_femsa/](http://www.femsa.com/pr/business/coca_cola_femsa/). Acessado em: 20 jan. 2012.
- [6]BRAGA, Roberto. **Fundamentos e Técnicas de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 1995.
- [7]GARCIA, Luiz M. **EXPORTAR: Rotinas e Procedimentos, Incentivos e Formação de Preço**. São Paulo: ADUANEIRAS, 1997.
- [8]Aprendendo a exportar. Disponível em: <http://www.aprendendoaexportar.gov.br/inicial/index.htm>. Acessado em: 21 fev. 2012
- [9]VAZQUEZ, José Lopes. **Manual de Exportação**. São Paulo: Atlas, 2002.
- [10]CASTRO, Jose A. **Financiamentos à Exportação e Seguro de Crédito**. São Paulo: ADUANEIRAS, 2001.
- [11]GRANATYR, FÁBIO. **A Atividade De Comércio Exterior**. 2007. Disponível em: <http://granatyr.vilabol.uol.com.br/comercio.htm>-Acessado em: 21 abr.12.
- [12]KEEDI, Samir. **ABC do Comércio Exterior: Abrindo as primeiras páginas**. São Paulo: ADUANEIRAS, 2002.
- [13]MALUF, J. **Sem Fronteiras**. São Paulo: Ed. Aduaneiras, 2003.

[14]REINGEX. Disponível em: <http://www.reingex.com/>. Acessado em: 20 jan. 12.

[15]MARTINS, Diana Zerbini de Carvalho. **Aspectos Contratuais e Mecanismos de Proteção e Financiamento para Exportadores**. Disponível em: [www.zerbinimartins.com.br/site/palestras/](http://www.zerbinimartins.com.br/site/palestras/)-  
Acessado em: 20 jun.12.

# **GESTÃO POR COMPETÊNCIA: UMA ESTRATÉGIA DE CAPACITAÇÃO DE EXPORTADORES PERTENCENTES AO COREDE MISSÕES-RS.**

Rosani de Mattos Fernandes<sup>1</sup>  
Antonio Roberto Lasmann Ternes<sup>2</sup>  
Sirnei César Kach<sup>3</sup>

## **RESUMO**

A gestão por competências é a resposta atual para um mundo globalizado e envolvido em mudanças constantes. A capacidade de adaptar - se rapidamente às novas situações de mercado é uma das chaves do sucesso das organizações e dos indivíduos. Muito se fala a respeito de novos paradigmas na gestão das organizações. Antigamente os conceitos organizacionais começaram a ser questionados, principalmente após a década de 80, em resposta às profundas mudanças que afetaram tanto o ambiente externo (cenário social, econômico e político), quanto ao ambiente interno das empresas. O principal foco que antes era representado através de métodos, tarefas, técnicas e estrutura física mudaram para as pessoas, onde os seus conhecimentos, habilidades e experiências são valorizados e utilizados estrategicamente com o intuito de ganhar ou manter uma vantagem competitiva. Assim surge o conceito de competência para atender a estas necessidades. Este estudo vem apresentar como o conceito de gestão por competências tem auxiliado as mais modernas empresas, a destacar e desenvolver os potenciais exportadores, desempenhando, resultado e competitividade das pessoas, funções e áreas destas organizações.

Palavras-chaves: Gestão por competência – exportação - estratégia.

## **COMPETÊNCIA NA EVOLUÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES**

Hoje as organizações passam a formular suas competências essenciais levando em consideração sua missão, valores e objetivos. O indivíduo ao ter claro às competências essenciais da organização em que está atuando, se sente motivado a buscar o autodesenvolvimento, que por consequência lhe traz a satisfação no seu ambiente de trabalho. Hoje se vive em um mundo em que as mudanças ocorrem como em um piscar de olhos, fazendo com que as pessoas busquem novos conhecimentos para desenvolver novas habilidades, e assim poderem trabalhar em diversas áreas ou mesmo tornar-se mais eficiente em seus trabalhos.

Essa busca por conhecimento e desenvolvimento pessoal fez com que algumas organizações descobrissem dentro delas verdadeiros talentos, isto somado com a velocidade das mudanças globais criou dentro dessas organizações a necessidade de gerir esses talentos, gerir novos conhecimentos e alocá-los de maneira correta, descobre então, que por uma tendência natural precisam também aprender a lidar com essa nova realidade, na qual os recursos intangíveis deixaram de ser segundo plano como em décadas passadas e passaram a ser reconhecido como garantia de sucesso de uma organização.

Considerando, que a gestão por competências quando bem implantada pode ser benéfica tanto no âmbito pessoal como para o conjunto, percebe-se a importância crucial no seu gerenciamento. No âmbito pessoal porque pode fazer com que cada pessoa desenvolva-se descobrindo novas aptidões. Em muitos casos essa necessidade de competência que é de certo modo imposta pela realidade faz com

---

<sup>1</sup> Mestre em Administração Estratégica de Negócios - UNAM, Pós-graduada em Especialização em Comércio Exterior – URI, Bacharel em Administração Gestão Internacional dos Negócios – IESA. rosani@fahor.com.br

<sup>2</sup> Doutorando em Administração pela UNAM, Mestre em Engenharia da Produção – UFSM, Bacharel em Administração de Empresas – URI. antonioternes@terra.com.br

<sup>3</sup> Formando em Engenharia da Produção- FAHOR, Gerente Industrial. sirneikach@hotmail.com

que cada pessoa corra atrás de novos conhecimentos, e assim desenvolva habilidades que quando colocadas em prática produzem uma realização pessoal imensurável.

Em linhas gerais, defende-se a necessidade de adquirir competitividade no exterior e da formação de competências para exportação. Para ter sucesso nesta tarefa é fundamental desenvolver as competências exportadoras, pois mais do que impor seus valores ao mercado é preciso entender o que é realmente valor para ele e encontrar soluções convergentes.

## 1 REVISÃO DA LITERATURA

### 1.1 O CONCEITO DE COMPETÊNCIA

O termo “competência” tem sido utilizado sistematicamente nos estudos sobre organizações apenas recentemente. Sua utilização surgiu para se referir ao conhecimento necessário para realizar o trabalho com competência. Portanto, a expressão “competência humana no trabalho” não se refere a todo e qualquer conhecimento e habilidades, mas sim especificamente àqueles que são requisitados quando a pessoa trabalha. (SANDBERG, 2000).

Autores como Fleury e Fleury (2004) e Rodrigues (2004) afirmam que há diferentes perspectivas sobre a identificação de competências nas organizações. Estes autores dividem as abordagens de acordo com a região geográfica na qual surgiram. A perspectiva pioneira teria nascido nos Estados Unidos, que entende o conceito de competência como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes. Há pressuposto de que os melhores desempenhos estão fundamentados na inteligência e na personalidade das pessoas, como um estoque de recursos que o indivíduo detém. As competências individuais são avaliadas em relação ao conjunto de tarefas e cargos ou posição ocupada por uma pessoa. Aí reside o problema dessa decorrente corrente de estudo das competências: elas seriam apenas rótulos modernos para concepção taylorista-fordista de qualificação profissional. Ao se relacionar competência ao cargo, o conceito não atende às demandas de uma organização complexa e mutável, que necessita inovar e ser flexível.

Nesse contexto, o desenvolvimento de competências possui um papel significativo na medida em que contribui para a formação das pessoas e para as mudanças de atitude em relação às práticas de trabalho, ou mesmo para percepção da realidade, buscando agregar valor à organização. No fim da Idade Média, a expressão competência associada basicamente a linguagem jurídica. Dizia respeito à faculdade atribuída a alguém ou uma instituição para apreciar e julgar certas questões. Conforme Isambert-Jamati (apud BRANDÃO E GUIMARÃES, 1999).

### 1.2 GESTÃO POR COMPETÊNCIAS

Segundo (Leme, 2007, p.149), fez uma opção por uma lista de 14 competências principais que encontramos nas empresas às que aplicaram os processos de gestão por competências. Acredita-se que a busca pela competência essencial deve ser acompanhada pelo investimento naquelas que constituem a base interna dos processos empresariais. É importante definir um número com o qual se quer trabalhar (no nosso caso definimos 15 competências), o que permitiu a unificação de linguagem e facilitou a identificação de perfis nas empresas-cliente.

Para Fleury, A. e Fleury, M. T. (2001a), uma empresa competitiva deve administrar o processo de aprendizagem “...no qual se aprende em cada uma das áreas da atividade empresarial individualmente, e, ao mesmo tempo, repensa-se o conjunto, buscando desempenho cada vez mais eficiente.” De acordo com esses autores, é possível entender, com base em uma perspectiva de aprendizagem, o processo de formulação estratégica de uma organização. Num contexto dinâmico e imprevisível como o atual, a competência nesse processo é fundamental.

Fleury, A. e Fleury, M. T. (2001a) também atribuem uma categorização para as competências do indivíduo, que são dispostas em três blocos que envolvem a relação do indivíduo com toda a empresa, numa perspectiva sistêmica.

Competência do Negócio se define em: visão estratégica e planejamento. As competências sociais por sua vez classificam-se em: comunicação, negociação e trabalho em equipe.

## 2 EXPORTAÇÃO

A exportação pode ser entendida como a saída de mercadoria nacional ou nacionalizada do território aduaneiro brasileiro. Esse processo é baseado na especialização do país na produção de bens para os quais tenha maior disponibilidade de fatores produtivos, garantindo excedentes que possam ser destinados ao mercado externo, ou dedicando esforços especiais no sentido de gerar esses volumes que possam ser dedicados a outros países.

De acordo com Maluf (2003, p.27) “a exportação implica em: entrada de divisas, exceto nos casos de exportação temporária; geração de caixa.” A entrada de divisas propicia o equilíbrio das contas externas do país, e a geração de caixa beneficia a empresa com recursos importantes.

Castro (2001,p.19) coloca que “as razões que levam uma empresa a tomar a decisão de destinar seus produtos para o mercado internacional podem ser diversas e diferenciadas.” Ele enumera como principais motivos o aumento das receitas operacionais, além de outros aspectos como o *marketing de status*, podendo-se melhorar a imagem com fornecedores, bancos e clientes; qualidade e operacionalidade; redução da instabilidade e diluição de riscos; ampliação de mercado e economia de escala; melhoria financeira; e importação de tecnologia oculta. Trata-se, portanto, de uma estratégia de desenvolvimento para a empresa:

Capacidade exportadora é a capacidade que a empresa tem de compreender os mercados internacionais e adequar-se a eles, por conseqüência, em vários níveis, como recursos humanos, projeto, produtividade, comunicação e gestão. (MINERVINI, 2005, p.5).

Em outras palavras, significa adequar não apenas o produto, mas toda a empresa para esse novo horizonte de atuação.

### 2.1 CAPACIDADE DE EXPORTAÇÃO

Segundo Minervini (2005) enfatiza algumas perguntas que precisam ser analisadas e respondidas para se fazer uma boa avaliação da capacidade de exportação: há uma conscientização geral na organização com relação à sintonia exigida para a exportação? O produto a ser exportado possui características capazes de satisfazer a outros mercados? A empresa possui capacidade de produção suficiente para atender o mercado interno e também externo? Há um preparo também por parte dos fornecedores no sentido de, eventualmente, terem de aperfeiçoar a qualidade de seus produtos devido à maior exigência advinda dos consumidores externos? A empresa possui informações suficientes para traçar um plano de ação para essa inserção no mercado internacional e para promover a própria capacidade produtiva? Existe uma prévia disponibilidade da empresa quanto à possibilidade de ser necessária a efetuação de mudanças no próprio produto para satisfazer os clientes nos mercados internacionais? É possível utilizar o mesmo sistema de comercialização atualmente usado no mercado interno? A empresa está ciente dos problemas fiscais, tributários e jurídicos que poderá enfrentar? Como será a abordagem promocional? Será diferente daquela já testada no mercado interno?

Portanto, toda organização que deseja exportar deve fazer uma avaliação de sua capacidade para tal, levando em conta todas as suas expectativas e o alcance de seus objetivos, principalmente porque essa atitude fará com que a organização entre para o mercado de forma definitiva, do ponto de vista do mercado global:

Portanto, as empresas precisam investir em conhecimento para vencer os desafios do meio ambiente. E isso exige uma pesquisa de mercado corretamente formulada e conduzida para a coleta de informações acerca dos aspectos comportamentais,, sociais, culturais, legais e políticos que possam afetar a empresa e os seus negócios. (COBRA, 2003, p.82).

Percebe-se assim que a pesquisa fornece elementos importantes para a aproximação com o mercado consumidor, conhecendo-se características como geografia, população, aspectos culturais, religiosos

e econômicos, meios de transporte e comunicações, organização política e administrativa do potencial país de destino.

### **3 ESTRATÉGIA: CONCEITO E APLICAÇÃO.**

Conforme Ansoff, Declerck e Hayes (1981, p. 88), mencionam que na perspectiva da administração estratégica, o processo racional de planejar é apenas mais um dos componentes de um processo sócio-dinâmico muito mais complexo que gera a mudança estratégica.

Para Ansoff (1977 apud MINTZBERG 2004, p. 26), vê a seleção de estratégia e a formulação de política, sobretudo como um processo de decisão: primeiro, são fixadas metas, após o que (usando uma série de técnicas analíticas) são desenvolvidas alternativas e (ainda usando técnicas analíticas) é feita uma escolha entre elas, talvez após alguns ajustes nas metas originais.

Segundo os autores Mintzberg e Quinn (2001, p. 3), apontam uma estratégia como um padrão ou um plano que integra as metas maiores da organização, políticas e a seqüência de ações objetivando a coesão das forças internas. Uma estratégia bem formulada ajuda a ordenar e alocar os recursos da organização numa postura única e viável; isto baseado nas competências e deficiências internas, na antecipação às mudanças do meio externo e movimentos contingenciais dos concorrentes.

#### **3.1 POSICIONAMENTO ESTRATÉGICO**

Para Michael Porter (1996, p. 68), estratégia é a criação de uma posição única e valiosa, envolvendo um conjunto diferente de atividades. Se houvesse somente uma posição ideal, não haveria nenhuma necessidade de estratégia. (...) A essência do posicionamento estratégico é escolher atividades que sejam diferentes dos rivais. Ainda segundo o autor (1991), é fundamental diferenciar eficácia operacional de posicionamento estratégico. Define eficácia operacional como algo que também é necessário, significa assimilar, atingir e ampliar a melhor prática. Posicionamento estratégico mostra-se relacionado com criar uma posição para competir que seja exclusiva e sustentável. O posicionamento exclusivo cria a vantagem competitiva, mas não basta para mantê-la. Em nome da sustentabilidade, é preciso minar a capacidade dos concorrentes de imitar você, o que se consegue com o *tradeoff* (trocas ou concessões).

Para sobreviver, os competidores têm que se diferenciar em características importantes para dominar diferentes segmentos de mercado, seja relacionando-se com distintos clientes ou oferecendo valores, serviços ou produtos diferentes. Uma vez que as organizações podem combinar esses fatores de maneiras diferentes, sempre existirão muitas possibilidades de que cada competidor amplie o escopo de sua vantagem, mudando aquilo que o diferenciam de seus rivais. Pode-se, então, planejar a evolução de uma empresa? É exatamente para isso que existe a estratégia.

#### **3.2 ORIGEM DA ESTRATÉGIA**

A palavra estratégia foi incorporada ao mundo dos negócios na década de 60 e 70. E não foi sem sentido, pois a guerra estava armada e não se tratava de estar em guerra com o cliente nem com o fornecedor, mas sim com os concorrentes.

De acordo com Zaccarelli (2000 apud Kallás, 2003, p. 32), acumulou-se grande quantidade de conhecimentos em pouco tempo, resultando em uma enorme bibliografia disponível. O grande motor dessa evolução foi o crescente nível de exigência das empresas, que queriam cada vez mais embasamento para orientar suas ações, proteger sua posição no mercado e crescer.

### **4 METODOLOGIA**

Para a realização desta pesquisa utilizou-se da taxionomia de Vergara(2009). Quanto aos fins foi exploratória, pois há pouco conhecimento sobre Gestão por competências para capacitação de exportadores; como também descritiva, pois se descreveu as instituições foco deste estudo no que tange as suas características voltadas ao tema da pesquisa; Compreendeu também a pesquisa explicativa, onde se buscou o porquê de ser ou não suficientes às ações já empreendidas pelas

instituições que foram pesquisadas, as explicações das ações que foram propostas ao final do trabalho. Quanto aos meios, foi pesquisa de campo, pois houve a necessidade de aplicar um instrumento de pesquisa, mais precisamente questionários e entrevistas não-estruturadas para buscar as informações relevantes para o estudo; foi também bibliográfica, porque foi buscado em meios impressos e eletrônicos disponíveis ao público em geral o material necessário para fundamentar a pesquisa; também foi pesquisa *ex post facto*, pois se buscou as ações já empreendidas pelas instituições a partir do momento em que começaram suas atividades; estudo de caso porque a pesquisa foi direcionada somente às empresas exportadoras da região noroeste do Rio Grande do Sul.

O universo da pesquisa é compreendido pelas empresas exportadoras do COREDE-MISSÕES - RS, com faturamento de até R\$ 1.000.000,00. Os resultados obtidos na pesquisa junto ao Ministério da Indústria e Comércio (MDIC) pode se constatar 32 empresas que corresponde a este perfil. A pesquisa foi elaborada com todas essas empresas. Os sujeitos da pesquisa foram as pessoas ligadas a área do comércio internacional, designadas pelas empresas para responderem ao instrumento de pesquisa.

Buscou-se em literatura, periódicos, internet, enfim, meios impressos e eletrônicos todos os subsídios necessários para compor o embasamento teórico da pesquisa. Através de questionários com perguntas fechadas, buscou-se as competências, habilidades e atitudes até então já empreendidas pelas pessoas ligadas a área do comércio internacional das empresas foco deste estudo. Este instrumento e pesquisa foram baseados em LEME (2007), GRAMIGNA (2004), FLEURY e FLEURY (2001).

## 5 ANÁLISES DA INFORMAÇÃO

Neste capítulo apresentam-se os resultados da pesquisa obtidos através do instrumento de pesquisa e todo material da literatura vigente.

### 5.1 RESPOSTAS DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Foi realizada a pesquisa com em 32 empresas já mencionadas no desenho metodológico, das quais se pode dizer que todas as pessoas questionadas de todas as referidas empresas são ao sim dizer analistas de comércio exterior, sendo que destes (31%) possuem curso superior na área de comércio exterior e, ainda, a maioria dessas empresas (93,75%) estão atuando na área há mais de 5 anos.

Abaixo se relaciona os critérios questionados para levantamento de informações relevantes a conclusão da pesquisa:

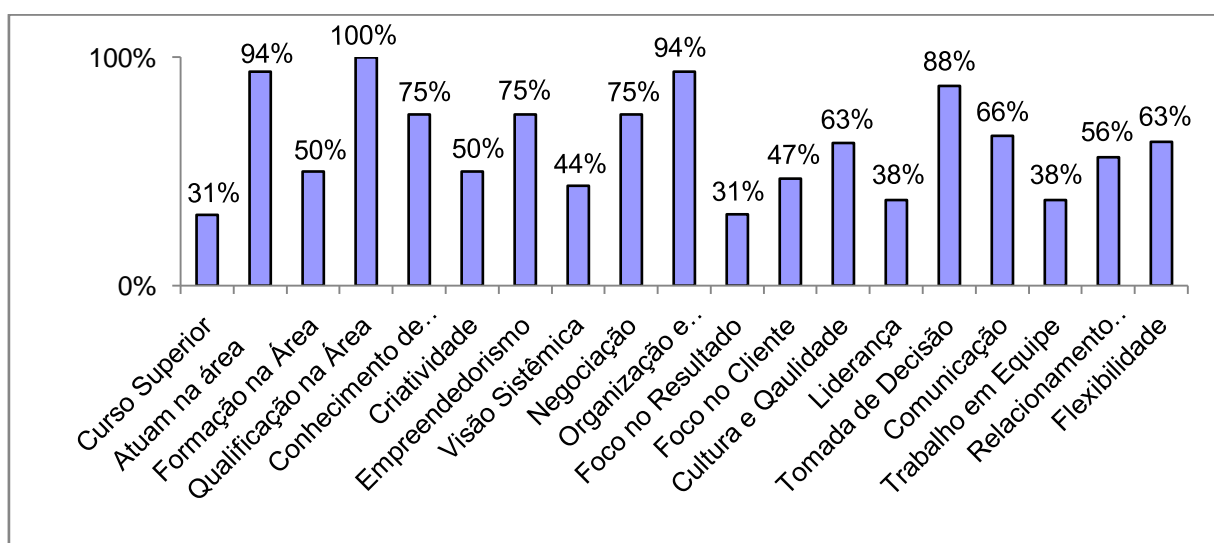


Ilustração 1: Competências para capacitação a exportação.

Fonte: Pesquisa com empresas exportadoras da Região Noroeste do RS, 2012.

Percebe-se, na Ilustração 1, que todas as empresas participantes da pesquisa responderam que a competência essencial é a “qualificação na área”. Esta competência não é citada por nenhum dos autores na literatura. A qualificação significa o estar apto a desenvolver qualquer atividade voltada a área de atuação, é ser idôneo, é ter qualidade no conhecimento e na prática de sua teoria.

Com noventa e quatro por cento das respostas surge então a “atuação na área”, que coloca as pessoas como detentoras do conhecer, do fazer e do saber, pois ao estar em contato diário e permanente com as atividades de exportação, a lógica da atuação se torna um processo sistêmico e racional, no qual a pessoa realiza suas ações se vínculos, pois não há dúvidas em seus procedimentos. Também com o mesmo percentual aparece a “organização e o planejamento”, que dizem da necessidade de se prever, de verificar táticas, impor metas, buscar resultados, elaborar cronograma, enfim, traçar os rumos adequadamente e acertadamente para que os resultados sejam satisfatórios, pois não se pode errar nunca em uma relação de negociação entre países e empresas, afinal é a marca, a imagem de empresas e nações que estão no jogo. A “tomada de decisão” é o segundo percentual que se apresenta, 88% das empresas pesquisadas, uma das competências também essenciais, pois não há como deixar para os outros tomarem as decisões que para si cabe.

A negociação envolve a troca entre pessoas, empresas ou nações e é muito importante que nesta troca ambas as partes obtenham resultados satisfatórios, o que se chama de negociação ganha-ganha, exige uma comunicação eficiente para atendimento dos objetivos das partes que estão no processo de negociação. O negociador é um especialista em técnicas, em comunicação, em culturas dos povos, tomador de decisão e outras tantas habilidades necessárias para conjugação de esforços em uma negociação.

## 6 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CRITÉRIOS ENCONTRADOS NA PESQUISA COM OS DA LITERATURA VIGENTE

Como a literatura é vasta sobre o assunto enumeram-se os dez mais citados pelos diferentes autores que tratam do assunto, bem como se colocam nesta análise comparativa os dez mais pronunciados pelos sujeitos da pesquisa:

CRITÉRIOS DA PESQUISA	CRITÉRIOS DA LITERATURA		
	LEME, Rogério	GRAMIGNA, Maria Rita	FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme.
Qualificação na área; Organização e Planejamento; Tomada de decisão; Empreendedorismo; Conhecimento de Línguas estrangeiras; Visão Sistêmica; Comunicação; Cultura e qualidade; Flexibilidade; Relacionamento Interpessoal.	Criatividade; Empreendedorismo; Visão Sistêmica; Negociação; Organização e Planejamento; Foco no Resultado; Foco no Cliente; Cultura e Qualidade; Liderança; Tomada de Decisão; Comunicação; Trabalho em Equipe; Relacionamento Interpessoal; Flexibilidade.	Capacidade empreendedora; Capacidade de trabalhar sobre pressão; Comunicação; Criatividade; Cultura e qualidade; Dinamismo, iniciativa; Flexibilidade; Liderança; Motivação; Negociação; Organização; Planejamento; Relacionamento Interpessoal; Tomada de Decisão; Visão Sistêmica.	Visão estratégica; Planejamento; Comunicação; Negociação; Trabalho em equipe;



O primeiro item apontado na pesquisa **“qualificação na área”** não foi mencionado por nenhum dos autores de forma explícita, mas todos eles a apresentam de maneira indireta, pois todos os critérios são relacionados à qualificação.

O segundo **“organização e planejamento”** são citados por Leme e por Gramigna; já Fleury e Fleury apontam somente o planejamento. Ordenar e planejar ações, ambiente ou equipe de trabalho, priorizando sequência e forma de execução ou implementação de tarefas ou ações, com a finalidade de facilitar os objetivos propostos, planejar e priorizar a realização de tarefas, utilizando o tempo de forma eficaz. Capacidade de organizar as ações de acordo com o planejamento para facilitar a execução.

A **“tomada de decisão”**, o terceiro critério apontado pelos questionados, é citado por Leme e por Gramigna. A tomada de decisão identificar e escolher dentro das alternativas mais adequadas a solução de um problema dentro do período ideal da decisão analisando riscos e oportunidades, buscar informações com equipes, departamentos, documentos, ter percepção do tempo ideal da tomada da decisão, analisar riscos e oportunidades.

Estes autores ainda citam o **“empreendedorismo”** em suas obras como foi citado nesta pesquisa, item esse de suma importância para as empresas poder visualizar e colocar em prática soluções e oportunidades de ação visando a competitividade da organização por meio de seus produtos e serviços.

O **“conhecimento de línguas estrangeiras”** apontado na pesquisa não é referenciado por nenhum dos autores, mas dentro deste contexto de comércio exterior é de suma importância ter essa competência, pois ela facilitara a comunicação com os demais países para onde as empresas irão exportar.

O autor Leme e a autora Gramigna citaram a **“visão sistêmica”** como competência. Ter a visão sistêmica e ver o processo como um todo, a interdependência aos impactos de uma ação, perceber o impacto das atividades realizadas nos processos das demais áreas da empresa.

Os três autores referenciam a **“comunicação”** como competência essencial para as pessoas, assim como foi apontado nesta pesquisa, onde a comunicação vai estabelecer e utilizar métodos para transmitir e receber informações faladas, escritas, visuais. Presenciais, garantindo o entendimento entre as partes facilitando a compreensão dos objetivos estabelecidos por cada empresa.

**“Cultura e qualidade”** e **“flexibilidade”** são critérios sinalizados na pesquisa realizada e colocados nas obras de Leme e de Gramigna. Onde zelar pela qualidade dos processos e buscar melhorias contínuas para o aperfeiçoamento de processos, produtos e serviços, otimizando os resultados em prol dos objetivos organizacionais de cada empresa pesquisada, já a **“flexibilidade”** tem que se adaptar-se às mudanças e necessidades emergentes.

O **“relacionamento interpessoal”** é colocado por Leme e por Gramigna, apesar de Fleury e Fleury citarem o **“trabalho em equipe”**, que necessariamente inclui este critério tão necessário para sua efetiva concretização. Onde visa interagir as pessoas de forma empática e respeitosa, mesmo em situações adversas, mantendo um ambiente organizacional agradável e estimulador.

## 7 PROPOSTAS PARA IMPLANTAÇÃO

Um mundo tão volátil quanto ao mercado de capitais, mudanças contínuas e permanentes, a busca do ser completo e excelente trazem ao cotidiano várias incógnitas que perpassam por mentes principalmente por aquelas que hoje estão como gestores nas grandes, médias ou pequenas corporações, sejam em pequenos ou grandes negócios, sejam locais, regionais, nacionais ou internacionais, existem, sim uma ansiedade muito grande de como realizar a gestão?, qual a forma que devo dar a empresa? Que políticas e procedimentos a serem desenhados para que todos estejam realizando suas atividades a contento? E na área do Comércio Internacional?

Esta pesquisa serviu de subsídios a esta pesquisadora para a efetivação de alguns critérios e a sinalização de algumas competências que ora se fazem necessárias para atuação de maneira incisiva e objetiva na área. Sabe-se da importância das competências específicas que um profissional deve ter para ocupar cargos ligados a esta área.

O modelo ora apresentado, de forma resumida por exigência para tal evento, surge não como uma solução para a área, mas sim como algo que os empregadores precisam observar em seus

colaboradores e se aperceberem em um mundo que vive o universal e por muito pouco não se encontra totalmente globalizado.

Pode-se dizer que as competências citadas no modelo proposto acima não encerram em definitivo esta pesquisa, deixa-se aqui a abertura para que outros pesquisadores venham a contribuir com esta listagem. Propõe-se sim um modelo que poderá contribuir para o alinhamento de competências voltadas a área do Comércio Internacional.

## CONCLUSÃO

Em paralelo às novas exigências do mercado corporativo, surge a necessidade de que novos modelos de gestão de competências e de pessoas sejam repensados e atualizados, para que as empresas se tornem competitivas e alcancem os seus objetivos estratégicos.

Deste modo, o modelo de gestão por competência vem ganhando espaço, visto que o mesmo propõe desenvolver as competências individuais e organizacionais.

Este modelo acredita que a empresa e colaboradores podem desenvolver através da troca de suas competências sejam elas técnicas ou comportamentais.

A gestão por competência pode ser implantada como um recurso para a estratégia de capacitação de exportadores, pois este método permita que os exportadores trabalhem de forma mais alinhada com as metas e objetivos das organizações.

O desafio é dar o primeiro passo, pois toda essa compreensão, de seu conceito, implantação e resultado, não terá nenhuma valia se não sair do discurso para o papel. Sabemos que dúvidas e dificuldades existem, e vão sempre existir e nunca serão superadas se não forem encaradas como forma desafiadora e positiva de ganhos futuros.

Neste trabalho tentamos expor idéias de modelo de gestão por competências como estratégia de capacitação de exportadores, a partir da visão geral e objetiva, com isso instigar o leitor a curiosidade e a vontade de ampliar seus conhecimentos através de novas leituras e discussões sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

- [1] SANDERBERG, L. P. Competence at Work. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 1. p. 9-25, 2000.
- [2] FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. **Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira**. São Paulo: Atlas, 2001a.
- [3] RODRIGUES, M.A. **Gestão de competências em organizações: diferencial produtivo ou retórica gerencial? Um estudo de caso em empresa de manufatura contratada**. Belo Horizonte: DEF/UFMG, 2004. Dissertação de Mestrado. Referencial Teórico.
- [4] BRANDÃO, H.; GUIMARÃES, T. **Gestão de Competências e Gestão de Desempenho: tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo construto**. In: Encontro Nacional dos Programas de Pós Graduação. Conferência, Foz do Iguaçu, 1999.
- [5] FLEURY, MT. L. FLEURY, A.C.C. Alinhando Estratégias e competências. **Revista Administração de Empresas**, v. 44, n.1, jan. - mar. 2004.
- LEME, Rogério. **Seleção e Entrevista por Competências com o Inventário Comportamental: guia prático do processo seletivo para redução da subjetividade e eficácia na seleção**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.
- [6] MALUF, Sâmia Nagib. **Administrando o comércio exterior do Brasil**. São Paulo: Aduaneiras, 2003.
- [7] CASTRO José Augusto de. **Exportação: Aspectos Práticos e Operacionais**. 4. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2001.
- [8] MINERVINI, Nicola. **Exportar: competitividade e internacionalização**. São Paulo: Makron Books, 2005.
- [9] COBRA, Marcos. **Administração de Marketing no Brasil**. São Paulo: Cobra Editora, 2003.

- [10]ANSOFF, H. Igor; DECLERCK, Roger P.; HAYES, Robert L. **Do planejamento estratégico à administração estratégica**. São Paulo: Atlas, 1981.
- [11]ANSOFF, H.I. **Estratégia empresarial**. McGraw Hill, 1977.
- [12]MINTZBERG, Henry; QUINN, James Brian. **O Processo da Estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- [13]PORTER, Michael E. **Estratégia Competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- [14]KALLÁS, David. **Balanced Scorecard: aplicação e impactos, um estudo com jogos de empresa**. FEA/USP. São Paulo, 2003.
- [15]VERGARA Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- [16]GRAMIGNA, Maria Rita. **Modelo de Competências e Gestão dos Talentos**. São Paulo: Makron Books, 2004.

# IMPACTOS DE LA RELOCALIZACIÓN DE COMERCIANTES EN UNA ZONA TRANSFRONTERIZA<sup>1</sup>

Carla Antonella Cossi<sup>2</sup>

## RESUMEN

El presente trabajo propone un abordaje exploratorio acerca del estado de situación al que asistimos en la zona fronteriza existente entre Argentina y Paraguay, conformada por las ciudades de Posadas y Encarnación. Nos centramos en el escenario desatado tras la inundación de uno de los principales polos comerciales de la región llamado “La Zona Baja”, que se encontraba ubicada en la ciudad paraguaya. Dicho lugar desapareció bajo las aguas, producto de la elevación de la cota del río Paraná, como consecuencia de las obras de terminación de la represa a cargo de la Entidad Binacional Yacyretá; provocando la relocalización de los comerciantes que allí desarrollaban su actividad al predio del “Nuevo circuito comercial” construido por la misma entidad y ubicado en un lugar estratégico del municipio. Nuestra propuesta es examinar la manera en que estos comerciantes han aprovechado las nuevas condiciones que la relocalización les brindó, para revertir lo que inicialmente fue considerado una crisis social y económica sin precedentes en la zona, pero que ha conllevado importantes avances en el fortalecimiento de la integración regional.

Palabras claves: Polo comercial- Relaciones transfronterizas- Relocalización- Integración regional.

## INTRODUCCIÓN

La ciudad de Encarnación fue fundada siendo una reducción en “La puerta del Paraná” en el Año 1615, como un puesto de avanzada para futuras expediciones y como punto de entrada al Guayrá y al Uruguay. Desde ese entonces se constituyó como un lugar central en la región por su ubicación de cabecera, que le permitió desarrollarse como punto estratégico de entrada y salida de productos, personas e ideas. Desde aquella época, se empezó a gestar la orientación comercial y portuaria del lugar, la cual dio a Encarnación desde sus inicios, una gran importancia a nivel regional.

La habilitación en abril de 1990, del “Puente Internacional San Roque González de Santa Cruz”, que une las vecinas ciudades de Posadas y Encarnación, dio lugar a un enorme aumento de los intercambios comerciales en la región; ubicándose más de dos décadas después de su creación, como el 3° paso fronterizo internacional de la República Argentina después del Aeropuerto Internacional de Ezeiza “Ministro Pistarini” y el Puente Internacional “Tancredo Neves” que une la ciudad argentina de Puerto Iguazú con la ciudad brasilera de Foz do Iguazú, con una media de 20.000 personas que lo trasponen cada día.

Actualmente, la situación de intercambios comerciales entre ambos países sigue incrementándose bajo un panorama muy cambiante, que entre otros factores, es el resultado de las obras de la represa que lleva adelante desde los años ‘70 la Entidad Binacional Yacyretá (EBY). Este enorme emprendimiento que se encuentra en sus etapas finales de terminación de obras, consiste en un *Proyecto a Gran Escala* (PGE), tal como lo define Lins Ribeiro, cuyas *“características estructurales le permiten ser tratado como una expresión extrema del campo del desarrollo, tanto por el tamaño del capital que maneja, como por el gran territorio que abarca y la cantidad de personas que controla;*

---

<sup>1</sup> Esta ponencia presenta algunas conclusiones del proyecto de investigación “Economía y sociedad en ciudades de frontera. Estrategias binacionales transfronterizas de trabajo comercialización y consumo. Posadas-Encarnación 2011-2012. Facultad de ciencias económicas, Universidad Nacional de Misiones, Argentina. Inédito.

<sup>2</sup> Licenciada en Antropología Social. Becaria CEDIT-CONICET. Alumna del Programa de Posgrado en Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Misiones. E-mail: carlacossi@gmail.com

*demás del importante poder político que posee en la zona; la magnitud de sus impactos ambientales y sociales que pocas veces han sido vistos; y las innovaciones tecnológicas que crea; así como por la complejidad de las redes que engendra". [2]*

Tanto la ciudad de Encarnación, como la de Posadas fueron afectadas por las obras de esta represa, por las enormes inundaciones que la misma provocó. Días Peña y Stancich mencionan que en el año 2000, momento en que la cota ya se encontraba a los 76 metros sobre el nivel del mar, habían sido inundadas un total de 29.000 hectáreas en Argentina y más de 93.000 hectáreas en Paraguay, provocando desastres ambientales en lugares en los que existían ecosistemas únicos de gran diversidad biológica, especies endémicas de fauna y flora y hábitats ancestrales de comunidades indígenas.

Al día de hoy, no se ha llegado a un acuerdo aún respecto del número exacto de hectáreas que fueron inundadas, según Causarano, [3] el aumento de la cota hasta su nivel definitivo, 83 metros sobre el nivel del mar, exigió inundar 55.000 hectáreas adicionales a las 110.000 ya inundadas, de las cuales, 124.000, el 80% pertenecen al territorio paraguayo.



Fonte: Imagen Satelital y Proyección del Área de Impacto Ambiental de Yacyretá [4]

Dentro de las áreas que fueron inundadas se encuentra una, que consideramos central para este trabajo, la Zona Baja de la ciudad de Encarnación, uno de los lugares que concentraba la mayor cantidad de comerciantes de la región, donde circulaba a diario una importante suma de dinero de ambos países y además era un punto de referencia histórico y cultural para la región. Los comerciantes de la Zona Baja afectados por la inundación, fueron relocalizados hacia un sector de la ciudad próximo al puente internacional, hasta entonces deshabitado.

El problema que abordaremos en este trabajo tiene como eje central las transformaciones generadas por la relocalización hacia las cercanías del puente internacional, de uno de los principales polos comerciales de Encarnación. Analizaremos aspectos tanto cualitativos como cuantitativos de los intercambios comerciales transfronterizos en la nueva ubicación de estos afectados. Nos proponemos como objetivo analizar la incidencia en la integración regional que dicho proceso tiene a partir de la implementación de nuevas estrategias de comercialización y atención al cliente.

Consideramos que el análisis de estos tópicos puede aportar elementos que contribuyan a una fehaciente integración regional comercial transfronteriza, a partir del reconocimiento de las debilidades y oportunidades que la zona de frontera brinda al intercambio comercial vecinal de pequeña escala y a una competencia más justa entre ambos países destacando las potencialidades que los dos poseen.

## 1 METODOLOGIA

El problema en estudio será abordado desde un enfoque antropológico comprensivo y holístico que permita interpelar las voces de los distintos actores -tanto clientes como comerciantes- abordándolas desde una perspectiva etnográfica que, en términos de Balbi, [5] permite realizar “una mirada analítica que da por supuesta la diversidad de lo real y trata de aprehenderla a través de un análisis centrado estratégicamente en las perspectivas de los actores”. Este método nos permitirá

acceder a los datos materiales del accionar de nuestros entrevistados y a las representaciones simbólicas que, tanto comerciantes como compradores, construyen del hecho social de comprar y comercializar en la frontera, en un contexto de relaciones económicas asimétricas, condicionadas por una estructura social que pone en evidencia la diferencia, la desigualdad y la diversidad que caracteriza a las sociedades complejas. [6]

El diseño metodológico cualitativo de investigación permite la construcción de un conocimiento diferenciado, a través de los sentidos diversos sobre los que se configura la subjetividad en cada una de sus formas concretas: social o individual; desde una representación compleja en la que los resultados son momentos parciales, que de manera continua se van integrando y van dando lugar a nuevos interrogantes, así como abriendo nuevos caminos a la producción del conocimiento. [7]

Se entiende el campo, en términos de Guber, [8] como esa porción de lo real compuesta no sólo de los fenómenos observables sino, además, por la significación que los actores le asignan al entorno y a las tramas que éstos involucran.

Los datos aquí presentados se construyeron a partir de la utilización de técnicas etnográficas de observación participante en lugares claves como el puente internacional que une las ciudades de Posadas y Encarnación, además de entrevistas en profundidad semi estructuradas a distintos ciudadanos de ambas orillas entre los que hay funcionarios públicos, comerciantes y clientes. Los datos cuantitativos del este trabajo se construyeron a partir de una encuesta realizada al azar simple en las distintas filas de vehículos para el control migratorio en la cabecera del puente.

## 2 MARCO TEÓRICO

Para este trabajo consideraremos como *polo comercial* a aquellas áreas territoriales donde la principal actividad que se desarrolla es la compra y venta de artículos y servicios, y se caracteriza por la concentración de locales comerciales y vendedores ambulantes.

La *relocalización de uno de los polos comerciales* de Encarnación consistió en el traslado de aquellas personas que realizaban actividades comerciales en los niveles que se encontraban bajo la cota que alcanzaría el Río Paraná una vez terminadas las obras de construcción de la represa Yacretá-Apipé. El polo comercial que se encontraba en la ahora inundada “Zona Baja” fue relocalizado hacia las cercanías del Puente Internacional “San Roque González de San Cruz”, lo que hace explícita la orientación comercial objetiva hacia los clientes provenientes del área transfronteriza.

La relocalización de los comerciantes fue hecha hacia un predio estratégicamente ubicado en lo que Jimenez Marcano [9] llama *área transfronteriza*, la cual conforma un lugar “*donde la frontera funge como un aparato taxonómico complejo y bastante flexible (...) Un espacio que atraviesa muchas veces la lógica clasificatoria del Estado-nación, ya que por lo general son mucho más grandes en tanto componen universos trasnacionales propensos a ser territorios globales fragmentados, conectados a los circuitos globales de personas, bienes e información.*” [10]

Como habitantes de esta frontera pudimos apreciar en los últimos meses, que el traslado de estos negocios al predio del “Nuevo Circuito Comercial” ha dado lugar a pequeños avances en la *integración regional*. La misma, en términos estructurales consistirían en una mayor integración económica entre ambos países.

Reyes, [11] señala que una integración regional total implicaría cierto número de ventajas generales. En lo externo, daría lugar a un mayor poder de negociación y una mayor capacidad de atracción de recursos internacionales y de reinversión; mientras que en lo interno, podría tener lugar un mayor aprovechamiento de economías de escala en la producción; mayores ampliaciones en el mercado efectivo como producto de relaciones entre países; y una menor vulnerabilidad económica, especialmente debido a factores externos.

Somos conscientes que una integración total en países que enfrentan constantes crisis como Argentina y Paraguay, no puede llevarse a cabo en su totalidad, y solo podríamos acceder a lo que el autor arriba mencionado identifica como “regionalismos”, en tanto versiones incompletas del proceso de integración llevado adelante con diferentes modalidades de acuerdos comerciales, cuya finalidad es aprovechar las ventajas generales de la integración. Tales acuerdos se identificarían con la unificación de mercados efectivos a fin de ampliar zonas de demanda; con establecimiento de economías de escala; con el aprovechamiento de complementariedades productivas; y con la capacidad de generar un mayor poder de negociación frente a otras naciones.

### 3 RESULTADOS Y ANÁLISIS

La ciudad de Encarnación, históricamente contó con dos polos comerciales. Ambos, se constituyeron por una triple contraposición: urbanística, que distingue barrios céntricos y periféricos; topográfica que alude a las serranías típicas de esta zona y la zona inundable de la ribera del Paraná y, finalmente su connotación social, que distingue las clases medias y altas de, los sectores populares.



Principales polos comerciales de la ciudad de Encarnación [12]

La “Zona Alta”, como la denominan los lugareños, se caracteriza por la infraestructura urbanística, la presencia de amplios locales e importantes negocios de marcas reconocidas, restaurantes, plazas y barrios residenciales. Los precios y la calidad de los productos que allí se comercializan son un poco más elevados que en lo que fue la “Zona Baja” y el ahora “Nuevo Circuito Comercial”. La “Zona Alta” nunca se orientó específicamente al comercio transfronterizo. Su oferta se dirige a un sector social medio-alto y a quienes recorren el lugar con fines recreativos. Principalmente, estos comercios están orientados hacia personas que buscan artículos de mayor calidad y a quienes hacen uso de sus servicios gastronómicos, casinos, discotecas, etc.

Resulta ineludible a los efectos de este trabajo, no establecer una comparación entre el llamado “Nuevo Circuito Comercial” al que fueron relocalizados los comerciantes sin realizar una descripción de la antigua “Zona Baja” ahora inundada.

La Zona Baja, en su infraestructura urbana se caracterizaba por la presencia de una gran cantidad de edificios antiguos, muchos de ellos deteriorados debido a que eran construcciones de larga data. Además, la falta de limpieza era otra de las particularidades del lugar. Este escenario se relacionaba con la falta de inversión en obras públicas y mantenimiento de esa parte de la ciudad debido a las órdenes de no innovar en este sector, existentes desde el año 1974 a causa de las obras de la represa de Yacyretá que inundarían el sitio.

Quienes han recorrido el lugar antes de la inundación suelen recordar que al costado de las veredas solía correr todo el tiempo agua de color negro que emanaba un olor desagradable y provenía de las zonas más altas de la ciudad y por la pendiente del lugar recorría las calles de la Zona Baja para desagotar en el río.

Los comerciantes se apiñaban tanto en los locales, como ocupando con sus puestos todo el espacio de la vereda; provocando que los transeúntes circulen todo el tiempo bajo un toldo que se había vuelto continuo, pues cada mesita tenía el suyo propio para protegerse del sol, el calor y la lluvia, y al estar uno al lado del otro, se armaban pasillos en los que del lado de la calle se encontraban mesas con miles de artículos y del otro, las entradas a todo tipo de comercios sin distinción de rubros.

Si bien desde mediados de los años setenta, los vecinos de la Zona Baja estaban informados acerca de la inundación que se produciría; más de tres décadas después, a principios del año 2011, la cota máxima del río llegó a su nivel final -83 metros sobre el nivel del mar-. A pesar de ello, mientras



las aguas subían la gente continuaba trabajando y residiendo en el lugar, debido a que hacia principios de 2010 apenas 200 locales comerciales de los 1.022 planificados habían sido terminados, adjudicados y ocupados. Las obras de relocalización en el “Nuevo Circuito Comercial” terminaron meses después de 2011. Esta situación provocó una verdadera indignación por parte de la sociedad encarnacena.

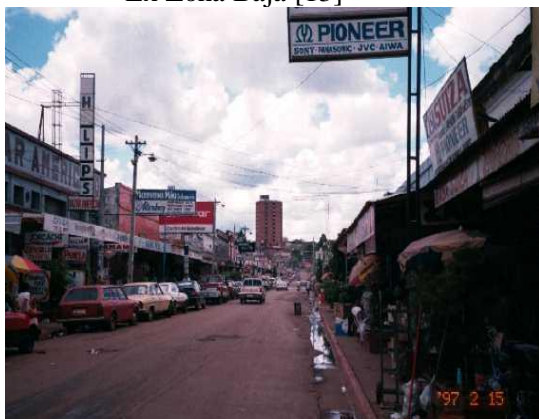
Las principales críticas de estos ciudadanos se referían, al desastre ambiental que la represa provocó en la zona; a la enorme cantidad de tierras perdidas; al trato inhumano que quienes residían en la Zona Baja sufrieron cuando la Entidad Binacional los dejó trabajando en el lugar mientras la cota del río subía sin previo aviso; a la corrupción de los funcionarios de la EBY, y la poca consideración que se le dio a los reclamos populares que pedían que el casco histórico del lugar sea en lo posible salvaguardado.

El “Nuevo Circuito Comercial” construido por la Entidad Binacional Yacyretá, como parte de las obras complementarias del PTY (Plan de Terminación de Yacyretá). Consiste en un predio de unas 26 manzanas, altamente urbanizadas con más de 1200 locales comerciales que cuentan con condiciones edilicias y sanitarias superiores a las existentes en la antigua Zona Baja. Los destinatarios de estas instalaciones eran principalmente los propietarios de locales en el área inundada así como también, quienes eran inquilinos en aquel lugar, aunque finalmente además, fueron adjudicados con locales de dimensiones menores a un gran número de mesiteros<sup>3</sup>.

En este predio se cuenta con baños públicos, las calles están notablemente limpias y los edificios son nuevos y destinados exclusivamente a locales comerciales de distintos tamaños. En otro sector se encuentran las viviendas de los comerciantes relocalizados y un poco más alejado aún, el Mercado Municipal “La Placita” en el que se reubicaron a los comerciantes de productos alimenticios y artesanales regionales.

En el último año, comenzó a transformarse la fisionomía del lugar, pues en los amplios y despejados pasillos y espacios verdes, nuevamente se construyeron galerías y techos en las veredas creados por los propios comerciantes con el fin de proteger de las altas temperaturas y las inclemencias del tiempo a los cada vez más numerosos “nuevos mesiteros” los cuales también son empleados de estos negocios. Estas modificaciones han dado lugar a una similar organización espacial de lo que era la Zona Baja. Además, la vida social, reproduce las pautas preexistentes a este lugar: la gente camina en todas direcciones, y en la puerta de cada negocio hay por lo menos dos personas invitando a comprar reiterando insistentemente las mismas frases “¡Pregunte, señor! ¡Pregunte, señora! ¡Celular, pen drive, black berry, medias, perfumes, alguna ropita!...” cosa que con el correr de los minutos se vuelve un tanto tedioso, pues es notable que la gente circula siquiera sin mira a estas personas.

Ex Zona Baja [13]



Nuevo Circuito Comercial



Los precios en el lugar jamás son fijos, por lo cual la relación entre compradores y vendedores siempre esté mediada por el regateo y la pequeña estafa, aunque en los últimos tiempos este comercio se ha tornado un poco más formal, debido a que por distintas medidas políticas y económicas que ambos países han tomado, el pago con tarjetas de débito y crédito se ha convertido actualmente en una

<sup>3</sup> Voz local que refiere a los vendedores ambulantes de la zona que poseen mesas plegables, las cuales instalan en las veredas y allí exhiben sus productos.



de las estrategias más utilizadas por estos comerciantes para atraer clientes, así como garantizar los productos que ofrecen.

Esta zona está conformada por un mercado laboral étnicamente segmentado dentro del que conviven principalmente árabes, brasileños, chinos y paraguayos. Si bien hay paraguayos trabajando en todos los negocios, existe una cierta división por rubros y etnias aunque no se aplique a la totalidad de los casos, se destacan entre ellas por un lado, los árabes y brasileños, conocidos por tener los negocios más importantes y de venta de todo tipo de artículos electrónicos de tecnología de punta, mientras que los chinos y japoneses son conocidos por sus bazares supermercados y restaurantes.

Algo similar a lo que plantea Ribeiro [14] para la triple frontera ocurre en este polo comercial de Encarnación, los consumidores que aquí se abastecen tienen sentimientos encontrados respecto a los negocios aquí emplazados, pues aunque sepan que la legalidad y calidad de muchos de los productos que se ofrecen es cuestionable, es una de las pocas posibilidades que tienen de acceder a ciertos bienes de marcas reconocidas, a precios más bajos, ya sea por tratarse de copias falsas o porque pueden comprarlos libres de impuestos o simplemente porque el cierre de las importaciones en Argentina no les permite el acceso a ellos de manera legal. Debido a esto, es muy difícil detener la expansión de lo que los actores económicos hegemónicos llaman piratería y contrabando en esta zona.

El nuevo emplazamiento del circuito comercial a escasos cincuenta metros de la cabecera paraguaya del puente internacional hace evidente la orientación comercial de Encarnación a los clientes transfronterizos, que provienen principalmente de Posadas (27%), norte de Corrientes (23%) y zona centro y sur de Misiones (20%); aunque un 20% de los que consumen allí provienen de otros países y provincias.

En efecto, esto ha provocado una diversificación de la oferta y la ha reorientado a un tipo de clientes que buscan tanto hacer compras, como desarrollar actividades de ocio y recreación. En una encuesta recientemente realizada en la cabecera del puente internacional pudimos observar que del total de encuestados, el 76% se dirige a Encarnación con motivos de compra y entre estos, el 72% también va por actividades de recreación y esparcimiento, paseos por la ciudad, consumos gastronómicos y diversión nocturna.

La mayor proporción de productos requeridos en el comercio transfronterizo son los pertenecientes a los rubros de indumentaria un 44%, electrónica un 20% y telas y calzados con el 12% respectivamente.

El Nuevo Circuito Comercial ha contribuido en la visibilización, aceptación y puesta en valor del comercio encarnaceno como un recurso económico que atañe a la región transfronteriza. Paulatinamente esto comienza a incidir en el desarrollo de nuevas estrategias comerciales orientadas al fortalecimiento de la integración regional. Un ejemplo reciente de ello lo tenemos en la organización conjunta del festival de ofertas denominado “Black Friday” en el que las organizaciones sociales y gobiernos municipales de Posadas y Encarnación coordinaron acciones destinadas a elevar los niveles de consumo en la región.

Este evento tuvo lugar los días 3 y 4 de agosto de 2012. Solo para dar una idea del tráfico vecinal fronterizo que se generó gracias a esta estrategia binacional de comercialización podemos afirmar que migraciones registró un total de 52.304 personas que cruzaron el puente internacional durante los dos días que duró el evento.

El evento superó las expectativas de ventas y según diversas fuentes, ambas ciudades triplicaron y hasta quintuplicaron los montos comercializados superando el record histórico de ventas que alcanzaron los 30 millones de dólares en Encarnación y 10 millones de dólares aproximadamente en Argentina.

Debemos tener en cuenta, que en Encarnación se adhirieron al festival de rebajas un 40% más de comercios que en Posadas, y que los montos recaudados fueron mayores debido a que uno de los principales rubros por el que se acudió a Encarnación fue el de artículos electrónicos, los cuales son productos más costosos que en otros rubros.

## **CONSIDERACIONES FINALES**

En este breve artículo pudimos analizar las condiciones que permitieron a estos comerciantes relocalizados convertir en oportunidades lo que inicialmente fue una crisis social y económica sin

precedentes; y maximizar sus ganancias, por medio del aprovechamiento de las nuevas condiciones que les fueron ofrecidas a partir de la inundación del antiguo polo comercial de la Zona Baja.

Partiendo de lo antes expuesto podemos señalar que el comercio transfronterizo entre Posadas y Encarnación ha sufrido cambios importantes a partir de la relocalización de estos comerciantes. En primer lugar señalaremos que la reubicación en un lugar estratégico como lo es la cabecera del Puente Internacional que une ambas ciudades, ha marcado una orientación explícita del comercio encarnaceno hacia los clientes transfronterizos –cuestión que antiguamente era manejada como vergonzante, silenciosa y marginal- esto, sumado a las mejores condiciones edilicias y los nuevos atractivos y entretenimientos de la ciudad, dan cuenta de la existencia y aprovechamiento de las nuevas oportunidades comerciales generadas.

Estas nuevas oportunidades, sumadas a distintas políticas implementadas por ambos países, también han provocado que el comercio paulatinamente se vaya tornando cada vez más formal, pues el regateo y la pequeña estafa que caracterizaban los intercambios en la Zona Baja, han ido perdiendo importancia frente a otras estrategias formales de comercialización, incluida una creciente bancarización de las ventas, producto de distintas políticas económicas a uno y otro lado de la frontera.

En lo que a integración de ambos países refiere, el nuevo escenario obligó a ambas ciudades a organizar estrategias conjuntas, y a pensarse como potencialidades de integrar un nuevo polo binacional transfronterizo de comercialización y servicios, alentados por la creciente clientela transnacional. Nuestros datos primarios dan cuenta de un 24% de las personas encuestadas que cruzan al menos una vez por mes el puente con motivos de compra, sumados a un 33% que traspone la frontera varias veces al año.

Sin embargo, aunque en el imaginario colectivo exista la idea de que el motivo predominante por el cual los argentinos seguimos comprando en Encarnación, tiene que ver con una diferencia de precios; en los últimos dos años hemos podido ver que la devaluación del peso respecto de las otras monedas ya no hace que la brecha existente entre los precios a uno y otro lado de la frontera sea tan importante como antes lo era y a pesar de ello, el número de clientes argentinos en Encarnación sigue aumentando semana a semana.

## REFERÊNCIAS

- [1] RIBEIRO, Gustavo Lins. 2006, p.3.
- [2] DIAS PEÑA; STANCICH. **No más daños en Yacretá**. Blog no a Garabi. 2000. En site: <http://noagarabi.blogspot.com/2011/02/los-que-no-festegan.html>
- [4] Web Site: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=644185&page=25>.
- [5] BALBI, Fernando. Entre el futuro del recurso y el futuro de los hijos. Usos de términos y expresiones ambientalistas entre los pescadores del Delta del Río Paraná. En: **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 26, 2007.
- [6] MENÉNDEZ, Eduardo. El punto de vista del actor: homogeneidad, diferencia e historicidad. En **Revista Relaciones**. Estudios de Historia y Sociedad. Colegio de Michoacán, México, n. 69, jul. 1997.
- [7] FICA CARRASCO, Ramón. **La investigación cualitativa: una forma diferente de hacer ciencia**. 2002. En site: <http://www.fhumyar.unr.edu.ar>.
- [8] GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano**. Paidós, Buenos Aires: 2004.
- [9] JIMENEZ MARCANO, Elvia. **La Construcción de Espacios Sociales Transfronterizos entre Santa Helena de Uairen (Venezuela) y Villa Pacaraima (Brasil)**. Tesis de doctorado en Sociología. Programa conjunto de doctorado sobre América Latina y el Caribe. FLACSO – UnB. Brasilia. Brasil: 1996.
- [10] CAUSARANO, Mabel. Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Paraguay: Regiones metropolitanas fronterizas. Una puesta al día. En Reunión de expertos sobre: Población territorio y desarrollo sostenible. Santiago, 16-17 ago. 2011. En: RIBEIRO, Gustavo Lins. **Poder, redes e ideologías en el campo del desarrollo**. Série Antropología, 393, 2006.
- [11] Reyes, Giovanni E. Comercio y desarrollo. Bases conceptuales y enfoque para América Latina y el Caribe. 2007. En website: <http://www.zonaeconomica.com/comercio-y-desarrollo-bases-conceptuales-y-enfoque>.
- [12] Imagen satelital del portal público Google Earth, las modificaciones son más.

[13] Fotografía de la página [www.fotopaíses.com](http://www.fotopaíses.com) obtenida de website:  
<http://www.fotopaíses.com/foto/Paraguay/Encarnacion/5447.html>

[14] RIBEIRO, Gustavo Lins. **Poder, redes e ideologías en el campo del desarrollo**. Série Antropología 393. 2006.

# **INSTITUTO DA ARBITRAGEM: UM CAMINHO PARA SOLUÇÃO DE CONFLITOS NA ÁREA DO COMERCIO INTERNACIONAL REGIONAL.**

Domingos Benedetti Rodrigues<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre o instituto da arbitragem como um caminho para solução de conflitos na área do comércio internacional de âmbito regional. O texto contém os aspectos gerais da legislação internacional global e regional, bem como da legislação brasileira sobre o assunto. O Judiciário tem se mostrado insuficiente para atender a crescente demanda de conflitos oriundos do comércio exterior, por se tratar de questões complexas em virtude da conexão internacional. São negócios, que envolvem empresas sujeitas a dois ou mais ordenamentos jurídicos de Estados diferentes, fator pelo qual, pode dificultar a solução das possíveis controvérsias através do Poder Judiciário Estatal. Contudo, este fator pode inviabilizar a realização da transação comercial entre as pessoas físicas ou jurídicas de países diferentes. Sendo assim, a utilização da arbitragem como um método de justiça extrajudicial privada, pode se constituir num meio eficaz e célere de solução de controvérsias comerciais entre estrangeiros, sem que haja a intervenção do Judiciário Estatal.

Palavras-chave: Arbitragem – Solução – Conflitos comerciais internacionais.

## **INTRODUÇÃO**

O instituto da arbitragem como um caminho para solução de conflitos oriundos das relações comerciais de conexão internacional regional, se constitui no tema deste estudo. Justifica-se a importância deste trabalho, a fim de conhecê-lo e utilizá-lo na composição de conflitos de origem comercial entre pessoas físicas e jurídicas de países diferentes. O objetivo a ser alcançado, com o trabalho, é conhecer os aspectos fundamentais da legislação internacional e nacional brasileira a respeito do assunto e sua importância na solução de controvérsias oriundas de contratos comerciais de conexão internacional.

A situação problema reside no fato de que, este instituto poderá se constituir num caminho eficaz para solução de controvérsias decorrentes dos contratos comerciais de conexão internacional? Como hipótese provável é de que, a arbitragem conduzida de acordo com os princípios que a fundamentam e na forma da legislação internacional ou interna, se constitui num mecanismo eficaz e rápido, se comparado com a justiça estatal.

O texto referente ao embasamento teórico está dividido em três seções. Na primeira parte o estudo relaciona os aspectos conceituais da arbitragem, a segunda com a regulamentação no âmbito da legislação internacional e a terceira sobre os aspectos gerais da arbitragem na legislação brasileira.

## **1 METODOLOGIA**

A metodologia adotada está inserida num contexto social e econômico de cunho internacional regional, referente à adoção do instituto da arbitragem como mecanismo de solução de conflitos decorrentes das relações comerciais de conexão internacional. Para isso, os estudos sobre este trabalho foram realizados com base na natureza teórica e fundamentar-se-ão nas situações previstas na bibliografia consultada e na legislação de direito internacional e de direito interno do Brasil.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação nas Ciências. Mestre em Direitos Sociais e Políticas Públicas. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais. Graduado em Artes Práticas Habilitação em Técnicas Agrícolas. Professor do Curso de Direito e Serviço Social da Fundação Educacional Machado de Assis de Santa Rosa – RS. Advogado em Questões Ambientais, Agrárias, Urbanísticas e Internacionais. [mingojuslex@yahoo.com.br](mailto:mingojuslex@yahoo.com.br)

Quanto a natureza configurou-se numa pesquisa teórica. Quanto ao alcance dos objetivos, enquadrou-se numa pesquisa descritiva. No tocante à coleta de dados, esta pesquisa é classificada em qualitativa. Os dados foram analisados através do método tradicional dedutivo, utilizando-se também, como métodos de procedimentos auxiliares, o histórico e o comparativo.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

O embasamento teórico que fundamenta este trabalho reside em três seções. A arbitragem e seus aspectos conceituais, a regulamentação da arbitragem no âmbito internacional e a positivação da arbitragem no Brasil, constituindo-se em assuntos a serem trabalhados a seguir.

### 2.1 ARBITRAGEM E SEUS ASPECTOS CONCEITUAIS

O tema a ser desenvolvido aborda o estudo dos fundamentos conceituais do Instituto da Arbitragem a ser utilizada, como forma de solução de conflitos de conexão internacional regional oriundos destas relações comerciais produzidas pelas pessoas, que integram o MERCOSUL e demais países da região.

O Tratado de Assunção assinado em 1991 entre a República Federativa do Brasil, a República Argentina, a República Oriental do Uruguai e a República do Paraguai, tem por objetivo criar um mercado comum entre estas quatro Nações. O referido Tratado define em seu preâmbulo, que esse objetivo deve ser alcançado mediante o aproveitamento mais eficaz dos recursos disponíveis, a preservação do meio ambiente, o melhoramento das interconexões físicas, a coordenação de políticas macroeconômicas e a complementação dos diversos setores da economia, com base nos princípios da autonomia da vontade, da gradualidade, da flexibilidade e do equilíbrio. Agora recentemente, no ano de 2012, a Venezuela integrou de forma oficial este mercado.

Segundo Morais e Spengler (2008, p. 175) isso repercute “na insuficiência e ineficiência do modelo atual de tratamento de controvérsias, o Jurisdicional, que, assoberbado e incapacitado tecnologicamente, não consegue satisfazer os que a ele recorrem”.

No entanto, essas relações em todos os sentidos, mas, especificamente no campo da economia, podem acontecer de forma conflituosa, envolvendo as Nações, ou empresas privadas, quando se tratar de comércio internacional. Por outro lado, as partes contratantes, ao invés de optarem pela via Judicial, para solucionar tais conflitos, podem livremente escolher a arbitragem.

A utilização da arbitragem como solução de conflitos não é um Instituto de direito privado recente. Ao autores ao tratar sobre o assunto, relatam que:

Desde a Antiguidade e daí em diante passou a assumir papel importante no tratamento de conflitos. Encontram-se provas de arbitragem entre os povos gregos, tanto entre particulares como entre cidades-estados, este último podendo ser exemplificado pelo Tratado de Paz traçado entre Esparta e Atenas. Tradicional também entre os romanos, que a empregavam largamente nas relações entre particulares. Todavia a arbitragem romana destacou-se por apresentar grande grau de semelhança com os princípios constantes nas leis-padrão do instituto atual: o árbitro era livre para evitar o formalismo do direito puro e a utilizar mecanismos mais pragmáticos encaminhados a alcançar uma resposta mais satisfatória, cabível era a execução forçada do laudo arbitral. (MORAIS; SPENGLER, 2008, p.168).

Segundo o mesmo autor (2008), no Brasil a arbitragem é utilizada desde os tempos coloniais, pois havia previsão legal nas Ordenações Filipinas no seu livro II, Títulos XVI, LIII e XVII. Com surgimento do Estado Brasileiro, o instituto passou a ser positivado na lei do Código Comercial Brasileiro de 1850 nos seus art. 294 e 348. Esta norma previa a sua utilização obrigatória para as causas entre sócios de sociedades comerciais, durante a existência legal, liquidação da sociedade ou companhia. Posteriormente, em 1916 o Código Civil Brasileiro reduziu o Instituto a mero compromisso e não de forma expressamente obrigatória.

Atualmente a Lei nº 9307 de 1996 regulamentou a arbitragem extrajudicial a ser adotada no Brasil, estabelecendo os critérios e compromissos a serem adotados, para solução de conflitos

internos. Sendo assim, o Instituto fica positivado de forma expressa em nosso ordenamento jurídico, estabelecendo segurança jurídica, tanto para as partes em conflitos, como para o árbitro escolhido. Na mesma linha de pensamento, Garcez afirma que o instituto da arbitragem,

[...] pode ser definida como uma técnica que visa a solucionar questões de interesse de duas ou mais pessoas, físicas ou jurídicas, sobre as quais as mesmas possam dispor livremente em termos de transação e renúncia, por decisão de uma ou mais pessoas – o árbitro ou os árbitros - os quais têm poderes para assim decidir pelas partes por delegação expressa destas resultantes de convenção privada, sem estar investidos dessas funções pelo Estado. A arbitragem decorre da vontade expressa pelas partes na convenção arbitral, que é gênero, da qual são espécies a cláusula compromissória (introduzida nos contratos para submeter qualquer questão contratual futura e este método) e o compromisso arbitral (termo que detalha a arbitragem após surgido o conflito, definindo seus limites, discriminando os dados pessoais dos árbitros escolhidos, o lugar da arbitragem e outros elementos necessários. (GARCEZ, 2004, p. 71).

Na linha da conceituação, Caetano (2002, p. 24) define a arbitragem como sendo uma forma de “resolução de conflitos mediante o procedimento arbitral realizado para e pelos particulares, na conformidade da nossa atual lei, como qualquer estrangeira, passou a ter as propriedades de rapidez, oralidade, eficácia, sigilo, informalidade, economia e precisão”.

Caivano (1992) conceitua arbitragem como sendo,

[...] una jurisdicción privada, instituída por la voluntad de las partes o por decisión del legislador, por la que se desplaza la potestad de juzgar hacia órganos diferentes de los tribunales estatales, a quienes se investe por ello de facultades jurisdiccionales semejantes a las de aquellos en orden a la resolución de un caso concreto. (CAIVANO, 1992 apud, MORAIS; SPENGLER, 2008, p. 176).

Ao invés do Estado interferir na solução dos conflitos através do seu aparelho, permite que as partes elejam um terceiro, que não representa a jurisdição estatal, com a finalidade de conduzir o processo de solução. Sendo assim, a arbitragem se constitui num método extrajudicial de solução de conflitos, fundamentado no diálogo, na negociação e na autonomia.

Seu objetivo é construir uma solução que venha satisfazer aos interesses das pessoas em litígio, através da intervenção de um terceiro escolhido livremente. Sua atribuição de conduzir o processo de negociação e produzir o laudo ou sentença arbitral, pondo fim a controvérsia estabelecida entre ambos.

A autonomia da vontade das partes é um dos princípios do direito internacional privado. Constitui-se num elemento de conexão importante nas relações entre pessoas de Estados autônomos. Rechsteiner (2005, p. 143) ao estudar o assunto afirma que “a autonomia da vontade das partes, no direito internacional privado, significa que as próprias partes podem escolher o direito aplicável. O elemento de conexão aqui é a própria vontade manifestada pelas partes, vinculada a um negócio jurídico de direito privado com conexão internacional”.

Segundo o mesmo autor (2005, p.146), em regra as partes podem escolher o direito a ser aplicado, por ocasião da celebração de um negócio jurídico de conexão internacional, quando o direito internacional privado da *lex fori* (territorialidade) admite o princípio da autonomia da vontade. Este princípio pode ser aplicado, mesmo de forma posterior a celebração do acordo, alterando a escolha do direito aplicado, por um direito que seja resultado da vontade das partes contratantes.

As partes optarem pela autonomia da vontade irão fazê-lo, quando a norma internacional prevê a possibilidade, para que haja segurança jurídica aos negócios privados. A legislação internacional sobre arbitragem permite esta possibilidade, quando se tratar de negócios de conexão internacional. Na mesma linha de raciocínio, a legislação brasileira permite a autonomia da vontade em negócios privados internos. Atualmente a arbitragem está contemplada na ordem jurídica internacional e interna, assunto que será tratado a seguir.

## 2.2 REGULAMENTAÇÃO DA ARBITRAGEM NO ÂMBITO INTERNACIONAL

Após os fundamentos conceituais sobre o instituto da arbitragem, o estudo volta-se a regulamentação da matéria no ordenamento jurídico internacional de âmbito global e regional, como mecanismo de solução de controvérsias oriundas das relações comerciais de conexão internacional.

O primeiro destaque a ser realizado neste estudo, é a Convenção sobre o Reconhecimento e a Execução de Sentenças Arbitrais Estrangeiras celebrada na cidade de Nova York em 10 de junho do ano de 1958, com participação do Brasil. O Legislador Pátrio introduziu este conteúdo em nosso ordenamento jurídico, por intermédio do Decreto 4311 de 23 de julho de 2002, tornando válida tal Convenção em todo o território nacional.

O artigo primeiro desta Convenção estabelece o que são sentenças arbitrais estrangeiras. Mazzuoli (2008, p. 1442) destaca este conceito em verbis. “Entender-se-á por sentença arbitral não só as sentenças proferidas por árbitros nomeados para cada caso, mas também aquelas emitidas por órgãos arbitrais permanentes aos quais as partes submetem”.

O art. II de Convenção define a liberdade das partes contratantes incluírem a cláusula arbitral no texto do contrato, ficando estabelecido a obrigatoriedade de submeterem a arbitragem, quaisquer controvérsias oriundas desta relação contratual. Quando a cláusula arbitral não está expressa no contrato, poderá de comum acordo ser definida pelas partes contratantes, quando surgir conflitos desta relação. A sentença arbitral deverá ser reconhecida, bem como aplicada na sua conformidade em cada território dos Estados envolvidos nesta conexão. (MAZZUOLI, 2008).

O segundo destaque a respeito da positivação da arbitragem no âmbito internacional global é a Convenção Interamericana sobre Arbitragem Comercial Internacional celebrada na cidade do Panamá em 30 de janeiro de 1975. O conteúdo desta Convenção foi internalizado pelo Brasil através do Decreto 1902 de 1996, que trata da regulamentação da arbitragem comercial de cunho privado.

O autor destaca conteúdo dos art. 1º, 2º e 3º da referida Convenção a validade deste instituto, como sendo válido o,

[...] acordo das partes em virtude do qual se obrigam a submeter a decisão arbitral as divergências que possam surgir ou que hajam surgido entre elas com relação a um negócio de natureza mercantil. O respectivo acordo constará do documento assinado pelas partes, ou de troca de cartas, telegramas ou comunicações por telex. A nomeação dos árbitros será feita na forma em que convierem as partes. Sua designação poderá ser delegada a um terceiro, seja esta pessoa física ou jurídica. Na falta de acordo expresso entre as partes, a arbitragem será efetuada de acordo com as normas de procedimento da Comissão Interamericana de Arbitragem Comercial. (MAZZUOLI, 2008, p. 1516).

Esta Convenção regulamenta o procedimento da arbitragem comercial de cunho privado, abrindo a possibilidade aos Estados signatários regulamentarem o assunto através de legislação interna.

O terceiro destaque a ser produzido neste trabalho é a regulamentação da matéria em nível do MERCOSUL. Trata-se do Protocolo de Buenos Aires sobre Jurisdição Internacional em Matéria Contratual de 05 de agosto de 1994. Tal Protocolo foi promulgado no Brasil através do Decreto 2095 de 1996.

É um regulamento que estabelece os critérios para definição da jurisdição como requisito ao reconhecimento e execução de sentenças e laudos arbitrais, quando se tratar de matérias de cunho civil, comercial, trabalhista e administrativa. As sentenças e laudos arbitrais sobre conflitos relacionados a estas matérias, terão seu reconhecimento e execução de acordo o art. 20, alínea c, do protocolo de Lãs Lenas. (MAZZUOLI, 2008).

Neste último destaque referente aos regulamentos internacionais sobre arbitragem, a atenção volta-se ao Acordo sobre Arbitragem Comercial Internacional do MERCOSUL, que foi assinado em 1998. No Brasil ele foi promulgado pelo Decreto 4719 de 04 de junho de 2003.

Este Acordo passa a ser de grande valia, pois estabelece os critérios a serem adotados para a solução de conflitos comerciais internacionais, através da arbitragem. Se constitui num método extrajudicial, podendo ser utilizado por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, de acordo com

as peculiaridades das suas transações comerciais. Sua finalidade é de uniformizar a regulamentação e a utilização deste método, a fim de contribuir na expansão do comércio regional internacional. (MAZZUOLI, 2008).

Como as relações comerciais internacionais possuem peculiaridades próprias devido a sua conexão internacional e cultura comercial própria de cada povo, a regulamentação da arbitragem surge como um método extremamente rápido se comparado com os órgãos estatais. Portanto, se torna imperioso a sua regulamentação no âmbito interno dos países, a fim de que, as peculiaridades locais possam ser previstas no conteúdo da norma.

### 2.3 POSITIVAÇÃO DA ARBITRAGEM NO BRASIL

O Brasil é um Estado que regulamentou o instituto da arbitragem previsto na legislação internacional. A Constituição Brasileira de 1988 em seu art. 4º, VII prevê a solução pacífica de conflitos, constituindo-se num preceito constitucional. (MORAES, 2011). Como a arbitragem apresenta esta característica, o Legislador Brasileiro preocupou-se com a sua regulamentação. Por sua vez, a Lei Federal nº 9.307 de 1996 positivou a matéria, instituindo a arbitragem como método extrajudicial de solução de conflitos de ordem privada no âmbito do território brasileiro.

A norma brasileira sobre a arbitragem permite a autonomia da vontade entre as partes. O artigo 2º estabelece a arbitragem poderá ser de direito ou de equidade a critério das partes. Significa dizer, que o direito a ser aplicado, poderá ser o nacional ou estrangeiro, desde que seja convencionado pelas partes em todo o procedimento arbitral e pela própria sentença arbitral. O parágrafo primeiro define que, as partes poderão escolher livremente as regras de direito que serão aplicadas na arbitragem, desde que não haja violação dos bons costumes e a ordem pública. Já, o parágrafo segundo, permite que a arbitragem se realize com base nos princípios gerais de direito, nos usos e costumes e nas regras internacionais de comércio internacional. (CAETANO, 2002, p. 58 e 59)

A Lei estabelece que, o diálogo deve estar presente desde a definição da cláusula compromissória. O art. 4º parágrafo 1º estabelece que a cláusula compromissória, deve ser estipulada por escrito, podendo estar inserta no próprio contrato ou em documento apartado que a ela se refira.

O art. 5º da mesma norma estabelece que, “reportando-se as partes, na cláusula compromissória as regras de algum órgão arbitral institucional ou entidade especializada, a arbitragem será instituída e processada de acordo com tais regras, podendo, igualmente, as partes estabelecer na própria cláusula, ou em outro documento, a forma convencionada para a instituição da arbitragem”.

O procedimento arbitral, que deve ser definido em convenção pelas partes, segundo o art. 21 parágrafo 3º, pode ser acompanhado por Advogados designados pelas partes, para que as represente durante todo o procedimento arbitral. Seu papel é acompanhar o procedimento, para que transcorra de acordo com a convenção estabelecida entre as mesmas.

Com relação a sentença arbitral, o art. 23 da norma determina que será proferida no prazo convencionado entre as partes. Caso não tenha sido estipulado, o prazo legal será de até seis meses a partir da instituição da arbitragem. A mesma será expressa em documento escrito, estabelecendo a solução da controvérsia, cujo conteúdo deve apresentar os requisitos constantes no art. 26 da Lei. A falta de um destes requisitos pode acarretar a sua ineficácia. O art. 32 define as circunstâncias em que a sentença poderá ser objeto de pedido de nulidade pela parte interessada.

O art. 31 da norma estabelece que, a sentença arbitral produz, entre as partes e seus sucessores, os mesmos efeitos da sentença proferida pelos órgãos do Poder Judiciário e, sendo condenatória, constitui título executivo. Portanto, a decisão tomada pelo árbitro a respeito do litígio, deve ser expressamente executada pelas partes ou seus sucessores.

Morais e Spengler (2008, p. 179) ao analisar os efeitos da sentença arbitral, afirmam que ela “transforma a sentença arbitral em título executivo judicial, tornando-a, portanto, eficaz como sentença declaratória ou constitutiva. Assim como finda a necessidade de dupla homologação da sentença estrangeira, ficando somente com o STF esta incumbência, conquistando o País o respeito mundial nesta área (...)”.

Bermudes (1983, Apud, MORAIS; SPENGLER, 2008, p. 180) ao comentar os efeitos da sentença arbitral, afirma que, “(...) as decisões arbitrais de natureza condenatória, o laudo possui status de título executivo judicial. Já as decisões arbitrais de natureza constitutiva de direitos ou meramente declaratórias surtem seus efeitos a partir da comunicação do seu teor às partes e seus representantes”.



A arbitragem, mesmo sendo um procedimento privado de solução de conflitos de ordem interna, ou de ordem internacional, deve levar em consideração os princípios da justiça processual estatal. São eles; o princípio do contraditório, da ampla defesa, da igualdade de tratamento, da imparcialidade, da independência, da disponibilidade e do livre convencimento. (MORAIS; SPENGLER, 2008. p. 190).

Assim, a sentença arbitral é proferida por juiz privado, sem que seja revestido de jurisdição estatal. Dessa forma, não é igual a sentença judicial, mas produz efeitos como se fosse proferida pelo Órgão Judicial Estatal, desde que atenda às convenções estabelecidas pelas partes, bem como as determinações estabelecidas na norma de direito interno ou de direito internacional.

### 3 RESULTADOS E ANÁLISES

Com o término deste trabalho a respeito do instituto da arbitragem, constatou-se que pode ser largamente utilizado na composição de conflitos oriundos das relações comerciais de ordem interna e de conexão internacional. Se constitui num método de justiça privada, que poderá ser aplicado nos negócios jurídicos entre duas ou mais pessoas físicas, entre pessoas físicas e pessoas jurídicas de direito privado ou entre pessoas jurídicas privadas.

Após a análise doutrinária e da legislação internacional global e do MERCOSUL, bem como a legislação brasileira sobre o assunto, pode-se afirmar que, o instituto da arbitragem centrado nos princípios da autonomia da vontade entre as partes, da boa fé, da gradualidade, da flexibilidade e do equilíbrio, se constitui num mecanismo eficaz a ser adotado para a solução de conflitos de origem comercial internacional.

A legislação internacional global, a regional e a brasileira sobre o assunto, permite a segurança jurídica e eficácia, quando as partes decidem utilizar a arbitragem, e não a justiça estatal, como método de solução dos seus conflitos de origem comercial internacional. Sendo assim, as pessoas físicas e as pessoas jurídicas de direito privado, que realizam transações comerciais de conexão internacional, tanto no âmbito do MERCOSUL, quanto fora deste mercado, podem utilizar este instituto, pois a legislação pertinente lhes proporciona a segurança necessária.

### CONCLUSÃO

A arbitragem é um método extrajudicial de solução de conflitos, que está fundamentada no princípio da dialogicidade, da oralidade, da eficiência, da eficácia, da rapidez nas decisões, da autonomia das partes, do sigilo processual, da boa fé e da boa vontade. Trata-se de um método que vai priorizar o método ganha-ganha e não o ganha-perde.

Para que a sentença arbitral gere eficácia, o árbitro deve primar pelos princípios processuais da justiça estatal, quais sejam: o princípio do contraditório, ampla defesa, igualdade de tratamento, independência, disponibilidade e do livre convencimento.

Trata-se de um método extrajudicial privado, que pode ser plenamente utilizado na solução de conflitos oriundos das relações comerciais de conexão internacional. Proporciona rapidez na composição das lides, fator de grande relevância nas relações comerciais, principalmente naquelas de cunho internacional.

Para que o instituto seja mais utilizado nas relações comerciais internacionais e internas, é necessário que algumas barreiras sejam superadas. Uma delas é a cultura de que, somente o aparelho estatal reúne as condições para solucionar conflitos comerciais. A segunda barreira está relacionada no fato de que, as pessoas que produzem os conflitos podem solucioná-los sem auxílio estatal. Basta apostar na restauração do diálogo rompido, na boa vontade e na autonomia, para juntas construírem uma solução, que trará fim as divergências comerciais. Para isso, a legislação internacional e interna lhes oferece plena condição.

### REFERÊNCIAS

- [1] MORAIS, José Luis Bolzan de; SPENGLER, Fabiana Marion. **Mediação e Arbitragem.** Alternativas à Jurisdição! 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre:, Livraria do advogado Editora, 2008.

- [2] GARCEZ, José Maria Rossani. **Negociação. ADRS. Mediação. Conciliação e Arbitragem.** 2. ed. ver. Rio de Janeiro:, Editora Lumem Júris, 2004.
- [3] RECHSTEINER, Beat Walter. **Direito Internacional Privado.** Teoria e Prática. 8. ed. ver. e atual. São Paulo: Saraiva, 2005.
- [4] MAZZUOLI, Valério de Oliveira (Org.). **Coletânea de Direito Internacional. Constituição Federal.** 6. ed. São Paulo: RT - Revista dos Tribunais, 2008.
- [5] MORAES, Alexandre de (Org.). **Constituição de República Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. 34. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- [6] CAETANO, Luiz Antunes. **Arbitragem e Mediação.** Rudimentos Apêndice: “Do Juízo Arbitral”, de Gustavo Cintra Paashaus. São Paulo: Atlas , 2002.

# REIMPLEMENTACIÓN DEL GRAVAMEN A LA EXPORTACION DE SOJA

Claudia Carolina Falcón Santander<sup>1</sup>  
Mariela Noemí Miranda Alegre<sup>2</sup>

## RESUMEN

Los mayores productores de soja en Paraguay son extranjeros, por ello los dividendos obtenidos por la exportación no se invierten en el país, que el 2011, se ubicó en el cuarto lugar a nivel mundial con un récord de 5.138.364 toneladas y el Departamento de Itapúa, en el tercer lugar a nivel país. Esta investigación exploratoria-descriptiva buscó obtener la percepción de profesionales contables y ciudadanos comunes sobre la propuesta de implementación de un gravamen a la exportación de la soja. Los entrevistados coincidieron en que la aplicación sería justa siempre que esté reglamentada para que sus efectos no caigan en el pequeño productor; los ciudadanos encuestados desconocen esta realidad, pero afirman que podría ser beneficiosa. Los resultados de las encuestas y entrevistas coinciden con lo planteado por dos legisladores paraguayos quienes han planteado la propuesta ante el Congreso de un 6% y un 12%, respectivamente. Por lo tanto, se plantea la re-implementación del gravamen del 10% a la exportación de la soja, como una propuesta intermedia y justa. Con la aprobación de este impuesto, el Estado podría invertir en las áreas de educación y salud, beneficiar a los pequeños agricultores con apoyo técnico y concretar la reforma agraria.

Palabras Claves: gravamen – exportación - soja.

## INTRODUCCIÓN

La productividad agrícola en el Paraguay aumentó en los últimos años debida principalmente a dos factores, el aumento de las hectáreas cultivadas y el aumento de los rendimientos unitarios de los cultivos; por ende, las exportaciones fueron incrementándose año tras año. Itapúa es el Séptimo Departamento del Paraguay, también conocido como “El granero del país”. Su capital es la ciudad de Encarnación. La población de este departamento es mayoritariamente rural. Los agricultores de Itapúa se dedican primordialmente al cultivo de soja duplicando hoy la producción de este rubro respecto a diez años atrás.

Frente a esta situación, se plantea una investigación exploratoria-descriptiva con el objetivo de demostrar la aplicabilidad de la re-implementación de gravar la exportación de soja con un gravamen al 10% y explicar los beneficios que producirán dicho impuesto; reconocer las ventajas y desventajas que generaría su aplicación e interpretar la opinión de los contadores en referencia a esta propuesta.

Es sabido que los pequeños agricultores tienen sus necesidades para cultivar la soja; una inversión les motivaría seguir cultivando y permitiría proteger la integridad de los recursos naturales, ser rentable para el productor y socialmente aceptable para contribuir al crecimiento económico y el bienestar social.

Por otra parte la soja se exporta en estado natural, sin valor agregado alguno. Si la soja no puede ser procesada en territorio paraguayo, lo justo es que aporte en tributos para compensar las oportunidades que el sistema económico nacional pierde, al no recibir ninguna compensación por la venta de la materia prima en otros países.

---

<sup>1</sup> Licenciada en Ciencias Contables por La Facultad de Ciencias Empresariales de La Universidad Autónoma de Encarnación, Paraguay. claudi041187@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciada en Ciencias Contables por La Facultad de Ciencias Empresariales de La Universidad Autónoma de Encarnación, Paraguay. marimiranda-200@hotmail.com

## 1 ANTECEDENTES

Según la Guía del Contribuyente, editada por la Secretaría de Tributación del Ministerio de Hacienda (2008), Impuesto “es el aporte que tiene que pagar la persona o las empresas por actividades que realizan o por los bienes que poseen, y que está establecido por Ley”. Con los impuestos se pagan los gastos públicos; por ejemplo, los salarios del funcionario público; se sostienen los gastos públicos de salud, educación, construcción de caminos. Estos gastos públicos son en realidad inversiones, porque gracias a ellos, podemos tener un Ministerio de Salud que ofrece vacunación gratuita, hospitales o centros de salud, que atienden a personas de escasos recursos; o policías que velan por la seguridad ciudadana.

La Subsecretaría de Tributación tiene a su cargo la aplicación y administración de las disposiciones legales referentes a tributos fiscales, su percepción y fiscalización. El Régimen está contenido en la Ley N° 125/91 y en la Ley N° 2421/04 de “Reordenamiento Administrativo y de Adecuación Fiscal”. Los reglamentos se dan por decretos y resoluciones.

La Ley tributaria establece que toda persona que se dedica a las ventas de bienes o prestación de servicios deben: inscribirse en el Registro Único del Contribuyente; expedir comprobantes de ventas por todas las transacciones que realicen; respaldar sus adquisiciones de bienes y servicios con comprobantes de ventas; respaldar con nota de remisión el traslado de bienes dentro del territorio nacional.

Los Impuestos que rigen en el país y que administra la Subsecretaría de Estado de Tributación son, en primer lugar, los Impuestos a los ingresos que comprenden: Impuesto a la Renta de Actividades Comerciales Industriales y de Servicios (IRACIS); Impuesto a la Renta de Actividades Agropecuaria (IMAGRO); Impuesto a la Renta del Pequeño Contribuyente (IRPC); Impuesto a la Renta del Servicios de Carácter Personal (IRP).

Otros son los Impuestos al consumo que comprenden: Impuesto al Valor Agregado (IVA); Impuesto Selectivo al Consumo (ISC).

El Impuesto al Valor Agregado, más conocido por sus siglas IVA, grava los siguientes actos: la enajenación de bienes; la prestación de servicios, excluidos los de carácter personal que se presten en relación de dependencia, y la importación de bienes.

El Poder Ejecutivo tiene la facultad de fijar procedimientos para la determinación de la base imponible de aquellos servicios que se presten parcialmente dentro del territorio nacional y que por sus características no sea posible establecerla con precisión.

Las exportaciones están exoneradas del tributo. Estas comprenden los bienes y los servicios de fletes internacionales para el transporte de los mismos al exterior del país. A estos efectos se debe conservar la copia de la documentación correspondiente debidamente contabilizada. La administración establecerá las condiciones y formalidades que deberá reunir la mencionada documentación, sin perjuicio de exigir otros instrumentos que demuestren el arribo de las mercaderías al destino previsto en el extranjero.

La Administración Tributaria devolverá el crédito fiscal correspondiente a los bienes o servicios que están afectados directa e indirectamente a las operaciones que realicen. Este crédito será imputado en primer término contra el débito fiscal, para el caso que el exportador también realice operaciones gravadas en el mercado interno y consignas en la declaración jurada y de existir excedente el mismo será destinado al pago de otros tributos fiscales vencidos o a vencer dentro del ejercicio fiscal a petición de parte y las retenciones, conforme lo establezca la reglamentación.

El saldo será devuelto en un plazo que no podrá exceder los sesenta (60) días corridos a partir de la presentaciones de la solicitud, condicionado a que la misma esté acompañada de los comprobantes que justifiquen dicho crédito. La declaración jurada y la certificación de auditor independiente. El requerimiento de la certificación de auditor independiente lo establecerá la Administración Tributaria en función a informaciones tales como el volumen de exportaciones tipo de actividad, entre otros.

La falsa declaración del contribuyente y de su auditor será tipificada como defraudación fiscal y delito de evasión fiscal. Los exportadores podrán solicitar la devolución acelerada del crédito presentando una garantía bancaria, financiera o póliza de seguros conforme al texto redactado por la Administración Tributaria con el asesoramiento del Banco Central del Paraguay. En

este sistema, el plazo para la devolución será de quince (15) días. El plazo de la garantía será por ciento veinte (120) días corridos contados desde la fecha de la solicitud.

En el caso de que la administración Tributaria no diere cumplimiento a la devolución del crédito dentro de los plazos establecidos, el contribuyente podrá obtener la compensación automática con otro importe que el mismo pudiere tener en carácter de agente de retención o que deba pagar como impuesto a la renta y/o anticipos. Las solicitudes de devolución serán tramitadas y resueltas en el mismo orden en que fueron presentadas. Para tales efectos se enumeraran correlativamente y por listado independiente las solicitudes sin garantía bancaria y aquellas con garantía bancaria. No podrá concederse el crédito a un solicitante posterior si un pedido anterior no se encontrase resuelto, excluyéndose del mismo las solicitudes custodiadas por la Administración.

La exportación requiere una baja inversión y permite a los administradores tener un control operativo mayor, sin embargo, exportar también significa perder control sobre el marketing de la empresa. Conforme una empresa crece, la oportunidad de exportar es cada vez mayor. Y aunque, por ahora las empresas más grandes son las principales exportadoras, las empresas pequeñas también están desarrollando estrategias de exportación para entrar en el mercado de otros países. Los ingresos totales de una empresa no se correlacionan directamente con el tamaño de la empresa, esto quiere decir que la intensidad de exportaciones se determinará en base a la relación ingresos-exportaciones.

En el Art. 249° del Código Aduanero establece el concepto de tributo aduanero, como “El monto de los gravámenes establecidos con motivo de la entrada y salida de mercaderías del territorio aduanero y comprende los impuestos, las tasa, sus accesorios, las sanciones pecuniarias y los demás gravámenes de carácter fiscal, monetario, cambiario o de cualquier otra naturaleza”. En base a este concepto, tenemos que están incluidos todos los gravámenes posibles a la mercaderías tanto de importación como las de la exportación, así como las multas, recargos adicionales, tasas, y cualquier otro gravamen de carácter adicional administrados por la Dirección Nacional de Aduanas.

En el año 2004, por Decreto N° 1837/2004, firmado por el entonces presidente de la República del Paraguay, Dr. Nicanor Duarte Frutos, se fija la tasa en concepto de impuesto a los actos y documentos previsto en el numeral 34) Del Art. 128° de la ley N° 125/91, que establece el nuevo régimen tributario a la exportación de soja y se establece un Anticipo en concepto del Impuesto a la Renta, debido a circunstancias actuales imperantes en el Paraguay, aunque la producción nacional de soja se caracteriza por una participación relevante en la formación del producto interno bruto el aporte tributario derivado.

Se trata de una medida especial y temporal a la exportación de productos derivados de la soja, la cual se propone sea aplicada en dólares de los Estados Unidos de América por tonelada o tonelada métrica, metros cúbicos (m3), Kg. o Litros exportados de acuerdo al detalle y conforme a los ítems de la Nomenclatura Común del MERCOSUR (NCM).

Por la misma legislación, se autoriza a la Dirección General de Aduana, dependiente de la Subsecretaría de Estado de Tributación del Ministerio de Hacienda a percibir lo establecido en el artículo en forma previa a la oficialización del Despacho de exportación respectivos y depositar el monto recaudado en la cuenta N° 430, Asimismo, la Dirección General de Aduanas deberá emitir el “comprobante de pago” correspondiente. La medida, según este Decreto, tendría vigencia hasta el 15 de febrero de 2005 y fue refrendada por los Ministros de Hacienda, de Agricultura y Ganadería, y de Industrias y Comercio.

La aplicación de un impuesto a la exportación de soja, propuesta por el gobierno en el 2004 ha generado un amplio debate en la sociedad paraguaya. El economista Gonzalo Deiró analizó este tema y el poder que en la economía y la política paraguaya mantiene el sector sojero. La idea de gravar a los exportadores de la oleaginosa con 15% por ciento por cada tonelada vendida en el mercado internacional, en base a los precios afectados en la bolsa de Chicago incorporó el debate acerca de este impuesto se enmarca en otro más general entre aquellos que alientan la producción agrícola empresarial y agroexportadora y quienes propugnan el desarrollo de una agricultura sostenible que reduzca al mínimo el impacto ambiental.

Entre los primeros están alineados los sojeros, quienes, como es de esperar, se niegan a aportar un impuesto en base a cantidad ofertada, más aun si se tiene en cuenta que exportan alrededor de 7 millones de toneladas anuales aproximadamente, lo que representaría para ello un gran egreso de recursos que irían a parar al fisco.

La aplicación de este impuesto supone un mecanismo de compensación por los muchos beneficios y privilegios de que gozan los productores sojeros en detrimento en otros sectores que no tienen acceso a las mismas prerrogativas. Los sojeros tienen que tributar por la exportación de la oleaginosa, una producción que esta accionando graves daños al medio ambiente y a la sociedad toda. En Paraguay se cree falsamente, porque así lo han sostenido tanto los gobiernos como los propios sojeros, que la soja es una de las actividades más dinámicas de la economía nacional, al inyectar ingentes cantidades de divisas. La mayor parte del dinero obtenido con la venta de la soja es derivada a Brasil, donde los productores denominados “brasiguayos” invierten sus ganancias. El gobierno paraguayo, a su vez, cobra irrisorios impuestos al sector sojero. De 1,3 por ciento anual sobre un precio preestablecido del producto que no es precisamente el que se cotiza en los mercados internacionales.

La cuestión no es estar en contra de los sojeros, sino buscar un criterio de equidad, y justicia tributaria. Además, la soja es una actividad muy degradante. Tienen que pagar por lo que destruyen por el uso de la tierra, la deforestación de los bosques y la degradación del medio ambiente a causa del uso irracional de agroquímicos.

Por otra parte la soja se exporta en estado natural, sin valor agregado alguno. Si la soja no puede ser procesada en territorio paraguayo, lo justo es que aporte en tributos para compensar las oportunidades que el sistema económico nacional pierde al no recibir ninguna compensación por la venta de la materia prima en otros países.

Si los productores llegaran a tributar en base a sus exportaciones anuales, ya no debería ser aplicado el sistema de gravámenes, que se estipula en base a un monto consensuado entre los sojeros y el gobierno, para adecuarse al precio de New York.

Cuando se planteó la Ley de Adecuación Fiscal, el gobierno propuso a los productores aportar el 4 por ciento en impuestos, en un momento en que el precio de la soja en el mercado internacional no supera los 80 dólares por tonelada, pero ellos se negaron terminantemente. El poder político y económico que ostentan los sojeros les permite determinar este tipo de cosas, y poco creíble que llegue a pagar ningún tipo de tributo porque siguen utilizando ese poder, ya que cuentan con que también tiene mucha influencia en los sectores políticos.

El 17 de diciembre del 2009, el Senador Sixto Pereira del partido Tekojoja, siendo Vicepresidente Segundo del Senado, presentó ante el Congreso Nacional el Proyecto de la Ley que “grava la exportación de materia prima oleaginosa”. El proyecto pretende gravar específicamente la exportación de soja trigo y girasol, considerando que no existe una normativa tributaria vigente (Ley 2421/04 y 125/91) un impuesto que grave la exportación de materia prima oleaginosa en los rubros mencionados, y teniendo en cuenta la necesidad de fomentar la industrialización de la materia prima de origen nacional.

De esta manera, dos proyectos de carga tributaria a la exportación de soja aguardan tratamiento en el senado. Uno, presentado por el Senador izquierdista Sixto Pereira, que establece un 12% y otro del liberal Ramón Gómez Verlangieri, con 6% de gravamen.

Los sojeros alegan que este proyecto de ley si es promulgado desalentaría la producción. Ellos pueden seguir produciendo, pero contribuyendo con el mantenimiento del Estado, con el desarrollo del país. Brasil, por el solo hecho de que por sus rutas transite la soja paraguaya cobra un 9,25% de impuesto. Ellos deben contribuir y es natural que se contribuya por la igualdad ante la ley. La soja debe generar recursos para el país y no ser un motivo de confrontación. Todos los habitantes del Paraguay están obligados a contribuir al sostenimiento del Estado. El proyecto de Ley de gravar la exportación de granos especialmente, la soja, despierta la polémica de productores y exportadores, por un lado, y el Ejecutivo, por otro. En el Paraguay la presión tributaria es baja mientras las necesidades del Estado van en aumento. La soja es motivo de una confrontación cuando debiera ser fuente de recursos para el beneficio general.

El exministro de Hacienda Dionisio Borda, sostenía que “es justo que el sector que hoy tiene un enorme nivel de ganancia contribuya más con el Estado”. A su vez, el presidente de la Coordinadora Agrícola del Paraguay (CAP), Héctor Cristaldo afirmaba que “el fin del impuesto a la soja está dentro del proceso de confrontación”.

No se puede negar que el sector sojero prime por lo general una codicia a veces desmedidas y en el mismo hoy se piensa en las grandes ganancias por la exportación de los granos a un mercado cada vez más voraz. Los sojeros aducen que con lo que aportan al fisco, a través de otras acciones

que no son la de exportación de su materia prima en bruto, ya es suficiente. Pero ¿es realmente suficiente? ¿No podrían aportar algo más, aprovechando la bonanza, para que el Estado a su vez ensanche su campo de gestión?

Si se discute solo en el plano mediático, es difícil que se acuerde algo provechoso para todos. Y, en este sentido el Ejecutivo debe dar señales claras de que un nuevo impuesto de esta índole brindara recursos que serán útiles en hechos cuantificables. Cada sector tiene su propia perspectiva, pero la intransigencia de las posturas hace que se pierda la perspectiva país, que es lo que vale. Y en este punto, será importante que el fisco adquiera más recursos y sería bueno que la soja contribuya.

La exportación de soja fue evolucionando año tras año según datos estadísticos de la Cámara Paraguaya de Exportadores de Cereales y Oleaginosas (CAPECO). En el año 1989, la exportación total fue de 945.375 toneladas de las cuales 806.375 toneladas fue realizada por vía terrestre y 139.000 toneladas por vía ferroviaria. A partir del año 1990 se empezó a exportar por vía fluvial.

Diez años después, la mayor cantidad de soja exportada se refleja por vía fluvial en 1.113.850 toneladas de soja seguida por la terrestre en 784.482 toneladas, y disminuye la exportación vía ferroviaria de tan solo 111.220 toneladas.

Con esto se llegó a una exportación total de 2.025.552 Ton; comparado con años anteriores se refleja un mayor aumento, en el año 2011 marco un record de 5.138.364 toneladas de soja exportada tan solo por dos vías, terrestre y fluvial. Significa que se exporta en cantidades al exterior del país, que se podría tener ese punto de vista para tener buenos ingresos en las arcas del estado, tal vez se debería analizar la manera de que se pueda gravar la exportación de soja.

Las principales vías de exportación registradas históricamente por la CAPECO son la fluvial, que transporta el grano hasta los puertos ultramar en Argentina y Uruguay; el ferroviario y terrestre. Desde 1997 toma especial preponderancia la vía fluvial; que transporta soja por los ríos Paraná y Paraguay hasta destino final.

La producción de soja paraguaya para la zafra agrícola 2010/2011 se distribuyó en: exportación, totalizando en el 2011, 5.138.364 ton.; industria, que absorbió 1.570.000 ton.; y otro tanto, 420.000 ton. fue destinado a semillas.

El área de siembra en el año 2011 fue de 2.870.539 has. Sin embargo, alcanzó una producción total de 7.128.364 ton., con un rendimiento de 2.483 kg/ha.

Itapúa es el VII departamento del Paraguay, también conocido como “El granero del país”. Su capital es la ciudad de Encarnación. La población de este departamento es mayoritariamente rural. Los agricultores de Itapúa se dedican primordialmente al cultivo de soja duplicando hoy la producción de este rubro respecto a diez años atrás y por ende también las exportaciones.

## 2 MATERIALES Y MÉTODOS

El objetivo general de la investigación fue demostrar la aplicabilidad de la re-implementación de gravar la exportación de soja con un gravamen al 10% y los objetivos específicos: explicar los beneficios que producirán dicho impuesto; reconocer las ventajas y desventajas que generaría su aplicación e interpretar la opinión de los contadores en referencia a esta propuesta.

El nivel y el tipo de investigación fue descriptiva transversal no experimental porque las informaciones recopiladas debieron ser analizadas y detalladas en un solo momento. Además, se recurrió al enfoque mixto con prevalencia del cualitativo porque se realizó una vinculación de información cualitativa con informaciones cuantitativas. Para la recolección de datos se elaboró un instrumento que se adecuó específicamente a los objetivos de la investigación, una entrevista con 10 preguntas abiertas a 10 profesionales contables y al Director de la oficina de la Secretaría de Tributación en Encarnación. Asimismo, se realizó encuestas a 60 contribuyentes de la ciudad de Encarnación en el año 2012. Las variables estudiadas fueron el conocimiento y la opinión en materia tributaria de los contadores y de los ciudadanos de Encarnación, sobre la propuesta de la re-implementación de un impuesto a la exportación de soja.

### 3 RESULTADOS Y DISCUSIÓN

De las entrevistas realizadas sobre la opinión que tienen los profesionales contables sobre la aplicación de un gravamen del 10% a la exportación de soja, mayoritariamente opinaron que si fueran solamente los exportadores los afectados por este impuesto y que esté bien definido el destino de lo recaudado, podría ser beneficioso. Pero, como es sabido, todo impuesto recae sobre el consumidor final, trasladarán el peso a los productores, estos se verán más afectados, no podrán soportar el gravamen y esto aumentaría el costo de los derivados de la soja.

Sobre la factibilidad de su aplicación, desde el punto de vista profesional sí sería factible si solo afectara a los exportadores y no a los pequeños contribuyentes. Porque son una masa pequeña de agroexportadores que se benefician y no aportan en forma directa por la soja en estado natural ya que es exonerada de tributo.

Las tasas de impuestos son iguales para todos los sectores, faltaría implementar la renta personal para ser más equitativo.

Siendo nuestro país el cuarto exportador mundial de soja, es tiempo de que paguen, pero que eso sea destinado por ejemplo al sector agrícola, los pequeños agricultores que son los más olvidados, que los impuestos sean bien administrados y redunde en beneficios para el país, nuestras rutas están destrozadas por los pasos de camiones pesados si no existe honestidad en la administración no habrá impuestos que alcance.

Los contadores ven un tanto difícil su aplicación inmediata, “todos debemos tomar conciencia tributaria se podría comenzar pagando el IMAGRO sobre valores reales, aunque las empresas exportadoras de soja no aceptarían tranquilamente una imposición como esta”. Se tendría que hacer un buen estudio donde todos salgan beneficiados y que paguen los exportadores antes de efectivizar esta propuesta.

Los cuestionarios aplicados a 60 ciudadanos sobre sus conocimientos sobre la producción agrícola y la posibilidad de implementación de un impuesto a la exportación de soja, dieron como resultado que el 75% de los encuestados tiene conocimiento acerca de que la soja es la oleaginosa con mayor producción en nuestro país, el 52% tiene una idea de la cantidad que se produce en nuestro departamento y de que la mayor parte es exportada al exterior del país.

Por otro lado, el 63% de los encuestados no tiene conocimiento de que el Paraguay es el cuarto exportador mundial de soja, el 37% se informan a través de los medios de comunicación; un 83% desconoce que en el año 2004, por el decreto N° 1836/04 la exportación de soja fue gravada con un impuesto del 4%; el 62% desconoce que actualmente la exportación de soja no está gravada con ningún impuesto; similar porcentaje considera factible la posibilidad de aplicar un impuesto a la exportación de soja y que siendo Itapúa uno de los mayores productores de soja a nivel país, la re-implementación del gravamen es positiva.

En años anteriores se publicaron datos muy específicos con referencia a la exportación de soja, la productividad de nuestra tierra y el promedio de tributación a nivel MERCOSUR que es del 35%.

Según Gerónimo Bellasai, Viceministro de Tributación en el 2010, el aporte total del sector de la agricultura y agroindustria alimentaria es de 2.5 % de la recaudación y no el 30% como indican Informes Técnicos de la Unión de Gremios de la Producción (UGP). Esto fundamenta la propuesta de la re-implementación del gravamen del 10% de la exportación de soja. Dados los hechos, no son castigados con un excesivo cobro de Impuestos y esto produce una incoherencia entre producción y aportes a la economía del Estado. Teniendo en cuenta, la utilización de toda la infraestructura nacional (caminos, policías etc.), la implementación de esta Ley tributaria traería consigo un aumento en los ingresos de dividendos para una equitativa distribución a favor de las entidades del País.

La propuesta de implementación del 10% tiene relación con la propuesta por el senador Sixto Pereira, de un 12% y Ramón Gómez, del 6%. Dichos proyectos están en el Senado esperando ser estudiados, por lo que un 10% se considera suficiente para favorecer a las áreas de salud y educación; y concretarían la reforma agraria y mejoras en las vías de comunicación.

Algunos puntos a favor de la implementación serían el daño al medio ambiente que producen los cultivos extensivos, a pesar de que los sojeros quieren canjear el pago del impuesto del



15% pero que no se le restrinja el uso de productos tóxicos. Héctor Cristaldo, de la CAP, menciona que “una industria con capacidad de molienda de 1.000.000 toneladas al año (20 % más que toda la cosecha) emplea solamente 50 personas en todo el proceso”, con lo que se demuestra que el impuesto a la exportación no tendría impacto en la mano de obra por lo que sería viable el gravado de 10%. “La soja ocupa el primer lugar en exportación y siendo así debería dejar grandes tributos al país”, según un economista Inglés Andrew Niks. Paraguay es el cuarto exportador mundial de soja, sexto productor mundial, y el Departamento de Itapúa ocupa el tercer lugar a nivel país, según la Secretaría de Tributación. En nuestro departamento, lo recaudado en concepto de este gravamen se podría utilizar en Educación y Salud gratuita, ya que existen muchas necesidades en esa área.

Sin embargo, opiniones de los entrevistados y encuestados se manifiestan en contra de la implementación. Entre ellos figuran algunas como: “el gravar la exportación sería el peor de los errores y conspiraría directamente contra el interés Nacional; el Paraguay de por sí tiene costos adicionales para su mediterraneidad y su deficiente infraestructura, sería ilógico que nosotros mismos nos agregáramos desventajas frente a nuestros competidores en el mercado internacional. Afectaría a los consumidores finales ya que en nuestro país no se procesa y generaría un aumento en los precios de los productos extranjeros utilizados en nuestro país; la única preocupación y con justicia, es que cuando tributen el impuesto se legitime de alguna forma un modelo que se sabe afecta la salud de las comunidades campesinas e indígenas, degrada la tierra y contamina las aguas. Los impuestos a la exportación son nocivos, pues a diferencia del impuesto a la renta que se aplica sobre la ganancia, los de exportación se aplica sobre el valor bruto y de la producción independientemente de la ganancia o la pérdida del productor y/o el comercializador lo justo y económicamente recomendable es cobrarle si ganan, no así si pierden. Limitarnos a las ganancias que ingresan en sus ingresos.”

## CONCLUSIÓN

Re-implementar un gravamen a la exportación de soja sería factible, teniendo en cuenta que nuestro país es uno de los mayores exportadores a nivel mundial en cantidades de toneladas, y ello generaría un beneficio favorable ya que se invertiría en Educación, Salud, Reforma Agraria y mejoras en las vías de comunicaciones. Como toda propuesta tendría supro y contra, pero es importante tener una mirada positiva, porque ya es tiempo de que se tribute equitativamente en Paraguay. Si bien, muchos son los que creen que es innecesaria la creación de un impuesto a la exportación de soja, se debería sensibilizar a los ciudadanos de la relevancia social que es generada a partir de las aportaciones que se hacen en el país cuando existe un retorno de los impuestos que se refleja en el mejoramiento de las entidades públicas.

La producción y la comercialización de soja y granos, como cualquier otra actividad económica, tiene que pagar todos los impuestos existentes e incluso más, ya que sería legítimo pedirle un esfuerzo adicional a un sector al que, afortunadamente, le está yendo muy bien. Con estas medidas, el fisco se vería ampliamente recompensado y la sociedad resarcida sin que a la par se genere incentivos regresivos que atenten contra la producción, la inversión y la competitividad del país.

En el Paraguay la presión tributaria es baja mientras las necesidades públicas van en aumento. Esta investigación demuestra que es muy importante que se pueda gravar la exportación de la soja, ya que los grandes exportadores de nuestro país, también son contribuyentes y tienen la misma obligación de tributar un gravamen.

El mecanismo que se plantea como resultado de esta investigación es que se apruebe la ley y que el Banco Central, al cobrar por la exportación realizada, descuenta el 10% y deposite en la cuenta corriente del Ministerio de Hacienda. Esta cartera, en el mes de marzo de cada año debería dividir el ingreso por la cantidad de habitantes del país y sacar el beneficio promedio por habitante.

Además, existen muchas personas que necesitan en verdad la ayuda del Estado, y si este no tiene ningún ingreso relevante, no podrá aumentar la distribución en los ministerios públicos. Se debe pensar en un aumento de capital suficiente y equitativo para el país. Como ciudadanos, tenemos la obligación de ser parte del cambio para el país con nuestra forma de pensar y actuar, marcando la diferencia.

## REFERÊNCIAS

- [1] AYALA, M. **Manual Práctico Tributario del Contribuyente**. Asunción: Vazpi, 2007.
- [2] GODOY, G. **Diccionario Contable y Comercial**. Asunción: Valleta. 1996.
- [3] CAPECO.. **Estadísticas de la Evolución de Exportación**. Recuperado el 10 de Enero de 2012, de <<http://www.capeco.org.py/>>.
- [4] MIRANDA de Alvarenga, E. Metodología de la investigación Cuantitativa y Cualitativa. Em: **Metodología de la Investigación**. Asunción: p. 61-77.
- [5] PLANO DE EGEA, J. M., AYALA M., A y PORTILLO, G. A. **Manual del Comerciante**. 1. ed. 1999, p.14.
- [6] RUOTI C., N. **Lecciones para Cátedra de Derecho Tributario**. 2. ed. Asunción: 2009, p. 637-664.
- [7] RUOTI C., N. **Ley 2421/04 De Reordenamiento Administrativo y de Adecuación Fiscal**. Asunción. 5. ed. 2009, p. 58-67.
- [9] SUBSECRETARIA DE ESTADO DE TRIBUTACIÓN. Impuesto al Valor Agregado. En Secretaría de Tributación, **Ley N° 125/91 Nuevo Regimen Tributario, Ley N°2421/04 De Reordenamiento Administrativo y Adecuacion Fiscal**. Asunción: Subsecretaría de Estado de Tributación, 2010, p. 38.
- [10] LARROUSSE. **Diccionario Manual de Sinónimos y Antónimos de la Lengua Española**. Vox Larousse Editorial, S.R.L. 2007.
- [11] ÚLTIMA HORA. **Paraguay Pretende Triplicar sus Exportaciones de Soja**. En:<http://www.ultimahora.com/notas/505723-Paraguay-pretende-triplicar-sus-exportaciones-de-aceite-de-soja>.



## REDE INTERUNIVERSITÁRIA CIDIR Conhecimento orientado ao Comércio Internacional, ao Desenvolvimento e à Integração Regional.



Os aportes teóricos do V Simpósio Iberoamericano, promovido pela Red CIDIR, têm o objetivo de expor e de difundir o conhecimento e as experiências acadêmicas em áreas e em atividades científicas relacionadas ao comércio, estimulando a consciência acerca do desenvolvimento e da integração nacional e internacional, ao criar laços mais fortes entre as Instituições de Ensino Superior, os governos e as empresas do entorno regional.



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-63621-03-0



9 788563 621030



Universidad  
Católica  
"Nuestra Señora de la Asunción"



FUNDAÇÃO PRÓ-CONSTRUÇÃO DA PONTE  
INTERNACIONAL ALBA FOSSE - PORTO MAUÁ

